

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA

DÉBORA RAQUEL MASSMANN ELEODORO

**LÍNGUAS-CULTURAS E RETÓRICA:  
ANÁLISE COMPARADA DE PRODUÇÕES DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVAS  
EM LÍNGUA FRANCESA E LÍNGUA PORTUGUESA NA ESFERA ESCOLAR**

São Paulo  
2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DÉBORA RAQUEL MASSMANN ELEODORO

**LÍNGUAS-CULTURAS E RETÓRICA:  
ANÁLISE COMPARADA DE PRODUÇÕES DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVAS  
EM LÍNGUA FRANCESA E LÍNGUA PORTUGUESA NA ESFERA ESCOLAR**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de  
São Paulo para obtenção do título de Doutor  
em Letras.

Área de concentração: Língua e Literatura  
Francesa

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Véronique M. B. Dahlet

São Paulo  
2009

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo  
PCD

---

Eleodoro, Débora Raquel Massmann

Línguas-culturas e retórica: análise comparada de produções dissertativo-argumentativas em língua francesa e língua portuguesa na esfera escolar / Débora Raquel Massmann Eleodoro ; orientadora Véronique Marie Braun Dahlet. -- São Paulo, 2009.

498 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Línguas – culturas. 2. Retórica. 3. Argumentação. 4. Produção textual. 5. Esfera escolar – ensino médio I. Título. II. Dahlet, Véronique Marie Braun.

Nome: ELEODORO, Débora Raquel Massmann

Título: **Línguas-culturas e retórica: Análise comparada de produções dissertativo-argumentativas em língua francesa e língua portuguesa na esfera escolar**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_  
Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_  
Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_  
Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_  
Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_  
Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**A Rodenei**  
**A Pedro**

Eu agradeço  
pela compreensão, pelo incentivo e pelo apoio recebido de

**Jorge e Lili Massmann**  
**Rodenei Eleodoro**  
**Mirian Rode Brum de Paula**  
**Véronique Dahlet**  
**Cristiane Dias**  
**Adriana Monfardini**  
**Mirna Fernanda de Oliveira**  
**Izaura Carelli**  
**Mariangela Lunardelli**

Eu agradeço também, em especial, as instituições

**CAPES, USP, DLM, LICEU PASTEUR E UNIOESTE**

que tornam possível a realização deste trabalho.

A retórica é o encontro dos homens e da linguagem  
na exposição das suas diferenças e das suas identidades.  
Eles afirmam-se aí para se encontrarem, para se repelirem,  
para encontrarem um momento de comunhão  
ou, pelo contrário, para evocarem essa impossibilidade  
e verificarem o muro que os separa.

Ora, a relação retórica consagra sempre  
uma distância social, psicológica, intelectual,  
que é contingente e de circunstância,  
que é estrutural porque, entre outras coisas,  
se manifesta por argumentos ou por sedução. [...]  
A retórica é a negociação da distância entre os sujeitos.

Esta negociação acontece pela linguagem  
(ou, de modo mais genérico, através *da* – ou *de uma* linguagem)

**Michel Meyer**



## RESUMO

ELEODORO, D.R.M. **Línguas-culturas e retórica. Análise comparada de produções dissertativo-argumentativas em língua francesa e língua portuguesa na esfera escolar.** 2009. 498 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Analisar o modo como diferentes línguas-culturas organizam retoricamente os seus discursos significa inscrever-se em um espaço teórico-metodológico cujas fronteiras são de difícil delimitação. Ao se interessar pela relação que se estabelece entre línguas-culturas e retórica, este trabalho aproxima domínios disciplinares heterogêneos, como, o ensino-aprendizagem de línguas, a neo-retórica e a cultura escolar, por exemplo. Inserida no entremeio destas disciplinas, esta pesquisa investiga a organização retórica de dois sistemas linguístico-culturais distintos que são a língua portuguesa do Brasil e língua francesa. O *corpus* constitui-se de 150 textos dissertativo-argumentativos elaborados por alunos do Ensino Médio do Liceu Pasteur, escola franco-brasileira. Fundamentado teórica e metodologicamente em Charaudeau (1992), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) e Amossy (2006) principalmente, esse *corpus* foi analisado com o objetivo de descrever e explicar as semelhanças e as diferenças retóricas das duas línguas-culturas em questão, e de apreender o *ethos* do enunciador escolar, isto é, a imagem de si que é construída e apresentada no e pelo discurso. A partir das análises realizadas, confirmou-se a hipótese inicial de que, em sistemas linguístico-culturais distintos, os atos de fala, como, por exemplo, criticar, persuadir e argumentar, entre outros, podem ser semelhantes; no entanto, a maneira como eles são organizados, encadeados e expressos na superfície discursiva parece variar de uma língua-cultura para outra. Os resultados obtidos mostraram que cada sistema linguístico empregou e articulou de forma distinta, os componentes da argumentação conforme suas necessidades e suas especificidades retóricas, discursivas e culturais, ou seja, conforme o sistema retórico escolar considerado. Além disso, analisando o *ethos* do enunciador escolar, que se encontra em uma situação de biculturalidade, verificou-se que a imagem, construída e apresentada nos textos dissertativo-argumentativos em língua portuguesa e em língua francesa, foi muito similar. As semelhanças observadas indicam que, na esfera ocidental, parece haver uma imagem ideal homogênea para o enunciador escolar.

Palavras-chave: línguas-culturas; retórica; argumentação; produção textual; esfera escolar

## ABSTRACT

ELEODORO, D.R.M. **Comparative analysis of argumentative and dissertation productions in French and Portuguese in educational sphere.** 2009. 498 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Analyzing how different languages and cultures organize rhetorically discourses means to dissertate on a theoretical and methodological area whose frontiers are difficult to narrow. Interested in the relationship established between languages, cultures and rhetoric, this research integrates heterogeneous subject domains, such as, language teaching and learning, new rhetoric and school culture, for example. Inserted between these subjects, this research investigates rhetoric organization of two systems – Brazilian Portuguese and French. The corpus is composed to 150 texts produced by students of secondary school of Liceu Pasteur, Brazilian French school. Theoretical and methodological references are Charaudeau (1992), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2002) and Amossy (2006) mainly, this corpus was analyzed aiming at describing and explaining the similarities and differences between two languages and cultures in focus to find out the ethos of school enunciator, that is, the self image which is built and presented in and by his/her speech. Supported by analysis conducted, the initial hypothesis was that distinct cultural linguistic system, speech acts, such as, criticizing, persuading and arguing among others could be similar, though, how they are organized, cateneted and expressed on the discourse surface seems to vary from language to language. Results reveal that each linguistic system employs and articulates in a distinct way, argumentative features according to rhetoric, discursive and cultural needs and specifications, that is, according to rhetoric school system analyzed. Besides, school speaker's *ethos* was analyzed who lives in a bicultural context. It was verified that her/his image built and presented in the argumentative dissertation texts in Brazilian Portuguese and French was very similar. In the occidental sphere, the similarities observed seem to have a homogenous ideal image for the school enunciator.

Keywords: languages and cultures; rhetoric; text production; educational sphere

## RÉSUMÉ

ELEODORO, D.R.M. **Langues-cultures et rhétorique : Analyse comparée de textes dissertatifs-argumentatifs en langue française et en langue portugaise dans la sphère scolaire.** 2009. 498 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Analyser la manière comme les différentes langues-cultures organisent rhétoriquement leurs discours signifie s'inscrire dans un espace théorique-méthodologique dont les frontières ont une délimitation floue. Étant donné le rapport qui s'établit entre des langues-cultures et la rhétorique, ce travail rapproche des domaines disciplinaires hétérogènes, par exemple l'enseignement-apprentissage de langues, la nouvelle-rhétorique et la culture scolaire. Insérée parmi ces disciplines, cette recherche examine l'organisation rhétorique de deux systèmes linguistique-culturelles distincts: la langue portugaise du Brésil et la langue française. Le *corpus* est constitué de 150 textes dissertatifs-argumentatifs élaborés par des élèves lycéens (Ensino Médio) du Lycée Pasteur, école franco-brésilienne. À l'appui théorique et méthodologique surtout de Charaudeau (1992), Perelman et Olbrechts-Tyteca (2002) et Amossy (2006), ce *corpus* a été analysé avec l'objectif de décrire et d'expliquer les ressemblances et les différences rhétoriques de ces deux langues-cultures en question et de comprendre les *ethos* de l'énonciateur scolaire, c'est-à-dire l'image de soi-même construite et présentée « dans » et « par » le discours. Au cours des analyses réalisées, il a été possible de confirmer l'hypothèse initiale selon laquelle, dans des systèmes linguistique-culturels distincts, les actes de parole, par exemple critiquer, persuader et argumenter, parmi d'autres, peuvent être semblables; en dépit de cela, la manière comme ils sont organisés, enchaînés et exprimés sur la surface discursive semble rendre diverse d'une langue-culture à l'autre. Les résultats obtenus ont indiqué que chaque système linguistique a employé et articulé de façon distincte les composantes de l'argumentation selon leurs besoins et leurs spécificités rhétoriques, discursives et culturelles, en conformité avec le système rhétorique scolaire considéré. En outre, en analysant l'*ethos* de l'énonciateur scolaire, qui se trouve dans une situation de biculturalité, il s'est vérifié que l'image, construite et présentée dans les textes dissertatifs-argumentatifs en langue portugaise et en langue française, a été pareille. Les ressemblances observées indiquent que, dans la sphère occidentale, il semble exister une image idéale unique pour l'énonciateur scolaire.

Mots-clés: langue-culture; rhétorique; argumentation; production textuelle; sphère scolaire.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Esquema <i>ethos, pathos</i> e <i>logos</i> .....	48
Tabela 2: Argumentos quase-lógicos .....	82
Tabela 3: Argumentos baseados na estrutura do real .....	82
Tabela 4: Argumentos que visam fundar a estrutura do real .....	82
Tabela 5: Escala argumentativa .....	87
Tabela 6: Grade de análise textual.....	132
Tabela 7: Conectores.....	143
Tabela 8: Constituição do <i>corpus</i> de língua portuguesa .....	160
Tabela 9: Constituição do <i>corpus</i> de língua francesa .....	161
Tabela 10: Apresentação do título .....	163
Tabela 11: Paragrafação e progressão temática .....	167
Tabela 12: Exposição da tese .....	171
Tabela 13: Tipos de argumentos .....	180
Tabela 14: Modalizações .....	195
Tabela 15: Construções da argumentação .....	206
Tabela 16: Os conectores e seus correlatos semânticos .....	215
Tabela 17: Esquema sobre o “mas” concessivo .....	218
Tabela 18: Conectores .....	220

**LISTA DE SIGLAS**

(A)	Primeira amostra de textos
ARG.	Argumentos
(B)	Segunda amostra de textos
C.	Construções
EXP.	Exposição
FLPM	Francês Liceu Pasteur Mayrink
FLPV	Francês Liceu Pasteur Vergueiro
L.	Linha
L2	Segunda Língua
LE	Língua Estrangeira
LM	Língua Materna
LPM	Liceu Pasteur rua Mayrink
LPV	Liceu Pasteur rua Vergueiro
MECAN.	Mecanismo
Nº	Número
OPER.	Operadores
PLPM	Português Liceu Pasteur Mayrink
PLPV	Português Liceu Pasteur Vergueiro

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO GERAL .....</b>	<b>17</b>
<b>SOBRE A RETÓRICA: DA GÊNESE À REVITALIZAÇÃO DE UMA DISCIPLINA .....</b>	<b>25</b>
1 Retórica: disciplina antiga, problemática atual .....	27
1.1 Retórica: reflexões sobre conceitos, funções e origens .....	29
1.1.1 A gênese da retórica .....	34
1.1.2 A contribuição dos sofistas .....	35
1.1.3 As reflexões aristotélicas acerca da arte retórica .....	37
2 Considerações sobre o sistema retórico .....	41
2.1 A retórica e sua subdivisão .....	42
2.2 Os gêneros do discurso no dispositivo retórico .....	44
2.3 A gênese do <i>ethos</i> .....	46
3 Instabilidades do percurso .....	49
3.1 Do auge ao declínio .....	50
3.2 Sobre a revitalização dos estudos retóricos .....	51
3.3 As novas configurações dos estudos retóricos.....	52
 <b>SOBRE A ARGUMENTAÇÃO: HISTÓRIA, DEFINIÇÕES E DESDOBRAMENTOS.....</b>	 <b>57</b>
1 História e definição: explorando o domínio da argumentação.....	59
1.1. Argumentação: da retórica clássica à lingüística moderna .....	59
1.2. Sobre o que é argumentação.....	67
2 Teorias e modelos de referência.....	74
2.1 Perelman e Olbrechts-Tyteca: o tratado da argumentação.....	75
2.1.1 Orador e auditório: os dois lados do discurso.....	77
2.1.2 Sobre o estudo da argumentação.....	81
2.2 Anscombre e Ducrot: a teoria da argumentação na língua.....	83
2.2.1 Sobre as marcas da argumentação.....	85
2.3 Vignaux: um modelo cognitivo da argumentação.....	88
 <b>DELIMITAÇÕES TEÓRICAS.....</b>	 <b>93</b>
1 A revitalização dos gêneros do discurso .....	94
1.1 Caracterizando os gêneros do discurso .....	96
1.2 Caracterizando as tipologias textuais.....	98
1.3 Descrevendo o gênero redação escolar .....	100
2 Reflexões sobre estilo, <i>ethos</i> e enunciador .....	103
2.1 Sobre a noção de estilo .....	104

2.2 Sobre a noção de <i>ethos</i> .....	106
2.3 Sobre a noção de enunciador .....	111
2.4 Língua, cultura e retórica.....	113
2.4.1 Língua, linguagem, discurso e cultura: percorrendo conceitos .....	114
2.4.2 Retórica escolar: algumas considerações .....	119
<b>PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>126</b>
1 Constituição do <i>corpus</i> .....	127
2 Tratamento do <i>corpus</i> .....	129
3 Organização da grade de análise.....	131
3.1 Modalização na linguagem.....	133
3.2 Construções da argumentação.....	139
3.3 Conectores: os marcadores da argumentação.....	142
3.4 Organização Retórica.....	144
3.4.1 Apresentação do título.....	147
3.4.2 Paragrafação e progressão temática.....	148
3.4.3 Analisar a argumentação .....	150
3.4.3.1 Sobre a exposição da tese.....	151
3.4.3.2 Sobre os tipos de argumentos .....	152
<b>A ANÁLISE RETÓRICA .....</b>	<b>158</b>
1 O <i>corpus</i> e suas especificidades.....	159
2 Sobre a macroestrutura textual .....	161
2.1 Apresentação do título .....	162
2.1.1 Apresentação do título em língua portuguesa.....	163
2.1.2 Apresentação do título em língua francesa .....	164
2.2 Paragrafação .....	166
2.2.1 A paragrafação em língua portuguesa .....	168
2.2.2 A paragrafação em língua francesa .....	169
2.3 Exposição da tese .....	171
2.3.1 Exposição da tese em língua portuguesa .....	172
2.3.2 Exposição da tese em língua francesa .....	173
2.4 Exposição dos argumentos .....	175
2.5 Construindo sentidos sobre a macroestrutura textual .....	176
3 Sobre a microestrutura textual .....	179
3.1 Tipologias de argumentos .....	180
3.1.1 Os argumentos em língua portuguesa .....	181
3.1.2 Os argumentos em língua francesa.....	188
3.2 Modalizações .....	194
3.2.1 Modalizações em língua portuguesa.....	196
3.2.2 Modalizações em língua francesa .....	200
3.3 Construções da argumentação .....	205

3.3.1 As construções da argumentação em língua portuguesa .....	206
3.3.2 Construções da argumentação em língua francesa .....	209
3.4 Conectores: os marcadores da argumentação .....	212
3.4.1 Os conectores em língua portuguesa .....	220
3.4.1.1 Sobre o conector “mas” e suas diferentes funções.....	221
3.4.1.2 Sobre o conector “porém” .....	226
3.4.2 Os conectores em língua francesa.....	228
3.4.2.1 Sobre o conector “ <i>mais</i> ” e suas funções .....	229
3.4.2.2 Sobre o conector “ <i>parce que</i> ” .....	236
3.4.2.3 Sobre o conector “ <i>donc</i> ” .....	238
3.4.2.4 Sobre o conector “ <i>car</i> ” .....	240
3.5 Construindo sentidos sobre a microestrutura textual.....	242
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: RETÓRICA OU RETÓRICAS?.....</b>	<b>252</b>
1 A arte de argumentar na esfera escolar .....	253
2 Diferenças e semelhanças na estrutura global dos textos .....	255
3 Diferenças e semelhanças na estrutura local dos textos .....	260
4 Imagem do enunciador escolar .....	264
5 Tecendo significações: retórica ou retóricas? .....	268
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>276</b>



**LISTA DE ANEXOS**

ANEXO I: <i>Corpus</i> Português Liceu Pasteur Mayrink (PLPM) .....	281
ANEXO II: <i>Corpus</i> Francês Liceu Pasteur Mayrink (FLPM].....	335
ANEXO III: <i>Corpus</i> Francês Liceu Pasteur Vergueiro (FLPV) .....	382
ANEXO IV: <i>Corpus</i> Português Liceu Pasteur Vergueiro (PLPV) .....	435

## INTRODUÇÃO GERAL<sup>1</sup>

A arte de argumentar se faz presente na história dos indivíduos desde os primeiros anos de vida. A capacidade de argumentação compõe o conjunto de habilidades comunicativas que cada sujeito tenta e deve dominar. Todos sabem o que é defender um ponto de vista e o que é convencer. Essa atividade linguageira apresenta-se em diferentes situações do cotidiano, pois toda a atividade verbal pode ser considerada argumentativa ou pensada em uma perspectiva argumentativa, já que pressupõe relações de confiança, de sedução, de persuasão e de emoção entre os parceiros da enunciação (Bertrand, 1999). Nesse sentido, o ato de argumentar pode ser descrito como um instrumento essencial às práticas comunicativas de falantes de qualquer sistema linguístico-cultural. Trata-se de uma competência que é adquirida paralelamente ao processo de aquisição da língua materna e que vai sendo aperfeiçoada ao longo da vida através das interações sócio-comunicativas às quais o sujeito está exposto.

O fato de a argumentação estar presente nas práticas comunicativas do cotidiano desde os primeiros anos de vida não lhe confere o *status* de atividade simples e comum. Pelo contrário, a argumentação pode ser definida como uma atividade linguageira complexa que é desencadeada por uma situação de comunicação específica: de polêmica ou de persuasão. Depois de ativada, esta atividade atravessa o plano cognitivo, percorre o plano linguístico, adapta-se ao plano sócio-cultural, para efetivar-se nas trocas interativas.

No plano cognitivo, a produção do discurso argumentativo implica o resgate e a ativação das informações na memória e, sobretudo, o exercício de reflexão e de produção de um projeto de dizer, isto é, de formulação das intenções comunicativas que serão enunciadas. Segundo Plantin (1996, p. 14), este exercício cognitivo, que busca um pensamento justo e coerente à situação argumentativa, compreende as seguintes etapas: inicialmente, examina-se a situação e/ou o problema; em seguida, reflete-se, explica-se, demonstra-se por meio de argumentos, de razões e de provas; e por fim, fornecem-se as causas para que a conclusão seja alcançada. Esta, por sua vez, é uma descoberta que resulta de todo o processo cognitivo de formulação e de produção do pensamento.

---

<sup>1</sup> Todas as traduções apresentadas neste trabalho são de minha responsabilidade.

Para que as reflexões, ou melhor, as intenções comunicativas projetadas no plano cognitivo ganhem vida na superfície discursiva (plano linguístico), é preciso que o enunciador as expresse através de um sistema linguístico-cultural. As intenções comunicativas devem percorrer os caminhos do plano linguístico para que a argumentação seja efetivamente enunciada. Assim, o enunciador articula uma lógica a um discurso a fim de enunciar o seu ponto de vista, a sua opinião ou o seu pensamento de forma coerente, sedutora, persuasiva e, em alguns casos, de forma séria ou irônica, conforme o seu projeto de dizer.

À medida que permeia o plano linguístico, a atividade argumentativa vai se adaptando às exigências do plano sócio-cultural, isto é, ela vai se moldando à situação de interação para a qual foi produzida. Este processo de adaptação acontece de forma natural, já que as práticas argumentativas estão presentes nas mais diversas situações sócio-culturais: na esfera das relações familiares e profissionais (discussões de ponto de vista, tentativas de convencimento, debates, reuniões, etc.); na esfera econômica (publicidade de produtos); na esfera jurídica (elaboração e execução de processos); e na esfera política (discursos diversos), entre outras. De um modo geral, a atividade argumentativa se constitui sempre onde existe uma alternativa, uma possibilidade de contestação ou ainda uma polêmica (Plantin, 1996).

Percorridos os diferentes planos (cognitivo, linguístico, sócio-cultural), a atividade argumentativa efetiva-se nas práticas interativas de cooperação ou de polêmica. Por interação cooperativa entende-se o exame crítico do enunciador. A interação cooperativa está relacionada à capacidade que o enunciador tem de se integrar a discussões e debates em que ideias e pontos de vistas são confrontados e refutados e, principalmente, à sua capacidade de ser tolerante, de aceitar o ponto de vista do outro e, em alguns casos, de admitir a força persuasiva dos argumentos de seu enunciatário. Para Plantin (1996, p. 15), é a multiplicação de pontos de vista que conduz à tolerância "implica que se renuncie a convencer seu parceiro. Ela [a multiplicação de pontos de vista] supõe uma tomada de distância que permite a melhor escolha"<sup>2</sup>. Por interação polêmica compreende-se a discussão promovida pelo enunciador que rapidamente adquire características de disputa. Nesse tipo de interação, as estratégias retóricas e as técnicas argumentativas são empregadas

---

<sup>2</sup> n'implique pas que l'on renonce à convaincre son partenaire. Elle suppose une prise de distance qui permet de faire la meilleur choix.

como armas que têm o propósito de combater o adversário, isto é, que objetivam vencê-lo e convencê-lo pela arte da palavra.

A partir do que foi exposto, compreende-se que o ato de argumentar está embasado em uma diversidade de fenômenos que não se restringem à esfera exclusivamente linguística da (simples) produção do discurso. Comparando-se as produções argumentativas às produções narrativas e descritivas, tem-se a nítida impressão de que aquelas são mais complexas do que estas. De fato, em produções narrativas e descritivas, o trabalho cognitivo, linguístico e interativo do enunciador parece ser menos árduo do que aquele mobilizado na produção de textos argumentativos. Isso acontece porque, na narração e na descrição, a possibilidade de ativar a contestação, a refutação e a polêmica do enunciatário parece ser menor do que a observada na argumentação. Quando elabora um discurso argumentativo, o enunciador, além de formular o seu dizer, precisa estar atento a todas as informações, às estratégias argumentativas, aos jogos de pressuposição, às ações e às reações expressas por ele mesmo e também pelo seu enunciatário. O grau de envolvimento é maior e, conseqüentemente, o trabalho cognitivo, linguístico e interativo também. Em vista disso, pode-se afirmar que a arte de argumentar revela-se uma atividade extremamente complexa.

Interessada pelas questões que estão subjacentes à produção da linguagem oral e escrita, mais precisamente, à organização do discurso argumentativo, comecei a delinear este projeto de pesquisa. O anseio de descrever e de explicar as relações de semelhanças e de diferenças retóricas entre sistemas linguístico-culturais distintos constituiu meu ponto de partida. A realização de um estudo que analisasse a língua portuguesa e a língua francesa deixou de ser virtual e tornou-se efetivamente possível quando contatei a *Fundação Pasteur (Fondation Pasteur)*, estabelecimento franco-brasileiro de ensino. A partir de então, o projeto que deu vida à presente pesquisa foi se configurando, a idéia inicial foi se transformando na busca de sua autenticidade e o objeto de estudo foi se definindo em conformidade com a temática selecionada e com a problemática que a envolve.

O resultado deste processo de transformação, que se estabeleceu entre a intenção e a execução, é uma pesquisa interessada por uma questão pouco investigada no âmbito dos estudos da linguagem, o que se verifica, principalmente, pela ausência de bibliografia na área. Trata-se, especificamente, do entrecruzamento entre a retórica escolar e a retórica cultural: a primeira refere-se

aos procedimentos, às técnicas, aos roteiros e aos modos de organização retórica ensinados e aplicados no ensino-aprendizagem de línguas na esfera escolar; a segunda diz respeito ao conjunto de conhecimentos linguístico-discursivos referentes a modelos e/ou a modos de organização retórica específicos de cada língua-cultura, isto é, a cada comunidade linguística.

Estou trabalhando com a hipótese de que, em sistemas linguístico-culturais distintos, os atos de fala, como, por exemplo, protestar, questionar, criticar, podem ser semelhantes; no entanto, a maneira como eles são expressos na superfície discursiva pode variar de uma língua-cultura para outra. Essa variação parece estar relacionada ao que se chama de retórica cultural. As produções dissertativo-argumentativas parecem criar as condições necessárias para se estabelecer um entrecruzamento entre a retórica escolar e a retórica cultural à medida que mobilizam roteiros de planificação textual e de planificação interfrasal, orientados para o desenvolvimento de produções dissertativo-argumentativas na esfera escolar, que remetem a saberes enciclopédicos adquiridos paralelamente aos saberes escolares dentro de uma determinada língua-cultura.

Como se pode verificar, a temática tratada neste estudo aborda uma questão complexa cujas fronteiras são de difícil delimitação. Na realidade, o tema que pretendo investigar envolve o ensino-aprendizagem de línguas, a retórica e a cultura escolar. É no entremeio destas disciplinas que, ao longo deste trabalho, contextualizarei as reflexões e as análises deste estudo.

O objetivo desta pesquisa é investigar e explicar as semelhanças e as diferenças referentes à organização retórica de dois sistemas linguístico-culturais distintos, a saber, a língua portuguesa e a língua francesa. Através deste estudo, pretende-se descrever e analisar os roteiros de planificação textual orientados para a elaboração de textos dissertativo-argumentativos produzidos em uma esfera muito específica, a esfera escolar. Estudar a estrutura retórica de textos argumentativos produzidos no contexto escolar significa tocar em uma questão delicada do ensino-aprendizagem de línguas. Digo isso porque, além de investigar os mecanismos de coerção genérica e situacional, é preciso tratar também de questões de coerção linguístico-cultural: cada língua-cultura parece conceber de modo distinto a organização do texto dissertativo-argumentativo na esfera escolar. Isso, conseqüentemente, parece configurar estruturas retóricas também distintas para cada língua investigada neste estudo.

Para realizar esta pesquisa, selecionei como objeto de investigação as redações escolares, mais precisamente, as produções dissertativo-argumentativas que foram organizadas no ambiente da sala de aula, por alunos do Ensino Médio matriculados no Liceu Pasteur. A escolha deste tema e deste objeto de estudo reflete o desejo de fazer significar as semelhanças e as diferenças, no que concerne à organização retórica, observadas no decorrer do processo de aquisição do francês e do português. Dito de outro modo, este tema reflete a tentativa de encontrar explicações e justificativas para fenômenos retóricos convergentes e divergentes nestas duas línguas-culturas.

Diante das especificidades de cada sistema linguístico-cultural, a organização do discurso narrativo, descritivo ou argumentativo pode variar de uma língua-cultura para outra. Mas em que consiste essa variação? Será que ela se deve a processos linguístico-cognitivos (visões de mundo) característicos de cada língua-cultura? Questionamentos como esses têm me inquietado e mobilizado a investigar a organização retórica de sistemas linguístico-culturais distintos.

Desse modo, através da descrição e da análise da organização retórica das línguas investigadas, busco, no âmbito deste estudo, identificar o que há de semelhante e de diferente entre estes sistemas linguístico-culturais. Seguindo essa linha de investigação, pretendo também depreender o *ethos* (imagem de si construída *no* e *pelo* texto) do enunciador escolar e os mecanismos empregados por ele na construção de uma imagem de si. O estudo da construção do *ethos* aparece aqui no âmbito da biculturalidade: como e através de quais mecanismos esse enunciador, falante de português e de francês, apresenta-se e constrói-se na superfície do discurso, mais precisamente, nos textos dissertativo-argumentativos elaborados na esfera escolar.

Para fundamentar as reflexões e as análises, trabalho com a hipótese de que cada língua categoriza o mundo de maneiras distintas, o que indica, efetivamente, que a atividade linguística é, antes de tudo, uma atividade simbólica. Dessa forma, a relação constitutiva que se estabelece entre os sistemas linguísticos e os sistemas culturais parece apresentar-se como um parâmetro importante na compreensão das estratégias retóricas de diferentes línguas. Em outras palavras, os atos de fala de cada grupo de falantes, independente da sua língua materna, podem ser semelhantes, mas o modo como eles são expressos pode variar conforme o sistema linguístico-cultural de cada comunidade. Isso quer dizer que

nossas representações do mundo estão estreitamente ligadas aos modos de sua expressão e são o resultado da criação de relações intersubjetivas no discurso. Pode-se mesmo falar numa espécie de *apreensão enunciativa* do mundo. (Mosca, 2004, p. 44)

Para averiguar a pertinência desta hipótese, um *corpus* composto por cento e cinquenta (150) textos dissertativo-argumentativos foi organizado. Os textos foram produzidos por alunos de Ensino Médio do Liceu Pasteur. Essa instituição de ensino, localizada na cidade de São Paulo, está dividida em duas unidades – rua Mayrink e rua Vergueiro – que permite acessar universos linguísticos distintos.

A unidade Mayrink<sup>3</sup> apresenta-se como uma escola brasileira, embasada nos parâmetros do Ministério da Educação e Cultura (MEC) do Brasil. Nela, um programa de ensino bilíngue franco-brasileiro é disponibilizado aos alunos: na grade curricular, o português aparece como língua materna empregada desde a Educação Infantil até o Ensino Médio; já o francês é ministrado como língua estrangeira desde a pré-escola até o primeiro ano do Ensino Médio. Outras línguas estrangeiras também são oferecidas, como é o caso, por exemplo, do inglês e do espanhol.

Já a unidade Vergueiro<sup>4</sup> apresenta-se também como uma escola franco-brasileira. No entanto, seu programa curricular está fundamentado no Ministério Francês de Educação Nacional (*Ministère Français de l'Éducation Nationale*). Isso quer dizer que existem algumas diferenças em relação ao Liceu Pasteur Mayrink, principalmente, no que concerne às disciplinas ministradas. Além da grade curricular do programa de ensino de francês, o Liceu Pasteur Vergueiro também oferece um programa de disciplinas do sistema educacional brasileiro (português, história, geografia, trabalhados sob a perspectiva brasileira). Isso acontece porque essa instituição tem por objetivo preparar seus alunos para ingressar tanto em universidades francesas e européias como em universidades brasileiras. Assim, as opções linguísticas oferecidas devem ser diversificadas. De acordo com o regulamento da instituição, ao final de sua escolarização, o aluno deve ter estudado, obrigatoriamente, quatro línguas modernas, que devem ser escolhidas dentre francês, português, espanhol, inglês e alemão. Em cada língua, o aluno deve ter domínio da ortografia, da gramática, da literatura e da “civilização”.

Diante da estrutura de ensino destas duas unidades do Liceu Pasteur, foi possível organizar um *corpus* de pesquisa heterogêneo, com textos em língua

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.liceupasteur.com.br>>. Acesso em: 28 fev. 2008.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.flp-sp.com.br>>. Acesso em: 28 fev. 2008.

francesa e em língua portuguesa, conforme exigências deste estudo. Para descrever e analisar a organização retórica dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, o presente estudo está organizado em duas partes distintas: a **primeira parte** trata dos pressupostos teóricos, e a **segunda parte** apresenta os pressupostos metodológicos implicados neste estudo, bem como a descrição, a análise e a interpretação dos resultados.

Buscando contextualizar o domínio teórico em que este trabalho se insere, no Capítulo I, dedico-me a examinar o percurso da retórica, desde sua gênese até sua revitalização no século XX. Nesse capítulo, retomo os postulados da retórica clássica<sup>5</sup>, aquela disciplina de origem grega, cuja descrição e formalização se faz independentemente das culturas. É fato que muitos compêndios tratam deste assunto de forma exemplar. Mesmo assim, aplico-me ao estudo da história da retórica clássica, mais precisamente, daquelas questões que estão diretamente relacionadas a esta pesquisa. Devo ressaltar que o propósito aqui não é, de forma alguma, re-elaborar um exaustivo tratado de retórica, nem mesmo percorrer toda a sua história (o que seria quase impossível, pois são séculos e séculos de existência). Ao propor um panorama, o capítulo inicial visa a contextualizar, retomar e reorganizar importantes questões e conceitos ligados à arte retórica que, implícita ou explicitamente, estão envolvidos nas reflexões desta pesquisa. Pretendo com isso compreender melhor a configuração do sistema retórico, ou seja, sua origem, suas funções, sua composição (*ethos*, *pathos* e *logos*) e sua subdivisão (os grandes gêneros), bem como entender melhor o percurso dessa disciplina, que é marcado por grandes modificações.

Fundamentada nos trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002)<sup>6</sup>, Anscombe e Ducrot (1988) e Vignaux (1989), apresento, no Capítulo II, algumas das principais teorias e modelos sobre a argumentação publicadas a partir da segunda metade do século XX. Inscrito no contexto das neo-retóricas<sup>7</sup>, esse capítulo

---

<sup>5</sup> Quando trato da retórica clássica, refiro-me a uma teoria do discurso. É preciso destacar que esta definição é distinta daquela de retórica cultural supramencionada. Por retórica cultural, entende-se o conjunto de conhecimentos linguístico-discursivos referentes a modelos e/ou a modos de organização retórica específicos de cada língua cultura, isto é, de cada comunidade lingüística. Estes modelos de organização retórica parecem ser mobilizados em função das visões de mundo características de cada sistema linguístico-cultural.

<sup>6</sup> Publicação original de 1958.

<sup>7</sup> Os desdobramentos da retórica, de abordagem lingüística ou filosófica, ocorridos depois da segunda metade século XX, têm sido denominados de Neo-Retóricas. Eles significam um retorno às questões fundamentais da Retórica Clássica, representado, segundo Mosca (2004, p. 20), pelas “Teorias da Argumentação, fundadas nas lógicas não-formais [...] e nas lógicas naturais”, entre outras



tem como objetivo verificar o modo como cada uma dessas propostas teórico-metodológicas compreende, conceitua, descreve e analisa os fenômenos característicos de produções argumentativas. Conhecendo as peculiaridades de cada teoria, reunirei os subsídios necessários para eleger aquela que melhor se adapta à descrição e à análise do *corpus* deste trabalho.

Frente à heterogeneidade que cerca os estudos em argumentação, a elaboração de um aparato teórico em conformidade com os objetivos que orientam as análises desta pesquisa torna-se fundamental. Desse modo, no Capítulo III, proponho-me a discutir e a teorizar sobre um conjunto de elementos que estão diretamente relacionados à arte de persuadir, como, por exemplo, a noção de gêneros do discurso, de enunciador, de *ethos* e de estilo.

No Capítulo IV, descrevo os pressupostos metodológicos aplicados na coleta, no tratamento e na análise do *corpus*. Além disso, teorizo sobre cada um dos fenômenos linguístico-discursivos que compõem a **grade de análise textual** e que, no meu ponto de vista, podem contribuir para a organização retórica dos textos analisados. Para finalizar, no Capítulo V, examino o modo como os aprendizes dos sistemas linguístico-culturais envolvidos neste estudo organizam a estrutura retórica dos textos analisados.

Como se pode observar pela configuração desta tese, ao longo destes cinco capítulos, pretendo teorizar, analisar e construir sentidos, justificativas e explicações para as diferenças e para as semelhanças referentes à organização retórica das línguas investigadas. Desse modo, pretende-se contribuir para a otimização dos processos de ensino-aprendizagem de línguas, principalmente, no que concerne à organização retórica de línguas em contato.

## SOBRE A RETÓRICA: DA GÊNESE À REVITALIZAÇÃO DE UMA DISCIPLINA

Retórica, bela mulher com dois atributos,  
ela tem armas para ferir seus adversários – a argumentação –  
e as figuras decoram sua túnica – a ornamentação.<sup>8</sup>  
(Capella, séc. V)

No fragmento da alegoria “*As bodas de Filologia e de Mercúrio*”<sup>9</sup>, apresentado acima, a retórica constitui uma das sete artes liberais oferecidas de presente à Filologia, divindade da linguagem, por ocasião de seu casamento com Mercúrio, deus do saber total. Nessa alegoria, a retórica, ao lado da gramática e da dialética, compõe o *Trivium*<sup>10</sup>. A proximidade entre essas três esferas das ciências da linguagem não se restringe ao contexto alegórico. Na realidade, retórica, gramática e dialética constituem a gênese das reflexões sobre os fenômenos da linguagem. Ao longo dos séculos, esses três campos do saber têm contribuído para o desenvolvimento e para a compreensão dos fenômenos da linguagem.

Dos três domínios que compõem o *Trivium*, a retórica destaca-se como a disciplina mais antiga. De acordo com Bertrand (1999), de sua criação aos dias atuais, passaram-se aproximadamente 2.500 anos. É um percurso surpreendente, durante o qual a retórica conquistou adeptos e opositores, percorreu diferentes fases, que compreendem seu apogeu, seu declínio e sua revitalização, e atravessou “imperturbável, todas as crises, todos os regimes e todas as pedagogias de nossa história, atestando a soberania reconhecida à linguagem e a seus poderes na cultura ocidental”<sup>11</sup> (1999, p. 34).

A retórica é uma disciplina tradicional que tem se destacado, desde a antiguidade grega, como um autêntico domínio de investigação científica. Isso se deve, principalmente, ao rigor de suas reflexões e de sua teoria, pois, de acordo com Guiraud, “de todas as disciplinas antigas, [a retórica] é a que melhor merece o nome de ciência, pois a amplitude das observações, a sutileza da análise, a precisão das

<sup>8</sup> Rhétorique, belle femme aux deux attributs, elle a des armes pour blesser ses adversaires – l’argumentation – et les figures décorent sa tunique – l’ornementation (Capella *apud* Bertrand, 1999, p. 43).

<sup>9</sup> Les Noces de Philologie et de Mercure.

<sup>10</sup> O *Trivium* (constituído pela Gramática, Dialética e Retórica) e o *Quadrivium* (composto de Música, Aritmética, Geometria e Astronomia) formam as sete artes liberais que compunham o ensino universitário na Idade Média.

<sup>11</sup> imperturbable, toutes les crises, tous les régimes et toutes les pédagogies de notre histoire, attestant la souveraineté reconnue au langage et à ses pouvoirs dans la culture occidentale.

definições, o rigor das classificações constituem um estudo sistemático dos recursos da linguagem” (1970, p. 35-36).

Desde sua gênese, a retórica se assenta na linguagem. Sua formação, por exemplo, deve-se à tentativa de substituir a força física (a violência) pela força do simbólico (a linguagem): em uma disputa, tornar-se-ia vencedor aquele que dominasse os signos, isto é, aquele que conquistasse a adesão do público através da arte da palavra (Klinkenberg, 2004). Conforme é possível perceber, a retórica nasce atrelada à arte de argumentar e de convencer através da palavra, o que não pode ser considerado como uma relação trivial, já que “a história da reflexão ocidental sobre a argumentação se confunde com a história da retórica”<sup>12</sup> (Bertrand, 1999, p. 34). A relação entre estes dois domínios da linguagem é constitutiva e complementar. Refletir sobre a retórica implica, portanto, refletir também sobre a argumentação.

Desse modo, no âmbito deste capítulo, dedico-me a investigar como a retórica, a disciplina mais antiga das ciências da linguagem, pode se estabelecer como uma problemática ainda tão atual. Para isso, proponho-me a expor uma síntese crítica que acompanha o seu percurso desde sua origem até sua revitalização (que acontece paralelamente ao desenvolvimento dos estudos em argumentação). Devo assinalar que não é um estudo exaustivo sobre a evolução da retórica ao longo dos séculos. Na realidade, através desta explanação teórica, busco conhecer a origem de algumas questões, como, por exemplo, as que envolvem os gêneros do discurso, a subdivisão retórica, as noções de *ethos*, *pathos* e *logos*, que servem de referências para o desenvolvimento das análises.

Embasado teoricamente em Aristóteles (1967), Bertrand (1999), Reboul (2004) e Mosca (2004), o presente capítulo está configurando da seguinte forma: inicialmente, apresentam-se as origens da retórica; em seguida, descreve-se a organização do sistema retórico; e, por fim, reflete-se sobre as instabilidades que caracterizam o percurso deste domínio de investigação científica. Orientada por este roteiro histórico, nos tópicos subsequentes, desenvolvo minha reflexão sobre o desenvolvimento da retórica e sobre sua consolidação como a disciplina da persuasão.

---

<sup>12</sup> l’histoire de la réflexion occidentale sur l’argumentation se confond avec l’histoire de la rhétorique.

## 1 Retórica: disciplina antiga, problemática atual

Estabelecendo-se como uma das disciplinas mais antigas do domínio das ciências da linguagem, a retórica ainda desperta o interesse de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Ao longo de sua existência, caracterizada por altos e baixos, a retórica mostrou-se incansável, fazendo jus a sua descrição na alegoria que deu início a essa reflexão. Munida com seus atributos (a argumentação e a ornamentação), ela mostrou-se uma autêntica guerreira: atravessou profundas crises internas<sup>13</sup>, mas sobreviveu a cada uma delas e ressurgiu, na segunda metade do século XX, como um domínio de investigação científica atual e essencial às práticas comunicativas do mundo contemporâneo. Em outras palavras, o mundo contemporâneo percebeu que necessita da retórica, “uma vez que o poder nele se institui, mais do que nunca, pelo simbólico: pelas palavras e pelas imagens” (Klinkenberg, 2004, p. 12).

Entende-se assim por que a retórica é descrita como uma ciência antiga que se apresenta como uma problemática muito atual. Evidentemente, os estudos retóricos efetuados nos dias de hoje não constituem uma retomada integral da versão clássica. Na verdade, a retórica foi se transformando ao longo do tempo: “a história [...] remodelou constantemente as fronteiras do império retórico, nele desenhando novos reinos e novas repúblicas” (Klinkenberg, 2004, p. 13).

No decorrer de sua evolução, essa disciplina investigou objetos distintos e apoiou-se em estatutos diversos. O resultado dessas oscilações foi o esvaziamento da essência vital da retórica (o estudo da argumentação) e sua redução ao estudo dos ornamentos. Essas oscilações empurraram a retórica para uma *morte aparente*. Digo isso porque, tendo em vista a perenidade das ideias aristotélicas, acredito que não é possível falar em uma morte da Retórica (propriamente dita), pois, conforme assinala Mosca (2004, p. 18), diferentemente do que propugnava Aristóteles, “passou-se a uma reformulação rígida e ao aprisionamento a cânones”. Na realidade, essa tendência de zelar pelos cânones e de prescrever orientações que deveriam nortear as produções e as avaliações de obras da época deformaram o conceito de retórica e a desestruturaram. Consequentemente, conforme destaca Klinkenberg, “cada uma das partes do grande edifício que ela [a retórica] constituía

---

<sup>13</sup> Ora de ordem metodológica, ora de ordem terminológica.

adquiriu, na verdade, a sua independência, tanto no domínio das disciplinas teóricas como no domínio das disciplinas práticas” (2004, p. 14).

A unidade que caracterizava a retórica clássica deu lugar à fragmentação da disciplina. Essa fragmentação, no entanto, não levou à extinção da retórica. Pelo contrário, tenho a impressão de que, ao se fragmentar, a retórica não sucumbiu e, sim, resistiu e sobreviveu à sua crise existencial de forma fracionada para, posteriormente, ressurgir vinculada

novamente à argumentação com o aparecimento da Pragmática, quando o discurso e, conseqüentemente, a argumentação, passaram a ocupar um lugar de destaque nas pesquisas sobre a linguagem. [...] Modernamente, a obra de Perelman [...] diligencia reabilitar uma teoria da argumentação que reencontre a tradição aristotélica. (Guimarães, 2004, p. 145)

A busca pela tradição aristotélica marca o processo de revitalização da retórica do século XX. Isso acontece devido à perenidade do pensamento de Aristóteles: “hoje, mais do que nunca, para compreender os fundamentos da Retórica, faz-se necessário a volta à tradição aristotélica e às demais que nos foram legadas pelas diversas culturas, vale dizer, às fontes dos conceitos que estão à sua base” (Mosca, 2004, p. 18).

No contexto atual, pesquisadores de diferentes áreas das ciências humanas, como, por exemplo, filósofos, linguistas, semioticistas, antropólogos e psicólogos, entre outros, têm se dedicado ao estudo da retórica. Suas pesquisas, conforme descreve Klinkenberg (2004), abordam múltiplos aspectos: “uns se interrogam por que uma determinada formulação desencadeia o assentimento do público e não aquela outra; outros estudam as razões técnicas que fazem com que um mesmo enunciado possa produzir, simultaneamente, vários significados distintos” (p. 12-13).

Diante dessa pluralidade de domínios de investigação científica que se interessam e se dedicam ao estudo dos fenômenos retóricos, compreende-se o motivo pelo qual os estudiosos de hoje têm preferido empregar o termo *retóricas*, no plural. Essa nomenclatura parece adaptar-se melhor à configuração das retóricas contemporâneas, representadas justamente pela interdisciplinaridade. Essa característica não interfere na reaproximação das retóricas de hoje com a retórica de ontem, pois as de hoje “permanecem fiéis ao programa de sua antecessora clássica: contribuir para construir uma ciência do discurso dos homens em sociedade” (Klinkenberg, 2004, p. 14).

A partir do que foi exposto, compreende-se que a retórica é um campo de estudo heterogêneo e, por vezes, ainda fragmentado. É uma ciência antiga que, apesar de ter passado por momentos difíceis, lutou e ainda luta para atestar seu valor, caracterizando-se, por isso mesmo, como uma problemática atual. Na tentativa de melhor compreender a retórica e suas origens, dedico-me, nas seções seguintes, a refletir sobre questões pontuais de sua história que, no século XX, voltaram a fazer parte de calorosas discussões no âmbito das ciências da linguagem.

### 1.1 Retórica: reflexões sobre conceitos, funções e origens

Retórica é a arte de persuadir pelo discurso.  
(Reboul)

As oscilações que caracterizam o percurso dos estudos retóricos possibilitaram o desenvolvimento de conceitos muito diversificados. Uma rápida busca em enciclopédias e dicionários da área das ciências da linguagem revela conceitos distintos para essa ciência, que se caracteriza, justamente, pela heterogeneidade de seu quadro teórico. Em algumas obras, como, por exemplo, o “*Dicionário de linguística*”<sup>14</sup> e o “*Dicionário de linguística e gramática*”<sup>15</sup>, a retórica é apresentada como uma ferramenta para a análise linguística e/ou literária: ela é descrita ora como o estudo das propriedades do discurso (perspectiva da Análise do Discurso), ora como o estudo do discurso literário com intenção estilística. Em outras obras especializadas, como, por exemplo, o “*Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*”<sup>16</sup> e o “*Dicionário de análise do discurso*”<sup>17</sup>, a retórica é definida como uma ciência autônoma que se interessa pelos fenômenos do discurso: ela é tratada ora como um domínio de investigação que tradicionalmente uniu a arte da construção do discurso a uma teoria, ora como uma ciência teórica que se aplica ao exercício público da fala.

Nos dicionários de línguas, outras definições são encontradas. No “*Dicionário/enciclopédia Larousse*” (2002), a retórica é descrita como um conjunto de

---

<sup>14</sup> Dubois et all. (1973).

<sup>15</sup> Câmara Júnior (2002).

<sup>16</sup> Ducrot e Schaeffer (1995).

<sup>17</sup> Charaudeau e Mainguenu (2004).

procedimentos e de técnicas que organizam e regulamentam a arte de se expressar. Já no “*Dicionário Houaiss*” (2001), a retórica é apresentada como a arte da eloquência, isto é, a arte de argumentar e, por extensão, o conjunto de regras que regem a arte do bem dizer.

Esta breve busca em publicações especializadas e em dicionários de línguas foi suficiente para mostrar a falta de consenso sobre o que é retórica. Conceitos ora divergentes, ora complementares, parecem conviver e, notadamente, caracterizar a descrição dessa disciplina. Segundo Meyer (1998), isso se deve ao fato de que, ao longo da história,

a retórica recebeu uma quantidade de definições mais ou menos concorrentes que por vezes se excluíam, mas que por vezes também se imbricavam parcialmente. Hoje em dia ainda somos obrigados a verificar a ausência de unidade do domínio, como se houvesse uma perpetuação da imprecisão e do opróbrio originais que [...] foram conferidos [à retórica]. (Meyer, 1998, p. 20)

A falta de homogeneidade do conceito de retórica traz algumas consequências. Um exemplo disso é o valor pejorativo que a palavra retórica adquiriu ao longo do tempo. O uso de certas expressões, como, por exemplo, “você tem uma boa retórica” ou “chega de retórica por hoje”, veiculam uma concepção mutilada, e, apesar disso, muito difundida pelo senso comum, que remete à fala fácil, artificial e empolgada, definição que se distancia consideravelmente do âmago da retórica.

Na epígrafe desta seção, a retórica aparece atrelada ao ato de persuadir. Com efeito, desde sua gênese, essa disciplina visa à persuasão, isto é, seu objetivo é – e sempre foi – levar alguém a acreditar no discurso<sup>18</sup> do outro. Em outras palavras, a retórica tem o objetivo de convencer, ou melhor, de fazer compreender, de fazer crer no que está sendo enunciado. Para persuadir e/ou convencer, é preciso dominar a arte da palavra, conhecer seus segredos, seus artifícios e suas técnicas.

Estabelecer um conceito homogêneo para a retórica não constitui uma tarefa simples. Na realidade, é uma definição complexa que, desde a antiguidade grega, é tema de debates. Logo após sua criação, definições multifacetadas – elaboradas, principalmente, no contexto judiciário e no literário – parecem ter convivido até o

---

<sup>18</sup> Por discurso, estou entendendo aqui, toda produção, oral ou escrita, composta por uma frase ou por uma seqüência de frases.

momento em que Aristóteles se propõe a repensar e a (re)organizar o domínio dos estudos retóricos. Seu propósito era criar uma teoria para a disciplina Retórica. Para isso, ele se dedicou, inicialmente, a integrar a retórica em um sistema filosófico diferente daquele proposto pelos sofistas<sup>19</sup>, para depois transformá-la em um sistema propriamente dito (Reboul, 2004). Desse modo, Aristóteles instaura uma concepção de retórica bem diferente das anteriores, pois ele a coloca “em relação com outros monumentos de seu formidável edifício filosófico e define o domínio em oposição à lógica e à dialética de um lado, em oposição à ética e à poética de outro”<sup>20</sup> (Bertrand, 1999, p. 39).

Assim, conforme a proposta do célebre filósofo, a retórica, diferentemente da lógica, deve ocupar-se da comunicação habitual (do cotidiano), isto é, “quando não se pode decidir formalmente [...] os valores de verdade, [forma-se uma] opinião na língua do cotidiano através da única semelhança de verdade: o que pode [...] ser ou não ser, o verossímil”<sup>21</sup> (Bertrand, 1999, p. 39); e diferentemente da dialética, a retórica deve direcionar-se ao homem, em sua essência, como um todo, ou seja, “ao homem total capaz de julgar mas também vibrante de paixões que um orador pode acalmar ou ao contrário excitar”<sup>22</sup> (Bertrand, 1999, p. 39). De outro lado, distinguindo-se da ética, a retórica deve interessar-se pelos meios de “fazer valer, pela e na linguagem, as intenções do próprio discurso na situação concreta em que ele se manifesta”<sup>23</sup> (Bertrand, 1999, p. 39); e distinguindo-se da poética, a retórica deve dedicar-se à organização “dos mecanismos de intervenção, pelo discurso e pela progressão articulada de idéias, sobre a própria vida”<sup>24</sup> (Bertrand, 1999, p. 39).

Ao relacionar a retórica com outros domínios do seu projeto filosófico, Aristóteles mostra que em sua concepção ela não pode ser reduzida, simplesmente, ao poder de persuadir. No contexto das reflexões aristotélicas, a retórica é compreendida como “a arte de achar os meios de persuasão que cada caso

---

<sup>19</sup> Confira o tópico 1.1.2, neste capítulo.

<sup>20</sup> en relation avec les autres monuments de son formidable édifice philosophique, et en définit le domaine par opposition à la logique et à la dialectique d'un côté, par opposition à l'éthique et à la poétique de l'autre.

<sup>21</sup> lorsqu'on ne peut décider formellement [...] des valeurs de vérité [forma-se uma] opinion, dans la langue de tous les jours, à travers la seule semblance du vrai : ce qui peut [...] être ou n'être pas, le vraisemblable.

<sup>22</sup> l'homme total, capable de jugement mais aussi tout vibrant des passions qu'un orateur peut apaiser ou au contraire exciter.

<sup>23</sup> faire valoir, dans et par le langage, les visées du discours lui-même, dans la situation toujours concrète où il s'exerce.

<sup>24</sup> des moyens d'interventions, par le discours et la progression articulée des idées, sur la vie elle-même.



comporta” (Reboul, 2004, p. 24), isto é, os meios que cada situação enunciativa autoriza. A definição proposta pelo filósofo modifica, sensivelmente, o contexto dos estudos retóricos, pois, de acordo com Reboul, “dando à retórica uma definição mais modesta que a dos sofistas, ele [Aristóteles] a torna muito mais plausível e eficaz. Entre o “tudo” dos sofistas e o “nada” de Platão, a retórica se contenta com ser alguma coisa, porém de valor certo” (Reboul, 2004, p. 24).

O pensamento de Aristóteles parece ter trazido certa homogeneidade ao domínio da retórica, o que representa o primeiro passo em direção à elaboração de um sistema retórico propriamente dito. Antes de elaborá-lo, evidentemente, era preciso “limpar o terreno”, ou seja, estabelecer uma concepção de retórica coerente com o pensamento e com o edifício filosófico aristotélico para, depois, formular uma teoria consistente e assim construir as bases do sistema retórico que, ainda hoje, constitui a referência essencial para estudiosos de diferentes áreas de investigação científica.

Consciente dessa diversidade de concepções de retórica, tomarei como referência de base, daqui por diante, os conceitos propostos por Aristóteles (1967) e por Reboul (2004), que me parecem ser complementares. Desse modo, a retórica passa a ser compreendida, neste estudo, como um conjunto de conhecimentos (linguísticos, discursivos, situacionais) que são mobilizados na produção do discurso argumentativo. Ela é entendida como uma arte, arte no sentido técnico (a *“téckhné”*), a arte de encontrar os mecanismos de persuasão que cada situação discursiva comporta. Em outras palavras, a retórica é a arte de persuadir pelo discurso. A partir dessa definição, devo ampliar minha reflexão sobre a retórica, interrogando sobre suas funções. Descrever a retórica como uma arte que visa à persuasão através do discurso implica aceitar a primeira de suas funções, a persuasiva, que, conforme assinala Reboul (2004), ao lado da função hermenêutica, da heurística e da pedagógica, forma o total das quatro funções da retórica descritas pelo autor.

A função persuasiva, como se pode verificar, decorre de sua definição e pode ser descrita como a função primordial, a mais antiga e também a mais evidente. Para cumprir essa função, em aparência simples e comum, é preciso que haja um equilíbrio entre os mecanismos de ordem racional e de ordem afetiva que compõem o discurso persuasivo. Ao detalhar tais mecanismos, Reboul (2004) aponta que

os mecanismos de competência da razão são os argumentos. [...] São de dois tipos: os que se integram no raciocínio silogístico (entimema) e os que se fundamentam no exemplo. [...] Os meios que dizem respeito à afetividade são, por um lado, o *ethos*, o caráter que o orador deve assumir para chamar atenção do auditório [...], e por outro o *pathos*, as tendências, os desejos, as emoções do auditório. (Reboul, 2004, p. XII)

A partir da exposição do autor, compreende-se que a função persuasiva da retórica se estabelece pela atuação conjunta dos aspectos argumentativos (figuras de estilo, tese e argumentos) e dos aspectos oratórios (tom de voz, gestos, mímicas). Tais elementos nem sempre são facilmente diferenciados, ressalta Reboul, pois “a metáfora, a hipérbole, a antítese são oratórias por contribuírem para agradar ou comover, mas são também argumentativas no sentido de exprimirem um argumento condensando-o, tornando-o mais contundente” (Reboul, 2004, p. XVII).

Partindo, novamente, da definição de retórica que orienta este estudo, pode-se refletir sobre a função hermenêutica que remete à arte de interpretar os textos, isto é, os discursos retóricos. Para melhor compreender essa função, é preciso ter em mente que o discurso não é um acontecimento isolado. Ele relaciona-se com outros discursos com os quais dialoga, retomando-os, confirmando-os ou opondo-se a eles. Assim, a função hermenêutica possibilita ao orador compreender, interpretar e captar a força retórica de outros discursos a fim de atestar seus pontos fracos. De acordo com Reboul (2004), “para ser bom orador, não basta saber falar; é preciso saber também a quem se está falando, compreender o discurso do outro, seja discurso manifesto ou latente, detectar suas ciladas, sopesar a força de seus argumentos e sobretudo captar o não-dito” (Reboul, 2004, p. XIX).

Assinalar que o discurso relaciona-se com outros discursos significa que o orador está inserido em um processo de interlocução que pressupõe a existência de um auditório e/ou de outros oradores. Em outras palavras, o orador nunca está sozinho e isso constitui a lei fundamental da retórica que nos remete a terceira função dessa disciplina, a heurística. É a função da descoberta. Através dos debates retóricos, do embate de opiniões distintas, pode-se chegar a descoberta daquilo que está mais próximo da verdade, isto é, do verossímil. Nessa perspectiva, entende-se que o papel da retórica, ao defender esta ou aquela causa, é esclarecer, ou melhor, contribuir através de seus procedimentos para alcançar, para descobrir uma solução.

Depois de ter percorrido essas três perspectivas funcionais da retórica, chega-se a quarta e última função, a função pedagógica. Ela exerce uma

importância inegável nos bancos escolares. Ainda que a tenham suprimido dos programas de ensino, sua essência se manteve e se mantém até os dias atuais. Como exemplo disso, podem-se citar os mecanismos de avaliação textual nas classes de língua. É a retórica que ainda sobrevive e dita determinados modelos de organização discursiva. A função pedagógica da retórica parece estar diretamente relacionada à formação cultural que a escola possibilita ao aluno: “é verdade que existem outras culturas além da escolar, mas não existe cultura sem formação retórica. E aprender a arte de bem dizer é já e também aprender a ser” (Reboul, 2004, p. XXII).

### 1.1.1 A gênese da retórica

A retórica constitui [...] o primeiro testemunho ocidental de uma reflexão sobre o discurso.<sup>25</sup>  
(Ducrot ; Schaeffer)

A retórica, assim como a gramática, a dialética e a filosofia, pode ser definida como uma invenção essencialmente grega. De fato, é na Grécia antiga, aproximadamente por volta do século V a.C., que se encontra o embrião da retórica. Acontecimentos da esfera judiciária e da esfera literária contribuem significativamente para sua gênese e para sua estruturação.

Em um período caracterizado por grandes conflitos territoriais e por leis obscuras, a retórica encontra, na esfera judiciária, um terreno fértil para se desenvolver e adquire um papel fundamental nas contestações. Através da eloquência, muitas disputas territoriais foram solucionadas e, assim, a arte retórica tornou-se uma técnica, isto é, um “ensinamento distinto, independente dos conteúdos, que possibilitava defender qualquer causa e qualquer tese” (Reboul, 2004, p. 1).

Definida pelo filósofo Corax como a “criadora de persuasão”, a retórica rapidamente se configurou como uma disciplina a ser ensinada e aprendida, isto é, como uma competência a ser adquirida, aperfeiçoada e dominada. Surge então o primeiro modelo retórico, intitulado “Arte oratória”, composto de cinco partes: o exórdio; a relação dos fatos (narração); a argumentação (prova); a digressão

---

<sup>25</sup> la rhétorique constitue [...] le premier témoignage occidental d'une réflexion sur le discours.

(exemplo); e o epílogo (conclusão). Organizado por Corax, tal modelo tornou-se referência para a organização de novos modos de produção do discurso. Os esquemas narrativos, dissertativos e argumentativos, tal como se conhecem hoje, foram formulados com base neste primeiro modelo retórico (Bertrand, 1999).

Nessa formulação inicial, a retórica ocupa-se, exclusivamente, do gênero judiciário e do deliberativo. A criação do terceiro gênero da retórica, o epidídico (elogio público), deve-se a Górgias. Esse filósofo, ao fazer elogios públicos, elabora “uma prosa eloquente, multiplicando as figuras” (Reboul, 2004, p. 4) para tornar a composição em prosa tão bela quanto a poesia. Nessa orientação estética, ou especificamente literária, a retórica é colocada a serviço da boa eloquência, isto é, do belo. Não é por acaso que Górgias, muitas vezes, é chamado de sofista. Na realidade, assim como os sofistas, ele tenta convencer pela aparência, ou seja, pelo estilo de seu discurso. Nos elogios fúnebres, por exemplo, Górgias introduz “as formas, vindas da poesia, que podem aumentar a emoção do auditório e reforçar sua adesão: o jogo de simetrias e de assonâncias, de antíteses e de metáforas. Com ele aparece a prosa decorativa, sustentada por figuras, precursora da literatura”<sup>26</sup> (Bertrand, 1999, p. 37-38).

Com a contribuição de Górgias, a retórica passa a abordar os três gêneros do discurso (judiciário, deliberativo e epidídico), e os textos em prosa são remodelados. De fato, esse autor inaugurou uma nova concepção de prosa, e essa nova tendência parece ter sido adotada pela maioria dos escritores gregos da época. Assim, Górgias colocou a retórica a serviço do belo e, conseqüentemente, aproximou-a da sofística.

### **1.1.2 A contribuição dos sofistas**

Ao valorizar a prosa eloquente, decorada com múltiplas figuras, Górgias delineou novos contornos para o discurso retórico e aproximou, desse modo, retórica e sofística. Quais as implicações dessa relação para o domínio da retórica? Na realidade, essa aproximação trouxe à retórica preocupações estéticas até então desconsideradas pelos oradores. Desse modo, a retórica passou a servir ao belo,

---

<sup>26</sup> Les formes, venues de la poésie, qui peuvent accroître l'émotion de l'auditoire et renforcer son adhésion : le jeu des symétries et des assonances, celui des antithèses et des métaphores. Avec lui [Górgias] apparaît la prose décorative, nourrie de figures, ancêtre de la littérature.

mas “a serviço do belo quererá dizer a serviço da verdade?” (Reboul, 2004, p. 6). De acordo com Reboul, esse questionamento permeia toda a relação entre retórica e sofística.

A sofística pode ser descrita como uma vertente filosófica que se preocupa muito mais com o poder persuasivo do discurso e com sua estética do que propriamente com a noção de verdade. Reboul (2004, p. 9) assinala que “os sofistas criaram a retórica como arte do discurso persuasivo, objeto de um ensino sistemático e global que se fundava numa visão de mundo”. Trabalhando com a idéia de que a verdade nunca passa de um acordo entre interlocutores, os sofistas acreditam em um mundo sem verdade, isto é,

um mundo sem realidade objetiva capaz de criar o consenso de todos os espíritos. [...] Privado de uma realidade objetiva, o *logos*, o discurso humano fica sem referência e não tem outro critério senão o próprio sucesso: sua aptidão para convencer pela aparência de lógica e pelo encanto do estilo. A única ciência possível é, portanto, a do discurso, a retórica. (Reboul, 2004, p. 9)

A partir das palavras do autor, compreende-se que a sofística influenciou e modificou, de certa forma, o domínio disciplinar da retórica. Como resultado da influência, pode-se citar, por exemplo, a disposição do discurso e o ideal de prosa erudita apoiada em ornamentos; como exemplo da modificação, pode-se apontar o deslocamento do propósito da retórica, que até então era a busca da verdade. Com o advento da sofística, o discurso pretende não mais ser verdadeiro ou verossímil, mas ser, essencialmente, eficaz. Para Reboul(2004, p. 10), a finalidade dessa nova configuração da retórica “não é encontrar o verdadeiro, mas dominar através da palavra, ela já não está devotada ao saber, mas sim ao poder”.

Entende-se assim que, para os sofistas, convencer significa vencer, dominar o interlocutor pelo poder da palavra. O conhecimento que os sofistas possuíam das técnicas de persuasão é inegável. Foram eles, inclusive, os introdutores da retórica em Atenas. No entanto, a maneira como utilizavam sua retórica acabou estigmatizando-os como mercenários da palavra, dado que eles vendiam seus conhecimentos das técnicas argumentativas mais eficazes para ganhar a adesão do auditório a quem melhor lhes pagasse, sem levar em conta a causa que defendiam. Conforme já foi ressaltado, o propósito de sua retórica era promover um discurso

eficaz, independente de ser verdadeiro ou não, isto é, dominar através da palavra nem que para isso fosse preciso criar uma ilusão de verdade.

Percebe-se assim que não foi por acaso que os sofistas tornaram-se alvo de muitas críticas e sofreram o desprezo de Platão. De fato, em dois de seus diálogos<sup>27</sup> – *Górgias* e *Fedro* – Platão, pela voz de Sócrates, apresenta severas críticas à retórica ilusionista de Górgias e dos sofistas. Em oposição a ela, Platão sugere a organização de uma outra retórica, que estaria fundamentada “na organização do saber (por divisão e por síntese), na busca da verdade e do conhecimento das almas, isto é, do próprio auditório”<sup>28</sup> (Bertrand, 1999, p. 38). Apesar dos esforços de Platão, sua proposição de uma nova retórica acabou sendo ofuscada e criticada pelas reflexões de Aristóteles (seu discípulo e um de seus críticos mais rigorosos), que, ao repensar e ao reformular o domínio da retórica, salvou-a da extinção e deu-lhe um novo lugar no mundo.

### 1.1.3 As reflexões aristotélicas acerca da arte retórica

Ao integrar à arte retórica um sistema filosófico diferente daquele desenvolvido pelos sofistas, Aristóteles<sup>29</sup> propôs uma nova concepção de retórica e se dedicou à organização de um quadro teórico e metodológico que a sustentasse e orientasse. Desse modo, o autor atribuiu um papel, inicialmente, modesto à retórica, mas, segundo Reboul (2004, p. 27), “indispensável num mundo de incerteza e de conflitos”. A consolidação do referencial teórico-metodológico proposto por Aristóteles pode ser verificada na obra *Arte Retórica* que até hoje constitui uma das maiores referências sobre o assunto. Logo nas primeiras páginas dessa obra, ao tratar da relação entre retórica e dialética, o autor demonstra que a perspectiva adotada por ele é muito distinta das precedentes. Para Aristóteles, dialética e retórica constituem domínios de uma mesma dimensão, de um mesmo plano (diferentemente do que pregavam seus antecessores)<sup>30</sup>: não são nomenclaturas que designam a mesma disciplina, pelo contrário, são disciplinas distintas, mas que

<sup>27</sup> Confira também *O Banquete* de Platão.

<sup>28</sup> sur l’organisation du savoir (par division et par synthèse), la recherche de la vérité et la connaissance des âmes, c’est-à-dire de l’auditoire lui-même.

<sup>29</sup> Confira o tópico 1.1, neste mesmo capítulo.

<sup>30</sup> Confira as obras de Sócrates e Platão.

se solidarizam, servem uma à outra: “a retórica é apenas uma “aplicação”, entre outras, da dialética [...]. Inversamente, a retórica utiliza a dialética como um meio, entre outros, de persuadir” (Reboul, 2004, p. 35).

A dialética é compreendida por Aristóteles como a arte do diálogo ordenado, isto é, como um jogo em que interessa o provável: “em filosofia, é preciso tratar as questões segundo a verdade, mas em dialética somente segundo a opinião” (Aristóteles *apud* Reboul, 2004, p. 28). Neste ponto a dialética parece aproximar-se da retórica, que também se interessa pelo provável, pois, como ressaltou Mosca,

o ponto fundamental da doutrina aristotélica, no que toca à Retórica, reside em considerá-la no domínio dos **conhecimentos prováveis** e não das certezas e das evidências [...]. Por essa razão, o seu campo é o da controvérsia, da crença, do mundo da opinião, que se há de formar **dialeticamente**, pelo embate das idéias e pela habilidade no manejo do discurso. (Mosca, 2004, p. 20)

Retórica e dialética pertencem ao mesmo plano, como o próprio Aristóteles sugeriu. Nessa perspectiva, a dialética é descrita como um jogo especulativo de que a retórica se utiliza como instrumento de persuasão. A retórica, por sua vez, é descrita não como um jogo, mas sim como um instrumento de ação social cujo domínio é o da deliberação. A fim de melhor elucidar essa relação, apoio-me nas palavras de Reboul, para quem retórica e dialética representam

duas disciplinas diferentes, mas que se cruzam como dois círculos em intersecção. A dialética é um jogo intelectual que, entre suas possíveis aplicações, comporta a retórica. Esta é a técnica do discursivo persuasivo que, entre outros meios de convencer, utiliza a dialética como instrumento intelectual. Pois bem, se os dois círculos podem cruzar-se, é porque se situam no mesmo plano, e – indo mais longe – porque pertencem em sentido estrito ao mesmo mundo. (Reboul, 2004, p. 39)

Ao pensar que as duas disciplinas pertencem ao mesmo mundo, o autor parece estar se referindo à crença de Aristóteles de que há dois mundos: o céu, isto é, um mundo divino; e a terra, ou seja, um mundo sujeito à ação dos homens, ao acaso, à imprevisibilidade, ao provável e ao verossímil. Este é o mundo da retórica e da dialética, “um mundo onde a previsão é mais ou menos provável, onde a decisão é mais ou menos justa” (Reboul, 2004, p. 40-41).

Em suma, para Aristóteles, a retórica, definida como a arte de discorrer, está em estreita correspondência com a dialética, definida como a arte de argumentar. Para o filósofo grego,

não se trata de estabelecer conclusões rigorosamente necessárias mas de defender uma “tese”, uma proposição “inicial” mediante argumentos a fim de torná-la provável e de prová-la, isto é, [torná-la] digna de ser aceita como verossímil, por consequência, próxima da “verdade”.<sup>31</sup> (Vignaux, 1988, p. 35)

Partindo da idéia de que a retórica utiliza-se da dialética para convencer, ou seja, de que a dialética parece constituir a parte argumentativa da retórica, Aristóteles foi dando forma ao seu referencial teórico na obra *Arte Retórica*. Redigida, aproximadamente, entre 329 e 323 a.C., essa obra representa a primeira reflexão sistemática, teórica e prática organizada sobre a arte da oratória e as técnicas de persuasão. Conforme assinala Bertrand (1999, p. 103), a *Arte Retórica*, à primeira vista, pode parecer um manual destinado a estudantes, já que o conteúdo exposto “é, às vezes, metódico, prático e até mesmo prescritivo”<sup>32</sup>. Na realidade, complementa o autor, esse texto constitui a verdadeira bíblia da retórica ocidental e, juntamente com outras publicações aristotélicas,

terá uma influência considerável sobre os pensamentos mediterrâneo, árabe-islâmico e ocidental. Desde o nascimento da escolástica medieval e do pensamento de São Tomás de Aquino, ele [o texto *Arte Retórica*] é analisado, comentado, retomado até os desenvolvimentos atuais da análise dos discursos.<sup>33</sup> (Bertrand, 1999, p. 103)

A *Arte Retórica* de Aristóteles tornou-se uma grande obra de referência, principalmente, porque nela encontramos a sistematização dos elementos subjacentes e inerentes ao discurso. Ela constitui a obra de fundação da técnica retórica, isto é, o esqueleto que dá sustentação ao discurso persuasivo. Dividida em três partes, essa obra dedica o primeiro livro ao raciocínio, o segundo a uma teoria das emoções e o terceiro ao estilo e às figuras. Conforme o próprio Aristóteles afirmou, “existem três coisas a considerar em um discurso: o orador, aquilo do que

<sup>31</sup> il ne s’agit pas d’établir des conclusions rigoureusement nécessaires mais de défendre une “thèse”, une proposition “première” par des arguments à même de la rendre probable et donc probante, c’est-à-dire [torná-la] digne d’être acceptée comme vraisemblable, par suite proche du “vrai”.

<sup>32</sup> est à la fois méthodique, pratique, même prescriptif.

<sup>33</sup> il aura une influence considérable sur les pensées méditerranéennes, arabo-islamique et occidentale. Depuis la naissance de la scolastique médiévale et la pensée de saint Thomas d’Aquin, il est analysé, commenté, repris jusqu’aux développements actuels de l’analyse des discours.



ele fala, o auditório”<sup>34</sup> (Aristóteles *apud* Bertrand, 1999, p. 40). Considerando essas palavras, compreende-se o motivo pelo qual cada livro da *Arte Retórica* parece estar centrado em um desses componentes.

O primeiro livro está direcionado ao orador. Ele trata do raciocínio que está subjacente à produção do discurso e apresenta o(s) modo(s) de organizar a argumentação a fim de conquistar a adesão do auditório e de persuadi-lo. É a *inventio*.

O segundo livro é dedicado ao auditório. Ele contempla as emoções e as paixões que podem ser mobilizadas no e pelo discurso. Além disso, nesse livro, são apresentadas também reflexões acerca dos argumentos e dos exemplos analisados a partir da perspectiva do auditório. O entimema, “raciocínio chave da retórica, [que] tem por característica essencial fazer o auditório participar da construção do sentido”<sup>35</sup> (Bertrand 1999, p. 41), é parte importante das reflexões que compõem esse livro.

Já o terceiro livro é dedicado à organização do discurso propriamente dita: a *elocutio* e a *dispositio*. Ele apresenta orientações de como organizar um discurso que comova o auditório (*elocutio*). Para isso, trata de aspectos referentes ao tom de voz, à escolha das palavras, ao estilo e às figuras, como, por exemplo, metáforas e antíteses. Além disso, esse terceiro módulo da obra estabelece a ordem do discurso, isto é, o encadeamento das diferentes partes que estão distribuídas entre o exórdio e a peroração (*dispositio*).

O detalhamento e a organização da arte da oratória e das técnicas de persuasão conferem a Aristóteles o mérito de ter constituído a primeira teoria do discurso. Esta teoria mostra-se, por vezes, descritiva – já que o autor recorta, descreve e classifica, didaticamente, o discurso em diferentes partes – e por vezes, prescritiva, pois ele estabelece e determina como o orador pode tornar seu discurso mais eficaz (Bertrand, 1999).

O trabalho desenvolvido por Aristóteles, de fato, reestruturou o domínio da retórica e, conseqüentemente, transformou e aumentou significativamente o seu campo de atuação. Estudiosos posteriores, como, por exemplo, Cícero e

---

<sup>34</sup> il y a trois choses à considérer dans un discours : l'orateur, ce dont il parle, l'auditoire.

<sup>35</sup> raisonnement clef de la rhétorique, a pour caractéristique essentielle de faire participer l'auditoire à la construction du sens.

Quintiliano<sup>36</sup>, dedicaram-se à ampliação do sistema retórico, sem modificá-lo. Isso prova a autenticidade e a fecundidade da teoria aristotélica que, por meio de um sistema retórico coeso, serviu (e ainda serve) de referência para diferentes domínios de investigação científica das ciências da linguagem.

## 2 Considerações sobre o sistema retórico

Dizer da retórica que ela é uma teoria do discurso, isso significa que ela é às vezes uma metalinguagem, uma ciência e uma técnica.<sup>37</sup>  
(Bertrand)

Ao reorganizar a retórica e ao inseri-la em um sistema filosófico, Aristóteles promoveu-a de prática social – que “tem por função conjurar a violência e regular o exercício da palavra entre os indivíduos”<sup>38</sup> (Bertrand, 1999, p. 36) – à teoria do discurso e, como tal, ela passou a ser metalinguagem, ciência e técnica. Ao nomear, classificar e descrever as partes do discurso, a retórica é metalinguagem, isto é, uma linguagem que discorre sobre a própria linguagem; ao definir diferentes efeitos discursivos, ao distinguir a linguagem argumentativa (que busca convencer) da linguagem figurada (que busca seduzir), a retórica apresenta-se como uma ciência que organiza seus tratados e suas teorias; e ao propor orientações de como organizar o discurso a fim de torná-lo persuasivo e eficaz, a retórica constitui uma técnica, um conjunto de regras do e sobre o discurso.

Desse modo, Aristóteles atribui à retórica um lugar de destaque entre as demais disciplinas, um lugar só seu, que foi homologado quando a retórica passou a constituir, ela mesma, um sistema. Esse sistema retórico é composto de quatro partes, que correspondem às diferentes fases percorridas pelo orador durante a composição de seu discurso:

Inicialmente, é preciso achar o que dizer; em seguida, ordenar o que se encontrou e proceder a um investimento no plano da expressão, de modo a ter adequação nas escolhas. Na realidade, o que se dá é que o pensamento, as idéias se forjam num trabalho conjunto com linguagem,

<sup>36</sup> Cabe a esses autores a ampliação e o melhoramento do sistema retórico proposto por Aristóteles.

<sup>37</sup> dire de la rhétorique qu'elle est une théorie du discours, cela signifie qu'elle est à la fois un métalangage, une science et une technique.

<sup>38</sup> a pour fonction de conjurer la violence et de réguler l'exercice de la parole entre les individus.

resultando que aprender a exprimir-se é também aprender a pensar. (Mosca, 2004, p. 27-28)

As quatro partes parecem estar interligadas por uma ordem que vai da cognição (formulação da mensagem) à verbalização (articulação da mensagem). Em outras palavras, o encadeamento das partes está orientado do plano das idéias ao plano da expressão. Isso pode ser verificado na descrição de cada componente e, até mesmo, na nomenclatura empregada para referi-los. Para os gregos, o sistema retórico era composto de quatro partes: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *actio*. Os autores latinos ampliaram esse sistema acrescentando-lhe a *memoria*.

Tomando como base o sistema grego, Reboul (2004) salienta que essas partes constituem “os grandes capítulos dos tratados de retórica” (Reboul, 2004, p. 43). O autor assinala ainda que elas apresentam, na realidade, as “tarefas (*erga*) que devem ser cumpridas pelo orador. Se este deixar de cumprir alguma delas, seu discurso será vazio, ou desordenado, ou mal escrito, ou inaudível” (Reboul, 2004, p. 44).

As etapas propostas no dispositivo retórico compõem um roteiro de grande importância na composição de discursos coerentes, coesos e bem organizados. Ainda hoje, essas etapas parecem orientar e influenciar, explícita ou implicitamente, a aprendizagem da argumentação.

## 2.1 A retórica e sua subdivisão

O dispositivo retórico foi dividido em cinco partes a fim de otimizar o processo de produção do discurso: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *actio* e *memoria*.

A *inventio* pode ser definida como o processo de seleção dos mecanismos persuasivos empreendido pelo orador. Nessa primeira etapa, ele reflete sobre os argumentos, sobre as provas e sobre as demais técnicas persuasivas que estão relacionadas ao assunto abordado em seu discurso. De acordo Bertrand (1999), de todas as partes da retórica, a *inventio* é aquela que, em termos de conteúdo, é a mais rica. Essa etapa abrange “a busca e a definição dos argumentos, seu substrato (os *topoîs*)<sup>39</sup>, as relações entre argumento e exemplo, a relação emocional entre

---

<sup>39</sup> *Tópos* (plural: *topoî*) é uma palavra de origem grega que designa *lugar comum*. De acordo com

orador e auditório”<sup>40</sup> (Bertrand, 1999, p. 70). Ela é a parte essencial do dispositivo retórico, em que, além de selecionar os elementos destacados acima, o orador deve questionar-se também sobre o gênero de discurso que melhor se adapta ao assunto.

Depois de selecionados os argumentos, segue-se a ordenação dos mesmos no plano discursivo, na etapa chamada de *dispositio*. É a planificação do discurso, sua organização interna, que, no modelo clássico<sup>41</sup>, conta com os seguintes componentes: o exórdio, a narração, a prova (confirmação e refutação) e a peroração<sup>42</sup>. Os componentes das duas extremidades – o exórdio e a peroração – são responsáveis pela mobilização das formas passionais da persuasão e devem, portanto, tocar o auditório; já os componentes do centro – a narração e a prova –, muito mais demonstrativos, “devem reunir os espíritos” (Bertrand, 1999, p. 85).

Realizada a planificação do discurso, inicia-se a terceira etapa a ser percorrida pelo orador: a *elocutio*. Esta etapa refere-se à expressão escrita do discurso, ao seu estilo ou, como destaca Mosca (2004, p. 28), às “escolhas que podem ser feitas no plano da expressão para que haja adequação forma/conteúdo”. Ao fazer essas escolhas, o orador deve ter em mente os preceitos do bem dizer que compreendem a correção, a clareza, a concisão, a adequação e a elegância (2004, p. 28). A *elocutio* comporta ainda o uso de figuras de estilo, configurando-se, portanto, como o ponto em que a retórica encontra a literatura (Reboul, 2004).

Percorridas as três etapas iniciais, que constituem a preparação do discurso, chega-se ao ponto fundamental da retórica – à *actio*, ou seja, à verbalização, à proferição efetiva do discurso. Essa etapa constitui o próprio alvo da retórica. Ela permite atingir o público, convencendo-o por meio de raciocínios e persuadindo-o através da emoção (Mosca, 2004). Para isso, além de apoiar-se nos mecanismos de persuasão, o orador baseia-se também em “elementos supra-segmentais (ritmo, pausa, entonação, timbre de voz) e (na) gestualidade” (Mosca, 2004, p. 29).

A quinta e última etapa do dispositivo retórico é a *memoria*. Essa etapa é resultado de uma ampliação, realizada pelos autores latinos, no sistema aristotélico.

Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 475), o *tópos* pode ser definido como “um elemento de uma tópica, sendo uma tópica uma heurística, uma arte de coletar informações e fazer emergir argumentos”. Nessa perspectiva, o *tópos* é um esquema discursivo característico das produções argumentativas. É um tipo de argumento.

<sup>40</sup> la recherche et la définition des arguments, leur substrat (les topoïis), les rapports entre argument et exemple, la relation émotionnelle entre l’orateur et l’auditeur.

<sup>41</sup> Digo isso porque existem outras possibilidades de organização da *dispositio*, cuja estrutura pode variar de duas a sete partes.

<sup>42</sup> Para informações mais detalhadas sobre cada uma dessas partes, confira Reboul (2004).

Estando mais relacionada com o discurso oral, a *memoria* instaura-se como uma técnica de retenção do conteúdo a ser transmitido e dos mecanismos de persuasão aplicados na sua execução. De acordo com Mosca (2004, p. 29-30)), para que haja retenção do discurso na memória, alguns elementos essenciais devem ser observados, como, por exemplo, “a própria estrutura do discurso, a sua coerência interna, o encadeamento lógico das partes e a eurtmia de suas frases”. A autora assinala ainda que a *memoria*, além de possibilitar a retenção das informações, permite também a improvisação.

Percorrendo as diferentes partes que compõem o arcabouço retórico, é possível perceber a criteriosa sistematicidade com que Aristóteles engendrou e desenvolveu o seu pensamento acerca da arte retórica. O sistema proposto por ele pode ser descrito como uma verdadeira obra-prima dos estudos da linguagem. Mantendo-se vivo ao longo dos séculos, esse dispositivo retórico influenciou e ainda influencia as práticas comunicativas contemporâneas. Como exemplo disso, podemos citar os gêneros do discurso (assunto abordado na sequência), que têm sua origem no contexto da retórica aristotélica e ainda hoje são alvos de calorosas discussões. Justamente na tentativa de compreender a origem de algumas questões retóricas, como, por exemplo, os gêneros do discurso e as noções de *ethos*, *pathos* e *logos*, nas seções seguintes, refletirei exclusivamente sobre o plano da *inventio*, a fim de perceber a influência dos postulados aristotélicos nas pesquisas linguísticas atuais.

## **2.2 Os gêneros do discurso no dispositivo retórico**

Ao descrever as peculiaridades da primeira etapa de composição do discurso, a *inventio*, Aristóteles chama a atenção para a necessidade de o orador refletir sobre o tipo de discurso, isto é, sobre o gênero que melhor se adapta ao assunto abordado em sua produção. Partindo dos postulados retóricos que o antecedem, Aristóteles retoma os três gêneros oratórios (o judiciário, o deliberativo e o epidídico) e dedica-se a refletir sobre eles. Seu propósito é explicar a relação que se estabelece entre os diferentes gêneros e seus respectivos auditórios, pois, para ele, a existência de gêneros distintos justifica-se por haver três espécies de auditório: “é a necessidade de adaptar-se a eles que confere traços específicos a cada gênero; conforme as

peças a quem nos dirigimos, não falaremos da mesma maneira” (Reboul, 2004, p. 45). Além disso, cada gênero possui também características específicas que dizem respeito à organização interna do discurso, como, por exemplo, aos atos de fala e aos mecanismos de marcação temporal.

O gênero judiciário é produzido para conquistar a adesão de um tribunal. Ele ampara-se em atos de fala que remetem à acusação e à defesa da causa debatida. Nessa esfera de produção linguística, discorre-se sobre valores de justiça, ou seja, sobre o que é justo e o que é injusto. Nessa perspectiva, o tempo do discurso judiciário é o passado, pois são fatos do passado que precisam ser esclarecidos, qualificados, avaliados e julgados. A organização argumentativa do gênero judiciário, que, tradicionalmente, é fundamentada por leis, serve-se de “raciocínios silogísticos (entimemas), próprios a esclarecer a causa dos fatos” (Reboul, 2004, p. 46).

O gênero deliberativo tem como auditório uma Assembléia (Senado). Tratando de assuntos que interessam a uma coletividade, o discurso deliberativo aborda questões referentes a “recursos financeiros, à guerra e paz, à defesa territorial, à importação e exportação e à legislação” (Mosca, 2004, p. 32). Sua ênfase está em aconselhar ou desaconselhar sobre o que é útil e o que é nocivo para a cidade (*polis*). Desse modo, o tempo característico desse discurso é o futuro, pois se trata de tomar decisões e de formular projetos para o desenvolvimento da cidade. No que concerne à organização argumentativa, Reboul (2004, p. 46) ressalta que o gênero deliberativo, “dirigindo-se a um público mais móvel e menos culto, prefere argumentar pelo exemplo, que, aliás, permite conjecturar o futuro a partir dos fatos do passado”.

O gênero epidídico direciona-se ao grande público, aos espectadores de um modo geral que assistem aos elogios e às orações fúnebres. O discurso epidídico pode censurar ou elogiar (louvar) os homens (mortos em batalhas), as cidades ou os heróis. Os valores que caracterizam este gênero são o nobre e o vil, valores que pouco interessam ao coletivo. O tempo verbal característico do epidídico é o presente, pois “o orador propõe-se à admiração dos espectadores, ainda que extraia argumentos do passado e do futuro” (Reboul, 2004, p. 46). A organização argumentativa recorrente neste gênero é a amplificação, pois “os fatos são conhecidos pelo público, e cumpre ao orador dar-lhes valor, mostrando sua importância e sua nobreza” (Reboul, 2004, p. 46).

A classificação aristotélica configura-se com base nos objetivos de cada gênero e no contexto. Embasado nestes elementos, Aristóteles teve o mérito de formular a primeira teoria dos gêneros do discurso. Ao longo do tempo, sua proposta foi se atualizando e se modificando em função de novas reflexões, de novas necessidades languageiras e de novos meios de comunicação. Hoje, os gêneros do discurso apresentam-se em número ilimitado e constituem um domínio de investigação científica promissor que tem chamado a atenção de estudiosos de diferentes áreas das ciências da linguagem.

### 2.3 A gênese do *ethos*

No plano da *inventio*, além de selecionar o gênero do discurso, o orador tem de encontrar também os argumentos que vão contribuir para a persuasão. Aristóteles define três tipos de argumentos: dois de ordem afetiva, o *ethos* e o *pathos*; e um de ordem racional, o *logos*. Cada um desses argumentos está relacionado, respectivamente, a três elementos fundamentais em uma produção argumentativa: o orador, o auditório e o discurso (aquilo de que fala o orador).

O *ethos* pode ser definido como a imagem que o orador constrói de si mesmo no e pelo discurso. Dito de outro modo, é o caráter do orador que é representado através do discurso. A seleção de técnicas argumentativas, a escolha lexical e sintática, a voz, a gestualidade, a postura e a maneira de se expressar são alguns dos elementos que contribuem na construção dessa identidade. Ao tomar a palavra, o orador está se projetando no plano discursivo e, concomitantemente, está persuadindo, pois, de acordo com Aristóteles,

Persuade-se pelo caráter (= *ethos*) quando o discurso é organizado de maneira a tornar o orador digno de confiança; confiamos, de fato, de modo mais imediato e intenso em homens de bem, no tocante a todos os assuntos em geral, e completamente no tocante a questões que, não admitindo nenhum grau de certeza, deixam margem a dúvidas. (Liv. I, 1356a, 4-7 *apud* Maingueneau, 2006)

Em outras palavras, o caráter, por si só, apresenta-se como um poderoso elemento persuasivo. O próprio Aristóteles ressaltou essa característica ao destacar que o *ethos* constitui a mais importante das três provas engendradas pelo discurso,

porque a prova do caráter está diretamente relacionada com as impressões que o auditório vai formando e construindo no decorrer do discurso. Se o orador inspira confiança, o auditório mostra-se solidário e, conseqüentemente, adere às teses apresentadas, sendo persuadido; no entanto, se o orador não conquistar essa confiança, ele nada obterá do seu auditório, “sejam quais forem seus argumentos lógicos” (Reboul, 2004, p. 48).

Para construir uma imagem positiva de si, o orador tem de preencher condições mínimas de credibilidade: ele deve ser prudente, virtuoso e benevolente. Essas seriam as qualidades fundamentais que devem ser observadas pelo orador para conquistar a confiança do auditório durante a produção do seu discurso. Essas três razões são, segundo Aristóteles,

as únicas, afora as demonstrações, a determinar nossa crença: a prudência (*phronesis*), a virtude (*arete*) e a benevolência (*eunoia*). Quando ocorre de os oradores alterarem a verdade sobre aquilo que dizem ao falar ou aconselhar, isso se deve a todas essas razões ao mesmo tempo ou a uma delas: ou, por falta de prudência, pensam erroneamente, ou, pensando corretamente, deturpam o que pensam por falta de virtude, ou então, ainda que prudentes e virtuosos, não são benevolentes; por essas razões pode ocorrer de, sabedores do melhor curso de ação, não o aconselharmos. (Liv. II, 1378a, 6-14 *apud* Maingueneau, 2006)

Na realidade, para obter sucesso em sua exposição, o orador deve prestar atenção na imagem de si que vai sendo construída no decorrer do discurso. Conforme lembra Reboul, *ethos* é um termo que remete à moral, que faz referência à ética, aos princípios morais que regem a conduta em sociedade. O *ethos* pode ser definido como o “caráter moral que o orador *deve parecer ter*, mesmo que não tenha deveras” (Reboul, 2004, p. 48). Em outras palavras, na condição de orador que pretende persuadir um determinado auditório, o indivíduo deve parecer ser prudente, virtuoso e benevolente. É diante destas características que ele pode inspirar a simpatia, a confiança e a crença de seu público.

Por mobilizar emoções e reações no auditório, o *ethos*, assim como o *pathos*, é situado no plano afetivo. O primeiro diz respeito ao orador, mais especificamente, à imagem que ele constrói de si ao longo do discurso com vistas a inspirar a confiança do auditório; o segundo refere-se ao auditório, mais precisamente, à disposição emocional do auditório para aceitar as teses defendidas pelo orador.

O *pathos* pode ser definido como uma teoria das emoções e dos valores, isto é, “como o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar

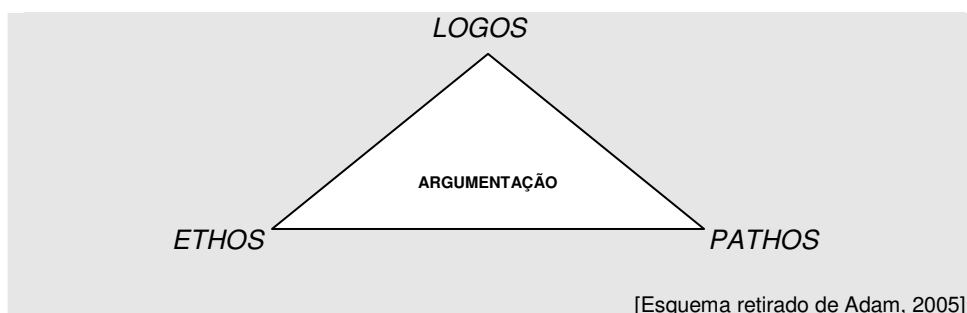


no auditório com seu discurso” (Reboul, 2004, p. 48). O estudo do *pathos* tem grande relevância no contexto da obra de Aristóteles, pois o autor dedica um espaço considerável na *Arte Retórica* a este assunto. Além das reflexões aristotélicas, o *ethos* e o *pathos* foram alvo de investigações realizadas por Quintiliano<sup>43</sup>, entre outros autores.

Se o *ethos* e o *pathos* constituem argumentos relacionados à afetividade, o *logos*, por sua vez, está relacionado à racionalidade. Cabe a ele organizar a argumentação propriamente dita e estruturar o plano textual, ou seja, cuidar da forma como os argumentos e os raciocínios são expressos ao longo do texto. Nessa perspectiva, compreende-se que o *logos* é o aspecto dialético da retórica, pois, através dele, as técnicas argumentativas são veiculadas no plano discursivo. Por comportar o cerne da retórica, isto é, a argumentação, o *logos*, ao lado das figuras de estilo, foi o elemento da retórica mais estudado ao longo dos séculos.

Nesta seção, buscou-se compreender a gênese de uma noção que ocupa um lugar de destaque em nossa pesquisa: a questão do *ethos*. Evidentemente, estudar a origem do *ethos* aristotélico implica tratar também das noções de *pathos* e de *logos*. Esses três componentes da persuasão apresentam-se muito “mais complementares do que concorrentes, presentes em qualquer movimento argumentativo”, conforme mostra Adam (2005, p. 94). O esquema reproduzido abaixo ilustra a complementaridade entre esses três polos, que orientam a estrutura dinâmica dos discursos argumentativos e que por ela são também orientados, e cujas relações devem ser levadas em conta quando se empreendem análises no campo da argumentação.

Tabela 1: Esquema *ethos, pathos e logos*



<sup>43</sup> Confira: Quintiliano, *Institution Oratoire*. [Trad. Francês: J. Coisin]; Les Belles-Lettres, 7 vols., 1975-1980, AL.

Através do esquema proposto por Adam (2005), percebe-se que, desde a sua gênese, o *ethos* constitui uma categoria que se constrói justamente pelas relações que estabelece como o *pathos* e com o *logos*. Desse modo, torna-se impossível isolá-lo: constituindo-se através dessa complementaridade, o *ethos* não existe sozinho, pois se constrói no e pelo discurso (*logos*) que é produzido para mobilizar as paixões, as reações de um determinado auditório (*pathos*). No contexto atual<sup>44</sup>, o *ethos* e o *pathos* voltaram a fazer parte das reflexões sobre o discurso, instaurando-se como objetos de investigações científicas realizadas no âmbito da teoria da argumentação, da pragmática e da análise do discurso.

### 3 Instabilidades do percurso

Todo o esforço de Aristóteles em inserir a retórica em um edifício filosófico consistente e em torná-la uma teoria do discurso não garantiu a esse domínio um percurso homogêneo e estável. Pelo contrário, de Aristóteles até os dias atuais, a palavra que melhor caracteriza a trajetória das reflexões sobre retórica parece ser instabilidade. De fato, como já foi mencionado no decorrer dessa explanação, da gênese ao seu declínio e à sua revitalização, a retórica traçou um caminho árduo, sinuoso e cheio de obstáculos.

Apesar das dificuldades, das “crises existenciais” e das transformações a que teve de se submeter, a retórica continua sendo uma disciplina de valor inestimável. Quando se pensa que se esgotaram as possibilidades de sua aplicação, surgem novas necessidades comunicativas e com elas novos itinerários e novos campos de atuação à retórica. Exemplo disso são os seus desdobramentos no final de século XX, que também podem ser descritos como novas formulações teóricas, novas perspectivas de análise, ou, como destacou Klinkenberg (2004), *novas retóricas*, que se nutrem de velhas fontes e convergem todas elas para a tradição aristotélica. Tais desdobramentos são representados pelas Neo-retóricas, “de que são exemplos as Teorias da Argumentação<sup>45</sup>, fundadas nas lógicas não-formais [...] e nas lógicas

---

<sup>44</sup> Confira o tópico 2.2, no Capítulo III.

<sup>45</sup> Desenvolvidas por estudiosos como, por exemplo, Perelman e Olbrecht-Tyteca, Meyer, Lempereur e outros.

naturais<sup>46</sup>, assim como a Retórica Geral do Grupo  $\mu^{47}$  (Mosca, 2004, p. 20). Essas diferentes abordagens da retórica no contexto atual são apenas uma pequena amostra de sua fecundidade e de sua atualização.

### 3.1 Do auge ao declínio

Conforme se destacou em tópicos anteriores, a fecundidade das idéias aristotélicas foi atestada pelos seus sucessores, que deram continuidade a sua proposta retórica, ampliando-a e difundindo-a. Desse modo, a retórica, além de manter-se viva, foi sendo enriquecida não só no contexto da cultura grega, como também na cultura latina. Como exemplo disso, podem-se citar os modelos retóricos formulados por Cícero e por Quintiliano, que retomaram questões tratadas por Aristóteles.

Novos tempos, novos autores, novos contextos e novas aplicações da arte retórica. Retórica e moral, retórica e democracia, retórica e cristianismo, retórica e literatura. Em meio a tantas adaptações e a tantas transformações, a retórica foi sobrevivendo. Ela passou pelo período latino, pela Idade Média e chegou ao Renascimento, época que baliza o começo de seu declínio. De fato, as idéias renascentistas lançam um golpe profundo à retórica quando estabelecem uma cisão entre o argumentativo e o oratório. A ligação entre esses dois elementos fortalecia e dava sustentação à retórica. De acordo com Reboul (2004, p. 79), esse acontecimento “separa absolutamente a dialética, arte da argumentação racional, da retórica, reduzida [...] à elocução”.

A partir do século XVI, a retórica começa a ser alvo de muitas críticas. No contexto filosófico, Descartes, Locke e os positivistas questionaram os objetivos e as funções da retórica e rejeitaram-na. No contexto literário, Victor Hugo e os românticos também a excluíram. No contexto pedagógico, a retórica, que constituía uma das disciplinas escolares, foi substituída, e o termo banido dos programas de ensino franceses (Bertrand, 1999). Diante dessa crise, a retórica, pouco a pouco, foi enfraquecendo, apagando-se e, por fim, desaparece do domínio filosófico, literário e

---

<sup>46</sup> Promovidas por autores como Grize e Vignaux, entre outros.

<sup>47</sup> Trabalhada por pesquisadores como Klinkenberg e Dubois, além de outros.

pedagógico. Conforme destacou Klinkenberg (2004, p.14), este é o “descrédito intelectual que a atingiu no século XIX”.

### **3.2 Sobre a revitalização dos estudos retóricos**

Abandonada e totalmente desacreditada, a retórica foi se fragmentando, isto é, dividindo-se em pequenas partes<sup>48</sup> que passaram a representar novos domínios de investigação. Diante dessa segmentação, pensava-se que a retórica havia sido extinta. No entanto, todo esse processo, a princípio compreendido como o esfacelamento da retórica, parece ter tido efeito contrário. Os fragmentos, que, à primeira vista, constituiriam domínios independentes, serviram como pequenas sementes da arte retórica. Evidentemente, nem todas germinaram. No entanto, aquelas que guardavam o gene da essência retórica foram nutridas pela interdisciplinaridade característica das ciências humanas. Desse modo, lentamente, na segunda metade do século XX, algumas sementes foram dando sinais de que brotariam e de que poderiam devolver à retórica o seu lugar de direito no contexto das ciências humanas. Os frutos dessas sementes são, justamente, as retóricas de hoje, as Neo-retóricas.

Desenvolvidas inicialmente na França e, depois, estendendo-se a outros países da Europa, as novas retóricas não têm mais o propósito de se aplicar à produção de discursos persuasivos. Em função das metamorfoses do percurso, as retóricas de hoje estão modificadas: seu propósito agora é descrever, analisar e interpretar os discursos que são produzidos em diferentes esferas da atividade humana. Em consequência disso, nessas novas configurações, assiste-se a um exuberante alargamento de seu campo de atuação:

longe de limitar-se aos três gêneros oratórios dos antigos, ela [a retórica moderna] vai anexando, como lhe cabe, todas as formas modernas do discurso persuasivo, a começar pela publicidade, e mesmo os gêneros não persuasivos, como a poesia. Não contente com reivindicar todo o campo do discurso, vai bem além, pois se apodera de todas as espécies de produção não verbais. Elabora-se assim uma retórica do cartaz, do cinema, da música, sem falar da retórica do inconsciente. (Reboul, 2004, p. 82)

---

<sup>48</sup> Confira o tópico 1, neste capítulo.

A fragmentação que, para alguns, determinou o fim da retórica, constituiu, na verdade, o ponto de passagem da forma rígida – característica da retórica antiga – para uma forma mais dinâmica e mais atual, desenvolvida pelas retóricas de hoje. Ao ressurgir, a retórica do século XX apresenta-se como uma retórica estilhaçada que abrange áreas muito distintas e adapta-se às necessidades de nossa cultura e de nossa época.

As novas configurações da retórica contemporânea têm um impacto considerável sobre as ciências da linguagem fazendo-as ampliar e deslocar o seu objeto de estudo. Klinkenberg ressalta que,

alimentada pelo saber linguístico elaborado no século XX, a retórica o fecunda também, por sua vez, encorajando-o a alargar os limites que, num gesto útil, ele tinha delimitado de modo muito estrito. Graças a seu impulso, as ciências da linguagem deslocam-se assim do estudo do sistema para o da *parole*. (Klinkenberg, 2004, p. 15)

O resultado desse deslocamento, de acordo com o autor, é justamente uma teoria da interpretação de enunciados considera não apenas o produto, o enunciado propriamente dito, mas também o seu processo de formulação e os fatores subjacentes a ele (como, por exemplo, a situação enunciativa, o sistema linguístico-cultural do enunciatador e sua respectiva visão de mundo). Nessa abordagem, a dimensão enciclopédica ocupa um lugar importante, pois se torna cada vez mais “difícil separar a semântica da enciclopédia, isto é, da representação do mundo e das crenças que a determinam” (Klinkenberg, 2004, p. 15). Essa parece ser, portanto, a tendência seguida pela maioria dos trabalhos em ciências da linguagem que se inscrevem na perspectiva das neo-retóricas.

### **3.3 As novas configurações dos estudos retóricos**

A revitalização da retórica começou a se delinear a partir da segunda metade do século XX, mais precisamente, nos anos 60, em que surge uma querela englobando diferentes perspectivas teóricas, reunidas sob o nome de novas retóricas: algumas se definiam puramente literárias e outras se nomeavam persuasivas. Pesquisadores como, por exemplo, Jean Cohen, Gérard Genette, Roland Barthes e integrantes do grupo  $\mu$  propunham uma Retórica Geral direcionada

aos estudos literários<sup>49</sup>. O movimento desses estudiosos transforma a retórica em “conhecimento dos procedimentos da linguagem característicos da literatura [...]. E esses procedimentos são reduzidos às figuras de estilo, definidas como desvios do “grau zero”, que seria a prosa não literária” (Reboul, 2004, p. 88).

Nesse mesmo período, a argumentação voltou a fazer parte dos debates intelectuais e, conseqüentemente, o caráter persuasivo da retórica passou a ser novamente valorizado. Duas obras, publicadas quase que simultaneamente no ano de 1958, instauram-se como os marcos desse processo de revitalização da retórica via teorias da argumentação: na Inglaterra, *The uses of argument*, de Toulmin e, na Bélgica, *Le traité de l'argumentation. La nouvelle Rhétorique*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca. Tais obras, oriundas de horizontes distintos e redigidas em estilos totalmente diferentes, “se unem em uma referência comum à prática jurídica. Elas procuram no pensamento argumentativo um meio de fundar uma racionalidade específica, colocada em prática nas relações humanas”<sup>50</sup> (Plantin, 1996, p. 10).

Das diferentes perspectivas teóricas que estiveram presentes nesse processo de renascimento da retórica, deve-se destacar que a proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca é aquela que mais se assemelha à teoria aristotélica. Para Aristóteles, como para Perelman e Olbrechts-Tyteca, a retórica se identifica com a teoria do discurso persuasivo. A concepção aristotélica do discurso convincente “como sendo aquele que consegue fazer o público sentir-se identificado com o seu produtor e a sua proposta” é praticamente a mesma adotada pelos dois autores em seu *Tratado de Argumentação* (Mosca, 2004, p. 21).

Formulada no contexto dos estudos filosóficos (aplicados ao Direito), a obra *Le traité de l'argumentation. La nouvelle Rhétorique* caracteriza-se por descrever estratégias de persuasão e por apresentar um estudo quase exaustivo dos diversos tipos de argumentos. Esta publicação privilegia a *inventio*, primeira fase do dispositivo retórico de que tratamos anteriormente. De acordo com Reboul, a reflexão desenvolvida pelos autores partiu dos problemas relacionados à fundamentação dos juízos de valor. Na realidade, os autores estavam em busca de uma

---

<sup>49</sup> Confira, por exemplo, Groupe  $\mu$  (1980), Klinkenberg, (1990), Meyer e Lempereur, (1990), entre outros.

<sup>50</sup> se rejoignent dans une référence commune à la pratique juridique. Ils recherchent dans la pensée argumentative un moyen de fonder une rationalité spécifique, à l'oeuvre dans les affaires humaines.

lógica do valor, paralela à da ciência, e acabaram por encontrá-la na antiga retórica, completada, como convém, pela dialética. A grande descoberta desse tratado [...] é que, entre a demonstração científica e a arbitrária das crenças, há uma lógica do verossímil, a que dão o nome de argumentação, vinculando-a à antiga retórica. (Reboul, 2004, p. 89)

Desse modo, assim como fez Aristóteles, Perelman e Olbrechts-Tyteca situam suas reflexões e sua teoria de argumentação no domínio do verossímil, dado que é justamente no mundo da opinião e das discussões que a argumentação se revela. Dito de outro modo, é no embate de diferentes pontos de vistas, no mundo da *doxa*, “que são tecidas as relações sociais, políticas e econômicas” (Mosca, 2004, p. 21) que possibilitam o exercício do discurso persuasivo.

Considerando este espaço democrático de interação entre os sujeitos, diferentes teorias da argumentação são engendradas em uma época que se caracteriza pela interdisciplinaridade. De fato, além dos trabalhos desenvolvidos no contexto das lógicas não-formais, por Perelman e seus seguidores, outros pesquisadores têm se interessando pelo estudo da argumentação e auxiliado no reflorescimento da retórica. Sob influência da lógica natural, da pragmática e da semiótica, entre outras, as neo-retóricas têm se dedicado ao estudo da persuasão em situações enunciativas muito distintas, que contemplam desde as práticas jurídicas até as manifestações publicitárias.

No âmbito das lógicas naturais, destacam-se os trabalhos realizados por Jean-Blaise Grize e Georges Vignaux, entre outros. Adotando uma perspectiva diferente daquela proposta por Perelman, este grupo de pesquisadores desenvolve um projeto que “consiste em explicitar as operações supostas por toda construção de argumentação, realizada por um sujeito que **age** no seu discurso e que, por meio de operações sobre os significantes, cria representações e, ao mesmo tempo, sentido” (Mosca, 2004, p. 43). Desse modo, caberia ao analista encontrar “uma representação próxima daquela constituída pelo discurso” (Mosca, 2004, p. 43).

Interessados pelo estudo da relação entre retórica e pragmática, podem ser apontados os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores de Genebra, como, por exemplo, Anne Reboul e Jacques Moeschler. Estes trabalhos, de inspiração interacionista, partem do pressuposto de que “todo ato discursivo deve ser compreendido em sua situação comunicacional” (Mosca, 2004, p. 44). Desse modo, as visões de mundo estariam diretamente relacionadas com a maneira como os indivíduos se expressam e se comunicam, elas seriam “o resultado da criação de

**relações intersubjetivas** no discurso. Pode-se mesmo falar numa espécie de *apreensão enunciativa* do mundo” (Mosca, 2004, p. 44).

A relação entre retórica e semiótica também tem manifestado o interesse de muitos pesquisadores. Segundo Mosca (2004), as duas disciplinas parecem voltar-se para o mesmo tipo de fenômeno:

a partir do momento em que se adota uma perspectiva essencialmente discursiva, o conjunto do campo retórico (lugares, tropos, figuras) aparece como o da regulação e da modalização das tensões entre grandezas, dimensões ou enunciações que estão em concorrência nas camadas profundas do discurso e que irão aceder à manifestação. (Mosca, 2004, p. 25)

A teoria da argumentação, em suas diferentes configurações, busca, na retórica antiga, os subsídios necessários às suas análises e às suas aplicações nas diferentes situações enunciativas. Como afirmou Mosca, “a teoria da argumentação, em suas várias versões, constitui, portanto, um eixo importante da Retórica em sua redefinição moderna” (2004, p. 44). É através da teoria da argumentação que a retórica ressurgiu, e é através das diferentes versões dessa teoria que a retórica se mostra mais abrangente e mais completa do que antes. Isso ocorre porque, ao se fragmentar, a retórica ampliou seu domínio de atuação. Desse modo, entende-se que, de fato, a retórica é uma ciência antiga com aplicações muito atuais, pois o exercício da persuasão torna-se uma ferramenta indispensável à vida em sociedade. É a força do simbólico, o poder da palavra, que se sobrepõe à força física, o poder da violência.

Orientado por uma perspectiva histórica, este capítulo apresentou um panorama sobre o percurso da retórica. Diante da pluralidade de estudos desenvolvidos nessa área ao longo dos séculos, é fundamental que se conheça o lugar teórico no qual se está inserido para, a partir daí, delimitar o espaço de investigação científica.

A reflexão acerca da retórica iniciou-se com uma alegoria que a apresentava como uma bela mulher munida com duas armas: a argumentação e a ornamentação (figuras). Depois de percorrer parte da história da retórica e observar de forma mais sistemática as dificuldades que caracterizam o seu percurso, compreende-se que a retórica não pode ser apenas definida como uma bela mulher. Na verdade, alegoricamente, a retórica pode ser descrita como uma guerreira (e isso parece



implícito na alegoria de Capella)<sup>51</sup>, pois não se deixou dominar. Quando perdeu algumas batalhas, recuou e fragmentou-se para, em um momento oportuno, ressurgir em diferentes campos disciplinares e assim assegurar o seu lugar de direito no contexto das ciências humanas.

O tempo passou e aquela bela mulher, apresentada na alegoria inicial, já se tornou uma senhora. Hoje, ainda apoiada em seus atributos (isto é, suas armas: a argumentação e a ornamentação), a Retórica tornou-se uma senhora guerreira e misteriosa que ainda guarda os segredos da persuasão. É o desejo de desvendá-los que mobiliza este estudo.

---

<sup>51</sup> Rhétorique, belle femme aux deux attributs, elle a des armes pour blesser ses adversaires – l'argumentation – et les figures décorent sa tunique – l'ornamentation (Capella *apud* Bertrand, 1999, p. 43).

## **SOBRE A ARGUMENTAÇÃO: HISTÓRIA, DEFINIÇÕES E DESDOBRAMENTOS**

No coração da argumentação, existe a relação com o outro, relação de competição negociada pelo exercício do discurso na perspectiva de um sentido partilhado.<sup>52</sup>  
(Bertrand)

O ato de argumentar não se restringe unicamente à esfera da língua. Ele é um fenômeno maior que percorre os caminhos do cognitivo, ultrapassa as barreiras do linguístico, explora as fronteiras do social para efetivar-se nas práticas interativas de cooperação e/ou de polêmica. Em razão disso, investigar o ato ou a arte de argumentar não constitui tarefa simples, pois implica tratar de fenômenos distintos que, implícita ou explicitamente, fazem-se presentes nas práticas comunicativas do cotidiano.

A argumentação pode, pois, ser descrita como uma atividade complexa que, ao longo dos séculos, tem despertado o interesse de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento (Charaudeau, 1992). De fato, desde Aristóteles até os dias atuais, estudos desenvolvidos no âmbito das ciências filosóficas e das ciências da linguagem dedicam-se a investigar o discurso argumentativo e sua configuração. Apesar de constituírem um importante referencial para as pesquisas nesta área, estes estudos não proporcionam à argumentação um quadro teórico-metodológico homogêneo.

Desde a Antiguidade, os gregos fizeram da argumentação o seu cavalo de batalha, colocando-a no centro de seu sistema retórico (Charaudeau, 1992). Com o passar o tempo, a retórica direcionou-se ao estudo das figuras de estilo, deixando em segundo plano a argumentação<sup>53</sup>. Acredita-se que a fragmentação e a falta de homogeneidade do atual quadro teórico da argumentação podem ser consequência da instabilidade e do descrédito que afetou o edifício retórico entre o final do século XIX e o início do século XX.

Atualmente, os estudos em argumentação inscrevem-se em diferentes perspectivas teóricas. Cada grupo de estudiosos, orientados por abordagens filosóficas, lógicas, cognitivistas ou linguísticas, parece ter uma visão distinta a

---

<sup>52</sup> au coeur de l'argumentation, il y a la relation avec l'autre, relation de compétition négociée par l'exercice du discours dans la perspectiva d'un sens partagé.

<sup>53</sup> Confirma o tópico 3, no Capítulo I.

respeito da argumentação e do modo como ela pode se configurar na superfície discursiva. Uma busca em publicações sobre o assunto revela que existem diversas teorias e modelos que, ao longo do tempo, dedicaram-se a investigar e compreender a arte de argumentar.

Essa diversidade mostra que o estudo do discurso argumentativo pode ocorrer sob diferentes ângulos. De fato, cada perspectiva teórica elege um conceito ou uma noção particular de argumentação, organiza um modelo próprio que dê conta de seus questionamentos, descreve e analisa a maneira como o discurso argumentativo se organiza em função dos diferentes domínios discursivos em que é formulado e, principalmente, em função das diferentes situações enunciativas. Entende-se assim que cada teoria e/ou modelo recorta o seu objeto de estudo e define-o de forma distinta.

Consciente da falta de homogeneidade – teórica, metodológica e terminológica – que cerca os estudos em argumentação, proponho-me a refletir sobre este domínio de produção da linguagem, que deve ser compreendido, segundo Charaudeau (1992), não como uma relação de categorias da língua (conjunções de coordenação e de subordinação), mas sim como um modo de organização do discurso que permite produzir argumentações sob diferentes formas, com diferentes funções e para diversas situações enunciativas.

Adotando uma perspectiva linguística, neste capítulo, pretendo compreender como diferentes teorias descrevem e explicam os fenômenos argumentativos. Para desenvolver esta reflexão, o presente capítulo foi dividido em duas partes. Na primeira, dedico-me a conhecer as peculiaridades do domínio teórico em que este trabalho se insere, ou seja, compreender parte de sua história e examinar um de seus principais problemas: a falta de consenso terminológico no que concerne à definição do que é argumentação. Na segunda parte, interessei-me, exclusivamente, pelas teorias sobre a argumentação; apoiada nos trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002)<sup>54</sup>, Anscombre e Ducrot (1976, 1988) e Vignaux (1988), descrevo as propostas engendradas por estes autores que, em épocas distintas, investigaram os fenômenos característicos da argumentação.

Através desta reflexão, busco aprofundar e elucidar algumas questões teóricas, terminológicas e até metodológicas que, direta ou indiretamente, estão

---

<sup>54</sup> As datas referem-se à publicação das obras.

envolvidas neste estudo. Em outras palavras, minha proposta é reunir os subsídios e os pressupostos necessários para sustentar as análises desenvolvidas na sequência desta pesquisa.

## 1 História e definição: explorando o domínio da argumentação

Estudar a argumentação não é nem cômodo nem sem risco.  
A dificuldade essencial consiste em determinar a partir de qual  
domínio “disciplinar” um tal estudo poderá reerguer-se.<sup>55</sup>  
(Vignaux)

As palavras de Vignaux, destacadas acima, servem de alerta aos iniciantes nas pesquisas sobre a argumentação e confirmam a dificuldade de construir um aparato teórico homogêneo. A argumentação não é, nem nunca foi, um objeto de estudo limitado a uma única disciplina. Retomando as publicações desta área do conhecimento, o pesquisador depara-se com tratados de retórica e com obras consagradas ao estudo da língua e da lógica, entre outras. A extensão do domínio e a diversidade de epistemologias que a argumentação faz interagir estão entre as causas de sua heterogeneidade.

Para elucidar parte dessa heterogeneidade que, para alguns estudiosos, já é inerente à argumentação, dedico-me, inicialmente, a compreender um pouco de sua história e a percorrer alguns conceitos formulados no contexto das teorias que serão detalhadas mais adiante. Em outras palavras, proponho-me a explorar o domínio da argumentação a fim de estabelecer uma ordem entre suas definições e suas aplicações.

### 1.1 Argumentação: da retórica clássica à linguística moderna

O conhecimento da argumentação [...] é antes de tudo determinado  
pela prática do discurso. Este é constitutivo da argumentação.<sup>56</sup>  
(Bertrand)

---

<sup>55</sup> étudier l'argumentation n'est ni commode ni sans risque. La difficulté essentielle consiste à déterminer de quel domaine “disciplinaire” une telle étude pourra relever.

<sup>56</sup> La connaissance de l'argumentation [...] est avant tout déterminée par la pratique du discours. Celui-ci est constitutif de l'argumentation.

Destacando-se como um importante objeto de investigação dos fenômenos da linguagem, a argumentação constitui o âmago da antiga retórica. A relação entre retórica e argumentação se estende ao longo dos séculos e pode ser caracterizada como uma relação complementar, pois “a história [...] da argumentação se confunde com a história da retórica”<sup>57</sup> (Bertrand, 1999, p. 34). Estes dois domínios disciplinares parecem andar de par tanto em situações de fortalecimento como em situações de enfraquecimento. Isso pode ser observado, por exemplo, no período em que a argumentação, criticada e desacreditada – assim como a própria retórica – passou a ocupar uma posição periférica nos estudos da linguagem.

Subjacente aos estudos em argumentação, como acontece à retórica, existe uma longa tradição filosófica e linguística. No decorrer de sua história, a argumentação fascinou muitos estudiosos, principalmente, por se localizar em um espaço, por vezes, conflituoso e conciliador, que é “alimentado de razões e de valores que visam à verdade, ao bem ou ao belo, habitado por sábios e justos, mas também por desonestos e mentirosos”<sup>58</sup> (Bertrand, 1999, p. 3).

No contexto das disciplinas clássicas, a argumentação aparece relacionada à arte de pensar corretamente, à arte de bem falar e à arte de bem dialogar. Em outras palavras, a argumentação aparece ligada à lógica, à retórica e à dialética, respectivamente. Desde Aristóteles, esse conjunto disciplinar forma a base de um sistema filosófico no qual as fronteiras da argumentação foram sendo delimitadas e configuradas justamente em função das especificidades de cada domínio disciplinar. Assim, no paradigma clássico, há argumentação lógica, argumentação retórica e argumentação dialética.

De acordo com Plantin (2005), a argumentação lógica, assim como o próprio discurso lógico, pode ser descrita a partir de três planos: o cognitivo, o linguageiro e o discursivo. No plano cognitivo, a argumentação lógica percorre três operações distintas, mas complementares, que concernem à apreensão (seleção e delimitação de um conceito), ao julgamento (caracterização desse conceito com o objetivo de formular uma proposição) e ao raciocínio (encadeamento de proposições, de forma progressiva, do conhecido ao desconhecido). No plano linguageiro, essas operações cognitivas correspondem respectivamente

---

<sup>57</sup> l’histoire de [...] l’argumentation se confond avec l’histoire de la rhétorique.

<sup>58</sup> nourri de raisons et des valeurs, visant le vrai, le bien ou le beau, peuplé de sages et des justes, mais aussi de fripons et de dupes.

à fixação languageira do conceito através de um termo, e à questão da referência; à construção do enunciado por imposição de um predicado a este termo, e à questão do verdadeiro e do falso; ao encadeamento das proposições ou argumentações, pelas quais produzem-se proposições novas a partir de proposições já conhecidas e à questão da transmissão da verdade.<sup>59</sup> (Plantin, 2005, p. 7)

Do plano languageiro passa-se ao discursivo que, de acordo com Plantin, corresponde ao raciocínio e à execução do que foi organizado nas operações cognitivas. O autor assinala ainda que, nessa etapa, “as regras da argumentação correta são dadas pela teoria do silogismo<sup>60,61</sup> (Plantin, 2005, p. 7).

Descrita como a essência persuasiva da linguagem, a argumentação retórica é compreendida como uma retórica referencial e probatória. Plantin (2005) explica essa definição enfatizando que a argumentação retórica é referencial porque “inclui uma teoria de índices, coloca o problema dos objetos, dos fatos, da evidência, mesmo se sua representação languageira adequada só pode se alcançar no conflito e na negociação das representações”<sup>62</sup> (Plantin, 2005, p. 4); e ela é probatória porque, se não consegue atingir a prova, pelo menos ela contribui para que a melhor prova possível seja alcançada. Essa perspectiva argumentativa está diretamente relacionada à *inventio*<sup>63</sup>, pois, de acordo com o autor, “seus conceitos essenciais são os *topoi*, que se materializam em argumentos concretos ou entimemas, fatos discursivos complexos de lógica, de estilo e de afetos”<sup>64</sup> (Plantin, 2005, p. 4).

Tradicionalmente, a dialética é descrita como a arte do diálogo. A argumentação dialética, por extensão, pode ser definida como uma prática dialógica argumentativa, isto é, como um diálogo fundado em perguntas e respostas que tem

<sup>59</sup> à l’ancrage langagier du concept au moyen d’un terme, et à la question de la référence; à la construction de l’énoncé par imposition d’un prédicat à ce terme, et à la question du vrai et du faux; à l’enchaînement des propositions ou argumentations, par lesquelles on produit des propositions nouvelles à partir de propositions déjà connues, et à la question de la transmission de la vérité.

<sup>60</sup> A teoria do silogismo pode ser ilustrada pelo exemplo: “Todos os X são Y, todos os Y são Z, então X é Z”. Sua origem está em Aristóteles que, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 448), definia o termo silogismo como “um discurso no qual, estando postas algumas coisas, resulta necessariamente numa outra coisa diferente”. As “coisas postas” são as **premissas** do silogismo, a “coisa diferente na qual resulta, necessariamente” é a conclusão. As proposições que entram no silogismo são da forma sujeito-predicado, com ou sem negação, podendo o termo sujeito ser tomado de acordo com diferentes quantidades (“isso”, “todos os”, “alguns”, “nenhum”).

<sup>61</sup> les règles de l’argumentation correcte sont données par la théorie du syllogisme.

<sup>62</sup> elle inclut une théorie des indices, pose le problème des objets, des faits, de l’évidence, même si leur représentation langagière adéquate ne peut se saisir que dans le conflit et la négociation des représentations.

<sup>63</sup> Confirma o tópico 2.1, no Capítulo I.

<sup>64</sup> ses concepts essentiels sont les *topoi*, qui se matérialisent dans des arguments concrets ou entymèmes, faits discursifs complexes de logique, de style et d’affets.

por objetivo a busca da verdade. Em outras palavras, é um processo conversacional que se torna dialético-argumentativo “na medida em que ele aborda um problema preciso, definido de comum acordo, se desenvolve entre parceiros iguais, movido pela busca do verdadeiro, do justo ou do bem comum”<sup>65</sup> (Plantin, 2005, p. 6). Assim como a argumentação retórica, a argumentação dialética também se utiliza de *topoi* que são aplicados em enunciados plausíveis, os *endoxas*<sup>66</sup>. Através da descrição do paradigma clássico, Plantin (2005) mostra que, desde sua gênese, a arte de argumentar apresenta-se como uma atividade complexa que envolve fenômenos diversos, como, por exemplo, a arte de organizar o pensamento corretamente, a arte de bem expressá-lo linguisticamente e a arte de bem interagir, isto é, de dialogar. É amparada nesses três domínios disciplinares que a argumentação se desenvolveu e se consolidou como uma prática comunicativa indispensável ao mundo civilizado. Ao segmentar a argumentação em três tipos distintos, o paradigma clássico reforçou as bases do edifício filosófico no qual ela foi engendrada, refletida e sistematizada, desde Aristóteles até o final do século XIX (Plantin, 2005, p. 4).

O tríptico argumentativo, descrito por Plantin (2005), confirma a proposição de Meyer (1998, p. 44) de que “não existe uma concepção unificada da argumentação ao longo de toda a história”. Para Meyer (1998, p. 44), isso acontece porque “os tipos de debates, os grandes gêneros que a retórica clássica distinguia, não eram entendidos em termos de interrogatividade”. O autor assinala que os diferentes tipos de argumentação estão relacionados a três grandes articulações interrogativas que consistem no *quê* (factualização), no *aquilo quê* (qualificação do fato) e no *porquê* (legitimidade daquele que fala).

De acordo com Meyer, o primeiro tipo de argumentação, representado pelo *quê*, está associado à dialética, pois ele “utiliza lugares de resolução no debate: é a tradição que vai de Aristóteles a Toulmin e a Perelman” (1998, p. 45). Nessa argumentação, busca-se saber se uma proposição é verdadeira ou não, cabendo à resolução dar o acordo e a adesão.

O segundo tipo de argumentação, expresso por *aquilo quê*, está relacionado à retórica do sentido e não do debate contraditório: “a argumentação junta-se ao campo linguístico através da hermenêutica e da pragmática” (Meyer, 1998, p. 45). A

<sup>65</sup> dans la mesure où il porte sur un problème précis, défini d'un commun accord, se joue entre partenaires égaux, mus par la recherche du vrai, du juste ou du bien commun.

<sup>66</sup> De acordo com Plantin (2005), a *endoxa* pode ser definida como uma premissa que não é uma verdade absoluta, mas uma simples idéia admitida.

resolução aqui, conforme o autor, já não é dada pelo acordo, mas, “se fosse preciso exprimir-se relativamente à idéia de verdade ou verossimilhança, teríamos a exigência de justa interpretação ou de credulidade voluntária” (Meyer, 1998, p. 45).

Já o terceiro tipo de argumentação, explicitado pelo *porquê*, está associado ao metanível da argumentação, isto é, a um lugar onde ela se torna transcendental. Nessa visão da argumentação, o autor destaca que o sentido deixa de ser objeto de debate e cede seu lugar à identidade e à diferença entre os seres, “que visam comunicar aquilo que os identifica, ou seja, aquilo que os separa: o conteúdo é como que subsidiário, é o pretexto conversacional para a comunicação, que tem por fundamento aquilo que somos em relação a outrem” (Meyer, 1998, p. 46).

O raciocínio proposto por Meyer (1998), na explanação do seu tríptico argumentativo, indica que as três possibilidades de argumentação podem atuar conjuntamente, pois elas

não se autonomizam forçosamente, antes se completam, mesmo se as isolamos em *gêneros* retóricos desde Aristóteles e se a seguir os teóricos, consoante a perspectiva que queiram privilegiar, as tornaram no todo da argumentação. Mas se atentarmos bem, os três momentos interpenetram-se sempre mais ou menos, e a singularização de um deles é precisamente apenas um momento, numa estratégia argumentativa que é sempre mais global do que uma radicalização parcial deixa parecer. (Meyer, 1998, p. 44-45)

As reflexões do autor podem também ser aplicadas ao tríptico argumentativo do paradigma clássico. Naquele modelo, a arte de argumentar pressupõe pensar corretamente, falar bem e dialogar. Esses três momentos referem-se aos diferentes tipos de argumentação, a saber, a argumentação lógica, a retórica e a dialética, que também parecem se interpenetrar e se complementar. Assim, esses três momentos argumentativos podem compor o contexto de uma argumentação maior.

É necessário lembrar que, seja singularizada, seja globalizada, desde sua gênese, a argumentação visava a influenciar o outro, convencê-lo, persuadi-lo, seduzi-lo através de diferentes argumentos. Para alcançar esse objetivo, além de empregar estratégias e tipos diversificados de argumentação, era preciso estabelecer um equilíbrio entre razão e emoção: o ser humano é moldado não só pela razão, mas também por paixões. Na busca desse equilíbrio, desde a Grécia Antiga, forjou-se uma distinção que acabou permeando toda a história da argumentação: é a distinção entre “a pura “ratio”, a qual devia *corresponder* uma técnica *demonstrativa* suscetível de “dizer o verdadeiro” [e] “a interação dos



espíritos”, à qual devia *corresponder* uma técnica *expressiva* suscetível de “emocionar e captar” o interesse do auditório”<sup>67</sup> (Charaudeau, 1992, p. 780).

Nem sempre os estudos em argumentação privilegiaram essa composição híbrida. No contexto filosófico, por exemplo, muitos pesquisadores dedicaram-se a investigar o componente lógico da argumentação. Adotando abordagens muito pontuais, estes estudiosos passaram a “se interessar pela linguagem do ponto de vista externo, procurando adaptá-la às exigências do rigor de uma *lógica formal* inspirada em operações que definiam a linguagem matemática”<sup>68</sup> (Charaudeau, 1992, p. 780).

Essa corrente lógica desenvolveu-se até o momento em que, no contexto da linguística, a retórica antiga é redescoberta e passa a constituir novamente um dos principais referenciais teóricos para os trabalhos em argumentação. Essa retomada, no início dos anos 50, tem o mérito de inaugurar uma fase mais autônoma para a argumentação, que, até o final do século XIX, era compreendida como um componente dos sistemas lógicos, retóricos e dialéticos. De acordo com Plantin (2005), “a construção de um pensamento autônomo sobre a argumentação nos anos 50 foi, sem dúvida, profundamente estimulada pela vontade de reencontrar a noção de “discurso racional”, por oposição aos discursos fanáticos [dos métodos totalitários]”<sup>69</sup> (Plantin, 2005, p. 4). O autor destaca que o interesse pelas técnicas de persuasão se renova justamente no período pós-guerra, um momento político delicado, em pleno auge da guerra fria e frente a críticas aos métodos totalitários de propaganda de massa. A fertilidade desse contexto ideológico em que os estudos da argumentação são refundados é inegável. De fato, o período pós-guerra pode ser descrito como um verdadeiro divisor de águas para este domínio disciplinar.

A partir da segunda metade do século XX, os estudos da argumentação ressurgem, retomando os postulados aristotélicos sobre retórica e, conseqüentemente, a distinção clássica entre razão e emoção. Neste contexto, a argumentação passa a ser novamente valorizada. Esse movimento de revitalização produziu resultados muito expressivos e possibilitou o surgimento de diferentes

<sup>67</sup> la pure “ratio”, à laquelle devait *corresponder* une technique *démonstrative* susceptible de “dire le vrai”, [e] “l’interaction des esprits”, à laquelle devait *corresponder* une technique *expressive* susceptible d’“émouvoir et de capter” l’intérêt d’un auditoire.

<sup>68</sup> s’intéresser au langage d’un point de vue externe, en cherchant à plier celui-ci aux exigences de la rigueur d’une *logique formelle* inspirée des opérations que définissait le langage mathématique.

<sup>69</sup> la construction d’une pensée autonome de l’argumentation dans les années 1950 a sans doute été profondément stimulée par la volonté de retrouver une notion de “discours sensé”, par opposition aux discours fous [dos métodos totalitários].

formulações teóricas. Como exemplo disso, podem-se citar os estudos realizados no contexto da psicossociologia que se interessam pelas trocas comunicativas da sociedade moderna, mais precisamente, pelas situações de comunicação e recepção de mensagens persuasivas no domínio político e publicitário (Charaudeau, 1992); e também os trabalhos de cunho lógico-filosóficos e lógico-linguísticos desenvolvidos por autores como Ducrot, Grize<sup>70</sup> e Perelman, entre outros.

Em sua proposta teórica, elaborada nos anos 70 e reformulada nas décadas seguintes, Ducrot trabalha com a possibilidade de se distinguir, de um lado, o *estudo do raciocínio linguístico*, que “deve ser confrontado com as linguagens formais para encontrar as semelhanças e as diferenças”<sup>71</sup> e de outro, o *estudo da argumentação*, que “tem por função “orientar” a sequência do discurso e, por consequência, representar uma maneira de agir sobre o outro”<sup>72</sup> (Charaudeau, 1992, p. 780). Na teoria da argumentação na língua, Ducrot (1976, 1988)<sup>73</sup>, auxiliado por Anscombe, defende a natureza argumentativa da linguagem. Para esses autores, a argumentação está inscrita na própria língua.

Por sua vez, a teoria da argumentação engendrada por Grize (1976), embasada na perspectiva da lógica natural, apresenta uma oposição entre *argumentação* e *demonstração*: esta não leva em consideração o contexto da situação concreta, nem o orador, nem aqueles para quem o discurso se dirige – é apenas uma formalização; já aquela deve levar em consideração as condições de produção, os sujeitos envolvidos na comunicação e, por consequência, todas as outras operações que vão além da pura demonstração (Charaudeau, 1992).

Adotando uma perspectiva semelhante, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) propõem uma teoria da argumentação cujo objetivo “é o estudo das técnicas discursivas que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento*” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 4). Ao retomar questões da retórica antiga, esses autores compreendem que “argumentação e retórica são ligadas, pois não existe discurso sem auditório e não há argumentação sem retórica” (Mosca, 2004, p. 24). Não é por acaso, portanto, que sua proposta teórica recebe o nome de Nova Retórica. Na realidade, a teoria de

<sup>70</sup> Linha teórica em que também se inscreve Georges Vignaux.

<sup>71</sup> qui doit être confronté aux langages formels pour repérer les ressemblances et dissemblances

<sup>72</sup> a pour fonction d’“orienter” la suite du discours, et donc représenter une *manière d’agir sur l’autre*.

<sup>73</sup> Estou me referindo ao texto “*L’argumentation dans la langue*”, publicado em 1976 sob forma de artigo. Em 1983, Anscombe e Ducrot publicam a primeira edição da obra com o mesmo nome. A segunda edição, utilizada como referência neste estudo, data de 1988.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) trata de questões fundamentais que norteavam a retórica clássica e, com isso, ressuscita os estudos em argumentação não só no contexto das ciências filosóficas, mas também no contexto das ciências da linguagem.

A partir da década de 50, o termo Nova Retórica (ou Neo-Retóricas) passa a ser empregado para fazer referência aos desdobramentos das Teorias da Argumentação que, até os dias atuais, despertam o interesse de pesquisadores de diferentes áreas de investigação científica. Esse interesse pelo estudo da argumentação justifica-se por ela representar um modo de organização discursiva que atravessa e envolve diferentes discursos e diferentes situações enunciativas. Toda a atividade de linguagem, se não pode ser considerada argumentativa, pode “pelo menos ser imaginada em sua dimensão argumentativa, isto é, na relação de confiança, desconfiança, de persuasão, de sedução ou mesmo de emoção que ela instaura entre os parceiros da enunciação”<sup>74</sup> (Bertrand, 1999, p. 5).

Retomando as reflexões desenvolvidas nesta seção, compreende-se que a argumentação constitui-se como um domínio heterogêneo localizado entre as ciências linguísticas e as ciências filosóficas. É inegável que essa heterogeneidade se deve ao fato de a argumentação, juntamente com a retórica, ter sido, ao longo dos séculos, amplamente investigada. No entanto, é preciso destacar que, se no passado o estudo da argumentação cabia à retórica, no presente, cabe à linguística. Essa mudança ocorreu, principalmente, em função do descrédito e da fragmentação dos estudos retóricos. Atualmente, a linguística diligencia as pesquisas em argumentação sobretudo em uma perspectiva pragmática. O interesse da linguística está centrado nas relações entre a linguagem e suas condições de produção (contextos, sujeitos e sentidos). Estudar a argumentação nessa perspectiva significa investigar o uso da linguagem como ação ou a linguagem como instrumento capaz de criar efeitos de sentidos e de mobilizar o interlocutor à ação, de persuadi-lo e de convencê-lo sobre a pertinência da tese que está sendo defendida e/ou discutida. Em outros termos, é estudar a argumentação no contexto de um quadro teórico que compreende a “*parole-comme-acte*” (Bertrand, 1999).

---

<sup>74</sup> moins être envisagée dans sa dimension argumentative, c'est-à-dire dans la relation de confiance, de défiance, de persuasion, de séduction, ou même d'émotion qu'elle instaure entre les partenaires de l'énonciation.

## 1.2 Sobre o que é argumentação

A argumentação é sempre situada e vivida por sujeitos portadores de interesses, de paixões e de valores.  
(Charaudeau; Maingueneau)

O espaço em que a argumentação se enuncia é aquele em que co-habitam paixões, interesses e valores. Nesse universo discursivo, em que se instaura o embate de perspectivas diferentes movidas pelo anseio de influência e de poder, busca-se fazer prevalecer um determinado ponto de vista. Em outras palavras, é no espaço da controvérsia que o ato de argumentar se consolida, à medida que se estabelece a interação entre os interlocutores, ou seja, à medida que se considera o interlocutor como um sujeito capaz de “reagir e de interagir diante das propostas e teses que lhe são apresentadas. Equivale, portanto, a conferir-lhe *status* e a qualificá-lo para o exercício da discussão e do entendimento, através do diálogo” (Mosca, 2004, p. 17).

Definir a argumentação do ponto de vista prático, isto é, como uma atividade linguística que está presente em nosso cotidiano, parece uma tarefa simples. Quando se é interrogado sobre “o que é argumentação?”, a resposta surge de forma espontânea, quase que imediata: “argumentar é defender um ponto de vista”. Afinal, o ato de argumentar, assim como o de narrar, inscreve-se no conjunto de habilidades adquiridas paralelamente ao processo de aquisição da nossa língua materna.

Entretanto, a situação se modifica quando se tem de definir a argumentação do ponto de vista teórico, isto é, como um fenômeno da linguagem que mobiliza conhecimentos linguísticos, cognitivos, sócio-interativos e contextuais, entre outros. Neste sentido, definir a argumentação implica abordar um conceito que mobilizou – e ainda mobiliza – o interesse de pesquisadores de diferentes áreas das ciências humanas, haja vista o grande número de conceitos existentes não só no contexto dos estudos linguísticos como também no contexto dos estudos filosóficos. Em função disso, definir a argumentação torna-se uma tarefa complexa, pois corremos o sério risco de misturar formulações teóricas e conceitos contraditórios ou incompatíveis.

Para evitar que isso aconteça, optei por trabalhar, exclusivamente, com as definições formuladas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), Anscombe e Ducrot

(1976, 1988) e Vignaux (1988). Os autores selecionados para fundamentar a presente exposição inscrevem-se em domínios disciplinares muito distintos. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) inserem-se em uma abordagem retórica. As práticas argumentativas, que têm como fim conquistar a adesão de um determinado auditório e persuadi-lo, são compreendidas pelos autores como uma arte que deve ser ensinada, adquirida e treinada. Já Anscombre e Ducrot (1976, 1988) adotam uma perspectiva linguística, ou seja, eles tratam da argumentação com base nos elementos da língua que possibilitam o seu funcionamento. Vignaux (1988), por sua vez, emprega uma abordagem cognitivista e, a partir dela, ele investiga os processos de esquematização e as operações cognitivas mobilizadas na produção de textos argumentativos.

Dispensando a noção de verdade e tomando como referência a noção de verossimilhança, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) dedicam-se à elaboração de uma proposta teórica inovadora que se concretizou no *Tratado de Argumentação: A Nova Retórica* (TA). Nessa obra, os autores dão início a sua reflexão partindo da oposição aristotélica entre demonstração e argumentação. A primeira está relacionada ao domínio dos raciocínios analíticos, dos sistemas formais, como, por exemplo, a lógica e a matemática, que se interessam pelo exame dos meios de prova demonstrativos e a eles se limitam; seu objetivo é provar a verdade da conclusão a partir da verdade das premissas (Perelman, 1977). A segunda, a argumentação, está relacionada à noção de aceitabilidade e de verossimilhança; ela refere-se a todas as possíveis modalidades de persuasão, e seu objetivo “é o de transferir para a conclusão a adesão acordada às premissas” (Perelman, 1977, p. 35).

Ao retomarem essa distinção, os autores pretendem elucidar a sua posição teórica, metodológica e terminológica no que concerne a sua teoria da argumentação. Para isso, eles explicitam que a demonstração está diretamente ligada à noção de verdade e de evidência, que, para eles, tem de ser questionada e criticada, enquanto que a argumentação está relacionada à noção de verossimilhança e de aceitabilidade, como já mencionamos acima. Além disso, implicitamente, os autores mostram que existe uma noção de temporalidade subjacente a essa distinção: o tempo exerceria uma função importante no desenvolvimento da argumentação. O mesmo parece não acontecer no que se

refere à demonstração, pois, tomando como ponto de partida uma verdade ou uma evidência incontestável, a demonstração se desenvolve

numa sequência de estruturas e formas, nas quais nada de novo é acrescentado, nenhum dado é alterado, conduzindo inevitavelmente à conclusão prevista, enquanto que a argumentação, tendo seu ponto de partida no campo do possível, do verossímil, está sujeita a inúmeras variantes que podem ser inseridas no desenrolar dos argumentos e solicita uma adesão, uma manifestação da liberdade de escolha por parte do [interlocutor], tendo, pois, um caráter não restritivo. (Petri, 1994, p. 28)

Enquanto a demonstração é compreendida como um sistema lógico, formal e fechado, a argumentação é entendida como um fenômeno flexível, como uma atividade dinâmica, suscetível a variantes, a modificações, a ampliações e, principalmente, à intervenção dos interlocutores envolvidos no processo argumentativo. É nessa perspectiva que Perelman e Olbrechts-Tyteca concebem a argumentação. Para eles, argumentar significa empregar diferentes técnicas discursivas a fim de motivar e/ou influenciar, *por* e *pelo* discurso, a adesão de um auditório. Depreende-se daí o objetivo de toda argumentação, que, de acordo com os autores, é

provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos crie neles uma disposição para a ação que se manifestará no momento oportuno. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 50)

Compreendendo que a meta da argumentação é agir eficazmente sobre os espíritos, os autores destacam ainda a importância das condições psíquicas e sociais na realização e na consolidação do ato de argumentar. Sem estes elementos (psíquicos e sociais), “a argumentação ficaria sem objeto e sem efeito, pois *toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contrato intelectual*” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 16). Apontado como um elemento fundamental para o desenvolvimento da argumentação, esse contrato intelectual deve se estabelecer entre o orador e o auditório a fim de que as condições prévias da argumentação sejam elucidadas e definidas. Essas condições prévias referem-se ao acordo sobre a existência de uma linguagem comum, sobre a divergência de opiniões em relação a uma questão

determinada, sobre a disposição de ouvir e de aceitar um ponto de vista, sobre quem está autorizado a argumentar, sobre a formação de uma comunidade efetiva de espíritos e sobre a adaptação do orador a essa comunidade, ou melhor, ao auditório.

As condições prévias da argumentação são fundamentais para que o ato argumentativo se consolide. No entanto, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) ressaltam que sua proposta teórica não pretende tratar de tais condições, já que elas estão subjacentes à argumentação. Os autores salientam que, em seu tratado, empenham-se em investigar as técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos, ou seja, dedicam-se ao estudo das técnicas discursivas que empregam a linguagem como instrumento para persuadir e para convencer uma comunidade de espíritos (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 8).

Tomando como base a reflexão proposta pelos autores, entende-se que, na perspectiva perelmaniana, argumentar é um ato de persuasão que se origina e se consolida na interação entre *pathos*, *ethos* e *logos* ou, respectivamente, na interação entre o auditório (suas paixões e suas crenças), o orador (a imagem que ele constrói de si *no* e *pelo* discurso) e o discurso (a argumentação propriamente dita). Tratando destes três elementos, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) engendram um conceito e uma teoria que, no contexto atual, apresenta-se como uma das principais referências para os estudos da argumentação.

Conforme se destacou anteriormente, no contexto dos estudos retóricos, a argumentação frequentemente era descrita e investigada como uma técnica discursiva consciente utilizada a fim de conquistar a adesão do interlocutor e, principalmente, a fim de persuadi-lo a executar uma ação. Conscientes do modo como a argumentação era tratada e analisada pelos adeptos da retórica, Anscombe e Ducrot, em meados dos anos 70, apresentam uma nova concepção teórica acerca da argumentação, a saber, a *Teoria da Argumentação na Língua (ADL)*<sup>75</sup>. Com ela, os autores se propõem a descrever os fenômenos da argumentação com base nos elementos da própria língua que possibilitam o seu funcionamento. Eles trabalham com a hipótese de que a argumentação está inscrita, estruturalmente, na língua, isto é, que “os encadeamentos argumentativos possíveis em um discurso estão ligados à

---

<sup>75</sup> A abreviação (ADL) tem origem no nome em francês, “*Argumentation Dans la Langue*”, empregado para fazer referência à teoria em questão.

estrutura dos enunciados e não somente às informações que eles veiculam”<sup>76</sup> (Anscombe; Ducrot, 1988, p. 9).

Nessa perspectiva, a argumentação é descrita como “um traço constitutivo de numerosos enunciados que não podem ser empregados sem a pretensão de orientar o interlocutor em direção a certo tipo de conclusão (pelo fato de que se exclui um outro tipo de conclusão)”<sup>77</sup> (Anscombe; Ducrot, 1976, p. 14-15). De acordo com os autores, essa orientação argumentativa é alcançada através do emprego de determinadas marcas lexicais que compõem a própria estrutura do enunciado. Essas marcas são os conectores, que podem ser definidos como “morfemas, expressões ou termos que, além de seu conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, conduzir o destinatário em tal ou qual direção” (Ducrot, 1981, p. 178). Investigando o uso de diferentes conectores, Anscombe e Ducrot (1988) percebem que o conteúdo semântico do próprio enunciado orienta sua intenção argumentativa. Nota-se que o sentido dos enunciados possui um papel fundamental na apreensão da sua intenção argumentativa. Isso acontece, de acordo com os autores, porque

o sentido de um enunciado comporta, como parte integrante, constitutiva, essa forma de influência que se chama a força argumentativa. Significar, para um enunciado, é orientar. De modo que a língua, na medida em que contribui em primeiro lugar para determinar o sentido dos enunciados, é um dos lugares privilegiados no qual se elabora a argumentação.<sup>78</sup> (Anscombe; Ducrot, 1988, *Avant-propos*)

Ao estabelecer essa relação entre argumentação e sentido do enunciado, os autores inscrevem o estudo da argumentação exclusivamente na esfera linguística: caberia, pois, à semântica descrever e analisar o valor e a força argumentativa dos enunciados. Atrair o estudo dos encadeamentos argumentativos ao estudo da língua justifica-se, de acordo com os autores, pelo fato de que esses encadeamentos originam-se, enunciam-se e consolidam-se através de um ato de linguagem particular: o ato de argumentar (Anscombe; Ducrot, 1988). Esse ato deve

<sup>76</sup> Les enchaînements argumentatifs possibles dans un discours sont liés à la structure linguistique des énoncés et non aux seules informations qu’ils véhiculent.

<sup>77</sup> Un trait *constitutif* de nombreux énoncés, qu’on ne puisse pas les employer sans prétendre orienter l’interlocuteur vers un certains type de conclusions (par le fait qu’on exclut un autre type de conclusion).

<sup>78</sup> le sens d’un énoncé comporte, comme partie intégrante, constitutive, cette forme d’influence que l’on appelle la force argumentative. Signifier, pour un énoncé, c’est orienter. De sorte que la langue, dans la mesure où elle contribue en première place à déterminer le sens des énoncés, est un des lieux privilégiés où s’élabore l’argumentation.



ser compreendido como a atividade da argumentação, sua enunciação propriamente dita, e, nessa perspectiva, torna-se “co-extensivo à atividade da fala. Argumentar é [portanto] falar”<sup>79</sup> (Plantin, 1990, p. 38).

Adotando uma perspectiva diferente daquela seguida pelos autores descritos acima, Vignaux (1988) propõe um modelo para o estudo da argumentação que se inspira, de um lado, na lógica natural e, de outro, nas ciências cognitivas e ciências da linguagem. Desse modo, o autor pretende contemplar não só os fenômenos linguísticos, mas também os fenômenos cognitivos mobilizados na produção do discurso argumentativo. Por fundamentar-se em domínios disciplinares distintos, Vignaux (1988) preocupa-se em apresentar, logo na introdução de sua obra<sup>80</sup>, os problemas teóricos relacionados ao conceito de argumentação. Tomando como ponto de partida a ideia de que argumentar é defender um ponto de vista, ou melhor, é escolher as palavras apropriadas e organizá-las discursivamente com a intenção de convencer e de persuadir um interlocutor, o autor percorre diferentes definições, formuladas por filósofos, linguistas, enciclopedistas e dicionaristas entre outros. Ao longo de sua busca, o autor observou que, dentre os elementos necessários para definir a argumentação, o discurso e o sujeito que o expressa constituem elementos fundamentais:

não se pode imaginar [...] a argumentação, sem o discurso que a expressa e a sustenta, nem mesmo, sem consideração ao sujeito que a enuncia. Isso quer dizer que toda argumentação se caracterizará, primeiramente, através do tipo de argumentos que o discurso expressa e, em seguida, se identificará diante daquele que a produz conforme tal ou tal circunstância histórica ou conjuntural.<sup>81</sup> (Vignaux, 1988, p. 21)

É nestas duas bases, a saber, no discurso e no sujeito que o enuncia, que Vignaux encontra os subsídios necessários à elaboração de um *Modelo Cognitivo da Argumentação* (MCA), no qual ele considera que todo o discurso é constituído por um conjunto de estratégias linguístico-cognitivas engendradas por um sujeito que age *na* língua e *pela* língua. Essas estratégias, de acordo com o autor, configuram-se em escolhas (referentes a noções, atores, processos, situações, acontecimentos e imagens) realizadas por cada sujeito para construir *no* e *pelo* seu discurso um

<sup>79</sup> l'activité d'argumentation est coextensive à l'activité de parole. Argumenter, c'est [portanto] parler.

<sup>80</sup> *Le discours acteur du monde – Enonciation, argumentation et cognition.*

<sup>81</sup> on ne peut imaginer [...] d'argumentation sans discours qui l'exprime et la soutient ni non plus sans considération du sujet qui l'énonce. Cela veut dire que toute argumentation se caractérisera d'abord au travers des types d'"arguments" que le discours avance et ensuite, s'identifiera en regard de celui qui l'a produite selon telle ou telle circonstance historique ou conjoncturelle.

modo subjetivo de ver o mundo (Vignaux, 1988, p. 18). O propósito de Vignaux é, portanto, construir um modelo teórico que auxilie a compreender essas estratégias linguageiras e cognitivas colocadas em prática pelo sujeito enunciador. O autor quer mostrar que a atividade discursiva, fonte incontestável de trocas comunicativas e, principalmente, argumentativas, pode se modelizar “em termos de encadeamento compreensivo se organizando em esquemas de percursos cognitivos e, para fazer isso, servindo-se do languageiro como fundador”<sup>82</sup> (Vignaux, 1988, p. 19). Em outros termos, Vignaux investiga os processos de *representação*<sup>83</sup> e de *esquematisação*<sup>84</sup> que, necessariamente, estão implicados na produção do discurso argumentativo.

No contexto deste quadro teórico, todo discurso pode ser considerado argumentativo na medida em que traduz a necessidade de um sujeito de (se) expressar e (se) afirmar (através de) um saber, uma impressão ou uma visão do mundo. Nessa perspectiva, toda argumentação pode ser compreendida como a construção de uma

representação pessoal do mundo e como “construção de um sujeito”: aquele que enuncia e se refere então a um universo de conhecimento ou de opinião que ele constitui para apoiar o seu dizer. Cada discurso [...] tem pretensão e ambição de se apresentar como “micro-mundo” de sentido, “esquematisando” (Grize, 1982) uma representação determinada, conforme os procedimentos de elaboração que testemunham o emprego de processos essenciais às nossas cognições.<sup>85</sup> (Vignaux, 1988, p. 197)

De acordo com as palavras do autor, o discurso e a argumentação, por extensão, constituem o lugar em que cada sujeito ou cada comunidade linguística constrói, representa e expressa o seu modo de perceber e de categorizar a realidade. Nesse sentido, discurso e argumentação apresentam-se como atores do mundo. Através deles as diferentes visões de mundo são construídas e representadas discursivamente de forma distinta a cada enunciação.

---

<sup>82</sup> en termes d'enchaînements compréhensifs s'organisant en schémas de parcours cognitifs et pour ce faire, jouant du langage à titre fondateur.

<sup>83</sup> A representação é compreendida, por Vignaux (1988), como um modo de estruturação e de desenvolvimento de nossos conhecimentos de mundo.

<sup>84</sup> A esquematização pode ser definida como um “discurso que constrói um mundo coerente e estável, apresentado ao interlocutor como uma imagem da realidade: “esquematisar é um ato semiótico: é dar a ver” (Grize, 1990, p. 37)” (Plantin, 2005, p. 32).

<sup>85</sup> représentation personnelle du monde et donc à “la construction d'un sujet”: celui que énonce et réfère alors à un univers de connaissance ou d'opinion qu'il constitue pour appuyer son dire. Chaque discours [...] a prétention et ambition de se présenter comme “micro-monde” de sens, “schématisant” (Grize, 1982) une représentation déterminée, selon des procédures d'élaboration qui témoignent bien la mise en oeuvre de processus essentiels à nos cognitions.

A partir das definições expostas acima, percebe-se que a argumentação é um conceito de difícil apreensão. Sem dúvida é um domínio extremamente heterogêneo que, enquanto objeto de investigação científica, tem de ser definido, exclusivamente, no contexto dos quadros teóricos que lhe fundamentam.

Ao apresentar três concepções distintas, busco ilustrar a complexidade que está subjacente à argumentação e, além disso, mostrar que as diferentes teorias não são excludentes. Pelo contrário, elas constituem, na realidade, modos (ou ângulos) distintos de se observar um mesmo fenômeno da linguagem. Quanto maior o número de perspectivas para observar um mesmo objeto, maior a possibilidade de compreendê-lo.

Evidentemente, cada abordagem deve ser aplicada, descrita e analisada levando-se sempre em consideração o contexto teórico no qual e para o qual ela foi formulada. A necessidade de respeitar os constructos teóricos, metodológicos e terminológicos se deve ao fato de que a argumentação, assim como a própria língua, é um fenômeno dinâmico que se apresenta em constante evolução histórica, social e temporal. Sua adaptabilidade aos gêneros do discurso e às novas formas de comunicação, aquelas desenvolvidas pela publicidade e pela propaganda, é incontestável.

É justamente sua dinâmica e sua adaptabilidade que possibilitam pensar que a atividade argumentativa ainda não teve todas as suas questões respondidas. Conhecendo melhor as perspectivas e as peculiaridades de diferentes propostas teóricas, atualizam-se e ampliam-se os subsídios para descrever e compreender a argumentação e seus fenômenos subjacentes, como, por exemplo, as questões referentes à organização retórica de sistemas linguístico-culturais distintos, tema investigado neste trabalho. Desse modo, visando a organizar um quadro teórico que possibilite a realização deste estudo, nos tópicos seguintes, dedico-me a detalhar as teorias que dão sustentação aos conceitos supramencionados.

## **2 Teorias e modelos de referência**

Percorrendo os diferentes conceitos de argumentação, confirma-se a ideia de que não há um quadro de referência universal que estabeleça uma definição homogênea e coerente com as diferentes perspectivas de estudo. Ao investigar a

argumentação, fica evidente que o ponto de vista, além de criar o objeto, cria também os conceitos, as teorias de análise e os métodos para se apreender este objeto.

Desse modo, depois de definir a argumentação sob três ângulos distintos, faz-se necessário conhecer os quadros teórico-metodológicos que fundamentam tais definições, bem como seus pressupostos de análise. Dito de outro modo, é preciso aprofundar a reflexão sobre as três abordagens selecionadas, a saber: o *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica* (TA), proposto por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002); a *Teoria da Argumentação na Língua* (ADL), elaborada por Anscombe e Ducrot (1976, 1988); e o *Modelo Cognitivo da Argumentação* (MCA) engendrado por Vignaux (1988).

## 2.1 Perelman e Olbrechts-Tyteca: o tratado da argumentação

A obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca, o *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica* (TA), publicada em 1958, constitui uma verdadeira ruptura com a tradição cartesiana, que, ao longo dos últimos séculos, vinha influenciando a filosofia ocidental. Na concepção lógico-cartesiana, a evidência, a prova e a busca da verdade constituíam o cerne da argumentação e da deliberação. Tudo o que fosse apenas verossímil era considerado falso. Estabelecendo-se como a marca da razão, a evidência era vista

como sinal de verdade daquilo que se impõe por ser evidente. [Ela] ligaria o psicológico ao lógico e permitiria passar de um desses planos para outro. Toda prova seria redução à evidência e o que é evidente não teria necessidade de prova. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 4)

Logo na introdução de sua obra, Perelman e Olbrechts-Tyteca assinalam que, “se quisermos deixar espaço para uma teoria da argumentação que admita o uso da razão para dirigir nossa ação e para influenciar a dos outros” (2002, p. 4), é necessário questionar e criticar a ideia da evidência como uma marca da razão. Os autores acrescentam que uma teoria da argumentação “não pode se desenvolver se toda prova é concebida como redução à evidência” (2002, p. 4). Nota-se que neste ponto a proposta destes filósofos começa a romper com a concepção precedente. A

ruptura desencadeada pelo TA deve-se ao fato de os autores estabelecerem um conceito de argumentação sem recorrer à noção de verdade, pois, para Perelman e Olbrechts-Tyteca, o campo da argumentação não é o campo da verdade, mas sim o campo “do verossímil, do plausível e do provável, na medida em que este último escapa às certezas do cálculo” (Perelman; Olbrechts-Tyteca 2002, p. 1).

Ao situarem a argumentação no domínio do verossímil, Perelman e Olbrechts-Tyteca retomam os postulados aristotélicos<sup>86</sup>, cujo “ponto fundamental [...], no que toca à Retórica, reside em considerá-la no domínio dos **conhecimentos prováveis** e não no das certezas e das evidências, os quais caberiam aos raciocínios científicos e lógicos” (Mosca, 2004, p. 20). Atrelada à noção de verossimilhança, a ideia de adesão dos espíritos, que era fundamental em todas as teorias da antiga retórica, também é retomada. No caso da retórica, os autores destacam que sua aproximação à noção de verossimilhança “visa a enfatizar o fato de que *é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve*” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 6). É possível perceber assim que a relação que se estabelece entre argumentação e auditório, na teoria perelmaniana, é fundamental e constitutiva: argumentar implica produzir discurso, e “todo discurso se dirige a um auditório” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 7). Complementando essa relação, existe, ainda, a figura do orador, que desempenha uma importante função na origem e no desenvolvimento de toda a argumentação: cabe a ele instaurar a prática argumentativa, tomar a palavra, fazer-se ouvir, prender o interesse do auditório e, quando necessário, adaptar-se a ele. Em outros termos, a tarefa do orador é encontrar os meios de persuadir, “pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 18).

Discurso, orador e auditório constituem a base de toda argumentação e devem ser entendidos, respectivamente, como: a argumentação propriamente dita, aquele que a apresenta e aqueles a quem ela se dirige. Na prática, esses elementos são a retomada dos três<sup>87</sup> componentes da persuasão já designados por Aristóteles sob o nome de: *logos* (discurso), *ethos* (imagem do enunciador) e *pathos* (as paixões do auditório). Conforme ressalta Adam (2005, p. 94), esses três polos

---

<sup>86</sup> Esclarece-se assim a origem do termo *Nova Retórica*, que serviu e ainda serve para designar a teoria perelmaniana.

<sup>87</sup> Confira o tópico 2, no Capítulo I.

podem ser descritos muito mais pela sua complementaridade do que pela sua concorrência, já que eles estão presentes em qualquer movimento argumentativo. Conscientes dessa complementaridade, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 22) reafirmam-na, destacando que “cada *orador* pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o *auditório* ao qual se dirigem seus *discursos*”<sup>88</sup>.

### 2.1.1 Orador e auditório: os dois lados do discurso

Em sua proposta teórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) compreendem o discurso, ou melhor, a argumentação, como o ponto de interação entre o orador e o auditório. Essa interação, segundo os autores, não se estabelece somente como condição prévia da argumentação, mas como condição essencial ao desenvolvimento e à manutenção do discurso argumentativo: “com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 21).

Constituindo, portanto, os “dois lados de uma mesma moeda”, orador e auditório interagem e constroem-se, dialeticamente, *na* e *pela* argumentação. Para que essa interação aconteça, é indispensável que ambos estejam de acordo sobre a divergência de opinião a respeito de uma questão determinada e sobre a necessidade de se debater essa questão na busca pelo entendimento através do diálogo. A relação que se estabelece entre orador e auditório não é unilateral; pelo contrário, ela apresenta-se, efetivamente, como uma disputa de interesses, de influências e de poder que dá origem à argumentação.

Para que o embate de opiniões seja instituído não basta somente escrever ou falar bem, é preciso ser lido e ouvido, e é preciso também saber ouvir: “mostrar-se disposto a aceitar [...] eventualmente o ponto de vista” do outro (2002, p. 19). Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), cada uma das partes, orador e auditório, tem características próprias e desempenha funções específicas a fim de contribuir para que a argumentação se realize.

---

<sup>88</sup> Grifos meus.

Assim sendo, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) salientam que é função primordial de todo orador conhecer aqueles a quem o seu discurso se dirige. Essa informação inicial sobre o auditório, além de diminuir a possibilidade de se construir uma imagem inadequada, permite também elaborar estratégias para despertar a atenção do auditório e adaptar-se às suas possíveis particularidades (éticas, morais e valorativas) a fim de provocar e promover a adesão dos espíritos. Para argumentar de modo eficaz, o orador tem de apreciar o exercício da discussão: “precisa ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 18). Para convencer o interlocutor, o orador deve demonstrar modéstia, pois ele não tem autoridade para fazer com que seu dizer seja “indiscutível e [obtenha] imediatamente a convicção. Nota-se assim que a percepção sobre o auditório, a postura discursiva e as atitudes do orador têm consequências diretas no andamento da argumentação. O mesmo pode acontecer com as reações do auditório, que devem homologar a argumentação e podem, eventualmente, modificar o seu curso.

Em relação ao auditório, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 27) ressaltam que cabe a ele, essencialmente, “determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores”, já que é em função dele que todas as atividades argumentativas se desenvolvem. A noção de auditório ocupa uma posição central no TA e, evidentemente, é objeto de muitas reflexões. Diante da variedade quase infinita de auditórios, os autores constatam que esta é uma noção de difícil apreensão, mas, mesmo assim, dedicam-se a explorá-la e a descrevê-la. Para isso, os fundadores da Nova Retórica retomam a clássica distinção entre *persuadir* e *convencer*, relacionando-a com sua teoria da argumentação a fim de refletir sobre o papel desempenhado por alguns auditórios.

Na concepção de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), a argumentação é persuasiva quando endereçada a um auditório particular; e ela é convincente quando destinada a obter a adesão de todo ser racional. Sem dúvida, é uma distinção delicada que se fundamenta, sobretudo, na relação do orador com o auditório, em outras palavras, na intenção do orador de dirigir o seu discurso a um determinado tipo de auditório: particular ou universal.

Adotando esse ponto de vista, os autores pretendem mostrar que a linha que separa os termos *convencer* e *persuadir* tem de ser vista sempre como imprecisa e que, na prática, isso deve permanecer assim, “pois [...] a distinção entre os diversos

auditórios é muito mais incerta, e isso ainda mais porque o modo como o orador imagina os auditórios é o resultado de um esforço sempre suscetível de ser retomado” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 33). Em sua essência, essa distinção pode ser melhor compreendida se a natureza de cada auditório for tomada como referência: “é, portanto, a natureza do auditório ao qual alguns argumentos podem ser submetidos com sucesso que determina em ampla medida tanto o aspecto que assumirão as argumentações quanto o caráter, o alcance que lhes serão atribuídos” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 33).

Considerando a importância da natureza do auditório na eficácia da argumentação, são identificados três auditórios distintos: o primeiro, o auditório universal, é formado pela humanidade inteira; o segundo, o auditório particular, é composto por um único interlocutor com quem o orador dialoga; e o terceiro, o próprio orador, é constituído quando ocorrem deliberações com ele mesmo e monólogos internos (discurso interno).

Essa categorização reforça a ideia de que a argumentação depende do auditório a que se dirige e, ao mesmo tempo, destaca a importância do auditório universal para o desenvolvimento de uma argumentação objetiva e convincente. Sendo compreendido como a norma da argumentação objetiva, o auditório universal parece ser a garantia da racionalidade do discurso, já que “uma argumentação dirigida a um auditório universal deve convencer o leitor do caráter coercivo das razões fornecidas, de sua evidência, de sua validade intemporal e absoluta, independente das contingências locais e históricas” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 35).

Almejando a objetividade e a racionalidade, a maioria das produções argumentativas escritas busca conquistar a adesão de uma universalidade e uma unanimidade de espíritos imaginada pelo orador. Nesse sentido, essas argumentações estão destinadas a um auditório universal “não por esperarem o consentimento efetivo de todos os homens – sabem muito bem que somente uma pequena minoria terá um dia a oportunidade de conhecer seus escritos –, mas por crerem que todos os que compreenderem suas razões terão de aderir às suas conclusões” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 35). Nessa perspectiva, uma argumentação convincente seria aquela embasada em argumentos universalizáveis, aceitos por todos.



O sucesso de uma argumentação pode estar atrelado ao tipo de auditório ao qual ela se dirige e também ao modo como as técnicas argumentativas são organizadas, apresentadas e desenvolvidas frente a esse auditório. Como os próprios autores destacam “tanto o desenvolvimento como o ponto de partida da argumentação [as premissas] pressupõe acordo do auditório. [...] Do início ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes.” (Perelman; Olbrechts-Tyteca 2002, p. 73).

Tomando o acordo como um elemento indispensável à argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca estabelecem dois tipos de acordo que, apoiados em objetos do real e do preferível, podem desempenhar papéis distintos no processo argumentativo. Nas argumentações que objetivam convencer um auditório universal, observa-se o acordo fundamentado em objetos do real, cujas premissas comportam fatos, verdades gerais e presunções. O mesmo não acontece às argumentações que se dirigem a auditórios particulares, como é o caso, por exemplo, dos debates em forma de diálogo com um único interlocutor e das deliberações do orador consigo mesmo. Nestes casos, o acordo está embasado em objetos do preferível, cujas premissas contêm valores, hierarquias e lugares do preferível. Complementando o exposto, os autores assinalam que, na argumentação,

tudo o que se presume versar sobre o real se caracteriza por uma pretensão de validade para um auditório universal. Em contrapartida, o que versa sobre o preferível, o que nos determina as escolhas e não é conforme uma realidade preexistente, será ligado a um ponto de vista determinado que só podemos identificar com o de um auditório particular, por mais amplo que seja. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 74)

Verifica-se que as premissas destinadas a auditórios universais nem sempre são aceitas pelos auditórios particulares e vice-versa. Para cada auditório, parece existir um conjunto de premissas e de técnicas argumentativas que têm a possibilidade de influenciar-lhe as ações e reações. Entende-se assim a importância que exerce o acordo do auditório e a seleção das premissas no desenvolvimento e na manutenção do processo argumentativo. Toda argumentação supõe, como destacaram os autores, uma escolha que “consiste não só na seleção dos elementos que são utilizados, mas também na técnica da apresentação destes” (2002, p. 136). Em outros termos, toda argumentação é seletiva.

### 2.1.2 Sobre o estudo da argumentação

Em seu TA, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) elegem como objeto de estudo as técnicas discursivas que são colocadas em prática na produção do discurso argumentativo. O estudo e a interpretação dessas técnicas pressupõem a descrição de seus componentes e de seus efeitos. Dito de outra forma, significa fornecer à argumentação uma rica base empírica de esquemas que sustentam as especificidades dessa prática linguageira, ou melhor, significa estabelecer uma tipologia dos diferentes argumentos e das diferentes formas argumentativas.

Os esquemas de argumentos descritos pelos autores podem ser considerados como lugares da argumentação que atuam de forma implícita: “apenas um trabalho de explicitação, raramente efetuado, permite ao orador e, mormente, aos seus ouvintes ficarem conscientes dos esquemas intelectuais que utilizam ou a cuja ação estão sujeitos” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 212). Para apreender estes esquemas, é necessário, segundo os autores, interpretar as palavras e suprir os elos faltantes, estabelecendo hipóteses sobre as possíveis conexões do discurso. Essa interpretação realiza-se através de esquemas de argumentos e interessa-se pelos raciocínios colocados em prática pelo orador na organização do seu discurso. Cumpre ressaltar ainda que “nada impede de considerar um mesmo enunciado como suscetível de traduzir vários esquemas que atuariam simultaneamente sobre o espírito de diversas pessoas, até mesmo sobre um único ouvinte” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 212).

Ao apresentarem os esquemas argumentativos, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) optam por classificá-los segundo dois tipos de processos: os de ligação e os de dissociação. Apesar dessa divisão didática, os autores afirmam que estes processos constituem “duas técnicas complementares que sempre operam conjuntamente” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 215).

Os processos de ligação compreendem esquemas que “aproximam elementos distintos e permitem estabelecer entre estes uma solidariedade que visa, seja estruturá-los, seja valorizá-los positiva ou negativamente um pelo outro” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 215). Nesses processos de ligação, inserem-se os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real e os argumentos que visam a fundar a estrutura do real. Cada tipo de argumento se

subdivide em diversas possibilidades de concretização, conforme mostram os quadros a seguir:

Tabela 2: Argumentos quase-lógicos

<b>Estruturas lógicas</b>	<b>Estruturas matemáticas</b>
Contradição Identidade Analiticidade Regra de justiça Reciprocidade Transitividade	Inclusão parte pelo todo Divisão do todo em partes Comparação Argumento pelo sacrifício Probabilidade

Tabela 3: Argumentos baseados na estrutura do real

<b>Ligações de sucessão</b>	<b>Ligações de coexistência</b>
Vínculo casual Argumento pragmático Causa e consequência Fins e meios Argumento do desperdício Argumento de direção	Interação ato e pessoa Argumento de autoridade Ligação simbólica Argumentação e hierarquia Técnica de ruptura

Tabela 4: Argumentos que visam a fundar a estrutura do real

<b>Pelo caso particular</b>	<b>Pelo raciocínio por analogia</b>
Exemplo Ilustração Modelo e antimodelo	Analogia Metáfora

Os processos de dissociação, por sua vez, compreendem “técnicas de ruptura com o objetivo de dissociar, de separar, de desunir elementos considerados um todo, ou pelo menos um conjunto solidário dentro de um mesmo sistema de pensamento” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 215). Aparecendo em números mais reduzidos que os anteriores, os processos de dissociação configuram-se em dois tipos de argumentos: a ruptura de ligação e a dissociação de noções.

A classificação proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) não deve ser compreendida como uma forma de isolar os esquemas argumentativos. Conforme supramencionado, os processos de ligação e de dissociação constituem técnicas complementares e devem operar e atuar conjuntamente.

## 2.2 Anscombe e Ducrot: a teoria da argumentação na língua

Deslocando o estudo da argumentação do campo da retórica para o campo da linguística, a *Teoria da Argumentação na Língua* (ADL), engendrada por Anscombe e Ducrot, em meados da década de 70, e reformulada nas décadas seguintes, também pode ser considerada inovadora. Nela, os autores postulam que a argumentação não é constituída apenas de construções retóricas, de técnicas e de figuras; para Anscombe e Ducrot, a argumentação é constituída pela própria língua e por suas estruturas linguísticas. Deve-se esclarecer que a proposta dos autores não remete a toda e qualquer estrutura linguística, mas especificamente àquelas que estão subjacentes ao dito: são estruturas que, apresentando-se sob o dito, podem provocar sentido graças aos fenômenos de pressuposição, de interrogação e de negação. Para empreender o estudo de tais fenômenos, os autores recorreram fundamentalmente à análise linguística. Isso explica, em parte, o deslocamento proposto pelos autores. Outro elemento que contribuiu para esse deslocamento foi a corrente estruturalista<sup>89</sup>, com seu princípio da imanência e da autonomia da língua, em vigor naquele período.

As modificações no campo de estudo da argumentação trouxeram algumas consequências que de modo algum podem ser ignoradas. Na perspectiva linguística, a atividade argumentativa é compreendida como coexistente à atividade de fala: ao falar já se está argumentando (Plantin, 1990). Outra consequência que deve ser destacada é o fato de o estudo normativo, que vigorava nas teorias precedentes, ter dado lugar a uma prática descritiva da argumentação que foi fundamentada em um novo quadro teórico-metodológico, situado no domínio dos estudos semânticos. Isso não quer dizer que a argumentação passou a ser investigada sob a perspectiva da semântica estrutural, formal ou cognitiva. Pelo contrário, o estudo da argumentação possibilitou o surgimento de um novo campo de pesquisa, a Semântica Argumentativa, que se ocupou da descrição e da análise dos fenômenos relativos à argumentação. Os limites epistemológicos deste novo domínio foram estabelecidos com rigor e respeitados com esforço.

Em sua essência, essa nova perspectiva semântica concebe a atividade linguageira como uma atividade intencional. O sentido de um enunciado é definido

---

<sup>89</sup> Cumpre lembrar que os estruturalistas tentavam descrever, analisar e explicar o funcionamento da língua sem recorrer aos elementos exteriores a ela.

em relação às intenções (argumentativas) expressas linguisticamente pelo locutor. De acordo com Anscombe e Ducrot (1988), apreender o sentido de um enunciado implica reconhecer uma determinada intenção, uma orientação enunciativa, pois “significar, para um enunciado, é orientar”<sup>90</sup> (Anscombe; Ducrot, 1988, *Avant-propos*). Desse modo, tomando como base a produção de um único enunciado, é possível imaginar sua seqüência. Isso acontece porque, de acordo com a ADL, o sentido não orienta para um raciocínio ou para uma realidade, ele orienta para a seqüência do discurso. Em outros termos, o sentido, ou melhor, a intenção propriamente dita, é compreendida como a causa final do enunciado.

Para elucidar essa questão, é preciso refletir sobre o célebre exemplo utilizado pelos autores adeptos da ADL: “o copo está meio cheio” e “o copo está meio vazio”. Cumpre lembrar que estes enunciados podem ser empregados para fazer referência à mesma quantidade de líquido no recipiente. No entanto, “meio cheio” e “meio vazio” remetem a conclusões distintas e, conseqüentemente, a valores argumentativos e interpretações semânticas também distintas (Anscombe; Ducrot, 1988). A partir dos exemplos, verifica-se que a argumentação apresenta-se como um direcionamento à seqüência do discurso, ou seja, ela é descrita como uma orientação argumentativa que pode ser apreendida pelo conjunto de conclusões para as quais o enunciado aponta.

Para Anscombe e Ducrot (1988), a argumentação é um traço constitutivo de inúmeros enunciados que não podem ser empregados sem a pretensão de orientar o interlocutor “em direção a certo tipo de conclusão (pelo fato de que se exclui um outro tipo de conclusão): é necessário dizer então, quando se descreve um enunciado desta classe, qual orientação ele traz consigo – ou ainda [...] em favor de quê ele pode ser argumento”<sup>91</sup> (Anscombe; Ducrot, 1988, p.30). Nessa perspectiva, estudar a argumentação significa estudar as capacidades projetivas dos enunciados que podem ser apreendidas através da orientação argumentativa inscrita na superfície linguística.

Orientar argumentativamente um enunciado significa, segundo os autores, “empregar A *em favor* da conclusão C”<sup>92</sup>, quer dizer “*apresentar* A como devendo

---

<sup>90</sup> Signifier, pour un énoncé, c’est orienter.

<sup>91</sup> vers un certain type de conclusion (par le fait qu’on exclut un autre type de conclusion): il faut donc dire, quando n décrit un énoncé de cette classe, quelle orientation il porte en lui – ou encore [...] en faveur de quoi il peut être argument.

<sup>92</sup> Employer A *en faveur* de la conclusion C.

levar o destinatário a concluir C, [ou seja] *dar* A como uma razão de crer C”<sup>93</sup> (Anscombe; Ducrot, 1988, p. 28). Desse modo, orientar argumentativamente é apresentar o conteúdo de A como uma intenção que deve fazer o interlocutor concluir o conteúdo de C. De acordo com Guimarães (2002, p. 25), “o que leva à conclusão é o próprio A. Ou seja, é tomado como uma regularidade do sentido do enunciado a representação de sua enunciação como orientada argumentativamente”. Trabalhando nessa perspectiva, Anscombe e Ducrot (1988) descartam formulações do tipo: dizer A para que se pense C; ou dizer A para que se conclua C. Além disso, os autores excluem a possibilidade de a argumentatividade ser confundida com a semântica lógica “que define o sentido de um enunciado como o conjunto de suas consequências”<sup>94</sup> (Anscombe; Ducrot, 1988, p. 28).

### 2.2.1 Sobre as marcas da argumentação

A *Teoria da Argumentação na Língua* defende a idéia de que a argumentação está inscrita estruturalmente nos elementos da língua, ou seja, os enunciados apresentam um direcionamento, uma orientação argumentativa que objetiva encaminhar o interlocutor a determinadas conclusões. Para descrever e interpretar semanticamente essa orientação argumentativa, cumpre observar determinadas marcas, as marcas linguísticas da argumentação, que aparecem explicitamente na própria estrutura do enunciado. Para Ducrot (1981), o valor argumentativo de um enunciado não pode ser visto como uma consequência exclusiva das informações expressas por ele, visto que o enunciado “pode comportar diversos morfemas, expressões ou termos que, além do conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa aos enunciados, a conduzir o destinatário em tal ou qual direção” (Ducrot, 1981, p. 178).

Os “morfemas, expressões ou termos” a que se refere o autor, constituem as marcas da argumentação, que se configuram, principalmente, sob a forma de conectores, ou melhor, de operadores argumentativos. Além de fazer as devidas conexões entre as palavras e os argumentos do texto, os operadores

---

<sup>93</sup> *Présenter* A comme devant amener le destinataire à conclure C, [ou seja] *donner* A comme une raison de croire C.

<sup>94</sup> qui définit le sens d'un énoncé comme l'ensemble de ses “conséquences”.

argumentativos têm a função de orientar e de indicar a força argumentativa dos enunciados, isto é, apontar o sentido para o qual eles se direcionam. Ademais, de acordo com Plantin (1990), cabe aos operadores argumentativos colocar a informação do texto a serviço da intenção argumentativa global do locutor veiculada ao longo do texto, ou seja, são os operadores que determinam o valor argumentativo dos enunciados e orientam a direção da argumentação.

A fim de mostrar que a “utilização argumentativa da língua, longe de lhe ser sobreposta, está nela inscrita, [ou seja] é prevista em sua organização interna”, Ducrot (1981, p. 180) estabeleceu duas noções basilares que possibilitam investigar a orientação argumentativa dos enunciados. São elas as classes argumentativas e as escalas argumentativas.

Por classe argumentativa compreende-se um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para uma mesma conclusão. Ou seja, havendo argumentos que apontam para uma mesma direção (e não em direções discursivas contrárias), seus elementos encadeiam-se e conectam-se, formando, assim, as classes argumentativas. Como exemplo disso, citam-se, abaixo, dois enunciados que remetem a conclusão: “No Brasil, todos os políticos são corruptos”.

(1) O prefeito é acusado de corrupção.

(2) Até o Presidente do Senado é acusado de corrupção.

Esses exemplos podem ter sido enunciados por um brasileiro no contexto atual. O primeiro enunciado pode ser tomado como uma simples informação sobre um episódio do cotidiano. Já no caso do segundo enunciado isso não acontece. Levando-se em consideração o contexto em que foi dito, o exemplo (2), necessariamente, e o exemplo (1), possivelmente, podem ser compreendidos como uma indicação, um direcionamento, expresso na enunciação, a favor de uma conclusão do tipo “No Brasil, todos os políticos são corruptos”. Esses exemplos podem, então, ser vistos como componentes de uma classe argumentativa. Eles confirmam a ideia de que as classes argumentativas são constituídas por enunciados cujos conteúdos regularmente se apresentam como argumentando para uma conclusão que define a classe argumentativa. Essa orientação argumentativa do enunciado pode ser apreendida através de suas regularidades semânticas. Dito

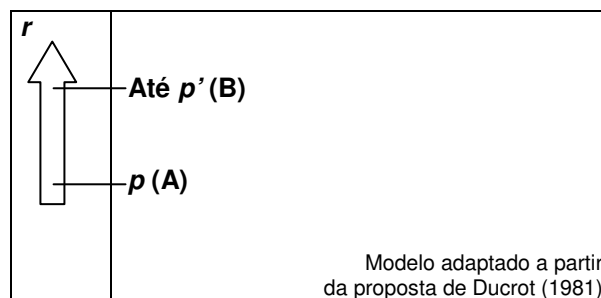
de outra forma, “a orientação argumentativa está marcada, como uma regularidade enunciativa, no enunciado” (Guimarães, 2002, p. 28).

Além da noção de classes argumentativas, Ducrot (1981) propõe a noção de escalas argumentativas, que se configuram quando uma relação de força ou de ordem se estabelece entre os argumentos. Nesse caso, os elementos apresentam-se organizados de forma hierárquica. Essa hierarquia interna tem por objetivo orientar o interlocutor para uma determinada conclusão, selecionando ora o argumento mais forte, ora o mais fraco. Observem-se os exemplos a seguir:

- (3) Um Vereador da minha cidade e até o Presidente do Senado Federal é acusado de corrupção.
- (4) Um Vereador da minha cidade e o Presidente do Senado Federal são acusados de corrupção.

Se colocados em uma escala argumentativa, os dois exemplos têm valores distintos no que concerne a uma conclusão do tipo “Os políticos são corruptos”: o exemplo (3) possui uma força argumentativa maior, que é alcançada pelo uso de *até*. Desse modo, toda sequência  $p^{95}$  até  $p'$  compõe uma escala argumentativa cujos conteúdos A e B servem de argumentos para uma conclusão do tipo  $r^{96}$ . Neste caso, conforme ilustra a tabela abaixo, B apresenta-se como o argumento mais forte.

Tabela 5: Escala argumentativa



Percebe-se que uma escala argumentativa representa, na realidade, uma classe argumentativa “em que se configura uma relação de força maior (ordem ascendente) ou menor (ordem descendente) dos conteúdos enunciados” (Guimarães, 2002, p. 28).

<sup>95</sup>  $p, p', p''$  = argumento

<sup>96</sup>  $r$  = conclusão



A teoria da ADL passou por numerosas adaptações e reformulações ao longo do tempo. Um exemplo disso é o caso dos operadores argumentativos. Atribuía-se a eles a função de definirem os encadeamentos de um argumento do discurso com suas possibilidades de conclusões; a relação argumentativa era vista de forma binária. No entanto, Anscombe e Ducrot (1988) perceberam que um mesmo argumento poderia se encadear com conclusões opostas. Isso fez com que os operadores argumentativos fossem redefinidos e a relação argumentativa passasse a ser representada de forma triádica, na teoria dos *topoi*.

De acordo com Anscombe e Ducrot (1988), o *topos*, visto como um princípio argumentativo<sup>97</sup>, possui determinadas propriedades constitutivas: ele é universal, no sentido de ser compartilhado por uma comunidade linguística que deve incluir, pelo menos, o locutor e seu alocutário; ele é geral, no sentido que se apresenta como um princípio aplicável a inúmeras situações análogas; e ele é gradual, no sentido que estabelece uma relação gradual entre duas escalas argumentativas (Anscombe; Ducrot, 1988; Ducrot, 1993).

Em versões mais atuais da ADL, os autores adeptos dessa proposta teórica parecem deixar de lado o conceito de *topos* e passam a interessar-se pelo conceito de bloco semântico, que pode ser descrito como um único objeto semântico que se encadeia argumentativamente de forma gradual.

### 2.3 Vignaux: um modelo cognitivo da argumentação

Ao formular um *Modelo Cognitivo da Argumentação* (MCA), Vignaux (1988) situa-se em um lugar teórico heterogêneo: de um lado, apoia-se nos postulados da lógica formal; de outro, fundamenta-se no referencial teórico das ciências cognitivas e das ciências linguísticas. Conforme o próprio autor assinala, essa é uma abordagem necessariamente interdisciplinar que encontra dificuldades em se inserir entre as clássicas correntes da linguística (Vignaux, 1988).

Essa escolha teórica híbrida justifica-se, segundo o autor, pelo fato de que a lógica lhe oferece ferramentas para descrever somente o modo como se formam os

---

<sup>97</sup> Para mais informações, confira: Ducrot, O. (1993). Les *topoi* dans la "Théorie de l'argumentation dans la langue". In : Plantin, C. (Org.) (1993). *Lieux communs, topoi, stéréotypes, clichés*. Paris: Éditions Kimé.

raciocínios ditos naturais. Para o autor, isso não é suficiente. Ele quer compreender também quais são os processos cognitivos que estão subjacentes ao funcionamento da linguagem. Dito de outra forma, ele pretende investigar como a linguagem pode constituir “um “sistema” efetivamente portador de regras mas também de manipulações dessas regras, umas impostas (a gramática, a sintaxe), e outras oferecidas à liberdade de cada um, conforme o discurso que ele deseja produzir”<sup>98</sup> (Vignaux, 1988, p. 6). Além das ciências cognitivas, o autor destaca que a linguística, através dos trabalhos de Culioli, também contribuiu de forma decisiva no desenvolvimento do MCA. Desse modo, sua proposta teórica foi formulada embasando-se em três domínios – enunciação, argumentação e cognição – que atuam conjuntamente e podem, portanto, ser investigados como domínios complementares.

Tomando como ponto de partida o fato de que não se pode conceber a atividade da linguagem sem tratar dos processos cognitivos que estão subjacentes a ela, Vignaux dedica-se a formular um modelo teórico da argumentação em que dois planos da atividade da linguagem, o languageiro e o cognitivo, são identificados, descritos e analisados. Consciente da estreita imbricação que existe entre esses dois planos, o autor esclarece que o languageiro remete à verbalização do discurso, ou seja, à fala propriamente dita; enquanto que o cognitivo remete aos processos mentais de *esquematização* e de *representação*. Através desses processos, adquirem-se, elaboram-se e organizam-se mentalmente conhecimentos e informações (linguísticas, culturais, históricas e sociais) sobre o mundo em que se vive. As percepções armazenadas no e pelo cognitivo servem de referência para o modo como se categoriza a realidade na e pela linguagem.

Existe uma relação de complementaridade entre os dois planos: enquanto o cognitivo, pertencente à ordem do pensar, tem a função de “designar [...] a forma interiorizada que vão tomar nossas representações das “realidades” do mundo, bem como, os meios, as “estratégias” pelas quais nós vamos proceder para construirmos essas representações”<sup>99</sup> (Vignaux, 1988, p. 166); o languageiro, pertencente à ordem do expressar, é o único, “entre todos estes meios (percepções físicas, auditivas,

---

<sup>98</sup> un “système”, effectivement porteur de règles mais aussi, de manipulations de ces règles, les unes imposées (la grammaire, la syntaxe), d’autres offertes à la liberté de chacun, selon le discours qu’il souhaite produire.

<sup>99</sup> désigner [...] la forme intériorisée que vont prendre nos représentations des “réalités” du monde en même temps que les moyens, les “stratégies” par lesquelles nous allons procéder pour nous construire ces représentations.

visuais), [capaz de] “colocar em forma” e sobretudo de assegurar sua transmissão e manipulação simbólica”<sup>100</sup> (Vignaux, 1988, p. 166).

Na realidade, os dois planos convergem para nos representar o mundo, para esquematizá-lo e, principalmente, para comunicar este modo de apreender e de categorizar a realidade. Isso acontece porque toda atividade de linguagem implica uma atividade cognitiva de *representação* dos acontecimentos e/ou de objetos do mundo que, por sua vez, se configura em forma de *esquemas*, isto é, de pequenas imagens do mundo, de micro-universos. A *representação* pode ser compreendida como um modo de estruturação e de desenvolvimento dos conhecimentos de mundo. Essa é uma noção que, segundo Vignaux, é “indissociável daquela de “comunicação” no sentido de “ação simbólica” sobre o mundo e sobre *outrem*”<sup>101</sup> (Vignaux, 1988, p. 207). Em sua essência, uma *representação* sempre visa a “assegurar a relação entre dois sistemas de objetos reais ou mentais, um representando o outro”<sup>102</sup> (Vignaux, 1988, p. 207). Nesse sentido, construir a *representação* de um objeto significa então “figurar de forma estruturada uma certa “ideia” ou “forma” [desse objeto que está sendo representado], de forma a poder, em seguida, memorizá-lo, manipulá-lo, evocá-lo, transmiti-lo”<sup>103</sup> (Vignaux, 1988, p. 206-207). À medida que uma *representação* é construída, constrói-se também uma *esquematisação*, isto é, uma figura reduzida do mundo, um micro-universo “coerente e estável apresentado ao interlocutor como uma imagem da realidade”<sup>104</sup> (Plantin, 2005, p. 31).

A presença e a atuação destes dois planos, cognitivo e linguageiro, e de suas operações (de *representação* e de *esquematisação*), no processo de produção de qualquer tipo de discurso, não pode ser contestada. Mas qual é, afinal, a relação que se estabelece entre esses planos e os textos argumentativos? Para Vignaux (1988), o discurso constitui um lugar de formulação e de projeção de visões de mundo. O discurso é o espaço em que as relações entre palavras e entre frases constroem, a cada enunciação, um modo diferente de apreender a realidade, de representá-la e

<sup>100</sup> parmi tous ces moyens (perceptions physiques, auditives, visuelles), [capaz de] “mettre en forme” et surtout d’en assurer transmission et manipulation symbolique.

<sup>101</sup> indissociable de celle de “communication” au sens de “l’action symbolique” sur le monde et sur autrui”.

<sup>102</sup> assurer la relation entre deux systèmes d’objets réels ou mentaux, l’un représentant l’autre.

<sup>103</sup> “figurer” de façon structurée, une certaine “idée” ou “forme” [desse objeto que está sendo representado] de façon à pouvoir ensuite le mémoriser, le manipuler, l’évoquer, le transmettre.

<sup>104</sup> Discours qui construit un monde cohérent et stable, présenté à l’interlocuteur comme une image de la réalité.

de verbalizá-la. A cada enunciação, portanto, um novo esquema de significações e de *representações*, um novo microuniverso conceitual é expresso.

Nessa perspectiva, Vignaux (1988) acredita que todo o discurso pode ser visto como argumentativo, no sentido que ele traduz a necessidade de um sujeito de expressar e/ou verbalizar uma visão de mundo, isto é, um modo individual de perceber e de categorizar a realidade. Para o autor, toda a argumentação, ao expor um ponto de vista, uma opinião ou uma tese, expressa uma visão de mundo pessoal, um modo subjetivo de perceber a realidade e de enunciá-la.

Em conformidade com seus pressupostos teóricos, o MCA propõe que a análise dos discursos argumentativos deva, necessariamente, levar em consideração tanto o plano cognitivo como o linguístico. Para proceder a esse tipo de investigação, é preciso segmentar o texto em proposições, unidades mínimas de sentido, e reconhecer os argumentos do discurso na ordem em que são expressos, respeitando os seus encadeamentos. Após a segmentação, configura-se um plano que possibilita a construção de um esquema de pensamento e de discurso. A análise efetua-se, segundo o autor, através da manipulação de quatro tipos de objetos compostos e modulados conforme um “circuito argumentativo” que, à semelhança do quadro semiótico, estabelece as devidas ligações entre esses objetos-chave do discurso investigado.

Ao longo deste capítulo, percorrendo a história da argumentação e conhecendo algumas das teorias e/ou modelos de descrição e de análise dos discursos argumentativos, constatou-se que a argumentação é, de fato, um fenômeno complexo de difícil apreensão. Ela apresenta-se como um modo de organização do discurso que se configura sob diferentes formas, desempenha diferentes funções e envolve diversas situações enunciativas. A reflexão desenvolvida, no decorrer deste capítulo, possibilitou compreender que a heterogeneidade característica a esse domínio de produção da linguagem deve-se, sobretudo, a seu caráter multifacetado. Isso viabiliza o desenvolvimento de investigações interdisciplinares.

O exame de diferentes teorias foi movido pelo desejo de encontrar aquela que melhor se adaptasse à análise do *corpus* deste estudo. Cumpre lembrar que esta pesquisa pretende investigar as diferenças e semelhanças retóricas entre sistemas linguístico-culturais distintos. Desse modo, a partir do que foi exposto neste capítulo, decidiu-se eleger a proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) como

referencial teórico de base às análises empreendidas nesta pesquisa. No entanto, é preciso destacar que as outras propostas podem, eventualmente, ser empregadas para complementar e enriquecer as análises e reflexões acerca do material linguístico investigado.

Apresentando-se como um fenômeno em constante evolução histórica, social e temporal, a argumentação pode ser descrita pela sua dinâmica e pela sua adaptabilidade. São justamente essas características que me fazem acreditar que nem todas as questões referentes à argumentação foram respondidas, visto tratar-se de um fenômeno que frequentemente se renova e se atualiza. Essa atualização parece ocorrer em sincronia com a atualização dos sistemas linguísticos que articulam e enunciam a argumentação. Desse modo, acredito que, observando o mesmo objeto – a argumentação – sob perspectivas distintas, reúno mais subsídios para descrevê-lo, analisá-lo e interpretá-lo. Enfim, disponho de mais recursos para formular respostas a estas questões que também se renovam e se atualizam.

## DELIMITAÇÕES TEÓRICAS

O locutor, mais ou menos consciente das imposições e da margem de manobras que lhe propõe a *situação de comunicação*, utiliza algumas *categorias da língua* que ele ordena nos *modos de organização do discurso* para produzir sentido, através da produção de um *Texto*.<sup>105</sup>  
(Charaudeau)

O processo de produção textual é resultado da interação de componentes tanto de ordem linguística como de ordem psicossocial. De fato, toda produção textual tem como ponto partida um elemento externo à linguagem: a situação de comunicação. Da ordem do psicossocial, ela é definida por Charaudeau (1992, p. 635), como “o lugar em que se constrói um *contrato de troca* linguageira, em função da *identidade* dos parceiros, e das intenções comunicativas do sujeito falante (o *Projeto de fala*)”<sup>106</sup>.

Esse contrato, estabelecido entre os sujeitos envolvidos na situação enunciativa, impõe determinadas restrições às produções textuais. Essas restrições, segundo Charaudeau (1992), são de ordem linguística. Elas guiam as escolhas do locutor sobre o modo de organização de seu discurso<sup>107</sup> e sobre as categorias da língua<sup>108</sup> que serão empregadas na formulação do texto. Em outras palavras, esse contrato determina os princípios de organização textual em função dos objetivos da enunciação e seleciona o material verbal, estabelecendo a ordem em que ele é enunciado. Nessa perspectiva, organizar um texto, tanto oral como escrito, implica observar não só o que se enuncia, mas também para quem, onde e quando se enuncia.

Consciente da legitimidade da proposta de Charaudeau acerca do processo de produção textual, adaptei e apliquei sua reflexão ao contexto deste trabalho. Meu propósito é refletir sobre alguns elementos que, direta ou indiretamente, estão envolvidos na elaboração de diferentes textos, como, por exemplo, gêneros do discurso, estilo e *ethos*. O êxito de uma produção textual parece estar vinculado ao

<sup>105</sup> Le locuteur, plus au moins conscient des contraintes et de la marge de manoeuvre que lui propose la *situation de communication*, utilise certaines des *catégories de la langue* qu’il ordonne dans des *modos d’organisation du discours* pour produire du sens, à travers la mise en forme d’une *Texte*.

<sup>106</sup> le lieu où se construit un *contrat d’échange* langagier, en fonction de *l’identité* des partenaires, et des intentions communicatives du sujet parlant (le *Projet de parole*).

<sup>107</sup> Segundo Charaudeau (1992), existem quatro modos distintos de organização do discurso: o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo.

<sup>108</sup> Segundo Charaudeau (1992, p. 634), as categorias da língua podem ser descritas como o “material verbal estruturado em categorias lingüísticas que tem às vezes, e de forma consubstancial, uma forma e um sentido”.

modo como a situação enunciativa se constrói em função da *identidade* dos parceiros e em função das intenções comunicativas do falante e do modo como elas são expressas na superfície discursiva.

Desde a Grécia Antiga, tem-se destacado a importância dos gêneros do discurso e das imagens que o enunciador constrói de si mesmo e do seu enunciatário no processo de produção textual, sobretudo nos textos argumentativos. Em seu célebre sistema retórico, Aristóteles destaca que, no plano da *inventio*, além de selecionar o gênero do discurso, o orador tem de encontrar os argumentos que vão embasar a sua persuasão. Esses argumentos são o *ethos*, o *pathos* e o *logos*, que remetem, respectivamente, aos elementos fundamentais em uma produção argumentativa: o orador, o auditório e o discurso (aquilo de que fala o orador). Conhecendo a relevância desses elementos na elaboração de textos dissertativo-argumentativos, selecionei como objeto de reflexão a questão dos gêneros do discurso e a noção de *ethos* (e, por extensão, a noção de estilo e de enunciador).

Fundamentado principalmente nos trabalhos de Bakhtin (2003) e de Amossy (2005), o presente capítulo apresenta uma reflexão sobre a questão dos gêneros do discurso, sobre a noção de estilo, sobre a construção do *ethos* e sobre o grau e modo de presença do enunciador em sua enunciação. O objetivo é compreender as especificidades de um conjunto de elementos inerentes a toda produção textual e que, no caso das produções dissertativo-argumentativas, têm uma função primordial: servir de prova e contribuir na organização e na expressão das estratégias retórico-argumentativas engendradas para convencer e persuadir o enunciatário.

## 1 A revitalização dos gêneros do discurso

Os gêneros do discurso nos são dados  
quase da mesma forma que nos é dada nossa língua materna [...]   
Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero.  
(Bakhtin)

Os gêneros do discurso podem ser descritos como ferramentas essenciais às práticas comunicativas do cotidiano. De acordo com Bakhtin, no fragmento acima, a aquisição da língua materna parece se efetuar através de gêneros. Antes de o indivíduo ser iniciado no estudo da gramática, o que normalmente acontece no

ambiente escolar<sup>109</sup>, ele já possui um amplo conhecimento de sua língua materna. Esse conhecimento – que concerne, principalmente, à composição vocabular e à estrutura gramatical da língua –, é adquirido em meio natural, isto é, nas interações cotidianas às quais o aprendiz está exposto. Para Bakhtin (2003, p. 283), a aquisição da língua materna ocorre através de “enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam”. O autor defende a idéia de que as formas da língua são adquiridas e assimiladas

somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. [Em outras palavras], as formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. (Bakhtin, 2003, p. 283)

Analisar os gêneros do discurso significa estudar um fenômeno linguístico que se faz presente nas trocas comunicativas desde as primeiras palavras enunciadas. A relevância da reflexão sobre o assunto é inegável. Segundo Marcuschi (2005, p. 17), essa reflexão é tão significativa “quanto necessária, tendo em vista ser ele [o gênero] tão antigo como a linguagem, já que vem essencialmente envolto em linguagem”.

Constituindo uma questão de investigação antiga que ainda se coloca como uma problemática atual, as primeiras reflexões sobre os gêneros do discurso foram desenvolvidas no domínio da retórica<sup>110</sup> e da poética na Grécia Antiga. Platão e Aristóteles podem ser apontados como os primeiros estudiosos a se dedicarem ao estudo dos gêneros. No contexto atual, “o linguista que exprime mais claramente a necessidade de classificações tipológicas é Bakhtin, que situa sua proposta nas fronteiras da sociologia, da filologia, da linguística e da literatura”<sup>111</sup> (Adam, 1992, p. 11). Com efeito, os trabalhos do círculo de Bakhtin constituem hoje uma importante referência para os estudos sobre gêneros do discurso: pesquisadores de diferentes áreas das ciências da linguagem, como, por exemplo, da análise do discurso, da pragmática e da retórica, entre outras, fundamentam seus trabalhos e suas reflexões nos postulados bakhtinianos. O interesse pelos gêneros do discurso surge “tanto pelo seu potencial de reflexão sobre as regularidades da linguagem, quanto por sua

<sup>109</sup> Ou meio guiado de aquisição/aprendizagem da língua materna.

<sup>110</sup> Confira o tópico 2.2, no Capítulo I.

<sup>111</sup> Le linguiste qui exprime le plus nettement le besoin de classements typologiques est Bakhtine qui situe son propos aux frontières de la sociologie, de la philologie, de la linguistique et de la littérature.



importância no ensino de língua materna e estrangeira” (Grillo, 2004, p. 35). É justamente por conhecer a importância dos gêneros no ensino de línguas que desenvolvo a presente reflexão. Nela, percorro o conceito de gênero em Bakhtin, buscando estabelecer sua definição e sua distinção em relação às tipologias textuais.

### 1.1 Caracterizando os gêneros do discurso

Neste trabalho, os gêneros são tratados à luz da teoria de Bakhtin. Cumpre destacar que a noção de gênero em Bakhtin pode ser descrita como uma categoria de difícil apreensão. Para ter acesso ao conjunto da teoria dos gêneros, é preciso percorrer diferentes textos desse autor, já que a noção de gênero não aparece em um momento específico ou em uma obra determinada de sua produção bibliográfica. Na verdade, essa noção vai sendo construída e desenvolvida no decorrer de sua investigação acerca do uso da linguagem. Desse modo, dentre as definições elaboradas, Bakhtin sustenta que a aquisição da língua materna se desenvolve através de gêneros discursivos. Para o autor,

aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo de fala. (Bakhtin, 2003, p. 283)

Nesse sentido, os gêneros podem ser vistos como correias de transmissão entre o sujeito, a sociedade e a história da linguagem. Eles se apresentam como o instrumento linguístico e social que possibilita a inserção do indivíduo no universo da linguagem e, conseqüentemente, no universo social que o rodeia. Essa inserção se dá através da aquisição da língua materna.

Ampliando sua reflexão acerca dos gêneros do discurso, Bakhtin descreve-os, em diferentes momentos, como organizações “*relativamente estáveis* de enunciados” (2003, p. 262). Os gêneros do discurso podem ser definidos como

organizações que se ampliam, se renovam e se diferenciam constantemente. Conforme Bakhtin (2003), essa metamorfose é resultado do desenvolvimento e da complexificação dos diferentes campos da atividade humana. Tal metamorfose confere aos gêneros do discurso o *status* de organizações heterogêneas e diversificadas. Isso significa que eles não são contabilizados em um número exato. Sua diversidade é infinita, porque “são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana” (Bakhtin, 2003, p. 268) e porque, em cada campo dessa atividade, variados gêneros são produzidos.

Para descrever os gêneros do discurso, deve-se levar em consideração um feixe de critérios semânticos, estilísticos e textuais. Assim como o enunciado, os gêneros são caracterizados pelo tema, pelo estilo e pela construção composicional.

O tema<sup>112</sup>, no contexto da teoria bakhtiniana, refere-se ao sentido da enunciação. Bakhtin (2004) assinala que o conteúdo temático, assim como a própria enunciação, deve ser único, isto é, “individual e não reiterável” (Bakhtin, 2004, p. 128). Buscando estabelecer uma definição mais concreta do tema, o autor ressalta que ele “é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (Bakhtin, 2004, p. 128). Considerando essa definição, bem como as demais observações supramencionadas, percebe-se que o tema da enunciação é, de fato, “irredutível à análise” (Bakhtin, 2004, p. 129). Isso ocorre porque, conforme Grillo (2004, p. 46), o tema “é o resultado da inter-relação entre uma esfera social de comunicação verbal, os aspectos composicionais e o estilo, o que produz um real significado a partir de um juízo de valor”.

O estilo é apontado como o segundo elemento caracterizador dos gêneros do discurso. Segundo Bakhtin (2003, p. 265), “todo o enunciado – oral ou escrito [...] e

---

<sup>112</sup> É preciso esclarecer que, na teoria bakhtiniana, o conceito de tema, visto como o sentido da enunciação, é compreendido de maneira diferente da acepção que esse termo adquiriu nos estudos lingüísticos da atualidade, em especial, naqueles desenvolvidos no domínio da lingüística textual. Nesse caso, o tema está relacionado à progressão da informação textual. De acordo com Combettes (1988), essa progressão está relacionada à teia textual que se forma entre tema e rema. Ao tentar definir esses termos, o autor propõe uma dicotomia entre informação mantida (tema) e informação introduzida (rema), assinalando que “cada frase se insere em um contexto e carrega [...] “informações novas”; [...] ela contém também um “ponto de partida”, conhecido e admitido que a remete a este contexto; [...] distinguimos, então, o tema (ponto de partida) do rema (informação nova)” (Combettes, 1988, p. 15). A pertinência da aplicação dessa nomenclatura nas análises para as quais foi formulada é demonstrada ao longo dos trabalhos de Combettes (1977, 1978, 1988) e foi reforçada nos estudos de Dupont, Favaux e Ghenet (1994).

também qualquer campo da comunicação discursiva – é individual [...], isto é, pode ter estilo individual”. Esse estilo individual pode variar em função do campo de comunicação discursiva no qual o gênero foi produzido e para o qual ele se destina. Desse modo, cada gênero do discurso retrata, em maior ou em menor grau, o estilo individual do locutor: em alguns gêneros, como, por exemplo, aqueles do campo literário, o estilo individual encontra um ambiente fecundo para se revelar; em outros gêneros, como, por exemplo, aqueles do campo institucional, o estilo do locutor perde espaço para as formas padronizadas características dos gêneros produzidos nesse campo da atividade humana. Como o próprio Bakhtin assinalou, “nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual” (2003, p. 265).

O terceiro e último elemento é justamente a construção composicional. Ela é importante na constituição do gênero, pois, conforme destaca Bakhtin, ouvindo ou lendo as primeiras palavras de um texto, identifica-se uma determinada construção composicional que possibilita reconhecer o gênero ao qual o texto pertence, bem como o seu campo de comunicação discursiva. Dessa forma, tratar da construção composicional de um gênero implica conhecer suas regularidades estruturais e suas regularidades sequenciais, isto é, conhecer as sequências tipológicas de base que possibilitam sua expressão linguística na forma de um texto oral ou escrito. Toca-se, assim, em uma complexa questão das ciências da linguagem: a distinção entre gêneros do discurso e tipologias textuais. Merecendo uma reflexão mais sistemática, esse assunto será tratado no tópico seguinte.

## **1.2 Caracterizando as tipologias textuais**

Apesar de despertar o interesse de pesquisadores de diferentes domínios das ciências da linguagem, a distinção entre gêneros e tipologias textuais nem sempre tem sido analisada e tratada de forma clara e satisfatória. Em face das querelas teóricas e terminológicas que ainda cercam essa questão, proponho-me a refletir sobre as tipologias embasada, principalmente, na teoria de Adam (1992) e de Bronckart (2003). O primeiro apresenta uma das reflexões mais sistemáticas sobre essa distinção; o segundo, ao retomar a proposta de Adam, amplia o seu debate, aproximando-a de outros teóricos que também se dedicam ao assunto. O meu

propósito aqui é diferenciar as tipologias textuais dos gêneros do discurso, descritos no tópico anterior. Essa distinção é fundamental para o andamento deste trabalho, já que as produções dissertativo-argumentativas elaboradas em sala de aula situam-se em um ponto delicado da fronteira entre gêneros e tipologias.

Desse modo, minha reflexão toma como pressuposto fundamental o postulado bakhtiniano de que a comunicação verbal só é possível através de um gênero do discurso. A esse postulado, acrescenta-se a hipótese de Adam (1992) de que, subjacente aos gêneros do discurso e às regularidades composicionais de que fala Bakhtin, existem regularidades sequenciais, ou sequências prototípicas de base que “parecem se reduzir a alguns tipos elementares de articulação de proposições”<sup>113</sup> (Adam, 1992, p. 30). Essas sequências tipológicas podem ser empregadas na composição de diferentes gêneros.

As sequências devem ser compreendidas como matrizes linguísticas, isto é, como categorias gerais indispensáveis à organização textual. As sequências tipológicas apresentam-se como um elemento constitutivo dos gêneros do discurso: é através delas que os gêneros são organizados e expressos linguisticamente. Ao refletir sobre a relação que se estabelece entre gêneros do discurso e tipologias textuais, Bronckart (2003), adotando uma postura semelhante àquela de Adam (1992), ressalta que, independentemente dos gêneros a que pertençam, os textos, de um modo geral, organizam-se e constituem-se,

segundo modalidades muito variáveis, por segmentos de estatutos diferentes (segmentos de exposição teórica, de relato, de diálogo, etc.). E é unicamente no nível desses segmentos que podem ser identificadas regularidades de organização e de marcação linguística. Consequentemente [...] são esses segmentos constitutivos de um gênero que devem ser considerados como *tipos linguísticos*, isto é, como *formas específicas* de semiotização ou de colocação em discurso. Elas são formas dependentes do leque dos recursos morfossintáticos de uma língua e, por isso [apresentam-se] em número limitado. (Bronckart, 2003, p. 138)

Diferentemente do que acontece com os gêneros do discurso<sup>114</sup>, as tipologias apresentam-se em número limitado. Ao investigar e analisar as tipologias textuais, Adam (1992) identificou a existência de apenas cinco sequências tipológicas distintas, a saber, a narrativa, a descritiva, a argumentativa, a explicativa e a dialogal-conversacional. Cumpre lembrar que essas tipologias atuam no nível da

<sup>113</sup> semblent se réduire à quelques types élémentaires d'articulation des propositions.

<sup>114</sup> Confira o tópico 1 neste capítulo.

sequência e não do texto global. Isso significa que um mesmo gênero do discurso pode ser composto, exclusivamente, por uma única sequência tipológica ou pela combinação de diferentes sequências, ou seja, há possibilidade de haver heterogeneidade tipológica em um mesmo gênero discursivo.

Além disso, conforme explica Bronckart (2003), ao contrário dos gêneros do discurso – caracterizados a partir de um feixe de critérios semânticos, estilísticos e textuais –, as sequências tipológicas são descritas em torno de um único critério: sua estrutura. Definida teoricamente pela natureza linguística de sua composição, a estrutura de uma sequência tipológica é composta não só pelos elementos lexicais e morfossintáticos, mas também pelos tempos verbais e pelas relações lógicas (Marcuschi, 2003). A maneira como esses elementos interagem e organizam-se estruturalmente em forma de uma sequência textual possibilita a formação de diferentes tipologias textuais. As sequências tipológicas funcionam então como um modo de organização do discurso e estão relacionadas à construção composicional do texto.

Com base no que foi exposto, depreende-se que investigar a redação escolar, mais precisamente, as produções dissertativo-argumentativas implica abordar uma questão delicada do ensino-aprendizagem de línguas que envolve diretamente a distinção entre gêneros do discurso e tipologias textuais. Conhecendo as polêmicas que giram em torno das produções elaboradas em sala de aula, torna-se necessário discutir e descrever o objeto de estudo desta pesquisa a fim de elucidar e determinar o seu lugar de fato e de direito entre os gêneros do discurso e as tipologias textuais.

### **1.3 Descrevendo o gênero redação escolar**

Os gêneros do discurso servem de instrumento para se observar as regularidades da linguagem. No caso deste estudo, amparo-me na teoria dos gêneros justamente porque ela pode auxiliar a compreender a retórica (inter)cultural dos textos e a depreender o estilo e o *ethos* do enunciador. Conforme apontou Discini (2004, p. 21), os gêneros podem ser descritos como “instrumento para identificação do estilo”. Essa é a abordagem empregada neste estudo.

Interesso-me especificamente pelo gênero redação escolar, mais precisamente, pelas produções dissertativo-argumentativas (ou dissertação escolar)

em meio escolar. Trabalhar com produções elaboradas na sala de aula obriga a tocar em uma questão delicada do ensino-aprendizagem da língua portuguesa<sup>115</sup>: há uma controvérsia teórica, metodológica e, principalmente, terminológica que envolve, em uma escala hierárquica, alunos, professores, didaticistas, gramáticos e linguistas. Na realidade, parece não haver consenso sobre a categorização da dissertação escolar. Na perspectiva didático-pedagógica, como a apresentada na maioria dos livros didáticos, a dissertação é tratada como uma das tipologias textuais (sequências tipológicas) de base. Naturalmente, é a abordagem didático-pedagógica que serve de referência para o trabalho do professor em sala de aula. Questionando essa classificação, alguns pesquisadores já começam a discutir a possibilidade de a dissertação escolar constituir um dos gêneros discursivos da esfera escolar.

Consciente das dúvidas e dos questionamentos que giram em torno das produções elaboradas em sala de aula, neste trabalho, adoto a postura teórico-metodológica expressa na maioria dos livros didáticos que concebem e classificam a dissertação entre as tipologias textuais: narrativa, descritiva e dissertativa, entre outras. Cumpre assinalar que, na abordagem didático-pedagógica, a dissertação é apresentada e descrita como o tipo de texto “mais frequentemente associado à prova de redação do concurso de vestibular”<sup>116</sup> (Pilar, 2002, p. 160).

Essa associação entre as produções dissertativas e o concurso Vestibular (ou o *Baccalauréat*<sup>117</sup>, no caso das produções em Francês Língua Materna) é importante para se compreender a relevância desse tipo de produção textual na esfera escolar. Ao longo do Ensino Médio, os estudantes são preparados para a prova de redação do vestibular ou do *Bac*<sup>118</sup>. Desse modo, inúmeras produções textuais são elaboradas com o objetivo de praticar e de aprimorar o uso da linguagem escrita. Nesse contexto, a função e as condições de produção dos textos dissertativo-argumentativos moldam o estilo e o *ethos* do enunciador oriundo da esfera escolar, funcionando, desse modo, como mecanismos de coerção genérica e situacional.

---

<sup>115</sup> Refiro-me aqui especificamente à língua portuguesa, pois nela a classificação da redação escolar é, de fato, uma questão polêmica. Em tese, parece que essa controvérsia não atinge as produções em língua francesa. Isso acontece porque a dissertação (*dissertation*, em francês) não tem o mesmo sentido, enquanto modo de organização do discurso, que no sistema lingüístico-cultural português. Nota-se que há diferenças no plano didático-pedagógico que estão na base da distinção entre os dois sistemas institucionais, a saber, o Liceu Pasteur Vergueiro e o Liceu Pasteur Mayrink. Essas diferenças afetam diretamente o modo de organização textual analisado.

<sup>116</sup> Confira, por exemplo, Nicola, 1998; Faraco e Moura, 1995.

<sup>117</sup> O *Baccalauréat* é um exame que sanciona o término dos estudos secundários e possibilita a entrada na Universidade.

<sup>118</sup> Diminutivo de *Baccalauréat*.

No contexto escolar, a função dos textos dissertativo-argumentativos é desenvolver e aperfeiçoar as competências discursivo-textuais a fim de preparar o estudante de Ensino Médio para a produção de textos escritos visando, na maioria das vezes, à prova de redação do concurso de admissão à universidade. Nessa perspectiva, a sala de aula parece constituir o principal contexto de recepção e de circulação não só das produções dissertativo-argumentativas, mas também de outros tipos de textos. Esse ambiente é muito peculiar ao desenvolvimento textual. Nele, as produções são escritas porque foram solicitadas pelo professor. Este, por sua vez, torna-se, ao mesmo tempo, o principal leitor e o avaliador desses textos, ou seja, o receptor direto de todas as produções. O objetivo de sua solicitação é averiguar se os conteúdos tratados em sala de aula estão sendo realmente assimilados e, principalmente, avaliar a competência da expressão escrita dos alunos. Em vista disso, entende-se que a imagem do professor (o *pathos*), que se instaura como o enunciatário desses textos, aliada ao propósito da atividade textual, que é a avaliação, está diretamente relacionada à construção do estilo do texto e, evidentemente, à construção do *ethos* do enunciador.

Na realidade, o estilo e o *ethos* do enunciador se configuram e se constroem em função do enunciatário, ou seja, em função da imagem que o enunciador projeta do seu enunciatário. De acordo com Fiorin (2004, p. 135), a imagem do enunciatário “constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador: não é a mesma coisa produzir um texto para um especialista ou para um leigo”.

As condições de produção dos textos dissertativos parecem também contribuir na caracterização do estilo e do *ethos* das produções na esfera escolar. Existe uma série de critérios que devem ser observados pelo aluno durante a produção de textos dissertativo-argumentativos. É preciso, por exemplo:

- abordar um assunto de acordo com a proposta de dissertação apresentada pelo professor;
- expor, ao longo do texto, a tese e os argumentos que a sustentam;
- respeitar o número de linhas indicado (de acordo com as provas de vestibulares, pede-se um texto de, no máximo, 30 linhas);
- respeitar o tempo disponível para a produção e a revisão textual;

Os critérios apontados acima constituem, afetam e modificam, implícita ou explicitamente, a produção dos textos no ambiente da sala de aula. Eles funcionam como mecanismos de coerção genérica e situacional que devem ser devidamente observados pelos alunos a fim de que o texto produzido cumpra com o seu propósito: do lado do aluno, aperfeiçoar as competências discursivo-textuais e o uso da linguagem escrita; do lado do professor, servir de referência para a avaliação dos alunos.

A partir do exposto, percebe-se que a construção do estilo e do *ethos* não se estabelece somente em função das competências linguísticas e enciclopédicas do enunciador. As suas crenças implícitas, a sua visão de mundo, o gênero discursivo e a imagem do enunciatário também concorrem para a construção de um estilo e para a apresentação de uma imagem de si no discurso. A imagem do enunciador e o seu estilo textual parecem constituir elementos importantes para depreender a retórica (inter)cultural das produções dissertativo-argumentativas investigadas neste estudo.

## 2 Reflexões sobre estilo, *ethos* e enunciador

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si.  
(Amossy)

Em cada produção textual, oral ou escrita, é possível depreender uma imagem do enunciador, ou seja, um *ethos*. Esse *ethos* parece variar em função das situações enunciativas e das competências discursivo-textuais mobilizadas ao longo de cada produção.

Caracterizando-se como uma das questões mais antigas dos estudos retóricos, a noção de *ethos*, juntamente com outras categorias propostas por Aristóteles<sup>119</sup>, foi abandonada e esquecida “a partir do século XVIII por uma crítica literária que a substituiu pela estilística” (Charaudeau, 2006, p. 113-114). É apenas na metade do século XX que as pesquisas sobre o *ethos* são retomadas e revitalizadas. Isso ocorre principalmente com o advento da Nova Retórica de Perelman e com o desenvolvimento dos estudos sobre a argumentação.

Através do estudo das técnicas argumentativas e das estratégias retóricas colocadas em prática na produção textual, é possível depreender a imagem do

---

<sup>119</sup> Confira o tópico 2.3, no Capítulo I.



enunciador construída *no e pelo* discurso. Esse tipo de investigação científica torna-se importante à medida que permite descrever e analisar imagens distintas de um mesmo enunciador construídas em função dos domínios<sup>120</sup> discursivos, das situações comunicativas em que ele se encontra e também do sistema linguístico que utiliza. Em outras palavras, o *ethos* de um mesmo enunciador pode variar conforme o contexto enunciativo em que ele está inserido. Compreende-se assim que o *ethos* não se estabelece como uma categoria pré-textual, definitiva e pronta; pelo contrário, ele se constitui no “exercício da palavra” (Maingueneau, 1993, p. 138), ou seja, ele se explicita no decorrer da enunciação.

Investigar a noção de *ethos* implica tratar também da noção de estilo e da noção de enunciador. A relação que se estabelece entre essas três categorias linguístico-discursivas não é de concorrência. Na verdade, estilo, *ethos* e enunciador podem ser descritos como categorias constitutivas e complementares: o aparecimento de uma pressupõe a existência das demais.

Apresentando-se como categorias inerentes a qualquer produção textual (oral e/ou escrita), estilo, *ethos* e enunciador são sempre construídos, identificados e analisados no contexto textual em que estão expressos. Eles constituem ferramentas importantes na identificação e na apreensão das estratégias discursivas e dos efeitos de sentido criados pelo autor do texto. De fato, analisando o estilo, descreve-se o *ethos* e identifica-se o ator da enunciação. Desse modo, é possível apreender organizações retóricas recorrentes para cada sistema linguístico-cultural investigado nesta pesquisa.

## 2.1 Sobre a noção de estilo

Tudo tem estilo, para uma estilística discursiva,  
que parte do estilo para reconstruir o homem.  
(Discini)

Em sua essência, a noção de estilo está ligada a um conjunto de prescrições estéticas da arte do bem escrever. É na própria *Arte Retórica*, de Aristóteles, mais precisamente, no Livro III, que se encontra uma reflexão sistemática sobre o estilo.

---

<sup>120</sup> Por exemplo, o domínio político, o midiático, o religioso, o institucional, o científico e o escolar, entre outros.

Apresentando uma postura normativa, essa obra, de acordo com Discini (2004, p. 12), “acabou sendo herdada, ou pelas *qualidades de estilo* que enuncia, ou pelo *ornamento*, raiz das figuras retóricas e suposta razão de ser do próprio estilo”.

O legado aristotélico foi amplamente discutido e analisado no contexto de disciplinas diversas, como, por exemplo, a Crítica Literária e a Estilística, entre outras. Em cada domínio disciplinar, novas reflexões, novas aplicações e novas formulações teóricas acerca do estilo foram desenvolvidas. A maioria desses trabalhos parece restringir-se a “uma estilística que é apenas a da expressão textual, quando não se restringe, ela própria, à dimensão da frase” (Discini, 2004, p. 13). Na abordagem estilística, o estilo relaciona-se com a noção de norma, de desvio e também com a noção de falta de estilo.

No presente estudo, trabalha-se com um conceito de estilo que está embasado na relação enunciado/enunciação, isto é, na relação

entre enunciado, o texto, e enunciação, o *eu* construído pelo próprio texto inteiro. A enunciação, lembremos, é a instância linguística, sempre pressuposta no enunciado. Aí também está a base para o conceito de estilo, que vise a relação entre o dito e o dizer; no caso, de uma totalidade de discursos. (Discini, 2004, p. 12)

Investigando o estilo sob essa perspectiva, torna-se possível trabalhar, paralelamente, com a noção de *ethos* e de ator da enunciação. De fato, a imagem do enunciador, construída *no* e *pelo* discurso, é apreendida através das *marcas* que o sujeito imprime em sua enunciação. Tais *marcas* compõem o estilo dos textos. Analisar o estilo implica, portanto, reconstruir o ator da enunciação e identificar o *ethos* expresso no discurso ou em uma totalidade de discursos.

Desse modo, estilo (modo de dizer), enunciador (ator da enunciação) e *ethos* (a imagem de quem diz) podem ser compreendidos como categorias constitutivas, complementares. Digo isso porque eles resultam da relação enunciado/enunciação: a presença de um pressupõe a existência dos demais. Essa relação constitutiva e complementar é confirmada sobretudo no processo de análise do estilo textual: para apreendê-lo, reconstrói-se “quem diz pelo modo de dizer” (Discini, 2004, p. 7). Para analisar o estilo, é preciso “(re)construir o ator da enunciação de uma totalidade de discursos. [...] Esse ator será observado na recorrência de um fazer e na recorrência de um ser [*ethos*], o que indica o seu aspecto, ou o seu modo de ser”, ou seja, o seu *ethos* (Discini, 2004, p. 28).

A ideia de que estilo, enunciador e *ethos* operam conjuntamente no discurso é reforçada por Discini (2004), quando ela trata da questão do estilo nos textos de língua portuguesa. Ao estabelecer as definições que orientam sua reflexão, a autora assinala que

*o estilo é o homem, se pensarmos na imagem de um sujeito que, depreendida dos textos, supõe saberes, querer, poderes e deveres ditados por valores e crenças sociais; um eu fundado no diálogo com o outro. O estilo é o homem, se, para homem, for pensado um modo próprio de presença no mundo: um ethos.* (Discini, 2004, p. 7)

A definição de estilo é desenvolvida até alcançar a noção de *ethos*. Esses conceitos se preenchem e se completam não só teoricamente, mas também empiricamente: o estilo depreendido de uma totalidade de discursos revela a visão de mundo do enunciador e vice-versa. Em vista dessa complementaridade entre estilo, enunciador e *ethos*, um não pode ser concebido sem o outro. De fato, estilo, enunciador e *ethos* comportam-se como noções que se constituem e se constroem, paralelamente, *no e pelo* discurso.

## 2.2 Sobre a noção de *ethos*

Investigar a arte retórica implica estudar e analisar o *ethos* ou, em outras palavras, significa compreender a sistematicidade de uma das categorias mais antigas dos estudos retóricos. Proposta por Aristóteles, a noção de *ethos* “constitui praticamente a mais importante das três provas engendradas pelo discurso: *logos*, *ethos* e *pathos*<sup>121</sup>” (Eggs, 2005, p. 29). A concepção aristotélica defende a hipótese de que o *ethos* possui um papel fundamental na conquista da adesão do público às teses defendidas pelo enunciador e principalmente na persuasão do auditório: “é [...] ao caráter moral que o discurso deve, eu diria, quase todo seu poder de persuasão” (Aristóteles *apud* Amossy, 2005, p. 10). Nessa perspectiva, de acordo com Eggs, a proposta de Aristóteles “distancia-se [...] dos retóricos de sua época, que entendiam que o *ethos* não contribui para a persuasão” (2005, p. 29).

Independentemente das querelas filosóficas que cercam a noção de *ethos*, é inegável a importância dessa categoria no contexto da teoria aristotélica. Nela, o

<sup>121</sup> *logos* (o discurso, a argumentação); *ethos* (o caráter, a virtude); e *pathos* (a paixão, o afeto).

*ethos* ocupa um lugar de destaque, constituindo uma peça fundamental do arcabouço retórico. No entanto, a partir do século XVIII, o *ethos*, juntamente com as demais categorias retóricas, foi abandonado e passou a ocupar uma posição periférica nos estudos da linguagem. Segundo Guimarães (2004, p. 145), nesse período, os estudos retóricos foram desacreditados. Isso aconteceu porque eles estavam “limitados à classificação de figuras de estilo”. A retórica ressurgiu, na metade do século XX, “atrelada novamente à argumentação, com o aparecimento da Pragmática, quando o discurso, e conseqüentemente a argumentação, passaram a ocupar um lugar de destaque nas pesquisas sobre a linguagem” (Guimarães, 2004, p. 145). A obra de Perelman, como já destacado em capítulos precedentes, pode ser apontada como uma das principais referências nesse processo de revitalização da retórica, pois ela “diligencia reabilitar uma teoria da argumentação que reencontre a tradição aristotélica”.

É dessa maneira que a noção de *ethos* retorna ao centro de interesse das ciências da linguagem. Conforme assinala Amossy (2005, p. 10), “o modo como as ciências da linguagem resgatam a retórica, mas às vezes também a abandonam, aparece nas reformulações e debates nos quais surge a noção de *ethos*”. Atualmente, a noção de *ethos* desperta o interesse de pesquisadores de diferentes domínios de investigação científica. Podem-se citar, por exemplo, as reflexões desenvolvidas no âmbito da linguística da enunciação, da análise da conversação, da semântica pragmática, da análise do discurso e da própria retórica, entre outras.

A imagem de si construída *no* e *pelo* discurso está diretamente ligada à enunciação. O estudo da enunciação foi desenvolvido, inicialmente, por Benveniste, que chamou a atenção dos linguistas para o ato de produção do enunciado que “remete necessariamente ao locutor que mobiliza a língua, que a faz funcionar ao utilizá-la” (Amossy, 2005, p. 11). No contexto da linguística da enunciação, a construção da subjetividade na língua é mais investigada que a inscrição do locutor em seu discurso. O termo *ethos*, portanto, não é empregado no quadro dessa disciplina. É necessário esclarecer que a noção de subjetividade na linguagem difere da noção de *ethos*. Analisar o *ethos* é

apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria o enunciado, de um psiquismo responsável pelo discurso. O *ethos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito. (Fiorin, 2004, p. 120)

O *ethos* não se explicita no enunciado, mas sim na enunciação enunciada, “nas marcas da enunciação deixadas no enunciado” (Fiorin, 2004, p. 120). Desse modo, a construção da imagem de si ocorre no processo de interlocução.

Conforme supramencionado, a construção e a apresentação de uma imagem de si ao longo do discurso chamou a atenção de estudiosos de domínios disciplinares distintos. Um exemplo disso é o estudo do sociólogo Goffmann (1973) sobre as interações sociais. Ele percebeu que “toda a interação social [...] exige que os atores forneçam, por seu comportamento voluntário ou involuntário, certa impressão de si mesmos que contribui para influenciar seus parceiros do modo desejado” (Amossy, 2005, p. 12). Os trabalhos desse autor impulsionaram o desenvolvimento das pesquisas em análise conversacional. Passa-se assim da interlocução à interação verbal. No quadro dessa disciplina, o termo *ethos* também não é empregado, mas, conforme assinala Amossy (2005, p. 14), a imagem de si e do outro – construídas no decorrer das interações – constituem conceitos importantes. É através delas que a análise conversacional consegue investigar os fenômenos de língua propriamente ditos, como, por exemplo, os morfemas especializados, os tipos de modalizadores e as enálages de pessoas (*a gente* ou *nós* por *eu* e *você*), entre outros.

Tanto nos trabalhos em linguística da enunciação quanto nos estudos em análise conversacional, a noção de *ethos* não foi empregada. Na realidade, no domínio contemporâneo das ciências da linguagem, a primeira referência a essa categoria retórica aparece na obra de Ducrot (1984). É nos postulados de sua teoria polifônica da enunciação que Osvald Ducrot coloca em xeque a unicidade do sujeito falante. Adotando a perspectiva da pragmático-semântica, esse autor estabelece a distinção entre o locutor (L) e o enunciador (E): este é visto como “a origem das posições expressas pelo discurso e é responsável por ele” (Amossy, 2005, p. 14); aquele, o locutor (L), por sua vez, aparece dividido entre ficção discursiva (L) e ser do mundo ( $\lambda$ ), isto é, “aquele de quem se fala” (Amossy, 2005, p. 14). Complementando a distinção proposta por Ducrot, Amossy (2005) ressalta que o primeiro faz referência ao “eu” como sujeito da enunciação, enquanto que o segundo faz referência ao “eu” como sujeito do enunciado. É ao detalhar o conceito de L que Ducrot recorre à noção de *ethos*. De acordo com o autor, “o *ethos* está ligado a L, o locutor como tal: é como origem da enunciação que ele se vê investido de certos caracteres que, em contrapartida, tornam essa enunciação aceitável ou recusável”

(Ducrot, 1984, p. 201). Atribui-se à obra de Ducrot o mérito de ter sido a primeira a retomar a noção de *ethos*; no entanto, não foi nesse quadro teórico que essa noção foi desenvolvida e aprofundada.

Uma reflexão mais sistemática sobre a noção de *ethos* vem sendo realizada no âmbito da Análise do Discurso por Dominique Maingueneau. O *ethos*, nesse contexto, aparece atrelado à cena de enunciação. Segundo Amossy (2005), nessa abordagem teórica, considera-se que “cada tipo de discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis, o locutor pode escolher mais ou menos livremente sua *cenografia*” (Amossy, 2005, p. 16).

Maingueneau (1997) relaciona a noção de *ethos* à noção de tom. O tom, segundo o próprio autor, “se apoia sobre uma dupla figura do enunciador, a de um *caráter* e de uma *corporalidade*, estreitamente associadas” (Maingueneau, 2005, p. 96). O caráter corresponde ao conjunto de “traços “psicológicos” que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função do modo de dizer” (Maingueneau, 1997, p. 47). Já a corporalidade remete “a uma representação do corpo do enunciador da formação discursiva” (Maingueneau, 1997, p. 47).

No quadro geral, as reflexões sobre o *ethos*, no âmbito da análise do discurso realizada por Maingueneau, retomam duas importantes noções: a de quadro enunciativo, desenvolvida por Benveniste; e a de *ethos* propriamente dito, proposta por Ducrot. Entende-se, a partir daí, que a maneira de dizer pode autorizar

a construção de uma verdadeira imagem de si e, na medida que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro. Participando da eficácia da palavra, a imagem quer causar impacto e suscitar a adesão. Ao mesmo tempo, o *ethos* está ligado ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou melhor, ao processo de sua legitimação pela fala. (Amossy, 2005, p. 16-17)

As reflexões de Maingueneau têm contribuído para o aprofundamento dos estudos sobre o *ethos*. No entanto, é no domínio retórico, mais precisamente nas teorias contemporâneas da argumentação, que as pesquisas sobre *ethos* encontraram um campo fértil para se desenvolverem. A revitalização dessa categoria retórica é reivindicada pela pragmática, mas a atualização e a divulgação da noção de *ethos* parecem estar vinculadas à nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002).

A teoria perelmaniana defende a necessidade de o orador aproximar-se do seu auditório. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), toda a argumentação se desenvolve em função do auditório para o qual ela se dirige e ao qual orador tem de se adaptar. A importância atribuída ao auditório possibilita a interação de valores, crenças e evidências e conduz assim a uma *doxa* comum. É mediante um trabalho sobre a *doxa* que o orador pretende conquistar seu interlocutor, fazendo-o partilhar de seus pontos de vista e aderir às teses que são apresentadas a seu assentimento (Amossy, 2005).

Cumprir lembrar que, na proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), o auditório sempre é descrito como uma construção do orador. Para que uma argumentação seja eficaz, é necessário, segundo os autores “conceber o auditório presumido tão próximo quanto possível da realidade” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 22). Assim sendo, a imagem do orador (o *ethos*) e a imagem que ele faz de seu auditório constituem elementos fundamentais ao desenvolvimento da argumentação. De fato, a interação entre orador e auditório se estabelece e se desenvolve necessariamente através da imagem que fazem um do outro. Essas imagens moldam as produções textuais, pois parecem funcionar como elementos de coerção genérica:

é a representação que o enunciador faz do auditório, as idéias e as reações que ele apresenta, e não sua pessoa concreta, que moldam a empresa da persuasão. É nesse sentido que Perelman pode falar do auditório como construção do orador, sem deixar de sublinhar a importância da adequação entre “ficção” e realidade. (Amossy, 2005, p. 124)

Nesse sentido, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), o sucesso de uma argumentação implica a correspondência entre a imagem do auditório e a imagem do orador. Desde Aristóteles, o *ethos* constitui uma das provas mais importantes engendradas pelo discurso. O *ethos* pode ser definido como a imagem do orador que é construída através do discurso e que serve de referência ao auditório para aderir ou não às teses que lhe são apresentadas. Para que essa adesão aconteça, o orador deve criar uma imagem confiável de si em função dos valores e das crenças do seu auditório. Só assim ele conseguirá conquistar a adesão do público e persuadi-lo:

a eficácia do discurso é tributária da autoridade de que goza o locutor, isto é, da ideia que seus alocutários fazem de sua pessoa. O orador apoia seus argumentos sobre a doxa que toma emprestada de seu público do mesmo modo que modela seu *ethos* com as representações coletivas que assumem, aos olhos dos interlocutores, um valor positivo e são suscetíveis de produzir neles a impressão apropriada às circunstâncias. (Amossy, 2005, p. 124)

Nessa perspectiva, a autora considera que a construção discursiva do *ethos* em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) apresenta-se como um jogo especular em que o orador tem de construir uma imagem de si em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, em função “das representações do orador confiável e competente que ele crê ser as do público” (Amossy, 2005, p. 124).

Conforme foi possível perceber, no contexto de cada disciplina, quadros teórico-metodológicos distintos possibilitam descrever e analisar a maneira como o enunciador se apresenta e se constrói ao longo de suas produções. São perspectivas teóricas diferentes que tentam contemplar um mesmo objeto, ora afastando-se ora aproximando-se teórica e metodologicamente.

### 2.3 Sobre a noção de enunciador

Conforme assinalado anteriormente, o *ethos* é construído no exercício da palavra, na própria enunciação. De acordo com Fiorin (2004, p. 117), a enunciação pode ser compreendida como a “instância que povoa o enunciado de pessoas, de tempos e de espaços”. Isso acontece através do uso de mecanismos de debreagem que produzem os efeitos de sentido de aproximação e de distanciamento. Quando o efeito é de proximidade, há uma debreagem enunciativa, ou seja, aquela que instaura o *eu-aqui-agora* da enunciação: ela “instala no interior do enunciado os actantes enunciativos (*eu/tu*), os espaços enunciativos (*aqui, aí*, etc.) e os tempos enunciativos (presente, pretérito perfeito, futuro do presente)” (Fiorin, 2004, p. 118). Quando o efeito é de distanciamento, há uma debreagem enunciativa, isto é, aquela que institui o *ele*, o *alhures* e o *então* no enunciado. Neste tipo de debreagem, os actantes, os espaços e os tempos da enunciação parecem ser ocultados.

A enunciação deixa rastros, ela deixa marcas no enunciado, e através dessas marcas pode-se reconstruir o ato enunciativo (Fiorin, 2004). Para isso, é necessário distinguir a *enunciação* enunciada do *enunciado* enunciado. Conforme assinala



Fiorin (2004), este constitui “o produto da enunciação despido das marcas linguísticas”, enquanto que aquela, a enunciação enunciada, representa

o conjunto de elementos linguísticos que indica as pessoas, os espaços e tempos da enunciação, bem como todas as avaliações, julgamentos, pontos de vista que são de responsabilidade do **eu**, revelados por adjetivos, substantivos, verbos, etc. (Fiorin, 2004, p. 118)

A enunciação enunciada é, portanto, o lugar em que o *ethos* é explicitado. Ela constitui o espaço discursivo em que a imagem do enunciador, do ator da enunciação, é construída e apresentada.

Ao estudar o *ethos*, estuda-se o ator e não o actante da enunciação. Este último faz referência ao *eu* e ao *tu*, a posições específicas dentro da cena enunciativa: aquele que fala e aquele com quem se fala. Quando essas posições são concretizadas através de temas e de figuras, esses actantes transformam-se em atores da enunciação. Fiorin (2004, p. 122) define o ator da enunciação como “o lugar de convergência e de investimento de um componente sintático e de um componente semântico”. De acordo com Greimas e Courtés (1979, p. 9), o ator é a “reunião de pelo menos um papel actancial e um papel temático” aos quais pode-se associar uma figurativização. Em outras palavras, compreende-se que a pessoa “tematizada e figurativizada converte-se em ator do discurso” (Fiorin, 2005a, p. 59). Desse modo, estudar o *ethos* do enunciador significa estudar o ator da enunciação. Mas como podemos depreender e analisar o *ethos* do enunciador escolar?

Observando o efeito de individualidade que permite a construção do ator da enunciação, um modo recorrente de construção composicional pode ser observado na totalidade de discursos. As recorrências de um modo de dizer, depreendidas pelo dito, são identificadas e, a partir delas, pode-se investigar como o enunciador constrói e apresenta a imagem de si *no* e *pelo* discurso. É, portanto, na materialidade discursiva da totalidade que as marcas do *ethos* são recuperadas e analisadas. Desse modo, a fim de analisar o *ethos*, deve-se atentar para as recorrências de qualquer elemento composicional, como, por exemplo, a escolha do assunto, do gênero discursivo, do nível de linguagem e dos elementos lexicais. Além disso, é necessário observar também os efeitos de sentido criados pelo enunciador a partir do emprego de modalizações, de construções interrogativas, pessoais e impessoais e de conectores, entre outros. Embasados na recorrência desses elementos, é possível examinar o grau e o modo de presença do enunciador na

totalidade de discursos analisados e, conseqüentemente, depreender a imagem do enunciador escolar nos textos dissertativo-argumentativos.

## 2.4 Língua, cultura e retórica

A linguagem reproduz a realidade.  
O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram –  
o poder fundador da linguagem que instaura uma realidade imaginária,  
anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe,  
traz de volta o que desapareceu.  
(Benveniste)

Língua, cultura e retórica são termos que, de forma isolada, já foram amplamente discutidos e definidos em diferentes domínios disciplinares. No entanto, são raros os estudiosos que se interessam pela relação que esses três termos estabelecem entre si na superfície textual. É justamente sobre esse assunto que tratarei nesta seção.

É preciso esclarecer que a aproximação que estou propondo – entre língua, cultura e retórica – só se torna legítima à medida que o termo “retórica” é concebido em um sentido muito pontual: de *retórica escolar*. Por retórica escolar estou entendendo o conjunto de convenções discursivo-textuais que são aprendidas e ensinadas nos bancos escolares. Em outras palavras, o termo “retórica escolar” refere-se aos modelos textuais que foram e são elaborados ao longo do tempo, modelos e roteiros textuais que foram fabricados com o propósito de apresentar estruturas de pensamento e de expressão escrita condizentes com os valores socialmente reconhecidos pelos órgãos de decisão e de poder<sup>122</sup>, como, por exemplo, o Ministério de Educação, a Academia de Letras, os professores, entre outros. Na prática, esses modelos continuam a se modificar, ainda que lentamente.

Pode-se perceber que refletir sobre o modo como língua, cultura e retórica escolar interagem na superfície textual significa abordar um tema complexo. Na tentativa de compreender essa complexidade, retomo algumas questões que, direta ou indiretamente, estão envolvidas neste trabalho, como, por exemplo, os conceitos de língua, linguagem e discurso, a aproximação entre língua, discurso e cultura, a diferenciação entre retórica cultural e retórica escolar e a interação entre os gêneros

---

<sup>122</sup> Nota-se aqui que a dimensão política também se faz presente nessa retórica escolar.

do discurso, as tipologias textuais e a retórica escolar. Percorrendo esse conjunto de elementos, que, apesar de pertencerem a níveis distintos, mostram-se solidários entre si e, até certo ponto, interpenetráveis, entendo que será possível elucidar a interação entre língua, cultura e retórica escolar. Para isso, fundamento-me teoricamente em autores como Benveniste (1989, 1995), Vignaux (1989) e Charaudeau (2001), entre outros.

#### **2.4.1 Língua, linguagem, discurso e cultura: percorrendo conceitos**

De acordo com os postulados saussurianos, a língua constitui um “sistema de signos que exprimem idéias” e “uma instituição social” (Saussure, 2002, p. 24). Esses dois princípios são fundamentais à definição de língua e, segundo Benveniste (1995, p. 22), são válidos “para qualquer língua, qualquer que seja a cultura onde se use, em qualquer estado histórico em que a tomemos”.

De um modo geral, definir a língua como um sistema significa dizer que “da base ao topo, desde os sons até as complexas formas de expressão, a língua é um arranjo sistemático de partes. Compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de *estrutura*” (Benveniste, 1995, p. 22). Compreende-se assim que a língua é um aparato, um instrumento de comunicação, um conjunto de signos que se associam entre si e que se definem uns em relação aos outros.

Além de perceber a língua como realidade sistêmica e funcional, Saussure também a considera uma instituição social, isto é, “um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade [...]; a língua não está completa em nenhum indivíduo, e só na massa ela existe de modo completo” (Saussure, 2002, p. 21). A língua, entendida como uma instituição social, constitui uma ferramenta importante para o desenvolvimento e a consolidação de uma consciência e de uma identidade nacional. Para Charaudeau (2001, p. 342), a língua, vista sob essa perspectiva, deve ser compreendida como “o lugar por excelência da integração social, da aculturação linguística, em que se forja o

simbólico identitário”<sup>123</sup>. Ela funciona, então, como o lugar e o mecanismo de construção de uma identidade linguística e cultural<sup>124</sup>.

De acordo com os postulados saussurianos, a língua é um objeto de “natureza homogênea” (Saussure, 2002, p. 23), enquanto que a linguagem é “multiforme e heteróclita” (Saussure, 2002, p. 17). Saussure adverte que esses dois termos, apesar de interpenetrarem-se até certo ponto, não podem ser confundidos. A língua, esclarece Saussure (2002), “não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente” (Saussure, 2002, p. 17). De fato, do todo da linguagem, Saussure separa a língua justamente porque ela é “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (Saussure, 2002, p. 17).

A linguagem constitui “a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de simbolizar” (Benveniste, 1995, p. 27). Essa faculdade se consolida, em sua plenitude, na linguagem, que constitui a expressão simbólica por excelência. Nessa perspectiva, o símbolo linguístico desempenha uma função mediatizante:

organiza o pensamento e realiza-se numa forma específica, torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa [...]; realiza-se numa determinada língua, própria de uma sociedade particular. (Benveniste, 1995, p. 30)

De fato, língua e linguagem são domínios distintos que se complementam: a linguagem se realiza dentro de uma língua, isto é, dentro de um sistema linguístico que pertence a uma determinada sociedade. É através da linguagem que os indivíduos dessa sociedade categorizam e representam sua realidade. Para Benveniste (1995), a linguagem tem o poder de (re)produzir o mundo à medida que “aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido” (Benveniste, 1995, p. 26). Nesse sentido, o

---

<sup>123</sup> le lieu par excellence de l'intégration sociale, de l'acculturation linguistique, où se forge la symbolique identitaire.

<sup>124</sup> Compreende-se, assim, o motivo pelo qual a complexa relação entre língua, cultura e identidade tem despertado o interesse de estudiosos e mobilizado calorosas discussões ao longo de tempo (Confira Charaudeau, 2001).

autor considera que a linguagem “é *logos*, discurso e razão juntos” (Benveniste, 1995, p. 26).

É possível perceber aí que o termo “discurso” parece estar ligado ao conceito de enunciação<sup>125</sup>. Com efeito, Benveniste (1989, p. 83) considera que toda enunciação “supõe a conversão individual da língua em discurso”. Converter a língua em discurso significa semantizá-la, ou seja, empregá-la para criar sentidos e expressar certa relação com o mundo. Entende-se assim que o discurso, para Benveniste, “é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de *intersubjetividade*, única que torna possível a comunicação linguística” (1995, p. 293).

As reflexões teóricas sobre língua, linguagem e discurso mostram que, para construir sentidos e para representar a realidade, esses três elementos podem relacionar-se de forma interdependente. Ou seja, para significar, um parece implicar a existência do outro, pois antes de ser convertida em discurso, ou melhor, “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua” (Benveniste, 1989, p. 83). Seguindo a mesma linha de raciocínio, Charaudeau (2001, p. 343) considera que a língua “não é o todo da linguagem. Poder-se-ia mesmo dizer que ela não é nada sem o discurso, isto é, aquele que a coloca em ação, aquele que regula seu uso e que depende, por conseqüência, da identidade [e da visão de mundo] de seus utilizadores”<sup>126</sup>.

À medida que a língua vai se convertendo em discurso por um ato individual de utilização (Benveniste, 1989), surgem, na superfície do discurso, a identidade e as visões de mundo características de uma determinada comunidade linguística. Essa identidade e essas visões de mundo (essas especificidades culturais) remetem ao modo como cada comunidade percebe, categoriza e representa a sua realidade. Dito de outra forma, as especificidades culturais remetem a um modo de ser e de estar no mundo, ou ainda, a um modo de perceber e de (re)produzir o mundo *no* e *pelo* discurso. Por isso, para Charaudeau, a visão de mundo de cada comunidade

---

<sup>125</sup> De acordo com Benveniste (1989, p. 82), a enunciação é definida como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Embasados no conceito benvenistiano, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 193) acrescentam que a enunciação constitui o “pivô da relação entre língua e mundo: por um lado, permite representar fatos no enunciado, mas, por outro lado, constitui por si mesma um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço”.

<sup>126</sup> n'est pas le tout du langage. On pourrait même dire qu'elle n'est rien sans le discours, c'est-à-dire ce qui la met en oeuvre, ce qui régule son usage et qui dépend, par conséquent, de l'identité [e da visão de mundo] de ses utilisateurs.

linguística, ou o modo como a realidade é categorizada e representada, não está no nível da língua, mas sim no nível do discurso. O autor ressalta que

não é a língua que testemunha as especificidades culturais, mas o discurso. Dito de outra forma, não são nem as palavras em sua morfologia, nem as regras de sintaxe que são portadoras do cultural, mas as maneiras de falar de cada comunidade, as formas de empregar as palavras, as maneiras de refletir, de narrar, de argumentar para ironizar, para explicar, para persuadir, para seduzir.<sup>127</sup> (Charaudeau, 2001, p. 343)

Com efeito, as intenções discursivas podem até ser as mesmas em cada comunidade (argumentar, informar, narrar, descrever), no entanto, as estratégias colocadas em prática no momento da formulação linguística podem variar. Nesse sentido, entende-se que, subjacente à língua francesa e à língua portuguesa, por exemplo, existam culturas distintas conforme a comunidade: a cultura francesa, a cultura quebequense, a cultura brasileira e a cultura portuguesa. De fato, os atos de fala de cada uma dessas comunidades são parecidos, como, por exemplo, ironizar, defender um ponto de vista, convencer, narrar e outros. Entretanto, o modo como cada comunidade organiza esses atos de fala no discurso é que varia em função de suas especificidades culturais. É, portanto, no uso, nas formas linguísticas empregadas e no modo como essas formas são organizadas no discurso que residem as diferenças culturais, mesmo quando os objetivos comunicativos são semelhantes. Para compreender melhor essa ideia, faz-se necessário refletir sobre dois casos distintos.

No primeiro caso, que envolve a língua portuguesa e a língua francesa, tomo como exemplo as expressões “Risco de vida”<sup>128</sup> e “*Danger de mort*”. A partir desse exemplo, é possível perceber que o recorte da mesma situação<sup>129</sup> é expresso, em cada língua, de uma forma diametralmente oposta (vida *versus* morte). Entende-se assim que o mesmo acontecimento parece ser percebido e materializado discursivamente de maneira distinta em cada língua-cultura. Essa forma de perceber

<sup>127</sup> n'est pas la langue qui témoigne des spécificités culturelles, mais le discours. Pour le dire autrement, ce ne sont ni les mots dans leur morphologie ni les règles de syntaxe qui sont porteurs de culturel, mais les *manières de parler* de chaque communauté, les façons d'employer les mots, les manières de raisonner, de raconter, d'argumenter pour blaguer, pour expliquer, pour persuader, pour séduire.

<sup>128</sup> Consciente das atuais polêmicas que giram em torno da utilização dessa expressão no português do Brasil, sigo aqui, como referência, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), que, ao tratar do verbete “risco”, exemplifica-o com *risco de vida*. Essa expressão é tida como a forma elíptica de “risco de perder a vida”.

<sup>129</sup> Situação de grande perigo em que há probabilidade de morte.

e de categorizar a realidade ilustra muito bem o que se chama de visão de mundo, ou ainda, de especificidades culturais.

No segundo caso, proponho uma breve reflexão sobre um elemento lexical da língua portuguesa: a palavra “copa”. Dentre outras acepções, essa palavra é empregada para designar a “dependência de uma habitação geralmente próxima à cozinha [...]”; por extensão, o compartimento em hospitais e hotéis que atende ao serviço dos quartos e ao preparo de alimentos leves” (Houaiss, 2001). Na prática, a palavra “copa” é utilizada para fazer referência ao lugar em que se prepara e se serve o café de uma instituição (uma escola ou uma universidade, por exemplo). Por extensão, nesse caso, “copa” pode (e é) utilizada para designar o momento de intervalo para o café, momento este em que as relações sociais podem se estabelecer e se desenvolver com maior proximidade. Para os brasileiros, esse é o momento oportuno para uma conversa informal com os colegas e, até mesmo, com o chefe. Já na língua francesa não há registros da palavra “copa” e de nenhum outro termo que tenha semelhanças semânticas com a designação de “copa”. Essa ausência indica que, nessa língua-cultura, as relações sociais que se constituem e se consolidam durante o intervalo devem se desenvolver de outro modo: talvez de modo mais formal, em um ambiente mais conservador. O intervalo de descanso durante o período de trabalho é uma necessidade em qualquer instituição e em qualquer sociedade. O fato é que Brasil e França têm visões de mundo distintas sobre esse evento e parecem nomeá-lo linguisticamente e categorizá-lo discursivamente também de formas distintas.

Com base no que foi exposto, é necessário esclarecer que, quando se pensa na relação língua, discurso e cultura, compreende-se que as diferenças culturais devem residir, justamente, na maneira como cada comunidade linguística organiza e materializa os seus objetivos comunicativos e suas visões de mundo na superfície discursiva. É, portanto, no discurso que essas diferenças são concretizadas.

Nessa perspectiva, o discurso parece constituir a peça principal que estabelece as devidas aproximações entre língua, discurso e cultura (e, por extensão, entre discurso, cultura e retórica). É o discurso que faz mover a engrenagem formada pelos demais elementos. Com efeito, o discurso é moldado tanto pelas visões de mundo da comunidade linguística em que está sendo produzido, quanto pelas convenções discursivas (ou retóricas) características da esfera de produção. Pode-se dizer, portanto, que o discurso apresenta-se como a

instância que possibilita a interação desses elementos. Desse modo, a língua aparece como um coadjuvante que oferece algumas ferramentas (no caso, as estruturas linguísticas) para que o astro principal, o discurso, entre em cena. A língua, segundo Vignaux (1989), deve ser compreendida como um

“sistema” efetivamente portador de regras, mas também de manipulações destas regras, umas impostas (a gramática, a sintaxe), outras oferecidas à escolha de cada um, conforme o discurso que se deseja produzir. Essas “manipulações” vão testemunhar tanto as variações individuais nos “modos de pensar” quanto as limitações impostas umas pelo uso e outras pelo próprio sistema lingüístico tendo em vista a forma como ele vai se regular.<sup>130</sup> (Vignaux, 1988, p. 6)

As palavras do autor revelam que a língua, efetivamente, não é nada sem o discurso (Charaudeau, 2001). De fato, é o discurso que, permeado pelas especificidades culturais, semantiza a língua e a faz significar; nesse sentido, entende-se que é *nele* e *por ele* que se expressa certa relação com o mundo, isto é, um modo de ser e de perceber a realidade.

A discussão realizada ao longo deste tópico, além de percorrer diferentes conceitos que, direta ou indiretamente, estão implicados neste estudo, mostra que o discurso é uma organização e como tal ele procede, às vezes, à cultura e à retórica. É necessário esclarecer ainda que discurso e cultura são práticas languageiras que podem ser analisadas. Já a retórica, ao contrário, não constitui uma prática, mas sim uma disciplina, isto é, um ramo do conhecimento que identifica e descreve mecanismos que podem ser utilizados na materialização de diferentes práticas languageiras. Daí depreende-se que toda a retórica pode estar incluída no discurso, mas que o discurso, em toda a sua extensão, não pode ser incluído na retórica.

#### **2.4.2 Retórica escolar: algumas considerações**

Nesta reflexão, como já destaquei, o termo retórica é tomado em um sentido muito pontual: a retórica escolar. Esta pode ser definida como o conjunto de

---

<sup>130</sup> “système” effectivement porteur de règles mais aussi, de manipulations de ces règles, les unes imposées (la grammaire, la syntaxe), d’autres offertes à la liberté de chacun, selon le discours qu’il souhaite produire. Ces “manipulations” vont témoigner aussi bien de variations individuelles dans les “états de pensée” que de contraintes imposées, les unes par l’usage, les autres par le système même du linguistique, compte tenu de la façon dont il va se réguler.



convenções retóricas ensinadas e aplicadas nos textos produzidos na esfera escolar. São procedimentos e roteiros textuais nada espontâneos que foram construídos ao longo do tempo em função de valores socialmente reconhecidos pelas instâncias competentes, que têm o poder de sancionar, modificar e estabelecer orientações de ensino. Essas instâncias são representadas por instituições como o Ministério da Educação e Cultura e a Academia de Letras, pelos letrados, professores e outros. É preciso lembrar que esses roteiros textuais não constituem construções fixas e imóveis; pelo contrário, eles devem sofrer modificações, mas estas parecem acontecer lentamente.

Para explicar melhor o conceito de retórica escolar, retomo um ponto trabalhado sinteticamente na introdução desta pesquisa. Conforme assinali naquele momento, o presente estudo investiga a organização retórica de duas línguas-culturas a partir do entrecruzamento entre retórica cultural e retórica escolar. Mas afinal, o que é retórica cultural?

Quando utilizo o termo “retórica cultural”, estou me referindo ao conjunto de conhecimentos linguístico-discursivos ligados às técnicas e/ou modelos de organização do discurso que podem ser característicos de determinado sistema linguístico-cultural. A retórica cultural refere-se a um *savoir-faire* possivelmente pré-determinado, isto é, um modelo de organização do discurso mais ou menos aberto que pode ser construído por uma visão de mundo particular e por valores e crenças compartilhados por uma determinada comunidade linguística. Dito de outra forma, são roteiros textuais parcialmente pré-determinados a partir dos quais se desenvolvem competências de comunicação.

Compreende-se assim que, na retórica cultural, não há nada de espontâneo, ou seja, os elementos que devem compor a organização do discurso não estão disponíveis à livre escolha de cada um; pelo contrário, estes elementos podem ser impostos e ter sua ordem de apresentação no discurso orientada, de um lado, pelo uso e pelas especificidades da materialidade lingüística utilizada e, de outro lado, pelas especificidades culturais, isto é, pela visão de mundo característica dessa língua-cultura. Conforme destaca Vignaux (1989), essa retórica cultural parece ser regulada, portanto, por dois tipos de convenções, as convenções de discurso e as convenções culturais:

há as **convenções de discurso** – o que se chama de **retóricas**: não se fala de política da mesma forma que de ciência – e há as tradições na forma de se representar o mundo e de expressá-lo, tais tradições organizam o que se dará como “**culturas**”. Estas traduzem a cada vez as variações nos modos de dizer e as formas de exprimir a realidade física ou social.<sup>131</sup> (Vignaux, 1988, p. 6-7)

Desse modo, tem-se que as convenções retóricas estão relacionadas ao tipo de discurso que vai ser construído, enquanto que as convenções culturais estão ligadas ao modo como cada comunidade linguística percebe, categoriza e representa a realidade. É no âmbito das convenções do discurso que atuam as possíveis influências da Retórica Clássica. Os modos de organização do discurso representam um dos legados da Retórica Clássica que se faz presente em diferentes sistemas linguístico-culturais, legado este que parece ter se adaptado às necessidades e às especificidades de cada língua-cultura.

Se a retórica cultural pode ser tendencialmente definida como um *savoir-faire* pré-determinado a partir do qual se desenvolvem competências de comunicação construídas por uma visão de mundo particular e por um conjunto de crenças e de valores compartilhados, a retórica escolar, por sua vez, pode ser descrita justamente como um subconjunto da retórica cultural, aquele que diz respeito aos roteiros e aos modelos textuais ensinados e aplicados na produção de textos na esfera escolar.

Observando as diretrizes curriculares da língua francesa e da língua portuguesa para o nível de ensino envolvido nesta pesquisa (Ensino Médio), percebe-se que, para cada sistema linguístico, parece haver indícios de uma retórica escolar distinta. Em ambas as línguas, a retórica escolar está atrelada às atividades, teóricas e práticas, de expressão escrita que enfatizam a reflexão, a argumentação, a estruturação das ideias e o desenvolvimento da imaginação. Apesar dessa semelhança, as diretrizes curriculares de cada língua apontam objetivos de ensino e de avaliação distintos. Isso sugere que diferentes elementos linguísticos, textuais e discursivos são trabalhados, aprendidos e aplicados nas aulas de produção textual.

De fato, nas instituições de ensino que seguem os programas do governo francês, os conteúdos que remetem à retórica escolar aparecem diluídos nas aulas

---

<sup>131</sup> il y a des **conventions de discours** – ce qu’on appelle des **rhétoriques**: on ne parle pas de politique de la même façon que de science – et il y a des traditions dans la façon de se représenter le monde et de l’exprimer, lesquelles traditions organisent ce qui se donnera comme “**cultures**”. Celles-ci traduisent à chaque fois, des variations dans les modes du dire et les façons d’exprimer la réalité physique ou social.

de língua francesa. De acordo com o Ministério da Educação Nacional<sup>132</sup>, o ensino do francês é orientado basicamente por dois objetivos indissociáveis: “o domínio da língua e a aquisição de marcas culturais e estéticas indispensáveis à construção de uma cultura partilhada”<sup>133</sup> (Ministério da Educação Nacional, 2009)<sup>134</sup>. Desse modo, dentre os saberes textuais que devem ser aprendidos pelo aluno ao longo de seu percurso escolar, destaca-se a capacidade de

- redigir um texto de invenção, de imaginação ou de interesse prático, respeitando a sintaxe e a ortografia;
- utilizar as principais formas de discurso (narração, descrição, explicação, argumentação), eventualmente combinando-as em um mesmo texto;
- organizar um desenvolvimento em vários parágrafos;
- para redigir estes textos, levar em conta a situação de comunicação (a quem se dirige o texto? Em que propósito ele é escrito? (Ministério da Educação Nacional, 2009)<sup>135</sup>

Já nas instituições de ensino que são orientadas pelo governo brasileiro, os conhecimentos referentes à retórica escolar podem ser trabalhados conjuntamente na disciplina de língua portuguesa ou em disciplina distinta<sup>136</sup>. Esse tipo de fragmentação de conteúdos parece ser mais frequente do que se pode imaginar nas escolas brasileiras. Possivelmente, essa divisão é realizada com a intenção de facilitar a assimilação dos conteúdos tanto de língua portuguesa quanto de redação (produção textual).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)<sup>137</sup>, o estudo da linguagem exerce uma função primordial no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio. É por meio dela que se pode sistematizar

<sup>132</sup> Ministère de l'Éducation Nationale.

<sup>133</sup> la maîtrise de la langue et l'acquisition des repères culturels et esthétiques indispensables à la construction d'une culture partagée.

<sup>134</sup> Disponível em: <<http://www.education.gouv.fr/cid81/les-programmes.html>>. Acesso em: 23 mar. 2009.

<sup>135</sup> \* rédiger un texte d'invention, d'imagination ou d'intérêt pratique, en respectant la syntaxe et l'orthographe ;

\* utiliser les principales formes de discours (narration, description, explication, argumentation), éventuellement en les combinant dans un même texte ;

\* organiser un développement en plusieurs paragraphes ;

\* tenir compte, pour rédiger ces textes, de la situation de communication (à qui s'adresse le texte? dans quel but est-il écrit?) (Ministère de l'Éducation Nationale, 2009). Disponível em: <<http://www.education.gouv.fr/cid81/les-programmes.html#français>>. Acesso em: 23 mar. 2009.

<sup>136</sup> Na grade curricular do Liceu Pasteur Mayrink, por exemplo, português e redação compõem disciplinas distintas. A carga horária do curso de língua portuguesa varia entre 4 ou 5 horas/aula por semana. Essa variação depende do ano do Ensino Médio que se está cursando. Já para a redação reserva-se uma hora/aula por semana em todos os níveis.

<sup>137</sup> Documento elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) que regulamenta o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, apontando suas diretrizes e seus conteúdos programáticos.

“um conjunto de disposições e atitudes, como pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar, negociar significados, cooperar, de forma que o aluno possa participar do mundo social” (PCN’S, p. 5). Nessa perspectiva, a língua portuguesa deve ser compreendida e utilizada como uma língua “geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade” do sujeito aprendiz (PCN’s, p. 10). Desse modo, dentre as competências textuais que devem ser aprendidas e assimiladas pelo aluno ao longo do Ensino Médio, os PCN’s destacam a capacidade de

- compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação;
- analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção;
- confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas;
- utilizar-se das linguagens como meio de expressão, informação e comunicação em situações intersubjetivas, que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e estatutos de interlocutores; e saber colocar-se como protagonista no processo de produção/recepção. (PCN’s, p. 6-10)

Como é possível verificar, a proposta da língua portuguesa se diferencia muito daquela da língua francesa. Não poderia ser de outra forma, já que se está diante de línguas distintas que supõem visões de mundo também distintas. Os objetivos lingüísticos, textuais e discursivos de cada língua são propostos em função da sua realidade, isto é, de suas especificidades culturais e necessidades languageiras. Esses objetivos concretizam-se sob a forma de competências que devem ser trabalhadas e assimiladas pelos alunos durante determinado período de vida escolar. É inegável que essa diversidade de propósitos, observada nas duas línguas, é um indício de que para cada língua-cultura parece, de fato, existir uma retórica escolar distinta. A comprovação efetiva desta hipótese só pode acontecer ao longo das análises.

Conforme destacado, nos dois sistemas lingüísticos envolvidos neste estudo, os conteúdos que remetem à retórica escolar enfatizam a reflexão, a argumentação, a estruturação das idéias e o desenvolvimento da imaginação. De acordo com Reboul (2004), isso prova que essa retórica escolar preserva elementos importantes da Retórica Clássica, uma vez que “ensina a compor segundo um plano, a encadear

os argumentos de forma coerente e eficaz, a cuidar do estilo, a encontrar construções apropriadas e as figuras exatas” (Reboul, 2004, p. XXII), respeitando convenções/prescrições características desse contexto de produção. Dentre suas atribuições, a escola parece ter a função de, no curso de língua, ensinar a organizar as ideias de modo coerente em diferentes textos. Em outros termos, cabe à escola ensinar princípios lingüístico-textuais de base essenciais a cada tipo de discurso produzido na esfera escolar. Esses princípios, segundo Reboul (2004), são encontrados, na maioria das vezes, com outros nomes na Retórica Clássica. O autor acrescenta ainda que deixar de respeitar esses princípios formadores é “dar prova de incultura”:

Em outras palavras, é apartar-se dos outros e de si mesmo. É verdade que existem outras culturas além da escolar, mas não existe cultura sem formação retórica. E aprender a arte de bem dizer é já e também aprender a ser. (Reboul, 2004, p. XXII)

A partir do que foi exposto, percebe-se que investigar as redações escolares, mais precisamente, as produções dissertativo-argumentativas, significa tocar no ponto central do entrecruzamento entre retórica cultural e retórica escolar. Digo isso porque esse tipo de produção parece reunir as duas perspectivas à medida que os textos, de um lado, moldam-se por convenções retóricas e convenções culturais provenientes da retórica cultural; e, por outro, adaptam-se às especificidades discursivas e às coerções características do gênero escolar. Refiro-me aqui às coerções genéricas e situacionais que contribuem para a configuração e para a consolidação da retórica escolar na superfície textual.

Se a retórica escolar parece ser configurada e afetada pelas coerções genéricas e situacionais da esfera de produção, onde ela se situa então em relação aos gêneros do discurso e às tipologias textuais? Para responder a esse questionamento, é preciso recorrer à teoria de Bakhtin. De acordo com esse autor, cada esfera da atividade humana elabora e utiliza “tipos *relativamente estáveis de enunciados*” (Bakhtin, 2003, p. 262), os quais são denominados gêneros do discurso. Cada gênero do discurso é determinado, segundo Bakhtin (2003), pelas especificidades de um determinado campo ou esfera da comunicação. Desse modo, é possível identificar, por exemplo, o gênero jornalístico (na esfera jornalística), o gênero científico (na esfera científica) e o gênero escolar (na esfera escolar), dentre outros. Cada um desses gêneros pode ser composto por diferentes regularidades

sequenciais, isto é, por diferentes sequências tipológicas ou ainda tipologias textuais, como, por exemplo, as descritivas, narrativas, argumentativas, dialógicas e prescritivas, entre outras.

Considerado esses postulados teóricos, tem-se que, em relação ao gênero escolar e às tipologias textuais que compõem esse gênero, a retórica escolar parece estar situada, justamente, no interior das tipologias, isto é, trata-se de uma adequação entre uma organização discursiva que é característica da esfera escolar e os tipos de redações (dissertativo-argumentativa, narrativa, descritiva, dissertativa e argumentativa, entre outras) que irão compor essa organização, ou melhor, esse texto.

## PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Os textos são produtos da atividade humana e, como tais, [...] estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos.  
(Bronckart)

Tão importante quanto a explanação do quadro teórico é a apresentação do *corpus* e dos pressupostos metodológicos da pesquisa. O *corpus*, por representar a língua em exercício, é compreendido como um objeto vivo (Dahlet, 2000) e se destaca como o elemento essencial a qualquer investigação linguística. Já os pressupostos metodológicos, por descreverem os mecanismos que fundamentam a pesquisa, apresentam-se como a ferramenta indispensável ao tratamento e à análise do *corpus*.

Ao longo deste capítulo, proponho-me a expor os procedimentos de coleta e de tratamento do material linguístico e também a descrever e a explicar os mecanismos de análise aplicados nesta pesquisa, ou seja, a grade de análise elaborada exclusivamente para investigar o *corpus* deste estudo. Dito de outra forma, neste capítulo, conforme os termos de Charaudeau (1992), dedico-me a conhecer a situação de produção e a estudar o(s) modo(s) de organização do discurso e as categorias da língua aplicadas na organização dos textos analisados.

Este trabalho, como já destaquei anteriormente, pretende investigar a organização retórica de sistemas linguístico-culturais distintos. O objetivo é identificar e apreender semelhanças e diferenças retóricas nas produções dissertativo-argumentativas organizadas em língua portuguesa e em língua francesa no contexto escolar. A fim de apresentar o material de análise e o percurso metodológico que fundamenta esta reflexão, o presente capítulo foi organizado da seguinte maneira: inicialmente, apresenta-se o *corpus* de estudo; em seguida, descrevem-se os procedimentos de coleta e de tratamento deste *corpus*; e, por fim, expõe-se a grade de análise e discorre-se sobre cada um dos elementos que a compõem.

## 1 Constituição do *corpus*

Estudar a organização retórica de sistemas linguístico-culturais distintos requer a constituição de um *corpus* de trabalho que seja composto de, no mínimo, duas línguas. No caso deste estudo, optou-se por trabalhar com produções elaboradas em língua portuguesa e em língua francesa.

A escolha desse tema e desses sistemas linguísticos justifica-se pelo fato de que já realizei, em nível de Mestrado, um estudo sobre o movimento referencial nessas duas línguas-culturas. Ao desenvolver tal trabalho, deparei-me com diferenças e semelhanças na organização narrativa e também na organização retórica das duas línguas. O anseio por compreender as causas dessas diferenças não foi saciado naquele estudo, em que privilegiei as produções narrativas. Em vista disso, decidi que, em meu trabalho de tese, trataria da organização retórica do português e do francês.

Para observar os aspectos retóricos dessas duas línguas, é necessário, evidentemente, coletar produções em que há predomínio de sequências dissertativo-argumentativas. Para isso, selecionei a redação escolar como suporte textual no desenvolvimento das análises. Assim sendo, o *corpus* deste trabalho é composto por redações escolares do tipo dissertativo-argumentativas, produzidas por alunos de Ensino Médio.

Os textos selecionados para compor o *corpus* deste estudo foram coletados em uma escola franco-brasileira, o Liceu Pasteur, localizada na cidade de São Paulo. Apresentando-se como uma instituição de ensino bilíngue, essa escola é composta por duas unidades, que podem ser distinguidas pela ênfase dada a cada sistema linguístico-cultural: língua portuguesa, na unidade da rua Mayrink; e língua francesa, na unidade da rua Vergueiro.

De fato, o Liceu Pasteur da rua Mayrink adota um sistema de ensino fundamentado nos programas do Ministério da Educação e Cultura [MEC] do Brasil. O ensino é ministrado em português, ou seja, na língua materna da maioria dos alunos. A língua francesa é oferecida como língua estrangeira até o primeiro ano do Ensino Médio.

O material de análise coletado nessa unidade foi produzido por dois grupos de alunos: as produções em Língua Francesa (FLPM) foram coletadas em uma classe de primeiro ano; e as produções em Língua Portuguesa (PLPM), em uma



classe de segundo ano do Ensino Médio. O programa didático-pedagógico dessa escola não possibilitou que a coleta dos textos fosse realizada com o mesmo grupo de alunos.

Já o Liceu Pasteur da rua Vergueiro organiza-se de maneira distinta. Ele está embasado nos programas de ensino da França e do Brasil. Todas as aulas são ministradas em Língua Francesa. As disciplinas de Língua Portuguesa, História e Geografia do Brasil são obrigatórias a todos os alunos. Paralelamente às aulas de francês e de português, os alunos dessa instituição têm ainda de cursar aulas de línguas estrangeiras (inglês, espanhol, alemão e italiano).

O *corpus* coletado nessa unidade compõe-se de um conjunto de redações dissertativo-argumentativas que foram elaboradas por alunos do segundo ano do colegial (nível correspondente ao segundo ano do Ensino Médio do Brasil). O mesmo grupo de alunos produziu redações em língua francesa e também em língua portuguesa.

É necessário ressaltar que os textos coletados nas duas unidades são resultado do trabalho desenvolvido pelos alunos no ambiente da sala de aula, nas respectivas disciplinas. Os temas abordados são muito distintos. Eles foram determinados pelos professores em função das leituras e/ou dos conteúdos que estavam sendo desenvolvidos em cada classe. Importa destacar que os alunos não foram informados sobre o destino de seus textos, ou melhor, sobre o fato de que suas produções seriam analisadas em uma pesquisa linguística. Eles escreveram para o seu enunciatário mais próximo – o professor –, em um ambiente com o qual já estavam habituados – a sala de aula. Mantendo a referência do enunciatário e preservando o ambiente de produção textual, tentei coletar amostras em que as regularidades linguísticas dos alunos estivessem representadas em sua essência, isto é, de forma espontânea, sem interferências externas.

Antes de o professor fazer suas observações e suas anotações nos textos, tive acesso a eles a fim de fotocopiá-los. Procurei evitar dessa forma as marcas de correção deixadas pelo avaliador, as quais, além de poluir o objeto de estudo, poderiam influenciar no modo como os textos seriam observados e analisados. O conjunto de textos constituiu, portanto, uma amostra autêntica da produção textual dos alunos.

Em relação ao período de coleta, devo esclarecer que os textos que compõem o *corpus* deste trabalho foram coletados em períodos distintos: as

produções do Liceu Pasteur da rua Mayrink (LPM) foram recolhidas no ano de 1999, e as produções do Liceu Pasteur da rua Vergueiro (LPV), no ano de 2006.

Essa disparidade temporal justifica-se pelo fato de que as produções coletadas em 2006, no LPM, não possibilitaram que meu objeto de estudo fosse investigado. Para resolver essa questão metodológica, recorri a um *corpus* organizado por minha orientadora, Professora Véronique Dahlet. Esse conjunto de textos, recolhido no LPM no ano de 1999, passou então a constituir uma parte do *corpus* deste trabalho. A outra parte é composta pelas produções recolhidas por mim no LPV, em 2006. É importante destacar ainda que o intervalo de tempo entre uma coleta e outra não é homogêneo em nenhuma das instituições. Na verdade, os intervalos foram se estabelecendo à medida que atividades de produção escrita eram realizadas pelos professores em sala de aula. De posse do *corpus* de pesquisa, iniciei o processo de tratamento do material linguístico.

## **2 Tratamento do *corpus***

O tratamento do material linguístico efetua-se em diferentes etapas, que vão desde a leitura do *corpus* até a elaboração de um mecanismo de análise. Após a coleta, iniciou-se a primeira etapa do tratamento, que compreende o processo de leitura, de seleção e de digitalização dos textos.

Logo depois de serem digitalizados, os textos foram separados e identificados em quatro grandes grupos, conforme os sistemas linguísticos em que eles foram produzidos. Essa constitui a segunda etapa do tratamento do *corpus*. Cumpre lembrar que, para cada sistema linguístico, um código de identificação foi proposto. Assim definiram-se os seguintes códigos:

- **PLPM** – Português Liceu Pasteur Mayrink
- **PLPV** – Português Liceu Pasteur Vergueiro
- **FLPM** – Francês Liceu Pasteur Mayrink
- **FLPV** – Francês Liceu Pasteur Vergueiro

Além de distinguir cada sistema linguístico, é necessário diferenciar cada coleta realizada, tarefa esta que constitui a terceira etapa do processo de tratamento do *corpus*. Essa distinção torna-se metodologicamente importante para a realização de análises transversais e, sobretudo, de análises longitudinais.

As análises transversais pretendem observar um momento específico do processo de aquisição e de utilização de um sistema linguístico-cultural. Através desse tipo de análise, é possível investigar um único recorte ou uma única amostra da produção, oral ou escrita, de uma determinada língua.

Já as análises longitudinais buscam observar o desenvolvimento do processo de aquisição de uma língua ao longo do tempo. A perspectiva longitudinal permite acompanhar diferentes momentos do processo de aquisição e utilização de um sistema linguístico-cultural.

Após a referência ao sistema linguístico, identificou-se cada amostra de estudo através das letras **(A)** e **(B)**, que representam, respectivamente, a primeira e a segunda coleta dos textos; já as amostras-controle, compostas exclusivamente por produções em língua materna, são identificadas pela letra **(C)**. Assim, o código **PLPM(A)** faz referência às produções em Português do Liceu Pasteur Mayrink que compõem a primeira amostra ou a amostra **(A)** do *corpus*. Já o código **FLPM(B)** identifica os textos em Francês do Liceu Pasteur Mayrink que foram produzidos no segundo ciclo de coletas, amostra **(B)**. Esse código de identificação é aplicado a todas as amostras que compõem o *corpus* deste trabalho.

A quarta etapa do tratamento do *corpus* foi dedicada à organização de um sistema de identificação dos autores dos textos analisados. Para preservar a identidade dos informantes, criou-se um índice numérico que, a partir de então, passou a representar cada autor. Assim, a expressão **PLPV(A)1** faz referência ao texto em Português do Liceu Pasteur Vergueiro, do primeiro ciclo de coletas, produzido pelo sujeito de número um **(1)**. Do mesmo modo, a expressão **FLPV(B)12** remete ao texto em Francês do Liceu Pasteur Vergueiro, do segundo ciclo, produzido pelo sujeito de número doze **(12)**. Esse sistema remissivo é aplicado aos demais sujeitos e às suas respectivas amostras, como se pode verificar nos anexos deste trabalho. Na exemplificação da análise, os sujeitos e suas respectivas produções são identificados por estes códigos.

Estabelecidos os mecanismos de identificação e remissão textual, faz-se necessário explicar como as análises do *corpus* serão efetuadas. Esta é a quinta

etapa do processo de tratamento do material linguístico. É nesta etapa que se sintetizam e se configuram, sob forma de um instrumento de análise, os caminhos que podem auxiliar na descrição e na investigação das diferenças e das semelhanças retóricas entre os sistemas linguístico-culturais selecionados. Na tentativa de abranger todos os fenômenos linguísticos que, sob minha perspectiva, parecem contribuir na construção retórica dos textos dissertativo-argumentativos, elaborei uma grade de análise que é aplicada a cada produção textual do *corpus* e está localizada sempre na sequência do texto analisado, como é possível verificar nos anexos deste trabalho.

### **3 Organização da grade de análise**

Para identificar o tipo de organização retórica de qualquer texto, é preciso investigar de forma minuciosa todos os elementos linguístico-discursivos dos quais o enunciador lança mão no momento da produção do discurso. Para isso, deve-se descrever e de analisar a macroestrutura e a microestrutura textual. A primeira diz respeito à organização lógico-textual característica da dissertação escolar: a extensão do texto, a paragrafação, a exposição da tese e dos argumentos e as relações lógicas. Já a segunda é formada por mecanismos linguístico-discursivos mais específicos que estão diretamente ligados à exposição de uma visão de mundo e à construção do *ethos*, como, por exemplo, as modalizações, as construções específicas (dos tipos interrogativas, pessoais e impessoais) e os operadores argumentativos, entre outros.

Com base nessas informações e apoiada nos postulados teóricos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) e de Charaudeau (1992), engendrei uma grade de análise textual que pretende dar conta tanto da macroestrutura quanto da microestrutura textual. Essa grade apresenta-se dividida em três colunas, que compreendem, respectivamente: objetos de análise (primeira coluna), fragmentos analisados (segunda coluna) e número da linha (terceira coluna). Estes dois últimos itens são completados, durante o processo de análise, com os fragmentos estudados e com a indicação das linhas do texto em que eles podem ser encontrados. Já o primeiro item – objetos de análise – compreende uma lista de fenômenos e de elementos linguístico-discursivos que podem ser empregados pelo

autor do texto na construção dos efeitos de sentido de sua produção dissertativo-argumentativa.

São abordados quatro fenômenos distintos: modalizações (objeto 1), construções específicas (objeto 2), conectores (objeto 3) e organização retórica (objeto 4). À exceção do objeto de número 3, todos os demais apresentam uma subdivisão interna que visa a otimizar e elucidar o processo de análise.

De um modo geral, compreendo que analisar esses elementos implica, especificamente, investigar as marcas linguísticas deixadas pelo autor na superfície textual. Acredito que, percorrendo essas marcas, possa ser possível reconstruir um modo recorrente de dizer, de se construir e de se apresentar *no* e *pelo* discurso, e, desse modo, depreender o *ethos* e o estilo expresso em cada texto, além de identificar a organização retórica de cada sistema linguístico-cultural investigado.

Com base no que foi exposto acima, organizou-se a grade de análise textual conforme a ilustração apresentada na Tabela 6. Os fragmentos analisados neste modelo foram retirados de algumas produções textuais recolhidas no Liceu Pasteur Mayrink que foram dispensadas do *corpus* de estudo. Estes fragmentos são, portanto, oriundos de textos distintos e servem apenas para fins de exemplificação dos elementos que serão observados nos procedimentos de análise.

Tabela 6: Grade de análise textual

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
1.1 Modo de saber	Constatação	<i>l'avortement est une de les problèmes qui n'avait pas des solutions encore</i>	l. 1
1.2 Avaliação	Opinião	<i>l'avortement c'est comme tout les choses sont, quelques un sont pour, autres sont contre, et on jamais aura un complete accord avec ça.</i>	l. 7-8
1.3 Motivação	----	-----	---
1.4 Asserção	----	-----	---
<b>2. CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
2.1 Construções interrogativas	---	<i>Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?</i>	Título
2.2 Construções impessoais	Nous avons	<i>nous avons beaucoup de personnes qui sont contre</i> <i>nous avons aussi de personnes qui sont d'accord avec l'église</i>	l. 1-2 l. 4
2.3 Construções pessoais	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	<i>mais pendant ça il y a d'autres qui sont pour</i>	l. 2
<b>4. ORGANIZAÇÃO RETÓRICA</b>	-----	-----	-----

<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	---		---
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Organização dos Parágrafos	Extensão média		
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos	
		conclusão	5º parágrafo	
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	<i>Dans la médecine, l'avortement est une de les problèmes qui n'avait pas des solutions encore</i>		I. 1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos pelo exemplo	<i>L'une des grandes forces qui est contre est l'église, elle parle qui on ne peut pas interrompre le process de la vie, et nous avons aussi de personnes qui sont d'accord avec l'église.</i>		I. 3-4

### 3.1 Modalização na linguagem

A modalização não constitui somente uma parte do fenômeno da enunciação, mas constitui o seu pivô, na medida em que é ela que permite explicitar as *posições do sujeito falante* em relação a seu interlocutor, a si mesmo e a seu propósito.<sup>138</sup>  
(Charaudeau)

A modalização pode ser compreendida como um fenômeno da linguagem que possibilita ao sujeito falante (enunciador) imprimir determinadas marcas nas suas produções linguísticas. Essas marcas expressam, de forma explícita e/ou implícita, a atitude e as posições do sujeito falante diante de si mesmo, do seu enunciatário e, principalmente, do seu dizer. Nessa perspectiva, a modalização se inscreve na problemática da enunciação, constituindo, conforme destaca Charaudeau (1992), o seu pivô, isto é, seu mecanismo de base, sobre o qual repousa todo o arcabouço enunciativo.

Apresentando-se como a parte central do fenômeno da enunciação, a modalização deve ser entendida como um processo contínuo que está sempre presente nas trocas enunciativas. Desse modo, investigar esse fenômeno da linguagem pode parecer, à primeira vista, uma tarefa de fácil execução. No entanto,

<sup>138</sup> La Modalisation ne constitue donc qu'une partie du phénomène de l'énonciation, mais elle en constitue le pivot dans la mesure où c'est elle qui permet d'explicitier ce que sont les *positions du sujet parlant* par rapport à son interlocuteur, à lui-même et à son propos.

na prática, não é bem assim. Isso acontece porque o estudo da modalização não pode se limitar à simples identificação e descrição de modalidades<sup>139</sup>.

Por indicar as atitudes, as posições e as visões de mundo do enunciador, as modalizações inscrevem-se no conjunto de fenômenos complexos da linguagem que devem ser observados em uma perspectiva mais ampla, pois, de acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 337), “há uma *imbricação das diversas modalidades* em um mesmo enunciado e uma grande *diversidade* em seus modos de manifestação linguística”. Para contornar esta situação, os autores sugerem que o estudo da modalização leve sempre em consideração a relação que ela estabelece com os processos globais do discurso, como, por exemplo, os tipos e gêneros de discurso:

é preciso estabelecer relação entre o estudo das marcas linguísticas da modalização e os fatores que exercem coerções sobre a situação de comunicação específica do discurso considerado. (Charaudeau; Maingueneau, 2004, p. 337)

Compartilhando da mesma concepção de análise proposta pelos autores, neste estudo, dedico-me a observar o fenômeno da modalização no conjunto de textos que compõe o *corpus* deste trabalho. Para isso, apoio-me teoricamente nas reflexões de Charaudeau (1992, 2008), que propõe que a modalização pode ser construída – e investigada – através de três tipos de comportamentos enunciativos: o alocutivo, o elocutivo e o delocutivo, que são os atos enunciativos constituintes da enunciação. Sua classificação se refere, especificamente, ao ato de enunciar, isto é, ao fenômeno que consiste em “organizar as *categorias da língua*, ordenando-as de forma a que deem conta da posição que o sujeito falante ocupa em relação ao *interlocutor*, em relação ao *que ele diz* e em relação ao *que o outro diz*”<sup>140</sup> (Charaudeau, 1992, p. 648).

O comportamento alocutivo caracteriza-se por apresentar a relação de

<sup>139</sup> A definição de Modalidade é uma questão delicada, pois o termo recobre conceitos diferentes conforme o domínio disciplinar em que é empregado: Lógica, Linguística e Semiótica. Neste trabalho, sigo a definição expressa por Charaudeau e Maingueneau (2004) em seu *Dicionário de Análise do Discurso*. Para esses autores, as Modalidades “são facetas de um processo mais geral de modalização, de atribuição de modalidades ao enunciado, pelo qual o enunciador, em sua própria fala, exprime uma atitude em relação ao destinatário e ao conteúdo de seu enunciado” (Charaudeau; Maingueneau, 2004, p. 334).

<sup>140</sup> phénomène qui consiste à organiser les *catégories de la langue* en les ordonnant de telle sorte qu’elles rendent compte de *la position* qu’occupe le sujet parlant par rapport à *l’interlocuteur*, à *ce qu’il dit*, et à *ce que dit l’autre*.

influência que se estabelece entre locutor e interlocutor. Nesse tipo de comportamento linguageiro, conforme destaca Charaudeau (2008, p. 82), o sujeito falante “enuncia sua posição em relação ao interlocutor no momento em que, com seu dizer, o *implica* e lhe impõe um comportamento”. De acordo com o autor, nesse processo de enunciação, o sujeito falante atribui determinados “papéis linguageiros” a si mesmo e a seu interlocutor. Tais papéis configuram-se de duas formas distintas:

O sujeito falante se enuncia em *posição de superioridade* em relação ao interlocutor, atribuindo a si papéis que *impõem* ao interlocutor a execução de uma ação (“fazer fazer” / “fazer dizer”). Essa *imposição* do locutor sobre o interlocutor estabelece entre ambos uma *relação de força*. É o caso das modalidades de “Injunção”, “Interpelação”, [“Autorização”, “Julgamento”, entre outras].

O sujeito falante se enuncia em *posição de inferioridade* em relação ao interlocutor e assume papéis nos quais necessita do “saber” e do “poder fazer” do interlocutor. Produz-se uma “Solicitação” do locutor ao interlocutor, o que estabelece entre ambos uma *relação de petição*. É o caso das modalidades de “Interrogação”, “Petição” [“Sugestão” e “Proposta”]. (Charaudeau, 2008, p. 82)

Já o comportamento elocutivo caracteriza-se por apresentar a relação do locutor consigo mesmo, com o seu dizer. Esse comportamento configura-se nos casos em que o sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo, em que ele expressa sua visão de mundo, sua opinião. De acordo com Charaudeau (2008, p. 83), o ponto de vista do sujeito falante sobre o mundo pode ser enunciado através de diferentes mecanismos de modalização, como, por exemplo:

- um modo de saber que expressa o conhecimento do enunciador sobre o assunto abordado em seu texto. Corresponde às modalidades de “Constatação” e de “Saber/ignorância”.
- uma avaliação que apresenta os julgamentos e os juízos de valor do enunciador acerca do assunto em questão. Refere-se às modalidades de “Opinião” e de “Apreciação”.
- uma motivação que remete a uma razão subjacente à reflexão e/ou realização do conteúdo abordado. Corresponde às modalidades de “Obrigação”, “Possibilidade” e “Querer”.



- um engajamento que expressa um grau de adesão, de envolvimento em relação ao assunto tratado. Refere-se às modalidades de “Promessa”, “Aceitação/Recusa”, “Acordo/Desacordo”, “Declaração” e “Pedido/Ordem”.

Quanto ao comportamento delocutivo, este expressa a relação do locutor com um terceiro. Aqui, o sujeito falante “*se apaga* de seu ato de enunciação [...]. Ele *testemunha* a maneira pela qual os discursos do mundo (provenientes de um terceiro) *se impõem a ele*” (Charaudeau, 2008, p. 83). Segundo Charaudeau (2008), o comportamento delocutivo estrutura-se por meio de duas formas distintas:

- *Asserção* – na qual “*o propósito se impõe por si só*. O locutor diz “como o mundo existe” relacionando-o a seu modo e grau de *asserção*” (Charaudeau, 2008, p. 83). É o caso das modalidades de “Evidência” e de “Probabilidade”.
- *Discurso relatado* – no qual “*o propósito é um texto* já produzido por um outro locutor, e o sujeito falante atua apenas como *relator* [...]. Ele relata “o que o outro diz e como o outro diz” (Charaudeau, 2008, p. 83).

Para aplicar a classificação proposta por Charaudeau (1992, 2008) ao *corpus* desta pesquisa, é necessário especificar o tipo de comportamento linguageiro que mais se aproxima ao objeto de estudo selecionado. Em função de características, como, por exemplo, o gênero discursivo e a tipologia textual, é possível perceber que, dos três comportamentos enunciativos descritos acima, apenas dois encontram-se presentes nas produções textuais analisadas: o comportamento elocutivo e o comportamento delocutivo. É necessário esclarecer que as modalidades do comportamento alocutivo não estão presentes nesses textos porque elas implicam a presença de um locutor e de um interlocutor atuando ativamente na situação de comunicação. Este “atuar ativamente” significa que, depois que um ato alocutivo é proferido pelo locutor, é possível que “o discurso seja interrompido para dar ao interlocutor a possibilidade de reagir (de fato, este é obrigado a reagir)<sup>141</sup> (Charaudeau, 1992, p. 574). Constata-se, portanto, a impossibilidade da presença do comportamento alocutivo nos textos selecionadas para esta pesquisa.

---

<sup>141</sup> Le discours est censé s’interrompre pour donner à l’interlocuteur la possibilité de réagir (en fait, celui-ci est obligé de réagir)

Para compreender melhor a presença e a análise dos outros dois comportamentos enunciativos (o elocutivo e o delocutivo) nas produções que compõem o *corpus* deste estudo, é necessário retomá-los e observá-los agora pelo viés do objeto de estudo, a dissertação escolar.

O comportamento elocutivo, que remete ao ato de enunciar um ponto de vista situacional sobre o mundo, apresenta-se em proporções menores. De fato, nem todas as categorias de modalização que o compõem estão presentes nos textos analisados. Isso parece acontecer porque o enunciador, o aluno de ensino Médio, encontra-se em uma situação de comunicação em que não se sente em condições de se manifestar como um sujeito de “pleno direito”, isto é, em condições de expor, efetivamente, sua opinião, seus valores e suas visões de mundo. Conforme já foi destacado anteriormente, o texto produzido em sala de aula por esse enunciador não pode ser caracterizado apenas como um texto de opinião. A redação escolar, independentemente do gênero discursivo e da tipologia textual, é um mecanismo de avaliação e, como tal, impõe determinadas coerções discursivas e situacionais<sup>142</sup> ao enunciador. Em função dessas peculiaridades, na grade de análise, descrita anteriormente, é possível observar somente a presença de modalizações que, efetivamente, aparecem nos textos analisados. Essas modalizações estão relacionadas ao modo de saber (constatação e saber/ignorância), à avaliação (opinião e apreciação) e à motivação (obrigação, possibilidade e querer).

O comportamento delocutivo, que expõe um testemunho sobre o mundo, tem presença constante e maciça nos textos analisados. Manifestado através da asserção, parece ser aquele que mais se aproxima da configuração enunciativa expressa na dissertação escolar. Nesse comportamento, assim como acontece na maioria dos textos dissertativos, o enunciador – no caso, o aluno – apaga-se de seu ato de enunciação, tentando se esconder atrás de construções assertivas que retomam “no ato de comunicação, propósitos e textos que não pertencem ao sujeito falante (ponto de vista *externo*)” (Charaudeau, 2008, p. 83). A intenção aqui é tornar a enunciação aparentemente objetiva, isto é, mascarar as marcas de subjetividade do enunciador. Para isso, utiliza-se a asserção. Charaudeau (1992) explica que, nesse caso, a asserção deve ser compreendida como um fenômeno da enunciação:

---

<sup>142</sup> Confira o tópico 1.3, no Capítulo III.

Aqui, trata-se da Asserção que concerne não à verdade do Propósito (por ex.: “Christophe – vir – em breve”)<sup>143</sup>, mas da enunciação, isto é, a maneira de apresentar a verdade do Propósito<sup>144</sup>, o que se pode chamar um *modo de dizer* (por ex.: “Isso é evidente”). Assim, a Asserção do Propósito e a Asserção da Modalização se combinam no ato de enunciação (É evidente que Christophe virá)<sup>145</sup>. (Charaudeau, 1992, p. 619)

Compreender a asserção como um fenômeno da enunciação significa, portanto, segundo o autor, compreendê-la como uma modalidade pertencente ao comportamento delocutivo que “não depende nem do locutor, nem do interlocutor, o que explica que todo traço destes seja apagado nas configurações linguísticas”<sup>146</sup> (Charaudeau, 1992, p. 619).

Conforme foi assinalado acima, o comportamento delocutivo expresso através da asserção está presente na maioria dos textos investigados. Entre as possíveis explicações para isso, é possível apontar duas razões em especial: a posição de modéstia adotada pelo enunciador (aluno) diante da figura do enunciatário (professor), que é o especialista, detentor do saber e, conseqüentemente, do poder no contexto da sala de aula; e, sobretudo, a crença e a visão dicotômica do mundo, ou seja, o enunciador acredita na dicotomia das coisas e categoriza a sua realidade embasado em polaridades, como, por exemplo, bom/mal, lindo/feio, certo/errado, sim/não, entre outras.

Como já foi mencionado, as modalidades dos comportamentos elocutivo e delocutivo são aquelas que efetivamente se fizeram presentes nos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Nos textos dissertativo-argumentativos da esfera escolar, o aluno tem de organizar seus argumentos para embasar a tese defendida. A exposição dos argumentos está relacionada, nesses textos, com a veiculação de visões de mundo sobre o assunto abordado. Para não se comprometer diretamente com o dito, o enunciador modaliza o seu discurso e se

<sup>143</sup> De acordo com a categorização proposta por Charaudeau (1992, p. 554), esta seria a primeira acepção do termo. A Asserção do propósito pode ser definida como um “propósito sobre o mundo que pode aparecer sob forma positiva ou negativa”.

<sup>144</sup> Também conforme a classificação de Charaudeau (1992, p. 554), a Asserção da Modalização é descrita como um “ato de enunciação” que é expresso sob a forma de modalidade delocutiva.

<sup>145</sup> Ici, il s’agit de l’“Assertion” qui concerne non pas la vérité du Propos (par ex.: “Christophe – venir – prochainement”), mais l’Énonciation, c’est-à-dire la manière de présenter la vérité du Propos, ce que l’on peut appeler un *mode de dire* (par ex.: “Cela est évident”). Ainsi, l’Assertion du Propos et l’Assertion de la Modalisation se combinent dans l’acte d’énonciation (“Il est évident que Christophe viendra”).

<sup>146</sup> Ne dépend ni du locuteur, ni de l’interlocuteur, ce qui explique que toute trace de ceux-ci soit effacée dans les configurations linguistiques

ampara, na maioria das vezes, no senso comum e na *doxa* para endossar seus pontos de vista. O resultado é, conforme declara Charaudeau (2008, p. 83), o uso de atos delocutivos (asserção) que remetem a uma enunciação aparentemente objetiva.

Nas poucas vezes em que não se apaga do seu dizer, o enunciador (aluno) tenta expor o seu ponto de vista modalizando subjetivamente a verdade do Propósito, mediante um comportamento elocutivo – modalizações relacionadas ao modo de saber (constatação e saber/ignorância), à avaliação (opinião e apreciação) e à motivação (obrigação, possibilidade e querer).

Independentemente do tipo de comportamento enunciativo empregado pelo enunciador (seja elocutivo, seja delocutivo), é preciso ressaltar que as modalizações têm um importante papel na expressão do pensamento argumentativo e na busca da adesão dos enunciatários. Além disso, elas também constituem pistas importantíssimas para se depreender a imagem do enunciador. Para Dubois (1973, p. 414), as modalizações podem ser definidas como as marcas deixadas pelo sujeito em seu enunciado.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 174), “a maneira pela qual formulamos o nosso pensamento mostra algumas de suas modalidades, que modificam a realidade, a certeza ou a importância dos dados do discurso”. Com base nas palavras dos autores, entende-se que a maneira como as informações são articuladas na superfície discursiva revela a visão de mundo, os valores e as crenças do enunciador. É o seu estilo. E o estilo, como definido anteriormente<sup>147</sup>, é o homem, concebido como um modo próprio de presença no mundo: um *ethos* (Discini, 2004). Desse modo, analisando e classificando as modalizações empregadas ao longo dos textos, é possível depreender as recorrências de um modo de dizer e, conseqüentemente, de um modo de ser no mundo.

### **3.2 Construções da argumentação**

A dissertação escolar caracteriza-se como um texto em que o enunciador tem de organizar suas idéias de forma lógica e coerente sem deixar de expor o seu ponto de vista sobre o assunto. Esse ponto de vista pode ser entendido como a tese

---

<sup>147</sup> Confira o tópico 2.1, no Capítulo III.

que ele defende, embasado, para isso, em diferentes tipos de argumentos e em diferentes técnicas argumentativas.

Dentre as técnicas argumentativas empregadas pelo enunciador para formular o seu discurso, mobilizado por coerções genéricas e situacionais, destaca-se o uso de construções próprias da argumentação que se configuram sob a forma de construções interrogativas, pessoais e impessoais. O modo como essas construções aparecem na superfície discursiva pode auxiliar na descrição e na análise da organização retórica de um texto, uma vez que cada uma dessas construções indica a postura do enunciador diante do seu dizer.

As construções interrogativas, por exemplo, constituem, na sua essência, um recurso muito utilizado nas produções argumentativas sob a forma de perguntas retóricas. Esses enunciados interrogativos apresentam-se como um procedimento retórico que visa a estabelecer uma aproximação e um acordo (muitas vezes implícitos) entre enunciador e enunciatário. Conforme assinalam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 179), esses enunciados possuem uma “importância retórica [...] considerável”. No entanto, os autores chamam a atenção para os perigos dessa técnica dialética muito utilizada nos diálogos socráticos: “a pergunta supõe um objeto, sobre o qual incide, e sugere que há um acordo sobre a existência desse objeto. Responder a uma pergunta é confirmar esse acordo implícito” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 179). Compreende-se assim que essas perguntas direcionam o enunciatário a compartilhar e a seguir o raciocínio argumentativo exposto no texto. Isso aponta para uma teia argumentativa que é criada a partir da relação entre as perguntas retóricas e as possíveis respostas articuladas pelo enunciatário.

As construções impessoais e pessoais merecem também grande atenção quando se analisam textos dissertativos, já que, pela escolha de um ou outro tipo de construção, o enunciador decide se mostrar ou não na superfície discursiva. Na verdade, os textos dissertativos caracterizam-se essencialmente pela presença de elementos relacionados à aparente objetividade do discurso. Podem ser empregados diferentes mecanismos linguísticos, como, por exemplo, pronomes pessoais, pronomes oblíquos, pronomes possessivos e tempos verbais conjugados. São mecanismos linguísticos que auxiliam na construção de um aparente distanciamento do enunciador, ou, dito de outra forma, são, especificamente, construções impessoais.

De fato, observando a construção dos efeitos de sentido nas dissertações escolares, percebe-se que os alunos tentam mascarar a presença do sujeito no seu discurso. Para burlar o efeito de subjetividade, empregam-se construções impessoais e/ou verbos conjugados na primeira pessoa do plural, que, segundo Discini (2004, p. 156), visam a “desestabilizar esse efeito [de subjetividade] para que os fatos pareçam narrar-se a si mesmos, sem, aparentemente, um narrador instalado no discurso”. Cria-se assim um efeito de objetividade que parece estar de acordo com as coerções do gênero redação escolar (tipo textual dissertação).

As construções impessoais também são utilizadas com o intuito de fazer referência a uma coletividade cuja identidade é indeterminada, isto é, para remeter a um conjunto de indivíduos em que um sujeito se confunde com os outros. Ao empregar construções impessoais, o enunciador afasta-se, relativamente, do seu dizer e não fala em seu nome, mas em nome de uma coletividade na qual ele se insere. De certa forma, essa estratégia contribui para conquistar a adesão do enunciatário, pois a imagem que o enunciador tenta veicular de si mesmo está ancorada no senso comum de uma determinada coletividade.

No que concerne ao emprego de primeira pessoa do plural, é preciso assinalar que esse recurso também contribui para se criar um efeito de distanciamento do enunciador. De acordo com Fiorin (2005a, p. 91), a recorrência do pronome “nós”, por exemplo, remete a uma pessoa indeterminada ou a uma coletividade na qual o enunciador pode ou não estar incluído. Charaudeau (1992) ressalta que o uso da primeira pessoa do plural pode fazer referência a um enunciador múltiplo que está relacionado à noção de coletividade mencionada acima. O autor assinala que

a personalidade do enunciador se apaga aproveitando-se de um enunciador que diria em alta voz o que está escrevendo, como se esse enunciador fosse o representante de uma coletividade abstrata: aquela que narra, analisa, argumenta ou debate. Esse procedimento pode, em certos casos, produzir um efeito de “*seriedade científica*”.<sup>148</sup> (Charaudeau, 1992, p. 148)

O uso de primeira pessoa do plural remete, assim, à tentativa de se criar um efeito de objetividade (em oposição à subjetividade). Tem-se a impressão de que o

---

<sup>148</sup> La personnalité du locuteur s’efface au profit d’un énonciateur qui dirait à haute voix ce qu’il est en train d’écrire, comme si cet énonciateur était le représentant d’une collectivité abstraite : celle qui raconte, analyse, argumente ou polémique. Ce procédé peut dans certains cas produire un effet de *sérieux scientifique*.

enunciador deseja manter um certo distanciamento em relação ao seu dizer e de que ele tenta se inserir em uma coletividade.

Apesar de, aparentemente, haver esse apagamento das marcas de subjetividade nos textos dissertativos, existe a possibilidade de se encontrarem textos ou fragmentos de algum texto em que o enunciador mostra-se no seu discurso através de construções pessoais. Isso acontece, na maioria das vezes, mediante o uso de diferentes recursos linguísticos que remetem à primeira pessoa do singular, como, por exemplo, pronomes pessoais, pronomes oblíquos, pronomes possessivos e tempos verbais conjugados na primeira pessoa. Além de contribuir para depreender o *ethos* do enunciador, esse tipo de recurso possibilita também observar o grau de comprometimento do enunciador com o seu dizer.

### 3.3 Conectores: os marcadores da argumentação

Se as modalizações da linguagem e as construções específicas, tratadas nos tópicos anteriores, apresentam-se como mecanismos que auxiliam a depreender o grau e o modo de presença do enunciador no seu discurso, os conectores constituem, efetivamente, as marcas da argumentação. De acordo com Amossy (2006, p. 170), cabe a eles estabelecer as devidas conexões e as devidas relações entre o dito e não dito que se entrelaçam na superfície do discurso: “o dito e o não dito que se inscrevem nos enunciados só podem se desenvolver com a ajuda de instrumentos de ligação: os conectores”<sup>149</sup>.

Na realidade, a utilização dos conectores (também chamados de operadores da argumentação) não se restringe ao simples encadeamento de enunciados. Subjacente ao seu emprego, existe uma função maior e mais complexa: eles servem para indicar a orientação argumentativa do enunciado<sup>150</sup>. Nesse sentido, compreende-se que, de fato, esses mecanismos linguísticos estão diretamente implicados na análise argumentativa dos textos (Amossy, 2006).

Compondo o terceiro item da grade de análise proposta para este estudo, os conectores, aqui, não serão descritos e analisados de forma isolada. Pelo contrário, estou consciente da importância desses elementos linguísticos para a organização

<sup>146</sup> Le dit et le non-dit s'inscrivent dans des énoncés qui ne peuvent se développer dans l'argumentation qu'à l'aide d'instruments de liaison: ce sont les connecteurs.

<sup>150</sup> Este tema já foi abundantemente estudado por Ducrot no âmbito da Semântica Argumentativa.

retórica dos textos e, por isso, pretendo observar a relação que se estabelece entre os conectores e o todo textual (dito), bem como a relação que eles estabelecem com os implícitos do texto (não-dito).

Diante das possíveis ocorrências de conectores da argumentação, minha seleção priorizou aqueles que parecem ser utilizados com maior frequência, nas diferentes situações do cotidiano, pelos usuários das línguas investigadas neste estudo. Tentou-se manter, quando possível, uma equivalência semântica entre as línguas investigadas, conforme se observa abaixo.

Tabela 7: Conectores

Língua Portuguesa	Língua Francesa
mas	<i>mais</i>
porém	<i>cependat</i>
no entanto	<i>toutefois / pourtant</i>
apesar de/ apesar de tudo	<i>malgré / malgré tout</i>
porque	<i>parce que</i>
pois	<i>car</i>
portanto	<i>donc</i>

É necessário lembrar que, nesta análise, procuro examinar esses elementos no contexto do seu quadro enunciativo e de sua situação de comunicação específica. Desse modo, acredito que será possível apreender plenamente a dimensão argumentativa e os efeitos de sentido que são criados e sustentados por esses operadores na situação de comunicação em que estão inseridos. Nos termos de Amossy (2006, p. 173), investigar os operadores argumentativos significa, indiscutivelmente, apreendê-los como um mecanismo de persuasão e não somente como encadeamento de enunciados.



### 3.4 Organização retórica

Antes de escrever, aprenda a pensar.<sup>151</sup>  
(Boileau)

A produção de qualquer texto, oral ou escrito, envolve habilidades mnemônicas, cognitivas, interativas e pragmáticas. De fato, toda produção textual pressupõe a ativação de conhecimentos na memória, a organização cognitiva das intenções comunicativas e a adequação do dizer à situação pragmático-interativa.

Na oralidade, esse processo de organização textual acontece quase que simultaneamente ao ato de enunciação. Os textos orais, na maioria das vezes, desenvolvem-se espontaneamente durante a interação social e, por isso, parecem não exigir uma formulação prévia. Já na escrita, a realidade é diferente. Para escrever um texto, além do percurso descrito acima, é necessário planejar de modo mais sistemático o que será enunciado: formular as idéias, organizá-las em sequência, para então linearizá-las discursivamente (colocá-las no papel). É uma tarefa difícil, pois, além de escrever, é preciso pensar, formular e conectar o conteúdo a ser expresso. Nesse sentido, aprender a escrever implica, indiscutivelmente, aprender a pensar, a refletir e a raciocinar.

Observando o processo de produção de um texto na sala de aula, por exemplo, é possível perceber que o ato de pensar e o ato de escrever se entrelaçam e se complementam. Essa relação entre pensar e escrever torna-se ainda mais visível quando se analisa a produção de textos dissertativos. O gênero dissertação escolar impõe determinadas coerções<sup>152</sup> genéricas e situacionais que devem ser atentamente observadas pelo enunciador: são as especificidades características do gênero discursivo, dissertação escolar, e da situação de comunicação, sala de aula. Em outras palavras, são imposições determinadas pela esfera social *na qual e para a qual* os textos são produzidos.

Essas coerções atuam principalmente na estruturação do texto (no modo como os parágrafos são segmentados) e na organização das informações e dos elementos retóricos ao longo do texto. Um texto argumentativo, como é o caso, por exemplo, da dissertação escolar, é composto, fundamentalmente, pela tese defendida pelo enunciador e pelos argumentos que a sustentam.

---

<sup>151</sup> Avant donc que d'écrire apprenez à penser.

<sup>152</sup> Confira o tópico 1.3, no Capítulo III.

Essa estrutura basilar tem sua origem nos postulados da retórica aristotélica, que previa quatro componentes fundamentais para o sistema retórico<sup>153</sup>: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *actio*. De acordo com Mosca (2004), é possível definir, sinteticamente, cada componente da seguinte forma:

*Inventio* – é o estoque do material de onde se tiram os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso (...).  
*Dispositio* – é a maneira de dispor as diferentes partes do discurso (...). Trata-se da organização interna do discurso, de seu plano.  
*Elocutio* – é o estilo, as escolhas que podem ser feitas no plano da expressão para que haja adequação forma/conteúdo. (...)  
*Actio* – é a ação que atualiza o discurso, a sua execução e constitui o próprio alvo da Retórica. (Mosca, 2004, p. 28)

Consciente da importância de cada um desses momentos no sistema retórico, gostaria de chamar a atenção, especificamente, para a *dispositio*, que está diretamente relacionada à construção e à organização interna do discurso argumentativo. Investigar a organização retórica do discurso significa investigar a *dispositio*, ou seja, o modo como os elementos são apresentados e organizados na superfície textual. A *dispositio* apresenta-se subdividida em quatro momentos fundamentais do discurso argumentativo, cada qual com a sua função, os quais podem ser, resumidamente, descritos da seguinte forma (Reboul, 2004):

1. Exórdio – é o momento inicial do discurso em que se tenta conseguir a adesão do auditório. Para Reboul (2004, p. 55), a função do exórdio “é essencialmente fática: tornar o auditório dócil, atento e benevolente”.
2. Apresentação dos fatos – também conhecida como narração, refere-se ao momento em que se expõe a tese.
3. Argumentação (confirmação/refutação) – constitui o momento em que se fornecem argumentos que sustentam a tese defendida pelo texto.
4. Peroração – remete ao momento de conclusão do discurso.

Observando esse modelo de organização interna do discurso, proposto por Aristóteles, é possível verificar que, subjacente a ele, parece existir um movimento

---

<sup>153</sup> Confira o tópico 2.1, no Capítulo I.

textual que se configura em três etapas distintas: passa pela introdução dos elementos (exórdio), percorre o desenvolvimento do arcabouço argumentativo (apresentação dos fatos e argumentação – confirmação e/ou refutação) e se encerra na conclusão do texto (peroração). Com base nesse movimento, parece ser possível fazer uma aproximação entre a organização interna do discurso, engendrada por Aristóteles, e a organização interna da dissertação escolar ainda hoje ensinada e cobrada nos bancos escolares. De fato, é possível afirmar, segundo Reboul (2004), que a retórica aristotélica ainda se mantém e ainda influencia diretamente a organização do discurso argumentativo, principalmente no contexto escolar. Cabe ao professor de língua ensinar a escrever, ensinar a argumentar, ensinar, enfim, a defender um ponto de vista. Mas, como destaca Reboul (2004),

Ensinar a compor segundo um plano, a encadear os argumentos de modo coerente e eficaz, a cuidar do estilo, a encontrar as construções apropriadas e as figuras exatas [...] não serão retórica, no sentido mais clássico do termo? Demonstraríamos com facilidade que os critérios segundo os quais um professor de língua [...] avalia uma redação – respeito ao assunto, ao plano, à argumentação, ao estilo, à personalidade –, que esses critérios são encontrados, com outros nomes, na retórica clássica. (Reboul, 2004, p. XXII)

A presença ainda que silenciosa dos postulados aristotélicos no modo de organização do discurso argumentativo (e de sua avaliação) no ambiente da sala de aula é inegável. Consciente dessa realidade, proponho-me a descrever e a analisar a organização retórica dos textos que compõem o *corpus* deste trabalho. Apresentando-se como o quarto item da grade de análise, a organização retórica constitui o ponto principal desta investigação. Para viabilizar o estudo de diferentes elementos que estão presentes na estruturação e organização retórica do texto, foi necessário segmentar este tópico da seguinte forma: primeiramente, observa-se a apresentação do título; em seguida, examina-se a paragrafação e a progressão temática; mais adiante, investiga-se a exposição da tese; e, por fim, descrevem-se os tipos de argumentos utilizados. A intenção é analisar os textos partindo da macroestrutura textual (apresentação do título, paragrafação e progressão temática ao longo do texto) em direção à microestrutura textual (exposição da tese e de seus argumentos). É preciso lembrar que, na prática, esses dois planos são complementares e indissociáveis, principalmente, no que concerne à organização retórica. Um não pode ser concebido sem o outro.

Para realizar esta análise, utilizo como embasamento teórico a obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002). Esses autores, fundamentados em Aristóteles, apresentam uma reflexão sistemática acerca da organização retórica das produções argumentativas. Sua ênfase está, justamente, nas técnicas argumentativas e nos diferentes tipos de argumentos<sup>154</sup>.

Ao tratar da matéria e da forma do discurso, também conhecida como a organização retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) referem-se ao modo como os elementos que compõem o texto argumentativo são expostos. Segundo os autores, uma apresentação eficaz desses elementos, uma apresentação que tenha o mérito de impressionar a consciência dos ouvintes é essencial

não só em toda a argumentação visando à ação imediata, mas também naquela que visa a orientar o espírito de uma certa forma, a fazer que prevaleçam certos esquemas interpretativos, a inserir os elementos de acordo num contexto que os torne significativos e lhes confira o lugar que lhes compete no conjunto. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 161)

O modo como os elementos são organizados e apresentados na estrutura textual parece já indicar uma determinada postura argumentativa por parte do enunciador. De fato, a maneira como os elementos são veiculados na organização retórica do texto, bem como “a escolha dos termos, para expressar o pensamento, raramente deixa de ter alcance argumentativo” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 168). Nesse sentido, torna-se importante observar como ocorre a paragrafação, a exposição da tese defendida pelo texto e dos argumentos que a sustentam e, ainda, como essa configuração estrutural possibilita a progressão temática dos textos. Para explicitar melhor cada um desses elementos, apresento, nos tópicos subsequentes, uma breve reflexão teórica sobre eles.

### **3.4.1 Apresentação do título**

O título pode ser descrito como o cartão de visita do texto, uma vez que cabe a ele despertar o interesse do leitor apresentando uma síntese do assunto tratado pelo texto. Ao analisar o modo como o título é apresentado, pretendo verificar a relação que ele estabelece com o tema de redação proposto pelo professor e com o

---

<sup>154</sup> Confira o tópico 2.1.2, no Capítulo II.

todo textual. Essa relação pode ser direta, quando há uma cópia explícita do tema; ou pode também ser indireta, quando o tema é retomado implicitamente.

Da perspectiva adotada neste estudo, o título funciona como um elemento fundamental, uma espécie de filtro, que está situado entre a proposta de redação, que antecede o processo de produção textual, e o produto, o texto propriamente dito. Desse modo, o modo como o título é expresso pode fornecer pistas sobre a direção argumentativa do texto. Além disso, a forma de apresentação do título parece exercer uma função importante na aceitação do texto e no desenvolvimento de toda a argumentação.

### **3.4.2 Paragrafação e progressão temática**

A paragrafação faz parte, antes de mais nada,  
da dinâmica comunicacional.  
(Dahlet)

Organizar os textos em parágrafos parece ser uma atividade simples e natural que se faz presente na maioria das produções escritas. Conforme assinalou Dahlet (2006), os parágrafos estão relacionados com uma dinâmica comunicacional e podem ser compreendidos como o mecanismo central que tem a função de organizar e encadear as intenções comunicativas.

Apesar dessa proximidade que qualquer enunciador tem com o parágrafo, o ato de paragrafar apresenta-se como uma atividade complexa do ponto de vista linguístico e discursivo. Na verdade, o falante e/ou o escritor não tem o poder de segmentar o texto como bem entende. A paragrafação de um texto parece estar diretamente atrelada aos gêneros do discurso e às tipologias textuais. De fato, aprofundando a reflexão acerca do parágrafo, é possível perceber que ele é resultado de coerções genéricas e situacionais que atuam, implícita ou explicitamente, no processo de produção textual. Desse modo, entende-se que

é difícil pensar o encadeamento paragrafático fora das categorias mais amplas, que dizem respeito à tipologia textual. Com efeito, a maioria dos textos responde a formações mais ou menos estabilizadas, e é no âmbito dessas estruturas que pode ser identificado tal ou tal regime que vai pedir a paragrafação. Em qualquer texto, o leitor percebe um querer dizer em função do qual será interpretado o recorte paragrafático, que tentará, em

princípio, ajustar-se da maneira mais congruente possível à intenção de comunicação. (Dahlet, 2006, 108-109)

As palavras da autora ressaltam a idéia de que, para investigar a paragrafação, é preciso levar em consideração não só os elementos expostos no próprio parágrafo, mas também aqueles que estão subjacentes a ele, como é o caso, por exemplo, do encadeamento textual, dos gêneros do discurso e das tipologias textuais. No que concerne à relação entre parágrafos e gêneros, é preciso ter consciência de que não existe um padrão paragráfico rígido e inflexível para cada gênero discursivo, isto é, “os parágrafos [...] não são necessariamente homogêneos do ponto de vista de seu gênero: eles podem ser apenas constituídos por um regime dominante” (Dahlet, 2006, p. 109). O mesmo parece acontecer na relação entre parágrafo e tipologia textual, pois, de acordo com Dahlet (2006, p. 106), “a paragrafação, qualquer que seja o tipo de texto, não corresponde a nenhum modelo pré-estabelecido e apresenta unidades textuais extremamente variadas quanto à extensão e ao conteúdo”.

Considerando as observações apresentadas pela autora, é possível perceber que a organização paragráfica constitui um objeto de investigação complexo e multifacetado. Não existe um modelo de parágrafo pré-estabelecido, no entanto, o enunciador se depara com as coerções genéricas e situacionais que devem ser observadas no processo de produção textual. São essas coerções que criam uma configuração para o parágrafo. Em cada configuração, um modo de ser, de perceber e de representar a realidade é expresso pelo enunciador, através de opiniões, conteúdos e escolhas lexicais.

No caso deste trabalho, interesse-me pelo estudo do parágrafo com o intuito de observar como as coerções genéricas e situacionais atuam na segmentação paragráfica do texto e como o encadeamento paragráfico promove a progressão temática nos textos analisados. Em outras palavras, dedico-me a observar se a configuração paragráfica dos textos analisados aproxima-se ou não da organização interna do discurso (*dispositio*) proposta por Aristóteles.

### 3.4.3 Analisar a argumentação

A organização retórica de um texto consolida-se através da argumentação, que, por sua vez, na superfície discursivo-textual, implica a exposição de uma tese e a apresentação de argumentos que a sustentem. O objetivo de toda argumentação é obter a adesão daqueles a quem se dirige, e, para isso, “ela é, por inteiro, relativa ao auditório<sup>155</sup> que procura influenciar” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 21).

Nessa perspectiva, a análise da argumentação de um texto parece envolver duas dimensões complementares<sup>156</sup>: a dimensão dos elementos que estão efetivamente expressos na superfície discursivo-textual e que remetem, especificamente, ao conjunto formado pela tese e seus argumentos; e a dimensão dos elementos que compõem a situação de comunicação e que se referem, principalmente, à postura do enunciador perante o seu auditório. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 21), o enunciador deve aproximar-se do auditório e adaptar-se a ele: “esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela”.

Concebendo a relação entre o enunciador (orador) e o seu auditório como uma relação constitutiva, a Nova Retórica de Perelman atribui, segundo Amossy (2006), uma importância crucial à instância de recepção nas trocas argumentativas. A Nova Retórica, assinala a autora, “mostra a forma como o tipo de público visado modela o discurso. Fala-se sempre para e em função de alguém”<sup>157</sup> (Amossy, 2006, p. 41). Essa relação constitutiva permeia todas as práticas argumentativas e todas as etapas do processo de produção e de análise do discurso argumentativo. De fato, é levando em conta essa relação que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) enumeram os elementos que devem ser observados em uma análise. Para os autores, a análise da argumentação deve, em primeiro lugar, versar

sobre o que é aceito como ponto de partida de raciocínios e, depois, sobre a maneira pela qual estes se desenvolvem, graças a um conjunto de

<sup>155</sup> O auditório é definido por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 22) como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”.

<sup>156</sup> São dimensões complementares e constitutivas. É sempre em função do auditório que o enunciador organiza o seu discurso e faz as escolhas argumentativas (das técnicas de persuasão e dos tipos de argumentos) necessárias para conquistar a adesão de seu público.

<sup>157</sup> montre la façon dont le type de public visé modèle le discours. On parle toujours pour et en fonction de quelqu'un.

processos de ligação e de dissociação. Essa divisão, indispensável para a exposição, não deve ser mal compreendida. Com efeito, tanto o desenvolvimento como o ponto de partida da argumentação pressupõem acordo com o auditório. [...] do princípio ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 73)

Com base no que foi exposto, não há dúvida de que toda a argumentação é construída e moldada em função do auditório ao qual ela se dirige. A importância dada às opiniões do outro é, segundo Amossy (2006, p. 44), “uma condição *sine qua non* da eficácia discursiva”<sup>158</sup>. Para a autora, a consequência disso é, justamente, a centralidade da *doxa* ou opinião comum:

o auditório tem um papel fundamental na medida em que ele define o conjunto de opiniões, de crenças e de modos de pensar sobre o qual pode se apoiar a fala que visa a conquistar sua adesão. Se adaptar ao auditório é, antes de tudo, levar em consideração sua *doxa*.<sup>159</sup> (Amossy, 2006, p. 44)

Ao retomar a noção de *doxa*, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) prolongam e confirmam as perspectivas aristotélicas sobre a importância do lugar comum. Além disso, eles chamam a atenção do analista do discurso e convidam-no a investigar o embasamento dóxico de todo o discurso argumentativo. É justamente nessa perspectiva que desenvolvo a análise da argumentação. Inicialmente, investigo o modo como a tese é apresentada ao longo dos textos e, em seguida, reflito sobre os tipos de argumentos utilizados pelos autores. É importante lembrar que esse conjunto de elementos, formado pela exposição da tese e pela seleção dos argumentos que a embasam, é sempre organizado e construído em função do auditório ao qual se destina o texto. No caso do *corpus* desta pesquisa, o auditório é formado, justamente, pelo professor de língua portuguesa e/ou de língua francesa.

### 3.4.3.1 Sobre a exposição da tese

A tese pode ser descrita como o principal elemento de um texto argumentativo. É a partir dela que o enunciador seleciona os argumentos e estrutura as suas intenções comunicativas a fim de convencer o enunciatário. Nessa

<sup>158</sup> Une condition sine qua non de l'efficacité discursive.

<sup>159</sup> L'auditoire joue un rôle capital dans la mesure où il définit l'ensemble des opinions, des croyances et des schèmes de pensée sur lequel peut s'appuyer la parole qui vise à emporter l'adhésion. S'adapter à l'auditoire, c'est avant tout prendre en compte sa *doxa*.



perspectiva, a tese merece atenção especial, e investigá-la significa observar em que momento do arcabouço argumentativo ela é apresentada e, além disso, de que maneira acontece essa apresentação.

No primeiro caso, minha atenção está direcionada à organização paragrafada do texto. Minha intenção aqui é averiguar se a tese está localizada nas etapas iniciais da *dispositio*, que remetem à introdução, como sugere o modelo aristotélico, nas etapas intermediárias, que se referem ao desenvolvimento da dissertação, ou na etapa final, que está relacionada à conclusão do texto.

No segundo caso, embasada na teoria de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), interesse-me pelo modo como a tese é veiculada. Em minha análise preocupo-me em observar se a tese é apresentada de forma explícita ou implícita. Procuro também verificar se essa apresentação ocorre através de premissas que estão amparadas na estrutura do real, que, segundo os autores, “comportaria os fatos, as verdades e as presunções” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 74); ou se essa exposição acontece através de premissas embasadas na estrutura do preferível, que “conteria os valores, as hierarquias e os lugares do preferível” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 74).

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), o real e o preferível devem ser observados com muita atenção, pois estão diretamente relacionados ao tipo de auditório que se pretende persuadir<sup>160</sup>: as premissas que versam sobre o real buscam atingir um auditório universal; enquanto que as premissas que versam sobre o preferível, que expressam um ponto de vista determinado, identificam-se com um auditório particular.

### 3.4.3.2 Sobre os tipos de argumentos

Para investigar os diferentes tipos argumentos, também fundamento minhas reflexões nos postulados perelmanianos. Em seu TA<sup>161</sup>, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) estabelecem uma tipologia dos diferentes argumentos e das diferentes técnicas argumentativas. É o que eles chamam de esquemas argumentativos, que são classificados em dois tipos de processos: os de ligação e

---

<sup>160</sup> Confira o tópico 2.1, no Capítulo II.

<sup>161</sup> *Tratado de Argumentação: A Nova Retórica* (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002).

os de dissociação<sup>162</sup>. Segundo os autores, os primeiros fazem referência a esquemas que “aproximam elementos distintos e permitem estabelecer entre estes uma solidariedade que visa seja estruturá-los, seja valorizá-los positiva ou negativamente um pelo outro” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 215). Já os segundos remetem a esquemas que se amparam em “técnicas de ruptura com o objetivo de dissociar, de separar, de desunir elementos considerados um todo, ou pelo menos um conjunto solidário dentro de um mesmo sistema de pensamento (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 215).

Os esquemas de ligação podem ser descritos pela sua heterogeneidade. Eles podem se apresentar, como destacam os autores, sob a forma de diferentes tipos de argumentos, ou seja, argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e argumentos que visam a fundar a estrutura do real. É necessário ressaltar aqui que cada tipologia de argumentos possui uma subdivisão interna, conforme o que já foi exposto no Capítulo II<sup>163</sup> deste estudo. Já os esquemas de dissociação podem ser caracterizados pela sua homogeneidade, já que, ao contrário do que foi exposto acima, eles se compõem de apenas dois tipos de argumentos: a ruptura de ligação e a dissociação de noções.

A classificação dos diferentes tipos de argumentos, proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), servirá de guia para as minhas análises e reflexões. No entanto, é preciso destacar que eu não me limitarei a ela. Outras formas de categorização de argumentos serão utilizadas. De fato, em função dos fenômenos argumentativos observados no *corpus* deste estudo, proponho a inclusão de novas categorias à proposta perelmaniana. São argumentos que parecem englobar fenômenos argumentativos que eram tratados de forma periférica pela teoria da argumentação de Perelman ou que, simplesmente, não eram contemplados por ela. Esse é o caso, por exemplo, dos argumentos fundados na doxologia e dos argumentos pelo afeto.

Os argumentos fundados na doxologia, como o próprio nome diz, são aqueles que estão amparados na *doxa*. Essa nomenclatura “argumentos fundados na doxologia” não é encontrada no *TA* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002). No entanto, os autores reconhecem e destacam a importância da *doxa* no desenvolvimento da argumentação. Termo com raízes na Retórica Clássica, a *doxa*,

---

<sup>162</sup> Confira o tópico 2.1.2, no Capítulo II.

<sup>163</sup> Verifique as tabelas 2, 3 e 4, no Capítulo II.

segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 176), “corresponde ao **sentido comum**, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente”. A *doxa* pertence, portanto, ao espaço do plausível tal como o apreende o senso comum. Isso quer dizer que,

Na medida em que possui um valor de probabilidade, não de verdade, a *doxa* se situa na base da verossimilhança sobre a qual se apóia o discurso com intenção persuasiva. Ela fornece os pontos de acordo suscetíveis de se estabelecer sobre um assunto determinado em uma assembléia composta de homens de bom senso.<sup>164</sup> (Amossy, 2006, p. 100)

Constituindo um conjunto de valores e de crenças sobre a realidade, a *doxa* é, no dizer de Barthes (1975, p. 51), “a Opinião pública, o Espírito majoritário, o consenso [...], a Voz do Natural”<sup>165</sup>. Portanto, fundamentar a argumentação na *doxa* significa criar um elo com o auditório, é aproximar-se dele a fim de conquistar sua adesão às teses apresentadas a seu consentimento. É justamente esta a função dos argumentos fundados na doxologia. O enunciador ampara sua argumentação nesse conjunto de valores que circula e que, supostamente, é aceito por toda a sociedade.

Já o argumento pelo afeto, segunda inclusão tipológica que considero necessária para desenvolver uma análise completa, não é categorizado desta forma por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002). Na realidade, as modernas teorias da argumentação, surgidas a partir da década de 50, parecem não explorar a questão do afeto (Plantin, 2005). De acordo com Plantin (2005, p. 101), no *TA*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, “existe uma presença de “paixões” [...], mas elas não são tematizadas; pode-se dizer que a obra propõe uma “retórica sem emoções”, o que é um pouco contraditório”<sup>166</sup>.

A busca por um embasamento teórico que amparasse as minhas reflexões levou-me então até Aristóteles. De fato, é na Retórica Clássica, mais precisamente atrelada à noção de *pathos*, que encontro os subsídios teóricos necessários para definir os argumentos embasados na emoção. Para Aristóteles, existem três tipos de

---

<sup>164</sup> Dans la mesure où elle possède une valeur de probabilité, non de vérité, la *doxa* se situe au fondement de la vraisemblance sur laquelle s'appuie le discours à visée persuasive. Elle fournit les points de accord susceptibles de s'établir sur un sujet donné dans une assemblée compos d'hommes de bon sens.

<sup>165</sup> l'Opinion publique, l'Esprit majoritaire, le Consensus [...], la Voix du Naturel

<sup>166</sup> il y a une présence des “passions” dans le *TA*, mais elles ne sont jamais thématisées; on peut dire que l'ouvrage propose une “rhétorique sans émotions”, ce qui est quelque peu oxymorique

argumentos que servem essencialmente como instrumentos para persuadir: *ethos*, *pathos* e *logos*. Os dois primeiros, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), estão ligados às emoções e são, portanto, de ordem afetiva; já o último está ligado à razão e é de ordem proposicional.

É fundamentada na noção de *pathos*, definido como “o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso” (Reboul, 2004, p. 48), que proponho a inclusão do argumento pelo afeto. Quando utilizo esta nomenclatura, estou classificando um recurso argumentativo muito frequente nos textos analisados e que também é muito comum em publicidades e propagandas. São as contextualizações e as aproximações temáticas e cronológicas feitas pelo enunciador com o objetivo de conquistar o seu enunciatário, ou melhor, o seu auditório. Ao contextualizar, ou melhor, ao trazer o debate para os dias de hoje, pretende-se agradar o enunciatário, despertar e cativar a sua atenção para que ele se mostre envolvido com a reflexão e disposto a ler e/ou a ouvir. Esse tipo de estratégia concretiza-se, na superfície discursivo-textual, através de fórmulas do tipo: “nos dias de hoje”, “atualmente”, “hoje em dia”, “no mundo atual”, “em nosso país”, “*dans notre pays*”, “*dans tout le monde*”, “*aujourd'hui*”, entre outras. Observe alguns exemplos retirados do *corpus* deste estudo:

PLPM(A)2: Nos dias de hoje, os telejornais estão tornando-se muito sensacionalistas (l. 5)

PLPM(A)6: Os jornais informam, mas os noticiários da televisão, atualmente, estão se preocupando mais em emocionar os telespectadores (l. 1-2).

FLPM(A)14: *Millions des femmes appel à cette alternance à chaque heure dans tout le monde* (l. 14)

FLPM(B)3: *Dans notre pays on peut voir un crescent nombre de cas de violence à grandes villes comme São Paulo* (l. 1-2)

PLPV(A)9: O mundo se encontra hoje em estado crítico quando se trata da pobreza, fome, miséria (l. 1-2)

PLPV(B)16: Desde os primeiros dias da nossa civilização o homem procura retranscrever seus pensamentos, sentimentos, a cultura. (l. 1-2)

FLPV(A)13: *Aujourd'hui, ainsi que dès les grecs, il ya plusieurs types de formes d'écritures* (l. 4)

FLPV(A)15: *Tout le monde sait de l'importance de la lecture, de l'écriture et voir même de la poésie* (l. 1)

Como é possível verificar, as expressões utilizadas são, em alguns casos, até rotineiras. Pode-se dizer que elas remetem, sobretudo, a uma maneira de criar benevolência e de se aproximar do público. E, de fato, é este o efeito pretendido: conquistar a confiança e a simpatia do enunciatário a fim de persuadi-lo. Para isso,

utilizam-se argumentos que estão fundamentados na emoção e que, de certa forma, vinculam-se ao senso comum.

O fato de os argumentos pelo afeto, aparentemente, ampararem-se no senso comum e de serem articulados através de expressões tão rotineiras não é só coincidência. Ao refletir sobre a presença das emoções no espaço discursivo, Charaudeau (2001) já mostrou que elas estão intimamente ligadas à noção de *doxa* da retórica. De acordo com o autor, as emoções podem se manifestar no ser humano em qualquer situação e a partir de qualquer evento. Elas são ativadas, na maioria das vezes, pelas representações e pelo conjunto de valores que cada indivíduo traz consigo. Dito de outra forma, as emoções fundamentam-se na crença, no “saber polarizado em torno de valores socialmente constituídos”<sup>167</sup> (Charaudeau, 2001, p. 131).

Ao empregar o argumento pelo afeto, o enunciador recorre à emoção e à *doxa* para orientar a interpretação do seu enunciatário em uma determinada direção argumentativa. Vale lembrar que “as emoções são inseparáveis de uma interpretação apoiada sobre valores, ou mais precisamente, sobre um julgamento de ordem moral”<sup>168</sup> (Amossy, 2006, p. 186).

Conforme é possível observar, o argumento pelo afeto também estabelece vínculos com a noção de *doxa*, tratada anteriormente. Na verdade, para analisar os argumentos que se fundamentam na emoção, é preciso observar como o elemento emocional “se inscreve no discurso em estreita ligação com a *doxa* do auditório e com os processos racionais que visam levar a adesão”<sup>169</sup> (Amossy, 2006, p. 186).

A inclusão do argumento fundamentado na doxologia e do argumento pelo afeto à proposta perelmaniana de tipos de argumentos é válida única e exclusivamente para este estudo e tem por objetivo solucionar uma questão complexa e recorrente nas minhas análises: a falta de categorização na teoria de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) para os argumentos empregados pelos alunos. É com base, portanto, nesta *nova* tipologia de argumentos que me dedico a observar as palavras do enunciador a fim de apreender os esquemas argumentativos, isto é, os tipos de argumentos utilizados para sustentar a tese defendida pelo texto. É

---

<sup>167</sup> savoir polarisé autour de valeurs socialment constituées.

<sup>168</sup> les émotions sont inséparables d'une interprétation s'appuyant sur des valeurs, ou plus précisément d'un jugement d'ordre moral.

<sup>169</sup> il s'inscrit dans le discours en étroite liaison avec la doxa de l'auditoire et les processus rationaux qui visent à emporter l'adhésion.

necessário destacar que esta análise não se restringe à simples categorização de um argumento; na verdade, ela descreve e analisa os esquemas argumentativos que operam conjuntamente e que interagem entre si ao longo do texto, possibilitando o exercício e a configuração de uma organização retórica.

Ao longo deste capítulo, dediquei-me a apresentar e a descrever os pressupostos metodológicos que estão direta ou indiretamente implicados na análise e na interpretação do *corpus* deste estudo. O conteúdo aqui exposto permite perceber que minha empreitada será árdua. Afinal, descrever e analisar a organização retórica de um texto significa tratar de um dos elementos mais complexos, tanto para quem escreve o texto quanto para quem o analisa. Escrever um texto implica pensar, encadear, expressar idéias com o objetivo de fazer significar; já analisar um texto implica descrever, investigar e interpretar as pistas deixadas pelo enunciador no processo de construção de sentidos, isto é, significa depreender sentidos tomando como referência o texto e a situação de comunicação em que ele foi produzido. É justamente o que farei doravante.

## A ANÁLISE RETÓRICA

O *corpus* se apresenta como materialidade  
que é necessário fazer significar,  
destacando-se do pano de fundo composto  
do entrecruzamento da problemática com a teoria. [...]  
O *corpus* é um objeto vivo.  
(Dahlet)

Examinar o *corpus* de uma pesquisa significa construir sentidos e estabelecer conexões entre os principais pontos do trabalho, a saber: a problemática, a teoria, o *corpus* e o objeto de estudo. Dito de outra maneira, é o momento em que a pesquisa consolida-se efetivamente e passa a significar. Ela deixa de ser um projeto, uma pesquisa teórica, e constitui-se como uma análise, um estudo sistemático dos fenômenos.

É chegado o momento de fazer a presente pesquisa significar. Para isso, dedico-me neste capítulo a investigar a organização retórica do conjunto de textos que compõem o *corpus* deste trabalho. Esta investigação está fundamentada, teórica e metodologicamente, nos pressupostos apresentados nos capítulos anteriores. Com base nos parâmetros detalhados na grade de análise (Tabela 6), a análise empreendida neste estudo abrange a macroestrutura e a microestrutura textual. Na primeira, investiga-se a organização geral do texto, como, por exemplo, a exposição do título, a paragrafação, a exposição da tese e dos argumentos. Esta abordagem inicial já conduz, de certo modo, a uma análise (primeira) da organização retórica. Na segunda perspectiva de análise, na microestrutura textual, analisam-se, de forma mais pontual e minuciosa, os mecanismos linguístico-discursivos que estão diretamente ligados à organização retórica dos textos, como é o caso, por exemplo, da tipologia de argumentos, das modalizações, das construções específicas da argumentação e dos conectores. É com base nestes critérios e nestas perspectivas de análise que esta pesquisa se configura.

O presente capítulo está dividido em três grandes seções: na primeira, apresentam-se algumas considerações sobre o *corpus*; na segunda, examina-se a macroestrutura textual; e, na terceira, investiga-se a microestrutura textual. Comentários e reflexões acerca dos objetos investigados serão realizados paralelamente à análise, quando se fizer necessário.

## 1 O *corpus* e suas especificidades

Para investigar a organização retórica, é preciso descrever, analisar e exemplificar os fenômenos linguístico-textuais que, direta ou indiretamente, estão implicados na construção do texto. No entanto, antes de dar início a estes procedimentos analíticos, faz-se necessário explicitar algumas particularidades referentes à constituição e ao tratamento do *corpus* deste estudo.

As análises são apresentadas em dois grupos distintos que se organizam em função do sistema linguístico utilizado: o primeiro grupo é formado pelas produções em língua portuguesa, identificadas como Português Liceu Pasteur Mayrink (PLPM) e como Português Liceu Pasteur Vergueiro (PLPV); e o segundo grupo é composto pelos textos em língua francesa, que são nomeados da seguinte maneira: Francês Liceu Pasteur Mayrink (FLPM) e Francês Liceu Pasteur Vergueiro (FLPV).

Note-se aqui que a ordem e a apresentação das análises diferem daquelas dos Anexos<sup>170</sup>. Isso acontece porque, neste momento, o critério de organização que utilizo é o sistema linguístico em que os textos foram produzidos e não mais a unidade do Liceu Pasteur, como acontece no caso dos Anexos.

Por meio desta modificação, pretendo otimizar os procedimentos analíticos e facilitar a aproximação entre os sistemas linguísticos. Esta alteração torna-se importante e necessária quando se trabalha com um *corpus* longitudinal<sup>171</sup>. O *corpus* deste trabalho pode ser assim caracterizado porque as coletas foram realizadas em épocas distintas: no Liceu Pasteur Mayrink, os textos foram recolhidos em 1999; já no Liceu Pasteur Vergueiro, as produções foram coletadas em 2006.

A perspectiva longitudinal não se aplica apenas a essa diferença temporal da coleta do *corpus* nas duas escolas. Em cada período (em 1999 e em 2006), teve-se o cuidado de acompanhar mais de um momento do processo de produção textual. Desse modo, tanto em 1999 como em 2006, foram coletadas duas produções textuais distintas oriundas do mesmo grupo de alunos. Tais produções configuram

<sup>170</sup> Nos Anexos, a aproximação é feita em função da unidade do Liceu Pasteur em que os textos foram produzidos e não em função do sistema linguístico utilizado. Assim, tem-se, no Anexo I, PLPM; no Anexo II, FLPM; no Anexo III, PLPV; e no Anexo IV, FLPV.

<sup>171</sup> A perspectiva longitudinal, neste caso, possibilita descrever e analisar a organização retórica dos textos em diferentes momentos do processo de produção textual.

<sup>173</sup> Segundo os postulados aristotélicos, a *dispositio* é composta de quatro momentos distintos: exórdio, apresentação dos fatos, argumentação (confirmação/refutação) e peroração.



dois ciclos de amostras. Para cada ciclo e para cada sistema linguístico, propostas temáticas distintas foram apresentadas aos alunos.

Além da perspectiva longitudinal, neste trabalho, é possível observar a perspectiva transversal, que remete a um momento específico do processo de produção textual. Conforme supramencionado, o *corpus* desta tese compõe-se por dois conjuntos de textos dissertativo-argumentativos elaborados no contexto da sala de aula, onde serviram como instrumento para avaliar a produção textual dos alunos.

O *corpus* de língua portuguesa possui um total de 74 textos: 42 recolhidos em 1999, no Liceu Pasteur Mayrink (LPM); e 32 coletados em 2006, no Liceu Pasteur Vergueiro (LPV). No *corpus* do LPM, o primeiro ciclo é composto por 22 produções que foram elaboradas a partir da seguinte proposta temática: “Na utilização da tragédia, no noticiário da televisão, a intenção de emocionar é maior do que a de informar?”; e o segundo ciclo é formado por 20 redações que foram produzidas tendo como proposta temática “O novo código de trânsito”. Já no *corpus* do LPV, cada um dos ciclos compreende 16 textos: no primeiro, trabalhou-se com uma temática relacionada à “Desigualdade social no Brasil”; no segundo, desenvolveu-se uma proposta sobre “O poder de transformação da leitura”. Para melhor visualizar estas informações, observe a tabela abaixo:

Tabela 8: Constituição do *corpus* de língua portuguesa

PLPM (1999)		PLPV (2006)	
1º Ciclo 22 redações	1º Ciclo 20 redações	2º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações
“Na utilização da tragédia, no noticiário da televisão, a intenção de emocionar é maior do que a de informar?”	“O novo código de trânsito”	“Desigualdade social no Brasil”	“O poder de transformação da leitura”.

O conjunto de textos de língua francesa tem um total de 76 redações: 44 recolhidas em 1999, no Liceu Pasteur Mayrink (LPM); e 36 reunidas em 2006, no Liceu Pasteur Vergueiro (LPV). O *corpus* do LPM apresenta 22 textos para cada ciclo de coletas: no primeiro, discorreu-se sobre o tema “*Êtes-vous pour ou contre l’avortement?*”; e no segundo, dissertou-se sobre “*La violence dans les grandes ville*”. Já no *corpus* do LPV, cada ciclo é composto por 16 produções: no primeiro, a proposta temática a ser desenvolvida foi “*À quoi sert-il lire la poésie?*”; e, no segundo, o tema apresentado foi “*Balzac et Zola peignent tous deux la société et les rapports*”.

*des individus avec cette dernière. Dans un développement argumenté vous direz quelle peinture vous paraît la plus intéressante et pour quelles raisons*". Confira na tabela abaixo.

Tabela 9: Constituição do *corpus* de língua francesa

FLPM (1999)		FLPV (2006)	
1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 22 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações
"Êtes-vous pour ou contre l'avortement?"	"La violence dans les grandes ville"	"À quoi sert-il lire la poésie?"	"Balzac et Zola"

## 2 Sobre a macroestrutura textual

A análise da macroestrutura textual pretende descrever e examinar o modo como os componentes gerais do texto são apresentados e encadeados com o propósito de formar um texto coerente e coeso. Esta perspectiva de análise dá conta dos elementos mais visíveis do texto, que podem ser observados, às vezes, antes mesmo da sua leitura. Estou me referindo ao título e à configuração paragrafada do texto. O título serve como a porta de entrada ao texto. Ele funciona como um elemento identificador e receptor para os leitores. Cabe a ele apresentar uma síntese do conteúdo desenvolvido nas linhas subseqüentes; por isso, é importante observar o modo como ele é expresso. Na configuração paragrafada, examina-se a maneira como os parágrafos são segmentados e encadeados, e verifica-se como a tese e os argumentos são expostos ao longo do texto.

Investigar a macroestrutura textual significa observar a construção e a organização do discurso argumentativo. Dito de outra forma, esta análise permite investigar a *dispositio*, ou seja, os momentos fundamentais<sup>173</sup> do discurso argumentativo. Embasada nesta análise, pretendo fazer uma aproximação entre a organização interna do discurso, engendrada por Aristóteles, e a organização interna dos textos dissertativo-argumentativos produzidos na esfera escolar.

Descrevendo-se a organização da macroestrutura textual, tem-se a oportunidade de depreender um modo recorrente de construção composicional característico da totalidade dos discursos investigados. Mediante esta análise, é possível observar como as coerções genéricas e situacionais afetam e modificam o

modo de dizer dos sujeitos enunciadore. Servindo de mecanismos de formataçã, isto é, de homogeneizaçã textual, tais coerções nã alteram somente a organizaçã da macroestrutura, mas tambẽm o nív de linguagem usado, como serã possív observar, mais adiante, na seçã que trata da microestrutura textual.

## 2.1 Apresentaçã do títlo

Conforme assinalado anteriormente, as produções textuais que compõem o *corpus* de análise foram elaboradas com base em propostas temáticas diversas. Atentando nas Tabelas 8 e 9, é possív notar que existem dois tipos de propostas bem distintas. De um lado estã as propostas que trazem para a sala de aula questões do cotidiano que remetem à *doxa*, ao senso comum. Sã temas concretos, objetivos, que, direta ou indiretamente, fazem parte da realidade dos alunos. É o mundo real que se faz presente e se torna objeto de reflexã, como é o caso, por exemplo, das amostras PLPM (A) e (B), FLPM (A) e (B) e PLPV (A). De outro lado, encontram-se temas mais abstratos. Eles remetem a assuntos subjetivos que estã relacionados à formaçã intelectual e cultural dos alunos; trabalham com o mundo das ideias. Esse tipo de proposta temática pode ser observada nas amostras PLPV (B), FLPV (A) e (B). Diante de propostas temáticas tã heterogêneas, trabalha-se com a hipótese de que cada assunto pode ativar visões de mundo distintas e despertar conhecimentos linguísticos e enciclopédicos tambẽm distintos. Possivelmente, isso tem uma implicaçã direta na organizaçã retórica do texto e, principalmente, na construçã e na apresentaçã do *ethos* do enunciador escolar.

Pelas coerções genéricas e situacionais, obrigatoriamente, em cada ciclo, todos os textos devem discorrer sobre o mesmo assunto, mas isso nã confere às produções analisadas um caráter homogêneo. Pelo contrário, a começã pelo títlo, nota-se grande diversidade de formulaçã linguística, principalmente, no que concerne ao modo como o títlo é apresentando em relaçã à proposta temática de cada conjunto de textos. Conforme já detalhei nos pressupostos metodológicos, o títlo pode estar relacionado com a proposta temática de forma direta ou indireta. No primeiro caso, identifica-se uma cópia literal de toda a proposta ou de parte de seus componentes. No segundo, observa-se que houve uma reflexã sobre o assunto e,

a partir disso, a formulação do título. Observe, na tabela abaixo, os percentuais de utilização de cada um desses recursos.

Tabela 10: Apresentação do título

Objetos de análise	PLPM		PLPV		FLPM		FLPV	
	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 20 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 22 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações
<b>4.1 Título</b>								
<b>Relação direta com o tema</b>	2 (9%)	3 (15%)	4 (25%)	15 (93,75%)	13 (59%)	18 (81,8%)	10 (62,5%)	15 (93,75%)
<b>Relação indireta com o tema</b>	20 (91%)	17 (85%)	12 (75%)	1 (6,25%)	9 (40,9%)	4 (18,1%)	6 (37,5%)	1 (6,25%)

### 2.1.1 Apresentação do título em língua portuguesa

Nas produções em língua portuguesa, observou-se que, quando o assunto a ser desenvolvido estava relacionado ao mundo real, os títulos mantiveram relação indireta com o tema, isto é, a proposta de redação não foi simplesmente copiada como título. Ao contrário, ela serviu de fonte inspiradora para o desenvolvimento textual e se fez presente de forma implícita na maior parte dos títulos. Veja alguns exemplos:

PLPM(A)1: O drama fora das novelas

PLPM(A)4: Informação x Sensacionalismo

PLPM(B)10: Transito antigo, educação recente

PLPM(B)14: Trânsito é educação

PLPV(A)3 : O problema da pobreza brasileiro e a exclusão das pessoas

PLPV(A)11: Igualdade a tempos prometida, nunca utilizada

PLPV(B)2: O poder de transformação da leitura

PLPV(B)12: O poder de transformação da leitura

Os exemplos revelam que, em três conjuntos de textos, a saber, LPM(A), LPM(B) e LPV(A), houve uma reflexão sobre a proposta temática e, a partir disso, a formulação de diferentes títulos. O mesmo não acontece quando o assunto é mais abstrato, isto é, quando ele pertence ao plano das ideias, como é o caso, por

exemplo, da segunda proposta do LPV. Os títulos, em sua maioria (93,75%), apresentam relação direta com o tema. Isso quer dizer que a proposta temática (O poder de transformação da leitura) apresentada pelo professor foi transformada em título.

O modo como o título é apresentado parece variar, portanto, em função do tipo de proposta temática. De acordo com as análises, quando a solicitação do professor está relacionada às questões do cotidiano, isto é, ao mundo real, parece que a maioria dos alunos têm mais espontaneidade para escrever e expressar suas opiniões e suas visões de mundo. Pode-se dizer que eles possuem conhecimentos prévios sobre o assunto. Escrever sobre um tema muito debatido pelos meios de comunicação, e que faz parte do cotidiano do país, torna-se mais fácil, pois há um senso comum sobre o assunto, uma *doxa*. O mesmo não se pode dizer de temas mais abstratos que estão embasados em uma perspectiva cultural e literária. Neste caso, as informações sobre esses assuntos parecem ser mais restritas, afinal, não se fala de literatura do mesmo modo que se fala de violência, desigualdade social ou sensacionalismo na televisão brasileira.

### **2.1.2 Apresentação do título em língua francesa**

Nas produções em língua francesa, também foram utilizadas propostas temáticas distintas: há aquelas que fazem referência a situações concretas, que remetem ao cotidiano e que podem muito bem ser fundamentadas na *doxa*, como é o caso, por exemplo, das produções FLPM (A) e (B); e há aquelas que tratam de questões mais intelectuais, relacionadas a assuntos culturais e literários, como acontece, por exemplo, no FLPV (A) e (B). Entretanto, a exposição do título apresentou uma configuração contrária àquela descrita acima para a língua portuguesa.

Se, naquele conjunto de textos, a tendência foi estabelecer uma relação indireta entre tema e título, neste, ocorreu um movimento inverso: a relação direta entre tema e título foi empregada com números expressivos em todas as amostras. Observe os exemplos:

FLPM(A)6: *Êtes-vous pour ou contre l'avortement?*

FLPM(A)16: *Êtes-vous pour ou contre l'avortement?*

FLPM(B)2: *La violence dans le grande ville*

FLPM(B)9: *La violence dans le grande ville*

FLPV(A)1: *À quoi sert-il de lire la poésie?*

FLPV(A)9: *À quoi sert-il de lire la poésie?*

FLPV(B)3: *Dissertation: Balzac et Zola*

FLPV(B)16: *Balzac et Zola*

Nesta exemplificação, selecionou-se apenas algumas ocorrências que já comprovam que, efetivamente, há uma relação direta entre a proposta temática e o título dos textos. Isso significa que a hipótese formulada no tópico anterior, de que haveria uma relação entre o tipo de proposta temática e o modo como o título é expresso, não se aplica, integralmente, a este conjunto de textos. As análises indicam que mesmo as amostras que trataram de temas do cotidiano apresentaram relação direta entre tema e título. Surge então uma pergunta inquietante: o que pode ter motivado essa configuração?

Para responder a este questionamento, pode-se refletir sobre questões de ordem linguística e de ordem retórica. Linguística, porque essa configuração pode estar relacionada a algum tipo de estratégia, colocada em prática pelo aluno, na intenção de burlar eventuais obstáculos linguísticos. Em outras palavras, diante das dificuldades de encontrar sinônimos para os termos e/ou das dificuldades de encontrar um título apropriado, o enunciador optou por reproduzir a proposta, ou parte dela, em forma de título. Desse modo, ele pretende se isentar de qualquer inadequação linguística. Retórica, porque pode haver aí a intenção do enunciador de escrever um texto para conquistar a adesão do enunciatário. Ao reproduzir o tema, na função de título, pretende-se agradar o enunciatário, conquistar sua benevolência e sua simpatia. Para isso, toma-se como ponto de partida o seu dizer, que, neste caso, é a própria proposta temática.

Conforme é possível verificar na Tabela 10, os títulos cuja relação com o tema é indireta, nesse conjunto de textos, foram empregados em proporções menores. Observe o modo como alguns títulos foram expostos:

FLPM(A)7: *L'avortement*

FLPM(A)12: *Avortement : un affaire de femme*

FLPM(B)3: *La violence*

FLPM(B)8: *La violence en São Paulo*

FLPM(B)3: *La poésie: un genre particulier*

FLPV(A)12: *La poésie et ses mille et une utilités*

FLPV(B)10: *Deux auteurs, deux oeuvres, deux peintures*<sup>174</sup>

A partir desses exemplos, é possível perceber que, mesmo havendo a tentativa de elaborar um título diferente do tema, as formulações não se distanciaram muito da proposta temática. Nota-se também que títulos semelhantes são empregados para nomear mais de um texto, como é possível observar nos anexos deste trabalho.

Como se pode verificar, com base nas análises desenvolvidas, a apresentação do título mostra um comportamento diferente entre os dois sistemas linguísticos examinados neste estudo.

## 2.2 Paragrafação

A paragrafação revela-se uma atividade complexa que não depende, única e exclusivamente, da vontade do autor/enunciador. O modo como um texto é segmentado paragraficamente é determinado, principalmente, pelas coerções genéricas e situacionais às quais o enunciador está exposto no processo de produção. Conforme já destaquei em seções precedentes, neste estudo, proponho-me a verificar se a organização paragrafica dos textos aproxima-se da organização interna do discurso (*dispositio*) proposta por Aristóteles e até que ponto essa aproximação acontece.

Para alcançar este objetivo, é preciso observar elementos como a extensão textual e o número de parágrafos de cada texto. No que concerne à organização dos parágrafos, a extensão textual pode ser descrita como um dos mecanismos de coerção genérica que atuam sobre os alunos durante o processo de produção textual em sala de aula, principalmente, nos textos de língua portuguesa. A análise da extensão textual desenvolve-se, neste trabalho, a partir de três designações distintas: “extensão longa”, para textos com mais de trinta linhas manuscritas; “extensão média”, para textos que apresentam uma variação numérica entre 25 e 30 linhas no total manuscrito; e “extensão curta”, para os textos com menor número de

---

<sup>174</sup> Neste ciclo, observou-se um único exemplo de relação indireta entre tema e título.

linhas. O número de parágrafos também se apresenta como um elemento importante para verificar a organização retórica do texto e para averiguar semelhanças com a *dispositio*. Ao longo das análises, além de observar número de parágrafos de cada texto, teve-se o cuidado de identificar cada parágrafo em função da introdução, do desenvolvimento e da conclusão do texto. Identificou-se também, dentro desta estrutura, onde a tese e seus argumentos foram apresentados.

Ao examinar a paragrafação e a progressão temática dos textos, observou-se que parece haver semelhanças e diferenças interessantes entre os sistemas linguísticos investigados. As semelhanças podem ser observadas principalmente na extensão textual. Já as diferenças acontecem no âmbito da paragrafação, isto é, no número de parágrafos de cada texto e no modo como esses parágrafos são segmentados e distribuídos em relação à exposição da tese e de seus argumentos. Para melhor compreender estas informações, observe, na tabela abaixo, como se configura a paragrafação e a progressão temática no conjunto de textos que compõem o *corpus* deste estudo e acompanhe, na sequência, a descrição destes dados.

Tabela 11: Paragrafação e progressão temática

Objetos de análise	PLPM		PLPV		FLPM		FLPV	
	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 20 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 22 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>								
<b>Org. dos Parágrafos</b>								
<b>Extensão longa</b>	--- (0%)	--- (0%)	1 (6,25%)	9 (56,5%)	--- (0%)	--- (0%)	4 (25%)	14 (87,5%)
<b>Extensão Média</b>	22 (100%)	20 (100%)	15 (93,75%)	6 (37,5%)	15 (68,1%)	22 (100%)	12 (85%)	2 (12,5%)
<b>Extensão curta</b>	--- (0%)	--- (0%)	--- (0%)	1 (6%)	7 (31,8%)	--- (0%)	--- (0%)	--- (0%)
<b>5 parágrafos ou +</b>	13 (59%)	7 (35%)	8 (50%)	9 (56,5%)	1 (4,5%)	--- (0%)	10 (62,5%)	15 (93,75%)
<b>4 parágrafos</b>	6 (27,2%)	10 (50%)	5 (31,25%)	4 (25%)	16 (72,7%)	13 (59%)	3 (18,25%)	1 (6,25%)
<b>3 parágrafos ou -</b>	3 (13,6%)	3 (15%)	3 (18,25%)	3 (18,25%)	5 (22,7%)	9 (40,9%)	3 (18,25%)	--- (0%)
<b>Progressão temática Presente</b>	22 (100%)	20 (100%)	16 (100%)	16 (100%)	22 (100%)	22 (100%)	16 (100%)	16 (100%)



### 2.2.1 A paragrafação em língua portuguesa

No *corpus* de língua portuguesa, a extensão textual e a organização dos parágrafos configuraram-se em função de coerções genéricas características às produções dissertativo-argumentativas. De acordo com essas coerções, pede-se que os textos tenham no máximo 30 linhas manuscritas e que sejam desenvolvidos em, aproximadamente, quatro parágrafos, nos quais se deve apresentar introdução, desenvolvimento e conclusão.

As análises realizadas indicam que essas coerções genéricas atuam na maior parte dos textos. Das quatro amostras observadas, três delas apresentaram textos com extensão média, com mais ou menos 30 linhas, e apenas uma apresentou extensão longa. As análises mostraram que, nos textos em língua portuguesa, os alunos tendem a se adequar às coerções do gênero segundo o qual estão produzindo.

Ao longo dessas cerca de 30 linhas, os alunos organizaram suas ideias através dos parágrafos. Estes, por sua vez, em todas as produções, apresentaram-se estruturados com mais de um período. O elemento mais variável aqui foi justamente o número de parágrafos utilizados em cada texto. Algumas produções foram compostas com cinco parágrafos. Este é o caso, por exemplo, de 59% dos textos produzidos no LPM (A); e de 50% e 56,5% dos textos coletados no LPV (A) e (B), respectivamente. Outras redações organizaram-se em quatro parágrafos, como acontece, por exemplo, em 50% dos textos do LPM (B). Há ainda textos que apresentaram apenas três parágrafos, mas os números revelaram que esta configuração foi pouco utilizada nessas produções textuais. Toda essa disparidade paragrafada parece não ter prejudicado a progressão temática dos textos, que se manteve presente em todas as redações, conforme se pode observar na Tabela 10, apresentada acima.

Apesar dessa heterogeneidade no número de parágrafos, é importante ressaltar que, em todos os textos de língua portuguesa, percebeu-se um movimento paragrafado que se configurou da seguinte maneira: introdução, apresentada no(s) parágrafo(s) inicial(is); desenvolvimento, compreendendo o(s) parágrafo(s) intermediário(s); e conclusão, compondo o(s) parágrafo(s) final(is).

As semelhanças entre esse movimento paragrafado e a *dispositio*, um dos componentes do sistema retórico aristotélico, não são mera coincidência. Na

verdade, o recorte dos parágrafos nos textos analisados é bem característico das produções dissertativo-argumentativas. Conforme assinala Dahlet (2006), os parágrafos empregados nesses textos podem ser chamados de parágrafos semio-argumentativos. Eles se estabelecem quando a “alínea indica a passagem de uma seção de discurso a outra (por exemplo, passagem do exórdio à narração, passagem de um argumento a outro, de um “lugar-comum a outro)” (Dahlet, 2006, p. 107). Essa configuração paragrafíca possibilita a progressão temática, mas pode-se dizer que essa progressão está condicionada a um número de parágrafos específicos e/ou a um número de linhas pré-estabelecido, número este que é determinado pelas coerções genéricas que estão subjacentes a qualquer produção dissertativo-argumentativa da esfera escolar. Essas coerções atuam na organização paragrafíca do texto e, conseqüentemente, podem modificar sua progressão temática.

### **2.2.2 A paragrafação em língua francesa**

Nas produções em língua francesa, as coerções genéricas em relação à extensão textual e à organização dos parágrafos não atuaram de forma tão sistemática quanto na língua portuguesa. Ao escrever um texto dissertativo-argumentativo em língua francesa, o aluno não precisa adequar-se, nem mesmo adequar suas intenções comunicativas segundo um modelo pré-estabelecido e totalmente fechado de organização textual. Na língua francesa, parece haver uma liberdade maior no que diz respeito ao número de linhas e à organização paragrafíca.

Mesmo assim, nota-se que, em relação à extensão textual, há um movimento muito semelhante entre as duas línguas em estudo: das quatro amostras que compõem o *corpus* de língua francesa, em três delas, a extensão média foi predominantemente utilizada; e, em uma delas, a extensão longa ocupou lugar de destaque na preferência dos alunos. Isso significa que, mesmo não havendo coerções genéricas em relação ao número de linhas, a maioria dos textos apresentou uma extensão intermediária: nem muito curtos, nem muito longos.

Em relação à organização dos parágrafos, observou-se que o número de parágrafos utilizados em cada texto foi bastante heterogêneo. Nas amostras do

FLPM, por exemplo, predominou o uso de quatro parágrafos em 72,7% dos textos que compõem o primeiro ciclo e em 59% das produções do segundo ciclo. Já no FLPV, a maior parte das redações, 62,5% no FLPV (A) e 93,75% no FLPV (B), organizou-se com 5 parágrafos ou mais. Observou-se ainda que alguns textos foram formulados com três parágrafos ou até menos. Nesse caso, os números mais expressivos podem ser observados na amostra FLPM (B), em que 40,9% dos textos apresentaram essa configuração.

Independentemente do número de parágrafos com que cada texto foi organizado, observa-se que, em todas as redações, houve um movimento que partiu da introdução do assunto, no(s) parágrafo(s) inicial(is); passou pelo desenvolvimento, no(s) parágrafo(s) intermediário(s); e chegou à conclusão, no(s) parágrafo(s) final(is) do texto. Essa estrutura de base também remonta aos postulados aristotélicos sobre a organização interna do discurso.

O encadeamento paragrafático nos textos em língua francesa deu-se com base em dois tipos de parágrafos distintos: os parágrafos semio-argumentativos e os parágrafos predicativos. Os primeiros estabeleceram conexão direta entre as diferentes seções do discurso, como, por exemplo, entre o exórdio e a argumentação, entre a argumentação e a peroração (Dahlet, 2006). Já os segundos, os parágrafos predicativos, apresentaram o desenvolvimento do tema introduzido nos parágrafos anteriores, possibilitando assim que a progressão textual se desenvolvesse de modo mais coerente e coeso (Dahlet, 2006).

A presença de parágrafos predicativos se deve ao fato de que, em língua francesa, as coerções genéricas parecem atuar de forma mais discreta no processo de produção textual. Elas existem, porém não são tão rígidas e tão rigorosas quanto em língua portuguesa. Isso tem implicações diretas no encadeamento dos parágrafos e na organização retórica do texto. Como é possível perceber, a segmentação paragrafática e os próprios parágrafos não se estruturaram de forma homogênea. Na verdade, “eles podem ser apenas constituídos por um regime dominante” (Dahlet, 2006, p. 109). Esse regime dominante está embasado nas coerções genéricas, mas também pode ser determinado pelas intenções comunicativas do enunciador, isto é, pelo seu “querer dizer”, pelos efeitos de sentido que ele pretende criar através do seu texto a fim de persuadir o seu enunciatário. Em outras palavras, o modo como os parágrafos estão segmentados constitui uma pista importante sobre a organização retórica dos textos, uma vez que

a segmentação paragrafada está, como explicitado acima, diretamente relacionada à exposição da tese e à apresentação dos argumentos que a sustentam.

### 2.3 Exposição da tese

Em relação à exposição da tese, existem dois elementos importantes que devem ser observados, porque estão diretamente implicados na organização retórica dos textos. O primeiro elemento diz respeito ao modo como a tese é expressa (de forma explícita ou implícita); o segundo, que deve ser examinado minuciosamente, é o lugar, a localização textual dessa tese no arcabouço textual. Dito de outra forma, é interessante observar se a tese é veiculada nas etapas iniciais da *dispositio*, que remetem à introdução, como sugere o modelo aristotélico; nas etapas intermediárias, que se referem ao desenvolvimento do texto dissertativo-argumentativo; ou na etapa final, que está relacionada à conclusão do texto.

No caso destas análises, observou-se que, em todos os textos, a tese foi exposta prioritariamente de forma explícita. Aqui, é importante destacar ainda que a apresentação das teses neste conjunto de textos ocorre através de premissas que estão amparadas na estrutura do real. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 74), essas premissas comportam “os fatos, as verdades e as presunções”. Assim sendo, compreende-se que a argumentação desenvolvida nesses textos parece estar direcionada à persuasão de um auditório universal, já que as premissas que versam sobre o real buscam atingir esse tipo de auditório. Confira, na tabela abaixo, outras informações sobre a exposição da tese.

Tabela 12: Exposição da tese

Objetos de análise	PLPM		PLPV		FLPM		FLPV	
	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 20 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 22 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações
<b>4.3 Exposição da Tese</b>								
<b>Explícita</b>	22 (100%)	20 (100%)	16 (100%)	16 (100%)	22 (100%)	22 (100%)	16 (100%)	16 (100%)
<b>Implícita</b>	--- (0%)	--- (0%)	--- (0%)	--- (0%)	--- (0%)	--- (0%)	--- (0%)	--- (0%)
<b>Início do texto</b>	17 (77,2%)	20 (100%)	13 (81,25%)	6 (37,5%)	22 (100%)	22 (100%)	5 (31,25%)	1 (6,25%)
<b>Fim do texto</b>	5 (22,7%)	--- (0%)	3 (18,75%)	10 (62,5%)	--- (0%)	--- (0%)	11 (68,7%)	15 (93,75%)

### 2.3.1 Exposição da tese em língua portuguesa

A partir das análises efetuadas no *corpus* de língua portuguesa, verificou-se que, no conjunto de textos produzidos com base em uma temática concreta, ou seja, relacionada ao cotidiano dos alunos, houve uma preferência maciça pela exposição da tese no primeiro parágrafo do texto. Esse é o caso, por exemplo, das redações do LPM (A) e (B). Nas produções do LPV (A), notou-se que, na maioria textos, a tese também foi apresentada logo nas primeiras linhas, como mostram os exemplos a seguir.

PLPM(A)15: A briga entre as emissoras de televisão, que influenciam muito na forma de agir e até mesmo de pensar de grande parte dos cidadãos, pela audiência está trazendo uma queda significativa na qualidade da programação da televisão brasileira. (l. 2-5)

PLPM(A)16: Nesses últimos anos, o jornalismo da televisão brasileira está passando por uma fase sensacionalista. (l. 1-2)

PLPM(B)11: Apesar do novo código, a situação do trânsito nas grandes cidades continua caótica e a tendência é piorar cada vez mais porque o número de carros está aumentando. (l. 1-3)

PLPM(B)18: Por serem elevados os números dos acidentados de carro, é fundamental que mudanças nas leis de trânsito sejam feitas. (l. 1-2)

PLPV(A)1: Hoje no mundo um dos casos mais discutidos e argumentados é o caso da pobreza. (l. 1-2)

PLPV(A)4: O Brasil é um país qualificado como subdesenvolvido nos dias de hoje, mesmo tendo uma economia dinâmica e variada. (l. 1-2)

Nas produções dissertativo-argumentativas em língua portuguesa, o arcabouço argumentativo costuma seguir uma estrutura retórica muito peculiar: no(s) parágrafo(s) inicial(is), apresenta-se a tese e seus argumentos; no(s) parágrafo(s) seguintes, desenvolve-se a argumentação, isto é, os argumentos são expostos de modo a fundamentar a tese que está sendo defendida; e, em seguida, no(s) parágrafo(s) final(is), retoma-se a tese para confirmá-la ou refutá-la e, na sequência, expõe-se a conclusão do texto. De acordo com as análises efetuadas e com os exemplos supracitados, essa configuração paragrafática foi muito empregada no conjunto de textos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Nota-se aqui que parece existir certa proximidade, no que concerne à exposição da tese, entre os textos investigados neste estudo e os postulados aristotélicos que preveem a apresentação da tese nas primeiras etapas da *dispositio*. Conforme destaca Mosca (2004, p. 28), a *dispositio* está relacionada à “maneira de dispor as diferentes partes do discurso, o

qual deve ter os seguintes componentes: exórdio, proposição, partição, narração/descrição, argumentação (confirmação/refutação) e peroração. Trata-se da organização interna do discurso, de seu plano”.

Como é possível verificar nos procedimentos analíticos, o único conjunto de textos que mostrou um movimento contrário ao descrito acima foi justamente aquele em que se trabalhou com uma temática mais abstrata, o PLPV (B). Nessa amostra, observou-se que, em 62,5% dos textos, a tese foi exposta nos parágrafos finais. Acompanhe alguns exemplos:

PLPV(B)3: O poder da leitura é enormemente importante, e poderoso, esse poder nos transforma. Na natureza nada se perde nada se ganha tudo se transforma, e nós fazemos parte dela, até nós podemos nos modificar. (l. 34-37)

PLPV(B)9: A leitura tem o poder de transformar letras em palavras, palavras em frases, frases em ideias, ideias em memórias, memórias em cultura e cultura em vida. Uma transformação moral que instrui o leitor. (l. 40-42)

Essa diferença pode estar relacionada à temática, que, nesse caso, é mais abstrata que as demais, como também pode constituir uma interferência da retórica da língua francesa na organização textual da língua portuguesa. Digo isso porque não se pode esquecer que, no LPV, as duas línguas-culturas fazem parte da grade curricular dos alunos. Nesse ambiente escolar, os dois sistemas linguísticos parecem conviver pacificamente, já que constituem disciplinas obrigatórias para todos os alunos, independentemente de sua nacionalidade. Nesse contexto, é natural que haja transferências de um sistema para outro. As transferências (ou interferências) podem ser descritas como uma característica comum aos ambientes interlinguísticos. Elas podem ser de cunho lexical, semântico, sintático, morfológico e também retórico.

### **2.3.2 Exposição da tese em língua francesa**

As análises efetuadas no *corpus* de língua francesa mostraram que, nos textos cuja proposta de redação abordou assuntos concretos, a tese foi apresentada preferencialmente no início. Esse é o caso, por exemplo, das duas amostras recolhidas no LPM. Nesse conjunto de textos, observa-se uma configuração semelhante àquela observada na maior parte das amostras de língua portuguesa,

em que, no(s) parágrafo(s) inicial(is), expõe-se a tese e seus argumentos; no(s) parágrafo(s) intermediários, desenvolve-se a argumentação; e, no(s) parágrafo(s) final(is), expõe-se a conclusão do texto confirmando ou refutando a tese. Conforme destaquei na seção anterior, esse movimento parece aproximar-se, ainda que parcialmente, da *dispositio*. Verifique alguns exemplos dessa configuração:

FLPM(A)3: *l'avortement est une de plus invasive et plus important du prodédure medical.* (l. 1)

FLPM(A)5: *L'avortement est un sujet plus polemique dans la medecin. L'avortement est normal et utile.* (l. 1-2)

FLPM(B)2: *Lamentavelment, le degré de violence urbaine vient en croissant de plus en plus en les grandes ville comme São Paulo et Rio de Janeiro. Mais dans mineurs Villes cela malheureusement opere aussi.* (l. 1-3)

FLPM(B)21: *Les grandes villes devienent chaque fois plus dangereux et violentes. Les personnes demenagent pour les villages en cherchant l'air pur et majeur contact avec la nature, mais surtout paix.* (l. 1-2)

De acordo com as análises, verificou-se também que, quando a proposta de redação propunha temas culturais e literários, ou ainda temas abstratos, houve uma modificação em relação às outras amostras quanto à posição em que a tese foi apresentada no arcabouço textual. Como exemplo disso, podem-se citar as amostras recolhidas no LPV. Nesse conjunto de textos, foi verificado um movimento paragrafístico bem distinto daquele descrito acima. Nas duas coletas de língua francesa, notou-se que a tese foi apresentada predominantemente no fim do texto, como mostram os exemplos a seguir:

FLPV(A)11: *La poésie est sans doute un moyen très efficace pour la compréhension moral de l'écrivain. Elle force le lecteur à penser et à interpreter les vers pour comprendre l'idée qui est sous-entendue. La caratéristique de la surdétermination est sans doute son aspect plus captivant. Rien dans la poésie n'est pas hasard. Lire des poésie aide à identifier à certains sujets.* (l. 19-20)

FLPV(A)16: *la poésie vous enseigne les valeurs de la vie par le biais des morales, éveille votre côté sensible, ameliore votre vocabulaire, etraîne l'oreille musicale à voix haute et fait partie du patrimoine culturel de l'histoire. Ça serait dommage de rater tout ça non?* (l. 22-23)

FLPV(B)10: *On voit donc après tout que Zola peint la société d'un point de vue socialiste et révolutionnaire, beaucoup plus intéressant que le capitalisme et matérialisme présents dans tout les moments de l'histoire de l'oeuvre de Balzac.* (l. 15-16)

FLPV(B)16: *Pour moi donc la peinture sociale de Germinal est plus interessante que celle du Père Goriot car elle possède une dimension sociologique et historique ainsi qu'un réalisme que l'on ne trouve pas dans Père Goriot de Balzac.* (l. 24-25)

Com base nas análises e no conjunto de exemplos, compreende-se que a posição em que a tese é exposta no arcabouço argumentativo tem um papel importante na organização retórica do texto. É a partir da tese que os demais elementos retóricos (argumentos, modalizações, construções da argumentação, construção do *ethos*, por exemplo) são selecionados e encadeados textualmente.

Assim sendo, percebe-se que, se, por um lado, a posição em que a tese foi exposta nesse conjunto de dados assemelha-se àquela observada na segunda amostra de língua portuguesa coletada nessa mesma instituição, por outro lado, ela contraria e distancia-se do modo de organização do discurso proposto por Aristóteles. Estas duas observações podem convergir para o mesmo ponto: a organização retórica da língua francesa pode se apresentar de forma diferente daquela observada na língua portuguesa. Tal diferença, de acordo com as análises, é observada, principalmente, no modo como a tese é exposta e no lugar que ela ocupa no arcabouço argumentativo. Essa diferença de organização do discurso, observada no *corpus* de língua francesa, pode estar relacionada com o modo como essa comunidade de falantes percebe e categoriza discursivamente a sua realidade.

## 2.4 Exposição dos argumentos

Os argumentos constituem as provas da argumentação. É através deles que o enunciador conquista o auditório, sustenta a tese e alcança a persuasão. É por isso e para isso que os argumentos devem ser cuidadosamente selecionados e cautelosamente expressos ao longo do texto.

No que concerne à exposição dos argumentos, as análises revelaram que, nos dois sistemas linguísticos, eles ocupam uma posição intermediária na organização textual. Na maioria dos casos, os argumentos são apresentados no início do texto, mas só são desenvolvidos sistematicamente nos parágrafos intermediários. Essa característica aponta semelhanças com a Retórica Clássica, cuja organização prevê que cada parte do arcabouço argumentativo tem um momento para ser apresentada, ou seja, os componentes ordenam-se de forma coerente e coesa.

No que concerne à argumentação, ou melhor, no que concerne ao momento de fornecer e de detalhar os argumentos, Aristóteles considera que esse



componente deve aparecer na terceira posição, antecedido pelo exórdio e pela apresentação dos fatos e sucedido pela peroração. Desse modo, percebe-se que, desde sua gênese, a argumentação ocupa uma posição intermediária, assim como acontece no conjunto de textos aqui analisados. Em relação aos argumentos, outro elemento importante a ser observado é a tipologia de argumentos, que será apresentada com mais detalhes na seção que trata da microestrutura textual.

## **2.5 Construindo sentidos sobre a macroestrutura textual**

Ao longo desta primeira parte da análise, foi possível examinar a estrutura global dos textos. Também conhecida como macroestrutura textual, ela pode ser descrita como um conjunto de categorias textuais hierarquicamente combinadas. Cada gênero do discurso e cada tipologia textual possuem esquemas específicos de articulação discursiva. Para cada produção textual há um esquema de organização e de articulação mais ou menos pré-estabelecido. Compreende-se assim que o enunciador, ao produzir um texto, não tem liberdade para estruturá-lo como bem entende. A articulação de qualquer texto é regulamentada por regras específicas que são determinadas, segundo Bakhtin (2002), pelas especificidades de cada esfera de comunicação, por considerações semântico-objetais (temáticas) e pela situação concreta de comunicação discursiva. Essas regras e esquemas atuam no nível da macroestrutura textual e são, portanto, normativos, como destaca Bakhtin:

ao falante não são dadas apenas formas da língua nacional (a composição vocabular e a estrutura gramatical) obrigatórias para ele, mas também as formas do enunciado para ele obrigatórias, isto é, os gêneros do discurso: estes são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto as formas da língua. Os gêneros do discurso, comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele mas dados a ele. (Bakhtin, 2002, p. 285)

O modo como os componentes da macroestrutura textual são articulados tem implicações diretas na construção do sentido do texto. Essa articulação é responsável pelas conexões entre as diferentes partes do texto, como, por exemplo, entre o título e o texto propriamente dito e entre os parágrafos. Em outras palavras, é

a partir dessa articulação que se pode depreender a coerência e o sentido global de um texto, além, é claro, de sua organização retórica em nível global.

No caso deste estudo, os esquemas e as regras de articulação da macroestrutura textual são pré-determinados pelo gênero discursivo (redação escolar) e pela tipologia textual (textos dissertativo-argumentativos) que são solicitados pelo professor. Esses esquemas ou regras de articulação são conhecidos como coerções genéricas e situacionais que atuam e interferem diretamente na organização do discurso. No conjunto de textos analisados, essas coerções determinam, no nível da macroestrutura textual, a apresentação de um título relacionado com a proposta redacional, a organização do texto em um determinado número de parágrafos e a exposição da tese e de seus argumentos. Retomando-se a descrição da macroestrutura textual, apresentada nas seções anteriores, podem-se fazer algumas observações sobre a estrutura global dos textos nos dois sistemas linguístico-culturais aqui investigados.

Em relação à apresentação do título, notou-se uma diferença interessante entre as duas línguas, principalmente, no que concerne à relação entre a proposta temática e a exposição do título. Nos textos em língua portuguesa, a maioria dos títulos apresentou relação indireta com as propostas temáticas que estavam pautadas em assuntos do cotidiano. Já nos textos em língua francesa, observou-se uma configuração diferente. Mesmo quando a proposta temática estava relacionada às questões do dia-a-dia do aluno, o título manteve uma relação direta com o tema, isto é, não houve reflexão sobre o assunto, mas apenas uma transferência do tema para o título. A explicação para esta disparidade pode estar, como já se destacou anteriormente, no tipo de tema apresentado (concreto *versus* abstrato ou mundo real *versus* mundo intelectual ou mundo das ideias), mas também pode estar relacionado a características próprias de cada sistema linguístico-cultural

Em relação à paragrafação, as análises revelaram que, à exceção de algumas variações, a maior parte dos textos, nas duas línguas examinadas, manteve uma extensão textual de nível intermediário. Isso significa que nas duas línguas os textos possuem uma extensão que parece estar de acordo com as coerções do gênero redação escolar. Apesar de a língua francesa não impor especificamente um número de linhas, como acontece na língua portuguesa, parece haver um senso comum sobre essa questão. Afinal, temporalmente é inviável para um aluno escrever um texto muito extenso no ambiente da sala de aula.

Ao observar a paragrafação, observou-se também se houve ou não progressão textual. A progressão temática diz respeito ao modo como as informações textuais são introduzidas, mantidas e reintroduzidas ao longo dos textos. De acordo com as análises, a progressão da informação textual esteve presente em todas as produções dissertativo-argumentativas.

Junto ao estudo da progressão temática, investigaram-se ainda os tipos de parágrafos utilizados pelos enunciadores. Como se assinalou em seções precedentes, nesse conjunto de textos, há dois tipos de parágrafos que se destacaram como os mais utilizados: trata-se do parágrafo semio-argumentativo e do parágrafo predicativo. No *corpus* de língua portuguesa, observou-se a predominância do primeiro tipo, enquanto que, no *corpus* de língua francesa, verificou-se o emprego dos dois tipos.

É importante destacar que, nos dois conjuntos de textos (português e francês), a segmentação paragrafada segue uma estrutura muito próxima àquela da *dispositio*, que compreende a introdução do assunto, o seu desenvolvimento argumentativo e sua conclusão. A conformidade dos textos analisados com os postulados aristotélicos só foi confirmada quando se examinou a exposição da tese e seus argumentos. No modelo aristotélico, esses elementos ocupam uma posição funcional muito bem definida. A pergunta que precisava ser respondida era: a tese e os argumentos ainda são expostos e mantidos nessa posição nas duas línguas?

Para responder a este questionamento, analisou-se então o modo como esses dois componentes do discurso argumentativo – tese e argumentos – estavam sendo apresentados. No que concerne à exposição dos argumentos, as análises mostraram que, nos dois conjuntos de textos, eles ocuparam uma posição intermediária no corpo textual. Isso indica que o modo como os argumentos são expostos ainda mantém vínculos com a herança aristotélica da organização interna do discurso.

Em relação à apresentação da tese, esta investigação mostrou que, nas duas línguas, ela é veiculada sempre de forma explícita; no entanto, há diferenças em relação ao lugar que ela ocupa no corpo do texto. Das quatro amostras observadas no *corpus* de língua portuguesa, em três delas, a tese foi exposta logo nas primeiras linhas do texto, compondo parte da introdução. A única amostra que não segue essa tendência é a PLPV (B). Já no *corpus* em língua francesa, verificou-se um movimento distinto: dos quatro ciclos estudados, em dois deles, aqueles coletados

no LPM, a tese é apresentada no início do texto, semelhante ao que foi descrito acima; e nos outros dois, aqueles recolhidos no LPV, a tese é expressa no final do texto. Como é possível verificar, nas produções em língua portuguesa, há uma tendência maior que em língua francesa de seguir os parâmetros da *dispositio* no que concerne à exposição da tese.

A descrição e a interpretação dos fenômenos da macroestrutura textual fornecem pistas interessantes sobre a organização retórica dos sistemas linguísticos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Ainda é cedo para fazer generalizações e marcar posições em relação ao que foi observado. Como destaquei no início desta reflexão, a análise da macroestrutura textual permite depreender um modo recorrente de construção composicional que é característico de uma totalidade de discursos. Esta perspectiva de análise permite verificar como as coerções genéricas e situacionais atuam, regulamentam e modificam a articulação do discurso na esfera escolar. Essas coerções funcionam como um mecanismo de formatação ou homogeneização textual. Tais imposições não alteram somente as conexões da macroestrutura, mas também a organização da microestrutura textual, principalmente, no que diz respeito aos mecanismos linguístico-discursivos empregados e ao próprio nível de linguagem utilizado pelo enunciador.

### **3 Sobre a microestrutura textual**

Conforme exposto anteriormente, a análise desenvolvida nesta pesquisa privilegia duas dimensões textuais: uma dimensão que compreende os elementos gerais do texto ou sua macroestrutura; e outra que trata dos elementos específicos, quer dizer, da microestrutura textual. Essa segmentação, metodologicamente, facilita o trabalho de pesquisa. No entanto, nem sempre essa divisão acontece de forma homogênea. Na prática, o texto não se apresenta fragmentado, pelo contrário, ele é um todo coerente e coeso. Por isso, a análise desenvolvida na seção anterior antecipou algumas pistas sobre a organização da microestrutura textual. Na verdade, estas duas dimensões textuais (macro e microestrutura) constituem-se reciprocamente e uma não se concebe sem a outra.

Investigar a microestrutura textual significa descrever e analisar os meandros do texto. Em outras palavras, significa estudar os componentes específicos que



Argumentos baseados na autoridade	---	---	---	---	---	---	3 (18,25%)	4 (25%)
	(0%)	(0%)	(0%)	(0%)	(0%)	(0%)		

### 3.1.1 Os argumentos em língua portuguesa

Nas redações de língua portuguesa, notou-se que os argumentos utilizados alternaram-se entre cinco opções distintas, sendo que quatro delas foram empregadas em todos os textos com percentuais variáveis: os argumentos fundados na doxologia, os argumentos pelo afeto, os argumentos pragmáticos, os argumentos pelo exemplo e os argumentos fundados na divisão do todo em partes. As análises indicaram ainda que a seleção dos tipos de argumentos pode estar relacionada também com a proposta temática estabelecida pelo professor. O tema de redação parece ter funcionado, em alguns casos, como um mecanismo de coerção à tipologia de argumentos, pois, de certa forma, ele direcionou o aluno a utilizar determinados argumentos. Isso aconteceu, possivelmente, porque o professor precisava avaliar o modo como os alunos empregavam, na prática, os diferentes argumentos que estavam sendo trabalhados em sala de aula. Por isso e para isso, o professor utilizou como proposta de redação um assunto que já indicava uma determinada linha argumentativa a ser seguida e conseqüentemente tipos de argumentos quase pré-estabelecidos.

Os argumentos fundados na doxologia aparecem como o recurso mais utilizado pelos alunos. Ao amparar sua argumentação na *doxa*, o aluno-enunciador recorre ao senso comum de uma coletividade para fundamentar o seu dizer. Se há um conjunto de valores e de crenças que circula por toda a sociedade e que, supostamente, é aceito por ela, possivelmente, o enunciatário compartilha das mesmas ideias e das mesmas visões de mundo que compõem essa *doxa*. Recorrendo a esse tipo de argumento, o enunciador isenta-se da responsabilidade pelo dito e ainda aumenta as possibilidades de conquistar a adesão do enunciatário. Para ilustrar o modo como os argumentos fundados na doxologia configuram-se na superfície textual, apontam-se alguns exemplos:

PLPM(A)2: os telejornais estão tornando-se muito sensacionalistas, é o que pensam muitos telespectadores das classes mais altas da população. Já jornalistas e seus diretores dizem que essa é a pura realidade brasileira e que eles tem o dever de informar. (l. 5-8)

PLPM(A)6: Hoje em dia, as tragédias são as notícias mais procuradas, pois a intenção dos telejornais é de emocionar as pessoas que estão assistindo, porque assim essas acordam para a vida e ajudam a tentar melhorar o mundo. (l. 3-5)

PLPM(B)8: Já não é mais novidade que o brasileiro, em geral, não está acostumado a seguir regras e respeitar leis. O próprio sistema de fiscalização precário permite que isto aconteça. Sonegação, contrabando, tráfico, policiais mal-pagos e mal-instruídos, envolvimento político; o próprio Estado não dá condições para que o povo respeite e confie no sistema aplicado. (l. 4-8)

PLPM(B)12: O Brasil tem uma das maiores taxas de infração no trânsito em todo o mundo. Essa situação é agravada pela impunidade que reina soberana no país e faz com que o infrator cultive cada vez mais a irresponsabilidade e a desobediência às regras. O novo código apresenta medidas que prometem sanar esse problema, como o aumento significativo das multas, punindo o transgressor onde mais lhe dói: no bolso. Em meio à difícil condição financeira em que nos encontramos, ele não continuará a desafiar a legislação sabendo que o código será penoso. (l. 5-12)

PLPV(A)10: A desigualdade social é uma das características mais presentes na sociedade brasileira atualmente. Difícil seria achar a sua causa que hoje causa a separação da população por ordem social. A classe mais alta, que vive em “seu próprio mundo” longe da pobreza, violência, do sofrimento do dia à dia provavelmente não faz nem ideia do que se passa com mais de 80% da população em volta dela. Ai está um problema: talvez todos soubessem que o Brasil inteiro não vive nas mesmas condições que estas classes mais altas. Um sofrimento mais solidário poderia existir dentro de cada um de nós. Até que isso aconteça, vai continuar existindo essa segregação dos ricos e o esquecimento dos mais pobres, estes primeiros são então ignorantes até mesmo às vezes arrogantes e intolerantes. (l. 6-15)

PLPV(A)11: O Brasil é um país emergente, sendo considerado uma das próximas potências mundiais, há a maior desigualdade de renda do mundo. É vergonhoso. Desde o começo do nosso período democrático se considera que se deve aumentar a produção (PIB) para depois dividi-la melhor. Agora somos a 13ª economia mundial e ainda temos milhões de brasileiros vivendo ainda abaixo da linha da pobreza. (l. 5-9)

PLPV(B)4: o costume de ler contribui para o aumento de nosso vocabulário, ou seja, do conhecimento das palavras (tanto da sua ortografia como do seu significado). Assim, a leitura pode auxiliar na melhoria de nossa escrita, já que, graças a ela, descobrimos novas palavras. (l. 4-7)

PLPV(B)5: Quando dizemos que as pessoas de hoje em dia não lêem mais como antigamente, estamos fazendo uma falsa afirmação. Afinal, si a leitura não é somente ler livros, textos, frases ou palavras; observar as imagens, as paisagens, os “outdoors”, tudo que está à nossa volta também é uma leitura pois decodificamos símbolos, sinais e códigos. (l. 15-19)

Outro argumento que ocupou um lugar de destaque nos textos investigados foi o argumento pragmático. De acordo com as análises, esse tipo de mecanismo argumentativo ocupou o segundo lugar na preferência dos alunos. Essa preferência pode ser justificada pelo fato de que o argumento pragmático parece não apresentar grandes dificuldades de utilização. Isso acontece porque, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 303), ele “permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis. Esse argumento desempenha um papel a tal ponto essencial na argumentação que certos autores quiseram ver nele o esquema único da lógica dos juízos de valor”. Em outras palavras, o emprego desse tipo de argumento “tem uma importância direta para a

ação. Ele não requer, para ser aceito pelo senso comum, nenhuma justificção” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 303). Os exemplos abaixo ilustram o modo como esse argumento é expresso nos textos que compõem o *corpus* deste estudo:

PLPM(A)8: Nos dias de hoje, os noticiários ao mesmo tempo que informam, são sentimentalistas, fazendo com que algumas pessoas se dirijam a tal canal, proporcionando maior audiência sensacionalista. As pessoas que gostam desse tipo de noticiário sensacionalista, que mostra, choca e emociona parecem ser na maioria pessoas ignorantes, sem estudo e sem opinião formada. (l.3-8)

PLPM(A)22: A qualidade dos noticiários do país vêm caindo diariamente, principalmente com a busca da audiência. O sensacionalismo é uma das armas que os programas têm para atingir essa sonhada audiência. Alguns especialistas aprovam esse método pois acreditam que o povo gosta disso. Mas a grande maioria rejeita o sensacionalismo e a busca pela audiência. (l. 4-8)

PLPM(B)1: A população reclama que não houve uma boa divulgação das leis, mas a maioria delas já deveriam ser respeitadas mesmo antes do novo código, por uma questão de civilidade e segurança. Mas parece que a população só aprende com repressão. Ocorre também um grande absurdo, sendo que o governo se aproveita da situação para sair distribuindo multas, elaborando-as, como se fosse uma indústria. O correto seria educar a população para depois multar. (l. 10-15)

PLPM(B)11: O código é universal mas no Brasil, quase todas as infrações, muitas vezes, eram deixadas de lado ou resolvidas com um pequeno pagamento aos guardas. Porém isso está para acabar. Já que os castigos atingirão não só o bolso do motorista como também a sua licença para dirigir. Ele passará a perder pontos por cada deslize cometido. (l. 8-12)

PLPV(A)1: O único meio tido pelos pobres como sobrevivência é o tráfico de drogas que acaba por favorece-los tendo o cliente na mão. Muitas vezes, acabam por assaltar pessoas, sequestra-las e as vezes até matá-las. Tudo isso por dinheiro. Depois as pessoas pobres acabam por tornarem-se marginais, começam a seguir pessoas que se vestem bem, invadir a casa do indivíduo e pegar os utensílios de valor. (l. 14-19)

PLPV(A)10: A desigualdade social é uma das características mais presentes na sociedade brasileira atualmente. Difícil seria achar a sua causa que hoje causa a separação da população por ordem social. A classe mais alta, que vive em “seu próprio mundo” longe da pobreza, violência, do sofrimento do dia à dia provavelmente não faz nem ideia do que se passa com mais de 80% da população em volta dela. Ai está um problema: talvez todos soubessem que o Brasil inteiro não vive nas mesmas condições que estas classes mais altas. Um sofrimento mais solidário poderia existir dentro de cada um de nós. Até que isso aconteça, vai continuar existindo essa segregação dos ricos e o esquecimento dos mais pobres, estes primeiros são então ignorantes até mesmo às vezes arrogantes e intolerantes. (l. 6-15)

PLPV(B)8: Quando vamos à uma palestra, ao dentista, à praia, ao campo ou a qualquer outro lugar, conhecemos um novo lugar que mostra diversas características que podem evocar vários tipos de sensações e sentimentos. Quando jogamos futebol, quando andamos na rua, quando cozinhamos um novo prato de comida, ou até quando assistimos a um filme, estamos na realidade adquirindo mais experiência e crescendo. Ir a algum lugar ou fazer alguma coisa é o mesmo que ler um livro, pois lendo, viajamos para qualquer lugar, conhecendo diferentes tipos de cultura ou sociedade; tudo isso através de um livro. Por isso ler é, de certa maneira, vivenciar, então, se transformar. (l. 13-20)

PLPV(B)14: A leitura tem um poder de transformação muito maior do que qualquer outro tipo de meio de comunicação, de expressão, não contestável, original, inalterável. Isso acontece porque ao escrever você tem uma prova do que passa ao contrário de passar verbalmente um ensinamento, que ao longo dos tempos vai sendo alterado. O que quero dizer com isso é que como o que está escrito não pode ser modificado, e que permanece o mesmo ao longo dos anos, das épocas. Ou seja, com isso a transformação da sociedade, da política ou da economia pode ser realizada. (l. 23-29)



Os argumentos pelo exemplo também apareceram entre aqueles mais empregados nas produções em língua portuguesa. Observa-se que, na ordem de preferência, esse tipo de argumento ocupou a terceira posição. A argumentação pelo exemplo tem sido utilizada na produção de diferentes discursos. Assim como acontece com os argumentos pragmáticos, ela também não apresenta dificuldades de formulação para o enunciador, já que, na produção de discursos orais, recorre-se com frequência a esse tipo de argumento para dar credibilidade ao conteúdo enunciado. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 399), a argumentação pelo exemplo “implica, uma vez que se recorre a ela, um certo desacordo acerca da regra particular que o exemplo é chamado a fundamentar, mas essa argumentação supõe um acordo prévio sobre a própria possibilidade de uma generalização a partir dos casos particulares”. Nesse sentido, entende-se que a argumentação pelo exemplo é empregada de forma recorrente porque o exemplo possibilita formular generalizações e fazer inferências sobre o assunto de que trata o texto. Conforme se destacou acima, esse tipo de argumentação foi muito empregada nos textos analisados. Acompanhe alguns exemplos:

PLPM(A)2: Ainda há alguns exemplos de telejornais que, apesar de um pouco influenciados, tem uma reportagem séria e objetiva como o “jornal nacional”. Porém, muitos deles como o “cidade alerta”, são totalmente sensacionalistas. Esse último tipo de jornal atrai muito mais a parte mais pobre da sociedade que os assistem dando uma alta audiência para esses programas televisivos que somente emocionam, porém quase não informam. (l. 9-14)

PLPM(A)12: Bons exemplos são o jornal nacional que, frequentemente, expõe reencontros e desencontros de mães e filhos, bem como o Cidade Alerta que mostra mortos e seus entes aos prantos. É o sensacionalismo, no qual o noticiário não noticia, mas procura cativar o público com tristezas nos acontecimentos (muitas vezes, distorcendo alegrias alheias). (l. 8-12)

PLPM(B)5: Agora que não é mais novidade e que já foram consertadas suas falhas, como, por exemplo, a multa para pedestres, as pessoas perceberam que o novo código não é brincadeira e começaram a tomar mais cuidado ao volante, já que as multas estão muito pesadas. (l. 10-13)

PLPM(B)10: A opinião popular porém, está dividida: o que para alguns parece uma melhoria óbvia, para outros mostra o abuso do governo para com os cidadãos. Ambos têm pontos a seu favor, o trânsito já estava se tornando caótico, era preciso que as autoridades intervissem com mais poder, já que não seria justo que um motorista que dirige alcoolizado, por exemplo, reclame seus direitos ao sofrer um acidente, e saia impune. (l. 4-9)

PLPV(A)4: Todas essas desigualdades implicam problemas na vida cotidiana. Sem ter o que comer, aonde morar, entre outras coisas, muitas pessoas decidem se envolver com a violência, o crime. Com isso, se instala um clima de medo, insegurança, por parte da população em geral. Todos esses fatores agravam ainda mais a situação social de um país. Situação que já faz parte da realidade dos brasileiros há um bom tempo. (l. 10-15)

PLPV(A)7: Mas também interveio a corrupção. Alguns pagam, outros roubam. A corrupção explica muitas vezes as grandes fortunas. E ficam impunes. Exemplo de Maluf: rouba milhões e não é preso. Além da fraqueza da lei existem o desrespeito, o individualismo, o ricos desprezam ou

ignoram os pobres. O capitalismo também causa em parte as desigualdades, exatamente como o tamanho do território, que torna mais difícil a administração. (l. 14-19)

PLPV(B)2: A leitura não é somente ler um livro, é uma coisa muito importante. Ela nos permite por exemplo de entrar em outro mundo, de viajar, em mediação dos livros. Esse viagem nos permite de ver os fatos, as ações, os lugares sem ter que se mexer. Nós também podemos fazer nossa opinião, para apreender. (l. 6-9)

PLPV(B)5: Cada leitor tem sua maneira de interpretar um texto. Nesse caso muitos aspectos devem ser levados em consideração, por exemplo, um leitor de dezesseis anos não terá o mesmo entendimento de um texto que um leitor de quarenta, pois os mesmos possuem pontos de vistas distintos, devido às suas idades, cada um possui uma concepção diferente do mundo e assim suas interpretações podem diferir uma da outra. (l. 20-25)

O argumento pelo afeto também pode ser apontado como uma alternativa empregada em proporções razoáveis nos textos de língua portuguesa. Conforme assinala na exposição dos pressupostos metodológicos, essa designação tipológica não aparece na obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002). Apesar de não fazerem nenhuma referência ao argumento pelo afeto, os autores chamam a atenção para um elemento que parece atuar paralelamente à tipologia de argumentos proposta neste estudo: refiro-me aqui à noção de *pathos*, que está diretamente relacionada às emoções e, conseqüentemente, à questão do afeto. À medida que se lança um argumento pelo afeto para conquistar a confiança e a benevolência do enunciatário, pretende-se tocar suas emoções para persuadi-lo. Apresentando-se como um recurso argumentativo muito comum nos textos de publicidade e propaganda, a argumentação pelo afeto costuma se configurar através de contextualizações e de aproximações temáticas e cronológicas. Aproximando-se o discurso do enunciatário, pode-se despertar seu interesse e cativar sua atenção. Na superfície discursivo-textual, a argumentação pelo afeto costuma ser enunciada por meio de expressões rotineiras, como, por exemplo, “nos dias de hoje”, “atualmente”, “hoje em dia”, “no mundo atual”, “em nosso país” e outras, como mostram os fragmentos abaixo.

PLPM(A)10: Atualmente tudo mudou. A televisão está deixando de ser educativa como era no passado e está tornando-se apelativa como pode se ver principalmente no período noturno. A opinião dos telespectadores parece que não é levada em conta, pois o que prevalece na maioria dos programas televisivos é a importância do ibope. (l. 5-8)

PLPM(B)19: O problema da violência no trânsito é o reflexo da atual sociedade, sem saúde, alimentação e principalmente educação. Liquidar esse problema implica resolver todos os outros, fazendo com que pessoas adquiram mais respeito por si mesmas e pelas outras, o que levaria anos, talvez décadas, séculos e muita boa vontade das autoridades que preferem arrastar essas questões fingindo chegar a uma solução definitiva para tal problema, sem acabar de vez com esse ciclo em que estamos todos envolvidos. (l. 7-12)

PLPV(A)8: No Brasil, que é um país subdesenvolvido se pode ver o contraste rico-pobre em qualquer cidade em qualquer lugar. Na rua se vê mendigos dormindo no chão e por “sorte” as vezes não morrem durante a noite de frio. Existe alguma pessoa que quando vê eles não sente piedade? Todo mundo que tem um pouco de bondade vai ter. Mas nunca se viu alguém ir ver esses mendigos para propor uma noite numa cama decente e um banho quente. Medo de ser roubado? De ele ser drogado? De ter doenças? As pessoas não são mais solidárias e sempre vai existir um preconceito muito grande com as pessoas consideradas “inferiores”. Esse contraste também pode se ver com as mansões e as favelas. Por exemplo, no bairro Morumbi se vê grande casas que custam milhões e do lado uma enorme favela. (l. 6-15)

PLPV(B)9: Qual é a importância da leitura? Por que o mundo preocupa-se tanto com analfabetismo? Nos dias de hoje tudo está relacionado à leitura. Um homem que é analfabeto acaba não tendo acesso à inúmeros direitos por não saber escrever nem mesmo seu próprio nome ou ler avisos nas ruas. A vida exige cada vez mais de nós mesmos, e a base esta na leitura. Que seja um jornal para as notícias, uma propaganda pra um serviço, um livro para uma história. A leitura prevalece sendo o meio de comunicação mais eficaz mesmo depois do desenvolvimento de outros meios de comunicação. A necessidade de manter-se informado tornou-se essencial para ter um conhecimento do mundo. O que é a leitura? A leitura é ato, arte ou hábito de ler. Por meio dela acontece a transmissão de ideias, pensamentos, informações... (l. 6-15)

Com esses exemplos, tem-se uma pequena amostra dos argumentos mais utilizados e do modo como eles foram expressos em cada texto. Completando a tipologia de argumentos observados no *corpus* de língua portuguesa, há ainda os argumentos de divisão do todo em partes, que apareceram em alguns textos, em proporções menores. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 265), “a concepção do todo como a soma de suas partes serve de fundamento para uma série de argumentos que podemos qualificar de argumentos de *divisão* ou de *partição*, tal como o entimema de Aristóteles”. Em relação aos argumentos que se embasam na divisão do todo em partes, os autores ressaltam que essas partes devem poder ser relacionadas exaustivamente, e que sua escolha pode se estabelecer de modo variado, “contanto que sejam suscetíveis, mediante a adição, de reconstituir um conjunto dado” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 265). Entende-se assim, segundo os autores, que todos os argumentos por divisão implicam relações entre partes cuja soma seja capaz de restabelecer o conjunto. Observe alguns exemplos:

PLPM(B)10: A opinião popular porém, está dividida: o que para alguns parece uma melhoria óbvia, para outros mostra o abuso do governo para com os cidadãos. Ambos têm pontos a seu favor, o trânsito já estava se tornando caótico, era preciso que as autoridades intervissem com mais poder, já que não seria justo que um motorista que dirige alcoolizado, por exemplo, reclame seus direitos ao sofrer um acidente, e saia impune. (l. 4-9)

PLPV(A)14: Podemos ver a realidade social no Brasil pois temos duas grandes classes sociais muito distintas : a classe pobre e a classe rica. A única coisa que as diferencia é o dinheiro e a educação pois todo homem é igual “só muda o endereço”, esta frase popular todo mundo usa, só que ninguém leva em conta o seu significado. (l. 1-4)

PLPV(B)10: Essa habilidade adquirida pelos livros é essencial para a compreensão de nossa cultura e de nossa história. Esse assunto será estudado em pontos de vista: o primeiro sendo o livro numa ótica de transmissão de ideias e o segundo sendo sobre o livro como transmissão de experiências. (l. 3-6)

É possível perceber que, nesse conjunto de textos, os argumentos utilizados para fundamentar as teses defendidas não variaram muito. No total, foram empregados cinco argumentos distintos que se alternaram na preferência dos alunos. A descrição e a exemplificação desses argumentos e de sua utilização mostraram que, em muitos casos, eles interpenetram-se e complementam-se reciprocamente.

Conforme já mencionado, além de fornecer subsídios para investigar a organização retórica do texto, a análise da tipologia de argumentos fornece pistas importantes sobre a construção e a apresentação do *ethos* do enunciador escolar. No caso dos textos em língua portuguesa, os altos índices de emprego de argumentos fundados na doxologia, de argumentos pragmáticos e de argumentos pelo exemplo apontam para a construção de um *ethos* que pretende se mascarar ou se esconder atrás de uma coletividade indeterminada. Desse modo, o enunciador se isenta da responsabilidade pelo que está sendo enunciado e, ao mesmo tempo, aproxima-se do seu enunciatário que, supostamente, deve ter as mesmas crenças, as mesmas visões de mundo e os mesmos valores dessa coletividade que, implicitamente, se faz presente no discurso. Assim, pela seleção dos argumentos realizada pelos enunciadores de língua portuguesa, nota-se que, nesses textos, a construção e a apresentação do *ethos* está amparada no senso comum, ou seja, em um conjunto de estereótipos fundamentados no *querer/dever parecer ser*, que circulam e que são aceitos pela sociedade. Ao construir uma imagem estereotipada de si mesmo, o enunciador se insere nessa coletividade indeterminada e se mescla a ela. À medida que se isenta das responsabilidades pelo dito, também se apaga das instâncias discursivas. Assim, seu discurso deixa de ser individual e passa a ser coletivo.

### 3.1.2 Os argumentos em língua francesa

Os textos produzidos em língua francesa apresentaram uma tipologia de argumentos numericamente superior àquela observada no *corpus* de língua portuguesa. No total, foram empregados sete tipos de argumentos distintos, dos quais quatro estiveram presentes em todos os textos com percentuais variáveis e expressivos<sup>175</sup>. A ordem de apresentação desses argumentos orienta-se aqui pela preferência de sua utilização nas produções investigadas: argumentos fundados na doxologia, argumentos pelo exemplo e argumentos pragmáticos. Também ocupando uma posição de destaque nos textos analisados, apesar de terem sido observados em apenas três amostras, encontram-se o argumento pelo afeto e o argumento da divisão do todo em partes. Para completar a tipologia de argumentos, devem-se referir ainda os argumentos de comparação e os argumentos de autoridade, que foram observados em alguns textos em proporções menores.

Assim como aconteceu nas amostras de língua portuguesa, aqui também as análises revelaram que, em algumas amostras, a seleção de argumentos pareceu estar relacionada com a temática proposta pelo professor. Esse é o caso, por exemplo, das amostras FLPM (A) e FLPM (B): na primeira, trabalhou-se com a proposta “*Êtes-vous pour ou contre l’avortement?*”, que pode ter influenciado a organização de argumentados quase-lógicos, fundados em estruturas matemáticas que, na superfície textual, foram configurados na divisão do todo em partes (contra e/ou a favor); na segunda, discorreu-se sobre o tema “*La violence dans les grandes ville*”, que parece ter direcionado a utilização de argumentos baseados na estrutura do real, em que se priorizaram ligações de sucessão mediante a exposição de argumentos pragmáticos (causas e consequências). Nesses dois casos, o tema da redação pode ter funcionado como um mecanismo de coerção à tipologia de argumentos.

Nesse conjunto de textos, as análises mostraram que novamente os argumentos fundados na doxologia destacaram-se como os mais empregados. Apesar de essa tipologia não ser encontrada na proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), os autores não deixam de chamar a atenção para a importância da *doxa* para o desenvolvimento de discursos argumentativos. Fundamentar a

---

<sup>175</sup> Confira a Tabela 13, apresentada no tópico 2.4.

argumentação na *doxa* significa situar-se no espaço do plausível tal como o apreende o senso comum e apoiar-se no já dito, ou melhor, num conjunto de crenças, valores e visões de mundo que circulam pela sociedade e cuja verdade é incerta, mas tacitamente aceita. Na superfície textual, esse tipo de argumento pode se apresentar de formas diversas, como indicam os exemplos abaixo:

FLPM(A)20: *Mais on ne peut oublié qui accepter, ce comme tirer une vie, c'est peché devant la bible. Les aspects morales, psychologiques, légale sont très importants dans cette question. Cet procedement peut résulter en psychose.* (l. 6-8)

FLPM(B)22: *En grande part des fois, les personnes volent parce qu'ils n'ont pas ce que manger. Il y a un million de chomeur, ce n'est pas la principal cause de la violence urbaine. Sans emploi, les personnes n'ont pas d'argent pour acheter ses choses en faisant la economie du pays arreter. Avec moins emploi et prix plus cher les personnes volent assassiant e font tous le types de violence pour vivre.* (l. 4-8)

FLPV(A)13: *Maintenant, il y a questions possibles : "à quoi sert-il la poésie ?" et "pourquoi continuera-t-elle à exister ?" Pour la première question, on peut tout simplement dire que la poésie est essentielle à l'homme et il a besoin d'elle. Avec une poésie on transmet des sentiments. Ceux-ci sont éprouvées par les personnage qui être ou pas le narrateur ou quelqu'un. Mais même en expriment des sentiments (ou pas) le poète exprime des idées à travers son oeuvre. Et cela, c'est l'esprit de l'écriture et de la lecture : diffuser des idées. Se sont avec de nouvelles idées qu'on renouvelle l'esprit ainsi que les pensées. Car c'est pas de nouvelles idées diffusées qu'on en gangne de la culture, et c'est seulement avec la culture qu'on peut atteindre notre liberté mentale, spirituel et parfois physique. C'est que en ayant de la culture à travers des nouvelles idées qu'on peut faire avancée notre société, nos environnements et nous-même.* (l. 13-21)

FLPV(B)1: *Les sociétés de Balzac et Zola sont distantes d'une cinquantaine d'années, elles ont toute le deux leurs différences. Mais c'est surtout la manière de voir cette société et les personnages qui em font partie qui est différente. La peinture de la société qui paraît la plus intéressante est celle de Zola. Balzac nous présente une société commendée par l'argent, ou tout ce qui compte c'est l'ambition, c'est arriver à devenir riche et à commander. Les personnes les meilleures se laissent pourrir par la société, ou alors elles meurent pauvres et tristes. On a l'impression qu'il n'y a pas d'espoir.* (l. 50-55)

Outro recurso muito aplicado nas produções em língua francesa é a argumentação pelo exemplo. Esse tipo de argumento possibilita a formulação de inferências e generalizações sobre o assunto tratado no texto. A argumentação pelo exemplo é um recurso frequentemente utilizado nas produções dissertativo-argumentativas. Pode-se dizer que ela faz parte do cotidiano dos alunos, afinal, é comum recorrer-se aos exemplos para embasar os discursos persuasivos do dia-a-dia. Acompanhe alguns exemplos:

FLPM(A)15: *Il y a plusieurs facteurs qui interviennent dans la difficile décision d'opter pour l'avortement volontaire. La violence sexuelle, par exemple, est l'un des principaux facteurs en considerant que parfois la fillette ou la femme qui a été victime entre dans un profond état de choc; il y a aussi le mauvais fonctionnement des médicaments contraceptives que parfois apportent une grossesse pas prévu dans la planification volontaire.* (l. 3-8)

FLPM(B)7: *La situation économique du Brésil aussi n'aide pas beaucoup. En São Paulo, par exemple, il y a trop de personnes que viennent pour ici pour tenter la grande chance mais dans la majorité du jours ils ont que habiter dans le rue et voler pour survenir. Dans le Brésil il n'y a pas du controle des armes du feu, alors personne sache qui a des armes. La police seul age quand quelque chose arrive de très mauvaises. (l. 3-7)*

FLPV(A)1: *À mon avis le fait d'écrire de la poésie nous permet de transmettre nos sentiments aux lecteurs; et le fait de lire de la poésie nous permet d'être dans la peau de l'écrivain et de ressentir ses sentiments. Par exemple en lisant le poème "Demain dès l'aube" de Victor Hugo nous ressentons une mélancolie et une tristesse terrible dans le coeur du poète, le poème parle de la fille de Victor Hugo qui est morte. La poésie a souvent été écrite comme une déclaration d'amour d'un homme à une femme; ou des fois seulement une reconnaissance de l'amour d'un homme pour une femme. (l. 10-15)*

FLPV(B)6: *L'importance de Zola est telle que lors de sa mort, l'on criait le mot "Germinal" en allusion au livre écrit par cet homme et qui a marqué la société pour son contenu fortement acusateur des compagnies de mines et de toutes les compagnies qui obligent les hommes à travailler comme des bêtes sans avoir le droit de lever la voix pour protester. Ces idées persistent jusqu'à aujourd'hui avec par exemple l'existence de droit du travail ou des syndicaux déjà existant à l'époque auxquels Zola a donné de l'importance. Toutes ces raisons font que je préfère la vision de la société d'Émile Zola. (l. 74-80)*

Os argumentos pragmáticos também fizeram-se presentes nas produções de língua francesa. Em todos os textos, a utilização desse recurso alcançou percentuais expressivos (confira a Tabela 13). Para exemplificar, apresentam-se, na sequência, alguns fragmentos retirados dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa:

FLPM(A)22: *Les méthodes contraceptif sont manières très utilisée pour éviter une grossesse indesejé. Mais dans le cas d'une violence sexuel ou d'une adolescent qui n'a pas aucune condition de sustenter une enfant. Les consequences d'une grossesse indesejé peut-être sont piere qui les d'une interruption de gorssesse, mais cette ne sont pas bonne. Il y a des cas où les personnes pourraient éviter et non faisaient rien, en cette situation le crime ne peut pas existe et la responsabilité doit être assumé. (l. 4-9)*

FLPM(B)5: *La violence dans les grandes villes est plus grand à chaque jour. Cette violence est surtout pratiqué pour la population la plus pauvres. Genralement la population migre de une petite ville pour les grandes villes, causant une grande agglomeration de misère car ils n'encontrent pas travail. La situation économique du pays ne c'est pas bonne, personne a d'argent pour employer plus gens. Outre cause de la violence est las drogues. Les gens armes volent pour acheter plus drogues. (l. 1-5)*

FLPV(A)12: *Un autre aspect très important de la poésie est qu'il condense les idées plus facilment. Donc la poésie est comme un arbre qui exprime les mêmes idées que la prose en une forêt. Mais la poésie est bien plus dificile d'écrire qu'un texte en prose. Oui, seulement que lorsqu'on arrive à écrire la poésie nos textes seront bien plus inutiles en nombre d'idées que nos poésies. Dans ce aspect de condenser les idées vient le fait qu'une poésie exprime bien plus de sentiments qu'un texte en prose. La pensée lorsque bien écrite chaque mot peut avoir un sens plus specifique pour exprimer un sentiment précis lorsque le texte en prose n'a pas cette caractéristique. Cette facilité d'exprimer les sentiments entraîne la plus importante caractéristique de la poésie, sa facilité de convaincre. Lorsque'on touche les sentiments d'une personne on peut la convaincre plus facilment. (l. 13-20)*

FLPV(B)14: *Pendant que Balzac s'intéresse surtout sur l'individu, l'unité de la sociétés ses motivations et l'infulence du groupe et du milieu social sur lui et ses actions, Zola fait l'inverse. Celui-ci se centre plus sur le groupe, la force de l'union du groupe et l'influence de l'individu sur son milieu social. Les deux mots clés de Balzac et les deux atres de Zola se complètent et, il paraît, expliquent parfaitement les bases de la société du XIX<sup>ème</sup> siècle et son évolution. Balzac aime bien les champs et les contextes pathétiques ou tristes et porte un regard négatif envers la société et l'être humain. Zola a une vision plutôt positive, tout en reconnaissant les défauts de notre espèce. Les deux*

*écrivains sont contre la montée du pouvoir de l'argent et le fait d'exister une classe sociale dominante (la bourgeoisie). (l. 9-15)*

Além dos argumentos descritos acima, há ainda aqueles que foram empregados em proporções menores. Entre eles, podem se citar os argumentos pelo afeto, os argumentos fundados na divisão do todo em partes, os argumentos de autoridade e os argumentos de comparação.

Diferentemente do que aconteceu no *corpus* de língua portuguesa, em língua francesa, os argumentos pelo afeto não foram aplicados em todas as amostras. Isso pode ter acontecido em função das propostas temáticas que, em alguns casos, ao beneficiar determinados argumentos, naturalmente, restringiram o emprego de outros. Dentre as amostras em que se verificou a presença desse argumento, destacam-se os seguintes exemplos:

FLPM(A)2: *L'avortement est un problème qui cause une grande discussion dans le monde. Comment peut-on tuer un petit être vivant? Mais peut-on le considérer un petit être vivant? Personne ne sait bien encore, il y a des pour et des contre. On n'a pas le droit de tuer quelqu'un même s'il n'est pas entre nous encore. L'avortement a beaucoup de danger, la femme par exemple peut rester stérile et avoir beaucoup de complications dans le futur. (l. 1-6)*

FLPM(B)13: *De plus en plus la violence dans les grandes villes et dans les petites aussi est en train de grandir. Ça arrive plus aux pays du tiers monde, comme le Brésil par exemple. Dans ces pays moins riches et développés, le chômage, l'analphabétisme, la mortalité infantile, les hôpitaux et les conditions de vie précaires sont plus accentués. Alors, tristement, ces pauvres personnes restent agressives, de telle sorte, qu'ils commencent à voler et à tuer pour survivre. (l. 1-13)*

FLPV(A)11: *Pourquoi a-t-on recouru à la poésie lorsque l'on est malheureux? Aujourd'hui nous pouvons nous poser cette question en constatant que, en générale, les œuvres écrites antérieurement ont été élaborées lorsque le poète exprime un sentiment très fort. (...) Le poème est donc écrit par les yeux d'un malheureux, d'un amoureux, entre autre et présente donc les caractéristiques de l'écrivain. On peut donc affirmer que le recouru à la poésie est pratiquement un réflexe de l'homme lorsqu'il éprouve un sentiment très intense. La poésie transmet donc toujours une idée ou même un sentiment. La poésie est sans doute un moyen très efficace pour la compréhension morale de l'écrivain. (l. 11-19)*

Das quatro amostras que compõem o *corpus* de língua francesa, em três delas, identificou-se o uso de argumentos fundados na divisão do todo em partes para estruturar a argumentação e, desse modo, defender a tese apresentada no texto. Eis alguns exemplos:

FLPM(A)7: *L'avortement est un thème polémique. Beaucoup de personnes sont pour l'avortement: les petites filles mineures, les femmes qui ne veulent pas tenir plus d'un enfant etc. Des personnes qui sont contre: les médecins, les gens âgés, et plusieurs d'autres personnes. (l. 1-7)*

FLPM(B)12: *Les causes de ça sont la pauvreté et la mauvaise situation économique du pays. La première parce qu'une personne qui est pauvre nécessite s'alimenter et, comme elle n'a pas beaucoup*



*d'argent, elle ne peut pas acheter nourritire; ça lui méne voler. Mais ça ne survient pas seulement dans la partie de la nourritire. Ça arrive aussi quand un enfant voit un jouet et sa famille ne peut pas payer. Cet enfant commence à voler. Mais il y a des familles qui sont pauvres, mais elles sont honnêtes. La seconde parce que si la situation économique du pays n'est pas bonne, la pauvreté ira augmenter. La migration aussi est une cause. Si un criminel est cherché dans son état, il peut aller à un autre lieu et voler ou tuer. (l. 2-10)*

FLPV(B)5: *Dans les deux romans, Le Père Goriot (de Balzac) et Germinal (d'Émile Zola), les auteurs cherchent à montrer la société de deux manières différentes. D'une côté Balzac montre le portrait d'une société à travers un individu. D'autre côté Émile Zola montre le portrait d'un individu à travers la société. (l. 1-4)*

Existem ainda determinados argumentos que se fundamentam no prestígio para sustentar a tese defendida pelo texto. Esse é o caso, por exemplo, dos argumentos de autoridade, que também foram observados no conjunto de textos em língua francesa. Nesse tipo de argumento, a palavra, o testemunho, os atos ou os juízos de uma pessoa servem como prova a favor de uma tese, desde que essa pessoa seja reconhecida como um homem de honra ou como uma autoridade no assunto. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 348), o argumento de autoridade é “de extrema importância e, embora sempre seja permitido, numa argumentação particular, contestar-lhe o valor, não se pode, sem mais, descartá-lo como irrelevante”. Os autores salientam que esse tipo de argumento ocupa um espaço considerável na argumentação e, na maioria das vezes, “o argumento de autoridade, em vez de constituir a única prova, vem completar uma rica argumentação” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 265), como mostram alguns exemplos retirados do *corpus*:

FLPV(A)7: *Ainsi, la poésie joint l'agréable à l'utile, et selon Boileau (qui d'ailleurs enseigne par des poèmes didactiques, ce qui démontre l'utilité de la poésie, qui permet la diffusion des connaissances) un texte qui réunit les deux est un texte réussi. (l. 25-27)*

FLPV(B)7: *Balzac nous fait découvrir un monde : celui du pouvoir. Au contraire, Zola nous fait apercevoir celui des oubliés, des ouvriers. On peut parler de visions antagonistes. Balzac était réaliste, et Zola naturaliste. Le réalisme, selon Maupassant, c'est "Donner l'illusion de réalité" (Préface de Pierre et Jean). Le naturalisme, c'est dépeindre le monde tel qu'il est. (l. 30-31)*

Outro recurso argumentativo empregado nos textos em língua francesa foi o argumento de comparação. A comparação aparece, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), como um recurso muito comum nas produções argumentativas. Por meio dela é possível cotejar vários aspectos de um objeto ou de uma situação a fim de avaliar um em relação ao outro. De um modo geral, esses argumentos são apresentados como “constatações de fato, enquanto a relação de igualdade ou de

desigualdade afirmada só constitui, em geral, uma pretensão do orador” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 275). É importante assinalar que a escolha dos termos de comparação adaptados ao auditório apresenta-se, segundo os autores, como um elemento essencial à eficácia desses argumentos (Perelman; Olbrechts-Tyteca (2002). Para exemplificar, apresentam-se, na sequência, alguns fragmentos retirados do *corpus*:

FLPV(B)9: *De plus, encore un point distingue Germinal du Père Goriot : la volonté de changement. Dans le roman de Balzac, le dénouement expose la volonté de Rastignac de réussir, en écartant ses sentiments. Il sait que la société est amoral et d'une certaine forme injuste (ce n'est pas forcément le mérite que définit la réussite). Mais il n'a pas du tout l'intention de changer quoique ce soit: il compte profiter de la société, il veut "en pomper le miel". Tous les individus, dans leurs rapports avec la société, sont motivés uniquement par l'intérêt et les passions. C'est un rapport force; c'est le combat qui caractérise ce monde du pouvoir. Il faut dévorer ou être dévoré; c'est la loi du plus fort. Cette vision est négative.* (l. 11-19)

FLPV(B)14: *Pendant que Balzac s'intéresse surtout sur l'individu, l'unité de la sociétés ses motivations et l'influence du groupe et du milieu social sur lui et ses actions, Zola fait l'inverse. Celui-ci se centre plus sur le groupe, la force de l'union du groupe et l'influence de l'individu sur son milieu social. Les deux mots clés de Balzac et les deux autres de Zola se complètent et, il paraît, expliquent parfaitement les bases de la société du XIX<sup>ème</sup> siècle et son évolution. Balzac aime bien les champs et les contextes pathétiques ou tristes et porte un regard négatif envers la société et l'être humain. Zola a une vision plutôt positive, tout en reconnaissant les défauts de notre espèce. Les deux écrivains sont contre la montée du pouvoir de l'argent et le fait d'exister une classe sociale dominante (la bourgeoisie).* (l. 8-14)

A partir da descrição dos diferentes tipos de argumentos, tem-se uma síntese da configuração (exposição e tipologia) argumentativa do *corpus* de língua francesa. Os exemplos apresentados ao longo desta seção mostraram que, no que concerne à exposição de argumentos e a sua tipologia, nem sempre se pode isolar totalmente um argumento. Isso acontece porque, na superfície textual, essas tipologias, muitas vezes, aparecem imbricadas e complementam-se umas às outras.

Observando-se a tipologia de argumentos empregada no *corpus* de língua francesa, percebe-se que, novamente, os argumentos fundados na doxologia, os argumentos pragmáticos e os argumentos pelo exemplo destacaram-se na preferência dos alunos. Ao utilizar-se desses tipos de argumentos, o enunciador embasa sua argumentação e sua apresentação de si em um conjunto de crenças, de conhecimentos, de fatos e verdades que circulam na sociedade como um senso comum. Desse modo, constrói-se um *ethos* compartilhado, isto é, um *ethos* que remete a uma coletividade não identificada. Esse *ethos* não representa, de forma autêntica, a imagem de um enunciador específico no momento da produção de seu discurso. Pelo contrário, ele representa uma imagem estereotipada desse

enunciador, imagem esta que está fundada naquilo que ele *quer* ou *deve parecer ser*. Este *querer/dever parecer ser* é determinado pelas coerções genéricas e situacionais que atuam diretamente no processo de produção discursiva. Dentre essas coerções, deve-se destacar a imagem do enunciatário que “constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador: não é a mesma coisa produzir um texto para um especialista ou para um leigo” (Fiorin, 2004, p. 135). Em outras palavras, o *ethos* do enunciador se configura e se constrói em função do seu enunciatário, ou seja, em função da imagem que o enunciador projeta do seu enunciatário.

Considerando o exposto, entende-se que o *ethos* dos enunciadores de língua francesa depreendido a partir da tipologia de argumentos é semelhante àquele verificado nas produções em língua portuguesa. Trata-se de um *ethos* que se mascara, se dilui e se protege por trás dessa coletividade cuja identidade não pode ser apreendida, pois remete, ao mesmo tempo, a todos e a ninguém especificamente.

### 3.2 Modalizações

A modalização pode ser descrita como um fenômeno da linguagem que possibilita ao enunciador inscrever-se nas instâncias do discurso e, principalmente, imprimir determinadas marcas no seu dizer. Essas marcas podem indicar, implícita ou explicitamente, as atitudes, as posições, as crenças e os valores do enunciador. Dito de outra forma, essas marcas indicam sua visão de mundo e seu ponto de vista em relação a si mesmo, ao seu enunciatário e, sobretudo, ao seu dizer (Charaudeau, 1992). Por essas razões, o estudo da modalização torna-se uma ferramenta importante para o desenvolvimento desta pesquisa.

As modalizações podem ser descritas como formas de apresentação e de expressão do pensamento que veiculam certezas, possibilidades, necessidades, afirmações e probabilidades, entre outras. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), os advérbios são normalmente aptos para veicular esse tipo de informação na superfície argumentativa, mas eles não são os únicos capazes de expressar essas modalizações. Segundo os autores, a argumentação tem o objetivo não apenas de especificar modalidades lógicas atribuídas às afirmações, mas

sobretudo de expor mecanismos que permitam expressar as variações de pensamento para, desse modo, obter a adesão do auditório (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002). Tais mecanismos são as modalizações.

Embasada teoricamente em Charaudeau (1992), observei que, dos três tipos de modalizações descritas pelo autor, duas delas foram encontradas no conjunto de textos que compõem o *corpus* desta pesquisa. São as modalizações do comportamento elocutivo e do delocutivo: as primeiras veiculam o ponto de vista do enunciador sobre o mundo, o que se deu através de diferentes mecanismos de modalização, como, por exemplo, modo de saber, avaliação e motivação; as segundas expressam a relação do enunciador com um terceiro (Charaudeau, 1992), o que, nos casos deste estudo, ocorreu prioritariamente através de asserções, conforme é possível verificar na tabela apresentada a seguir.

Tabela 14: Modalizações

Objetos de análise	PLPM		PLPV		FLPM		FLPV	
	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 20 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 22 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>								
<b>1.1 Modo de Saber</b>								
Constatação	22 (100%)	18 (90%)	13 (81,25%)	7 (43,75%)	17 (77,2%)	20 (90,9%)	13 (81,25%)	8 (50%)
Saber/Ignorância	---	2 (10%)	1 (6,25%)	---	1 (4,5%)	---	2 (12,5%)	1 (6,25%)
<b>1.2 Avaliação</b>								
Opinião	16 (72,7%)	16 (80%)	15 (93,75%)	11 (68,75%)	14 (63,6%)	21 (95,4%)	16 (100%)	16 (100%)
Apreciação	1 (4,5 %)	1 (5 %)	---	---	3 (13,6%)	5 (22,7%)	---	3 (18,25%)
<b>1.3 Motivação</b>								
Obrigação	6 (27,5%)	6 (30%)	3 (18,25%)	2 (12,5%)	7 (31,8%)	8 (36,6%)	8 (50%)	5 (31,5%)
Possibilidade	15 (68,1%)	16 (80%)	10 (62,5%)	16 (100%)	17 (77,2%)	13 (59%)	15 (93,75%)	9 (56,5%)
Querer	---	---	---	---	2 (9%)	2 (9%)	4 (25%)	7 (43,75%)
<b>1.4 Asserção</b>								
Evidência	20 (91 %)	19 (95%)	15 (93,75%)	14 (87,5%)	22 (100%)	22 (100%)	15 (93,75%)	10 (62,5%)
Probabilidade	16 (72,7%)	1 (5 %)	---	5 (31,5%)	3 (13,6%)	---	2 (12,5%)	4 (25%)

### 3.2.1 Modalizações em língua portuguesa

No *corpus* de língua portuguesa, verificou-se que modalizações pertencentes aos dois tipos de comportamento foram utilizadas. Algumas se destacaram na preferência dos alunos, conforme mostra a tabela exposta na seção precedente. No que concerne ao comportamento elocutivo, observou-se que as modalidades<sup>176</sup> de constatação, de opinião, de possibilidade e de obrigação foram empregadas em proporções maiores. Já em relação ao comportamento delocutivo, notou-se que as modalidades de evidência foram mais usadas. É preciso ressaltar que, neste trabalho, as modalidades são descritas seguindo a ordem de apresentação na tabela de análise do *corpus*, e não os índices de utilização observados nos textos.

Os mecanismos de modalização que expressam um modo de saber expõem o conhecimento do enunciador sobre o assunto abordado em seu texto e configuram-se através de modalidades de constatação e de saber/ignorância. Nas primeiras, as modalidades de constatação, o enunciador expressa o seu conhecimento a respeito de um fato ou de um acontecimento, sem, no entanto, emitir qualquer tipo de apreciação e/ou juízo de valor. De acordo com Charaudeau (1992), nesse caso, o enunciador reconhece a existência de um fato por meio de uma constatação, sem avaliá-lo: ele não julga, apenas constata. Observe alguns exemplos desse tipo de modalidade:

PLPM(A)5: fica bem claro que a única maneira de chamar a atenção dos telespectadores é a “violência televisada”. (l. 10-11)

PLPM(B)7: o número de acidentados no trânsito – motoristas, passageiros e pedestres – aumenta. (l. 1-2)

PLPV(A)15: O problema das desigualdades sociais também afeta o Brasil. (l. 1)

PLPV(B)9: É inimaginável o mundo de hoje sem a existência da leitura. (l. 36)

Nas segundas, as modalidades de saber/ignorância, o enunciador, tomando como base uma informação pressuposta, reconhece ou não sua existência. Se a informação é reconhecida, trata-se de uma modalidade de saber; se ela não é

---

<sup>176</sup> Neste trabalho, utilizo o termo modalização para designar a(s) atitude(s) do enunciador em relação ao seu próprio enunciado. Já o termo modalidade é empregado para designar as facetas “de um processo mais geral de modalização, de atribuição de modalidades ao enunciado, pelo qual o enunciador, em sua própria fala, exprime uma atitude em relação ao destinatário e ao conteúdo de seu enunciado” (Charaudeau; Maingueneau, 2004, p. 334).

reconhecida como existente, trata-se de uma modalidade de ignorância. Acompanhe, nos exemplos, os únicos fragmentos em que se verificou a utilização desse recurso como modalidade de saber.

PLPM(B)8: Já não é mais novidade que o brasileiro, em geral, não está acostumado a seguir regras e respeitar leis. (l. 4-5)

PLPM(B)13: Admite-se ainda a real existência ou não da infração. (l. 11)

PLPV(A)14: acredita-se que este comportamento é inadequado. (l. 19)

Nas modalizações que expressam avaliação, o enunciador apresenta julgamentos e juízos de valor sobre o assunto abordado pelo texto. Essas avaliações podem ser veiculadas por meio de dois tipos modalidades: opinião e apreciação. Nas modalidades de opinião, o enunciador avalia a verdade ou a pertinência de um fato ou de uma informação e, ao mesmo tempo, expõe o seu ponto de vista a respeito dele, como mostram os exemplos abaixo.

PLPM(A)7: E quem tem a perder com isso, somos nós os telespectadores. (l. 8)

PLPM(B)2: Infelizmente no Brasil não existe uma fiscalização rigorosa. (l. 6)

PLPV(A)8: Com certeza, existe desigualdades sociais em todos os países mas elas são caracterizadas diferentemente. (l. 22-23)

PLPV(B)14: Na minha opinião, a política somente concretiza o que as pessoas pensam. (l. 21-22)

Nas modalidades de apreciação, o enunciador emite uma avaliação sobre um episódio, mas, nesse caso, expressa o seu juízo de valor, revelando seus sentimentos em relação ao assunto tratado (Charaudeau, 1992, p. 604), como se pode observar nos exemplos a seguir:

PLPM(A)3: a violência está fazendo parte de nossas vidas, o que é muito ruim. (l. 10-11)

PLPM(B)5: No começo foi difícil, mas todos já se acostumaram e o objetivo, que era diminuir o número de acidentes, foi alcançado. Missão cumprida! (l. 14-15)

Complementando o quadro do comportamento elocutivo, devem-se citar ainda as modalizações que exprimem uma motivação e que, na superfície textual, correspondem às modalidades de obrigação, possibilidade e querer. Mediante o uso desse de tipo de modalização, expõe-se a razão pela qual o enunciador é levado a

refletir e/ou a tratar do assunto em questão. Nas modalidades de obrigação, nota-se que o enunciador destaca a necessidade de se *dever fazer*. São obrigações de ordem moral e/ou ética que não dependem, única e exclusivamente, da mobilização do próprio enunciador, mas sim da mobilização de uma coletividade para a qual ele se dirige através de seu texto. Observe alguns exemplos:

PLPM(A)2: E para que isso mude, é necessário que a mentalidade da maior parte da população transforme-se também. (l. 16-17)

PLPM(B)18: é preciso zelar pelas nossas vidas, principalmente, quando estamos no volante. Em decorrência desse cuidado, estamos zelando também pela vida dos outros que circulam no mesmo espaço. (l. 11-13)

PLPV(A)10: A importância da igualdade é fundamental, deve-se então deixar de lado o preconceito e a ideia de que o pobre é ladrão, pois estamos todos tentando viver, batalhando. (l. 23-25)

PLPV(B)6: Em primeiro lugar, deve se destacar o fato de que a leitura transforma a ignorância em sabedoria. (l. 6-7)

Observando as modalidades de possibilidade, percebe-se que o enunciador utiliza-se desse recurso para expressar o seu ponto de vista sobre atitudes e decisões que devem e/ou podem ser tomadas em relação ao assunto tratado no texto. Nos fragmentos abaixo, é possível verificar como essas modalidades se configuraram na superfície textual.

PLPM(A)15: A continuação disso poderá acarretar consequências cada vez mais graves, aumentando o nível de ignorância do povo e até mesmo a violência, podendo chegar a um estado de caos e desordem no país. (l. 16-18)

PLPM(B)12: A implantação do novo código de trânsito pode ser uma solução para o alto índice de vítimas de acidentes de trânsito. (l. 1-2)

PLPV(A)15: O mundo seria tão lindo sem diferenças sociais. (l. 23)

PLPV(B)12: a leitura pode transformar seu cérebro em um cérebro mais exercitado e protegido, e transformar sua memória em uma memória mais rápida. (l. 10-11)

Como é possível perceber, de todas as modalidades que expressam motivação, a única que não foi exemplificada aqui foi a de querer, a qual não foi observada no *corpus* de língua portuguesa. As demais modalidades exemplificadas estão efetivamente presentes em todos os textos. O que varia, de um texto para outro, é a proporção com que cada mecanismo modalizador é utilizado.

Em relação ao comportamento delocutivo, que remete a um apagamento do enunciador de seu ato de enunciação (Charaudeau, 1992), as análises revelaram que as modalizações de asserção foram empregadas em todos os textos. Na asserção, o enunciador diz “como o mundo existe” relacionando-o a seu modo e grau de *asserção*” (Charaudeau, 2008, p. 83). Esse dizer configura-se sob a forma de modalidades de evidência e de probabilidade. A primeira foi observada em todas as amostras. Os percentuais expostos na Tabela 14 confirmam o predomínio dessa modalidade no conjunto de textos analisados. Acompanhe alguns exemplos de sua utilização:

PLPM(A)2: A realidade é que os jornais, em sua maioria, trazem notícias com enormes tragédias somente para conseguir a audiência desejada. (l. 15-16)

PLPM(B)13: Admite-se ainda a real existência ou não da infração. (l. 13)

PLPV(A)5: A desigualdade social é um problema muito sério que precisa ser tratado com mais atenção. (l. 7-8)

PLPV(B)1: É interessante refletir sobre a leitura para ver se realmente ela transforma o leitor. (l. 5-6)

A segunda modalidade do comportamento delocutivo foi verificada em proporções menores que a descrita acima. De acordo com as análises, esse tipo de modalidade apareceu em três amostras, sendo que apenas no conjunto PLPM(A) ela obteve números expressivos (confira a Tabela 14). Observe alguns exemplos:

PLPM(A)11: para atrair mais telespectadores, muitas vezes, a qualidade da programação é deixada em segundo plano. (l. 9-10)

PLPM(A)13: a maioria das notícias são trágicas. (l. 4)

PLPM(B)11: mas no Brasil, quase todas as infrações, muitas vezes, eram deixadas de lado ou resolvidas com um pequeno pagamento aos guardas. (l. 8-9)

PLPV(B)4: Quanto mais lemos, mais aumentamos nosso conhecimento de mundo. (l. 12)

PLPV(B)7: quando recebemos um sorriso agente o entende e as vezes o retornamos. (l. 4-5)

A partir dessa descrição, pode-se observar que as modalizações constituem um recurso empregado com frequência nos textos em língua portuguesa. Conforme indicam as análises, algumas modalidades destacaram-se na preferência dos alunos. Isso pode ter acontecido porque, através delas, os alunos têm mais facilidade para expressar seus pontos de vista e suas atitudes em relação ao assunto desenvolvido no texto. Não se pode esquecer que as modalidades



apresentam-se como um mecanismo linguístico-discursivo por meio do qual o enunciador pode exprimir uma atitude em relação ao seu enunciatário e ao conteúdo do seu enunciado, sem, no entanto, comprometer-se, pois, à medida que modaliza o seu discurso, ele pode se isentar ou não da responsabilidade pelo dito. Além disso, é preciso destacar que, ao possibilitar a impressão de determinadas marcas na superfície discursiva, as modalizações fornecem pistas sobre a construção e a apresentação do *ethos* do enunciador escolar.

### 3.2.2 Modalizações em língua francesa

Observando as produções que compõem o *corpus* de língua francesa, percebe-se que os alunos utilizaram diferentes modalizações para organizar suas intenções discursivas. Aqui, novamente, os dois tipos de comportamentos enunciativos (elocutivo e delocutivo) fizeram-se presentes. Dentre as modalidades mais empregadas, destacam-se constatação, opinião, possibilidade e asserção.

No que concerne ao comportamento elocutivo, todos os mecanismos de modalização (modo de saber, avaliação e motivação) foram empregados. As modalizações que compõem o modo de saber, como já explicitado em seções anteriores, são constatação e saber/ignorância. Com base nas análises, observou-se uma grande disparidade numérica no que se refere à utilização dessas duas formas de modalização.

A constatação destaca-se como uma das modalidades mais empregadas nos quatro ciclos do *corpus* de língua francesa. Ela não apresenta grandes dificuldades de formulação linguística, pois, através dela, expressa-se, de forma objetiva, o reconhecimento da existência de um fato. Para compreender melhor como ela se constituiu na superfície textual, veja alguns exemplos:

FLPM(A)2: *L'avortement est un problèmes qui cause une grande discussion dans le monde.* (l. 1)

FLPM(B)11: *La violence est chaque jour majeur et surtout dans les grandes Villes.* (l. 1)

FLPV(A)4: *Il est donc utile de savoir à sert-il de lire des textes poétiques.* (l. 2)

FLPV(B)12: *Ces deux visions de la société, aussi intéressantes soit-elles dependent du lecteur.* (l. 41-42)

Se a modalidade de constatação pode ser observada em todas as amostras, o mesmo não pode ser dito sobre a modalidade de saber/ignorância, a qual ocupou uma posição periférica na preferência dos alunos. Como é possível perceber na Tabela 14, ela aparece em apenas três amostras, em proporções numericamente pequenas. Por meio desse tipo de modalidade, reconhece-se (saber) ou se ignora (ignorância) a existência de uma informação pressuposta. De um modo geral, sua organização linguística também não impõe grandes dificuldades, como mostram os exemplos a seguir:

FLPM (A)2: *Personne le sait bien encore, il y a des pour et des contre.* (l. 3)

FLPV(A)9: *On sait bien qui il existe vraiment beaucoup de poèmes écrits.* (l. 8)

FLPV(A)15: *Tout le monde sait de l'importance de la lecture.* (l. 1)

FLPV(B)5: *Rastignac sait que son honnêteté, sa franchise, sa sincérité d'adolescent qu'avant étaient pour lui des qualités maintenant sont des pièges à sa réussite.* (l. 12-15)

Para expressar o seu ponto de vista e seus juízos de valor, o enunciador recorre às modalizações de avaliação, que se configuram através de modalidades de opinião e de apreciação. Assim como aconteceu no *corpus* de língua portuguesa, as modalidades de opinião são utilizadas em proporções maiores que as de apreciação. Por meio das modalidades de opinião, o enunciador pode expor explicitamente o seu ponto de vista a respeito do assunto tratado pelo texto. Confira alguns exemplos:

FLPM(A)18: *Le meilleur à faire est avoir de responsabilité.* (l. 12)

FLPM(B)11: *Je crois qui est pour ça que les habitants de grandes villes sont en train de déménager pour des Villes plus petites.* (l. 4-5)

FLPV(A)1: *À mon avis le fait d'écrire de la poésie nous permet de transmettre nos sentiments aux lecteurs; et le fait de lire de la poésie nous permet d'être dans la peau de l'écrivain et de ressentir ses sentiments.* (l. 9-11)

FLPV(B)4: *Et, pour dresser le portrait d'une société, il me paraît plus coherent de faire appel à la sociologie qu'à la science.* (l. 26-27)

Já no caso das modalidades de apreciação, o enunciador expõe o seu ponto de vista e expressa seus sentimentos em relação ao assunto. Nesse conjunto de textos, elas aparecem em apenas três amostras, com baixos índices de utilização.

FLPM(A)9: *L'avortement ne pas toujours est accpeté en tout les pays. L'église est l'un des facteurs qui est contre l'avortement. Cette thème est complique parce que concerne beaucoup des facteurs qui nous devons tenir en compte. Je suis contre l'avortement parce que je pense qui n'est pas correct "tuer" un fetus qui est presque un enfant.* (l. 1-4)

FLPM(A)10: *Si, par exemple, une femme a été viole et, malheuresement, est tombé enceinte.* (l. 4)

FLPM(B)2: *Lamentavelment, le degré de violence urbaine vient en croissant de plus en plus en les grandes ville comme São Paulo et Rio de Janeiro. Mais dans mineurs Villes cela malheureusement opere aussi.* (l. 1-3)

FLPM(B)13: *Alors, tristement, ces pauvres personnes restent agressives.* (l. 7)

FLPV(B)1: *Les deux peintures sont très interessantes, chacune traite d'aspects différents.* (l. 84-85)

FLPV(B)16: *En ce qui concerne le contenu, dans le roman de Zola Germinal, j'ai appréciée d'une part la peinture d'un milieu social, les mineurs du Nord de la France.* (l. 4-5)

Para enunciar seu ponto de vista sobre o mundo, o enunciador pode recorrer também às modalizações que expressam uma motivação. Nesse caso, especifica-se a razão que estimulou a reflexão e que levou o enunciador a realizar o conteúdo do texto. Para isso, o enunciador utiliza-se de modalidades de obrigação, possibilidade e querer, como se verifica nos exemplos apresentados mais adiante.

Apesar de terem sido observadas em todas as amostras, as modalidades de obrigação aparecem em proporções pequenas se comparadas às de possibilidade. Por intermédio desse tipo de modalidade, o enunciador chama a atenção de seu auditório para a necessidade, ou melhor, para a obrigatoriedade de se tomarem atitudes de ordem moral e/ou ética. É o *dever fazer* que constitui a essência desse tipo de modalidade, como já se destacou anteriormente.

FLPM(A)9: *l'avortement doit être interdit.* (l. 5-6)

FLPM(B)11: *Il faut que le gouvernement donne education pour la population. Puis il faut terminer avec les programmes que influencent les personnes.* (l. 10-11)

FLPV(A)4: *Un bon texte poétique doit être surdéterminé, c'est à dire qu'un vers ou un ensemble de vers doit contenir plusieurs idées simultanément.* (l. 4-5)

FLPV(B)6: *La vision de Zola me paraît plus intéressnte parce qu'elle est optimiste et prouve que la société peut et doit être modifiée.* (l. 64-65)

A modalidade mais empregada desse conjunto é justamente a que expressa possibilidade. Por meio dela, reconhece-se a existência de uma ação que deve ser realizada, destacando-se a possibilidade de *poder fazer* e/ou de *poder ser*. Acompanhe alguns exemplos:

FLPM(B)13: *l'unique solutions pourrait être changés les politiques les principaux auteurs de ce faim et misère au monde.* (l. 9-10)

FLPM(A)22: *Il y a des cas où les personnes pourraient éviter et non font rien, en cette situation le crime ne peut pas exister et la responsabilité doit être assumée.* (l. 8-9)

FLPV(A)1: *si tout le monde lisait et écrivait fréquemment ou simplement de temps en temps des poèmes ça rendrait la personne plus culte et meilleure en littérature de tous les jours.* (l. 8-9)

FLPV(B)7: *Mais les deux peintures peuvent être intéressantes suivant l'angle envisagé.* (l. 81)

Diferentemente do que aconteceu na descrição das modalidades que expressam motivação em língua portuguesa, no *corpus* de língua francesa verificou-se a presença de modalidades de querer em todas as amostras. Esse tipo de modalidade comporta variações, de acordo com a natureza do outro agente a quem o locutor apela (Charaudeau, 2008). Nessas variações, segundo Charaudeau (2008), o querer pode se configurar sob a forma de desejo, quando expressa um querer íntimo; de anseio, quando exprime um querer cuja realização é tida como quase impossível; e de exigência, quando expressa um querer muito intenso a partir de uma posição de autoridade do enunciador, que chama o enunciatário ou um terceiro à submissão. Nos textos analisados, observou-se a presença dos dois primeiros casos, como se pode verificar nos exemplos a seguir:

FLPM(A)19: *L'interruption de la grossesse, par exemple, est légale seulement dans un cas: quand la femme souffre une violence sexuelle, parce que, ça femme ne veut pas faire cet enfant.* (l. 4-5)

FLPM(B)22: *Nous voulons une ville plus agréable pour vivre avec plus d'arbres et lieux pour les enfants.* (l. 9-10)

FLPV(A)14: *Quand on veut s'exprimer, comprendre, transmettre aux autres nos sentiments, on écrit une poésie. Si on veut sentir des sentiments, avoir des émotions, ou même essayer de comprendre, on lit une poésie.* (l. 5-6)

FLPV(B)1: *Ces personnes veulent le pouvoir, elles veulent toujours commander.* (l. 10)

O comportamento delocutivo se fez presente, nos textos analisados, através de modalizações de asserção, que se configuraram na superfície textual principalmente sob a forma de evidências. As modalidades de evidência foram observadas em todas as amostras de língua francesa, sendo que, em duas delas, o percentual de utilização chegou a 100% (veja Tabela 14). Acompanhe alguns exemplos:

FLPM(A)6: *L'avortement est un topic beaucoup discuté aujourd'hui.* (l. 1)

FLPM(B)16: *Aujourd'hui la violence est très present dans nos vies. Dans les grandes villes, il y a beaucoup d'habitants qui n'ont pas d'argent pour payer ses comptes ou pour acheter des aliments et sont cette personnes qui ont de voler d'autres gens pour avoir de l'argent.* (l. 1-4)

FLPV(A)11: *La poésie est sans doute un moyen très efficace pour la compréhension moral de l'écrivain.* (l. 19)

FLPV(B)4: *On remarque dans "Le Père Goriot" des descriptions précises de bals, de scéances de théâtre, entre autres choses.* (l. 23-24)

Outro tipo de modalidade pertencente ao comportamento delocutivo é a que expressa probabilidade. Nas análises realizadas, observou-se que esse recurso foi empregado, em pequenas proporções, em três amostras do *corpus* de língua francesa. Os fragmentos apresentados a seguir indicam como esse mecanismo foi configurado na superfície textual.

FLPM(A)12: *Il est probable qui beaucoup d'avortements sont conséquences de une grossesse indésirable pour déféctuosité de les médicaments contraceptives ou pour une mauvaise planification familial.* (l. 10-12)

FLPM(A)15: *Il y a plusieurs facteurs qui interviennent dans la difficile décision d'opter pour l'avortement volontaire.* (l. 3-4)

FLPM(A)19: *L'avortement est volontaire probablement quand la femme est une adolescent parce qu'elle pense à sa responsabilité d'avoir un enfant et à sa vie future.* (l. 9-10)

FLPV(A)5: *Au cours du temps, la poésie a gagnée des caratéristiques et il est probable qu'elle est devenu de plus en plus belle.* (l. 4)

FLPV(A)16: *Souvent ainsi, les poésies ont un rythme.* (l. 13)

FLPV(B)1: *il voit comment les filles se mettent ensemble avec les garçons presque par obligation.* (l. 41)

FLPV(B)2: *Cette contradiction est probablement due aux différentes époques dont lesquelles se déroulent les histories.* (l. 30-31)

FLPV(B)11: *L'oeuvre de Zola compte environ une trentaine de personnages principaux ou secondaire pendant que le Père Goriot em compte environ 15 personnages* (l.7-9).

É possível verificar que, em relação às modalizações, existem muitas semelhanças entre o *corpus* de língua francesa e o de língua portuguesa. Na verdade, nos dois conjuntos de textos, as modalizações foram empregadas para assinalar, ou melhor, para indicar as marcas do enunciador em seu discurso. Foi através das modalizações que os enunciadores imprimiram suas marcas *no* discurso. Essas marcas são de fundamental importância para se depreender o *ethos* do enunciador escolar. Afinal, as modalizações, como se observou nesta exposição, constituem-se como um conjunto de procedimentos linguísticos que permitem tornar explícito o ponto de vista do enunciador, ou seja, a sua visão de mundo.

### 3.3 Construções da argumentação

As produções dissertativo-argumentativas compõem-se, em sua microestrutura textual, de organizações muito específicas, as quais, neste trabalho, são chamadas construções da argumentação. Sob essa designação, estão categorizadas as construções interrogativas, impessoais e pessoais. Esses diferentes modos de expressão linguístico-discursiva têm um papel importante na configuração retórica do texto. A partir deles, é possível depreender o *ethos* do enunciador e seu comprometimento com o dito.

As construções interrogativas, também designadas sob o nome de perguntas retóricas, constituem um recurso importante na construção argumentativa do texto. Mediante sua utilização, o enunciador pode aproximar-se do seu auditório e assim estabelecer vínculos de afeto e de acordo. Com base nas análises, observou-se que esse mecanismo linguístico-discursivo foi utilizado em todos os textos de língua portuguesa e de língua francesa em diferentes proporções (veja na Tabela 15).

Já as construções impessoais referem-se aos enunciados em que há uma tentativa de mascarar a presença do sujeito enunciador em seu discurso. De acordo com as análises efetuadas, esse tipo de fenômeno ocorre, principalmente, pelo uso de construções com pronomes e verbos na primeira pessoa do plural e na terceira pessoa do singular e/ou plural. Esses mecanismos criam um efeito de objetividade aparente, que parece estar de acordo com as coerções genéricas às quais os alunos estão expostos.

Se, em alguns textos, as análises revelaram um aparente apagamento das marcas de subjetividade, em outros, pelo contrário, demonstraram a total inserção do enunciador nas instâncias discursivas. Essa inserção se fez mediante o uso de diferentes mecanismos linguísticos que remetem à primeira pessoa do singular, como, por exemplo, pronomes pessoais, pronomes oblíquos, pronomes possessivos e verbos conjugados. Esse tipo de recorrência possibilita depreender o *ethos* do enunciador e observar o seu grau de comprometimento com o seu dizer, isto é, com o seu discurso. Compare, na Tabela 15, os percentuais de emprego desse recurso nos dois sistemas linguísticos examinados neste estudo.

Tabela 15: Construções da argumentação

Objetos de análise	PLPM		PLPV		FLPM		FLPV	
	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 20 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 22 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações
<b>2. CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO</b>								
<b>2.1 Construções interrogativas</b>	7 (31,8%)	4 (20%)	8 (50%)	5 (31,5%)	13 (59%)	1 (4,5%)	13 (81,25%)	3 (18,25%)
<b>2.2 Construções impessoais</b>								
<b>Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural</b>	14 (63,3%)	18 (90%)	11 (68,75%)	6 (37,5%)	17 (77,2%)	21 (95,4%)	9 (56,5%)	3 (18,25%)
<b>Uso de 1ª pessoa do plural</b>	15 (68,2%)	9 (45%)	12 (75%)	14 (87,5%)	5 (22,7%)	10 (45,4%)	14 (87,5%)	13 (81,25%)
<b>2.3 Construções pessoais</b>	--- (0%)	--- (0%)	1 (6,25%)	4 (25%)	8 (36,6%)	5 (22,7%)	8 (50%)	11 (68,75%)

### 3.3.1 As construções da argumentação em língua portuguesa

Nas produções em língua portuguesa, observou-se que todos os tipos de construções características da argumentação estiveram presentes. Devem-se destacar, em especial, as construções impessoais e as interrogativas, que apresentaram altos índices de utilização.

As construções interrogativas constituem um recurso retórico importante, pois servem como mecanismo de aproximação, como ponte de ligação entre enunciador e enunciatário. Mediante o emprego de perguntas retóricas, enunciador e enunciatário podem estabelecer vínculos de afeto e de acordo. As análises indicam que esse procedimento retórico-argumentativo foi empregado em todos os textos de língua portuguesa com índices de recorrência entre 20% e 50%. A formulação linguística dessas perguntas retóricas não variou muito, como é possível observar nos seguintes exemplos:

PLPM(A)5: Mas será que só existem coisas ruins para serem mostradas? Ou será que só elas chamam a atenção da maioria da população? (l. 4-5)

PLPM(B)13: Essas punições, porém seriam educativas? E onde está o respeito? (l. 12-13)

PLPV(A)7: Será que Brasil é realmente a “pátria amada” para todos? Para o garoto das favelas que, o estomago tão vazio como o coração que nunca conheceu amor, vê passar os helicópteros? (l. 20-22)

PLPV(B)5: Mais, afinal o que é o “poder de transformação da leitura”? (l. 26)

Já as construções impessoais foram empregadas de duas formas distintas, como é possível observar nos dois blocos de exemplos apresentados a seguir. O primeiro bloco expõe um conjunto de enunciados em que se utiliza a terceira pessoa do singular e/ou do plural para apagar as marcas de subjetividade; o segundo bloco apresenta fragmentos que, pelo emprego da terceira pessoa do plural, fazem referência a uma coletividade indeterminada.

#### Exemplos do uso da terceira pessoa do singular e/ou do plural:

PLPM(A)12: Ao ligar o aparelho no horário nobre, antigamente, esperava-se notícia. Hoje, nesse mesmo movimento de trocar um botão, vê-se a desgraça, o apelo. Cada vez mais a imprensa televisiva expõe o sofrimento de pessoas, famílias inteiras, países com o objetivo de atingir uma boa audiência. (l. 4-7)

PLPM(B)18: O ponto que afeta mais as pessoas é o financeiro, pois com as novas regras, as multas são mais altas e mais rigidamente cobradas. Claro que isso é ruim aos motoristas autuados, mas o que se deve ter em mente é que a prudência no trânsito é indispensável na educação da população. A partir do momento que as pessoas se conscientizem que quanto mais seguro for dirigir nas estradas melhor, automaticamente o número de pessoas infringidas pelo novo código diminui. (l. 4-10)

PLPV(A)1: O grande problema é que a pobreza acaba sendo relacionada à violência, mas nós é que relacionamos esses dois fatos. Quando um mendigo nos pede esmola e nós nem olhamos para a cara dele, imagine só como ele se sente. (l. 11-13)

PLPV(B)6: Nós teremos tendência a ver o mundo como nossas leituras nos incitam a fazê-lo, e a nos focalizar em coisas diferentes nas quais os que tiveram outras leituras se focalizam. Se um livro que nós lemos tem uma visão pessimista da existência, corremos o risco de ver o mundo de outra maneira. Eventos que só tínhamos considerado de um certo modo se esclarecem de um sentido diferente. (l. 24-27)

#### Exemplos do emprego da terceira pessoa do plural:

PLPM(A)7: É quem tem a perder com isso, somos nós os telespectadores. Mas temos o poder de escolher os noticiários, os programas que mais nos agradam. Podemos assistir e enviar nossa sugestão a emissora a fim de melhorar sua qualidade. (l. 8-11)

PLPM(B)9: A reformulação das leis visou justamente diminuir os elevados índices de tragédias penalizando brasileiros num dos pontos que mais prezamos, o nosso dinheiro. O encarecimento das multas juntamente com o risco de perder a habilitação através de pontos adquiridos a cada infração cometida, foram a solução encontrada para retomar o controle de uma situação alarmante. Enfim, apenas medidas rigorosas e inflexíveis podem punir os responsáveis pelo caos que se instalava em nosso dia-a-dia. (l. 10-16)

PLPV(A)8: No Brasil, que é um país subdesenvolvido se pode ver o contraste rico-pobre em qualquer cidade em qualquer lugar. Na rua se vê mendigos dormindo no chão e por “sorte” as vezes não morrem durante a noite de frio. Existe alguma pessoa que quando vê eles não sente piedade? Todo mundo que tem um pouco de bondade vai ter, Mas nunca se viu alguém ir ver esses mendigos para propor uma noite numa cama decente e um banho quente. Medo de ser roubado? De ele ser drogado? De ter doenças? As pessoas não são mais solidárias e sempre vai existir um preconceito muito grande com as pessoas consideradas “inferiores”. Esse contraste também pode se ver com as mansões e as favelas. Por exemplo, no bairro Morumbi se vê grandes casas que custam milhões e do lado uma enorme favela. (l. 6-15)



PLPV(B)9: A leitura fixa a identidade de cada povo mantendo a cultura linguística de cada um. O costume de ler um livro deveria ser hábito de todos, onde cada um pode distanciar-se da realidade, entrar em outras dimensões e imaginar ideias. Ao mesmo que ela impede fatos importantes de serem esquecidos na escala do tempo, como, por exemplo, os testemunhos que imortalizam as sensações. Estas sensações que o leitor sente como estando na mente do próprio autor e sentir por meio da leitura o que a palavra não dita pode dizer. Assim, a leitura tem um poder a mais. (l. 24-30)

Enquanto nos exemplos acima o enunciador tenta se esconder atrás de mecanismos linguísticos que apagam sua presença das instâncias discursivas, nas construções pessoais, como o próprio nome sugere, ele mostra-se efetivamente presente no seu discurso. Para isso, o enunciador utiliza-se de elementos como, por exemplo, pronomes pessoais, oblíquos, possessivos e, sobretudo, verbos conjugados na primeira pessoa do singular. Esse tipo de procedimento retórico-argumentativo não é muito frequente nas produções em língua portuguesa, como se pode verificar na Tabela 15. Das quatro amostras, apenas duas, aquelas recolhidas no LPV, empregam esse recurso. Veja alguns exemplos:

PLPV(A)16: Penso que é justamente a sociedade que vai os considerar como bichos e não como homens, é esse preconceito que vai dividir a sociedade e fazer entrar num ciclo vicioso. (l. 17)

PLPV(B)1: Eu acho que além desse enriquecimento, a leitura também é um excelente meio de socializar pois quando aprendemos a ler podemos exercer um trabalho na sociedade, o que não acontece com os analfabetos. Acho que a leitura é um método que nos permite entender certos aspectos da vida. (l. 16-19)

PLPV(B)11: Primeiro argumentarei sobre a relação entre a leitura e o desenvolvimento da mente. Depois falarei sobre os livros de auto-ajuda e a questão de que os livros podem mudar a personalidade e/ou a vida de alguém. (l. 5-7)

PLPV(B)12: Eu estou a favor da propaganda que ajuda a influenciar as pessoas a lerem. (l. 22)

PLPV(B)14: Na minha opinião, a política somente concretiza o que as pessoas pensam. (l. 20-21)

Ao longo desta análise, observou-se o modo como as construções da argumentação foram empregadas na organização dos textos que compõem o *corpus* deste estudo. A partir dos exemplos, pôde-se notar que as construções impessoais e pessoais são aquelas que fornecem fortes indícios sobre a apresentação da imagem do enunciador escolar. Como foi verificado, as construções impessoais foram amplamente utilizadas em todas as amostras, enquanto que as pessoais foram empregadas em números reduzidos, apenas em dois ciclos de coletas, sendo ambos pertencentes à mesma escola, o LPV. Isso indica que existe uma diferença interessante entre os dois grupos de informantes, diferença esta que deve ser investigada e explicada para que se compreenda como efetivamente se estabelece

a organização da língua portuguesa. A predominância de construções impessoais reforça a ideia de que o enunciador escolar tem procurado, ao longo de sua produção, inserir-se em uma coletividade indeterminada. Ele se mascara e se esconde através de índices de indeterminação do sujeito ou de construções impessoais e, desse modo, constrói um *ethos* compartilhado, fragmentado, cuja autenticidade dificilmente pode ser apreendida, já que ele faz referência a um conjunto de indivíduos no qual um sujeito se confunde com os demais.

### 3.3.2 Construções da argumentação em língua francesa

As análises efetuadas no *corpus* de língua francesa indicaram que as construções específicas da argumentação constituem um recurso retórico-argumentativo empregado em todos os textos e também em todas as amostras textuais. Por meio dessas construções, os enunciadores escolares organizam suas intenções discursivas, expõem suas visões de mundo, estabelecem acordo com o enunciatário e mostram-se comprometidos ou não com o seu dizer.

Conforme os dados expostos no Tabela 15, é possível perceber que as construções interrogativas não apresentam índices homogêneos de utilização. O emprego desse mecanismo destaca-se, principalmente, em dois ciclos, a saber, o PLPM(A), com 59%, e o PLPV(A), com 81,25%. Observando a organização retórica dos textos, verifica-se que esse recurso apresenta-se como uma ferramenta importante para o enunciador conquistar a adesão do seu enunciatário. As construções interrogativas podem estabelecer vínculo, acordo, e assim facilitar a persuasão. Observe alguns exemplos:

FLPM(A)15: *“Est-ce juste d’enlever la vie d’un bébé seulement parce que la famille est dans une mauvaise situation économique?” “Est-ce juste d’enlever la vie d’un bébé à cause de la irresponsabilité de ses parents ?” ou encore, “Est-ce juste qu’une gamine apport la responsabilité de la création d’un enfant, parce que elle a souffert une violence sexuelle? (l. 13-17)*

FLPM(B)4: *Mais pourquoi ce nombre très élevés d’assauts, vols et sequestres? (l. 3-4)*

FLPV(A)7: *Quoi de mieux que les poésies romantiques pour découvrir le XVIII ème siècle? (l. 16-17)*

FLPV(B)12: *Quelle vision est la plus interessante? (l. 38)*

Em relação às contruções impessoais, as análises revelaram que, assim como aconteceu nos textos em língua portuguesa, nas redações em língua francesa também foram observados dois tipos de ocorrências: aquelas que se configuram mediante o uso de terceira pessoa do singular e/ou do plural; e aquelas que se organizam mediante o emprego de primeira pessoa do plural. Nos dois casos, como já foi destacado, observa-se que há um apagamento das marcas de subjetividade do enunciador, como mostram os exemplos abaixo:

Exemplos do uso da terceira pessoa do singular e/ou do plural:

FLPM(A)10: *L'avortement, sûrement, non! L'inconscient et l'indécision des personnes jamais pourra causer la retraite de vie d'un être vivant innocent. L'avortement peut être acceptable aussi si l'enfant netra mort ou mourir peu temps après sa naissance. Alors, on doit penser beaucoup sur ça, parce que c'est la vie d'une personne innocent qui est en risqué.* (l. 10-14)

FLPM(B)1: *Les personnes qui sont apavoriser, généralement, ils vont pour le "interior" pour ne convivre pas avec cette situation. Le pays avait beaucoup des chômages, qui pour vivre, ils necessitent de voler les autres ou ils faisant le contrabande ou ils utilisent le trafiques de drogues. Tous les facts provoquent une desastabilization economique du pays et il y a aussi beaucoup de morts parce que la population et la police sont chaque fois plus et plus dominé par les bandides qui sont très armées.* (l. 4-10)

FLPV(A)7: *On peut encore reconnaître à la poésie un autre avantage : elle habite tout le patrimoine d'un pays, au même titre que la prose, ou que le monuments, et objets anciens. Elle conserve la langue, trésor des civilisations et des pays, elle l'explore, elle la redécouvre. Tout ce qui est symbolique dans les poèmes se rattache à notre histoire, et à notre présent. C'est la langue qui permet la communication, et qui est à la bases de toutes les sociétés. La poésie, littérature, est la gardienne de nos civilisations.* (l. 20-24)

FLPV(B)7: *On peut parler de visions antagonistes. Balzac était realiste, et Zola naturaliste. Le réalisme, selon Maupassant, c'est "Donner l'illusion de réalité" (Préface de Pierre et Jean). Le naturalisme, c'est dépeindre le monde tel qu'il est. On peut donc s'attendre à plus de fidelité de Zola en rapport à la société. On peut donc dire que Balzac a eu une vision moins large de la société que Zola. Au demeurant, on peut aussi s'intéresser au public vise.* (l. 31-34)

Exemplos do emprego da primeira pessoa do plural:

FLPM(A)8: *En notre pays le avortement est proibé.* (l. 4)

FLPM(B)21: *Les grandes villes devienent chaque fois plus dangereux et violentes. Les personnes demenagent pour les villages en cherchant l'air pur et majeur contact avec la nature, mais surtout paix. Ici, nous vivons comme de gangster, pris dans notre propres maisons, nous avons peur de sortir et être volés, assassines ou souffrir quelque autre type de violence.* (l. 1-5)

FLPV(A)8: *Nous ne deveronos pas écrivain, il s'agit d'un don avec lequel nous naissons. La poésie, comme dit au paravant a une écriture spécifique. Elles ne nous parlent pas de faits mais oui d'émotions; c'est pour cela que c'est celle qui touche le plus l'homme. Des procédés sont employés pour une meilleure mémorisations comme les rimes, les énumérations, les figures de style, etc. Ainsi, comme une musique à la radio, elle nous touche, nous fait ressentir des émotions, et nous avons une certaine facilité à la retenir. Une poésie peut être courte, longue, à une strophe, à vingt strohes, cela n'a aucune importance car mieux vaut une poésie d'une strophe et d'un vers que soit belle qu'une poésie très longue et ennuyante.* (l. 4-9)

FLPV(B)1: *Aujourd'hui, notre société ressemble un peu à celle que Zola imaginait un jour. C'est pour ces raisons que cette peinture nous paraît plus intéressante.* (l. 71-72)

Outro mecanismo observado nas produções em língua francesa foram as construções pessoais. Alcançando índices elevados de utilização, essas construções destacaram-se como um procedimento muito utilizado pelos enunciadores em todos os textos e também em todas as amostras investigadas. Por meio desse recurso, o enunciador inscreve-se no discurso para, publicamente, manifestar sua opinião. Acompanhe alguns exemplos:

FLPM(A)2: *Il n'y a pas encore une réponse exact pour cette question, mais moi, je suis pour l'avortement.* (l. 10-11)

FLPM(B)11: *Je crois qui est pour ça que les habitants de grandes villes sont en train de déménager pour des Villes plus petites.* (l. 4-5)

FLPV(A)5: *je pense que les poésies passent des messages important et il est très important de les lire car elles demandent une réflexion à un sujet.* (l. 12-13)

FLPV(B)14: *Moi, je préfère le point de vue de Balzac, car j'ai aussi un regard pessimiste de la société. Comme lui, je crois qu'on se motive et qu'on vit en fonctions de nos intérêts personnels. L'unique chose que je ne suis pas d'accord avec lui c'est que je crois vraiment à un amour pur, une vraie amitié. Je pense qu'on doit porter un masque pour ceux qu'on ne connaît pas ou qu'on n'aime pas, mais qu'on doit montrer qui on est réellement à ceux qui ont notre confiance et qu'on doit faire tout notre possible pour maintenir une forte liaison avec nos parents les plus proches, notre première famille (parents, frères, soeurs) parce qu'avec eux on sait qu'on peut compter.* (l. 15-20)

Ao longo desta seção, apresentou-se a descrição e a exemplificação das construções da argumentação. Foi possível perceber que cada tipo de construção parece contribuir sistematicamente para se depreender o *ethos* do enunciador escolar e, além disso, para esboçar um protótipo da organização retórica de cada sistema linguístico.

As análises mostraram que, em língua portuguesa, o enunciador escolar tem uma tendência a utilizar um número maior de construções impessoais do que em língua francesa. Isso indica que há uma preocupação maior em não se mostrar no discurso, isto é, os enunciadores tentam mascarar sua presença através do uso recorrente de mecanismos linguísticos específicos. Em língua francesa, nota-se uma outra configuração: nesse conjunto de textos, as construções impessoais também foram utilizadas em grande escala, mas, paralelamente a isso, observou-se que os índices de emprego de construções pessoais também atingiram percentuais razoáveis. Isso mostra que, nesse conjunto, os enunciadores parecem estar mais

dispostos a se inscrever na superfície do discurso. Eles expõem suas opiniões e suas visões de mundo de forma direta, explicitam sua responsabilidade pelo conteúdo que está sendo veiculado e, desse modo, constroem a imagem de si. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), ao lançar uso de construções impessoais, o enunciador pretende diminuir sua responsabilidade em relação ao dito e, principalmente, criar um distanciamento entre si e aquilo que diz. Para os autores, “um dos maiores efeitos sobre o auditório parece ser a objetivação do enunciado” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 183).

Em relação às construções interrogativas, as análises mostraram que, enquanto em língua portuguesa os índices são mais homogêneos, no sentido de não haver grandes variações nos percentuais de cada amostra, em língua francesa a disparidade é maior. Nesse conjunto de textos, verificou-se que duas amostras apresentaram índices superiores a 55%, enquanto nas outras duas esse percentual ficou abaixo dos 20%. Isso indica que, dependendo da proposta temática, pode haver uma necessidade maior de estabelecer vínculos com o enunciatário, já que, na maioria dos casos, as perguntas não são elaboradas na intenção de elucidar dúvidas – pelo contrário, elas tratam de assuntos que são compartilhados pela coletividade, pelo senso comum. As prováveis respostas a esses questionamentos fundamentam-se na *doxa*. Pode-se inferir, a partir daí, que essas interrogações são formuladas com o objetivo de estabelecer vínculos e acordos com o enunciatário. Este, ao se deparar com essas perguntas, é levado a seguir a linha argumentativa expressa no texto. Em outras palavras, as construções interrogativas aproximam enunciador e enunciatário e possibilitam que, pelo menos naquele enunciado, eles compartilhem do mesmo ponto de vista, e esse, sem dúvida nenhuma, é o primeiro passo para se alcançar um acordo e persuadir.

### **3.4 Conectores: os marcadores da argumentação**

A argumentação se estabelece na superfície discursiva por meio de diferentes mecanismos linguísticos, como, por exemplo, as construções interrogativas, impessoais, pessoais, as modalizações e as negações, entre outras. Neste momento, interesse-me especificamente pelos conectores, isto é, pelos morfemas que têm a função de ligar dois enunciados. Conhecidos também como marcas da

argumentação, os conectores trazem consigo uma grande responsabilidade no que diz respeito à organização do discurso argumentativo: eles indicam a orientação argumentativa seguida pelo autor, isto é, mostram qual a direção argumentativa que está sendo seguida no texto.

De acordo com Maingueneau (1996, p. 63), os conectores têm o mérito de desempenhar dupla função na superfície textual. Cabe a eles “vincular duas unidades semânticas e conferir um *papel* argumentativo às unidades que relacionam”. O autor chama a atenção para o fato de ter utilizado a expressão “unidades semânticas” em lugar de “enunciado” e explica que essa opção terminológica é resultado de uma impressão voluntária:

É verdade que a função essencial desses conectores é vincular enunciados, mas nem sempre é esse o caso, longe disso. O típico desses conectores linguísticos, diferentemente dos conectores lógicos, é justamente poder ligar entidades heterogêneas: um enunciado a uma enunciação, um fato extralinguístico e um enunciado, um elemento implícito e um elemento explícito, etc. (Maingueneau, 1996, p. 63)

Entende-se assim que, além de indicar a orientação argumentativa do texto, os conectores exercem outras funções no arcabouço textual, como, por exemplo, funções pragmáticas, concessivas e fáticas (Adam, 1990). Na verdade, tais funções ou aplicações dos conectores podem também servir de ferramenta para a construção da argumentação ao longo de um texto. Essas diferentes funções possibilitam distinguir, segundo Adam (2008, p. 179), na classe geral dos conectores, “três tipos de marcadores de conexão: os conectores argumentativos propriamente ditos, os organizadores e marcadores textuais e os marcadores de responsabilidade enunciativa”. O autor ressalta que esses três tipos de marcadores de conexão estabelecem uma relação de dependência, principalmente, no que concerne à organização do discurso argumentativo:

os conectores argumentativos dependem da estruturação textual, da responsabilidade enunciativa e da orientação argumentativa. Esses três tipos de conectores exercem uma mesma função de ligação semântica entre unidades de níveis diferentes (palavras, proposições, conjuntos de proposições e mesmo grandes porções de um texto). A função fundamental é marcar uma conexão entre duas unidades semânticas, para criar uma estrutura  $p \text{ CONEX } q$  (Nolke, 2002, p. 186). O que as diferencia é que elas acrescentam ou não, a essa função de conexão, a indicação de responsabilidade enunciativa e/ou de orientação argumentativa. (Adam, 2008, p. 180)

Os conectores contribuem sistematicamente para a linearização do discurso e controlam, direta ou indiretamente, parte dos fragmentos textuais. Seu emprego e sua função variam, segundo Adam (2008), conforme o gênero do discurso e a tipologia textual em que são empregados. Nas produções dissertativo-argumentativas, por exemplo, os conectores servem para evidenciar concessões, restrições e, principalmente, para reforçar e mostrar as relações entre a tese e seus argumentos e entre os argumentos e os contra-argumentos. Considerando o exposto, compreende-se que, seja na função habitual, seja em funções extraordinárias, os conectores devem ser explorados, descritos e analisados, pois constituem uma peça importante do arcabouço argumentativo.

Consciente da importância dos conectores para investigar a organização retórica do texto e consciente da complexidade que está subjacente a esse tipo de investigação, selecionei, como objeto de reflexão, uma totalidade de sete conectores (e, em alguns casos, seus possíveis correlatos semânticos) que se destacaram, pelo grande número de ocorrências, na preferência dos usuários das línguas investigadas. Ao longo dos textos, observou-se que esses sete tipos de marcadores argumentativos possibilitaram “a reutilização de um conteúdo proposicional seja como um argumento, seja como uma conclusão, seja, ainda, como um argumento encarregado de sustentar ou reforçar uma inferência” (Adam, 2008, p. 189). Nessa totalidade, estão incluídos os seguintes tipos de conectores:

- os conectores argumentativos e concessivos do tipo “mas”, “porém”, “no entanto (entretanto)”;
- os conectores explicativos e justificativos do tipo “pois”, “porque”;
- os conectores conclusivos, como “portanto”;
- e as expressões nominais ou preposicionais do tipo “apesar de”, “apesar de tudo”.

É importante ressaltar que se tentou manter, quando possível, uma equivalência semântica entre as línguas investigadas no que diz respeito aos conectores selecionados. Para cada conector selecionado em língua portuguesa, observou-se e apontou-se um correlato em língua francesa e vice-versa. Desse modo, tem-se o seguinte quadro de tipologias de conectores:

Tabela 16: Os conectores e seus correlatos semânticos

Língua Portuguesa	Língua Francesa
mas	<i>mais</i>
porém	<i>cependat</i>
no entanto	<i>toutefois / pourtant</i>
apesar de/ apesar de tudo	<i>malgré / malgré tout</i>
porque	<i>parce que</i>
pois	<i>car</i>
portanto	<i>donc</i>

Conforme as análises, todos os sete tipos de conectores foram empregados nos textos que compõem o *corpus* deste estudo. Desse total, é possível perceber, pelos números indicados na Tabela 18, que existe uma preferência notável, nas duas línguas, pelo conector “mas” (“*mais*”, em francês). Indiscutivelmente, ele ocupa o primeiro lugar na preferência dos alunos de ambas as línguas. Além de ter sido empregado em todos os ciclos de coleta, o “mas/*mais*” apresentou altos índices de utilização nos textos investigados.

O predomínio do “mas” nas produções dissertativo-argumentativas elaboradas por alunos de Ensino Médio não constitui um fato isolado. Na realidade, muitos estudiosos têm demonstrado, com suas pesquisas, que o “mas” apresenta-se como um dos conectores mais empregados em diferentes situações enunciativas. Essa frequência de utilização fez do “mas” a conjunção mais pesquisada no âmbito das ciências da linguagem (Maingueneau, 1997). Como escreve Ducrot, “é difícil, após ter começado a observá-la, não ficar fascinado pela conjunção *mas*” (Ducrot *apud* Maingueneau, 1997, p. 165).

O fascínio que o “mas” exerceu, e ainda exerce, sobre seus pesquisadores possibilitou que fossem formuladas diferentes formas de descrever e de explicar sua utilização na superfície do discurso. Como exemplo disso, podem-se citar os célebres estudos de Anscombre e Ducrot (1977) e de Ducrot (1980) sobre os dois tipos de “mas”: o “mas” refutativo e o “mas” argumentativo.

O “mas” refutativo, também conhecido, como “masSN”, tem como equivalente o *sino*, no espanhol e o *sondern*, no alemão. Ele possui valor pragmático de refutação ou de retificação. Na superfície textual, esse “mas” pode aparecer



acompanhado de expressões negativas, como, por exemplo, “não” (*non pas*) e “não mais” (*non plus*).

O “mas” argumentativo, designado também sob o nome de “masPA”, tem como correlato, em espanhol, o *pero* e, em alemão, o *aber*. Esse conector tem por função vincular duas unidades semânticas e conferir uma função argumentativa às unidades que relaciona. Para Anscombe e Ducrot (1977), esse “mas” constitui o operador argumentativo por excelência. Considerando o enunciado “P<sup>177</sup> mas Q<sup>178</sup>”, Ducrot (1980, p. 97) parafraseia dessa forma o movimento expresso por esse enunciado: “Sim, P é verdadeiro; você teria a tendência de, em decorrência disso, concluir R<sup>179</sup>; mas não deve fazê-lo, pois Q (que é apresentado como o argumento mais forte para não-R do que P é para R)”. Nesse sentido, o conector “mas” tem a função de introduzir uma proposição que conduz para a conclusão não-R, que se opõe à conclusão R para a qual P poderia conduzir. Para esclarecer essa relação, Maingueneau (1997, p. 165) considera que P é “*apresentado* pelo locutor como *devendo* conduzir o interlocutor a concluir R; não está inscrito na natureza das coisas e, fora de contexto, *a priori*, não há nenhuma razão para opor os enunciados que são opostos por *mas*”. Para Maingueneau (1997), é o texto que, através de seu movimento, institui uma tal oposição. É o próprio texto e seus meandros que conduzem e direcionam a uma determinada orientação argumentativa.

Em versões posteriores de sua teoria da argumentação, Ducrot introduz uma correção a sua análise habitual. Na sua correção, ele sugeriu substituir a ideia de um argumento “mais forte” que um outro pela seguinte: ao dizer “P mas Q”, “o locutor declara negligenciar o primeiro [enunciado] da argumentação que está construindo, para apoiar-se apenas no segundo – a força argumentativa superior atribuída a este não passa de uma justificação desta decisão” (Ducrot, 1987, p. 229).

Tomando como ponto de partida as reflexões de Anscombe e Ducrot (1977), de Ducrot (1980) e de seus seguidores, Adam (1990) acrescenta três novas funções para o conector “mas”. Sua proposta se apoia em um *corpus* de pesquisa mais vasto e muito mais diversificado do que aquele utilizado pelos seus antecessores. A categorização de Adam (1990) prevê, portanto, cinco funções distintas para o conector “mas”: duas descritas pelo grupo de Ducrot (1977 e 1980) (o “mas”

---

<sup>177</sup> P é um argumento.

<sup>178</sup> Q é apresentado como o argumento mais forte para não-R do que P é para R.

<sup>179</sup> R é uma conclusão.

refutativo e o “mas” argumentativo) e outras três funções resultantes das pesquisas desenvolvidas pelo próprio Adam (1990): o “mas” de reforço-ênfase<sup>180</sup>, o “mas” fático e/ou de demarcação e segmentação textual, e o “mas” concessivo.

O “mas” de reforço-ênfase, de acordo com Adam (1990), tem sido com frequência negligenciado pelas análises linguísticas. Na superfície discursiva, ele normalmente vem acompanhado pela expressão “não somente” e tem a função de expor um argumento suplementar para uma conclusão que pode ser expressa ou não ao final do texto (Adam, 1990).

O “mas” fático é utilizado, na maior parte dos casos, segundo Adam (1990), para indicar uma mudança de opinião e de ponto de vista. Além de demarcar os segmentos textuais, atribui-se a ele uma função pragmática muito semelhante à estrutura de réplica que caracteriza os diálogos da oralidade. Como mostra Adam (1990), o “mas” fático pode representar, às vezes, as relações de força entre os interlocutores. Em muitos casos, ele aparece como uma expressão complexa que serve muito mais como um conector de tomada de fala (ou de turno conversacional, no caso do diálogo) do que como um conector de argumentos. Apoiado nas palavras de Cadiot et al. (1979, p. 97), Adam assinala que “as marcas de acordo e desacordo parecem quase equivalentes; deve-se ver aqui um tipo de embate de forças para introduzir, impor o que se tem a dizer (ou para marcar simplesmente um desejo de fala). E é o MAS que serve para instalar o dizer, de forma privilegiada”<sup>181</sup> (Adam, 1990, p. 200). Para complementar sua reflexão acerca desse tipo de “mas”, Adam destaca que a função do “mas” fático da oralidade e/ou de demarcação-segmentação do escrito “consiste essencialmente em articular fragmentos discursivos *a priori* heterogêneos: uma fala sobre uma outra, no oral, um fragmento textual com um outro, no escrito”<sup>182</sup> (Adam, 1990, p. 203).

O “mas” concessivo costuma revelar as pressuposições do locutor à medida que estabelece concessões e restrições ao longo do texto. Tomando como exemplo o enunciado “Rodrigo não é grande, MAS ele é muito forte”<sup>183</sup>, Adam (1990, p. 203) mostra que, dentre as diversas possibilidades de aplicação desse conector

<sup>180</sup> O termo original em francês é *renforcement-renchérissement*.

<sup>181</sup> Les marques d'accord et de désaccord semblent quasi équivalentes, on doit voir là une sorte de coup de force pour introduire, imposer ce qu'on a à dire (ou pour marquer simplement un désir de parole). Et c'est le MAIS qui sert à installer le dire, de façon privilégiée.

<sup>182</sup> consiste essentiellement à articuler des morceaux discursifs a priori hétérogènes : une parole sur une autre, à l'oral, un fragment textuel avec autre, à l'écrit.

<sup>183</sup> Rodrigue n'est pas grand, MAIS il est très fort.

concessivo, existe aquela que seria a mais frequente, como indica o exemplo. A partir desse enunciado, pode-se perceber que a proposição NÃO-P (não grande) permite visualizar uma conclusão do tipo NÃO-Q. Segundo Adam (1990), “apesar dessa implicação, [o enunciado] inverte a pressuposição {não-grande > não forte} para afirmar NÃO-P, MAS Q”<sup>184</sup>, ou seja, (não grande, mas muito forte). O autor destaca que é possível representar essa configuração através do quadrado da lógica clássica<sup>185</sup> “na medida em que as proposições colocadas em P e Q são sempre percebidas como contrárias (como confirma o conector concessivo possível no lugar de – ou combinado com – MAS)”<sup>186</sup>. Para ilustrar sua reflexão, Adam (1990), apresenta o seguinte esquema:

Tabela 17: Esquema sobre o “mas” concessivo

<p style="text-align: center;"> <b>P</b> ----- <b>Q</b>          ↓                      ↓  <b>NÃO-Q</b> ~~~~~ <b>NÃO-P</b> </p>	<p>Em que:</p> <p>P e Q são contrários,          P implica NÃO-Q,          Q implica NÃO-P,          NÃO-Q e NÃO-P são subcontrários.</p> <p style="text-align: right;">Esquema retirado de Adam (1990, p.203).</p>
---	---

Ao expor sua categorização sobre o conector “mas”, Adam (1990) não exclui a proposta de Ducrot (1977 e 1980) e seus seguidores. Pelo contrário, ele a toma como referência para suas reflexões e apresenta uma ampliação no que diz respeito às funções desse marcador discursivo. Adam (1990) destaca que, sem dúvida nenhuma, a função mais complexa e mais completa desempenhada pelo conector “mas” é a argumentativa, assim como já previa Ducrot (1980). Comparando com as demais funções do conector “mas”, é possível perceber a complexidade que está subjacente à função argumentativa. Quando é empregado com fins argumentativos, o “mas” chega a relacionar e interagir com até quatro termos (dois argumentos explícitos e duas conclusões geralmente implícitas e sempre contrárias), enquanto que, nas outras funções, ele relaciona e conecta um menor número de termos (Adam, 1990).

<sup>184</sup> Malgré cette implication, [o enunciado] renverse la présupposition {non-grand > non-fort} pour affirmer NÃO-P, MAIS Q.

<sup>185</sup> Para aprofundar este assunto, confira Grize, 1988.

<sup>186</sup> Dans la mesure où les propositions placées en P e en Q sont toujours perçues como contraires (comme le confirme le coneceteur concessif possible à la place de – ou combiné avec – MAIS.

Consciente da pertinência da proposta destes autores – Ducrot (1980) e Adam (1990) –, apoio-me em suas teorias sobre o conector “mas” para fundamentar a análise que desenvolvo doravante. Esta postura teórica, metodológica e analítica reflete minha preocupação em tentar descrever e explicar, de forma ampla e completa, os fenômenos linguístico-discursivos observados no *corpus* desta pesquisa. Diante da diversidade de teorias que se preocupam em explicar os usos e as aplicações do conector “mas” em diferentes situações enunciativas e com diferentes funções discursivas, seria inaceitável tentar reduzir todas as ocorrências desse conector a duas formas de categorização.

Conforme destaquei anteriormente, o “mas” ocupou um lugar de destaque na preferência dos alunos como elemento de conexão textual. O mesmo não se pode dizer dos demais conectores, que foram empregados em proporções bem menores, se comparadas com o uso do “mas/*mais*”, e apresentaram percentuais numéricos bem heterogêneos. As análises revelaram ainda que alguns textos, nas duas línguas investigadas, foram construídos e organizados sem o uso de conectores, como mostra a tabela exposta na sequência. Nesses casos, observou-se que o encadeamento dos componentes básicos da argumentação (relação dos argumentos entre si e deles com a tese), a progressão da informação textual e a orientação argumentativa do texto parecem ter sido prejudicados pela ausência de mecanismos de conexão. Observando esses textos, percebe-se que o encadeamento das unidades semânticas e o papel argumentativo atribuído a elas parece ser superficial e, em alguns casos, até enfraquecido. Isso se deve à ausência do uso de conectores argumentativos, o que acaba prejudicando também a linearização do discurso e a persuasão que esse discurso pretende.

Na Tabela 18, informações mais completas sobre o uso (ou não) dos conectores são apresentadas. É preciso esclarecer que os índices de utilização de todos os conectores estão expressos sob a forma de ocorrências e não de porcentagem, como vinha sendo feito na análise de outros elementos textuais. O número indicado na tabela representa, pois, quantas vezes cada conector foi utilizado naquele ciclo de coletas, independentemente do texto em que foi observada sua presença. Essa modificação foi necessária porque não havia referências de emprego, para cada texto, que pudessem servir de base de cálculo da porcentagem.

Tabela 18: Conectores

Objetos de análise	PLPM		PLPV		FLPM		FLPV	
	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 20 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações	1º Ciclo 22 redações	2º Ciclo 22 redações	1º Ciclo 16 redações	2º Ciclo 16 redações
<b>3. CONECTORES</b>								
Mas ( <i>Mais</i> )	17	12	20	12	29	15	17	22
Porém ( <i>cependant</i> )	4	5	3	5	---	---	1	6
No entanto/entretanto ( <i>toutefois/pourtant</i> )	2	1	1	---	---	---	---	3
apesar de (tudo) ( <i>Malgré/malgré tout</i> )	1	---	---	1	---	1	1	1
Porque ( <i>parce que</i> )	1	---	---	1	16	12	1	1
Pois ( <i>car</i> )	3	1	---	9	---	2	10	7
Portanto ( <i>donc</i> )	1	---	---	1	2	1	2	17
Texto sem conectores	2	5	2	---	---	3	1	---

É importante lembrar que, nesta exposição, serão descritos e analisados apenas aqueles conectores que se fizeram presentes em todas as amostras. Esta postura metodológica e analítica justifica-se na medida em que este estudo pretende descrever e analisar um modo recorrente de construção composicional que pode ser depreendido da totalidade de discursos analisados. As recorrências de um modo de dizer são identificadas, e, a partir delas, é possível descrever e investigar a organização retórica de cada língua-cultura e também o modo como o enunciador constrói e apresenta a imagem de si *no* e *pelo* discurso.

### 3.4.1 Os conectores em língua portuguesa

De acordo com as análises efetuadas, o emprego de conectores em língua portuguesa é diversificado: identificaram-se sete conectores recorrentes nos textos. Dentre os marcadores argumentativos mais frequentes, destacam-se o “mas”, que aparece com os maiores índices de emprego, e o “porém”, que ocupa a segunda posição na preferência dos alunos. A presença desses dois conectores foi observada em textos de todas as amostras coletadas. Outros mecanismos de conexão foram verificados; no entanto, o número de ocorrências pode ser considerado baixo em relação àqueles já mencionados. É preciso destacar ainda

que, em alguns textos pertencentes ao *corpus* de língua portuguesa, observou-se a ausência de conectores, como se pode verificar na Tabela 18.

### 3.4.1.1 Sobre o conector “mas” e suas diferentes funções

Ao longo dos textos analisados, observou-se a ocorrência do “mas” desempenhando diferentes funções, como, por exemplo, funções fáticas (ou de demarcação de segmentos textuais), de reforço-ênfase, de concessão, de refutação e de argumentação. Assim, o “mas” se fez presente em diferentes situações enunciativas, e as funções que ele desempenhou em cada uma dessas situações podem ser, efetivamente, categorizadas segundo as propostas de Ducrot (1980) e de Adam (1990).

A função fática, designada, no caso das produções escritas, sob o nome de demarcação de segmento textual, foi observada nos fragmentos em que o “mas” foi aplicado, principalmente, na introdução de perguntas retóricas, como se pode verificar nos seguintes exemplos:

PLPM(A)19: As desgraças rotineiras, comuns à vida em sociedade, propiciam aos telejornais o material necessário à programação de toda uma semana. Mas será que toda essa violência necessita ser veiculada, ou essa é somente uma jogada de “marketing” para atrair audiência? (l. 1-4)

PLPM(A)20: Mas por que a criança a milhares de quilômetros de distância recebeu maior atenção do que uma greve, na principal cidade do país? Por acaso, para nós a notícia da Turquia é mais importante que uma notícia nacional? (l. 12-14)

PLPM(B)15: Os infratores são controlados pelas multas, mas quem controla a corrupção, os guardas? (l. 8-9)

PLPV(A)5: Talvez, é uma função essencial do governo, mas será que se a gente deixar passar vai ajudar? (l. 16-17)

PLPV(B)2: Mas nós não lemos livros, nós também lemos pôsters, os sub-títulos nos filmes, os ingredientes numa receita, nomes, e um monte de outras coisas na nossa vida. Mas o que a leitura nos oferta? (l. 2-4)

PLPV(B)15: As palavras exploram uma ideia tentando nos convencer ou não se é certa ou não; podemos recusar essa ideia, mas isso significa que a leitura não nos transformou? (l. 14-15)

Nesses exemplos, percebem-se dois tipos de emprego do “mas”. Nos quatro fragmentos iniciais, cabe ao conector articular fragmentos discursivos heterogêneos, como, por exemplo, a passagem de um enunciado dissertativo-argumentativo para uma pergunta retórica. A função do “mas” ali pode ser descrita como uma função

essencialmente pragmática. Já nos dois últimos exemplos, construções negativas antecedem o emprego do “mas”. Esse tipo de aplicação do marcador discursivo assemelha-se ao “mas” refutativo de Ducrot, na medida em que ele introduz uma oposição, sob a forma de pergunta retórica, ao que vinha sendo enunciado. Nesse caso, o “mas” não se traduz pelo *sino*, em espanhol, mas antes pelo *pero*. Segundo Adam (1990, p. 197), em fragmentos como esses, apesar de haver uma construção aparente de um outro “mas” sobre uma negação, o que existe, na verdade, é um “mas” fático ou de demarcação de segmento textual cuja função é assinalar uma modificação de ponto de vista e/ou de opinião. O conector marca aqui uma ruptura no enunciado e na linha de raciocínio que vinha sendo seguida pelo enunciador.

A função de reforço-ênfase se verifica quando o conector “mas” aparece compondo expressões que seguem uma estrutura muito peculiar: na proposição P, geralmente (mas não sempre), apresenta-se a expressão “não só”, que se combina com elementos lexicais do tipo “também, mesmo, igualmente e além disso” (Adam, 1990). Observe alguns exemplos que comprovam esse tipo de ocorrência no *corpus* desta pesquisa.

PLPM(A)21: Muitas vezes, o noticiário toma um dos dois lados de uma disputa e não só o defende mas também o auxilia a atingir seu objetivo. É o caso do jornal SPTV que tenta ser mediador em discussões entre classes menos favorecidas e os órgãos governamentais. (l. 12-15)

PLPM(B)5: O novo código foi muito pouco divulgado no começo. Ninguém sabia o que ia mudar e o que tinha que ser feito para adequar-se a ele. Porque não foram só as multas que aumentaram de valor, mas também precauções que deveriam ser tomadas para evitar acidentes, como, por exemplo, a adoção de equipamentos de primeiros socorros. (l. 5-9)

PLPM(B)11: os castigos atingirão não só o bolso do motorista mas também a sua licença para dirigir. Ele passará a perder pontos por cada deslize cometido. (l. 10-12)

PLPV(B)2: Mas nós não lemos livros, nós também lemos pôsters, os sub-títulos nos filmes, os ingredientes numa receita, nomes, e um monte de outras coisas na nossa vida. (l. 2-4)

PLPV(B)6: O individuo é então transformado pela leitura. Mas ele não está somente sobre o plano do saber, mas também é mudado no dos sentimentos. (l. 15-16)

PLPV(B)7: Podemos ler outras coisas que um livro ou uma revista, mas também um sorriso. (l. 6-7)

PLPV(B)8: ele escreve em função do que quer que o leitor entenda, e para isso ele usa métodos literários que tem função de influenciar não só ideias, mas também as sensações e sentimentos deste. (l. 4-7)

A partir desses exemplos depreende-se que o uso do “mas” com função de reforço-ênfase pode ser mais frequente nos textos dissertativo-argumentativos do que se poderia imaginar. Conforme destaca Adam (1990), esse tipo de “mas” tem o

mérito de introduzir novos argumentos que podem auxiliar no direcionamento de uma determinada orientação argumentativa do texto. Por intermédio desse tipo de conector, é possível inserir, na superfície discursiva, argumentos suplementares que conduzem a uma conclusão que pode ou não ser expressa no próprio texto, já que essa conclusão pode apresentar-se de forma implícita.

Outra função importante do conector “mas” é a de concessão. Normalmente construído sobre uma negação, assim como o refutativo, o “mas” concessivo pode indicar as pressuposições do enunciador. Conforme se destacou anteriormente, a concessão é sustentada por uma estrutura do tipo: a proposição NÃO-P é um argumento para a conclusão NÃO-Q (Adam, 1990). Para Adam (1990), essa estrutura permite depreender um sistema de normas subjacentes: “pode-se dizer que o MAS [concessivo] tem a função de inverter uma pressuposição {NÃO-P > NÃO-Q}”<sup>187</sup> (Adam, 1990, p. 204). Ao observar o *corpus* deste estudo, na tentativa de verificar se havia a ocorrência do conector “mas” com função concessiva, identificaram-se as seguintes situações em que se pode(m) perceber a(s) concessão(ões) que por ele são sustentadas:

PLPM(A)4: Esse programas são muito criticados, considerados como um exemplo de mau-gosto e extrema desrespeito com as pessoas que neles aparecem. Os apresentadores exploram esses indivíduos para conseguir maior ibope, mas defendem-se dizendo que também fazem caridade através de seu trabalho. (l. 10-13)

PLPM(A)6: Os jornais informam, mas os noticiários da televisão, atualmente, estão se preocupando mais em emocionar os telespectadores. (l. 1-2)

PLPM(A)6: A intenção de mexer com os sentimentos dos telespectadores está maior que a de informar, mas isso ajuda bastante as pessoas, pois essas criam consciência. (l. 10-12)

PLPM(A)15: Audiência, esta pequena palavra não parece ter grande importância no nível cultural da população, mas tem. A briga entre as emissoras de televisão, que influenciam muito na forma de agir e até mesmo de pensar de grande parte dos cidadãos, pela audiência está trazendo uma queda significativa na qualidade da programação da televisão brasileira. (l. 1-5)

PLPM(B)1: A população reclama que não houve uma boa divulgação das leis, mas a maioria delas já deveriam ser respeitadas mesmo antes do novo código. (l. 10-11)

PLPM(B)4: Desde a época de sua liberação, muita polêmica foi causada porque não ocorreu alteração nas regras, mas sim, nas punições. (l. 2-3)

PLPV(A)11: Com essa situação não conseguiremos nos tornar países desenvolvidos. Temos a primeira condição: economia forte mas possuímos também a primeira condição dos países subdesenvolvidos: enormes desigualdades sociais. (l. 16-17).

---

<sup>187</sup> on peut dire que MAIS [concessivo] a pour fonction de renverser une présupposition {NON-P >NON-Q}.



PLPV(B)6: a leitura transforma a ignorância em sabedoria. Depende evidentemente de qual for essa leitura, mas todos os textos são instrutores. (l. 8-9)

Como é possível observar nos exemplos, as concessões podem ou não ser precedidas pela negação. Como destacou Adam (1990), *normalmente* o “mas” concessivo é construído sobre uma negação, mas isso não é uma regra de fato. Há casos, como o próprio autor exemplifica em seu texto, em que a concessão pode aparecer sem a negação. É importante notar, nos fragmentos apresentados acima, que as concessões fornecem pistas importantes sobre as pressuposições, e estas, por sua vez, podem revelar ou indicar a visão de mundo dos enunciadores, conforme destacou Adam (1990).

Depois de percorrer e exemplificar as funções do conector “mas” descritas por Adam (1990), pode-se (e deve-se) aplicar a célebre teoria de Ducrot (1980) acerca das funções refutativa e argumentativa desse conector, funções estas que foram devidamente reconhecidas e homologadas também por Adam (1990). O “mas” refutativo, conforme já se ressaltou, vem, normalmente, acompanhado de uma negação e, de acordo com os postulados de Ducrot, pode ser traduzido por *sino*, em espanhol, e *sondern*, em alemão. De acordo com Adam (1990, p. 196), a função desse conector é articular dois argumentos de orientação contrária e principalmente introduzir um conflito de falas e/ou enunciados.

PLPM(A)12: É o sensacionalismo, no qual o noticiário não noticia, mas procura cativar o público com tristezas nos acontecimentos (muitas vezes, distorcendo alegrias alheias). (l. 10-12)

PLPM(B)1: Essas leis deveriam ser cumpridas não por causa das multas mas para preservar a vida. Quantas pessoas já se salvaram por causa do cinto de segurança? (l. 8-9)

PLPM(B)3: não há de se discutir sobre as novas leis mas respeitá-las e cumpri-las a fim de que possamos preservar algo de valor inestimável, a vida. (l. 10-11)

Os exemplos mostram que esses enunciados apresentam certa oposição interna. Essa oposição é sustentada por uma estrutura de negação e retificação. Como se pode verificar nos exemplos, o enunciador parece refutar seu próprio enunciado. Para Adam (1990, p. 196), o “mas” refutativo “se encontra inserido [...] em uma estratégia de diálogo conflitual, em um verdadeiro conflito de asserções [...]”. A asserção refutada pode não ser explicitamente atribuída a um enunciador

preciso”<sup>188</sup>. Isso possibilita o surgimento de um efeito dialógico e polifônico na superfície discursiva.

Já o “mas” argumentativo, descrito por Anscombre e Ducrot (1977) como o operador argumentativo por excelência, apresenta-se como a forma mais completa e mais complexa de funcionamento do “mas” (Adam, 1990). Não é por acaso que ele é o conector mais estudado no âmbito dos estudos da linguagem (Maingueneau, 1997). Conforme destacado anteriormente, esse conector tem como correlato, em espanhol, o *pero* e, em alemão, o *aber*. É daí que surge a designação “masPA”, muito difundida pelos estudos ducrotianos. Na superfície discursiva, sua função é, especificamente, de conexão argumentativa. Cabe a ele conectar dois lados ou duas ideias distintas. Em outras palavras, sua função é vincular duas unidades semânticas conferindo-lhes uma função argumentativa. Diferentemente do que acontece com o “mas” refutativo, esse “mas” não exige que o enunciado anterior seja negativo.

Com bases nos pressupostos teóricos apresentados, observou-se que o conector “mas” com função argumentativa também foi empregado nos textos que compõem o *corpus* de língua portuguesa, como se pode verificar nos exemplos apresentados a seguir:

PLPM(A)19: Conforme suas propostas, os noticiários devem também informar as fatalidades da vida mas, a tendência em exagerar nesse tipo de reportagem tem se tornado frequente. Tudo parte do plano da maioria das emissoras de televisão cujo objetivo principal é o lucro. (l. 5-8)

PLPM(A)22: Alguns especialistas aprovam esse método pois acreditam que o povo gosta disso. Mas a grande maioria rejeita o sensacionalismo e a busca pela audiência. (l. 6-8)

PLPM(B)10: O sistema deve ser adotado para melhoria das condições de vida do cidadão, mas isso deve ser feito paulatinamente, com a conscientização da população. (l. 15-16)

PLPM(B)11: O código é universal mas no Brasil, quase todas as infrações, muitas vezes, eram deixadas de lado ou resolvidas com um pequeno pagamento aos guardas. (l. 8-11)

PLPV(A)6: Estes dois textos podem, no começo, parecerem meio difíceis de serem relacionados com o contexto social brasileiro, mas, analisado-os mais de perto há uma pequena sutileza em relação a sociedade brasileira. A desigualdade social no Brasil é uma questão complexa que está sendo realmente colocada em textos para podermos observar a realidade que está à nossa volta. (l. 1-5)

PLPV(A)8: Existe no Brasil grandes problemas sociais. Cada um é consciente disso, mas são poucas as pessoas que trabalham e ajudam para resolver esses problemas que na verdade é um espelho da sociedade brasileira e francesa. (l. 1-3)

---

<sup>188</sup> se trouve inséré [...] dans une stratégie de dialogue conflictuel, dans un véritable conflit d’assertions [...]. L’assertion réfutée peut n’être pas explicitement attribuée [...] à un énonciateur précis.

PLPV(A)15: Pode-se achar que é uma coisa inadmissível, mas é um fato que o mundo inteiro vai ter que aceitar, porque isso só vai ser acarretando com o tempo, quer dizer que as pessoas ricas vão receber ainda mais dinheiro e as pessoas pobres, ainda menos. (l. 15-17)

PLPV(B)14: Essas interpretações diferentes resultam em discussões hostis ou não, em que as pessoas mostram e comparam o que pensam do texto. As vezes isso resulta em situações hostis quando se começa a falar de coisas consideradas intocáveis, como a religião ou a política. Mas essas diferentes interpretações também podem trazer muitos benefícios como a abertura a mente em questões como direito igual entre diferentes etnias, a liberdade de expressão e religiosa. (l. 13-18)

PLPV(B)11: Ela pode até mudar a maneira de pensar, mas não de ser da pessoa. A leitura é uma porta de entrada e um guia para a transformação do leitor. Mas essa transformação não é total e o realizador é a pessoa ela mesma. (l. 45-47)

Os exemplos mostram que o “mas”, na maioria dos casos, foi utilizado para relacionar enunciados. Essa aproximação entre elementos, à primeira vista, opostos tem uma importância fundamental no desenvolvimento argumentativo do texto. O “mas”, ao conectar unidades semânticas que expressam ideias distintas, contribui para o direcionamento argumentativo do texto. O conector “mas” opõe os enunciados, como se pode observar nos exemplos, mas é o texto, através de seus meandros, que vai homologar ou refutar a oposição expressa por esse elemento de conexão. O conector indica um caminho argumentativo, ele aponta uma direção argumentativa, mas é o texto, através de seus movimentos e de outros encadeamentos, que vai confirmar, ou não, essa orientação argumentativa assinalada pelo conector.

É por isso que Adam (1990) salienta que a função argumentativa do “mas” pode ser descrita como a mais completa e a mais complexa também. Além de o “mas” estabelecer conexões entre os elementos do texto, ele também pode estabelecer encadeamentos com o implícito, isto é, com o não-dito. Esse tipo de conexão tem um poder argumentativo muito maior do que aquele dos argumentos expressos explicitamente.

#### **3.4.1.2 Sobre o conector “porém”**

Conforme salientei no início desta reflexão acerca dos conectores, este estudo descreve e analisa apenas aqueles mecanismos de conexão que são recorrentes, não só na totalidade dos textos investigados, como também na totalidade das amostras. Desse modo, além de refletir sobre o conector “mas”,

dedico-me também a analisar a ocorrência do conector “porém” no *corpus* de língua portuguesa.

Ocupando o segundo lugar na preferência dos alunos, o conector “porém” tem a função de introduzir uma oposição, ou seja, uma ideia oposta, contrária, ao que estava sendo expresso no texto. De acordo com Adam (2008, p. 191), o “porém”, assim como o “mas”, pode ser categorizado como um conector “contra-argumentativo que, normalmente, marca a presença de um argumento mais forte”. Observe alguns exemplos:

PLPM(A)2: Esse último tipo de jornal atrai muito mais a parte mais pobre da sociedade que assistem dando uma alta audiência para esses programas televisivos que somente emocionam, porém quase não informam. (l. 12-14)

PLPM(A)9: Não se pode negar que a violência existe mesmo, que as chuvas alagam certos lugares ou que acidentes de trânsito acontecem todos os dias, porém a televisão é muito sensacionalista, procura dar a notícia em todos os horários, repetir as cenas, entrevistar as vítimas, fazendo perguntas cujas respostas obviamente são trágicas. (l. 4-8)

PLPM(A)12: Assim, pontos no ibope fazem telejornais porém deixam de lado a informação para poder emocionar com acontecimentos bons ou ruins, descaracterizando-se. (l. 11-12)

PLPM(A)21: Os atuais noticiários de televisão tentam nos informar de tudo que ocorre no nosso planeta, desde as notícias do mundo da política até os resultados esportivos. Eles, porém, retratam principalmente tragédias de modo a emocionar o ouvinte e aumentar a audiência. (l. 1-3)

PLPM(B)7: Vistos tais aspectos, este novo código pode de fato reduzir o número de acidentes e mortes, porém isto ainda não é suficiente. É preciso, antes de elaborar leis com duras punições e educar as pessoas que não estão habituadas com o respeito à vida e aos outros. Multas altas sugerem corrupção e sonegação. (l. 12-15)

PLPM(B)10: O sistema de trânsito em vigência, já era utilizado há alguns anos, o que mudou recentemente foi o aumento considerável da pena das multas, visando maior educação do brasileiro no trânsito. A opinião popular porém, está dividida: o que para alguns parece uma melhoria óbvia, para outros mostra o abuso do governo para com os cidadãos. (l. 1-5)

PLPM(B)11: O código é universal mas no Brasil, quase todas as infrações, muitas vezes, eram deixadas de lado ou resolvidas com um pequeno pagamento aos guardas. Porém isso está para acabar. Já que os castigos atingirão não só o bolso do motorista mas também a sua licença para dirigir. (l. 8-11)

PLPV(A)10: A formação das favelas não é um assunto novo nos dias de hoje. Ela deu-se quando nosso país começou a industrializar-se e as cidades (principalmente as metrópoles) passaram à ser pólos atrativos de empregos. Porém essa vinda em grade massa não possibilitou a construção de moradias desentes, formaram-se então as favela. (l. 16-19)

PLPV(A)12: O Brasil, por sua vez, também comprava essas máquinas. Porém, ele, ao contrário dos países ricos, sofre de excesso e não falta de mão de obra, o que agravou a questão do desemprego e multiplicou o subemprego, o que conseqüentemente agravou as nossa desigualdade social, característica (entre outras) do subdesenvolvimento brasileiro. (l. 14-16)

PLPV(B)3: Podemos interpretar a transformação da leitura de várias maneiras. Uma delas seria a transformação que subimos na história do livro, nos transformamos no personagem e podemos nos transformar com ele. Pois o personagem sofre uma transformação no livro. Porém há outro tipo de

transformação. A nossa. Podemos ler um livro nos identificar com tal história, tirar conclusões e nos corrigir. (l. 25-29)

PLPV(B)5: Ler é antes de tudo juntar as letras do alfabeto, formar e falar as palavras em voz alta. Porém a leitura, o ato de ler, pode dar sentidos diferentes às palavras, frases ou aos textos dependendo da interpretação de cada leitor. Sendo assim, para uma boa leitura não é preciso saber apenas o significado da palavra, mas também sua colocação em cada texto. (l. 1-3)

PLPV(B)11: Esses livros contam experiências, como lidar com elas, e as lições que podem ser tiradas a partir dessas. Baseando-se nesses livros (que abordam todos os problemas quotidianos principalmente, entre outros) a pessoa tenta mudar suas reações e até mesmo pensamentos ou modo de ser, para evitar ou solucionar problemas. Porém ninguém pode mudar assim. (l. 27-31)

A partir dos exemplos, é possível perceber que o conector “porém” foi empregado com bastante recorrência nos textos em língua portuguesa. No entanto, sua função de provocar o embate de opiniões e de ideias na superfície textual nem sempre parece ter sido alcançada. Digo isso porque, observando os exemplos, nota-se que, na imensa maioria das vezes, o “porém” é usado inadequadamente pelos alunos. Na maior parte dos casos, em lugar de “porém”, seria mais adequado o uso de “contudo” ou “no entanto”, por exemplo.

Como é possível perceber pelos exemplos apresentados e pelos percentuais expostos na Tabela 18, o uso de conectores em língua portuguesa, à primeira vista, pode parecer bem diversificado; no entanto, em uma análise mais minuciosa, percebe-se que existe uma preferência explícita pelos conectores “mas” e “porém”. A predominância do “mas” e do “porém” como mecanismos de encadeamento argumentativo indica uma recorrência de construção composicional que pode ser depreendida da totalidade de discursos analisados. Como já destaquei, as recorrências de um modo de dizer, evidenciadas pelo dito, possibilitam identificar uma tendência comum no que concerne ao uso de conectores nos textos dissertativo-argumentativos, conforme o que se acabou de descrever nesta seção.

### **3.4.2 Os conectores em língua francesa**

Ao analisar o emprego dos conectores em língua francesa, observou-se que os textos produzidos nesse sistema linguístico utilizaram os marcadores argumentativos com mais frequência do que aqueles elaborados em língua portuguesa. Verificou-se que, dos sete tipos de conectores selecionados para compor a grade de análise deste trabalho, todos foram empregados em proporções

bem heterogêneas no *corpus* de língua francesa. Dessa totalidade, há quatro operadores argumentativos que devem ser destacados pela frequência com que foram utilizados: o “*mais*”, o “*parce que*”, o “*donc*” e o “*car*”.

A recorrência desses elementos no *corpus* de língua francesa chamou minha atenção não só pelo número de vezes com que eles foram empregados em cada texto, como também pela sua ocorrência em todos os ciclos de coletas, apesar de haver variação numérica entre uma coleta e outra. Vale lembrar que a descrição efetuada neste estudo privilegia apenas os elementos mais recorrentes e que a ordem seguida na apresentação desses conectores não é aleatória. Assim como aconteceu nas seções anteriores, a sequência de descrição e de análise orienta-se rigorosamente pelos índices de emprego de cada elemento conforme o exposto na Tabela 18. Assim, a ordem “*mais*”, “*parce que*”, “*donc*” e “*car*” é decrescente, isto é, toma-se como ponto de partida o conector com maiores índices de utilização até chegar àquele que, dos quatro que serão analisados, apresenta a menor incidência nos textos e nas amostras.

É necessário esclarecer que os conectores constituem ferramentas importantes para a organização e para o desenvolvimento argumentativo de um texto. No entanto, seu uso não constitui (mas deveria constituir) uma coerção genérica e situacional nos textos dissertativo-argumentativos. É por isso que, no *corpus* deste trabalho, tanto em língua portuguesa como em língua francesa, há textos construídos sem o uso de conectores (confira Tabela 18).

### **3.4.2.1 Sobre o conector “*mais*” e suas funções**

Assim como aconteceu no *corpus* de língua portuguesa, o conector “*mais*” também se destacou na preferência dos alunos. As funções que esse mecanismo de conexão desempenha na superfície textual podem ser categorizadas em cinco tipos distintos: três propostas por Adam (1990) – as funções fática (ou de demarcação de segmentos textuais), de reforço-ênfase e de concessão –, e duas amplamente descritas por Ducrot e seus seguidores – as funções de refutação e de argumentação. É com base nessa categorização que me dedico a descrever e a analisar o uso do conector “*mais*”.

O conector “*mais*” desempenhando uma função de demarcação de segmento textual (ou função fática), como acontece com frequência nos textos escritos, foi observado, principalmente, em enunciados que são construídos sob forma de perguntas. Refiro-me aqui às famosas perguntas retóricas, que podem ser descritas como uma importante técnica argumentativa, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002). Como é possível verificar nos exemplos abaixo, o “*mais*” funciona como um marcador, ou melhor, um articulador discursivo que assinala uma modificação no discurso: a passagem de uma asserção, por exemplo, a uma pergunta retórica.

FLPM(A)2: *L'avortement est un problème qui cause une grande discussion dans le monde. Comment peut-on tuer un petit être vivant? Mais peut-on le considérer un petit être vivant? Personne ne sait bien encore, il y a des pour et des contre.* (l. 1-3)

FLPM(A)2: *Mais, si la mère de ce petit enfant n'a pas les moins de s'occupé de lui?* (l. 7)

FLPM(A)13: *Avez-vous déjà passé par un avortement? Avez-vous et vos copains ou copine déjà passé par une situation de surprise après “la nuit”? Saurez-vous que faire dans ce cas? Mais... qu'est un avortement?* (l. 1-3)

PLPM(B)4: *Depuis quelques années, la violence augmente de plus en plus, surtout dans les grandes Villes. La situation est encore pire dans les pays pauvres et pas développés. Mais pourquoi ce nombre très élevés d'assauts, vols et séquestres?* (l. 1-4)

FLPV(A)2: *L'homme écrit des poésies depuis l'Antiquité. Elles peuvent être mélancoliques longues, courtes, rapide, lentes, calmes. Quand on sait lire la poésie, on sait tout lire. Mais à quoi sert lire de la poésie?* (l. 1-3)

FLPV(A)2: *Donc, lire une poésie ne fait pas mal. Au contraire, elle nous enseigne. Mais pourquoi les poètes écrivent-ils des poésies?* (l. 13-14)

FLPV(A)7: *La poésie, tout comme la prose, appartient à la littérature. Mais quelles raisons peuvent être avancées pour défendre la poésie?* (l. 1-2)

Os exemplos comprovam que o conector “*mais*” desempenha a função de demarcação de segmento textual. Como se pode verificar, além de servir de marcador discursivo para assinalar uma mudança de construção enunciativa, como, por exemplo, nos fragmentos PLPM(B)4, FLPV(A)2 e FLPV(A)7, em que ele marca a passagem da asserção à pergunta retórica, o “*mais*” também serve como um sinalizador do ápice de uma reflexão interrogativa, como acontece, por exemplo, nos três primeiros fragmentos FLPM(A)2, FLPM(A)2, FLPM(A)13. Nesses casos, depreende-se uma função puramente pragmática do “*mais*”.

Deve-se destacar ainda uma terceira aplicação para esse conector, que pode ser observada no exemplo FLPV(A)2, em que se nota certa semelhança entre o “*mais*” fático e o refutativo. Essa semelhança se evidencia na medida em que o

“*mais*” em FLPV(A)2 introduz uma negação e, em seguida, uma oposição ao que vinha sendo enunciado sob a forma de pergunta retórica. Em casos como esse, Adam (1990, p. 197) explica que, apesar de haver uma construção que se ampara sobre uma negação (construção característica do “*mais*” refutativo), o que existe, na verdade, é um “*mais*” de demarcação de segmento textual. Sua função, nesse caso, é justamente a de assinalar uma modificação de ponto de vista e/ou de opinião. Assim como aconteceu em alguns fragmentos em língua portuguesa, o conector marca aqui uma ruptura no enunciado e na linha de raciocínio que vinha sendo seguida pelo enunciador.

Nos casos em que desempenha uma função de reforço-ênfase ou de insistência (Adam, 1990), o conector “*mais*” vem acompanhado, na maior parte dos enunciados, da expressão “*non seulement*”, na proposição P, e combina-se, na proposição subsequente, a elementos lexicais do tipo “*même*”, “*aussi*”, “*également*”, “*en (de) plus*”, entre outras (Adam, 1990). Essa estrutura enunciativa aparece de forma recorrente quando o conector é empregado para reforçar o que vinha sendo enunciado ou para articular argumentos que seguem a mesma orientação argumentativa.

FLPM(A)10: *Penser sur l'avortement est une chose qui doit être faire avec beaucoup de soin. Il y a des personnes pour et contre ça. Ça ne depend pas seulement des opinions des personnes, mais aussi, du cas ou il y a l'option de faire ou non un avortement.* (l. 1-3)

FLPM(B)17: *Une des solutions est augmenter le sécurité dans l'écoles publiques (non seulement dans là, mais dans les rues aussi).* (l. 12-13)

FLPV(A)13: *Avec une poésie on transmet des sentiments. Ceux-ci sont éprouvées par les personnage qui être ou pas le narrateur ou quelqu'un. Mais même en expriment des sentiments (ou pas) le poète exprime des idées à travers son oeuvre.* (l. 14-15)

FLPV(B)16: *Ces deux auteurs étaient aussi et surtout des maîtres de la description. Cependant, ma préférence se dirige vers Zola, non seulement pour des raisons liées au contenu de ses livres, mais aussi pour le style qu'il emploie pour marquer les spirits.* (l. 2-3)

FLPV(B)16: *Mais Zola ne décrit pas seulement un milieu avec minutie, il s'intéresse aussi à la psychologie du héros, Etinne Lantier. Ainsi, c'est en suivant les péripéties et les emotions de ce personnage que le lecteur va assister à la naissance d'un leader, puis sa déchéance...* (l. 10-12)

FLPV(B)16: *De plus, Zola utilise d'autres procédés pour faire passer son message social. On remarque, par exemple, une grande utilisation d'argot, non seulement chez les hommes, mais aussi chez les femmes. Ceci montre le réalisme du roman.* (l. 20-22)

É possível perceber, nesses exemplos, que o “*mais*” exerce uma função de insistência ou, como destaca Adam (1990), de reforço-ênfase. Na maioria dos casos,



o conector “*mais*” retoma, reafirma e articula argumentos que seguem a orientação argumentativa defendida pelo texto e acrescenta argumentos suplementares, com peso igual ou superior àqueles já expostos no texto, orientados para uma mesma conclusão que pode estar explícita ou implícita.

A terceira possibilidade de descrever o marcador da argumentação “*mais*” é através de sua função concessiva. Nesse caso, normalmente, o “*mais*” é empregado pelo enunciador para conceder razão a um argumento favorável a uma tese oposta àquela defendida por ele. Sua apresentação na superfície discursiva também pode se amparar em uma negação precedente, isto é, exposta na proposição P. Descrito como um conector que contribui para a análise das pressuposições do enunciador, no *corpus* de língua francesa, o “*mais*” concessivo foi verificado nos seguintes fragmentos:

FLPM(A)8: *En notre pays le avortement est prohibé, mais grand part de la population de femme pratique le avortement plusieurs reprises elles faitent à cause de homme que plus obrigue la enceinte avorter, mais a femmes que vont contre son homme et decide aller garder de son enfant solement.* (l. 4-7)

FLPM(A)12: *La legalization de l'avortement est très discutable, mais quand se traite de violence sexuel, il est agréé.* (l. 8-9)

FLPM(A)12: *En général, l'avortement est encore très malvu sous l'angle de médecins, politiques et religieuses, mais est très utiliséee actuellement.* (l. 15-16)

FLPM(A)14: *Il y a beaucoup de moyens pour avorter une enfat. Les méthodes contraceptives sont les plus ordinaire. Les opérations, la nouvelle pilule du jour prochain sont d'autres methods illégales, mais très efficients et utilisées.* (l. 8-10)

FLPM(A)14: *Je pense que est un assassinat, mais il est aussi juste penser que la femme a le droit de choisir si elle veut ou non avoir l'enfant.* (l. 8-9)

FLPM(B)12: *il y a des familles qui sont pauvres, mais elles sont honnêtes.* (l. 7)

FLPM (B)17: *Quand quelqu'un n'a pas d'argent ils “décident” voler pour pouvoir manger, mais il y a aussi celui qui fait ça pour plaisir* (l. 4-6).

FLPV(A)15: *J'ai fait une enquête dans les classes, on dit qu'ils détestaient la poésie, de lire car ils ne comprenaient rien de ce que l'auteur voulait transmettre au lecteur ; mais il y a une petite partie des élèves qui adore lire poésie de n'importe quel auteur, ils comprenaient tout ce qu'il veut transmettre, ou une idée ou un pensée.* (l. 7-9)

FLPV(B)14: *Je pense qu'on doit portait un masque pour ceux qu'on ne connaît pas ou qu'on n'aime pas, mais qu'on doit montrer qui on est réellement à ceux qui ont notre confiance.* (l. 17-19)

Os fragmentos apontados acima mostram dois tipos de construções em que se pode depreender a função concessiva do “*mais*”. A primeira possibilidade de organização é aquela expressa nos exemplos FLPM(A)8, FLPM(A)12, FLPM(A)14,

FLPM(B)12, em que a concessão não está vinculada a uma negação precedente. Já a segunda possibilidade, verificada nos exemplos FLPM(B)17, FLPV(A)15, FLPV(B)14, segue um modelo canônico de construção concessiva por meio do conector “*mais*”: aquela amparada em uma negação que é expressa nas proposições precedentes. Independentemente da maneira como a concessão pelo “*mais*” é construída na superfície discursiva, é importante destacar que, na maioria dos casos, esse tipo de construção revela as pressuposições do enunciador, como acontece, por exemplo, no fragmento FLPM(B)12: “*il y a des familles qui sont pauvres, mais elles sont honnêtes* (l. 7). Nesse caso, a pressuposição é a seguinte: as famílias que são pobres (geralmente) não são honestas.

Conforme se destacou anteriormente, as três funções explicadas acima são resultados de uma ampliação, proposta por Adam (1990), da teoria de Ducrot. O “*mais*” refutativo e o argumentativo não perderam sua validade; pelo contrário, essas duas funções continuam sendo aquelas mais frequentes na superfície textual e, conseqüentemente, as mais investigadas.

Quando desempenha uma função refutativa, o conector “*mais*” serve como um elemento de articulação entre dois argumentos antagônicos e, desse modo, insere um conflito de enunciados e de pontos de vista na superfície textual. Essa função, assim como outras já descritas, se constrói apoiada, normalmente, em uma negação, como se pode verificar nos exemplos a seguir:

FLPM(B)11: *Il n'y a aucune lieu où elle n'est pas mais il y a de manières pour achever avec elle. Il faut que le gouvernement donne education pour la population.* (l. 9-10)

FLPV(A)6: *La poésie est un art, plus difficile à réaliser que quelques uns par sa complexité donc sa forme, le rythme, les rimes ou encore les sens sousentendu du mots ou expression. La poésie ne se fait pas de la nuit au jour, mais le poète ni conscre pas non plus des années, on pouvait presque dire que la poésie est un do avec lequel on est né, et de don doit être utilisé.* (l. 9-12)

FLPV(B)12: *La poésie a plusieurs avantages comparés à la prose. Les mille et une vantages dont je vais vous citer quelques unes ne sont pas dans la forme différente de la prose mais dans le lyrisme, chose indispensable dans n'importe qu'elle bonne poésie.* (l. 1-3)

FLPV(B)2: *Zola ne nous montre pas tout le Coron, mais juste une famille, la Famille Maheu.* (l. 38-39)

O conector “*mais*” instaura certa oposição no enunciado que se configura a partir de uma negação, exposta na proposição inicial, e de uma retificação apresentada na seqüência. Em alguns casos, tem-se a impressão de que o enunciador parece refutar seu próprio enunciado. Para Adam (1990, p. 196), o “*mais*” refutativo revela um verdadeiro conflito de asserções em que a asserção

refutada “pode não ser explicitamente atribuída [...] a um enunciador preciso”<sup>189</sup>. O autor destaca ainda que o “*mais*” refutativo permite identificar a presença de diferentes vozes no enunciado. Expressar um efeito dialógico e polifônico de forma consciente e eficaz não é tarefa fácil, principalmente, para alunos de Ensino Médio que estão produzindo um texto com um objetivo bem específico: a avaliação na disciplina de língua (francesa e/ou portuguesa). Dificuldades como essas podem justificar (ainda que hipoteticamente) o baixo percentual de utilização do “*mais*” concessivo tanto no *corpus* de língua francesa como no de língua portuguesa, como mostram os exemplos apontados nas duas descrições expostas neste estudo.

A função argumentativa do “*mais*” é, segundo Adam (1990), de todas a *mais* completa e aquela que apresenta mais dificuldades tanto para quem emprega quanto para quem analisa. Ao ser empregado para exercer uma função argumentativa nos enunciados, o conector “*mais*” traz consigo uma carga semântica e um poder de articulação que, muitas vezes, ultrapassa as fronteiras do *dito*, atingindo o *não-dito*, interagindo com ele e trazendo-o para a superfície discursiva. Nos casos deste estudo, a função argumentativa desempenhada pelo “*mais*” foi observada em diferentes situações enunciativas, como se pode observar nos seguintes exemplos:

FLPM(A)3: *L'avortement est une discussion très personel et si la persone veut elle fair, mais a de consequence.* (l. 7-8)

FLPM(A)4: *L'avortement est bon pour certains et mauvais pour otres, mais tout le monde il y a le direct de vivre.* (l. 1-2)

FLPM(A)12: *En général, l'avortement est encore très malvu sous l'angle de medecins, politiques et religieuses, mais est très utiliséee actuelment.* (l. 14-15)

FLPM(A)14: *Je pense que est un assassinat, mais il est aussi juste penser que la femme a le droit de choisir si elle veut ou non avoir l'enfant.* (l. 14-15)

FLPM(A)20: *Legaliser ou nom cet une question de risque, mais même comme ça plusieurs des femmes font cette horrible chirurgie qui peut cause un dommage terrible.* (l. 10-11)

FLPM(B)15: *Il y a beaucoup des gens qui vont aux grandes villes pour melhorer la vie mais quand ils arrivent, ils regardent qui la vie n'est pas facile.* (l. 4-5)

FLPM(B)17: *Une des solutions est augmenter le sécurité dans l'écoles publiques (non seulement dans là, mais dans les rues aussi). Offrir plus emplois, cosntruire plus chaînes, donner des etudes sérieusement pour les enfants qui ne peuvent pas payer ça... Il y a plusieurs des solutions, mais le principal est la conscience des gouvernements sûr ces problèmes.* (l. 12-16)

FLPM(B)21: *Le gouvernement pourrait donner des oportunités de travail, meilleurs habitations, incentiver l'agriculture et les petits comerçants mais ils sont corruptes et veulent améliorer seulement*

---

<sup>189</sup> peut n'être pas explicitement attribuée [...] à un énonciateur précis.

sa vie. Nous, la société, pouvons aider il faut avoir une conscientisation que violence ne vaut rien (l. 14-17)

FLPV(A)8: *Poésie a une importance primordiale dans le monde de l'écriture et de la lecture. Mais elle a aussi une très grande utilité. Par exemple, chaque pays a une poésie le représentat. Cela doit vous paraître tout au moins bizarre mais nous apprenons dès notre enfance l'hymne de notre pays qui est une. La poésie peut aussi nous communiquer des idées abstraits et ainsi par exemple ne pas attirer l'attention lorsque auparavant existait la censure.* (l. 12-16)

FLPV(A)13: *Maintenant, il y a questions possibles : "à quoi sert-il la poésie ?" et "pourquoi continuera-t-elle à exister ?" Pour la première question, on peut tout simplement dire que la poésie est essentielle à l'homme et il a besoin d'elle. Avec une poésie on transmet des sentiments. Ceux-ci sont éprouvées par les personnageS qui être ou pas le narrateur ou quelqu'un. Mais même en expriment des sentiments (ou pas) le poète exprime des idées à travers son oeuvre. Et cela, c'est l'esprit de l'écriture et de la lecture : diffuser des idées. Se sont avec de nouvelles idées qu'on renouvelle l'esprit ainsi que les pensées.* (l. 13-18)

FLPV(A)16: *cet argument peut paraître inutile, mais la poésie a été perfectionnée et été oeuvre de beaucoup de vies, en consequence ne pas lire de poésie serait une sorte d'insulte à la mémoire des grands poètes. La poésie fait partie de la culture humaine, ne jamais en avoir lues ferait de vous, un dupe!* (l. 14-16)

FLPV(A)16: *lire une poésie comportent un grand nombre de mots difficiles et de vieux français peut apparaître dur et ennuyeux à une personne non-habituée, mais le plaisir de lire une poésie vient après, après que l'on soit habitué, donc, patience! Patience!* (l. 17-18)

FLPV(B)1: *Entre Balzac et Zola, il y a une différence de cinquante ans. Les sociétés qu'ils décrivent dans leurs romans sont un peu similaires, mais les aspects qu'ils présentent, les rapports des personnes que la société, sont différents. En plus, il y a eu des grandes grèves entre les deux périodes.* (l. 4-6)

FLPV(B)7: *Tout d'abord, les deux auteurs, Zola naturaliste et Balzac realiste, décrivent avec fidélité la société où se placent les personnages. Mais cette société, ou plutôt le monde sur lequel ils se focalisent dans cette société, n'est pas le même.* (l. 6-7)

A partir desses exemplos, percebe-se que o conector “*mais*”, quando aplicado para desempenhar uma função argumentativa, relaciona e aproxima dois argumentos explícitos que são apresentados com conteúdos semânticos opostos. Além disso, atrelado ao uso desse conector, é possível depreender duas conclusões implícitas e sempre contrárias, conforme os termos de Adam (1990). Essa aproximação, que se dá sob a forma de oposição através do “*mais*”, indica um possível direcionamento argumentativo do texto, ou seja, ela mostra a orientação argumentativa que pode e, naquele momento, está sendo desenvolvida ao longo do texto.

### 3.4.2.2 Sobre o conector “*parce que*”

Além do conector “*mais*”, outros marcadores da argumentação também foram utilizados durante o processo de produção textual. Um deles é o conector “*parce que*”, que se destacou na preferência dos alunos como o segundo elemento de conexão mais empregado nesse conjunto de textos.

De acordo com Adam (2008, p. 190), o “*parce que*” deve ser categorizado como um conector argumentativo explicativo. Seguindo uma estrutura característica da língua francesa, o “*parce que*” apresenta-se como a única alternativa de resposta ao “*Pourquoi?*”, que pode estar explícito ou implícito na superfície textual. Nas produções dissertativo-argumentativas, o “*parce que*” é utilizado, normalmente, como um marcador de argumentos e costuma assinalar um vínculo de causalidade entre os componentes do enunciado. De acordo com Maingueneau (1996, p. 83), o “*parce que*” é empregado, na maioria dos casos, para explicar um fato já conhecido do enunciatário, estabelecendo assim o vínculo de causalidade.

Nos textos de língua francesa, verificou-se que o emprego desse conector apresentou algumas variações conforme a instituição em que os textos foram coletados. De acordo com as informações expostas na Tabela 18, nos textos recolhidos no LPM, o “*parce que*” teve altos índices de utilização, enquanto que, nas produções coletadas no LPV, observou-se um realidade diferente. Acompanhe alguns exemplos:

FLPM(A)3: *Nous pensent que l'avortement est une de plus invasive et plus important du prodédure medical. Parce qu' on choisi si une personne netrait. (l. 1-2)*

FLPM(A)6: *L'avortement est un topic beaucoup discute aujourd'hui. Parce qu'il y a fácteurs pour y contre. Je pense qui ça dépend du cas. Par exemple se la femme a 15 ans et est tombe enceinte du amoureuse elle ne dévre pas avorter cette enfant. Parce que ce la consequence de qu'elle a fait et l'enfant n'a rien avoir avec ça. (l. 1-5)*

FLPM(A)6: *Mais se la femme a été abuse sexuellement elle peux avorter. Parce que ce ça un terrible fat. Alors je suis pour l'avortement dans cette cas. Mais en les deux facteurs la femme a que obtenir assurance et beaucoup du précaution avant de faire quelque chose parce que c'est un sujet beaucoup délicat. (l. 7-10)*

FLPM(A)7: *Je suis contre l'avortement, parce qu'il est très dangereux peut porter prejudice pour la femme et ne c'est pas nécessaire, parce que aujourd'hui il y a beaucoup de chose pour eviter la grossesse. (l. 5-7)*

FLPM(A)16: *Elle [la décision] est négative. Parce que si les personnes ne se prévenent pas avec un médicament contraceptif ou pretendre précaution elles vont faire plusieurs avortements sans si importer avec la vie d'autre. Ce dépendre parce que il y a deux côtes: si ne va pas à préjudiquer la*

*femme il est bon, si ne va préjudiquer pas et est seul une volonté, l'avortement va a se faire un crime. (l. 7-12)*

*FLPM(B)1: il y a aussi beaucoup de morts parce que la population et la police sont chaque fois plus et plus dominé par les bandides qui sont très armées. (l. 8-10)*

*FLPM(B)2: Existent plusieurs habitants de rue qui volent parce qu'ils n'ont pas pour manger et ni pour se vêtir. (l. 4-8)*

*FLPM(B)4: Le gouvernement devrait agir, en faisant des campagnes pour le désarmement, en augmentant les emplois et en aidant ces personnes, parce qu'il faut aider ces gens et non simplement les arrêter. La réalité est que nous devons toujours faire attention dans les rues dans les voitures et dans toute les places. (l. 11-14)*

*FLPM(B)6: L'autre problèmes sont les policiers qui abusent de l'autorité. Ils font ça parce qu'ils gagnent peu d'argent. (l. 6-7)*

*FLPM(B)10: Les autorités devaient contrôler la situation et imposer respect sur cette type de personne qui pense qui peut faire tout qu'il veut. Elles devaient aussi proposer d'autres lois plus rigoureuses, parce que c'est avec cette type de personne et de comportement qui vont finir avec le monde. (l. 10-13)*

*FLPV(A)3: Lorsqu'on lit une poésie on éprouve des sentiments ou des impressions comme dans n'importe qu'elle texte, mais la poésie a une singularité, dans un vers plusieurs chose sont sous-entendues. Cela rend la poésie très intéressante, parce que chacun peut avoir une impression différente. (l. 5-7)*

*FLPV(B)3: Les deux auteurs mettent en place des problèmes d'argent, cependant seulement Balzac chiffre les nombres, et argent, donc on a l'impression d'être plus proche du problème. Mais la misère des Maheu est plus dégradante que celle du père Goriot. Parce que dans le cas des Maheus, c'est une famille entière et le père Goriot est un seul individu, donc Zola agrave la misère. (l. 40-43)*

Observando as estruturas enunciativas em que aparece o “*parce que*”, é possível notar o vínculo de causalidade descrito acima. Ao refletir sobre o uso desse conector em língua francesa, Maingueneau (1997, p. 171) explica que o enunciado “P *parce que* Q” deve ser compreendido como um todo que corresponde a um ato único de enunciação que permite fornecer a explicação de um fato que já é conhecido pelo enunciatário. O autor destaca ainda que o enunciador de “P *parce que* Q”, ao afirmar esse elo de causalidade, empenha sua responsabilidade. O uso “*parce que*” possibilita uma “integração semântica e sintática que se traduz [...] pela possibilidade de uma interrogação global, incidindo sobre o próprio elo de causalidade” (Maingueneau, 1997, p. 171).

### 3.4.2.3 Sobre o conector “*donc*”

O conector “*donc*” se destaca como o terceiro marcador argumentativo mais utilizado nos textos em língua francesa. Apesar de ter sido observado nas quatro amostras textuais, ele foi empregado em proporções numericamente menores do que aquelas referentes ao “*mais*” e ao “*parce que*”. De acordo com Adam (2008), o “*donc*” tem a função de indicar o encaminhamento a uma conclusão, como mostram os exemplos abaixo:

FLPM(A)11: *Donc user les contraceptifs est une option pour éviter ça, mais se vous concevoir et son bébé est mort avant né, l'avortement est la meiller option.* (l. 9-10)

FLPM(A)13: *Donc, si vous ne voulez pas recourir à ce mesure extreme, pensez bien anvat faire quelconque bêtise.* (l. 9-10)

FLPM(B)17: *Les personnes qui viennent chercher de travail et ne trouvent pas ça ils n'ont plus d'argent. Donc ils vont habiter dans bidonvilles et en reglè général la violence est present là et cetttes personnes terminent en freyant avec ça et en transformant en cabrioleur.* (l. 6-9)

FLPV(A)14: *Donc, si vous voulez sentir, chanter et exprimer vos émotions, lisez ou écrivez une poésie car la poésie sert à cela, il sert à sentir.* (l. 17-18)

FLPV(A)16: *Certes, lire une poésie comportent un grand nombre de mots difficiles et de vieux français peut apparaître dur et ennuyeux à une personne non-habituée, mais le plaisir de lire une poésie vient après, après que l'on soit habitué, donc, patience! Patience!* (l. 18-20)

FLPV(B)3: *Donc la critique de Zola est plus forte que celle de Balzac. La critique de la société, de l'individu est gradative et hyperbolique et Zola agrave ces critique. Donc Zola fait une critique plus importante.* (l. 55-57)

FLPV(B)4: *Au contraire, Balzac s'intérresse surtout au moeurs de la société de son époque. On remarque dans “Le Père Goriot” des descriptions précises de bals, de scéances de théâtre, entre autres choses. On peut donc dire que l'oeuvre de Zola est scientiphique tandis que celle de Balzac est sociologique. Et, pour dresser le portrait d'une société, il me paraît plus coherent de faire appel à la sociologie qu'à la science.* (l. 23-26)

FLPV(B)7: *On peut donc dire que Balzac a eu une vision moins large de la société que Zola. Au demeurant, on peut aussi s'intéresser au public vise.* (l. 33-34)

FLPV(B)8: *Balzac a donc fait un roman a intérêt sociologique mais nous pouvons voir que pourtant il ne cherche pas à changer quoi que ce soit.* (l. 10-11).

FLPV(B)9: *Les auteurs ont donc une vision de la population dégradée pour décrire la société de l'époque. Cela change un peu avec Zola qui parle maintenant de la partie ouvrière. Zola critique donc la société em opposant le Capital et le monde du travail ouvrier où l'on “crève de faim”.* (l. 21-23)

FLPV(B)10: *On voit donc après tout que Zola peint la société d'un point de vue socialiste et révolutionnaire.* (l. 16)

FLPV(B)12: *Chacun va tenter de régler le problème de la mine à sa manière. On peut donc dire que, la démarche de Zola est celle d'un naturaliste, tournée vers l'avenir, le roman offre une leçon pour les générations à venir.* (l. 18-19)

A partir desses exemplos, é possível notar que o “*donc*” é empregado como um mecanismo que serve para anunciar uma relação consecutiva que remete, na maioria das casos, a uma conclusão: a conclusão de um argumento, de um enunciado ou do próprio texto. Essa relação consecutiva parece retomar, implicitamente, enunciados e argumentos já apresentados no texto.

De acordo com Maingueneau (1997), o “*donc*” pode ser categorizado na classe ampliada dos conectivos consecutivos. Sua função na superfície textual é de ligar argumentos a uma conclusão no interior de uma verdadeira demonstração. Em outras palavras, cabe ao “*donc*” estabelecer as devidas conexões entre os componentes da argumentação sem recorrer a orientações argumentativas e a implícitos (Maingueneau, 1997). Ao analisar a proposição “P *donc* Q”, Maingueneau observa que

esta consecução pressupõe a existência de uma norma implícita do tipo “se temos P, devemos ter Q”. Não se trata de um implícito “argumentativo” (como nas conclusões associadas ao *mas*) que introduziria uma nova proposição sobre a qual incidirá a enunciação, mas de uma relação implícita que fundamenta a demonstração. Reencontra-se aqui a estrutura canônica do silogismo tradicional [...], com a diferença que a premissa maior está implícita. Mais do que uma dedução, trata-se de uma justificação da enunciação de Q, que é apresentada como se fosse conduzida por uma enunciação de P que a legitima. (Maingueneau, 1997, p. 175)

Se, por um lado, as palavras do autor retratam a complexidade que está inerente à análise do “*donc*” na perspectiva argumentativa, por outro lado, elas confirmam que o uso do “*donc*” está envolto por relações consecutivas que se amparam nos implícitos para conduzir a uma conclusão, conforme pode ser inferido a partir das análises dos exemplos.

Nessa descrição, poderiam ser listados muitos outros exemplos do uso do “*donc*”, exemplos estes retirados, principalmente, da segunda amostra recolhida no Liceu Pasteur Vergueiro. De acordo com a Tabela 18, nos textos que compõem o segundo ciclo de coletas dessa instituição, o “*donc*” é empregado, aproximadamente, 17 vezes, enquanto que nas demais coletas esse número não ultrapassa a marca de duas ocorrências por ciclo.

O uso recorrente desse marcador argumentativo pode estar relacionado à temática proposta para a produção textual. Na amostra em questão, os alunos tiveram de dissertar sobre um assunto essencialmente literário. Isso pode ter influenciado o modo como eles organizaram suas ideias no plano textual – esses



textos estão entre os mais extensos do *corpus* desta pesquisa –, e também pode ter interferido na seleção dos mecanismos de conexão textual. Afinal, escrever sobre um tema literário, que está relacionado ao que chamo de “mundo das ideias”, não é a mesma coisa que escrever sobre um assunto do cotidiano, que faz parte do que chamo de “mundo real”. Estou querendo dizer que o estímulo para a produção desse tipo de texto é diferente. Suponho que, para escrever sobre Balzac e Zola, os alunos devem ter tido acesso a textos que tratem dos dois autores e a subsídios teóricos para relacioná-los. Nesse caso, o estímulo ou o suporte que contribui para o desenvolvimento da produção no ambiente da sala de aula pode não ser o mesmo daquele utilizado para as demais produções que compõem os outros ciclos de coleta. Mesmo que nos outros ciclos também se tenha utilizado um suporte textual para motivar os alunos, não há como excluir desse processo de produção textual as informações que circulam na mídia – impressa, virtual e televisionada – sobre o aborto, sobre a violência e sobre a importância da leitura. Essas informações podem até não ser citadas na sala aula naquele momento que antecede a prática escrita, mas elas são mnemonicamente resgatadas pelo aluno durante a escrita do texto.

#### 3.4.2.4 Sobre o conector “*car*”

Destacando-se como um conector argumentativo marcador de argumentos (Adam, 2008), o “*car*” tem a função de explicar e de justificar um enunciado ou uma ideia veiculada anteriormente. Diferentemente do que acontece com o “*parce que*”<sup>190</sup>, o emprego do “*car*” supõe que sejam “proferidos sucessivamente dois atos de enunciação: enuncia-se primeiro P e depois se justifica essa enunciação dizendo Q”. (Maingueneau, 1997, p. 83). Acompanhe alguns exemplos:

FLPM(B)4: *Les personnes n'ont plus de quoi survivre et commencent à voler. Il y a aussi ceux qui font cela simplement pour gagner plus d'argent, même en ayant de l'argent et d'emploi. Il y a d'autres qui pratiquent ce type de chose car ils ont des troubles mentaux ou même un caractère mauvais.* (l. 5-8)

FLPM(B)5: *Généralement la population migre de une petite ville pour les grandes villes, causant une grande agglomération de misère car ils n'ont pas de travail.* (l. 3-4)

FLPV(A)2: *Mais à quoi sert lire de la poésie? Elle nous sert à apprendre, comprendre beaucoup de choses, les poésies du Moyen-âge, du XVIII siècle, ou pendant la première Guerre Mondiale exposent la vie, les sentiments des hommes de ces époques. Nous pouvons dire que l'on apprend de l'histoire,*

<sup>190</sup> Confira a seção 3.4.2.2, neste mesmo capítulo.

*car les hommes du Moyen-âge criaient une façon de vivre différente des hommes pendant la première Guerre Mondiale. Les poètes n'écrivaient pas de la même façon que ceux il y a 100 ans. (l. 3-7)*

FLPV(A)3: *La poésie, elle, c'est une lecture qu'on peut juger particulière, car dans une poésie on peut avoir de tout dans peut de vers. (l. 3-4)*

FLPV(A)5: *En conclusion je pense que les poésies passent des messages important et il est très important de les lire car elles demandent une réflexion à un sujet. (l. 12-13)*

FLPV(A)9: *Généralement les lecteurs de poésie s'accedent de la poésie car elles sont une inspiration pour eux; et elle peut être une inspiration pour vous aussi. (l. 13-14)*

FLPV(A)10: *Les poèmes peuvent nous convaincre sur des sujets beaucoup plus que des livres, car les poésies sont moins lourde que des livres ou des articles, elles sont plus agréable à lire. (l. 7-8)*

FLPV(B)1: *On peut dire que Balzac a une vision assez pessimiste de la société de son époque, car le Père Goriot, qui était un exemple d'amour paternel, meurt triste, seul et pauvre, et Rastignac, qui était un jeune homme honnête, decide de devenir une personne insensibles et froide à la fin du roman. (l. 56-57)*

FLPV(B)1: *Pour Zola, la société est injuste, les ouvriers sont volés par les patrons, la greve a l'air de ne servir à rien. On peut penser que la fin du livre est triste, mais en réalité Zola a une vision optimiste, car il croit qu'un jour les efforts des ouvriers auront du succès, il pense qu'ils vont se révolter, marcher contre les patrons, et que finalement un monde nouveau va naître, germer. (l. 58-61)*

FLPV(B)6: *Cette vision de la société a été extrêmement importante puisque ces idées ce sont vraiment apliquées car maintenant la grève est une des principales armes des personnes pour protester. (l. 71-73)*

FLPV(B)10: *On voit de façon realiste comment les mineurs essayent de lutter contre la misère et la souffrance, et ils finissent par faire une révolution sociale où le peuple prend le pouvoir par la manière forte car l'injustice et la résignation des gens exploités durent depuis longtemps. (l. 10-12)*

FLPV(B)11: *Or cette manque de précision sur les besoin physiques sera une des causes du manque de description dans l'oeuvre de Balzac. Cette idée des besoins physiques du corps fait qu'on ait des scènes où des personnes mangent ou se changent ce qu'on trouve nul point dans une oeuvre romantique. Cela entraîne quelques chose un peu réels dans l'oeuvre romantique car il n'aurait point de description de la faim ressentit par un personnage lorsqu'il est enferme pendant 2 semaines dans une cave. (l. 40-44)*

Observando esses exemplos, cuja estrutura segue a configuração “P car Q”, pode-se notar que o “car” é empregado, conforme se destacou acima, para relacionar dois atos de enunciação. Nesse tipo de construção, conforme assinala Maingueneau (1996), o segundo ato (Q) é apresentado para legitimar o primeiro (P). Essa legitimação “pode incidir sobre o direito de enunciar [...], ou mais frequentemente sobre o fato de apresentar Q como uma razão para crer P verdadeiro” (Maingueneau, 1996, p. 172). Em outras palavras, o simples fato de empregar “car” para justificar a enunciação implica que P pode ser objeto de alguma contestação. Assim, na proposição “P car Q”, é a verdade de Q que vai validar e homologar a enunciação de P. Dito de outra forma, através do enunciado “P car Q”, presume-se que a relação entre os termos existe e se supõe que a verdade de Q

torna aceitável a enunciação de P (Ducrot *apud* Maingueneau, 1996). Compreende-se assim que, ao conectar P e Q através de uma justificação, o “*car*” tem a função de legitimar a enunciação e de atestar a veracidade de P pela incontestabilidade de Q.

### 3.5 Construindo sentidos sobre a microestrutura textual

No decorrer desta seção, descreveu-se e analisou-se a estrutura local dos textos que compõem o *corpus* deste estudo. Também conhecida como microestrutura textual, a estrutura local pode ser definida como um conjunto de subsistemas, como, por exemplo, os parágrafos e seus respectivos enunciados, que compõem uma unidade maior, o texto. De acordo com Dubois (2006, p. 412-413), a microestrutura textual apresenta “regularidades específicas e uma organização que lhe garante uma relativa autonomia de funcionamento” em relação à unidade superior que é o texto. As relações que esses subsistemas estabelecem entre si e com o todo textual são determinadas pelo gênero do discurso ao qual o texto pertence.

Conforme já destaquei anteriormente, cada gênero do discurso e cada tipologia textual possui esquemas específicos de articulação discursiva. Esses esquemas atuam não só no nível da macroestrutura, como também, e principalmente, no nível da microestrutura textual. Pode-se dizer que as relações e as articulações que macro e microestrutura estabelecem entre si na superfície textual estão diretamente ligadas e são efetivamente influenciadas e pré-determinadas pelo gênero do discurso e pelas tipologias textuais que compõem o texto.

Conforme destaca Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros do discurso são constituídos por “*tipos relativamente estáveis* de enunciados”. Cada enunciado, de acordo com o autor, é formado por um conjunto de proposições. A proposição, por sua vez, é o elemento significativo do enunciado (Bakhtin, 2003). Para Bakhtin (2003), o sentido maior da proposição só pode ser definido e apreendido quando ela é observada em seu todo, isto é, na relação que estabelece com as demais proposições do texto. Ampliando essa discussão sobre os níveis de análise do texto, o autor torna sua reflexão ainda mais precisa assinalando que

quando nós escolhemos um determinado tipo de oração, não o escolhemos apenas para uma oração, não o fazemos por considerarmos o que queremos exprimir com determinada oração; escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado *inteiro* que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina nossa escolha. A concepção sobre a forma do conjunto do enunciado, isto é, sobre um determinado gênero do discurso, guia-nos no processo do nosso discurso. A ideia do nosso enunciado em seu conjunto pode, é verdade, exigir para sua realização apenas uma oração, mas pode exigir-las em grande número. O gênero escolhido nos sugere os tipos e os seus vínculos composicionais. (Bakhtin, 2003, p. 286)

As relações entre macro e microestrutura textual, ou melhor, entre o todo textual e suas respectivas unidades, não existem apenas quando o texto é enunciado e não se situam somente na superfície textual. Como mostra Bakhtin (2003), essas relações atuam e situam-se na competência linguística e discursiva dos sujeitos falantes. As palavras do autor revelam a importância de investigar as duas dimensões textuais (macro e microestrutura), principalmente, quando se pretende analisar a organização retórica de um conjunto de textos, como é o caso desta pesquisa, por exemplo. Assim sendo, nesta seção, retomam-se aspectos relevantes da descrição da microestrutura a fim de fazer algumas observações sobre o modo como essa dimensão textual se organiza em cada sistema linguístico investigado neste estudo.

Constituindo o primeiro objeto da reflexão acerca dos subsistemas que compõem a microestrutura dos textos, a análise da tipologia de argumentos revelou que, nas duas línguas investigadas, a proposta de produção textual funcionou como um mecanismo de coerção a determinadas tipologias de argumentos. Em outras palavras, a temática proposta pelo professor induziu o aluno a empregar aqueles argumentos que, suponho, estavam sendo trabalhados em sala de aula. A partir dessa observação, compreende-se e confirma-se que, ao produzir um texto dissertativo-argumentativo, o aluno-enunciador é alvo de diferentes tipos de coerção: as genéricas, que dizem respeito ao gênero do discurso em que o texto deve ser produzido e às tipologias textuais referentes a esse gênero; e as situacionais, que se referem às condições de produção e de recepção do texto na sala de aula.

Além disso, o estudo das categorias de argumentos mostrou que, tanto em língua francesa como em língua portuguesa, houve uma preferência inquestionável pelos argumentos fundados na doxologia, argumentos pelo exemplo e argumentos

pragmáticos<sup>192</sup>. A predominância dessas tipologias indica que, nos dois sistemas linguísticos, os enunciadores organizaram e ampararam sua argumentação em provas que se constroem a partir de processos de ligação<sup>193</sup> que podem ser distinguidos da seguinte maneira: aqueles que se baseiam essencialmente na estrutura do real, como, por exemplo, os argumentos pragmáticos; e aqueles que visam a fundar a estrutura do real, como é o caso, por exemplo, dos argumentos fundados na doxologia e dos argumentos pelo exemplo.

A partir dessa observação, é possível delinear os primeiros traços do *ethos* desse enunciador escolar. O predomínio dessas tipologias de argumentos indica que, possivelmente, o *ethos* desse aluno-enunciador esteja fundamentado em um discurso que remete a uma imagem de si que ele, enunciador, deseja e/ou deve apresentar e construir no discurso. Pode-se dizer que se trata da projeção de uma imagem ideal do enunciador escolar. Essa imagem não pertence, efetivamente, ao enunciador. Ela é resultado de um conjunto de valores e de crenças que circula pela sociedade e que, supostamente, é compartilhado pelos sujeitos envolvidos nessa enunciação. Essa imagem, criada pelo senso comum, é aquela que se *deve ter/ser* ou, pelo menos, *parecer ter/ser*. O uso de argumentos fundados na doxologia, por exemplo, indica que esse enunciador precisa se amparar em um conjunto de crenças e de valores coletivos para endossar o seu discurso. Do mesmo modo, a argumentação pelo exemplo, apesar de fazer referência a casos particulares de uma determinada sociedade, supõe a possibilidade de se criar, entre enunciador e enunciatário, um acordo prévio sobre uma generalização que se estabelece, justamente, a partir desses casos particulares.

Se a tipologia de argumentos já contribui para delinear os primeiros traços da imagem do enunciador escolar e para se ter uma noção da organização retórica dos textos, o estudo das modalizações, certamente, fornece novos subsídios para isso. Apresentando-se como um dos principais componentes da trama textual, a modalização é um fenômeno que deve ser investigado minuciosamente, pois ela atua e tem implicações nas duas dimensões do texto: tanto na microestrutura quanto na macroestrutura textual. A análise das modalizações revelou que, tanto em língua

---

<sup>192</sup> Outras categorias foram empregadas, porém em proporções menores. Para mais informações, confira a Tabela 13, neste capítulo.

<sup>193</sup> De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 216), os processos de ligação “aproximam elementos distintos e permitem estabelecer entre estes uma solidariedade que visa, seja estruturá-los, seja valorizá-los positiva ou negativamente um pelo outro”.

portuguesa como em língua francesa, existe uma notável preferência pelas modalidades de constatação, opinião, possibilidade, obrigação e evidência.

Pertencendo ao comportamento delocutivo, as modalidades de evidência tiveram uma presença maciça nos textos dissertativo-argumentativos. Elas funcionaram como um elemento importante na organização do discurso argumentativo, mas não contribuíram muito para a identificação do *ethos* do enunciador escolar. Isso aconteceu porque, nesse tipo de modalização, o enunciador apenas “diz “como o mundo existe” relacionando-o a seu modo e grau de *asserção*” (Charaudeau, 2008, p. 83). Em outras palavras, ele apenas enuncia o modo de ser e de estar das coisas do mundo, não se comprometendo sobre o que está sendo enunciado e não emitindo qualquer tipo de juízo de valor sobre isso. De acordo com Charaudeau (2008, p. 100), a asserção, sob a forma de evidência, diz respeito “não à verdade do propósito, mas à enunciação, isto é, à maneira de apresentar a verdade do propósito, o que pode ser chamado de um “*modo de dizer*””. O autor acrescenta que a asserção, enquanto fenômeno da enunciação, seja sob a forma de evidência, seja sob a forma de probabilidade, é uma modalidade que não depende nem do enunciador nem do enunciatário: é isso que explica “o apagamento dos vestígios desses dois parceiros nas configurações linguísticas” (Charaudeau, 2008, p. 100). É justamente esse apagamento das marcas do enunciador que impossibilitou o estudo do *ethos* através desse tipo de fenômeno discursivo.

O mesmo não se pode dizer das outras modalidades. Compondo o comportamento elocutivo, as modalidades de constatação, opinião, possibilidade e obrigação possibilitaram ao enunciador escolar mostrar o seu ponto de vista sobre o mundo e, conseqüentemente, imprimir determinadas marcas no seu enunciado, ou melhor, modalizar subjetivamente o seu discurso. São essas marcas, impressas pelo enunciador, que tornam possível investigar o modo como sua imagem é apresentada e construída *no e pelo* discurso.

É interessante observar que, mesmo no comportamento elocutivo, existem algumas modalizações em que as marcas do enunciador aparecem de forma mais discreta ou estão *aparentemente* apagadas. É o caso, por exemplo, da modalidade de constatação em que o enunciador emitiu o seu conhecimento a respeito de um fato ou de um acontecimento sem, no entanto, expressar juízos de valor sobre o assunto. Nesse caso, o enunciador não julgou, apenas constatou os fatos de forma

objetiva (Charaudeau, 1992). Já nas demais modalidades, foi possível perceber alguns indícios subjetivos que remetem ao *ethos*. Na modalidade de opinião<sup>194</sup>, por exemplo, o enunciador, além de avaliar a pertinência de um fato, também veiculou sua opinião a respeito dele. Ao expressar o seu ponto de vista sobre o assunto, automaticamente, ele forneceu subsídios para a apreensão de sua imagem. Nas modalidades de possibilidade e obrigação também foi possível notar a presença de indícios que colaboraram para a análise do *ethos* desse enunciador escolar. Na primeira, percebeu-se que o enunciador expressou o seu ponto de vista sobre atitudes e decisões que deveriam e/ou poderiam ser tomadas em relação ao assunto tratado no texto. Nas modalidades de obrigação, o enunciador destacou a necessidade de um *dever fazer*. Ao empregar esse tipo de modalidade, implicitamente, ele revelou suas crenças e suas visões de mundo e, a partir disso, enunciou obrigações de ordem moral e/ou ética que nem sempre dependiam de sua própria mobilização, mas da mobilização de uma coletividade para a qual ele se dirigiu através de seu texto.

A partir do exposto e com base nas análises efetuadas, percebeu-se que, nos dois conjuntos de textos analisados (língua portuguesa e língua francesa), a imagem do enunciador escolar, apreendida a partir das modalizações, revela-se muito similar. Apesar de terem empregado com frequência modalidades que expressavam suas visões de mundo, observou-se que, na maior parte dos casos, para os dois sistemas linguísticos investigados, essas visões de mundo estavam amparadas em um sistema de crenças e de valores que se funda no senso comum, isto é, na *doxa*. Digo isso porque, pelas análises, é possível perceber que as opiniões, as obrigações e as possibilidades expressas e veiculadas nos textos possuem similaridades. Isso me faz acreditar que a imagem desse enunciador escolar é construída de forma consciente e me faz supor que essa construção está embasada em uma imagem pré-estabelecida pela *doxa* com a intenção de agradar o seu enunciatário e conquistar a sua adesão à(s) tese(s) apresentada(s) para seu assentimento.

Com base nessas reflexões, percebe-se que aqui se está, novamente, diante de consequências e de resultados de coerções genéricas e situacionais. Todas essas imposições referentes aos gêneros do discurso e às condições de produção atuam e afetam diretamente o modo como se constrói e se apresenta a imagem do

---

<sup>194</sup> Frequentemente, a modalidade de opinião vem expressa sob a forma de construção impessoal ou pessoal.

enunciador escolar nas produções dissertativo-argumentativas elaboradas na esfera escolar. A partir das descrições e das análises do *corpus* desta pesquisa, foi possível depreender um *ethos* muito similar, quase que coletivo, para os diferentes textos nas diferentes línguas. Esse *ethos* é construído, como já destaquei, para o enunciatário que é o único leitor e, ao mesmo tempo, o avaliador desses textos. Dizer que o *ethos* do enunciador escolar *é construído para o enunciatário* significa dizer que esse *ethos* se configura e se constrói em função desse enunciatário que é o leitor, mas também, e principalmente, o professor-avaliador desses textos. Entende-se assim que o *ethos* do enunciador escolar, depreendido a partir das modalizações, foi construído em função da imagem que ele projetou do seu enunciatário, ou melhor, em função da imagem que se pensou ser a “imagem ideal” para agradar o enunciatário, a imagem do *querer/dever parecer ser/ter*. Nessa perspectiva, a construção e a apresentação do *ethos* na superfície discursiva estão diretamente ligadas à questão da adesão do enunciatário, pois, conforme assinala Fiorin,

o enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de ideias que expressam seus possíveis interesses. Ele adere, porque se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom. Assim, o discurso não é apenas um conteúdo, mas também um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. O discurso, ao construir um enunciador, constrói também seu correlato, o enunciatário. (Fiorin, 2004, p. 134)

Nota-se, a partir das palavras do autor, que a imagem do enunciatário funciona como um mecanismo de coerção discursiva a que obedece o enunciador durante o processo de produção textual. Nessa perspectiva, a imagem do enunciatário pode ser descrita como a imagem de um co-enunciador, na medida em que ela determina as escolhas linguístico-discursivas do enunciador e o modo como ele constrói e apresenta a imagem de si no discurso, como se observou nas análises efetuadas neste trabalho.

Assim como acontece com as modalizações, as construções da argumentação também se apresentam como importantes componentes da trama que forma a microestrutura textual. Por construções específicas da argumentação, vale lembrar, estou entendendo as construções interrogativas, as construções impessoais e as construções pessoais. Esses três tipos de construções da argumentação fazem-se presentes de forma recorrente no *corpus* deste estudo. As análises revelaram que as construções impessoais destacaram-se como as mais



empregadas, sendo seguidas, na preferência dos alunos, pelas construções interrogativas (que também foram empregadas em todas as amostras) e, por fim, pelas construções pessoais, cuja utilização não foi observada em todos os ciclos que compõem este *corpus*. Essa ordem de preferência já era esperada, pois, conforme as coerções genéricas, nas redações escolares do tipo dissertativo-argumentativo, o enunciador deve ter cuidado ao se inserir nas instâncias discursivas.

Em relação às construções impessoais, as análises mostraram que houve uma diferença interessante entre os sistemas linguísticos investigados: as construções impessoais foram mais empregadas nas produções em língua portuguesa do que em língua francesa. Essa observação sugere que, nos textos em língua portuguesa, há uma preocupação constante com a objetividade do discurso: os enunciadores tentaram mascarar os índices de subjetividade através do uso recorrente de mecanismos linguísticos específicos. É preciso esclarecer que na categoria de construções impessoais foram inseridos não só os enunciados compostos por terceira pessoa do singular e/ou do plural, mas também aqueles escritos em primeira pessoa do plural. As construções em terceira pessoa são indiscutivelmente formações impessoais; já as construções em primeira pessoa do plural podem ser objeto de dúvida e de discussão pela categorização que proponho. É preciso ressaltar que esta perspectiva de análise está fundamentada teoricamente em Charaudeau (1992) e em Fiorin (2005a). Para esses autores, a primeira pessoa do plural remete a uma pessoa indeterminada ou a uma coletividade na qual o enunciador pode ou não estar incluído.

Ao empregar as construções impessoais, que remetem a uma coletividade indeterminada, o enunciador parece tentar se aproximar do seu auditório, mais especificamente, do enunciatário, que, nesse caso, é o professor-avaliador dos textos. Essa aproximação entre enunciador e enunciatário também acontece também através do uso de perguntas retóricas. Designados, normalmente, sob o nome de construções interrogativas, esses enunciados foram empregados nas quatro amostras coletadas. Essa recorrência evidencia uma tentativa de se estabelecer vínculos e acordos (explícitos ou implícitos) com o enunciatário. É justamente essa a função da pergunta retórica no arcabouço argumentativo. As construções interrogativas, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), têm grande importância na organização retórica dos textos, mas devem ser empregadas

com prudência. Os autores advertem para os perigos dessa técnica dialética muito comum nos diálogos socráticos:

a pergunta supõe um objeto, sobre o qual incide, e sugere que há um acordo sobre a existência desse objeto. Responder a uma pergunta é confirmar esse acordo implícito. [...] Com muita frequência, a interrogação, mesmo sendo real, não visa tanto a esclarecer quem interroga como a compelir o adversário a incompatibilidade. As perguntas são, em geral, apenas uma forma hábil para encetar raciocínios, notadamente usando da alternativa ou da divisão, com a cumplicidade, por assim dizer, do interlocutor que se compromete, por suas respostas, a adotar esse modo de argumentação. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 179-180)

A inter-relação entre as perguntas retóricas e suas possíveis respostas, implicitamente articuladas pelo enunciatário, conduzem o enunciatário a compartilhar e a seguir o raciocínio argumentativo exposto no texto. O enunciatário é levado a aderir às teses que são apresentadas e defendidas pelo enunciador. Compreende-se assim que as construções interrogativas funcionam como um importante mecanismo a serviço da persuasão.

As construções pessoais apresentaram os menores percentuais de utilização. Conforme indica a Tabela 15, enquanto nas produções de língua portuguesa observou-se a preferência por construções impessoais, nas produções em língua francesa verificou-se a utilização dos dois tipos de construções, com predomínio, é claro, das impessoais. Essa convivência paralela mostra que a preocupação em produzir um texto objetivo, em conformidade com as coerções genéricas, existe, mas, em alguns textos, essa preocupação não afeta e não prejudica a inserção de marcas subjetivas no discurso. Examinando as produções em língua francesa, observou-se que, neste conjunto de textos, o enunciador escolar expõe suas opiniões e suas visões de mundo de forma diferente do que acontece em língua portuguesa. Pode-se dizer que ele se mostra na superfície do discurso e explicita a sua responsabilidade pelo conteúdo que está sendo enunciado. Em outras palavras, tem-se a impressão de que esse enunciador, quando utiliza a língua francesa, marca de forma mais recorrente a sua presença nas instâncias discursivas. Essa aparente aproximação e reposabilidade pelo *dito* não modifica os traços do *ethos* do enunciador escolar. Isso acontece porque, mesmo quando se insere nas instâncias do discurso, esse enunciador apropria-se de um discurso do senso comum.

Complementando a reflexão referente à análise da microestrutura textual, é necessário retomar algumas observações acerca dos conectores. Conforme já

destaquei anteriormente, o estudo efetuado revelou que, nos dois sistemas linguísticos, o uso de conectores variou entre sete possibilidades distintas. Dessas possibilidades, o conector que mais se destacou foi o “mas” (“*mais*”). Os seus altos índices de utilização fizeram-me perceber que seu uso não se restringia exclusivamente a situações enunciativas de refutação e/ou argumentação. Na busca por respostas aos questionamentos que os diferentes usos do “mas” (“*mais*”) suscitaram, desenvolveu-se uma exaustiva reflexão acerca desse conector. A partir das análises, verificou-se que, tanto em língua portuguesa como em língua francesa, o “mas” (“*mais*”) desempenha cinco funções distintas: de refutação e de argumentação, funções essas amplamente difundidas pela teoria ducrotiana; e as funções de reforço-ênfase, de demarcação e segmentação textual (ou função fática) e de concessão, propostas por Adam (1990). Essa diversificação no uso do “mas” (“*mais*”) sugere que esse conector apresenta semelhanças semântico-funcionais entre os dois sistemas linguísticos. Essas semelhanças são mobilizadas no processo de produção textual e fazem-se presentes na superfície discursiva, criando uma trama argumentativa que tem o objetivo de envolver o enunciatário e de persuadi-lo. Esse envolvimento e essa persuasão, como se observou ao longo das análises, não ocorrem exclusivamente através do emprego do “mas” (“*mais*”) argumentativo. As outras funções do “mas” (“*mais*”) contribuem ativamente no processo de construção de sentidos e, conseqüentemente, na argumentação.

Em relação aos demais conectores, verificou-se uma diferença interessante entre os grupos linguísticos estudados: nos textos em língua francesa, os conectores foram empregados de forma mais recorrente em um número maior de textos do que o observado em língua portuguesa. Outra informação importante diz respeito ao número de textos que foi organizado sem o uso de nenhum conector: em língua portuguesa, observou-se a ocorrência de 9 textos nessa situação, enquanto em língua francesa foram verificados apenas 4. Essa diferença de aplicação de conectores parece estar relacionada às questões de retórica cultural. A organização da retórica cultural da língua francesa parece ser mais suscetível ao uso de conectores do que a da língua portuguesa. Isso significa que o entrecruzamento entre retórica cultural e retórica escolar parece acontecer no nível da microestrutura,

mais precisamente no modo como os conectores argumentativos são empregados nos textos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: RETÓRICA OU RETÓRICAS?

A argumentação depende estritamente do quadro discursivo no qual ela se desenvolve.<sup>196</sup>  
(Amossy)

Apresentando-se como o componente central da organização retórica do texto, a argumentação não se estabelece sozinha, ela depende rigorosamente do quadro enunciativo e discursivo no qual e para o qual ela é produzida (Amossy, 2006). O sucesso de qualquer interação verbal é tributário do domínio no qual ela surge e do gênero do discurso no qual se insere. Nesse sentido, investigar a organização retórica de um conjunto de textos significa estudar o funcionamento e a interação de diferentes fenômenos languageiros. Não se pode investigar a construção do *ethos* do enunciador escolar, por exemplo, sem levar em consideração as coerções genéricas e situacionais às quais o sujeito está exposto no processo de produção textual.

Desde a retórica aristotélica, chama-se a atenção para a relação que o ato de argumentar estabelece com o contexto sócio-institucional. O que são os três gêneros do discurso (judiciário, deliberativo e epidítico), propostos por Aristóteles, senão uma aproximação entre o discurso persuasivo e o lugar sócio-institucional no qual eles são produzidos? Com a revitalização da retórica, atrelada às teorias da argumentação no século XX, assiste-se a um alargamento no campo de estudo dessa aproximação: “as ciências da linguagem contemporâneas multiplicaram as situações e os gêneros nos quais a argumentação pode ser examinada”<sup>197</sup> (Amossy, 2006, p. 215). Além do discurso judiciário, do político e do de cerimônia, atualmente, é possível analisar a conversa familiar, as trocas no ambiente de trabalho, as situações didáticas em sala de aula e os debates televisivos, entre outros. Essa ampliação nas possibilidades investigativas do discurso argumentativo indica a necessidade de se especificar o contexto sócio-institucional e as condições de produção que estão subjacentes ao discurso que se está analisando. Como destaca Amossy (2006), para estudar a argumentação de maneira eficiente, é necessário

<sup>196</sup> L'argumentation dépend étroitement du cadre discursif dans lequel elle se déploie.

<sup>197</sup> Les sciences du langage contemporaines ont multiplié les situations et les genres dans lesquels l'argumentation peut être examinée.

situá-la nos quadros institucionais e discursivos que sustentam e determinam sua finalidade. Consciente dessa necessidade, ao longo deste trabalho, investigaram-se as produções dissertativo-argumentativas em língua portuguesa e em língua francesa sempre levando em consideração questões genéricas e situacionais que podem afetar e modificar a organização retórica dos textos.

Conforme se pôde verificar, a descrição e a análise do *corpus*, apresentadas no capítulo anterior, indicaram pistas importantes sobre o modo como o discurso se organiza retoricamente em cada sistema linguístico-cultural. Com uma abordagem interpretativa, neste capítulo, reflete-se acerca dos resultados obtidos. Essa reflexão configura-se da seguinte maneira: inicialmente, são expostas algumas questões referentes à arte de argumentar na esfera escolar; na sequência, são retomados e comentados os principais pontos da análise da macroestrutura e da microestrutura textual; em seguida, são apresentados os mecanismos linguístico-discursivos que foram empregados na construção e na apresentação da imagem do enunciador escolar e, partir deles, são delineados os principais traços de um *ethos* que se constrói no âmbito da biculturalidade.

## **1 A arte de argumentar na esfera escolar**

Descrita como uma prática linguageira indispensável à vida em sociedade, a argumentação está presente, implícita ou explicitamente, em toda e qualquer produção discursiva: “num mundo em que os conflitos e as controvérsias são inevitáveis, as negociações e a argumentação fazem parte do cotidiano das nações, das comunidades e das pessoas” (Mosca, 2004, p. 45). Nesse sentido, percebe-se a importância de conhecer a sistematicidade que está subjacente a arte de argumentar. Diferentemente do que acontece com outros atos linguageiros, como, por exemplo, a narração e a descrição, a argumentação não depende única e exclusivamente do enunciador. Ela sempre se estabelece numa estrutura dialógica, mesmo naquelas situações em que o enunciatário não está efetivamente presente, como nos discursos escritos.

Na verdade, quando se pretende investigar o discurso argumentativo, deve-se levar em conta que “o envolvimento não é unilateral, tendo-se uma verdadeira arena

em que os interesses se entrecrocaram, quando o clima é de negociação, e em que prevalece o anseio de influência e de poder” (Mosca, 2004, p. 17).

Considerando toda a complexidade que gira em torno da produção de discursos argumentativos e toda a necessidade de argumentação na vida de qualquer indivíduo, percebe-se a importância que a escola tem no processo de aprimoramento das técnicas argumentativas e no desenvolvimento da organização retórica nos discursos escritos. Como assinalei na introdução desta pesquisa, a arte de argumentar começa a ser desvendada logo na infância, quando a criança, à sua maneira, defende seus interesses diante de outros sujeitos. É uma argumentação da oralidade, ainda muito rudimentar, pois, em alguns casos, a força do simbólico apresenta-se atrelada à força física. Mesmo assim, é uma forma de defender um ponto de vista, uma opinião ou um desejo.

Se é na primeira infância, paralelamente à aquisição da língua materna, que se aprende a elaborar, oralmente, o discurso argumentativo, sua dimensão escrita só é adquirida, aperfeiçoada e empregada, inicialmente, na esfera escolar. A escola tem um papel importante no processo de inserção do sujeito no contexto social e cultural. Segundo os órgãos oficiais que regulamentam o ensino no Brasil e na França<sup>198</sup>, cabe à escola desenvolver no aluno as principais competências linguístico-discursivas para torná-lo apto à vida em sociedade. Produzir os diversos tipos de discursos (entre eles, o persuasivo) constitui uma dessas competências. Para que ela seja aprendida, é necessário que o aluno conheça a organização retórica desses diversos discursos. Afinal, todo discurso apresenta uma construção retórica, “na medida em que procura conduzir o seu destinatário na direção de uma determinada perspectiva do assunto, projetando-lhe o seu próprio ponto de vista, para o qual pretende obter adesão” (Mosca, 2004, p. 23).

Nota-se que a escola, além de inserir o aluno nesse universo da escrita, também lhe apresenta os diferentes moldes de produção discursiva, ou melhor, as diversas formas de enunciados relativamente estáveis que são empregados naquele sistema linguístico-cultural para construir sentidos e fazer significar. Dentre as mais diversas possibilidades que são ensinadas e aprendidas nos bancos escolares, os textos dissertativo-argumentativos apresentam-se como um dos objetos mais instigantes, uma vez que, nesse tipo de produção textual, parece haver o

---

<sup>198</sup> Confira o tópico 2.4.2, no Capítulo III.

entrecruzamento de duas retóricas: a cultural e a escolar. A primeira faz referência a um *savoir-faire* pré-determinado a partir do qual se desenvolvem competências de comunicação construídas por uma visão de mundo particular e por um conjunto de crenças e de valores compartilhados, enquanto que a segunda, definida como um subconjunto da retórica cultural, diz respeito aos roteiros e aos modelos textuais ensinados e aplicados na produção de textos da esfera escolar.

De acordo com as análises efetuadas, percebeu-se que, nas produções dissertativo-argumentativas, é possível observar a convivência sutil dessas duas retóricas na medida em que, por um lado, alguns elementos linguístico-discursivos podem se configurar conforme um modelo de organização específico a cada língua-cultura investigada nesta pesquisa, ou seja, conforme uma retórica cultural; e, por outro lado, o arcabouço argumentativo, no qual esses elementos se manifestam, configura-se e passa a significar sob a forma de um roteiro textual característico da retórica escolar, isto é, sob a forma de uma dissertação escolar do tipo dissertativo-argumentativa que tem um sentido, um estilo, uma construção composicional e uma função, diretamente e especificamente, relacionados à esfera de sua produção e de sua circulação, ou seja, a esfera escolar.

Com a proposta de investigar as produções dissertativo-argumentativas da esfera escolar elaboradas em língua portuguesa e em língua francesa, esta pesquisa pretendeu depreender as semelhanças e as diferenças no que concerne à organização retórica do conjunto de textos que compõem o *corpus* deste trabalho. Para tanto, foi necessário descrever e analisar duas dimensões textuais distintas: uma que tratou da estrutura global, e outra que abordou a estrutura local dos textos, conforme especificações apresentadas no capítulo anterior. Foi a partir dessa segmentação que se apontaram as diferenças e as semelhanças entre as duas línguas-culturas envolvidas neste trabalho e se observou o possível entrecruzamento da retórica cultural com a retórica escolar.

## **2 Diferenças e semelhanças na estrutura global dos textos**

A partir da descrição e da análise da macroestrutura textual, verificou-se que as produções em língua portuguesa e em língua francesa apresentaram e organizaram os componentes da estrutura global de forma similar. No total, foram



observados quatro elementos gerais: título, paragrafação, progressão temática e exposição da tese e de seus argumentos. Cada um deles, quando necessário, foi internamente subdividido.

Apresentando-se como a porta de entrada ao texto, o título constituiu o primeiro elemento a ser estudado. Como já era esperado, em função das coerções genéricas, todos os textos foram intitulados, o que variou foi a forma como esses títulos foram expressos. As análises revelaram que, nos textos em língua portuguesa, os títulos mantiveram uma relação indireta com a proposta temática apresentada pelo professor. Dos quatro ciclos observados, em três deles, observou-se esse tipo de relação em proporções relativamente altas, o que significa números iguais e/ou superiores a 75% dos textos observados. As amostras que apresentaram esse movimento são aquelas em que a proposta de redação está diretamente relacionada a assuntos do cotidiano. Configuração muito diferente foi observada no *corpus* de língua francesa. Nesse conjunto de textos, destacou-se a relação direta entre título e proposta temática: todas as amostras, independentemente do tipo de proposta temática, apresentaram essa preferência com índices acima de 59%.

Essa disparidade entre a apresentação do título nas línguas investigadas não comprometeu a organização retórica dos textos, mas indicou que, nos textos de língua portuguesa, os assuntos relacionados ao cotidiano do aluno-enunciador instigaram sua reflexão e sua imaginação no processo de produção textual. No caso da língua francesa, o movimento contrário não quer dizer, no entanto, que esse aluno-enunciador não estivesse refletindo sobre o assunto. Na verdade, essa reflexão pode e deve ter acontecido, mas não foi possível apreendê-la a partir do título. O fato de que, no *corpus* de língua francesa, a maioria dos títulos esteve apoiada diretamente na proposta de produção textual pode ser um indício de que o aluno não quisesse se distanciar da proposta temática devido a dificuldades de ordem linguísticas ou, até mesmo, devido a uma escolha de caráter persuasivo. Neste último caso, ao manter uma conexão entre o título e a proposta apresentada pelo professor, o aluno pode ter tentado se aproximar deste para conquistar sua adesão à tese apresentada ao longo do texto. Essa possibilidade parece ser a mais provável, já que se observou, mesmo nos textos cuja relação com a proposta temática foi indireta, que as formulações dos títulos não se distanciaram muito da proposta inicial. Para agradar o enunciatário e conquistar sua benevolência e simpatia, o aluno-enunciador tomou como ponto de partida para sua produção

textual o discurso do outro, isto é, o discurso atribuído ao enunciatário expresso na própria proposta temática. Ao fazer referência a esse dizer, o enunciador reconheceu implicitamente no enunciatário uma imagem de poder e de autoridade que pode ter sido depreendida a partir da figura do professor, que, nessas condições de produção, é simultaneamente o único leitor e o avaliador desses textos.

Além disso, ao retomar e inserir o dizer do enunciatário no seu texto como título, de forma direta e/ou indireta, o aluno-enunciador estabeleceu o seu enunciatário como um co-enunciador dessa produção textual. Quando Greimas (1979) destacou que enunciador e enunciatário constituíam o sujeito da enunciação, ele reconheceu e atribuiu ao enunciatário o papel de co-enunciador da enunciação. Por isso, é possível dizer que o enunciatário, que no caso deste estudo era o professor-avaliador dos textos, não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de ideias que expressam seus possíveis interesses de forma organizada e convincente. Na verdade, ele adere porque “se identifica com um dado sujeito da enunciação. [...] assim, o discurso não é apenas um conteúdo, mas também, um modo de dizer que constrói os sujeitos da enunciação” (Fiorin, 2004, p. 134). Nesse sentido, compreende-se que, ao reproduzir a proposta temática como título, o aluno-enunciador tentou reproduzir um modo de dizer que ele considerou ser aquele aceito e compartilhado pelo enunciatário.

Constituindo o segundo elemento da macroestrutura textual observado, a investigação da paragrafação e da progressão temática revelou que, entre a língua portuguesa e a língua francesa, existem muito mais semelhanças do que diferenças no que concerne ao modo como os parágrafos foram segmentados para possibilitar o movimento – introdução e manutenção – das informações textuais nas produções dissertativo-argumentativas. As análises revelaram que, das quatro amostras coletadas para cada sistema linguístico, em três delas, os textos apresentaram extensão textual média (entre 25 e 30 linhas manuscritas). Segmentadas em parágrafos, essas linhas foram organizadas seguindo um roteiro e um movimento paragrafático que se assemelha à *dispositio*, um dos componentes do sistema retórico proposto por Aristóteles que prevê as etapas da organização interna do discurso.

Em relação ao tipo de parágrafo utilizado nesses textos, observou-se que, em língua portuguesa, os parágrafos semio-argumentativos destacaram-se na preferência dos alunos, enquanto que, em língua francesa, além desse tipo de parágrafo, verificou-se também a presença de parágrafos predicativos. Como foi

possível verificar no Capítulo V, o número de parágrafos utilizados em cada produção foi bastante heterogêneo. Apesar disso, o movimento da informação textual se manteve presente em todos os textos de língua portuguesa e de língua francesa, tendo sido garantido, nesses textos, pelos dois tipos de parágrafos empregados. Conforme destaca Dahlet (2006), a função desempenhada por estes dois tipos de parágrafos é muito semelhante: ambos promovem a progressão da informação textual à medida que estabelecem o encadeamento entre as diferentes partes do discurso, a passagem de uma parte a outra e o desenvolvimento temático do texto.

Completando o quadro da macroestrutura textual, deve-se ainda retomar as reflexões acerca da exposição da tese. As análises revelaram que, tanto em língua portuguesa como em língua francesa, a tese foi exposta de forma explícita em todos os textos analisados. Essa é, na verdade, uma das coerções genéricas obedecidas pelo enunciador no processo de produção de textos dissertativo-argumentativos na esfera escolar. O aluno tem consciência de que deve seguir essas coerções e mostrar a sua tese da forma mais explícita possível para atender as exigências do professor e, desse modo, obter êxito na produção textual que, na maioria das vezes, constitui um requisito parcial de avaliação nos cursos de língua.

Ao observar a exposição da tese, verificaram-se duas formas distintas de apresentá-la no arcabouço textual: no início ou no fim do texto. A investigação empreendida revelou que essas duas possibilidades foram efetivamente empregadas pelos alunos independentemente da língua utilizada para a produção textual. Nas redações em língua portuguesa, a maioria dos textos apresentou a tese logo nas primeiras linhas. Essa preferência alcançou índices superiores a 75% em três amostras. Já nas produções em língua francesa, acompanhou-se um movimento distinto: nas amostras coletadas no LPM, a tese foi exposta no início do texto (seguindo um movimento similar ao observado em língua portuguesa), enquanto que, nas amostras coletadas no LPV, ela apareceu no final do texto. A partir dessa observação, verifica-se que a exposição da tese no arcabouço textual não segue um padrão homogêneo em nenhuma das línguas-culturas investigadas. Na verdade, as análises mostraram que as duas possibilidades de exposição da tese (início e/ou fim do texto) podem muito bem ser empregadas nas duas línguas. Nesse aspecto, novamente, são observados traços semelhantes entre a língua portuguesa e a língua francesa.

Examinar o modo como a tese foi exposta implica identificar e observar sua interação com os argumentos. De acordo com a investigação realizada, nas produções em língua portuguesa, bem como em língua francesa, os argumentos ocuparam uma posição intermediária na superfície textual. A introdução dos argumentos pode até ter acontecido no(s) parágrafo(s) inicial(ais), mas seu desenvolvimento só aconteceu nos parágrafos intermediários do texto.

Observando a estrutura argumentativa que dá sustentação à tese e aos seus argumentos, no conjunto de textos que compõem o *corpus* deste estudo, verificou-se um movimento textual muito similar, em português e em francês, que se configurou da seguinte forma: introdução, desenvolvimento e conclusão. Essa observação indica convergências no modo como as duas línguas-culturas conduzem a argumentação. De acordo com Bertrand (1999), esse movimento textual, ou esse modo de conduzir a argumentação, é herdeiro direto do dispositivo da Retórica Clássica. Para Bertrand (1999), a estrutura argumentativa empregada nos mais diversos tipos de discursos persuasivos tem sua origem na *dispositio*, que ele define como um plano clássico de organização retórica composto por quatro partes:

nas duas extremidades, há o *exórdio* e o *epílogo* que, mobilizando as formas passionais da persuasão, devem tocar o auditório, e no centro, a *narração* e a *prova* (confirmação e refutação) que, muito mais demonstrativas, devem unir os espíritos. Essa forma ainda existe, um pouco alterada pelo uso: introdução, desenvolvimento e conclusão.<sup>199</sup> (Bertrand, 1999, p. 85)

A organização retórica, identificada nos textos dissertativo-argumentativos da esfera escolar para as línguas-culturas examinadas nesta pesquisa, tem sua origem, portanto, nos postulados aristotélicos. Ao estabelecer o seu dispositivo retórico, Aristóteles propôs um sistema argumentativo elementar, partindo do pressuposto de que a argumentação, para ser eficaz, deveria se apresentar de forma organizada. Apresentar-se de forma organizada significava, sobretudo, que os enunciados deveriam ser hierarquizados e orientados para que o discurso, à medida que se desenvolvesse, pudesse envolver o auditório e modificar suas atitudes e suas crenças (Bertrand, 1999). Apesar de resumido, o esquema “introdução,

---

<sup>199</sup> Aux deux extrémités, on a l'*exorde* et l'*épiloque* que, mobilisant les formes passionnelles de la persuasion, doivent toucher l'auditoire, et au centre, la *narration* et la *preuve* (confirmation et réfutation) qui, plutôt démonstratives, doivent rallier les esprits. Cette forme existe toujours, un peu éliminée par l'usage : introduction, développement, conclusion.

desenvolvimento e conclusão” organizou hierarquicamente as etapas da argumentação e envolveu sutilmente o auditório para conquistar sua adesão.

Com base no que foi exposto, é possível depreender que língua portuguesa e língua francesa apresentaram e organizaram a maioria dos componentes da macroestrutura textual das produções dissertativo-argumentativas de maneira semelhante, como comprovam as análises e as porcentagens. Essa semelhança pode ser um indício de que as culturas escolares desses dois sistemas linguísticos acabam se aproximando pelo menos no que concerne à macroestrutura textual.

### **3 Diferenças e semelhanças na estrutura local dos textos**

Conforme se assinalou no capítulo anterior, a análise empreendida nesta pesquisa não se limita a observar apenas a organização global dos textos. Acreditando que a microestrutura textual pode revelar informações importantes sobre a organização retórica de cada língua e sobre a construção do *ethos* do enunciador escolar, este estudo dedicou-se a investigá-la. Para isso, selecionaram-se algumas categorias, que constituíram a grade de análises: a tipologia de argumentos, as modalizações, as construções da argumentação e os conectores. Cada um desses elementos foi examinado minuciosamente, no intuito de especificar e detalhar a análise.

Observando a microestrutura dos textos que compõem o *corpus*, notou-se que as semelhanças entre as duas línguas-culturas destacaram-se muito mais que as diferenças. Para homologar ou refutar essa observação inicial, faz-se necessário retomar categorias mais pontuais que compõem essa dimensão textual. Por estar diretamente relacionada ao último elemento descrito na análise da macroestrutura textual (a exposição da tese e dos argumentos), tomarei como ponto de partida desta reflexão a tipologia de argumentos.

A análise da tipologia de argumentos indicou uma semelhança muito interessante entre a língua portuguesa e a língua francesa. Essa semelhança está diretamente relacionada às condições de produção dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Refiro-me aqui, especificamente, à proposta de redação que, em alguns casos, funcionou como um mecanismo de coerção tipológica de argumentos. Em outras palavras, as análises efetuadas mostraram que a proposta

temática apresentada pelo professor direcionou e regulou a seleção dos tipos de argumentos que deveriam ser empregados ao longo do texto. Acredita-se que esse direcionamento deveu-se à necessidade de aplicação – sujeita à avaliação – de diferentes argumentos que haviam sido apresentados e exemplificados anteriormente pelo professor. Essa semelhança, entre a língua portuguesa e a língua francesa, mostrou que, independentemente da língua-cultura em que são produzidos, os textos dissertativo-argumentativos elaborados na esfera escolar servem, na maioria das vezes, como um objeto de avaliação. Além disso, tal semelhança mostrou e confirmou que, ao produzir um texto dissertativo-argumentativo, o aluno-enunciador tem de se adaptar a, no mínimo, dois tipos de coerções: de um lado, as coerções genéricas, que apontam as especificidades do gênero do discurso no qual o texto se insere e das sequências tipológicas que caracterizam esse gênero; de outro lado, as coerções situacionais, que determinam as condições de produção e de recepção do texto na esfera escolar.

A semelhança assinalada acima instigou a busca por outros pontos convergentes e/ou divergentes entre os sistemas linguísticos estudados nesta pesquisa. Desse modo, examinado os diferentes tipos de argumentos utilizados em língua portuguesa e em língua francesa, identificou-se a utilização de sete categorias distintas, que podem ser classificadas, neste momento, pela posição que cada argumento ocupou na preferência dos alunos: em primeiro lugar, destacaram-se os argumentos fundados na doxologia, os argumentos pelo exemplo e os argumentos pragmáticos. Essas três possibilidades foram empregadas com altos índices, em todos os ciclos de coleta, tanto nas redações em língua portuguesa como em língua francesa. Em segundo lugar, apareceram os argumentos pelo afeto e os argumentos fundados na divisão do todo em partes. Essas categorias de argumentos não foram empregadas em todos os ciclos de coletas, e seus percentuais de utilização foram bem heterogêneos nos dois sistemas linguísticos. Em terceiro lugar, destacaram-se os argumentos fundados na comparação e os argumentos de autoridade, que foram utilizados apenas nos textos em língua francesa, na unidade LPV.

Analisar a tipologia de argumentos significa observar um modo recorrente de organização retórica que, atrelado às modalizações e ao uso de construções da argumentação (construções interrogativas, construções impessoais e construções pessoais), permite depreender a imagem do enunciador escolar. No que concerne

às modalizações, a análise apontou, novamente, para as semelhanças entre os textos em língua portuguesa e em língua francesa: das nove modalidades que foram observadas, cinco destacaram-se na preferência dos alunos pela presença maciça, em todos os ciclos, independentemente, do sistema linguístico empregado na produção textual. São elas as modalidades de constatação, opinião, possibilidade, obrigação e evidência. Pertencendo a comportamentos distintos, essas modalidades revelaram as atitudes e as posições do enunciador diante de si mesmo, do seu enunciatário e, principalmente, do seu dizer.

Apesar de sua relação com a construção e com a apresentação do *ethos*, nem sempre as modalidades contribuíram para depreendê-lo. Estou me referindo aqui, especificamente, às modalidades de evidência, do comportamento delocutivo, e de constatação, do comportamento elocutivo. Ainda que tenham sido amplamente observadas nos textos em português e em francês, essas modalidades pouco contribuíram para a descrição e análise do *ethos* do enunciador escolar. Isso aconteceu porque, no primeiro caso, ao empregar a modalidade de evidência, o enunciador apenas descreveu um estado de coisas, ou melhor, um modo de ser e de estar das coisas do mundo, apagando dessa enunciação qualquer marca que o responsabilizasse pelo dito e qualquer vestígio dos parceiros da enunciação (Charaudeau, 2008). Já no segundo caso, ao utilizar a modalidade de constatação, o enunciador limitou-se a enunciar o seu conhecimento sobre um fato do mundo sem emitir juízos de valor e, principalmente, sem se inserir nas instâncias discursivas. Nesse tipo de modalidade, as marcas do enunciador, quando aparecem, são muito discretas ou estão *aparentemente* apagadas.

Se as modalidades de evidência e de constatação possibilitaram uma enunciação *quase* isenta de índices de subjetividade, o mesmo não aconteceu com as outras modalidades que se destacaram na preferência dos alunos. As modalidades de opinião, de possibilidade e de obrigação, do comportamento elocutivo, revelaram, explícita e/ou implicitamente, as atitudes do enunciador e possibilitaram assim identificar a imagem do enunciador escolar. De acordo com o que foi observado, é possível dizer que a imagem desse enunciador, depreendida dos textos dissertativo-argumentativos produzidos em língua portuguesa e em língua francesa, apresentou traços convergentes.

Em relação às construções da argumentação, a análise revelou outras semelhanças entre as duas línguas investigadas nesta pesquisa. Empregadas de

forma recorrente na maior parte dos textos elaborados em língua portuguesa e em língua francesa, destacaram-se, em primeiro lugar, as construções impessoais, observadas em todos os ciclos de coleta, com proporções bem heterogêneas. Em segundo lugar, as construções interrogativas também se fizeram presentes em todos os ciclos. E, por fim, as construções pessoais, que foram verificadas em apenas seis ciclos de coleta.

As construções impessoais, as mais recorrentes no *corpus* desta pesquisa, estão diretamente relacionadas ao *ethos* do enunciador escolar. Seus altos índices de emprego mostram que o enunciador tentou se distanciar de sua enunciação e se inserir em uma coletividade indeterminada. O destaque das construções impessoais nos dois sistemas linguísticos já era, de certa forma, esperado. Digo isso porque os textos dissertativo-argumentativos produzidos na esfera escolar parecem ainda manter-se fiéis a ideia de que se deve preservar a objetividade e, conseqüentemente, certa imparcialidade em relação ao assunto. Entenda-se por objetividade e imparcialidade o apagamento ou a isenção das marcas do enunciador. É claro que, no contexto atual, tem-se pregado justamente o contrário. Prova disso são as produções textuais exigidas nos concursos de Vestibular ou de *Baccalauréat*, cujas propostas pedem, justamente, que o candidato exponha a sua posição a respeito do assunto e que apresente a sua opinião explicitamente.

O segundo lugar na preferência dos alunos é ocupado pelas construções interrogativas que foram empregadas de forma prudente, tanto em língua portuguesa como em língua francesa. Além de colaborar na progressão da informação textual, as perguntas retóricas, como também são chamadas, constituem um componente importante para estabelecer e fortalecer vínculos e acordos entre enunciador e enunciatário.

Aprofundando e aproximando as observações em língua portuguesa às de língua francesa, notou-se que, em relação às construções pessoais, há uma interessante diferença a ser comentada: enquanto, no português, elas apareceram em proporções relativamente baixas, no francês, elas destacaram-se pela ampla utilização. Essa constatação permite especular que a referida categoria pode ser empregada de forma distinta nos dois sistemas linguísticos. O uso recorrente de construções pessoais está ligado diretamente ao modo como o enunciador se inscreve na superfície discursiva, como marca as suas posições e opiniões em relação a si mesmo, ao seu enunciatário e ao seu discurso. Na língua francesa, ao



se inserir nas instâncias discursivas através de construções pessoais, o enunciador imprime as suas marcas no discurso e apresenta-se como o responsável direto pelo conteúdo da enunciação. Contudo, apesar desse aparente comprometimento com o *dito*, as análises revelaram que o uso de construções pessoais não teve grandes implicações na imagem do enunciador escolar.

Para completar o exame dos elementos que compõem a microestrutura textual, devem-se analisar ainda os conectores. Dentre os diferentes tipos de marcadores da argumentação, sete categorias foram selecionadas para esta reflexão. Todas essas possibilidades foram utilizadas independentemente do sistema linguístico: algumas de forma constante em todos os ciclos, como é o caso, por exemplo, de *mas/mais*; outras de forma eventual, como é o caso, por exemplo, de *porém/cependant*, *no entanto(entretanto)/toutefois(pourtant)*, *pois/car*, *apesar de (tudo)/Malgré(tout)*, *porque/parce que*, *portanto/donc*. Há de se assinalar ainda que alguns textos foram produzidos sem nenhum tipo de conector.

O conector mais empregado foi o *mas/mais*, a despeito de toda a complexidade que lhe é inerente. As análises sobre esse conector mostraram uma importante semelhança entre os sistemas linguísticos considerados: as cinco funções que ele pode desempenhar na superfície discursiva foram observadas tanto nas produções em língua portuguesa como nas redações em língua francesa. Em relação aos outros conectores, a investigação realizada mostrou que eles também se fizeram presentes nos dois sistemas linguístico-culturais. No entanto, verificou-se que, em língua francesa, eles foram utilizados de forma mais recorrente do que em língua portuguesa. Essa observação indica que cada língua-cultura emprega e encadeia de forma diferente os conectores a fim de construir os efeitos de sentido necessários à persuasão.

#### **4 Imagem do enunciador escolar**

Ao longo deste trabalho, destacou-se que o *ethos* do enunciador está diretamente relacionado à eficácia da argumentação: a imagem de si que é construída e apresentada nas instâncias discursivas tem implicação direta nos índices de adesão do auditório. Nesse sentido, a análise do *ethos* requer uma observação minuciosa, um olhar atento do pesquisador que está direcionado à

busca de um estilo recorrente em cada texto, à procura de diversos índices discursivos que possam contribuir na apreensão de uma imagem do enunciador. Depreender o *ethos* do enunciador significa atentar para marcas impressas na superfície textual, mais precisamente, na dimensão da microestrutura.

A retomada dos principais pontos de investigação da microestrutura textual conduziu necessariamente a uma reflexão sobre os mecanismos linguístico-discursivos que fundamentaram e possibilitaram a construção da imagem do enunciador *no* e *pelo* discurso. Compreende-se assim que a descrição e a análise da tipologia de argumentos, das modalizações e das construções da argumentação, além de revelar características da organização retóricas dos textos, permitiram também conhecer o *ethos* do enunciador de textos dissertativo-argumentativos da esfera escolar. É através dessas categorias que os traços da imagem do enunciador escolar, em situação bilíngue, são delineados e configurados.

Ao empreender a análise do *ethos*, percebeu-se que, independentemente do sistema linguístico, existe uma imagem de si recorrente na maioria dos textos examinados que é apreendida a partir das diferentes categorias que compõem a microestrutura textual. Essa observação me leva a pensar que, no contexto ocidental, possa existir uma imagem ideal única para o enunciador escolar de textos dissertativo-argumentativos, independentemente do sistema linguístico utilizado.

Através da análise da tipologia de argumentos, surgiram as primeiras pistas dessa imagem do enunciador. O predomínio de argumentos fundados na doxologia, de argumentos pelo exemplo e de argumentos pragmáticos indica que, possivelmente, o *ethos* desse aluno-enunciador esteja fundamentado em um discurso que remete a uma imagem de si que ele, aluno e enunciador, deseja e/ou deve apresentar e construir no discurso, independentemente de este discurso ser organizado em língua portuguesa ou em língua francesa. Pode-se dizer que se trata da projeção de uma imagem ideal do enunciador escolar. Essa imagem não representa, exclusivamente, o aluno-enunciador de textos dissertativo-argumentativos. Ela é resultado de um conjunto de valores e de crenças que circula pela sociedade e que, supostamente, é compartilhado pelos sujeitos envolvidos nessa enunciação. Essa imagem, criada pelo senso comum, é aquela que se *deve ter/ser* ou, pelo menos, *parecer ter/ser*. O uso de argumentos fundados na doxologia, por exemplo, indica que esse enunciador precisa se amparar em um conjunto de crenças e de valores coletivos para endossar o seu discurso. Do mesmo modo, a

argumentação pelo exemplo, apesar de fazer referência a casos particulares de uma determinada sociedade, supõe a possibilidade de se criar, entre enunciador e enunciatário, um acordo prévio sobre uma generalização que se estabelece justamente a partir desses casos particulares.

Além dos elementos citados acima, as modalizações também contribuíram para o estudo do *ethos*. A análise desta categoria mostrou que, nos dois conjuntos de textos analisados (língua portuguesa e língua francesa), a imagem do enunciador escolar revelou traços recorrentes e muito similares. Apesar de ter-se empregado com frequência modalidades que expressavam visões de mundo particulares, observou-se que, na maior parte dos casos, para os dois sistemas linguísticos investigados, essas visões de mundo estavam amparadas em um sistema de crenças e de valores fundado no senso comum, isto é, na *doxa*. Digo isso porque, pelas análises, é possível perceber que as modalidades (principalmente aquelas de opinião, de obrigação e de possibilidade) expressas e veiculadas nos textos possuem similaridades. Isso me faz acreditar que a imagem desse enunciador escolar foi construída com base em uma imagem pré-estabelecida pela *doxa*. Poder-se-ia mesmo pensar numa imagem ideal única para o enunciador de textos dissertativo-argumentativos, imagem essa que é apresentada com a intenção de agradar o enunciatário e conquistar a sua adesão à(s) tese(s) apresentada(s) para seu assentimento. Nesse contexto de produção que é a sala de aula, agradar o enunciatário significa obter êxito na produção textual que, na maioria das vezes, constitui um instrumento de avaliação.

Para completar o grupo dos mecanismos linguístico-discursivos empregados na construção e na apresentação do *ethos*, deve-se refletir ainda sobre as construções específicas da argumentação, que se subdividem em construções impessoais, construções interrogativas e construções pessoais<sup>200</sup>.

As construções impessoais destacaram-se na preferência dos alunos. Compostas de enunciados elaborados em terceira pessoa do singular e/ou plural e/ou em primeira pessoa do plural, elas contribuíram diretamente para se depreender o *ethos* do enunciador de textos dissertativo-argumentativos da esfera escolar. Levando em conta a recorrência desse tipo de construção nos textos analisados, percebeu-se que, tanto em língua portuguesa como em língua francesa,

---

<sup>200</sup> A ordem de exposição segue os índices de utilização observados no *corpus*.

existe uma tendência do enunciador escolar de mascarar sua presença na superfície discursiva. O emprego da primeira pessoa do plural remete, de imediato, ao “nós” ou “*nous*” de modéstia, mas uma análise mais detalhada mostra que através deste mecanismo linguístico o enunciador pretendeu, na verdade, se apagar da instância do discurso e assim criar um efeito de objetividade (em oposição à subjetividade). Com esse tipo de manobra, o enunciador criou um distanciamento em relação ao seu dizer e se inseriu em uma coletividade. Essa coletividade pode, ou não, ser composta por ele, enunciador, pelo enunciatário e por tantos outros sujeitos envolvidos com o discurso. É, na verdade, uma coletividade indeterminada. Essa indeterminação teve implicações diretas no discurso e no *ethos* desse enunciador. No discurso, porque não foi possível identificar o responsável pelo *dito* – ao fazer referência a um universo coletivo, o texto referiu-se ao senso comum, e a responsabilidade pelo *dito* pode ser atribuída a todos os sujeitos e/ou a nenhum. No *ethos* do enunciador, porque esses índices de indeterminação indicaram a construção e a apresentação de uma imagem comum que pode ser definida como uma *imagem ideal única* do enunciador escolar, uma vez que essa imagem foi recorrente a diversos enunciadores, em diferentes textos produzidos, em ambas as línguas-culturas, em um ambiente e em uma situação de enunciação muito específicos: a sala de aula. Compreende-se assim que o *ethos* desse enunciador escolar foi construído para atender a um suposto *querer/dever parecer ser* pré-determinado por esse senso comum, no qual supostamente se inclui o enunciatário, isto é, o professor de língua.

Ao se amparar nesse conjunto de crenças e de valores que pertencem ao senso comum, para se isentar da responsabilidade pelo dito e para se apagar subjetivamente das instâncias discursivas, o enunciador tentou se aproximar do seu auditório, mais especificamente, do enunciatário, que, nesse caso, é o professor-avaliador dos textos. Essa aproximação entre enunciador e enunciatário aconteceu também através do uso de perguntas retóricas. Os enunciados interrogativos criaram uma teia argumentativa que se formou da inter-relação entre as perguntas retóricas e as possíveis respostas que podiam ser implicitamente articuladas pelo enunciatário. Essa trama argumentativa direcionou o enunciatário a compartilhar e a seguir o raciocínio argumentativo exposto no texto. Desse modo, ele foi levado a aderir às teses que eram apresentadas e defendidas pelo enunciador. Em outras

palavras, por meio das perguntas retóricas, o enunciador aproximou-se do seu auditório para persuadi-lo discursivamente.

As construções pessoais apresentam-se como um mecanismo importante na construção do *ethos* e no processo de persuasão. Elas foram mais freqüentes em língua francesa do que em língua portuguesa, como se destacou nas seções anteriores. Na verdade, as análises revelaram que, nos dois sistemas linguísticos, construções impessoais e pessoais conviveram pacificamente. Essa convivência paralela mostrou que existe uma preocupação em produzir um texto objetivo e mostrou também que, em alguns textos, essa preocupação não afetou e não prejudicou a inserção de marcas subjetivas no discurso.

Quando escreveu em língua francesa, o enunciador escolar expôs suas opiniões e suas visões de mundo de forma diferente do que se observou em língua portuguesa. Pode-se dizer que ele se mostrou efetivamente na superfície do discurso e explicitou a sua responsabilidade pelo conteúdo que estava sendo enunciado. No entanto, essa aparente aproximação e responsabilidade pelo *dito* não modificou os traços do *ethos* do enunciador escolar, pois, mesmo quando se inseriu nas instâncias do discurso, esse enunciador apropriou-se de um discurso do senso comum. Dessa forma, as suas opiniões e as suas visões de mundo fundaram-se e foram efetivamente atravessadas por esse conjunto de valores e de crenças que pertenciam a uma coletividade indefinida. Nesse sentido, a imagem que se depreendeu desse enunciador escolar foi a de um *ethos* que faz referência a um *querer/dever parecer ser*. Dentre os fatores que contribuíram para esse tipo de configuração textual, é preciso destacar os mecanismos de coerção genérica e situacional. Assim como venho assinalando ao longo desta reflexão, esses mecanismos atuaram diretamente na organização do texto e interferiram na sua configuração linguístico-discursiva.

## **5 Tecendo significações: retórica ou retóricas?**

Ao longo dessas considerações finais, retomou-se e refletiu-se sobre pontos convergentes e divergentes na organização retórica dos textos em língua portuguesa e em língua francesa e se apresentaram os principais traços que compõem o *ethos* do enunciador escolar. Estas reflexões forneceram os subsídios

necessários para propor uma resposta ao questionamento que tem me inquietado e me mobilizado a investigar os fenômenos languageiros que estão subjacentes à construção e à organização de discursos dissertativo-argumentativo em línguas-culturas distintas na esfera escolar. Na verdade, a pergunta “retórica ou retóricas?” não é tão simples quanto parece. Subjacente a ela, outras interrogações anseiam por respostas, como, por exemplo: houve efetivamente o entrecruzamento de duas perspectivas retóricas nas línguas-culturas examinadas? Se houve, qual é a perspectiva retórica predominante?

Para responder a esses questionamentos, é necessário refletir sobre as semelhanças e diferenças apreendidas a partir da investigação do *corpus*. As descrições e as análises efetuadas nos textos dissertativo-argumentativos produzidos em língua portuguesa e em língua francesa, na esfera escolar, apresentaram-se como um tipo de produção textual muito peculiar, à medida que sua construção permitiu visualizar, ainda que de forma tênue, o entrecruzamento de duas perspectivas retóricas: a retórica cultural e a retórica escolar.

Ao se estabelecer um panorama da organização retórica das duas línguas-culturas, o que se observou foi um grande número de semelhanças entre os sistemas linguísticos investigados, não só na dimensão da macroestrutura, como também na dimensão da microestrutura textual. As análises revelaram um modo recorrente de organização retórica que pôde ser apreendido através da presença, do emprego e das funções semelhantes de alguns componentes retóricos nas duas línguas-culturas, como, por exemplo, indicação de título, tipos e número de parágrafos, progressão temática presente, exposição explícita da tese, maneira similar de conduzir a argumentação, tipos de argumentos comuns, modalizações e modalidades similares, presença de construções interrogativas e de construções impessoais e conectores desempenhando funções análogas, entre outros. Deve-se mencionar ainda que o *ethos*, construído e apresentado nesses textos, também possui traços muito similares.

Na produção de textos dissertativo-argumentativos, os alunos devem formatizar ou configurar suas ideias de acordo com os requisitos que são trabalhados em sala de aula. Dentre esses requisitos, podem-se citar, de um lado, as coerções de ordem genérica e de ordem situacional, ambas amplamente referidas neste trabalho: as primeiras dizem respeito às especificidades do gênero discursivo e das tipologias textuais que compõem esse gênero; já as segundas

remetem às condições de produção, de circulação e de recepção desses textos na esfera escolar. De outro lado, podem-se apontar ainda alguns componentes da macro e da microestrutura textual, como, por exemplo, o número de linhas, a segmentação paragrafada, a tipologia de argumentos, as construções impessoais e o uso de modalização deônticas (expressas através de modalidades de obrigação), modalizações epistêmicas (expressas através de modalidades de evidência e de possibilidade) e modalizações dóxicas (expressas através de modalidades de constatação, saber, apreciação e opinião), entre outros.

A partir do que foi observado, não só durante o período de coleta dos textos, mas principalmente por meio das análises, pode-se concluir que a necessidade de adequar a produção textual às especificidades de uma retórica da esfera escolar não se restringe exclusivamente à língua portuguesa ou à língua francesa. Subjacente ao processo de produção textual, seja ele no Liceu Pasteur Mayrink ou no Liceu Pasteur Vergueiro, as coerções genéricas e situacionais e os requisitos de configuração da macro e da microestrutura textual estão atuando, afetando e modificando o modo como cada enunciador organiza as suas ideias na superfície discursiva. Ao atentar para essas coerções e para esses requisitos de configuração textual, os alunos moldaram seus textos de acordo com as prescrições da retórica escolar. Pode-se dizer, até mesmo, que houve uma preocupação maior com as especificidades da retórica escolar do que com o *savoir faire* da retórica cultural (que poderia se fazer presente nesses textos). Por isso tantas semelhanças são apreendidas dos textos analisados, independentemente da língua-cultura empregada no processo de produção textual.

Além de indicar as convergências retóricas das duas línguas-culturas, as análises explicitaram também suas divergências. Observadas em proporções menores, elas se fizeram presentes principalmente na dimensão microestrutural do texto. Em alguns casos, essa presença pôde ser descrita e examinada a partir de uma análise rigorosa em que determinados pontos guardavam informações importantes acerca da organização retórica dos textos. Refiro-me aqui, especificamente, à presença mais ou menos frequente de construções pessoais e ao emprego de conectores. Observando o modo como esses elementos da argumentação foram articulados ao longo dos textos nas duas línguas-culturas, discrepâncias puderam ser identificadas. As análises mostraram que as construções pessoais e o emprego de conectores foram mais recorrentes em língua francesa do

que em língua portuguesa: a primeira discrepância diz respeito às especificidades da retórica escolar, que permite que o enunciador construa o seu discurso apresentando-se de forma mais ou menos explícita; já a segunda discrepância parece estar relacionada às especificidades linguístico-culturais de cada língua. Nesse sentido, elas podem não estar ligadas à retórica escolar, mas sim à retórica cultural.

Na verdade, as construções pessoais foram empregadas paralelamente às construções impessoais, sendo que estas, em todos os ciclos, foram utilizadas em proporções maiores que aquelas. A alternância no modo como o enunciador se manifestou na superfície do discurso indica que a retórica escolar da língua francesa apresentou configurações bem particulares. Entende-se hoje que enunciador pode e deve marcar a sua posição no discurso e a sua responsabilidade pela enunciação. O modo como o enunciador se aproximou do seu dizer, nas produções em língua francesa analisadas, parece estar de acordo com uma tendência atual para as produções características da esfera escolar. Conforme já destaquei, os diferentes exames de admissão no ensino superior, como, por exemplo, o Vestibular, no caso do Brasil, e o *Baccalauréat*, no caso da França, em suas provas de redação, têm solicitado que o enunciador se manifeste explicitamente na superfície textual expondo sua posição e sua opinião sobre o assunto a ser tratado.

Em relação ao uso de conectores, deve-se ressaltar que sua maior recorrência na língua francesa pode indicar que esta língua-cultura precisa empregar os marcadores da argumentação de forma mais contínua do que em língua portuguesa para criar os efeitos de sentido necessários à persuasão. É possível que aqui exista uma diferença no modo de organização do discurso: o objetivo é persuadir, mas a maneira como cada língua organiza os seus componentes e emprega os conectores a fim de atingir o objetivo parece ser diferente.

Essa observação conduz, necessariamente, à retomada da hipótese que tem fundamentado as reflexões e as análises desta pesquisa. Conforme destaquei na introdução desta tese, estou trabalhando com a hipótese de que os atos de fala de cada comunidade linguística, ou ainda de cada sistema linguístico envolvido nesta pesquisa, são parecidos. Na sua essência, a sistematicidade que está subjacente aos atos de fala (tais como ironizar, defender um ponto de vista, convencer, persuadir e narrar, entre outros) é semelhante em língua portuguesa e em língua francesa. Entretanto, a maneira como se organizam, se encadeiam e se expressam



estes atos de fala na superfície discursiva pode variar de uma língua para outra e também de uma comunidade linguística para outra.

As análises realizadas parecem confirmar essa hipótese. Acredito que essa variação no modo como cada sistema linguístico-cultural representa seus atos de fala esteja relacionada às questões intrínsecas de cada língua-cultura, como, por exemplo, a sua retórica cultural. A diferença observada em relação ao uso de conectores mostra que cada sistema linguístico emprega esses marcadores da argumentação conforme suas necessidades e suas especificidades retóricas, discursivas e culturais. Pode-se dizer, então, que cada língua é depositária de uma retórica cultural. Essa retórica cultural está relacionada às visões de mundo de cada comunidade linguística e às suas especificidades culturais, as quais remetem a um modo de ser e de estar no mundo, a um modo de perceber e de (re)produzir o mundo *no e pelo* discurso.

Compreende-se assim que as diferenças observadas entre os sistemas linguísticos envolvidos nesta pesquisa não se situaram propriamente no nível da língua, mas no nível do discurso. Não foi a categorização dos conectores, nem mesmo os atos de fala que se mostraram diferentes. Na verdade, foi a maneira de organizar os atos de fala e de encadeá-los discursivamente com o apoio de conectores que se revelou diferente em português e em francês. É, portanto, no uso, isto é, nas formas linguísticas empregadas e no modo como essas formas são organizadas e articuladas no discurso que residem as diferenças culturais, mesmo quando os objetivos comunicativos são semelhantes.

Quando, na introdução desta pesquisa, assinalai que me interessava estudar o entrecruzamento da retórica escolar com a retórica cultural, estava me referindo juntamente a este tipo fenômeno: as especificidades dos modos de organização do discurso ou dos roteiros de planificação textual, orientados para o desenvolvimento de produções dissertativo-argumentativas na esfera escolar, que remetem a saberes enciclopédicos adquiridos paralelamente aos saberes escolares dentro de uma determinada língua-cultura. Conforme tenho salientando ao longo desta reflexão, cada língua-cultura parece possuir um esquema ou um roteiro de planificação textual mais ou menos pré-estabelecido, o qual, neste trabalho, está sendo designado como retórica cultural. Nessa retórica cultural, não há nada de espontâneo, ou seja, os elementos que devem compor a organização do discurso não estão disponíveis à livre escolha de cada um; pelo contrário, esses elementos podem ser impostos e ter

sua ordem de apresentação e de articulação no discurso orientada, de um lado, pelo uso e pelas especificidades da materialidade linguística utilizada e, de outro lado, pelas especificidades culturais, isto é, pela visão de mundo característica dessa língua-cultura.

Essa pode ser a explicação para a maior recorrência de conectores na língua francesa, por exemplo. Não é o enunciador que determina quantos conectores vão ser articulados na superfície textual, mas sim as convenções discursivas e culturais que, segundo Vignaux (1989), regulam essa retórica cultural. As convenções discursivas, como o próprio nome sugere, estão relacionadas ao tipo de discurso que vai ser construído, enquanto que as convenções culturais estão ligadas ao modo como cada comunidade linguística percebe, categoriza e representa a sua realidade *no e pelo* discurso.

Nesse sentido, língua portuguesa e língua francesa parecem possuir modos diferentes de organização retórica, ou seja, para cada língua-cultura haveria uma retórica cultural distinta. Subjacente a essa retórica cultural, existe uma visão de mundo específica, isto é, um modo de apreender e de categorizar a realidade. No entanto, não se pode esquecer que as representações do mundo “estão diretamente ligadas aos modos de sua expressão e são o resultado de **relações intersubjetivas** no discurso. Pode-se mesmo falar numa espécie de *apreensão enunciativa* do mundo” (Mosca, 2004, p. 44).

A presente exposição permite agora elaborar respostas mais pontuais às perguntas lançadas no início desta seção. A partir das análises, constatou-se que a organização retórica das produções dissertativo-argumentativas, elaboradas em língua portuguesa e em língua francesa, na esfera escolar, possui muitos pontos convergentes. Isso indica que a retórica escolar se fez presente nos textos que compõem o *corpus* deste estudo e que ela apresentou uma configuração semelhante nas duas línguas-culturas investigadas. Além disso, as análises mostraram que o entrecruzamento da retórica escolar com a retórica cultural pôde, efetivamente, ser observado nas produções dissertativo-argumentativas investigadas neste estudo.

O modo como cada língua-cultura organizou os atos de fala e os articulou através de diferentes marcadores da argumentação forneceu indícios de que a retórica cultural interagiu, ainda que de forma tênue, com a retórica escolar ao longo das produções analisadas. Nesse sentido, é possível dizer que, nas produções

investigadas, duas retóricas distintas, sutilmente, conviveram, interagiram e até se complementaram. Nesse processo de interação retórica, houve sempre o predomínio da retórica escolar sobre a retórica cultural.

Se as produções dissertativo-argumentativas possibilitaram o encontro de duas perspectivas retóricas distintas, como se pode definir a imagem do enunciador escolar que foi apreendida desse tipo de produção textual? A imagem do enunciador foi investigada, como já assinalei na seção precedente, com base em diferentes elementos linguístico-discursivos. A partir das análises realizadas sobre a construção do *ethos* no conjunto de textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, penso que a imagem desse enunciador escolar, que convive com a biculturalidade, foi construída quase que conscientemente para se aproximar de uma *imagem ideal do enunciador escolar*. Essa construção da *imagem ideal do enunciador escolar* está embasada em uma imagem pré-estabelecida pela *doxa* com a intenção de agradar o enunciatário e conquistar a sua adesão às teses que lhe são apresentadas.

Na verdade, essa *imagem ideal do enunciador escolar* parece ser consequência e resultado de coerções genéricas e situacionais e de especificações da própria retórica escolar. Todas as imposições, referentes aos gêneros do discurso e às condições de produção, atuaram e afetaram diretamente o modo como se construiu e se apresentou a imagem do enunciador escolar nas produções dissertativo-argumentativas em língua portuguesa e em língua francesa elaboradas na esfera escolar.

A partir das descrições e das análises efetuadas, foi possível apreender, portanto, um *ethos* muito similar para os diferentes textos, nas diferentes línguas-culturas examinadas. Acredito que essa observação seja um argumento favorável a minha tese de que existe, na esfera ocidental, uma imagem ideal única para o enunciador escolar, independentemente do sistema linguístico utilizado na produção textual. Na verdade, esse *ethos* foi construído para o enunciatário que, naquelas condições de produção, era o único leitor e, ao mesmo tempo, o avaliador desses textos.

Entende-se assim que o *ethos* do enunciador escolar foi construído em função da imagem que esse enunciador projetou do seu enunciatário, ou melhor, em função da imagem que ele pensou ser a imagem ideal para agradar o enunciatário, a imagem do *querer/dever parecer ser*. Nessa perspectiva, a construção e a

apresentação do *ethos* na superfície discursiva estiveram diretamente ligadas à questão da adesão do enunciatário.

Nota-se, portanto, que a imagem do enunciatário funciona como um mecanismo de coerção discursiva a que obedece o enunciador durante o processo de produção de textual. Nessa perspectiva, a imagem do enunciatário pode ser descrita como a imagem de um co-enunciador, na medida em que ela determina as escolhas linguístico-discursivas do enunciador e o modo como ele constrói e apresenta a imagem de si no discurso, como se observou nas análises efetuadas neste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM J.-M. (2008). **A linguística textual : introdução à análise textual dos discursos**. Tradução de vários tradutores. São Paulo: Cortez.

\_\_\_\_\_. (2005). Imagens de si e esquematização do orador : Pétain e De Gaulle em junho de 1940. In AMOSSY, R. (org.). (2005). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz *et al.* São Paulo: Contexto. p. 93-117.

\_\_\_\_\_. (1992). **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan Université.

\_\_\_\_\_. (1991). Cadre théorique d'une typologie séquentielle. **Études de Linguistique Appliquée**. n. 83, jun/set. Paris : Didier, p. 7-18.

\_\_\_\_\_. (1990). **Éléments de linguistique textuelle : théorie et pratiques de l'analyse textuelle**. Liège : Mardaga.

\_\_\_\_\_. (1987). Types de séquences textuelles élémentaires. **Pratiques**, n. 56, déc.. Metz : CRESEF, p. 54-79.

\_\_\_\_\_. (1985). Quels types de textes?. **Le Français dans le monde**, n. 192, avr. Paris: Hachette/Larousse, p. 39-43.

AMOSSY, R. (2006). **L'argumentation dans le discours**. 2. ed. Paris: Armand Colin.

\_\_\_\_\_. (org.). (2005). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz *et al.* São Paulo: Contexto.

ARISTÓTELES. (s/d). **Arte Retórica e Arte Poética**. 14. ed. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro.

ANSCOMBRE, J. C. ; DUCROT, O. (1988). **L'Argumentation dans la langue**. 2. ed. Bruxelles : Mardaga.

\_\_\_\_\_. (1977). Deux mais en français ? **Língua**, n. 43, p. 23-40

BAKHTIN, M. (2005). **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. (2003). **A estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, M. (2004). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.

BARTHES, R. (1975). **Roland Barthes par Roland Barthes**. Paris : Seuil.

BENVENISTE, E. (1995). **Problemas de Linguística Geral**. 4.ed. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri] Campinas : Pontes.

\_\_\_\_\_. (1989) **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimaraes *et al.* Campinas : Pontes.

BERTRAND, D. (1999). **Parler pour convaincre**. Paris: Gallimard.

BRONCKART, J.-P., (2003). **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Editora da PUC.

\_\_\_\_\_. (1985). **Le fonctionnement des discours**. Neuchâtel-Paris: Delachaux & Niestlé.

CHARAUDEAU, P. (2008). **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução de Ângela M. S. Côrrea e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto.

\_\_\_\_\_. (2006). **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira Cruz. São Paulo: Contexto.

\_\_\_\_\_. (2001). Langue, discours et identité culturelle. **Études de Linguistique Appliquée**, n. 123-124, jun/sept. Paris: Didier Érudition, p. 341-348.

\_\_\_\_\_. (1992). **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (2004). **Dicionário de análise do discurso**. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto.

COURTÉS, J. (1991). **Analyse sémiotique du discours. De l' énoncé à l'énonciation**. Paris, Hachette.

DAHLET, V. (2004). **A pontuação: regularidades e variações**. São Paulo: Tese de Livre Docência.

\_\_\_\_\_. (2002) Para uma topologia do escrevente, em língua estrangeira e materna. **Fragments: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras**, n. 22, jan./jun. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 41-48.

\_\_\_\_\_. (2000). O proceder da pesquisa: quais as relações entre problemática, dissertação e *corpus*? **Letras**, n.21, jul/dez. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, p.127-132.

DISCINI, N. (2004). **O estilo nos textos : história em quadrinhos, mídia e literatura**. São Paulo: Contexto.

DUBOIS, J. *et al.* (2006). **Dicionário de linguística**. 14. ed. Tradução de Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

DUCROT, O. (1993). Les topoi dans la “Théorie de l’argumentation dans la langue”. In Plantin, C. (org.). **Lieux Communs, topoi, stéréotypes, clichés**. Paris : Éditions Kimé. p. 233-248.

\_\_\_\_\_. (1987). **O Dizer e o Dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_. (1981). **Provar e dizer**. Tradução de Maria Aparecida Barbosa *et al.* São Paulo: Global editora.

\_\_\_\_\_. (1980). **Les mots du discours**. Paris: Ed. de Minuit.

\_\_\_\_\_. (1977). **Princípios da semântica linguística**. Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Figueira. São Paulo: Cultrix.

DUCROT, O.; SCHAEFFER, J.-M. (1995). **Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage**. Paris: Éditions du Seuil.

EGGS, E. (2005). Éthos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz *et al.* São Paulo: Contexto, p. 29-45.

FIORIN, J. L. (2005a). **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2. ed. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_. (2005b). **Gêneros e tipos textuais**. Cópia xerográfica.

\_\_\_\_\_. (2004). O éthos do enunciador. In CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. (org.) **Razões e sensibilidades: a semiótica em foco**. Araraquara: cultura Acadêmica Editora.

FUNDAÇÃO LICEU PASTEUR. Disponível em <http://www.flp-sp.com.br>. Acesso em: 28 fev. 2008.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. (1979). **Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Paris: Hachette.

GRILLO, S. V. C. (2005). A noção de campo nas obras de Bourdieu e do círculo de Bakhtin : suas implicações para a teorização dos gêneros do discurso. **Revista da ANPOLL**, n.19, jul./dez. Campinas, p.151-184.

\_\_\_\_\_. (2004). **A produção do real em gêneros do jornal impresso**. São Paulo: Humanitas.

GUIMARÃES, E. (2004). Figuras retóricas e argumentação. In MOSCA, L. L. S. (2004). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, p. 145-160.

GUIRAUD, P. (1970). **A estilística**. São Paulo: Editora Mestre Jou.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. (2001). **Dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

KLINKENBERG, J. M. (2004). Retóricas de Ontem e de Hoje: Prefácio. Tradução de Lineide do Lago Salvados Mosca. In MOSCA, L. L. S. (org.) **Retóricas de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. p.11-15.

MAINGUENEAU, D. (2006). **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo : Contexto.

\_\_\_\_\_. (2005). **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba : Criar Edições.

\_\_\_\_\_. (2001). **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Sousa-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez Editora.

\_\_\_\_\_. (1997). **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_. (1996). **Pragmática para o discurso literário**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (1993). **Le contexte de l'oeuvre littéraire. Énonciation, écrivain, société**. Paris: Dunond.

MARCUSCHI, L. A. (2005). Gêneros textuais : configuração, dinamicidade e circulação. In KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. ; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais : reflexões e ensino**. União da Vitória: Lucerna.

MATTOSO CAMARA JUNIOR, J. (2002). **Dicionário de Linguística e Gramática**. 23. ed. Petrópolis: Vozes.

MEYER, M. (1998). **Questões de Retórica: Linguagem, razão e sedução**. Tradução de António Hall. Lisboa: Nova Biblioteca 70.

MINISTERE DE L'ÉDUCATION NATIONALE. Disponível em <<http://www.education.gouv.fr/cid81/les-programmes.html>>. Acesso em: 23 mar. 2009.

MISNISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=293&Itemid=358](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=293&Itemid=358)>. Acesso em : 25 mar. 2009.

MOESCHLER, J.; REBOUL, A. (1998a). **Pragmatique du discours. De l'interprétation de l'énoncé à l'interprétation du discours**. Paris : Armand Colin.

\_\_\_\_\_. (1998b). La pragmatique aujourd'hui – Une nouvelle science de la communication. Paris: Éditions du Seuil.



MOSCA, L. S. (org.). (2006). **Discurso, argumentação e produção de sentido**. São Paulo: Humanitas.

\_\_\_\_\_. (org.) (2004). **Retóricas de Ontem e de Hoje**. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP.

ORSONI, J.-L. (2001). Pistes de travail pour une comparaison des discours en portugais du Brésil et en français. **Études de Linguistique Appliquée**, n. 121, jan/mars. Paris: Didier Érudition, p. 101-110.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (2000). Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2009.

PERELMAN, C. (1997). **Retóricas**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. (2002). **Tratado de Argumentação: A nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes.

PETRI, M. J. C. (1994). **Argumentação, linguística e discurso jurídico**. São Paulo: Selinunte Editora.

PILAR, J. (2002). A redação de vestibular como gênero. In MEURER, J. L. ; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros textuais**. Bauru: EDUSC, p. 159-174.

PLANTIN, C. (2005). **L'argumentation: histories, théories et perspectives**. Paris: PUF.

\_\_\_\_\_. (1996). **L'argumentation**. Paris: Seuil.

\_\_\_\_\_. (org.). (1993). **Lieux communs, topoï, stéréotypes, clichés**. Paris : Kimé.

\_\_\_\_\_. (1990). **Essais sur l' argumentation**. Paris: Kimé.

REBOUL, O. (2004). **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.

SAUSSURE, F. de. (2002). **Curso de linguística geral**. 24.ed. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidora Blikstein. São Paulo : Cultrix.

SCHAEFFER, J.-M. (1986). Du texte au genre. Notes sur la problématique générique. In GENETTE *et alii*, **Théorie des genres**. Paris: Seuil, Points, p. 179-225.

VIGNAUX, G. (1998). **Le discours acteur du monde: énonciation, argumentation et cognition**. Paris : Ophrys.

\_\_\_\_\_. (1978). **L'argumentation. Essai d'une logique discursive**. Genève : Droz.

**ANEXO I**

***CORPUS***

**PORTUGUÊS LICEU PASTEUR MAYRINCK**

**(PLPM)**

## 1ª Amostra

Tema: Na utilização da tragédia, no noticiário da televisão, a intenção de emocionar é maior do que a de informar?
--

Data: 1999
------------

PLPM(A)1

O drama fora das novelas	
1	Todos nós brasileiros, americanos, canadenses, pertencentes cada um a sua
2	nação, onde o desenvolvimento de rede de comunicação atinge quase toda a população
3	vivemos uma mesma realidade. Somos o público alvo dos noticiários dramáticos.
4	Diariamente, crianças, adolescentes, adultos e idosos assistem pelo menos uma
5	hora de televisão. Os programas, no entanto, divergem de um grupo para outro
6	direcionando para os três últimos uma atração que muitas vezes envolve melodrama.
7	O jornal nacional, assim como o jornal da bandeirantes seguem essa linha. As
8	notícias do dia são anunciadas já num tom sensibilizador após um vago intervalo temos
9	o início do espetáculo.
10	São inúmeros casos de desemprego, assalto, assassinato, prisão alagamento,
11	desmoroamento de barracos entre outras notícias familiares aos telespectadores.
12	Jornalistas fazem perguntas ociosas, afirmações com seriedade ou ainda suscitam a
13	reflexão daqueles que se encontram diante do aparelho audiovisual tendo acabado seu
14	expediente.
15	A Globo procura entreter seus ouvintes melhor do que a Bandeirantes e vice-
16	versa enquanto demais emissoras disputam pelo resto da audiência e nessa briga toda,
17	os dias vão passando e os problemas da população por vezes conseguem sobressair-se
18	a essa luta pela manutenção do capitalismo cada vez mais individualista.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Somos o público alvo dos noticiários dramáticos	3
	Constatação	Diariamente, crianças, adolescentes, adultos e idosos assistem pelo menos uma hora de televisão.	4-5
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Os programas, no entanto, divergem de um grupo para outro direcionando para os três últimos uma atração que muitas vezes envolve melodrama.	5-6
	Possibilidade	A Globo procura entreter seus ouvintes melhor do que a Bandeirantes	15
<b>1.4 Aserções</b>	Probabilidade	o desenvolvimento de rede de comunicação atinge quase toda a população e os problemas da população por vezes conseguem sobressair-se	2-3 17
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Todos nós	Todos nós brasileiros, americanos, canadenses, pertencentes cada um a sua nação	1-2
	Vivemos, somos	vivemos uma mesma realidade. Somos o público alvo dos noticiários dramáticos	3
	temos	temos o início do espetáculo.	8-9
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	No entanto	Os programas, no entanto, divergem de um grupo para outro	5
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	O drama fora das novelas	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Somos o público alvo dos noticiários dramáticos	3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		4-16

PLPM(A)2

Audiência acima de tudo	
1	A televisão, cada vez mais, vai diversificando e aumentando os canais
2	disponíveis com empresas como o Multicanal ou a TVA, por exemplo, as quais
3	oferecem uma maior concorrência entre as emissoras para prender a atenção do
4	público-alvo.
5	Nos dias de hoje, os telejornais estão tornando-se muito sensacionalistas, é o
6	que pensam muitos telespectadores das classes mais altas da população. Já
7	jornalistas e seus diretores dizem que essa é a pura realidade brasileira e que eles
8	tem o dever de informar.
9	Ainda há alguns exemplos de telejornais que, apesar de um pouco
10	influenciados, tem uma reportagem séria e objetiva como o "jornal nacional". Porém,
11	muitos deles como o "cidade alerta", são totalmente sensacionalistas.
12	Esse último tipo de jornal atrai muito mais a parte mais pobre da sociedade que
13	assistem dando uma alta audiência para esses programas televisivos que somente
14	emocionam, porém quase não informam.
15	A realidade é que os jornais, em sua maioria, trazem notícias com enormes
16	tragédias somente para conseguir a audiência desejada. E para que isso mude, é
17	necessário que a mentalidade da maior parte da população transforme-se também,
18	pois se ela não aceitar esse tipo de noticiário, ele jamais será feito porque é a
19	população que o faz viver.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	A televisão, cada vez mais, vai diversificando e aumentando os canais disponíveis com empresas como o Multicanal ou a TVA, por exemplo E para que isso mude, é necessário que a mentalidade da maior parte da população transforme-se também,	1-2 16-17
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	E para que isso mude, é necessário que a mentalidade da maior parte da população transforme-se também	16-17
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçã Possibilidade Obrigaçã	eles tem o dever de informar A realidade é que os jornais, em sua maioria, trazem notícias com enormes tragédias somente para conseguir a audiência desejada. E para que isso mude, é necessário que a mentalidade da maior parte da população transforme-se também	7-8 15-16 16-17
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A realidade é que os jornais, em sua maioria, trazem notícias com enormes tragédias somente para conseguir a audiência desejada	15-16
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural		
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Porém porém	Porém, muitos deles como o "cidade alerta", são totalmente sensacionalistas. esses programas televisivos que somente emocionam, porém quase não informam.	10-11 13-14
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Audiência acima de tudo	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	os telejornais estão tornando-se muito sensacionalistas A realidade é que os jornais, em sua maioria, trazem notícias com enormes tragédias somente para conseguir a audiência desejada	5 15-16
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos que visam fundar a estrutura do ral: Pelo caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade		1-14

PLPM(A)3

	A violência e a tragédia: estão sendo retratadas de modo cauteloso?
1	Estamos vivenciando uma era em que a violência e a tragédia estão
2	presentes em todos os lugares.
3	A televisão exerce muito influencia sobre as pessoas e sua função é a de
4	informar o que acontece no mundo, com isso, ela mostra aos seus telespectadores
5	essa era de violência que vivenciamos.
6	Por mostrar tantas tragédias, as pessoas começam a ficar acostumadas e a
7	achar que isso é normal, fazendo com que assuntos menos "pesados" não tivessem
8	tanta importância.
9	Podemos citar programas que são totalmente baseados nas tragédias das
10	pessoas, como o programa do ratinho e o Linha Direta. Com isso, a violência está
11	fazendo parte de nossas vidas, o que é muito ruim.
12	Os programas de TV, por terem tanta responsabilidade, deveriam se
13	conscientizar de que quanto mais tragédias e violências mostram, mais a nossa
14	sociedade poderá ser modificada para pior!

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Estamos vivenciando uma era em que a violência e a tragédia estão presentes em todos os lugares.	1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	Apreciação	a violência está fazendo parte de nossas vidas, o que é muito ruim.	10-11
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Podemos citar programas que são totalmente baseados nas tragédias das pessoas	9-10
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência Probabilidade  Probabilidade	A televisão exerce muito influencia sobre as pessoas Os programas de TV, por terem tanta responsabilidade, deveriam se conscientizar a nossa sociedade poderá ser modificada para pior!	3 12 13-14
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	A violência e a tragédia: estão sendo retratadas de modo cauteloso?	título
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Estamos Vivenciamos  Podemos citar Nossas vidas	Estamos vivenciando uma era ela mostra aos seus telespectadores essa era de violência que vivenciamos.  Podemos citar programas que são totalmente baseados nas tragédias das pessoas, como o programa do ratinho e o Linha Direta. Com isso, a violência está fazendo parte de nossas vidas	1 4-5  9-11
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	---	---	---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	A violência e a tragédia: estão sendo retratadas de modo cauteloso?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º e 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A televisão exerce muito influencia sobre as pessoas e sua função é a de informar o que acontece no mundo, com isso, ela mostra aos seus telespectadores essa era de violência que vivenciamos.	3-5
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	Argumentos pelo afeto	1-11

PLPM(A)4

Informação x Sensacionalismo	
1	Os noticiários de televisão foram feitos para informar as pessoas sobre os
2	acontecimentos no mundo, mas atualmente têm conseguido audiência através de
3	cenas chocantes ou emocionantes.
4	O que parece acontecer é que as próprias pessoas se interessam por casos
5	como estes. A maioria dos telespectadores prefere assistir a cenas de salvamentos de
6	vitimas em acidentes a saber quanto este afetou a cidade. Por isso, aumentou o
7	número de programas sensacionalistas na televisão. Estes exibem cenas chocantes,
8	como vítimas de deformação, assassinos cruéis e, algumas vezes, emocionantes
9	reencontros de pais e filhos.
10	Esse programas são muito criticados, considerados como um exemplo de mau-
11	gosto e extrema desrespeito com as pessoas que neles aparecem. Os apresentadores
12	exploram esses indivíduos para conseguir maior ibope, mas defendem-se dizendo que
13	também fazem caridade através de seu trabalho.
14	Antes de criticar noticiários sensacionalistas, é preciso conscientizar a
15	população dos programas que realmente têm qualidade. Assim, as pessoas poderão
16	novamente adquirir informação e cultura através da televisão.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Esse programas são muito criticados, considerados como um exemplo de mau-gosto e extrema desrespeito com as pessoas que neles aparecem	10-11
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigação	Antes de criticar noticiários sensacionalistas, é preciso conscientizar a população dos programas que realmente têm qualidade	14-15
	Possibilidade	Assim, as pessoas poderão novamente adquirir informação e cultura através da televisão.	15-16
<b>1.4 Asserções</b>	Probabilidade Evidência	O que parece acontecer é que as próprias pessoas se interessam por casos como estes. Esse programas são muito criticados	4 10
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Os noticiários de televisão foram feitos para informar as pessoas sobre os acontecimentos no mundo, mas atualmente têm conseguido audiência através de cenas chocantes ou emocionantes.	1-3
	mas	Os apresentadores exploram esses indivíduos para conseguir maior ibope, mas defendem-se dizendo que também fazem caridade através de seu trabalho.	11-13
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Informação x Sensacionalismo	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Os noticiários de televisão foram feitos para informar as pessoas sobre os acontecimentos no mundo, mas atualmente têm conseguido audiência através de cenas chocantes ou emocionantes.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos	Argumentos fundados na doxologia	1-13

PLPM(A)5

Informação x Emoção	
1	Nos dias de hoje, é muito comum, ao ligar a TV, nos depararmos com cenas
2	violentas, como assaltos, pequenas rebeliões, assassinatos, etc... Os telejornais, ao
3	exibirem essas tragédias, dizem estar mostrando a realidade do mundo em que
4	vivemos. Mas será que só existem coisas ruins para serem mostradas? Ou será
5	que só elas chamam a atenção da maioria da população?
6	Surge, então, a questão do ibope. A disputa entre as redes de televisão é
7	muito grande em certos horários – os chamados horários nobres – o que as leva ao
8	sensacionalismo, ou seja, ganha a que, como o próprio nome diz, for a mais
9	sensacional.
10	No entanto, fica bem claro que a única maneira de chamar a atenção dos
11	telespectadores é a “violência televisionada”, que é tão utilizada a ponto de
12	surgirem programas cujo único assunto é esse.
13	O grande problema são as pessoas mais ignorantes, que acreditam em tudo
14	o que vêem sem ao menos questionar a veracidade ou a validade dos fatos
15	exibidos na “telinha”.
16	Em resumo, o que podemos perceber é que por mais que a finalidade dos
17	noticiários seja informar, essa informação é sempre mesclada com a necessidade
18	de emocionar.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	o que podemos perceber é que por mais que a finalidade dos noticiários seja informar, essa informação é sempre mesclada com a necessidade de emocionar.	16-18
	Constatação	fica bem claro que a única maneira de chamar a atenção dos telespectadores é a “violência televisionada”,	10-11
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	fica bem claro que a única maneira de chamar a atenção dos telespectadores é a “violência televisionada”,	10-11
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Mas será que só existem coisas ruins para serem mostradas? Ou será que só elas chamam a atenção da maioria da população?	4-5
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nos deparamos	é muito comum, ao ligar a TV, nos depararmos com cenas violentas, como assaltos, pequenas rebeliões, assassinatos, etc...	1-2
	Vivemos	Os telejornais, ao exibirem essas tragédias, dizem estar mostrando a realidade do mundo em que vivemos	3-4
	Podemos	o que podemos perceber é que por mais que a finalidade dos noticiários seja informar, essa informação é sempre mesclada com a necessidade de emocionar.	16-18
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	mas	Mas será que só existem coisas ruins para serem mostradas?	4
	No entanto	No entanto, fica bem claro que a única maneira de chamar a atenção dos telespectadores é a “violência televisionada”	10-11
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Informação x Emoção	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A disputa entre as redes de televisão é muito grande em certos horários – os chamados horários nobres – o que as leva ao sensacionalismo, ou seja, ganha a que, como o próprio nome diz, for a mais sensacional.	6-9
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos	Argumentos fundados na doxologia	1-15



PLPM(A)6

A emoção dos telejornais	
1	Os jornais informam, mas os noticiários da televisão, atualmente, estão se
2	preocupando mais em emocionar os telespectadores.
3	Hoje em dia, as tragédias são as notícias mais procuradas, pois a intenção
4	dos telejornais é de emocionar as pessoas que estão assistindo, porque assim
5	essas acordam para a vida e ajudam a tentar melhorar o mundo.
6	Fora esse fator, a tragédia é o assunto que interessa muito aos brasileiros e
7	com a cerrada disputa entre os canais, esses querem agradar ao público.
8	Na televisão, também, tem os repórteres que são seres humanos e mesmo
9	que não queiram, acabam colocando suas opiniões nas entrevistas.
10	A intenção de mexer com os sentimentos dos telespectadores está maior
11	que a de informar, mas isso ajuda bastante as pessoas, pois essas criam
12	consciência.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	as tragédias são as notícias mais procuradas, pois a intenção dos telejornais é de emocionar as pessoas	3-4
	Constatação	A intenção de mexer com os sentimentos dos telespectadores está maior que a de informar, mas isso ajuda bastante as pessoas, pois essas criam consciência.	10-12
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Hoje em dia, as tragédias são as notícias mais procuradas, pois a intenção dos telejornais é de emocionar as pessoas que estão assistindo	3-4
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Os jornais informam, mas os noticiários da televisão, atualmente, estão se preocupando mais em emocionar os telespectadores	1-2
	Pois	as tragédias são as notícias mais procuradas, pois a intenção dos telejornais é de emocionar as pessoas que estão	3-4
	Mas, pois	A intenção de mexer com os sentimentos dos telespectadores está maior que a de informar, mas isso ajuda bastante as pessoas, pois essas criam consciência.	10-12
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	A emoção dos telejornais	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média	
		Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo
	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
conclusão		5º parágrafo	
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Os jornais informam, mas os noticiários da televisão, atualmente, estão se preocupando mais em emocionar os telespectadores	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos	Argumentos fundados na doxologia	3-9

PLPM(A)7

Busca de Ibope no noticiário	
1	Atualmente, percebemos que os noticiários estão mudando. Estão mais
2	preocupados em divulgar notícias trágicas, sensacionalistas ou até fofocas de gente
3	famosa para emocionar o público em vez de informar.
4	Ou seja, estão mais preocupados com a audiência, com o ibope do que
5	necessariamente com a qualidade de seus programas. Um exemplo disso é o "jornal
6	nacional" que lentamente este perdendo audiência e tem passado muitas cenas
7	trágicas; outrora deu mais ênfase ao nascimento da filha da Xuxa do que a crise
8	econômica do Brasil. E quem tem a perder com isso, somos nós os telespectadores.
9	Mas temos o poder de escolher os noticiários, os programas que mais nos agradam.
10	Podemos assistir e enviar nossa sugestão a emissora a fim de melhorar sua
11	qualidade.
12	Enfim, concluímos que o objetivo do noticiário é emocionar o telespectador,
13	obtendo uma boa audiência e cabe a nós decidir a qualidade do noticiário.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	os noticiários estão mudando	1
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	E quem tem a perder com isso, somos nós os telespectadores	8
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Podemos assistir e enviar nossa sugestão a emissora a fim de melhorar sua qualidade.	10-11
	Obrigaçao	cabe a nós decidir a qualidade do noticiário	13
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	E quem tem a perder com isso, somos nós os telespectadores	8
	Evidência	o objetivo do noticiário é emocionar o telespectador	12
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Percebemos	Atualmente, percebemos que os noticiários estão mudando	1
	Somos nós Temos Nos Nossa nós	E quem tem a perder com isso, somos nós os telespectadores. Mas temos o poder de escolher os noticiários, os programas que mais nos agradam. Podemos assistir e enviar nossa sugestão a emissora a fim de melhorar sua qualidade.	8-11
		e cabe a nós decidir a qualidade do noticiário	13
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Até	os noticiários estão mudando. Estão mais preocupados em divulgar notícias trágicas, sensacionalistas ou até fofocas de gente famosa para emocionar o público em vez de informar.	1-3
	Mas enfim	Mas temos o poder de escolher os noticiários Enfim, concluímos que o objetivo do noticiário é emocionar o telespectador	9 13
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Busca de Ibope no noticiário	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º parágrafo
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	os noticiários estão mudando. Estão mais preocupados em divulgar notícias trágicas, sensacionalistas ou até fofocas de gente famosa para emocionar o público em vez de informar.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos pelo afeto		1-11

PLPM(A)8

Audiência sensacionalista	
1	Para prender a atenção dos telespectadores, as notícias são mostradas muito
2	mais com a intenção de emocionar do que de informar.
3	Nos dias de hoje, os noticiários ao mesmo tempo que informam, são
4	sentimentalistas, fazendo com que algumas pessoas se dirijam a tal canal,
5	proporcionando maior audiência sensacionalista.
6	As pessoas que gostam desse tipo de noticiário sensacionalista, que mostra,
7	choca e emociona parecem ser na maioria pessoas ignorantes, sem estudo e sem
8	opinião formada. Um bom exemplo é o "programa do Ratinho", apresentado no canal
9	SBT, que tem uma grande audiência superando muitos outros canais que têm a
10	intenção de informar.
11	As pessoas que têm uma formação melhor preferem os noticiários informativos.
12	Esses, por sua vez, têm a preocupação de passar a notícia de modo claro e objetivo,
13	sem o sensacionalismo e subjetivismo dos outros programas. O "jornal nacional" é um
14	exemplo de noticiário informativo, apresentado na emissora Globo. Dando um enfoque
15	para as notícias do Brasil e do mundo. Mas mesmo assim não consegue atingir a
16	mesma audiência dos outros.
17	Podemos perceber que, hoje em dia, as pessoas estão mais emotivas,
18	procurando assistir mais programas sensacionalistas na televisão.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha	
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Nos dias de hoje, os noticiários ao mesmo tempo que informam, são sentimentalistas,	3-4	
	Constatação	, hoje em dia, as pessoas estão mais emotivas	18	
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	O "jornal nacional" é um exemplo de noticiário informativo	13-14	
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Podemos perceber que, hoje em dia, as pessoas estão mais emotiva	17-18	
<b>1.4 Asserções</b>	Probabilidade	As pessoas que gostam desse tipo de noticiário sensacionalista, que mostra, choca e emociona parecem ser na maioria pessoas ignorantes, sem estudo e sem opinião formada.	6-8	
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---	
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos perceber	Podemos perceber que, hoje em dia, as pessoas estão mais emotivas	17	
	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---	
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---	
<b>3. CONECTORES</b>	mas	Mas mesmo assim não consegue atingir a mesma audiência dos outros.	15-16	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----	
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Audiência sensacionalista		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média		
	Estrutura:	Compostos por mais de um período		
		introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos	
conclusão	5º parágrafo			
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita	Para prender a atenção dos telespectadores, as notícias são mostradas muito mais com a intenção de emocionar do que de informar	1-2	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real = auditório universal	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	3-16	

PLPM(A)9

Sensacionalismo	
1	Assistir a um noticiário é praticamente o mesmo que ver um filme de drama.
2	As notícias na televisão acabam tornando-se na maioria das vezes verdadeiras
3	“produções cinematográficas” onde o roteiro é a tragédia da população.
4	Não se pode negar que a violência existe mesmo, que as chuvas alagam
5	certos lugares ou que acidentes de transito acontecem todos os dias, porém a
6	televisão é muito sensacionalista, procura dar a notícia em todos os horários, repetir
7	as cenas, entrevistar as vítimas, fazendo perguntas cujas respostas obviamente são
8	trágicas.
9	Estas técnicas do jornalismo são utilizadas para causar maior impacto nos
10	telespectadores, deixá-los mais emocionados e envolvidos. Além disso, existe também
11	a disputa de audiência entre as emissoras, onde estas procuram apresentar “aquilo
12	que o povo quer ver”.
13	Enfim concluímos que nos dias de hoje, até mesmo as tragédias da população
14	fazem parte do marketing e a informação propriamente dita é deixada de lado, sendo
15	mais importante ou conveniente para as emissoras impressionar os telespectadores e
16	aumentar o ibope.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Assistir a um noticiário é praticamente o mesmo que ver um filme de drama	1
	Constatação	Não se pode negar que a violência existe mesmo, que as chuvas alagam certos lugares ou que acidentes de transito acontecem todos os dias	4-6
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Assistir a um noticiário é praticamente o mesmo que ver um filme de drama.	1
	Opinião	Não se pode negar que a violência existe mesmo	4
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Assistir a um noticiário é praticamente o mesmo que ver um filme de drama.	1
	Probabilidade	As notícias na televisão acabam tornando-se na maioria das vezes verdadeiras “produções cinematográficas” onde o roteiro é a tragédia da população.	2-3
	Evidência	televisão é muito sensacionalista	6
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Concluimos	concluimos que nos dias de hoje, até mesmo as tragédias da população fazem parte do marketing	13-14
	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	porém	Não se pode negar que a violência existe mesmo, que as chuvas alagam certos lugares ou que acidentes de transito acontecem todos os dias, porém a televisão é muito sensacionalista	4-6
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Sensacionalismo	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Assistir a um noticiário é praticamente o mesmo que ver um filme de drama. As notícias na televisão acabam tornando-se na maioria das vezes verdadeiras “produções cinematográficas” onde o roteiro é a tragédia da população.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia		2-12

PLPM(A)10

	O ibope acima de tudo
1	Hoje em dia, as pessoas tem passado por grandes dificuldades que tem sido
2	constantes em qualquer lugar do mundo.A televisão é o meio de comunicação mais
3	abrangente para retratar esses acontecimentos, mas que no passado só mostrava-se
4	reportagens cotidianas e sem sensacionalismo.
5	Atualmente tudo mudou. A televisão está deixando de ser educativa como era
6	no passado e está tornando-se apelativa como pode se ver principalmente no período
7	noturno. A opinião dos telespectadores parece que não é levada em conta, pois o que
8	prevalece na maioria dos programas televisivos é a importância do ibope.
9	Os jornais noticiários além de mostrar as notícias diárias, parecem estar cada
10	vez mais selecionando reportagens trágicas, para que além da informação, o
11	telespectador tenha consciência da situação atual de seu país e se emocione com tais
12	imagens.
13	Programas como Leão Livre e Ratinho chegam a atingir de 22 3 33 pontos no
14	ibope respectivamente, cujo nível educativo é quase nulo, prevalecendo as tragédias
15	familiares.
16	Conclui-se portanto que cada vez mais a opinião dos telespectadores está
17	sendo deixada de lado e que o ibope tem falado mais alto.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Atualmente tudo mudou	6
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Programas como Leão Livre e Ratinho chegam a atingir de 22 3 33 pontos no ibope respectivamente, cujo nível educativo é quase nulo	13-14
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Aserções</b>	Probabilidade	Os jornais noticiários além de mostrar as notícias diárias, parecem estar cada vez mais selecionando reportagens trágicas	10-11
	Probabilidade	A opinião dos telespectadores parece que não é levada em conta,	13-14
	Evidência	o que prevalece na maioria dos programas televisivos é a importância do ibope	14-15
	Probabilidade	Conclui-se portanto que cada vez mais a opinião dos telespectadores está sendo deixada de lado e que o ibope tem falado mais alto.	16-17
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	mas	A televisão é o meio de comunicação mais abrangente para retratar esses acontecimentos, mas que no passado só mostrava-se reportagens cotidianas e sem sensacionalismo.	4-6
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	O ibope acima de tudo	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A televisão está deixando de ser educativa como era no passado e está tornando-se apelativa	6-7
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		5-15

PLPM(A)11

	Tragédia: necessário ou não?
1	Hoje em dia, é muito comum assistirmos a cenas de tragédias nos
2	noticiários. De assassinatos a terremotos, essas imagens vão fazendo parte de
3	nossas vidas.
4	Muitas pessoas criticam essa superexploração da tragédia, achando um
5	absurdo o sensacionalismo de algumas matérias jornalísticas exibidas atualmente
6	na televisão. Afinal, se o noticiário serve para informar o público em geral, esse
7	sensacionalismo não é necessário.
8	O grande problema é que os programas exibidos na televisão são cada vez
9	mais influenciados pelo ibope, ou seja, para atrair mais telespectadores, muitas
10	vezes, a qualidade da programação é deixada em segundo plano.
11	Mas, apesar de todo esse lado negativo, não podemos esquecer que, em
12	alguns noticiários, as tragédias que são mostradas servem para emocionar o
13	público, fazendo com que as pessoas vejam que esta situação em que vivemos não
14	está certa, abrindo os olhos dos telespectadores.
15	De qualquer modo, atualmente, se não quisermos assistir a esse tipo de
16	notícia, o correto é mudarmos o canal ou desligarmos a televisão, pois são as
17	próprias pessoas que determinam o rumo de um noticiário. Se há a exploração da
18	tragédia, é porque muitas pessoas gostam.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	O grande problema é que os programas exibidos na televisão são cada vez mais influenciados pelo ibope	8-9
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	se o noticiário serve para informar o público em geral, esse sensacionalismo não é necessário.	6-7
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	se não quisermos assistir a esse tipo de notícia, o correto é mudarmos	16-17
<b>1.4 Aserções</b>	Probabilidade	para atrair mais telespectadores, muitas vezes, a qualidade da programação é deixada em segundo plano	9-10
	Evidência	são as próprias pessoas que determinam o rumo de um noticiário. Se há a exploração da tragédia, é porque muitas pessoas gostam	17-18
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Tragédia: necessário ou não?	Título
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Assistirmos, nossas vidas	Hoje em dia, é muito comum assistirmos a cenas de tragédias nos noticiários. De assassinatos a terremotos, essas imagens vão fazendo parte de nossas vidas.	1-3
	Podemos Vivemos	não podemos esquecer que, em alguns noticiários, as tragédias que são mostradas servem para emocionar o público, fazendo com que as pessoas vejam que esta situação em que vivemos não está certa, abrindo os olhos dos telespectadores.	11-14
	Quisermos Mudarmos Desligarmos	se não quisermos assistir a esse tipo de notícia, o correto é mudarmos o canal ou desligarmos a televisão	15-16
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas, apesar de	Mas, apesar de todo esse lado negativo, não podemos esquecer que, em alguns noticiários, as tragédias que são mostradas servem para emocionar o público, fazendo com que as pessoas vejam que esta situação em que vivemos não está certa, abrindo os olhos dos telespectadores.	11-14
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Tragédia: necessário ou não?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		

<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	O grande problema é que os programas exibidos na televisão são cada vez mais influenciados pelo ibope, ou seja, para atrair mais telespectadores, muitas vezes, a qualidade da programação é deixada em segundo plano.	8-10
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos pelo afeto Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos		1-14

PLPM(A)12

Sentimentalismo no noticiário	
1	Desde que existem, os noticiários da televisão têm o dever de informar. Mas já há
2	algum tempo, eles deixam muito da informação em segundo plano e dão enfoque ao
3	sentimentalismo nas tragédias em busca da atenção do público.
4	Ao ligar o aparelho no horário nobre, antigamente, esperava-se noticia. Hoje,
5	nesse mesmo movimento de trocar um botão, vê-se a desgraça, o apelo. Cada vez mais
6	a imprensa televisiva expõe o sofrimento de pessoas, famílias inteiras, países com o
7	objetivo de atingir uma boa audiência.
8	Bons exemplos são o jornal nacional que, freqüentemente, expõe reencontros e
9	desencontros de mães e filhos, bem como o Cidade Alerta que mostra mortos e seus
10	entes aos prantos. É o sensacionalismo, no qual o noticiário não noticia, mas procura
11	cativar o público com tristezas nos acontecimentos (muitas vezes, distorcendo alegrias
12	alheias).
13	Assim, pontos no ibope fazem telejornais porém deixam de lado a informação
14	para poder emocionar com acontecimentos bons ou ruins, descaracterizando-se.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Mas já há algum tempo, eles deixam muito da informação em segundo plano e dão enfoque ao sentimentalismo nas tragédias em busca da atenção do público.	2-3
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigação Possibilidade	os noticiários da televisão têm o dever de informar (muitas vezes, distorcendo alegrias alheias).	1 11-12
<b>1.4 Aserções</b>	Probabilidade  Evidência Probabilidade	Cada vez mais a imprensa televisiva expõe o sofrimento de pessoas, famílias inteiras, países com o objetivo de atingir uma boa audiência. É o sensacionalismo, no qual o noticiário não noticia, mas procura cativar o público com tristezas nos acontecimentos (muitas vezes, distorcendo alegrias alheias).	5-6  10-12
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas  Mas  Assim, porém	Mas já há algum tempo, eles deixam muito da informação em segundo plano e dão enfoque ao sentimentalismo nas tragédias em busca da atenção do público. É o sensacionalismo, no qual o noticiário não noticia, mas procura cativar o público com tristezas nos acontecimentos (muitas vezes, distorcendo alegrias alheias). pontos no ibope fazem telejornais porém deixam de lado a informação para poder emocionar com acontecimentos bons ou ruins, descaracterizando-se.	1-3  10-12  13-14
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Sentimentalismo no noticiário	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Desde que existem, os noticiários da televisão têm o dever de informar. Mas já há algum tempo, eles deixam muito da informação em segundo plano e dão enfoque ao sentimentalismo nas tragédias em busca da atenção do público.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	Argumentos fundados na doxologia	4-12



PLPM(A)13

Guerra de audiência	
1	Atualmente, os noticiários da televisão, além de informarem, estão usando a
2	tragédia para emocionar o telespectador e com isso prender sua atenção.
3	Todos os canais de televisão têm o seu noticiário, que estão cada vez mais
4	parecidos pois a maioria das notícias são trágicas, e criam um certo
5	sensacionalismo. Isso ocorre devido à grande concorrência pela audiência.
6	Em certos fatos, como um assassinato, que é muito comum de se ver na
7	televisão, os telejornais, ao invés de apenas informarem quando, onde e como o
8	crime ocorreu, eles acabam contando um pouco da vida vítima, que, na maioria das
9	vezes, é muito pobre, para que as pessoas se emocionem e até se revoltem.
10	Também há programas que passam notícias, como o "Programa do ratinho",
11	do SBT, que exploram imagens de crianças sofrendo por serem carentes e não
12	terem o que comer. Um dia, esse mesmo programa, chegou a mostrar crianças
13	vivendo e se alimentando em um lixão.
14	Portanto, está na hora dos canais se conscientizarem e apenas informarem,
15	sem sensacionalismo, pois, apesar de ser a dura realidade em que vivemos, temos
16	que ver, também, notícias boas, para que as pessoas se baseiem nessas
17	reportagens e não nas que mostram tragédias.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados		linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	os noticiários da televisão, além de informarem, estão usando a tragédia para emocionar o telespectador e com isso prender sua atenção.		1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	está na hora dos canais se conscientizarem e apenas informarem		14
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Em certos fatos, como um assassinato, que é muito comum de se ver na televisão,		6-7
<b>1.4 Asserções</b>	Probabilidade Evidência	a maioria das notícias são trágicas Isso ocorre devido à grande concorrência pela audiência		4 5
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---		---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Vivemos, Temos  Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	apesar de ser a dura realidade em que vivemos, temos que ver, também, notícias boas, para que as pessoas se baseiem nessas reportagens e não nas que mostram tragédias.		15-17
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---		---
<b>3. CONECTORES</b>	Portanto, pois	Portanto, está na hora dos canais se conscientizarem e apenas informarem, sem sensacionalismo, pois, apesar de ser a dura realidade em que vivemos, temos que ver, também, notícias boas, para que as pessoas se baseiem nessas reportagens e não nas que mostram tragédias.		14-17
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----		-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Guerra de audiência		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos	
		conclusão	5º parágrafo	
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Atualmente, os noticiários da televisão, além de informarem, estão usando a tragédia para emocionar o telespectador e com isso prender sua atenção.		1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-13	

PLPM(A)14

Tudo pela audiência	
1	Vivemos em uma guerra entre televisões, uma disputa pela maior audiência
2	de público; e para isso, alguns programas chegam a apelar, ridicularizando as
3	pessoas em situação que não deveriam ser mostradas na televisão.
4	Esse programas, que são chamados de populares, mas na verdade são
5	sensacionalistas ganharam muito espaço no horário nobre dos canais brasileiros,
6	pois dizem mostrar aquilo que o povo quer ver; mas ao invés disso mostram coisas
7	bizarras que chamam a atenção do público pela curiosidade e não pela informação
8	que eles deveriam trazer. Podemos citar entre esse programas o “programa do
9	ratinho”, que é classificado como programa “brega” e popular por seu próprio
10	apresentador; e além de outros como o “Cidade Alerta” que em plena 21:00 horas da
11	noite interrompe o jantar de muitas pessoas com assassinatos e muito sangue na
12	tela; isso tudo é feito para ganhar alguns pontos no ibope.
13	Concluindo, a televisão que foi inventada como um veículo de informação e
14	comunicação, isto é, que deveria informar, está sendo descaracterizado por essa
15	briga de audiência que só leva a um povo mais ignorante e menos consciente e além
16	de tudo muito manipulável.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados		linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação Constatação	isso tudo é feito para ganhar alguns pontos no ibope. a televisão que foi inventada como um veículo de informação e comunicação		12 14-15
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	essa briga de audiência que só leva a um povo mais ignorante e menos consciente		15
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	não pela informação que eles deveriam trazer		7-8
	Possibilidade	Podemos citar entre esse programas o “programa do ratinho”, que é classificado como programa “brega” e popular por seu próprio apresentador; e além de outros como o “Cidade Alerta”		9-10
	Possibilidade	a televisão que foi inventada como um veículo de informação e comunicação, isto é, que deveria informar		13-14
<b>1.4 Asserções</b>	Probabilidade/ Evidência	alguns programas chegam a apelar, ridicularizando as pessoas em situação que não deveriam ser mostradas na televisão.		2-3
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---		---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Vivemos	Vivemos em uma guerra entre televisões		1
	Podemos	Podemos citar		8
	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---		---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---		---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas na verdade,  Pois  Mas ao invés disso	Esse programas, que são chamados de populares, mas na verdade são sensacionalistas ganharam muito espaço no horário nobre dos canais brasileiros, pois dizem mostrar aquilo que o povo quer ver; mas ao invés disso mostram coisas bizarras		4-8
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----		-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Tudo pela audiência		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º parágrafo	
		conclusão	3º parágrafo	
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Vivemos em uma guerra entre televisões, uma disputa pela maior audiência de público; e para isso, alguns programas chegam a apelar, ridicularizando as pessoas em situação que não deveriam ser mostradas na televisão.		1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	Argumento pelo afeto		4-12

PLPM(A)15

A guerra da televisão	
1	Audiência, esta pequena palavra não parece ter grande importância no nível
2	cultural da população, mas tem. A briga entre as emissoras de televisão, que
3	influenciam muito na forma de agir e até mesmo de pensar de grande parte dos
4	cidadãos, pela audiência está trazendo uma queda significativa na qualidade da
5	programação da televisão brasileira.
6	Os programas mais assistidos são grandes eventos esportivos, telenovelas e
7	os chamados "programas sensacionalistas", que vem ganhando cada vez mais
8	espaço. Estes programas, onde podem ser incluídos desde telejornais até
9	programas de auditório, não se preocupam com a qualidade, mas sim em
10	impressionar a grande massa popular, desde o mais rico aos mais humilde. Eles
11	usam todos os artifícios possíveis, apelando para tudo, desde a sensualidade
12	feminina até a desgraça, a dor e o sofrimento alheio. A vitória destes programas
13	mostra a falta de exigência de todos nós, que não nos preocupamos em usufruir
14	dos benefícios que este meio de comunicação tão fantástico pode nos dar,
15	aumentando nossos conhecimentos culturais e ampliando novos horizontes.
16	A continuação disso poderá acarretar conseqüências cada vez mais graves,
17	aumentando o nível de ignorância do povo e até mesmo a violência, podendo
18	chegar a um estado de caos e desordem no país. Não deixe que a cultura vire
19	raridade.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Os programas mais assistidos são grandes eventos esportivos, telenovelas e os chamados "programas sensacionalistas",	6-7
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Não deixe que a cultura vire raridade.	18-19
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Audiência, esta pequena palavra não parece ter grande importância no nível cultural da população, mas tem	1-2
	Possibilidade	Eles usam todos os artifícios possíveis, apelando para tudo, desde a sensualidade feminina até a desgraça, a dor e o sofrimento alheio	10-12
	Possibilidade	não nos preocupamos em usufruir dos benefícios que este meio de comunicação tão fantástico pode nos dar,	13-14
	Possibilidade	A continuação disso poderá acarretar conseqüências cada vez mais graves, aumentando o nível de ignorância do povo e até mesmo a violência, podendo chegar a um estado de caos e desordem no país	16-18
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Audiência, esta pequena palavra não parece ter grande importância no nível cultural da população, mas tem	1-2
	Probabilidade	A continuação disso poderá acarretar conseqüências cada vez mais graves	16
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nos preocupamos, Nos Nossos	A vitória destes programas mostra a falta de exigência de todos nós, que não nos preocupamos em usufruir dos benefícios que este meio de comunicação tão fantástico pode nos dar, aumentando nossos conhecimentos culturais e ampliando novos horizontes.	12-15
	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Audiência, esta pequena palavra não parece ter grande importância no nível cultural da população, mas tem	1-2
	Até mesmo	A briga entre as emissoras de televisão, que influenciam muito na forma de agir e até mesmo de pensar	2-3
	Desde.. ao mais Desde.. até	não se preocupam com a qualidade, mas sim em impressionar a grande massa popular, desde o mais rico aos mais humilde	9-10
		apelando para tudo, desde a sensualidade feminina até a desgraça, a dor e o sofrimento alheio	11-12
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	A guerra da televisão	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média	
		Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º parágrafo
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		

<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A briga entre as emissoras de televisão, que influenciam muito na forma de agir e até mesmo de pensar de grande parte dos cidadãos, pela audiência está trazendo uma queda significativa na qualidade da programação da televisão brasileira.	2-5
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos pelo afeto		6-15

PLPM(A)16

	Tudo pela audiência...
1	Nesses últimos anos, o jornalismo da televisão brasileira está passando
2	por uma fase sensacionalista, o oposto do que deveria estar acontecendo, ou
3	seja, a notícia teria que ser passada para o telespectador de uma maneira
4	impessoal e objetiva, para que o último pudesse tirar as suas próprias
5	conclusões.
6	Algumas emissoras de televisão, como a Rede Record, por exemplo,
7	estão investindo em um novo modo de apresentar as notícias, um telejornal onde
8	só aparecem tragédias, principalmente mortes, que ocorrem, maioria das vezes,
9	com pessoas menos favorecidas.
10	Atualmente, devido à disputa por telespectadores, alguns telejornais
11	apelam para a comoção, tentando passar um sentimento de dó e ao mesmo
12	tempo de indignação contra os governantes, como é o caso do "Cidade Alerta",
13	apresentado por Luis Datena, onde em quase todo o seu tempo de exibição são
14	mostradas cenas bárbaras, sempre seguidas por comentários inflamados com o
15	objetivo de comover as pessoas, ganhando assim um maior número no íbope,
16	deixando assim a informação para segundo plano.
17	Com essa crescente ganância de atrair mais telespectadores, as
18	emissoras estão utilizando-se, em seus jornais, de artifícios muito baixos, para
19	ganhar audiência, deixando o mais importante em jornal de lado.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	o jornalismo da televisão brasileira está passando por uma fase sensacionalista	1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Com essa crescente ganância de atrair mais telespectadores, as emissoras estão utilizando-se, em seus jornais, de artifícios muito baixos, para ganhar audiência, deixando o mais importante em jornal de lado.	17-19
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	o oposto do que deveria estar acontecendo, ou seja, a notícia teria que ser passada para o telespectador de uma maneira impessoal e objetiva, para que o último pudesse tirar as suas próprias conclusões.	3-5
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Nesses últimos anos, o jornalismo da televisão brasileira está passando por uma fase sensacionalista,	1-2
	Probabilidade	onde em quase todo o seu tempo de exibição são mostradas cenas bárbaras, sempre seguidas por comentários inflamados com o objetivo de comover as pessoas, ganhando assim um maior número no íbope, deixando assim a informação para segundo plano.	13-16
	Evidencia		
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	---	---	---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Tudo pela audiência...	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Nesses últimos anos, o jornalismo da televisão brasileira está passando por uma fase sensacionalista	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-16

PLPM(A)17

Televisão: informação ou emoção?	
1	Todo dia que assistimos aos noticiários na televisão, estamos procurando nos
2	informar do que está acontecendo, ou do que aconteceu em nosso país e no mundo.
3	Mas, muitas vezes em certas matérias feitas pela televisão, as pessoas que
4	fizeram-na, acabam deixando a informação de lado e apelam para o lado emocional
5	dos telespectadores, fazendo com que cada vez, eles assistam mais esse noticiário,
6	porque ele mostra a vida real, mas com um pouco de exagero para que os
7	telespectadores acabem se emocionando, e não mudem de canal, já que a
8	concorrência no horário dos telejornais é muito grande.
9	Por exemplo, o Ratinho que passa no SBT, adora apelar para o
10	sensacionalismo, mostrando pessoas com problemas físicos ou mentais, o que ajuda
11	a manter a sua audiência, porque os que assistem acabam ficando com pena dessas
12	pessoas. Já o jornal nacional, da Rede Globo, procura informar mais do que
13	emocionar, mas também, às vezes tenta que os telespectadores se emocionem.
14	Portanto, atualmente, há mais emoção do que informação na televisão, pois é a
15	maneira de dar mais audiência a uma emissora, o que está errado, porque se o
16	programa fosse bom mesmo, usaria apenas informação para ter um bom público.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	a concorrência no horário dos telejornais é muito grande.	8
	Constatação	atualmente, há mais emoção do que informação na televisão	14
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	se o programa fosse bom mesmo, usaria apenas informação para ter um bom público.	15-16
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	Probabilidade	Mas, muitas vezes em certas matérias feitas pela televisão, as pessoas que fizeram-na, acabam deixando a informação de lado e apelam para o lado emocional dos telespectadores,	3-4
	Evidência	mas com um pouco de exagero para que os telespectadores acabem se emocionando, e não mudem de canal, já que a concorrência no horário dos telejornais é muito grande.	6-8
	Evidência	atualmente, há mais emoção do que informação na televisão	14
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Televisão: informação ou emoção?	Título
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Assistimos, Estamos... nos, nosso	Todo dia que assistimos aos noticiários na televisão, estamos procurando nos informar do que está acontecendo, ou do que aconteceu em nosso país e no mundo.	1-2
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas,  Porque, mas  Já que  Mas também	Mas, muitas vezes em certas matérias feitas pela televisão, as pessoas que fizeram-na, acabam deixando a informação de lado e apelam para o lado emocional dos telespectadores, fazendo com que cada vez, eles assistam mais esse noticiário, porque ele mostra a vida real, mas com um pouco de exagero para que os telespectadores acabem se emocionando, e não mudem de canal, já que a concorrência no horário dos telejornais é muito grande. procura informar mais do que emocionar, mas também, às vezes tenta que os telespectadores se emocionem.	3-8     12-13
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Televisão: informação ou emoção?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Todo dia que assistimos aos noticiários na televisão, estamos procurando nos informar do que está acontecendo, ou do que aconteceu em nosso país e no mundo.	1-2

<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-13
--------------------------------	--	------

PLPM(A)18

Briga televisiva	
1	A televisão nos dias em que vivemos está sofrendo muitas modificações. Essas
2	mudanças ocorrem provavelmente para agradar o público e ficar sempre na frente de
3	seus concorrentes. Uma das fórmulas que mais atrai pessoas são noticiários
4	sensacionalistas, que elevam em muito o índice de audiência.
5	Os jornais costumam estender um fato mais do que deveriam. É muito usual
6	mostrar a vida inteira de uma pessoa que acaba de morrer, desde que ela nasceu,
7	batalhou por um objetivo até ter sempre uma morte trágica.
8	O "jornal nacional", da rede Globo, consegue ter sempre altos índices de
9	audiência usando-se dessa técnica. Um exemplo foi a morte de Ayrton Senna, corredor
10	de fórmula um. Esse programa preparou uma reportagem que fez o maior sucesso, mas
11	não unicamente pelo seu conteúdo e sim por atizar a curiosidade que as pessoas tinham
12	de saber como foi a vida de um grande ídolo.
13	Os noticiários de televisão procuram agradar a todos mesmo que essa notícia não
14	tenha moral e não sirva para utilizar na vida. Portanto, são jornais que se preocupam
15	com a quantidade de pessoas que assistem aos seus programas e não com a qualidade
16	destes.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	A televisão nos dias em que vivemos está sofrendo muitas modificações.	1
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Os jornais costumam estender um fato mais do que deveriam	5
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A televisão nos dias em que vivemos está sofrendo muitas modificações	1
	Probabilidade	Essas mudanças ocorrem provavelmente para agradar o público e ficar sempre na frente de seus concorrentes.	2-3
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Vivemos	A televisão nos dias em que vivemos está sofrendo muitas modificações	1
	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Desde que.. até que..	É muito usual mostrar a vida inteira de uma pessoa que acaba de morrer, desde que ela nasceu, batalhou por um objetivo até ter sempre uma morte trágica.	6-7
	Mas não unicamente.... e sim por...	Esse programa preparou uma reportagem que fez o maior sucesso, mas não unicamente pelo seu conteúdo e sim por atizar a curiosidade que as pessoas tinham de saber como foi a vida de um grande ídolo.	10-12
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Briga televisiva	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A televisão nos dias em que vivemos está sofrendo muitas modificações. Essas mudanças ocorrem para agradar o público e ficar sempre na frente de seus concorrentes.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	Argumentos fundados na doxologia	1-14



PLPM(A)19

	Tudo pela audiência
1	As desgraças rotineiras, comuns à vida em sociedade, propiciam aos telejornais o
2	material necessário à programação de toda uma semana. Mas será que toda essa
3	violência necessita ser veiculada, ou essa é somente uma jogada de “marketing” para
4	atrair audiência?
5	Conforme suas propostas, os noticiários devem também informar as fatalidades
6	da vida mas, a tendência em exagerar nesse tipo de reportagem tem se tornado
7	freqüente. Tudo parte do plano da maioria das emissoras de televisão cujo objetivo
8	principal é o lucro.
9	Movidas pelo dinheiro, estas máquinas de reprodução de violência passam por
10	cima de todos os conceitos morais que deveriam reger a sociedade, não se importando
11	com a consequência que este tipo de conduta possa causar nas pessoas.
12	Infelizmente, não podemos com as tragédias cotidianas, mas por estarem
13	presentes deveríamos mudar o objetivo principal dos noticiários, o de informar? Um
14	sonoro não seria a melhor resposta a essa pergunta.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	a tendência em exagerar nesse tipo de reportagem tem se tornado freqüente. Tudo parte do plano da maioria das emissoras de televisão cujo objetivo principal é o lucro.	6-8
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Infelizmente, não podemos com as tragédias cotidianas, mas por estarem presentes deveríamos mudar o objetivo principal dos noticiários, o de informar? Um sonoro não seria a melhor resposta a essa pergunta.	12-14
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigação	os noticiários devem também informar as fatalidades da vida	5
	Possibilidade	estas máquinas de reprodução de violência passam por cima de todos os conceitos morais que deveriam reger a sociedade	9-11
	Possibilidade	Um sonoro não seria a melhor resposta a essa pergunta.	14
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	Movidas pelo dinheiro, estas máquinas de reprodução de violência passam por cima de todos os conceitos morais que deveriam reger a sociedade	9-11
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Mas será que toda essa violência necessita ser veiculada, ou essa é somente uma jogada de “marketing” para atrair audiência? Infelizmente, não podemos com as tragédias cotidianas, mas por estarem presentes deveríamos mudar o objetivo principal dos noticiários, o de informar?	2-4 13-14
	Podemos	não podemos com as tragédias cotidianas, , mas por estarem presentes deveríamos mudar o objetivo principal dos noticiários, o de informar?	12-14
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
	---	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Mas será que toda essa violência necessita ser veiculada, ou essa é somente uma jogada de “marketing” para atrair audiência?	2-4
	mas	os noticiários devem também informar as fatalidades da vida mas, a tendência em exagerar nesse tipo de reportagem tem se tornado freqüente.	5-6
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Tudo pela audiência	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	As desgraças rotineiras, comuns à vida em sociedade, propiciam aos telejornais o material necessário à programação de toda uma semana. Mas será que toda essa violência necessita ser veiculada, ou essa é somente uma jogada de “marketing” para atrair audiência?	1-4

<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-11
--------------------------------	---	------

PLPM(A)20

	Informação x Emoção: quem ganha mais?
1	“Uma criança é salva dos escombros seis dias após o tremor de terra que
2	atingiu a Turquia” – a informação, manchete de um telejornal de prestígio tem como
3	objetivo informar ou emocionar?
4	Poderia ter sido apenas uma informação, se fosse simplesmente citada. Não foi
5	o que aconteceu: foram entrevistados bombeiros voluntários que salvaram a menina.
6	Corriam lágrimas dos olhos; o enfoque era realmente emocional. A reportagem durou
7	aproximadamente três minutos.
8	“greve de ônibus pode parar São Paulo” foi também um destaque do mesmo
9	jornal, mas a notícia não teve a mesma duração. Foi apenas mostrada uma imagem
10	de uma greve anterior, e a narração do jornalista, explicando que a greve duraria o dia
11	todo. Durou menos de um minuto.
12	Mas por que a criança a milhares de quilômetros de distância recebeu maior
13	atenção do que uma greve, na principal cidade do país? Por acaso, para nós a notícia
14	da Turquia é mais importante que uma notícia nacional?
15	A razão é simples: o povo gosta de emocionar-se, e as emissoras de TV,
16	sabendo disto, mudam a estrutura de seus telejornais para agradarem ao público,
17	terem maior audiência e vender o tempo publicitário a um preço mais caro. A
18	informação, ao invés de ser o ponto principal é apenas um “degrau” para atingir o
19	coração das pessoas.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	A razão é simples: o povo gosta de emocionar-se, e as emissoras de TV, sabendo disto, mudam a estrutura de seus telejornais para agradarem ao público, terem maior audiência e vender o tempo publicitário a um preço mais caro	15-17
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	A informação, ao invés de ser o ponto principal é apenas um “degrau” para atingir o coração das pessoas.	18/19
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Poderia ter sido apenas uma informação, se fosse simplesmente citada	4-5
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A razão é simples: o povo gosta de emocionar-se	15
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Informação x Emoção: quem ganha mais? a informação, manchete de um telejornal de prestígio tem como objetivo informar ou emocionar? Mas por que a criança a milhares de quilômetros de distância recebeu maior atenção do que uma greve, na principal cidade do país? Por acaso, para nós a notícia da Turquia é mais importante que uma notícia nacional?	Título 2-3 12-13
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	nós	Por acaso, para nós a notícia da Turquia é mais importante que uma notícia nacional?	13
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas mas	“greve de ônibus pode parar São Paulo” foi também um destaque do mesmo jornal, mas a notícia não teve a mesma duração  Mas por que a criança a milhares de quilômetros de distância recebeu maior atenção do que uma greve, na principal cidade do país? Por acaso, para nós a notícia da Turquia é mais importante que uma notícia nacional?	8-9  12-13
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Informação x Emoção: quem ganha mais?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	o povo gosta de emocionar-se, e as emissoras de TV, sabendo disto, mudam a estrutura de seus telejornais para agradarem ao público, terem maior audiência e vender o tempo publicitário a um preço mais caro	15-17

<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos pelo afeto Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-14
--------------------------------	---	------

PLPM(A)21

Luta pela audiência	
1	Os atuais noticiários de televisão tentam nos informar de tudo que ocorre no
2	nosso planeta, desde as notícias do mundo da política até os resultados esportivos.
3	Eles, porém, retratam principalmente tragédias de modo a emocionar o ouvinte e
4	aumentar a audiência.
5	Os fatos são tratados com sensacionalismo. Os acontecimentos são
6	exagerados. Os apresentadores, ao contar as notícias, utilizam-se de expressões
7	faciais para demonstrar seus sentimentos e fazem até mesmo comentários de suas
8	próprias opiniões. As entrevistas com vítimas emocionadas, seja pela tristeza ou
9	revolta, intensificam ainda mais as emoções dos espectadores. É o caso do
10	programa do ratinho que faz uso destes métodos e tem altíssimos níveis de
11	audiência.
12	Muitas vezes, o noticiário toma um dos dois lados de uma disputa e não só o
13	defende mas também o auxilia a atingir seu objetivo. É o caso do jornal SPTV que
14	tenta ser mediador em discussões entre classes menos favorecidas e os órgãos
15	governamentais.
16	É assim, emocionando os espectadores com fatos sensacionalistas ou até
17	mesmo os ajudando, que os noticiários conseguem seu verdadeiro objetivo: a
18	audiência.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Os fatos são tratados com sensacionalismo. Os acontecimentos são exagerados.	5-6
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	É o caso do jornal SPTV que tenta ser mediador em discussões entre classes menos favorecidas e os órgãos governamentais.	13-15
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Os atuais noticiários de televisão tentam nos informar de tudo que ocorre no nosso planeta	1-2
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência Evidência Probabilidade	Os fatos são tratados com sensacionalismo Os acontecimentos são exagerados. Muitas vezes, o noticiário toma um dos dois lados de uma disputa e não só o defende como também o auxilia a atingir seu objetivo	5 6 12-13
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nos, nosso	Os atuais noticiários de televisão tentam nos informar de tudo que ocorre no nosso planeta	1-2
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Desde... até..  Porém  Ainda mais  Não só... mas também  até mesmo	Os atuais noticiários de televisão tentam nos informar de tudo que ocorre no nosso planeta, desde as notícias do mundo da política até os resultados esportivos. Eles, porém, retratam principalmente tragédias de modo a emocionar o ouvinte e aumentar a audiência. As entrevistas com vítimas emocionadas, seja pela tristeza ou revolta, intensificam ainda mais as emoções dos espectadores não só o defende mas também o auxilia a atingir seu objetivo emocionando os espectadores com fatos sensacionalistas ou até mesmo os ajudando	1-3   8-9  12-13 16-17
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Luta pela audiência	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Os atuais noticiários de televisão tentam nos informar de tudo que ocorre no nosso planeta, desde as notícias do mundo da política até os resultados esportivos. Eles, porém, retratam principalmente tragédias de modo a emocionar o ouvinte e aumentar a audiência.	1-4

<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-15
--------------------------------	--	------

PLPM(A)22

A qualidade da televisão brasileira	
1	A televisão tem um papel importante na vida da população: informar. Mas o
2	que causa grande polêmica é a intenção de emocionar o público, através do
3	sensacionalismo.
4	A qualidade dos noticiários do país vêm caindo diariamente, principalmente
5	com a busca da audiência. O sensacionalismo é uma das armas que os programas
6	têm para atingir essa sonhada audiência. Alguns especialistas aprovam esse
7	método pois acreditam que o povo gosta disso. Mas a grande maioria rejeita o
8	sensacionalismo e a busca pela audiência.
9	Um grande exemplo desse tipo de programação é o Programa do ratinho, do
10	SBT. O apresentador mostra pessoas com doenças graves e às vezes sem cura a
11	fim de emocionar o telespectador. Outro programa duramente criticado é o Linha
12	Direta, da TV Globo, que se baseia em assassinatos e seqüestros, fazendo
13	simulações. A única utilidade é que encontram alguns bandidos foragidos pelo país.
14	Enfim, conclui-se que a tevê brasileira necessita de uma mudança na
15	programação a fim de que busquem a qualidade e não a audiência do
16	telespectador.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados		linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	A televisão tem um papel importante na vida da população: informar		2-3
	Constatação	O sensacionalismo é uma das armas que os programas têm para atingir essa sonhada audiência		5-6
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião.	A única utilidade é que encontram alguns bandidos foragidos pelo país		13
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigação	a tevê brasileira necessita de uma mudança na programação a fim de que busquem a qualidade e não a audiência do telespectador.		14-16
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A televisão tem um papel importante na vida da população: informar		1
	Probabilidade	Alguns especialistas aprovam esse método pois acreditam que o povo gosta disso. Mas a grande maioria rejeita o sensacionalismo e a busca pela audiência.		7-8
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---		---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---		---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---		---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Mas o que causa grande polêmica é a intenção de emocionar o público, através do sensacionalismo.		1
	mas	Mas a grande maioria rejeita o sensacionalismo e a busca pela audiência.		7-8
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----		-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	A qualidade da televisão brasileira		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos	
		conclusão	4º parágrafo	
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A televisão tem um papel importante na vida da população: informar. Mas o que causa grande polêmica é a intenção de emocionar o público, através do sensacionalismo.		1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo			1-13

## 2ª Amostra<sup>201</sup>

Tema: Novo código de transito
Data: 1999

---

<sup>201</sup> Dois alunos não compareceram no dia em que esta produção foi realizada.



## PLPM(B)1

As vítimas da lei	
1	Todos os anos, milhares de pessoas morrem vitimas do trânsito que está
2	ficando caótico, com atropelamentos, colisões e até agressões causadas por
3	banalidades. Para que se tenha mais respeito e educação foi criado um novo
4	código nacional de trânsito, a fim de melhorar essa situação.
5	Uma das leis é a do uso do cinto de segurança, sendo que muitas pessoas
6	cumprem-na porque a punição é uma pesada multa, além de obter alguns pontos
7	negativos na carteira de motorista, que pode acarretar a suspensão da mesma.
8	Essas leis deveriam ser cumpridas não por causa das multas mas para preservar a
9	vida. Quantas pessoas já se salvaram por causa do cinto de segurança?
10	A população reclama que não houve uma boa divulgação das leis, mas a
11	maioria delas já deveriam ser respeitadas mesmo antes do novo código, por uma
12	questão de civilidade e segurança. Mas parece que a população só aprende com
13	repressão.
14	Ocorre também um grande absurdo, sendo que o governo se aproveita da
15	situação para sair distribuindo multas, elaborando-as, como se fosse uma indústria.
16	O correto seria educar a população para depois multar.
17	Com a população conscientizada que as leis devem ser cumpridas, as
18	multas diminuiriam, assim como os acidentes. Mas para isso seria necessário um
19	grande esforço da população e do governo. Pelo que se ouve todos os dias, ambas
20	as partes têm muito interesse neste assunto e de ocorrência em ocorrência mais
21	vidas são diariamente tiradas.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Todos os anos, milhares de pessoas morrem vitimas do trânsito que está ficando caótico, com atropelamentos, colisões e até agressões causadas por banalidades	1-3
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião Opinião	Ocorre também um grande absurdo O correto seria educar a população para depois multar.	14 16
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade  Possibilidade  Possibilidade  Obrigação Possibilidade	Essas leis deveriam ser cumpridas não por causa das multas mas para preservar a vida. A população reclama que não houve uma boa divulgação das leis, mas a maioria delas já deveriam ser respeitadas mesmo antes do novo código Mas parece que a população só aprende com repressão. as leis devem ser cumpridas Com a população conscientizada que as leis devem ser cumpridas, as multas diminuiriam, assim como os acidentes	8  10-11  12-13  17  17-18
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Todos os anos, milhares de pessoas morrem vitimas do trânsito que está ficando caótico,	1-2
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Quantas pessoas já se salvaram por causa do cinto de segurança?	9
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Ocorre também um grande absurdo, sendo que o governo se aproveita da situação para sair distribuindo multas, elaborando-as, como se fosse uma indústria. O correto seria educar a população para depois multar.	14-16
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas  Mas  Mas  mas	Essas leis deveriam ser cumpridas não por causa das multas mas para preservar a vida. A população reclama que não houve uma boa divulgação das leis, mas a maioria delas já deveriam ser respeitadas mesmo antes do novo código Mas parece que a população só aprende com repressão. Mas para isso seria necessário um grande esforço da população e do governo.	8  10-11  12-13  18-19
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	As vítimas da lei	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita	Todos os anos, milhares de pessoas morrem vitimas do	1-4

	Estrutura do real = auditório universal	trânsito que está ficando caótico, com atropelamentos, colisões e até agressões causadas por banalidades. Para que se tenha mais respeito e educação foi criado um novo código nacional de trânsito, a fim de melhorar essa situação.	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos pelo afeto Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-16

PLPM(B)2

	Autoridade no trânsito
1	Recentemente foram instituídas as leis de trânsito que foram muito criticadas
2	pela população.
3	O novo código de trânsito trouxe punições mais severas com relação às multas
4	que se tornaram mais altas. De um certo ponto de vista, isto é favorável pois, as
5	pessoas tentam não desrespeitar as leis procurando evitar danos financeiros.
6	Infelizmente no Brasil não existe uma fiscalização rigorosa que permita que
7	este código seja cumprido corretamente. Essa é uma das razões que faz com que os
8	indivíduos continuem a tomar atitudes nada civilizadas no trânsito.
9	Ler reformas no código é muito bom, mas num país onde as leis são cumpridas
10	e onde todos saibam respeitá-las com a devida educação.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	O novo código de trânsito trouxe punições mais severas com relação às multas que se tornaram mais altas	3-4
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião Opinião	De um certo ponto de vista, isto é favorável Infelizmente no Brasil não existe uma fiscalização rigorosa	4 6
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	O novo código de trânsito trouxe punições mais severas com relação às multas que se tornaram mais altas	2-3
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Infelizmente no Brasil não existe uma fiscalização rigorosa que permita que este código seja cumprido corretamente	6-7
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	mas	Ler reformas no código é muito bom, mas num país onde as leis são cumpridas	9
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Autoridade no trânsito	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	as leis de trânsito que foram muito criticadas pela população.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia		3-8

## PLPM(B) 3

	Pela vida
1	Pode parecer insensato, mas foi preciso atribuir um valor à vida para que ela
2	fosse respeitada. Foi necessário um novo código de trânsito que punisse com pesadas
3	multas as infrações cometidas por motoristas imprudentes a fim de que se vissem
4	diminuídas as mortes causadas no trânsito.
5	Houve grande agito em torno da nova lei. Argüiu-se que as multas são deveras
6	onerosas, que incitariam a corrupção dos guardas e foi posto em dúvida o real motivo
7	de tão elevado valor. Basta analisar as estatísticas, mais de cinqüenta e dois mil
8	mortos em acidentes automobilísticos no ano passado (mais que os americanos
9	mortos no Vietnã) para se conhecer a causa da mudança, o respeito à vida.
10	Portanto, não há de se discutir sobre as novas leis mas respeitá-las e cumpri-
11	las a fim de que possamos preservar algo de valor inestimável, a vida.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Foi necessário um novo código de trânsito que punisse com pesadas multas as infrações cometidas por motoristas imprudentes a fim de que se vissem diminuídas as mortes causadas no trânsito.	2-4
	Constatação	Houve grande agito em torno da nova lei. Argüiu-se que as multas são deveras onerosas	5-6
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Argüiu-se que as multas são deveras onerosas	5-6
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Pode parecer insensato, mas foi preciso atribuir um valor à vida para que ela fosse respeitada	1
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	Houve grande agito em torno da nova lei. Argüiu-se que as multas são deveras onerosas, que incitariam a corrupção dos guardas e foi posto em dúvida o real motivo de tão elevado valor.	5-7
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	possamos	a fim de que possamos preservar algo de valor inestimável, a vida.	11
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas mas	Pode parecer insensato, mas foi preciso atribuir um valor à vida para que ela fosse respeitada não há de se discutir sobre as novas leis mas respeitá-las e cumpri-las	1 10-11
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Pela vida	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º parágrafo
	conclusão	3º parágrafo	
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Pode parecer insensato, mas foi preciso atribuir um valor à vida para que ela fosse respeitada.. Foi necessário um novo código de trânsito que punisse com pesadas multas as infrações cometidas por motoristas imprudentes a fim de que se vissem diminuídas as mortes causadas no trânsito.	1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia		1-9

## PLPM(B) 4

	O fim do caos?
1	Há alguns anos foi promulgado o novo código de trânsito. Desde a época de
2	sua liberação, muita polêmica foi causada porque não ocorreu alteração nas regras,
3	mas sim, nas punições. Tal comportamento parece ter provocado muitas
4	divergências entre a população. Daí surge a seguinte pergunta: até que ponto tudo
5	isso é válido?
6	A elevação dos valores das multas, inibindo a ação dos infratores, e a
7	diminuição do número de acidentes foram os argumentos que favorecem esta
8	legislação.
9	No entanto, são muitos os aspectos negativos, como, por exemplo, a
10	necessidade de informar a população, o incentivo à corrupção dos guardas e a
11	indústria da multa, além da falta de estruturas para uma boa fiscalização.
12	Em suma, a negatividade do sucesso deste novo código, só poderá ser
13	resolvida através do empenho das entidades envolvidas para sanar as dúvidas e os
14	problemas gerados por esta lei.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
1.1 Modo de Saber	Constatação	Há alguns anos foi promulgado o novo código de trânsito	1
1.2 Avaliação	Opinião	a negatividade do sucesso deste novo código, só poderá ser resolvida através do empenho das entidades envolvidas para sanar as dúvidas e os problemas gerados por esta lei.	11-13
1.3 Motivação	Possibilidade	Tal comportamento parece ter provocado muitas divergências entre a população.	3-4
	Possibilidade	a negatividade do sucesso deste novo código, só poderá ser resolvida através do empenho das entidades envolvidas para sanar as dúvidas e os problemas gerados por esta lei.	12-14
1.4 Asserções	---	---	---
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
2.1 Constr. interrogativas	X	O fim do caos? Daí surge a seguinte pergunta: até que ponto tudo isso é válido?	Título 4
2.2 Constr. impessoais	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
2.3 Constr. pessoais	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Desde a época de sua liberação, muita polêmica foi causada porque não ocorreu alteração nas regras, mas sim, nas punições	2-3
	No entanto	No entanto, são muitos os aspectos negativos	8
	Além da...	além da falta de estruturas para uma boa fiscalização	10
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
4.1 Título	Relação direta com o tema	O fim do caos?	
4.2 Paragrafação e Progressão temática	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
4.3 Exposição da Tese	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Há alguns anos foi promulgado o novo código de trânsito. Desde a época de sua liberação, muita polêmica foi causada porque não ocorreu alteração nas regras, mas sim, nas punições. Tal comportamento parece ter provocado muitas divergências entre a população	1-5
4.4 Tipos de argumentos	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		3-11

## PLPM(B) 5

O novo código	
1	O novo código de trânsito pouco tempo antes de entrar em vigor já causava
2	muitas controvérsias. Alguns o achavam abusivo, outros, necessário, mas nunca se
3	chegou a uma conclusão unânime. Alguns anos depois de sua implantação, temos
4	condições de analisá-lo melhor.
5	O novo código foi muito pouco divulgado no começo. Ninguém sabia o que ia
6	mudar e o que tinha que ser feito para adequar-se a ele. Porque não foram só as
7	multas que aumentaram de valor, mas também precauções que deveriam ser
8	tomadas para evitar acidentes, como, por exemplo, a adoção de equipamentos de
9	primeiros socorros.
10	Agora que não é mais novidade e que já foram consertadas suas falhas,
11	como, por exemplo, a multa para pedestres, as pessoas perceberam que o novo
12	código não é brincadeira e começaram a tomar mais cuidado ao volante, já que as
13	multas estão muito pesadas.
14	No começo foi difícil, mas todos já se acostumaram e o objetivo, que era
15	diminuir o número de acidentes, foi alcançado. Missão cumprida!

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	O novo código de trânsito pouco tempo antes de entrar em vigor já causava muitas controvérsias	1-2
	Constatação	O novo código foi muito pouco divulgado no começo	5
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	No começo foi difícil	14
	Apreciação	Missão cumprida!	15
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	precauções que deveriam ser tomadas para evitar acidentes,	7-8
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Alguns o achavam abusivo, outros, necessário, mas nunca se chegou a uma conclusão unânime	3-4
	Evidência	No começo foi difícil, mas todos já se acostumaram e o objetivo, que era diminuir o número de acidentes, foi alcançado. Missão cumprida!	14-15
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Temos	Alguns anos depois de sua implantação, temos condições de analisá-lo melhor.	4
	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Alguns o achavam abusivo, outros, necessário, mas nunca se chegou a uma conclusão unânime	2-4
	Não só.. mas também	Porque não foram só as multas que aumentaram de valor, mas também precauções	6-7
	mas	No começo foi difícil, mas todos já se acostumaram	14
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	O novo código	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	O novo código de trânsito pouco tempo antes de entrar em vigor já causava muitas controvérsias. Alguns o achavam abusivo, outros, necessário, mas nunca se chegou a uma conclusão unânime. Alguns anos depois de sua implantação, temos condições de analisá-lo melhor.	1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		5-13

PLPM(B)6

	Lição de economia e responsabilidade
1	Algumas manifestações contra o novo código de trânsito, lideradas pela
2	imprensa e seus seguidores geraram uma insegurança na população quanto à justiça
3	empregada nas regras e ao valor elevado das multas.
4	Na busca pelos erros, valorizam-se as perfeições. Partindo do pressuposto de
5	que as críticas levam ao aprimoramento do objeto, podemos julgar essenciais as
6	oposições à novas regras.
7	As taxas consideradas abusivas causaram uma queda significativa no número
8	de infrações cometidas e, sobretudo, nas mortes. Este é apenas um dado inicial. Aos
9	poucos, haverá uma conscientização geral quanto a necessidade de boas maneiras
10	ao volante.
11	Dirigir acarreta certas responsabilidades que no novo código de trânsito
12	procura fortalecer, recorrendo ao bolso dos cidadãos.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Algumas manifestações contra o novo código de trânsito, lideradas pela imprensa e seus seguidores geraram uma insegurança na população quanto à justiça empregada nas regras e ao valor elevado das multas.	1-3
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Na busca pelos erros, valorizam-se as perfeições	4
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Dirigir acarreta certas responsabilidades que no novo código de trânsito procura fortalecer, recorrendo ao bolso dos cidadãos.	11-12
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	As taxas consideradas abusivas causaram uma queda significativa no número de infrações cometidas e, sobretudo, nas mortes	7-9
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	podemos julgar essenciais as oposições à novas regras.	5-6
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	---	---	---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Lição de economia e responsabilidade	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Algumas manifestações contra o novo código de trânsito, lideradas pela imprensa e seus seguidores geraram uma insegurança na população quanto à justiça empregada nas regras e ao valor elevado das multas.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia		3-12

PLPM(B)7

	Uma boa tentativa
1	A cada ano, o número de acidentados no trânsito – motoristas, passageiros e
2	pedestres – aumenta pois não há respeito entre as pessoas nem limites à vida. O
3	novo código de trânsito, com o objetivo de modificar essa realidade, foi implantado
4	causando grande polêmica.
5	A população não conhece bem essas novas regras não é informada sobre as
6	penas do código penal e além disso quer mais debate. Há quem conteste a eficácia
7	dessas leis que apenas punem sem ensinar as verdadeiras e corretas condutas. O
8	novo código, portanto, usa somente a punição para limitar os transeuntes e não a
9	reeducação dos mesmos. Para isso as multas, antes suaves, tornaram-se pesadas,
10	estimulando respeito e ao mesmo tempo incitando a corrupção. Faltam ainda
11	condições para boa fiscalização no trânsito, já que há muita sonegação.
12	Vistos tais aspectos, este novo código pode de fato reduzir o número de
13	acidentes e mortes, porém isto ainda não é suficiente. É preciso, antes de elaborar leis
14	com duras punições e educar as pessoas que não estão habituadas com o respeito à
15	vida e aos outros. Multas altas sugerem corrupção e sonegação.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	o número de acidentados no trânsito – motoristas, passageiros e pedestres – aumenta	1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Multas altas sugerem corrupção e sonegação	15
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	este novo código pode de fato reduzir o número de acidentes e mortes, porém isto ainda não é suficiente	12-13
	Obrigaçao	É preciso, antes de elaborar leis com duras punições e educar as pessoas que não estão habituadas com o respeito à vida e aos outros.	13-14
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	A cada ano, o número de acidentados no trânsito – motoristas, passageiros e pedestres – aumenta pois não há respeito entre as pessoas nem limites à vida.	1-2
	Evidência	O novo código de trânsito, com o objetivo de modificar essa realidade, foi implantado causando grande polêmica.	3-4
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	De fato, porém	, este novo código pode de fato reduzir o número de acidentes e mortes, porém isto ainda não é suficiente	12-13
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Uma boa tentativa	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º parágrafo
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A cada ano, o número de acidentados no trânsito – motoristas, passageiros e pedestres – aumenta pois não há respeito entre as pessoas nem limites à vida. O novo código de trânsito, com o objetivo de modificar essa realidade, foi implantado causando grande polêmica.	1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-11



## PLPM(B)8

Mudanças com conscientização	
1	Pegos de surpresa, os brasileiros, acostumados a desobedecerem as leis de
2	trânsito, levaram um susto com o novo e temido Código de trânsito que tem como
3	principal mudança o aumento das multas.
4	Já não é mais novidade que o brasileiro, em geral, não está acostumado a seguir
5	regras e respeitar leis. O próprio sistema de fiscalização precário permite que isto
6	aconteça. Sonegação, contrabando, trafico, policiais mal-pagos e mal-instruídos,
7	envolvimento político; o próprio Estado não dá condições para que o povo respeite e
8	confie no sistema aplicado.
9	O novo código tenta impedir com que isto aconteça tentando fazer com que o
10	brasileiro mantenha certa "etiqueta" no transito, fato inédito, pois o povo brasileiro não
11	deveria ter esse código "jogado" em suas mãos, e sim deveria ser reeducado quanto ao
12	respeito à essas leis, como em qualquer outro país civilizado.
13	Para um país que em dois anos matou mais no trânsito que o número de
14	americanos mortos no Vietnã, deveria haver uma conscientização antes de aumentar
15	abusivamente as multas, as quais "dizem" que ajudarão na construção e na conservação
16	das estradas geralmente em péssimo estado.
17	Só podemos esperar que esse novo código faça efeito quanto à diminuição de
18	acidentes, à conscientização do povo brasileiro e à aplicação correta do dinheiro
19	arrecadado. O Estado deve dar algum exemplo à população e mostrar que muita coisa
20	ainda pode ser mudada neste país.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Pegos de surpresa, os brasileiros, acostumados a desobedecerem as leis de trânsito, levaram um susto com o novo e temido Código de trânsito que tem como principal mudança o aumento das multas.	1-4
	Saber	Já não é mais novidade que o brasileiro, em geral, não está acostumado a seguir regras e respeitar leis.	4-5
	Constatação	Para um país que em dois anos matou mais no trânsito que o número de americanos mortos no Vietnã	14-15
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Pegos de surpresa, os brasileiros, acostumados a desobedecerem as leis de trânsito, levaram um susto com o novo e temido Código de trânsito que tem como principal mudança o aumento das multas.	1-4
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	O novo código tenta impedir com que isto aconteça tentando fazer com que o brasileiro mantenha certa "etiqueta" no transito	9-10
	Possibilidade	o povo brasileiro não deveria ter esse código "jogado" em suas mãos, e sim deveria ser reeducado quanto ao respeito à essas leis, como em qualquer outro país civilizado. deveria haver uma conscientização antes de aumentar abusivamente as multas	11-13
	Possibilidade	Só podemos esperar que esse novo código faça efeito quanto à diminuição de acidentes, à conscientização do povo brasileiro e à aplicação correta do dinheiro arrecadado.	14-15
	Possibilidade	O Estado deve dar algum exemplo à população e mostrar que muita coisa ainda pode ser mudada neste país.	17-18
	Obrigação e Possibilidade		19-20
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	o próprio Estado não dá condições para que o povo respeite e confie no sistema aplicado.	7-8
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos	Só podemos esperar que esse novo código faça efeito	17
	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural		
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	---	---	---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Mudanças com conscientização	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média	
		Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
	Progressão temática	presente	

<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Pegos de surpresa, os brasileiros, acostumados a desobedecerem as leis de trânsito, levaram um susto com o novo e temido Código de trânsito que tem como principal mudança o aumento das multas.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		4-16

PLPM(B)9

Uma nova solução	
1	Em 1998 entrou em vigor o novo código de trânsito em meio a muitos
2	protestos e reclamações que se contrapunham às aprovações, ou seja, tal mudança
3	promoveu muitos debates que giravam em torno de uma questão polêmica: as leis
4	de trânsito.
5	Pesquisas comprovavam que um grande número de mortes estava
6	relacionado a acidentes causados por motoristas em sua maioria alcoolizados.
7	Excesso de velocidade, desrespeito às placas de sinalização, avanço de
8	sinais são algumas das muitas irresponsabilidades que envolvem inocentes e
9	infratores.
10	A reformulação das leis visou justamente diminuir os elevados índices de
11	tragédias penalizando brasileiros num dos pontos que mais prezamos, o nosso
12	dinheiro. O encarceramento das multas juntamente com o risco de perder a
13	habilitação através de pontos adquiridos a cada infração cometida, foram a solução
14	encontrada para retomar o controle de uma situação alarmante.
15	Enfim, apenas medidas rigorosas e inflexíveis podem punir os responsáveis
16	pelo caos que se instalava em nosso dia-a-dia.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados		linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Em 1998 entrou em vigor o novo código de trânsito em meio a muitos protestos e reclamações que se contrapunham às aprovações		1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---		---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Enfim, apenas medidas rigorosas e inflexíveis podem punir os responsáveis pelo caos que se instalava em nosso dia-a-dia.		15-16
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	Pesquisas comprovavam que um grande número de mortes estava relacionado a acidentes causados por motoristas em sua maioria alcoolizados.		5-6
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---		---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Prezamos, Nosso Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	A reformulação das leis visou justamente diminuir os elevados índices de tragédias penalizando brasileiros num dos pontos que mais prezamos, o nosso dinheiro.		10-12
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---		---
<b>3. CONECTORES</b>	---	---		---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----		-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Uma nova solução		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos	
		conclusão	5º parágrafo	
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Em 1998 entrou em vigor o novo código de trânsito em meio a muitos protestos e reclamações que se contrapunham às aprovações, ou seja, tal mudança promoveu muitos debates que giravam em torno de uma questão polêmica: as leis de trânsito.		1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		5-14	

PLPM(B)10

	Transito antigo, educação recente
1	O sistema de trânsito em vigência, já era utilizado há alguns anos, o que mudou
2	recentemente foi o aumento considerável da pena das multas, visando maior educação
3	do brasileiro no trânsito.
4	A opinião popular porém, está dividida: o que para alguns parece uma melhoria
5	óbvia, para outros mostra o abuso do governo para com os cidadãos.
6	Ambos têm pontos a seu favor, o trânsito já estava se tornando caótico, era
7	preciso que as autoridades interviessem com mais poder, já que não seria justo que um
8	motorista que dirige alcoolizado, por exemplo, reclame seus direitos ao sofrer um
9	acidente, e saia impune.
10	As medidas tomadas eram necessárias, mas deve-se precaver-se para que esta
11	não acabe afetando bruscamente a renda de uma família que cometeu um deslize, mas
12	não tão sério e justificável, como, por exemplo, sair de casa em dia de rodízio para levar
13	alguém ao hospital.
14	O sistema deve ser adotado para melhoria das condições de vida do cidadão,
15	mas isso deve ser feito paulatinamente, com a conscientização da população.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	O sistema de trânsito em vigência, já era utilizado há alguns anos, o que mudou recentemente foi o aumento considerável da pena das multas	1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	O sistema deve ser adotado para melhoria das condições de vida do cidadão, mas isso deve ser feito paulatinamente, com a conscientização da população	14-15
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigação	o trânsito já estava se tornando caótico, era preciso que as autoridades interviessem com mais poder	6-7
	Obrigação	As medidas tomadas eram necessárias, mas deve-se precaver-se para que esta não acabe afetando bruscamente a renda de uma família que cometeu um deslize	10-11
	Obrigação	O sistema deve ser adotado para melhoria das condições de vida do cidadão, mas isso deve ser feito paulatinamente, com a conscientização da população.	14-15
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A opinião popular porém, está dividida	4
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	porém	A opinião popular porém, está dividida	4
	Mas, mas	As medidas tomadas eram necessárias, mas deve-se precaver-se para que esta não acabe afetando bruscamente a renda de uma família que cometeu um deslize, mas não tão sério e justificável	10-12
	mas	O sistema deve ser adotado para melhoria das condições de vida do cidadão, mas isso deve ser feito paulatinamente	14-15
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Transito antigo, educação recente	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	O sistema de trânsito em vigência, já era utilizado há alguns anos, o que mudou recentemente foi o aumento considerável da pena das multas, visando maior educação do brasileiro no trânsito.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes		4-13

PLPM(B)11

As duas faces do trânsito	
1	Apesar do novo código, a situação do trânsito nas grandes cidades continua
2	caótico e a tendência é piorar cada vez mais porque o número de carros está
3	aumentando.
4	Pensando nisso, o governo colocou em votação no Congresso novas leis.
5	Elas já estavam sendo discutidas há algum tempo porém entraram em vigor há
6	pouco tempo. Não se trata de novas leis e sim de punições mais severas do que as
7	existentes.
8	O código é universal mas no Brasil, quase todas as infrações, muitas vezes,
9	eram deixadas de lado ou resolvidas com um pequeno pagamento aos guardas.
10	Porém isso está para acabar. Já que os castigos atingirão não só o bolso do
11	motorista mas também a sua licença para dirigir. Ele passará a perder pontos por
12	cada deslize cometido.
13	Essas mudanças têm seu lado positivo como o de melhorar a qualidade do
14	trânsito nas vias públicas e o de possibilitar respeito entre motoristas. Mas também
15	têm sua parte ruim pois, às vezes, somos multados injustamente e acabamos
16	sendo vítimas da industria das multas.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	a situação do trânsito nas grandes cidades continua caótico e a tendência é piorar cada vez mais porque o número de carros está aumentando.	1-3
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	O código é universal mas no Brasil, quase todas as infrações, muitas vezes, eram deixadas de lado ou resolvidas com um pequeno pagamento aos guardas	8-9
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Aserções</b>	Probabilidade	a tendência é piorar cada vez mais porque o número de carros está aumentando.	2-3
	Evidência	O código é universal	8
	Probabilidade	mas no Brasil, quase todas as infrações, muitas vezes, eram deixadas de lado ou resolvidas com um pequeno pagamento aos guardas	8-9
	Evidência	isso está para acabar	10
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Somos, Acabamos Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	às vezes, somos multados injustamente e acabamos sendo vítimas da industria das multas.	15-16
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Porém	Elas já estavam sendo discutidas há algum tempo porém entraram em vigor há pouco tempo	5-6
	Mas,	O código é universal mas no Brasil, quase todas as infrações, muitas vezes, eram deixadas de lado ou resolvidas com um pequeno pagamento aos guardas.	8-11
	Porém, Já que, Não só... mas também...	Porém isso está para acabar. Já que os castigos atingirão não só o bolso do motorista mas também a sua licença para dirigir	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	As duas faces do trânsito	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Apesar do novo código, a situação do trânsito nas grandes cidades continua caótico e a tendência é piorar cada vez mais porque o número de carros está aumentando.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes		4-16

PLPM(B)12

Protesto injustificável	
1	A implantação do novo código de trânsito pode ser uma solução para o alto
2	índice de vítimas de acidentes de trânsito, porém há dúvidas e críticas a alguns
3	aspectos da lei que devem prejudicar a sua aceitação junto aos motoristas e
4	pedestres.
5	O Brasil tem uma das maiores taxas de infração no trânsito em todo o
6	mundo. Essa situação é agravada pela impunidade que reina soberana no país e
7	faz com que o infrator cultive cada vez mais a irresponsabilidade e a desobediência
8	às regras. O novo código apresenta medidas que prometem sanar esse problema,
9	como o aumento significativo das multas, punindo o transgressor onde mais lhe dói:
10	no bolso. Em meio à difícil condição financeira em que nos encontramos, ele não
11	continuará a desafiar a legislação sabendo que o código será penoso.
12	A credibilidade da nova lei é questionada sob os seguintes aspectos:
13	desinformação do povo e má qualidade de fiscalização, porém não há inovação nas
14	regras, mesmo porque são internacionais as leis de trânsito. O que mudou é a
15	seriedade das sanções aplicadas àquele que desrespeita as leis de trânsito. A
16	fiscalização não é boa, mas não justifica a crítica feita ao código, pois pode-se
17	acrescentar eficiência.
18	Essas críticas são elaboradas por gente acomodada que teme um maior
19	progresso no trânsito e que tenta mobilizar-se num protesto injustificável contra a
20	nova lei, mas é preciso entender que ela convida o brasileiro a ingressar num novo
21	patamar de civilização, o que é, no momento, imprescindível para a população do
22	país.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação.	O Brasil tem uma das maiores taxas de infração no trânsito em todo o mundo	5
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Essas críticas são elaboradas por gente acomodada que teme um maior progresso no trânsito	18-19
	Opinião	mas é preciso entender que ela convida o brasileiro a ingressar num novo patamar de civilização, o que é, no momento, imprescindível para a população do país.	20-22
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	A implantação do novo código de trânsito pode ser uma solução para o alto índice de vítimas de acidentes de trânsito,	1-2
	Possibilidade	porém há dúvidas e críticas a alguns aspectos da lei que devem prejudicar a sua aceitação junto aos motoristas e pedestres.	2-4
	Obrigação	é preciso entender que ela convida o brasileiro a ingressar num novo patamar de civilização, o que é, no momento, imprescindível para a população do país.	20-22
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	O Brasil tem uma das maiores taxas de infração no trânsito em todo o mundo.	5
	Evidência	Essa situação é agravada pela impunidade que reina soberana no país e faz com que o infrator cultive cada vez mais a irresponsabilidade e a desobediência às regras.	6-8
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	----	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nos encontramos Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	Em meio à difícil condição financeira em que nos encontramos	10
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	----	---
<b>3. CONECTORES</b>	Porém	A implantação do novo código de trânsito pode ser uma solução para o alto índice de vítimas de acidentes de trânsito, porém há dúvidas e críticas a alguns aspectos da lei que devem prejudicar a sua aceitação junto aos motoristas e pedestres.	1-4
	Mas, pois	A fiscalização não é boa, mas não justifica a crítica feita ao código, pois pode-se acrescentar eficiência.	15-16
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Protesto injustificável	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		

<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A implantação do novo código de trânsito pode ser uma solução para o alto índice de vítimas de acidentes de trânsito, porém há dúvidas e críticas a alguns aspectos da lei que devem prejudicar a sua aceitação junto aos motoristas e pedestres.	1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos		5-17

PLPM(B)13

	Branduras para o acaso
1	Reverenciado com o título de etiqueta sobre rodas está o novo código das leis de
2	trânsito. Nele, as penalidades são inéditas, visto que é cobrado tarifas pesadas por
3	infrações, que são as mesmas já conhecidas anteriormente.
4	Há argumentos para base de discussões variadas partindo da desinformação das
5	penas do código penal à educação como fonte de resultados e não punições.
6	Partindo da informação não totalizada, vemos o primeiro ponto negativo.
7	Considerando as discussões não satisfatórias, apresentamos o segundo. Dado este,
8	pelos famosos debates, interpretados até como dramatizações da imprensa.
9	O ponto realmente aprofundado seria o valor da punição. Se menos, estimularia o
10	desrespeito, se mais acarretaria em graves problemas secundários como a corrupção.
11	Admite-se ainda a real existência ou não da infração.
12	Essas punições, porém seriam educativas? Infelizmente o método dos chicotes e
13	chibatadas resultam maior eficácia no plano do trânsito atual. E onde está o respeito?
14	Resta-nos obtermos condições para fiscalização e até mesmo aplicação dos benefícios
15	decorrentes.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação Saber	as penalidades são inéditas Admite-se ainda a real existência ou não da infração.	2 11
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião.	Infelizmente o método dos chicotes e chibatadas resultam maior eficácia no plano do trânsito atual	12-13
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	O ponto realmente aprofundado seria o valor da punição. Se menos, estimularia o desrespeito, se mais acarretaria em graves problemas secundários como a corrupção	10-11
	Possibilidade	Essas punições, porém seriam educativas?	12
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Nele, as penalidades são inéditas, visto que é cobrado tarifas pesadas por infrações, que são as mesmas já conhecidas anteriormente.	2-3
	Evidência	Admite-se ainda a real existência ou não da infração	11
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Essas punições, porém seriam educativas? E onde está o respeito?	12 13
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Vemos  Apresentamos  Interpretamos Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	Partindo da informação não totalizada, vemos o primeiro ponto negativo  Considerando as discussões não satisfatórias, apresentamos o segundo.  Dado este, pelos famosos debates, interpretados até como dramatizações da imprensa	6  7  8
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Porém e	Essas punições, porém seriam educativas? E onde está o respeito?	12 13
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Branduras para o acaso	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução desenvolvimento conclusão	1º parágrafo 2º, 3º, 4º parágrafos 5º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Reverenciado com o título de etiqueta sobre rodas está o novo código das leis de trânsito. Nele, as penalidades são inéditas, visto que é cobrado tarifas pesadas por infrações, que são as mesmas já conhecidas anteriormente.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes	4-11



PLPM(B)14

Trânsito é educação	
1	O Brasil possui um novo código de trânsito, que não tem agradado a todos os
2	brasileiros. As novas leis tem aspectos positivos e negativos, o que impede de saber
3	se irão dar certo.
4	Uma das controvérsias é que a população não foi devidamente informada, pois
5	o que muda é a punição e não as regras que são internacionais. A elevação do valor
6	pago pelo motorista ao cometer uma infração é tamanha, que não ocasionará somente
7	no poder do condutor (que pensará antes de infringir a lei) mas também favorecerá a
8	corrupção e o suborno dos policiais.
9	O importante é educar o cidadão, porque consciente de seus deveres até a
10	fiscalização torna-se inútil. E o novo código propõe essa mudança na cabeça dos
11	condutores, aumentando o número de aulas e de horas necessárias para obter a
12	habilitação.
13	Normas criadas apenas para expandir o número de multas não alteram e nem
14	apresentam resultados vantajosos no que diz respeito ao trânsito. Esclarecimento,
15	moral e ética sim. A nova legislação por conter ambas características, pode ou não
16	funcionar.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	O Brasil possui um novo código de trânsito, que não tem agradado a todos os brasileiros.	1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião.	Normas criadas apenas para expandir o número de multas não alteram e nem apresentam resultados vantajosos no que diz respeito ao trânsito. Esclarecimento, moral e ética sim. A nova legislação por conter ambas características, pode ou não funcionar.	13-16
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	A nova legislação por conter ambas características, pode ou não funcionar.	15-16
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	O Brasil possui um novo código de trânsito, que não tem agradado a todos os brasileiros.	1-2
	Evidência	As novas leis tem aspectos positivos e negativos, o que impede de saber se irão dar certo.	2-3
	Evidência	O importante é educar o cidadão	9
	Evidência	Normas criadas apenas para expandir o número de multas não alteram e nem apresentam resultados vantajosos no que diz respeito ao trânsito. Esclarecimento, moral e ética sim.	13-15
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	até	O importante é educar o cidadão, porque consciente de seus deveres até a fiscalização torna-se inútil.	9-10
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Trânsito é educação	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média	
		Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo
	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
conclusão		4º parágrafo	
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Brasil possui um novo código de trânsito, que não tem agradado a todos os brasileiros. As novas leis tem aspectos positivos e negativos, o que impede de saber se irão dar certo.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes		2-12

PLPM(B)15

Aulas de trânsito	
1	As novas multas por infração no trânsito levam os motoristas a pensarem
2	muitas vezes antes de cometê-las.
3	O governo pressiona os motoristas através dos valores das punições, muito
4	altas, já que uma reeducação no trânsito não levaria a nada além de um grande
5	descontentamento daqueles que dirigem.
6	Quem realmente está gostando da situação são os guardas corruptos que
7	estorcem os motoristas, exigindo dinheiro, que será usado por eles mesmos, para não
8	aplicarem as multas. Os infratores são controlados pelas multas, mas quem controla a
9	corrupção, os guardas?
10	Talvez, os próprios guardas deveriam ser reeducados num primeiro instante,
11	para depois poderem ser donos de tamanha responsabilidade: a de punir motoristas
12	infratores.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	As novas multas por infração no trânsito levam os motoristas a pensarem muitas vezes antes de cometê-las.	1-2
	Constatação	O governo pressiona os motoristas através dos valores das punições, muito altas,	3
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião.	O governo pressiona os motoristas através dos valores das punições, muito altas, já que uma reeducação no trânsito não levaria a nada além de um grande descontentamento daqueles que dirigem.	3-5
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Talvez, os próprios guardas deveriam ser reeducados num primeiro instante	10
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	As novas multas por infração no trânsito levam os motoristas a pensarem muitas vezes antes de cometê-las.	1-2
	Evidência	O governo pressiona os motoristas através dos valores das punições, muito altas,	3-4
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Os infratores são controlados pelas multas, mas quem controla a corrupção, os guardas?	8-9
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	mas	Os infratores são controlados pelas multas, mas quem controla a corrupção, os guardas?	8-9
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Aulas de trânsito	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4 parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	As novas multas por infração no trânsito levam os motoristas a pensarem muitas vezes antes de cometê-las.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos	3-9

## PLPM(B)16

	Apenas as penalidades são novas
1	Visto como etiqueta sobre rodas, o novo código de trânsito vem causando
2	varias discussões na sociedade e até mesmo manifestações contra ele. Isso está
3	ocorrendo principalmente pelo fato de que a população não foi prévia nem
4	adequadamente informada sobre o novo código de que as multas seriam muito
5	elevadas e de que correria-se o risco de perder a carteira de motorista mais
6	facilmente.
7	Quanto ao aviso ou não da população, é inaceitável que haja discussões
8	sobre isso, visto que as leis não mudaram e nem poderiam, pois são internacionais.
9	Quem conhecia o antigo código sabe que não tem do que reclamar.
10	Já em relação às multas e a perda da licença para dirigir, há muitos que se
11	reclamam, mas isso vale apenas as pessoas que cometem infrações
12	freqüentemente. Quem respeita as leis não tem com o que se preocupar.
13	Pode-se ainda, argumentar se é necessário uma quantia, um valor de multas
14	tão grande. Partindo do princípio que o brasileiro só respeita algo quando o seu
15	bolso corre perigo, é bem aceitável. Infelizmente, enquanto a conscientização não
16	existir concretamente a filosofia será: se não vão por bem, vão por mal.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	saber	Quem conhecia o antigo código sabe que não tem do que reclamar.	9
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Quanto ao aviso ou não da população, é inaceitável que haja discussões sobre isso,	7-8
	Opinião	Partindo do princípio que o brasileiro só respeita algo quando o seu bolso corre perigo, é bem aceitável.	14-15
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	as multas seriam muito elevadas e de que correria-se o risco de perder a carteira de motorista mais facilmente.	4-6
	Possibilidade	Pode-se ainda, argumentar se é necessário uma quantia, um valor de multas tão grande	13-14
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Visto como etiqueta sobre rodas, o novo código de trânsito vem causando varias discussões na sociedade e até mesmo manifestações contra ele	1-2
		Isso está ocorrendo principalmente pelo fato de que a população não foi prévia nem adequadamente informada sobre o novo código de que as multas seriam muito elevadas e de que correria-se o risco de perder a carteira de motorista mais facilmente.	3-6
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	mas	Já em relação às multas e a perda da licença para dirigir, há muitos que se reclamam, mas isso vale apenas as pessoas que cometem infrações freqüentemente.	10-12
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Apenas as penalidades são novas	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Visto como etiqueta sobre rodas, o novo código de trânsito vem causando varias discussões na sociedade e até mesmo manifestações contra ele.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos	2-15

PLPM(B)17

Menos acidentes	
1	No início do ano de 1998 foi implantado no Brasil um novo código de trânsito
2	que foi a causa de muitas discussões.
3	A nova lei de trânsito foi elaborada de modo que muitas regras não foram
4	passadas à população, antes que as novas normas entrassem em vigor, também
5	eram desconhecidas as novas punições.
6	O objetivo da reformulação do código é que com as multas mais pesadas as
7	pessoas respeitem o trânsito. Mas, infelizmente isso estimula a corrupção.
8	De fato, no último ano o índice de mortes no trânsito diminuiu. Antes da nova
9	lei, as vítimas do trânsito no Brasil ultrapassavam o número de americanos mortos na
10	guerra do Vietnã.
11	Conclui-se que devido ao novo código os motoristas parecem estar
12	aprendendo a lição e parecem estar respeitando mais a vida humana.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	No início do ano de 1998 foi implantado no Brasil um novo código de trânsito que foi a causa de muitas discussões.	1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	os motoristas parecem estar aprendendo a lição e parecem estar respeitando mais a vida humana.	11-12
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	No início do ano de 1998 foi implantado no Brasil um novo código de trânsito que foi a causa de muitas discussões.	1-2
	Evidência	De fato, no último ano o índice de mortes no trânsito diminuiu	8
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Mas, infelizmente isso estimula a corrupção	7
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Menos acidentes	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo
	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	No início do ano de 1998 foi implantado no Brasil um novo código de trânsito que foi a causa de muitas discussões.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos	Argumentos fundados na doxologia	3-10

PLPM(B)18

	<b>Mudanças necessárias</b>
1	Por serem elevados os números dos acidentados de carro, é fundamental que
2	mudanças nas leis de trânsito sejam feitas. Muitas vezes a contestação é acirrada, mas
3	isso deve gerar um consenso que venha favorecer os motoristas.
4	O ponto que afeta mais as pessoas é o financeiro, pois com as novas regras, as
5	multas são mais altas e mais rigidamente cobradas.
6	Claro que isso é ruim aos motoristas autuados, mas o que se deve ter em mente
7	é que a prudência no trânsito é indispensável na educação da população. A partir do
8	momento que as pessoas se conscientizem que quanto mais seguro for dirigir nas
9	estradas melhor, automaticamente o número de pessoas infringidas pelo novo código
10	diminui.
11	Concluindo, é preciso zelar pelas nossas vidas, principalmente, quando estamos
12	no volante. Em decorrência desse cuidado, estamos zelando também pela vida dos
13	outros que circulam no mesmo espaço.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigação	é fundamental que mudanças nas leis de trânsito sejam feitas	1-2
	Obrigação	Muitas vezes a contestação é acirrada, mas isso deve gerar um consenso que venha favorecer os motoristas.	2-3
	Obrigação	mas o que se deve ter em mente é que a prudência no trânsito é indispensável na educação da população é preciso zelar pelas nossas vidas, principalmente, quando	6-7
	Obrigação	estamos no volante.	11-12
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	Por serem elevados os números dos acidentados de carro, é fundamental que mudanças nas leis de trânsito sejam feitas	1-2
	Evidência	O ponto que afeta mais as pessoas é o financeiro, pois com as novas regras, as multas são mais altas e mais rigidamente cobradas.	4-5
	Evidência	Claro que isso é ruim aos motoristas autuados	6
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nossas Estamos Estamos Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	é preciso zelar pelas nossas vidas, principalmente, quando estamos no volante. Em decorrência desse cuidado, estamos zelando também pela vida dos outros que circulam no mesmo espaço.	11-13
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Muitas vezes a contestação é acirrada, mas isso deve gerar um consenso que venha favorecer os motoristas.	2-3
	mas	Claro que isso é ruim aos motoristas autuados, mas o que se deve ter em mente é que a prudência no trânsito	6-7
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Mudanças necessárias	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média	
		Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo
	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
conclusão		4º parágrafo	
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Por serem elevados os números dos acidentados de carro, é fundamental que mudanças nas leis de trânsito sejam feitas	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos		4-10

PLPM(B)19

	Lei da selva
1	A implantação do novo código de trânsito causou uma enorme polêmica entre a
2	população que argumentou dizendo que as multas são pesadas e irreais para o padrão
3	de vida que se leva atualmente. Disso não podemos discordar, afinal quinhentos reais
4	para quem ultrapassar o limite de velocidade máxima permitida não é nenhuma merreca,
5	mas para impedir que indivíduos que se acham num carro de fórmula-um de cometerem
6	acidentes graves, essa é a maneira plausível, não a ideal talvez seja utópica.
7	O problema da violência no trânsito é o reflexo da atual sociedade, sem saúde,
8	alimentação e principalmente educação. Liquidar esse problema implica resolver todos
9	os outros, fazendo com que pessoas adquiram mais respeito por si mesmas e pelas
10	outras, o que levaria anos, talvez décadas, séculos e muita boa vontade das autoridades
11	que preferem arrastar essas questões fingindo chegar a uma solução definitiva para tal
12	problema, sem acabar de vez com esse ciclo em que estamos todos envolvidos.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados		linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	O problema da violência no trânsito é o reflexo da atual sociedade, sem saúde, alimentação e principalmente educação.		7-8
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---		---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	o que levaria anos, talvez décadas, séculos e muita boa vontade das autoridades		10-11
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	A implantação do novo código de trânsito causou uma enorme polêmica entre a população		1-2
	Evidência	O problema da violência no trânsito é o reflexo da atual sociedade, sem saúde, alimentação e principalmente educação		7-8
	Evidência	Liquidar esse problema implica resolver todos os outros		9
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---		---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos estamos	Disso não podemos discordar		3
		sem acabar de vez com esse ciclo em que estamos todos envolvidos		12
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---		---
<b>3. CONECTORES</b>	---	---		---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----		-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Lei da selva		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º parágrafo	
		conclusão	2º parágrafo	
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A implantação do novo código de trânsito causou uma enorme polêmica entre a população que argumentou dizendo que as multas são pesadas e irreais para o padrão de vida que se leva atualmente		1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos		1-12	

PLPM(B)20

	Educação e respeito
1	O novo código de trânsito trouxe muitas mudanças e com elas muitos
2	problemas.
3	A transição para essas novas leis foi num período muito curto e a população
4	não foi bem informada. Os meios de comunicação deveriam ter debatido mais sobre
5	esse assunto, visto que as multas são altas e com isso aumentam a corrupção dos
6	guardas.
7	Tal medida tomada pelos políticos foi correta, pois é a única maneira de haver
8	respeito às leis de trânsito.
9	O código implantado foi a solução para educar e ao mesmo tempo fazer com
10	que os antigos infratores respeitem as leis de trânsito.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	O novo código de trânsito trouxe muitas mudanças e com elas muitos problemas.	1
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Tal medida tomada pelos políticos foi correta, pois é a única maneira de haver respeito às leis de trânsito.	5-6
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Os meios de comunicação deveriam ter debatido mais sobre esse assunto	3
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	O novo código de trânsito trouxe muitas mudanças e com elas muitos problemas.	1-2
	Evidência	Tal medida tomada pelos políticos foi correta, pois é a única maneira de haver respeito às leis de trânsito.	7-8
	Evidência	O código implantado foi a solução para educar e ao mesmo tempo fazer com que os antigos infratores respeitem as leis de trânsito.	9-10
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	---	---	---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Educação e respeito	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	O novo código de trânsito trouxe muitas mudanças e com elas muitos problemas.	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos		1-6

**ANEXO II**

***CORPUS***

**FRANCÊS LICEU PASTEUR MAYRINCK**

**(FLPM)**



## 1ª Amostra

Tema: 'Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
--

Data: 1999
------------

FLPM(A)1

	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
1	Dans la médecine, l'avortement est une de les problèmes qui n'avait pas des
2	solutions encore, nous avons beaucoup de personnes qui sont contre, mais pendant ça
3	il y a d'autres qui sont pour.
4	L'une des grandes forces qui est contre est l'église, elle parle qui on ne peut pas
5	interrompre le process de la vie, et nous avons aussi de personnes qui sont d'accord
6	avec l'église.
7	Mais nous avons des personnes qui parlent que l'avortement en beaucoup de fois
8	est une nécessité, comme, par exemple, quand une femme est viole, ou elle n'as pas
9	des conditions pour créer une enfant.
10	Em résumé, l'abortement c'est comme tout les choses sont, quelques un sont
11	pour, autres sont contre, et on jamais aura un complete accord avec ça.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha	
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	l'avortement est une de les problèmes qui n'avait pas des solutions encore	1	
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	l'abortement c'est comme tout les choses sont, quelques un sont pour, autres sont contre, et on jamais aura un complete accord avec ça.	7-8	
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Mais nous avons des personnes qui parlent que l'avortement en beaucoup de fois est une nessité	2	
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	l'avortement est une de les problèmes qui n'avait pas des solutions encore	1	
	Evidência	l'abortement c'est comme tout les choses sont quelques un sont pour, autres sont contre, et on jamais aura un complete accord avec ça.	10-12	
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	Titulo	
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous avons	nous avons beaucoup de personnes qui sont contre nous avons aussi de personnes qui sont d'accord avec l'église	1 - 2 4	
		nous avons des personnes qui parlent que l'avortement en beaucoup de foiss est une nessité	5	
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	-----	---	
<b>3. CONECTORES</b>	Mais, mais	mais pendant ça il y a d'autres qui sont pour Mais nous avons des personnes qui parlent que l'avortement en beaucoup de fois est une nessité	2 5	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----	
<b>4.1 Titulo</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	---	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	curtos		
		Compostos de um único período		
	Estrutura:	introdução		1º parágrafo
		desenvolvimento		2º e 3º parágrafos
conclusão	4º parágrafo			
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Dans la médecine, l'avortement est une de les problèmes qui n'avait pas des solutions encore	1	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes		1-8	

FLPM (A)2

	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
1	L'avortement est un problèmes qui cause une grande discussion dans le monde.
2	Comment peut-on tué un petit être vivian? Mais peut on le considéré un petit être viviant?
3	Personne le sait bien encore, il y a des pour et des contre.
4	On n'a pas le droit de tué qulque'un meme s'il n'est pas entre nous encore.
5	L'avortement a beaucoup de danger, la femme par exemple peut resté extéril et avoir
6	beaucoup de complications dans le future.
7	Mais, si la mère de ce petite enfant n'a pas les moins de s'ocupé de lui? Et si ce
8	petit bébé n'est pás encore un être viviant. Et aussi il y a les cas especial, par exemple,
9	une femme violenté.
10	Il n'y a pas encore une reponse exact pour cette question, mais moi, je suis pour
11	l'avortement.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	L'avortement est un problèmes qui cause une grande discussion dans le monde	1
	Saber/ignorância	Il n'y a pas encore une reponse exact pour cette question, Personne le sait bien encore, il y a des pour et des contre.	10 3
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	mais moi, je suis pour l'avortement.	10-11
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	la femme par exemple peut resté extéril	5
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	L'avortement est un problèmes qui cause une grande discussion dans le monde	1
	Evidência	On n'a pas le droit de tué qulque'un meme s'il n'est pas entre nous encore	4
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ? Comment peut-on tué un petit être vivian? Mais peut on le considéré un petit être viviant?	Titulo 2
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	entre nous encore Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	meme s'il n'est pas entre nous encore	4
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	mais moi, je suis	mais moi, je suis pour l'avortement	10-11
<b>3. CONECTORES</b>	Mais, Et, aussi	Mais, si la mère de ce petite enfant n'a pas les moins de s'ocupé de lui? Et aussi il y a les cas especial, par exemple, une femme violenté.	7 8-9
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	curtos Compostos por períodos únicos ou associados à perguntas retóricas	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement est un problèmes qui cause une grande discussion dans le monde.	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes		2-11

FLPM (A)3

	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
1	Introduction: Nous pensont que l'avortement est une de plus invasive et plus
2	important du prodédure medical. Parce que on choisi si une personne netrait.
3	Argument pour: Si l'enfant n'est pas planifie, nous pensont que l'avortement
4	est la meiller soluciont. Principalment si elle ne vait pas recevoir l'attention nécessaire.
5	Argument contre: L'avortement est un procedure medical très invasive. Si on
6	fait une enfant on doit assume elle.
7	Conclusion: L'avortement est une discussion très personel et si la persone
8	veut elle fair, mais a de consequence.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	----	
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião Opinião	Nous pensont que l'avortement est une de plus invasive et plus important du prodédure medical. Si l'enfant n'est pas planifie, nous pensont que l'avortement c'est la meiller soluciont.	1-2 3
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçào	on doit assume elle	7
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	l'avortement est une de plus invasive et plus important du prodédure medica	1-2
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	título
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous pensont Nous pensont Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Nous pensont que l'avortement est une de plus invasive et plus important du prodédure medical	1-2
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	----	----	
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que Si mais	Parce qu'on choisi si une personne netrait Si l'enfant n'est pas planifie mais a de consequence.	2 3 8
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos parágrafos	curtos Compostos por períodos únicos	
	Estrutra	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º parágrafo 3º parágrafo
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	l'avortement est une de plus invasive et plus important du prodédure medical	l. 1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos	1-8

## FLPM (A)4

	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
1	L'avortement est bon pour certains et mauvais pour autres, mais tout le monde il y a le
2	direct de vivre.
3	C'est bon pour ceux-là qui allaient avoir un enfant très jeune. Si les adolescents ont
4	des enfants très tôt ils ne pourront pas vivre leurs vies. Beaucoup "of them" auront de
5	s'occupé de ses enfants.
6	C'est mauvais pour certains qui sont obligés à avorter à cause de ses parents, ou pour
7	n'avoir pas condition de s'occuper des ses enfants.
8	Conclusion l'avortement est bon et mauvais mais dépend de que la personne est.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	le monde il y a le direct de vivre.	1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	----	----	
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigação	Beaucoup "of them" auront de s'occupé de ses enfants.	3-4
	Obrigação	pour certains qui sont obligés à avorter à cause de ses parents, ou pour n'avoir pas condition de s'occuper des ses enfants.	6-7
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	tout le monde il y a le direct de vivre.	2
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	Titulo
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	----	
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	----	----	
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	mais tout le monde il y a le direct de vivre.	2
	Si	Si les adolescents ont des enfants très tôt ils ne pourront pas vivre leurs vies.	3-4
	mais	l'avortement est bon et mauvais mais dépend de que la personne est	8
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Titulo</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos parágrafos	curtos Compostos por períodos únicos	
	Estrutura	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º parágrafo
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement est bon pour certains et mauvais pour autres, mais tout le monde il y a le direct de vivre.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos pelo afeto Argumentos fundados na doxologia		1-7

## FLPM (A)5

	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
1	L'avortement est un sujet plus polemique dans la medecin. L'avortement est
2	normal et utile, mais pour la Église est horrible porquoi c'est contre loi Divin.
3	Par exemple, beaucoup de jeunes tombé enceinte avant 18 ans et l'avortement
4	dans cette cas c'est bon et aussi dans las victimas de violée, mais dans le cas qui ne
5	avais pas une raison important je suis contre.
6	Mais l'avortement devrais c'est legal porquoi c'est une choix de la femme, et
7	avait enfants passent moins nécessité, pourquoi beaucoup de les cas la femme ne
8	avais pas des condicions de soutenir.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha	
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---		
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	dans le cas qui ne avais pas une raison important je suis contre.	4-5	
<b>1.3 Motivação</b>	possibilidade	l'avortement devrais c'est legal	6	
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência Evidência	L'avortement est un sujet plus polemique dans la medecin L'avortement est normal et utile	1 2-3	
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	título	
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	----		
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je	je suis contre	5	
<b>3. CONECTORES</b>	Mais mais	mais pour la Église est horrible porquoi c'est contre loi Divin. Par exemple, beaucoup de jeunes tombé enceinte avant 18 ans et l'avortement dans cette cas c'est bon et aussi dans las victimas de violée, mais dans le cas qui ne avais pas une raison important je suis contre.	2 3-5	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----	
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos parágrafos	curtos Compostos por períodos únicos		
	Estrutura	introdução		1º parágrafo
		desenvolvimento		2º parágrafo 3º parágrafo
		conclusão		2º parágrafo 3º parágrafo
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement est un sujet plus polemique dans la medecin. L'avortement est normal et utile	1-2	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: Exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-7	

## FLPM (A)6

	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
1	L'avortement est un topic beaucoup discute aujourd'hui. Parce qu'il y a facteurs
2	pour y contre.
3	Je pense qui ça dépend du cas. Par exemple se la femme a 15 ans et est tombe
4	enceinte du amoureux elle ne devre pas avorter cette enfant. Parce que ce la
5	consequence de qu'elle a fait et l'enfant n'a rien avoir avec ça. Dans cette cas je suis
6	contre.
7	Mais se la femme a été abuse sexuellment elle peut avorter. Parce que ce ça un
8	terrible fat. Alors je suis pour l'avortement dans cette cas. Mais en les deux facteurs la
9	femme a que obtenir assurance et beaucoup du précaution avant de faire quelque chose
10	parce que c'est un sujet beaucoup délicat.
11	Et je pense qui l'avortement peut être prohibité seulement em cas 2.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	L'avortement est un topic beaucoup discute aujourd'hui. Parce qu'il y a facteurs pour y contre.	1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Je pense qui ça dépend du cas Et je pense qui l'avortement peut être prohibité seulement em cas 2.	3 11
<b>1.3 Motivação</b>	possibilidade	l'avortement peut être prohibité elle peut avorter	11 7
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	L'avortement est un topic beaucoup discute aujourd'hui	1
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	Titulo
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	---	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je Je Je Je	Je pense qui ça dépend du cas. Dans cette cās je suis contre. Alors je suis pour l'avortement dans cette cas. Et je pense qui l'avortement peut être ne prohibité seulement em cas 2.	3 5-6 8 11
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que Parce que Mais Alors Mais Parce que	Parce qu'il y a facteurs pour y contre. Parce que ce la consequence de qu'elle a fait Mais se la femme a été abuse sexuellment Alors je suis pour l'avortement dans cette cas. Mais en les deux facteurs la femme a que obtenir assurance et beaucoup du précaution avant de faire quelque chose parce que c'est un sujet beaucoup délicat.	1-2 4-5 7 8-10
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Titulo</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos parágrafos	curtos Compostos por períodos únicos	
	Estrutura	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º parágrafo 3º parágrafo
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explicita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement est un topic beaucoup discute aujourd'hui	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: Exemplo Argumentos pelo afeto		1-6

## FLPM (A)7

L'avortement	
1	L'avortement est un theme polémique. Beaucoup de personnes sont pour
2	l'avortement: les petites filles mineur, les femmes qui ne veux pas tenir plus de un
3	enfant etc. Des personnes qui sont contre: les médecins, les gens âgé, et plusieurs
4	d'autres personnes.
5	Je suis contre l'avortement, parce qu'il est très dangereux peut porter prejudice
6	pour la femme et ne c'est pas nécessaire, parce que aujourd'hui il y a beaucoup de
7	chose pour eviter la grossesse.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados		linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	aujourd'hui il y a beaucoup de chose pour eviter la grossesse		7
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Je suis contre l'avortement		5
<b>1.3 Motivação</b>	Querer possibilidade	les femmes qui ne veux pas tenir plus de un enfant qu'il est très dangereux peut porter prejudice pour la femme		3-4 5-6
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	L'avortement est un theme polémique		1
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---		---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	-----		---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je suis	Je suis contre l'avortement		5
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que	parce que aujourd'hui il y a beaucoup de chose pour eviter la grossesse.		6-7
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----		-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	L'avortement		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos parágrafos	curtos		
		Compostos por períodos únicos		
		introdução	1º parágrafo	
	Estrutura	desenvolvimento	2º e 3º parágrafos	
conclusão		4º parágrafo		
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement est un theme polémique.		1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes		Argumentos fundados na doxologia	1-7



FLPM (A)8

	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
1	Sur l'avortement je pense que depend du cas. C'est un sujet complexe. Moi, je
2	suis contre en la majorité des cas et je suis pour seulement si la femme est abusif
3	sexualment si non elle a que payer pour les conséquences de ce qu'elle a faire.
4	En notre pays le avortement est proibité, mais grand part de la population de
5	femme pratique le avortement plusieurs reprises elles faitent à cause de homme que
6	plus obrigue la enceinte avorter, mais a femmes que vont contre son homme et decide
7	aller garder de son enfant solement. Aussi il y a des cas que propre femme pretende
8	avorter le enfant et le homme peut être contre la femme et vouloir le enfant pour lui.
9	

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de saber</b>	Constatação	En notre pays le avortement est proibité	4
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Sur l'avortement je pense que depend du cas	1
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	il y a des cas que propre femme pretende avorter le enfant	8
	Possibilidade	le homme peut être contre la femme vouloir le enfant pour lui.	8-9
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	Sur l'avortement je pense que depend du cas. C'est un sujet complexe	1
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	título
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Notre	En notre pays le avortement est proibité	4
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Moi, je	Sur l'avortement je pense que depend du cas. C'est un sujet complexe. Moi, je suis contre en la maiorité des cas je suis pour seulement si la femme est abusif	1-3
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	mais grand part de la population de femme pratique le avortement	5
	mais	mais a femmes que vont contre son homme et decide aller garder de son enfant solement.	6-7
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	1º e 2º parágrafos
		conclusão	2º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Sur l'avortement je pense que depend du cas. C'est un sujet complexe	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-9

FLPM (A)9

L'avortement	
1	L'avortement ne pas toujours est accpeté en tout les pays. L'église est l'un des
2	facteurs qui est contre l'avortement. Cette thème est complique parce que concerne
3	beaucoup des facteurs qui nous devons tenir en compte. Je suis contre l'avortement
4	parce que je pense qui n'est pas correct "tuer" un feto qui est presque un enfant.
5	Mais quand une personne (une femme) a été violée je pense que elle a le droit
6	de faire l'avortement. En outr cas, l'avortement doit être interdit. La soluccion est se
7	prevenir.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha	
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	L'église est l'un des facteurs qui est contre l'avortement	1-2	
<b>1.2 Avaliação</b>	Apreciação	Cette thème est complique	2	
	Opinião	je pense qui n'est pas correct "tuer" un feto	4	
<b>1.3 Motivação</b>	Opinião	quand une personne (une femme) a été violée je pense	5-6	
	Obrigação	que elle a le droit de faire l'avortement		
<b>1.4 Asserções</b>	Possibilidade	nous devons tenir en compte	3	
	Obrigação	je pense qui n'est pas correct "tuer" un feto qui est	4	
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	Evidência	presque un enfant	5-6	
	Evidência	l'avortement doit être interdit		
	Evidência	L'avortement ne pas toujours est accpeté en tout les	1	
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	-----	-----	-----	
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous devons	nous devons tenir en compte	3	
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je suis	Je suis contre l'avortement	3	
	Je pense	je pense qui n'est pas correct "tuer" un feto qui est	4	
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que	presque un enfant		
	mais	Je suis contre l'avortement parce que je pense qui n'est	3-4	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----	
	Relation indirecte com o tema	L'avortement		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média		
	Estrutura:	Compostos por mais de um período		
		introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	1º parágrafo	
conclusão	2º parágrafo			
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita	L'avortement ne pas toujours est accpeté en tout les	1	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Estrutura do real = auditório universal	pays		
	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: divisão do todo em partes	Argumentos fundados na doxologia	1-7	
	Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo			

## FLPM (A)10

Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
1	Penser sur l'avortement est une chose qui doit être faire avec beaucoup de soin.
2	Il y a des personnes pour et contre ça. Ça ne depend pas seulement des opinions des
3	personnes, mais aussi, du cas ou il y a l'option de faire ou non un avortement.
4	Si, par exemple, une femme a été viole et, malheureusement, est tombé enceinte,
5	l'avortement peut être acceptable. Mais ao contraire, si la femme est tombé enceinte à
6	cause de l'absence de prévention pendant la relation sexuel, la femme doit assumer
7	l'enfant.
8	Il y a des cas aussi, ou l'intention des couple était d'avoir un enfant et, pendant
9	la gestation, le couple ne voulait plus avoir un enfant. Et alors? Qu'est-ce doit être faire?
10	L'avortement, sûrement, non! L'inconscient et l'indécision des personnes jamais pourra
11	causer la retraite de vie d'un être vivant innocent. L'avortement peut être acceptable
12	aussi si l'enfant netra mort ou mourir peu temps après sa naissance.
13	Alors, on doit penser beaucoup sur ça, parce que c'est la vie d'une personne
14	innocent qui est en risque.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Il y a des personnes pour et contre ça	2
<b>1.2 Avaliação</b>	Apreciação	Si, par exemple, une femme a été viole et, malheureusement, est tombé enceinte,	4
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade Obrigaçào Obrigaçào	L'avortement peut être acceptable la femme doit assumer l'enfant. Alors, on doit penser beaucoup sur ça, parce que c'est la vie d'une personne innocent qui est en risque.	5 e 12 7 13-14
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Penser sur l'avortement est une chose qui doit être faire avec beaucoup de soin.	1
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ? Et alors? Qu'est-ce doit être faire?	Título 9
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural		
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais  Mais, au contraire  Alors, parce que	mais aussi, du cas ou il y a l'option de faire ou non un avortement  Mais ao contraire, si la femme est tombé enceinte Alors, on doit penser beaucoup sur ça, parce que c'est la vie d'une personne innocent qui est en risque.	3  5 13-14
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Penser sur l'avortement est une chose qui doit être faire avec beaucoup de soin.	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo		1-12

## FLPM (A)11

	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
1	L'avortement est un sujet plus discute aujourd'hui. L'église est contre ça à cause
2	de motifs religieux. Beaucoup des personnes la critique à cause de sa opinion, parce que,
3	pourquoi avoir un bébé sans vie dans sa ventre.
4	C'est un argument pour l'avortement: pourquoi continuer la gestation se tu sais que
5	le bébé sera mort quand il est né? Un outre argument est que l'avortement peut causer
6	problèmes de santé à la mère.
7	Mais un bébé doit être planifié, parce qu'il rapporte beacoup de responsabilité.
8	Vous devez être consciente de les conséquences avant concevoir.
9	Donc user les contraceptifs est une option pour éviter ça, mais se vous concevoir
10	et son bébé est mort avant né, l'avortement est la meiller option.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	--
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	l'avortement peut causer problèmes de santé à la mère. un bébé doit être planifié	5-6
	Obrigaçào Obrigaçào	Vous devez être consciente de les conséquences avant concevoir.	7 8
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência Evidência	L'avortement est un sujet plus discute aujourd'hui un bébé doit être planifié	1 7
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ? pourquoi continuer la gestation se tu sais que le bébé sera mort quand il est né?	Título 4-5
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Tu sais  Vous devez  User, se vous concevoir, son Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	pourquoi continuer la gestation se tu sais que le bébé sera mort quand il est né? Vous devez être consciente de les conséquences avant concevoir. user les contraceptifs est une option pour éviter ça, mais se vous concevoir et son bébé est mort avant né, l'avortement est la meiller option.	4-5  8  9-10
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	----	----	
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que  Mais, parce que  donc	Beaucoup des personnes la critique à cause de sa opinion, parce que, pourquoi avoir un bébé sans vie dans sa ventre. Mais un bébé doit être planifié parce qu'il rapporte beacoup de responsabilité Donc user les contraceptifs est une option	2-3  7  9
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement est un sujet plus discute aujourd'hui.	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo		1-10

FLPM (A)12

Avortement : un affaire de femme	
1	Interruption de la grossesse avant la 28ème semaine. Cette phrase est la
2	définition d'un de los points plus polémiques de la société actuel: l'avortement.
3	La moyenne d'avortements donnés en tout le monde profite et si déroule en
4	majeure partie dans les jeunes entre 15 et 18 ans.
5	Il y a plusieurs types d'avortements comme l'avortement volontaire, qui sont
6	donnés pour décision de la géniteure par diverses méthodes. L'interruption de processe
7	est quand le croissance du feto est affectée pour médicaments illégales.
8	La legalization de l'avortement est très discutable, mais quand se traite de
9	violence sexuel, il est agréé.
10	Il est probable qui beaucoup d'avortements sont conséquences de une
11	grossesse indésirable pour défectuosité de les médicaments contraceptives ou pour une
12	mauvaise planification familier. Sans conditions de crée un bébé, l'unique solution pour la
13	mère est le terme de la grossesse avant que le feto être capable de survivre dehors
14	l'utérus.
15	En général, l'avortement est encore très malvu sous l'angle de médecins,
16	politiques et religieuses, mais est très utiliséee actuellement.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	La legalization de l'avortement est très discutable	8
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	La moyenne d'avortements donnés en tout le monde profite et si déroule en majeure partie dans les jeunes entre 15 et 18 ans.	3-4
	Evidência	Il y a plusieurs types d'avortements comme l'avortement volontaire	5
	Evidência	La legalization de l'avortement est très discutable, mais quand se traite de violence sexuel, il est agréé.	8-9
	Probabilidade	Il est probable qui beaucoup d'avortements sont conséquences de une grossesse indésirable pour défectuosité de les médicaments contraceptives ou pour une mauvaise planification familier.	10-11
	Evidência	l'avortement est encore très malvu sous l'angle de médecins, politiques et religieuses, mais est très utiliséee actuellement.	14-15
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.		
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	La legalization de l'avortement est très discutable, mais quand se traite de violence sexuel, il est agréé.	8-9
	mais	En général, l'avortement est encore très malvu sous l'angle de médecins, politiques et religieuses, mais est très utiliséee actuellement.	14-15
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Avortement : un affaire de femme	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Interruption de la grossesse avant la 28ème semaine. Cette phrase est la définition d'un de los points plus polémiques de la société actuel: l'avortement.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto		1-13

## FLPM (A)13

	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
1	Avez-vous déjà passé par un avortement? Avez-vous et vos copains ou copine
2	déjà passé par une situation de surprise après "la nuit"? Saurez-vous que faire dans ce
3	cas? mais... qu'est un avortement ?
4	L'avortement, suivant, le dictionnaire, c'est "expulser l'embryon en
5	développement". Alors que ce definition est correct, l'action d'avorter englobe plusieurs
6	facteurs, comme la vie social, l'ambiance, l'état d'émotion, etc...
7	Par ailleurs, le principal de ce sujet c'est la prevention de la grossesse. Les
8	jeunes d'aujourd'hui ont l'obligation de savoir faire le sexe sur.
9	Donc, si vous ne voulez pas recourir à ce mesure extreme, pensez bien anvat
10	faire quelconque bêtise.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Les jeunes d'aujourd'hui ont l'obligation de savoir faire le sexe sur.	8
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	si vous ne voulez pas recourir à ce mesure extreme, pensez bien anvat faire quelconque bêtise.	9
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	le principal de ce sujet c'est la prevention de la grossesse	7
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Avez-vous déjà passé par un avortement? Avez-vous et vos copains ou copine déjà passé par une situation de surprise après "la nuit"? Saurez-vous que faire dans ce cas? mais... qu'est un avortement ?	1-3
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Avez-vous Saurez-vous Vous voulez, pensez Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	Avez-vous déjà passé par un avortement? Saurez-vous que faire dans ce cas? vous ne voulez pas recourir à ce mesure extreme , pensez bien	1 3 9
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais Donc, si	mais... qu'est un avortement Donc, si vous ne voulez pas recourir à ce mesure extreme	3 9
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	l'action d'avorter englobe plusieurs facteurs, comme la vie social, l'ambiance, l'état d'émotion,	5-6
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumento pragmático Argumentos fundados na doxologia	1-10

## FLPM (A)14

Avortement : un affaire de femme	
1	L'avortement: la interruption de la grossesse, est une chose normal toujours.
2	Millions des femmes appel à cette alternance à chaque heure dans tout le monde.
3	Cette mesure avais les aspects pour et contre. Par exemple, quand une
4	femme est victime d'un abus sexuelle, l'avortement peut être conseillé, meme quand il
5	n'est pas encore legal. Les femmes ont autre motifs pour avorter comme la
6	irrésponsabilité d'une adolescent, une mauvaise planification familiale, la situation
7	économique de le couple, etc.
8	Il y a beaucoup de moyens pour avorter une enfat. Les méthodes
9	contraceptives sont les plus ordinaire. Les opérations, la nouvelle pilule du jour
10	prochain sont d'autres methods illégales, mais très efficients et utilisées.
11	Les consequences d'avortement peut être mauvaise. La femme peut être
12	lesée irréversiblement et jusqu'a temir l'enfant prejudiciée dans une future grossesse.
13	Dans mon opinion, l'avortement est une alternative valide et peut être legal. Je
14	pense que est un assassinat, mais il est aussi juste penser que la femme a le droit de
15	choisir si elle veut ou non avoir l'enfant.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Il y a beaucoup de moyens pour avorter une enfat. Les méthodes contraceptives sont les plus ordinaire	8
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Dans mon opinion, l'avortement est une alternative valide et peut être legal. Je pense que est un assassinat, mais il est aussi juste penser que la femme a le droit de choisir si elle veut ou non avoir l'enfant.	13-15
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	l'avortement peut être conseillé	4
	Possibilidade	Les consequences d'avortement peut être mauvaise. La femme peut être lesée irréversiblement	12-13
<b>1.4 Asserções</b>	Possibilidade	l'avortement est une alternative valide et peut être legal	13
	Evidência	Millions des femmes appel à cette alternance à chaque heure dans tout le monde	2
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	Evidência	l'avortement est une alternative valide et peut être legal	13
	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Mon opinion, Je pense	Dans mon opinion, l'avortement est une alternative valide et peutêtre legal. Je pense que est un assassinat, mais il est aussi juste penser que la femme a le droit de choisir si elle veut ou non avoir l'enfant.	13-15
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Les opérations, la nouvelle pilule du jour prochain sont d'autres methods illégales, mais très efficients et utilisées.	9-10
	mais	mais il est aussi juste penser que la femme	14
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Avortement : un affaire de femme	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º e 2º parágrafos
		desenvolvimento	3º e 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement: la interruption de la grossesse, est une chose normal toujours. Millions des femmes appel à cette alternance à chaque heure dans tout le monde.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos		1-14

FLPM (A)15

Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
1	L'avortement, selon le dictionnaire, est une interruption spontanée ou provoquée
2	de la grossesse avant que le fœtus ne soit vif.
3	Il y a plusieurs facteurs qui interviennent dans la difficile décision d'opter pour
4	l'avortement volontaire. La violence sexuelle, par exemple, est l'un des principaux
5	facteurs en considérant que parfois la fillette ou la femme qui a été victime entre dans un
6	profond état de choc; il y a aussi le mauvais fonctionnement des médicaments
7	contraceptives que parfois apportent une grossesse pas prévu dans la planification
8	volontaire.
9	Pendant que l'avortement involontaire est provoqué par un maladie du fœtus;
10	dans ces cas l'interruption de grossesse est la manière la plus indiquée pour prévenir une
11	maladie encore plus compliqué dans la naissance du bébé.
12	L'avortement est actuellement un grand problème de la société et avec lui
13	beaucoup de questions se posent: "Est-ce juste d'enlever la vie d'un bébé seulement
14	parce que la famille est dans une mauvaise situation économique?" "Est-ce juste
15	d'enlever la vie d'un bébé à cause de la irresponsabilité de ses parents ?" ou encore,
16	"Est-ce juste qu'une gamine apport la responsabilité de la création d'un enfant, parce que
	elle a souffert une violence sexuelle?

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	il y a aussi le mauvais fonctionnement des médicaments contraceptives	6
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	il y a aussi le mauvais fonctionnement des médicaments contraceptives que parfois apportent une grossesse pas prévu dans la planification volontaire.	6-8
<b>1.4 Aserções</b>	Probabilidade	Il y a plusieurs facteurs qui interviennent dans la difficile décision d'opter pour l'avortement volontaire.	3-4
	Evidência	L'avortement est actuellement un grand problème de la société et avec lui beaucoup de questions se posent	13
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	"Est-ce juste d'enlever la vie d'un bébé seulement parce que la famille est dans une mauvaise situation économique?" "Est-ce juste d'enlever la vie d'un bébé à cause de la irresponsabilité de ses parents ?" ou encore, "Est-ce juste qu'une gamine apport la responsabilité de la création d'un enfant, parce que elle a souffert une violence sexuelle?"	12-15
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que	parce que elle a souffert une violence sexuelle	15
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement, selon le dictionnaire, c'est une interruption spontanée ou provoquée de la grossesse avant que le fœtus ne soit vif. Il y a plusieurs facteurs qui interviennent dans la difficile décision d'opter pour l'avortement volontaire.	1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo		1-12



FLPM (A)16

	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
1	L'avortement se déroule quand une femme engrasse et elle va à décider
2	si elle va rester avec le babye ou va à faire une interruption volontaire de
3	grossesse, qui est l'avortement. Cette décision peut être positive ou négative.
4	Elle est positive en cas de stupre et risque de vie pour la mère, comme
5	est inclus dans le législateur. Aussi si la mère n'avait pas condition de créer
6	l'enfat.
7	Elle est négative. Parce que si les personnes ne se prévenent pas avec
8	un médicament contraceptif ou pretendre précaution elles vont faire plusieurs
9	avortements sans si importer avec l'avie d'autre.
10	Ce dépendre parce que il y a deux côtes: si ne va pas à préjudiquer la
11	femme il est bon, si ne va préjudiquer pas et est seul une volonté, l'avortement va
12	a se faire un crime.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
1.1 Modo de Saber	---	---	---
1.2 Avaliação	---	---	---
1.3 Motivação	Possibilidade Possibilidade	Cette décision peut être positive ou négative. si ne va pas à préjudiquer la femme il est bon, si ne va préjudiquer pas et est seul une volonté, l'avortement va a se faire un crime.	3 10-12
1.4 Asserções	Evidência	L'avortement se déroule quand une femme engrasse et elle va à décider si elle va rester avec le babye ou va à faire une interruption volontaire de grossesse, qui est l'avortement	1-3
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
2.1 Constr. interrogativas	---	---	---
2.2 Constr. impessoais	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.		
2.3 Constr. pessoais	---	---	---
3. CONECTORES	Parce que Parce que	Elle est négative. Parce que si les personnes ne se prévenent pas avec un médicament contraceptif ou pretendre précaution elles vont faire plusieurs avortements sans si importer avec l'avie d'autre. Ce dépendre parce que il y a deux cotes	6-8 9
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
4.1 Título	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
4.2 Paragrafação e Progressão temática	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
4.3 Exposição da Tese	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement se déroule quand une femme engrasse et elle va à décider si elle va rester avec le babye ou va à faire une interruption volontaire de grossesse, qui est l'avortement. Cette décision peut être positive ou négative.	1-3
4.4 Tipos de argumentos	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto		1-12

## FLPM (A)17

	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?
1	L'avortement est la interruption de une grossesse geralmente non desejeée. Il y a
2	deux types d'avortement: quand la femme voulais le fils et souffre lui et quand il est le
3	choisie de la mère.
4	Dans le deuxième cas, que est prohibide pour la réligion et pour les lois, l'enfant
5	souffre beaucoup avant de mourir. Mais quelques fois, ça c'est le meilleur à faire. Et
6	quand l'avortement est recommandé? Quand l'enfant a quelqu'un problème qui prends
7	lui à la mort ou quand la grossesse est fruit d'estupre. Même dans le dernière, il a
8	besoin de la mère entrer dans la justice.
9	Alors, si vous ne voulez pas un fils, le meilleur chose à faire c'est utiliser le capote
10	anglaise, qui est prohibide pour la réligion aussi, mais ne fais pas l'enfant.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	L'avortement est la interruption de une grossesse généralement non desejeée	1
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	si vous ne voulez pas un fils, le meilleur chose à faire c'est utiliser le capote anglaise, qui est prohibide pour la réligion aussi, mais ne fais pas l'enfant.	9-10
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçào	Même dans le dernière, il a besoin de la mère entrer dans la justice.	7-8
	Possibilidade	si vous ne voulez pas un fils, le meilleur chose à faire c'est utiliser le capote anglaise, qui est prohibide pour la réligion aussi, mais ne fais pas l'enfant.	9-10
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Il y a deux types d'avortement: quand la femme voulais le fils et souffre lui et quand il est le choisie de la mère.	1-2
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Et quand l'avortement est recommandé?	6
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Vous voulez Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	vous ne voulez pas un fils	9
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Mais quelques fois, ça c'est le meilleur à faire	5
	Alors, mais	Alors, si vous ne voulez pas un fils, le meilleur chose à faire c'est utiliser le capote anglaise, qui est prohibide pour la réligion aussi, mais ne fais pas l'enfant.	9-10
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Êtes-vous pour ou contre l'avortement ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement est la interruption de une grossesse généralement non desejeée. Il y a deux types d'avortement: quand la femme voulais le fils et souffre lui et quand il est le choisie de la mère.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo		1-10

FLPM (A) 18

Avortement	
1	L'avortement est un problème très compliqué. Il y a deux type d'avortement:
2	le volontaire et aussi que la femme ne veux pas l'enfant. Le dernier est une cas très
3	compliqué et polémique.
4	En cas d'estupre, je suis pour, parce que ce fruit n'aura pas une bonne vie,
5	il serait très traumatisé. La mère recorderair em regardant le fil de ce pavereuse
6	moment. Alors l'avortement pour ce cas est la meilleur choix.
7	Mais il y a aussi la femme qui displicidment a été grossesse, et après veut
8	la interruption. Elle utilize de médicaments contraceptif et ça tué le bébé et aussi fait
9	très male pour la femme em causant d'infections qui peut la tuer.
10	Alors, l'avortement est très polémique, ça depende du cas, si displacement
11	de la mère, c'est pas juste pour l'enfant. Le meilleur à faire est avoir de
12	responsabilité.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha	
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	l'avortement est très polémique	10	
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Le meilleur affaire est avoir de responsabilité.	12	
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---	
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência Evidência	L'avortement est un problème très compliqué l'avortement pour ce cas est la meilleur choix.	1 6	
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---	
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	----	---	
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je suis	En cas d'estupre, je suis pour		
<b>3. CONECTORES</b>	Mais  alors	Mais il y a aussi la femme qui displicidment a été grossesse Alors, l'avortement est très polémique, ça depende du cas	7 10	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----	
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Avortement		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução		1º parágrafo
		desenvolvimento		2º e 3º parágrafos
		conclusão		4º parágrafo
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement est un problème très compliqué. Il y a deux type d'avortement: le volontaire et aussi que la femme ne veux pas l'enfant. Le dernier est une cas très compliqué et polémique.	1-3	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo		1-9	

## FLPM (A)19

	Un affaire de femme
1	Avorter c'est une question très delicate pour une femme, principalement, si
2	cela se passé avec elle. Décider la vie de deux personnes c'est très difficile. Pour faire
3	ça il y a des points positives et négatifs. L'interruption de la grossesse, par exemple,
4	est légale seulement dans un cas: quand la femme souffre une violence sexuelle,
5	parce que, ça femme ne veut pas faire cet enfant.
6	Dans quelques cas, la femme a une mauvaise planification familiale et
7	cherche dans un home une manière de ce sauver, et comme elle n'a pas d'information,
8	elle grossit.
9	L'avortement est volontaire probablement quand la femme est une adolescent
10	parce qu'elle pense à sa responsabilité d'avoir un enfant et à sa vie future.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação Constatação	Avorter c'est une question très delicate pour une femme Décider la vie de deux personnes c'est très difficile	1 2
<b>1.2 Avaliação</b>	Querer	ça femme ne veut pas faire cet enfant.	5
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência Evidência  Probabilidade	Avorter c'est une question très delicate pour une femme Décider la vie de deux personnes c'est très difficile L'avortement est volontaire probablement quand la femme est une adolescent parce qu'elle pense à sa responsabilité d'avoir un enfant et à sa vie future.	1 2  9-10
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que  Parce que	quand la femme souffre une violence sexuelle, parce que, ça femme ne veut pas faire cet enfant. L'avortement est volontaire generalment quand la femme est une adolescent parce qu'elle pense à sa responsabilité d'avoir un enfant et à sa vie future.	4-5  9-10
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Un affaire de femme	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução desenvolvimento conclusão	1º parágrafo 2º parágrafo 3º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Avorter c'est une question très delicate pour une femme, principalement, si cela se passé avec elle. Décider la vie de deux personnes c'est très difficile. Pour faire ça il y a des points positives et négatifs.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: divisão do todo em partes Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-8

FLPM (A)20

L'avortement	
1	L'avortement est un sujet qui a déjà resulté en beaucoup de discussion. Il y a
2	personnes contres er lesquelles qui acceptent.
3	La question est: que elle son les points positifs et les points négatifs ça
4	depend de les circonstances, si, par exemplo, il y a une victime de violence sexual ce
5	procediment est justifiable.
6	Mais on ne peut oublié qui accepter, ce comme tirer une vie, c'est peché
7	devant la bible. Les aspects morales, psychologiques, légale sont très importants dans
8	cette question. Cet procedement peut résulter en psychose.
9	L'avortement n'est pas um méthode contraceptive, n'est pas un jeu, il envolve
10	plus d'une vie. Legaliser ou nom cet une question de risque, mais même comme ça
11	plusieurs des femmes font cette horrible chirurgie qui peut cause un dommage terrible.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	L'avortement n'est pas um méthode contraceptive, n'est pas un jeu, il envolve plus d'une vie	9-10
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	on ne peut oublié qui accepter, ce comme tirer une vie, c'est peché devant la bible	6
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade Possibilidade	Cet procedement peut résulter en psychose. cette horrible chirurgie qui peut cause un dommage terrible	8 11
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	L'avortement est un sujet qui a déjà resulté en beaucoup de discussion. Il y a personnes contres er lesquelles qui acceptent.	1-2
	Evidência	L'avortement n'est pas um méthode contraceptive, n'est pas un jeu, il envolve plus d'une vie	9-10
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.		
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Mais on ne peut oublié qui accepter, ce comme tirer une vie, c'est peché devant la bible	6-7
	mais	Legaliser ou nom cet une question de risque, mais même comme ça plusieurs des femmes font cette horrible chirurgie	10-11
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	L'avortement	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement est un sujet qui a déjà resulté en beaucoup de discussion. Il y a personnes contres er lesquelles qui acceptent.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade		1-8

FLPM (A)21

	Un problème de femme?
1	Aujourd'hui beaucoup des femmes font avortement volontaire. Et il y a
2	beaucoup des raisons pour fait-il: violence sexuelle, non planification familiar,
3	grossesse precoce, grossesse accidentale, etc.
4	Les medecines sont dans la majorité contre l'avortement parce qu'il peut faire
5	mal à la femme. Beaucoup des gens disent que ne c'est pas juste assassiner un
6	enfant que n'est pas culpé de la irresponsabilité de ses parents.
7	Mais, et quand la femme était violentée sexuellement? Paraître juste faire un
8	avortement. Et quand une jeune fille est grosse? Elle n'a pas condition de s'occuper
9	d'un enfant.
10	Les opinions sont diferentes et chaque un peut choisir. Il faut penser pour la
11	mère et pour l'enfant qu'ira naître.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Beaucoup des gens disent que ne c'est pas juste assassiner un enfant que n'est pas culpé de la irresponsabilité de ses parents.	5-6
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade Obrigação	Les opinions sont diferentes et chaque un peut choisir Il faut penser pour la mère et pour l'enfant qu'ira naître.	10 10-11
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Aujourd'hui beaucoup des femmes font avortement volontaire	1
	Probalidade	Les medecines sont dans la majorité contre l'avortement parce qu'il peut faire mal à la femme	4-5
	Probalidade	Beaucoup des gens disent que ne c'est pas juste assassiner un enfant que n'est pas culpé de la irresponsabilité de ses parents.	6-7
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Un problème de femme? Mais, et quand la femme était violentée sexuellement? Paraître juste faire un avortement. Et quand une jeune fille est grosse?	Título 7-8
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.		
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	----	---
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que	Les medecines sont dans la majorité contre l'avortement parce qu'il peut faire mal à la femme	4-5
	mais	Mais, et quand la femme était violentée sexuellement?	7
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Un problème de femme?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Aujourd'hui beaucoup des femmes font avortement volontaire. Et il y a beaucoup des raisons pour fait-il: violence sexuelle, non planification familiar, grossesse precoce, grossesse accidentale, etc	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-9

FLPM (A)22

La question du avortement	
1	L'avortement est un theme discuté dans tout le monde. Retirer da vie de une
2	enfant exige beaucoup de refletion. La situation en que se trouve la grossesse sont
3	points à discuter.
4	Les méthodes contraceptif sont manières très utiliséee pour eviter une
5	grossesse indesejé. Mais dans le cas d'une violence sexuel ou d'une adolescent qui
6	n'a pas aucune condition de sustenter une enfant. Les consequences d'une grossesse
7	indesejé peut-être sont piere qui les d'une interruption de gorsresse, mais cette ne
8	sont pas bonne. Il y a des cas où les personnes pourraient eviter et non fontent rien, en
9	cette situation le crime ne peut pas existe et la responsabilité doit être assumé.
10	Avant faire quelque chose, il faut qui les personnes envolvi reflète et
11	considère la vide de l'enfant et comme il va être trate. C'est un crime retirer une vide,
12	mais laisser le viver et le trater mal pour la vide entière c'est un crime aussi.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	L'avortement est un theme discuté dans tout le monde	1
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Avant faire quelque chose, il faut qui les personnes envolvi reflète et considère la vide de l'enfant et comme il va être trate.	10-11
	Apreciação	C'est un crime retirer une vide, mais laisser le viver et le trater mal pour la vide entièreC'est un crime retirer une vide, mais laisser le viver et le trater mal pour la vide entière c'est un crime aussi.	11-12
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Les consequences d'une grossesse indesejé peut-être sont piere qui les d'une interruption de gorsresse	6-8
	Possibilidade	Il y a des cas où les personnes pourraient eviter et non fontent rien, en cette situation le crime ne peut pas existe et la responsabilité doit être assumé.	8-9
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	L'avortement est un theme discuté dans tout le monde. Retirer da vie de une enfant exige beaucoup de refletion. La situation en que se trouve la grossesse sont points à discuter.	1-3
	Probabilidae	Les consequences d'une grossesse indesejé peut-être sont piere qui les d'une interruption de gorsresse	6-7
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.		
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Mais dans le cas d'une violence sexuel ou d'une adolescent qui n'a pas aucune condition de sustenter une enfant	5-6
	mais	Les consequences d'une grossesse indesejé peut-être sont piere qui les d'une interruption de gorsresse, mais cette ne sont pas bonne.	6-8
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	La question du avortement	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º parágrafo
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	L'avortement est un theme discuté dans tout le monde. Retirer da vie de une enfant exige beaucoup de refletion. La situation en que se trouve la grossesse sont points à discuter.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-10

## 2ª Amostra

Tema: <i>La violence dans les grandes ville</i>
Data: 1999



## FLPM (B)1

	La violence dans les grandes ville
1	Je vais parler de la violence dans les grandes villes, qui affect toujours tous les
2	villes et les petites aussii. Tout le monde avait le peur et les policiels ne sont pas
3	suficients pour barrer les bandides.
4	Les personnes qui sont apavoriser, généralement, ils vont pour le "interior" pour
5	ne convivre pas avec cette situation. Le pays avait beaucoup des chômages, qui pour
6	vivre, ils necessitent de voler les autres ou ils faisant le contrabande ou ils utilisent le
7	trafiques de drogues.
8	Tous les facts provoquent une desastabilization economique du pays et il y a
9	aussi beaucoup de morts parce que la population et la police sont chaque fois plus et
10	plus dominé par les bandides qui sont très armées.
11	La solution est desarmer la population et la police et le gouverne doivent
12	travailler serieusement et investir dans la protection de la population.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Tout le monde avait le peur et les policiels ne sont pas suficients pour barrer les bandides.	2-3
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	La solution est desarmer la population et la police et le gouverne doivent travailler serieusement et investir dans la protection de la population.	11-12
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçào	la police et le gouverne doivent travailler serieusement et investir dans la protection de la population.	11-12
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Tout le monde avait le peur et les policiels ne sont pas suficientes pour barrer les bandides.	2-3
	Evidência	Les personnes qui sont apavoriser, généralement, ils vont pour le "interior" pour ne convivre pas avec cette situation	5-6
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je vais	Je vais parler de la violence dans les grandes villes	1
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que	il y a aussi beaucoup de morts parce que la population et la police sont chaque fois plus et plus dominé par les bandides qui sont très armées.	8-10
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Je vais parler de la violence dans les grandes villes, qui affect toujours tous les villes et les petites aussii. Tout le monde avait le peur et les policiels ne sont pas suficientes pour barrer les bandides.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-5

FLPM (B)2

La violence dans le grande ville	
1	Lamentavelment, le degré de violence urbaine vient en croissant de plus en plus
2	en les grandes ville comme São Paulo et Rio de Janeiro. Mais dans mineurs Villes cela
3	malheureusement opere aussi.
4	Le Brésil est en passant par une grave crise économique et avec ci est en
5	augmentant le nombre de chômage dans le pays et en chaque cas, ces chômeurs ratent la
6	tête et commençant à voler ni toujours à mains armée, puisque plusieurs leurs ont famille
7	pour soutenir. Existent plusieurs habitants de rue qui volent parce qu'ils n'ont pas pour
8	manger et ni pour se vêtir.
9	Il y a aussi marginales qui déroient arme et si ils ne parvenent pas ce qu'ils veulent,
10	executent les innocents victimes froidement. Quelquesfois, certains policiers dû aux excès
11	d'autorité assassinent personnes innocents.
12	Ici, devra avoir un désarmement dans la population et au-dessus de tout augmenter le
13	nombre de voitures policiers dans les rues avec le objectif de diminuer les homicides dans le
14	pays et quand un individu partis pour travailleril aura la certitude de que reviendra vif.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Apreciação	Lamentavelment, le degré de violence urbaine vient en croissant de plus en plus en les grandes ville comme São Paulo et Rio de Janeiro. Mais dans mineurs Villes cela malheureusement opere aussi.	1-3
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçào	Ici, devra avoir un désarmement dans la population et au-dessus de tout augmenter le nombre de voitures policiers dans les rues avec le objectif de diminuer les homicides dans le pays et quand un individu partis pour travailleril aura la certitude de que reviendra vif.	12-14
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	le degré de violence urbaine vient en croissant de plus en plus en les grandes ville comme São Paulo et Rio de Janeiro	1-2
	Evidência	Existent plusieurs habitants de rue qui volent parce qu'ils n'ont pas pour manger et ni pour se vêtir.	7-8
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que	Existent plusieurs habitants de rue qui volent parce qu'ils n'ont pas pour manger et ni pour se vêtir.	7-8
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relaçào direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2ºe 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Lamentavelment, le degré de violence urbaine vient en croissant de plus en plus en les grandes ville comme São Paulo et Rio de Janeiro. Mais dans mineurs Villes cela malheureusement opere aussi.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-11

## FLPM (B)3

La violence	
1	Dans notre pays on peut voir un crescent nombre de cas de violence à grandes
2	villes comme São Paulo.
3	On peut voir la violence tout le jour ici à São Paulo. On voit la violence dans la
4	proper maison quand les parents abusent de son autorité et usent d'extrême violence
5	avec ses enfants. On peut voir aussi la violence entre "gangs" une fois que personne
6	ne combine pas avec tout le monde et ça violence avec les "gangs" peut cause la mort
7	de beaucoup de jeune dans la grande villes. Les vouleurs n'ont pas aucune compaixon
8	avec les personnes, ils assassinent avec rien du tout.
9	Une méthode pour reduire la violence dans les grandes villes comme São Paulo
10	c'est pour aumentée le numero de policiels pour tenter contier la violence.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	On peut voir la violence tout le jour ici à São Paulo	1
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Une méthode pour reduire la violence dans les grandes villes comme São Paulo c'est pour aumentée le numero de policiels pour tenter contier la violence.	9-10
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	ça violence avec les "gangs" peut cause la mort de beaucoup de jeune	7
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	Dans notre pays on peut voir un crescent nombre de cas de violence à grandes villes comme São Paulo. Les vouleurs n'ont pas aucune compaixon avec les	1
	Evidência	personnes, ils assassinent avec rien du tout.	7-8
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Notre pays Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Dans notre pays on peut voir un crescent nombre de cas de violence	1
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Aussi, Une fois que	On peut voir aussi la violence entre "gangs" une fois que personne ne combine pas avec tout le monde et ça violence avec les "gangs" peut cause la mort de beaucoup de jeune dans la grande villes.	5-7
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	La violence	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafo
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Dans notre pays on peut voir un crescent nombre de cas de violence à grandes villes comme São Paulo.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-9

## FLPM (B)4

	Un problème sérieux
1	Depuis quelques années, la violence augmente de plus en plus, surtout dans
2	les grandes Villes. La situation est encore pire dans les pays pauvres et pas
3	développés. Mais pourquoi ce nombre très élevés d'assauts, vols et séquestrés ?
4	L'un des plus grandes motifs de cette violence est la faim et la pauvreté dues
5	au chômage. Les personnes n'ont plus de quoi survivre et commencent à voler. Il y a
6	aussi ceux qui font cela simplement pour gagner plus d'argent, même en ayant de
7	l'argent et d'emploi. Il y a d'autres qui pratiquent ce type de chose car ils ont des
8	disturbs mentaux ou même un caractère mauvais.
9	On peut trouver cette violence dans toutes les places, dans les quartiers plus
10	riches et surtout dans les quartiers plus pauvres.
11	Le gouvernement devrait agir, en faisant des campagnes pour le
12	désarmement, en augmentant les emplois et en aidant ces personnes, parce qu'il faut
13	aider ces gens et non simplement les arrêter. La réalité est que nous devons toujours
14	faire attention dans les rues dans les voitures et dans toute les places.
15	

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	L'un des plus grandes motifs de cette violence est la faim et la pauvreté dues au chômage	5-6
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	La réalité est que nous devons toujours faire attention dans les rues dans les voitures et dans toute les places.	14-15
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Le gouvernement devrait agir, en faisant des campagnes pour le désarmement, en augmentant les emplois et en aidant ces personnes	12-13
	Obrigaçào	parce qu'il faut aider ces gens et non simplement les arrêter	14
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Depuis quelques années, la violence augmente de plus en plus, surtout dans les grandes Villes. La situation est encore pire dans les pays pauvres et pas développés.	1-3
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Mais pourquoi ce nombre très élevés d'assauts, vols et séquestrés ?	3-4
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous devons Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	La réalité est que nous devons toujours faire attention dans les rues dans les voitures et dans toute les places.	14-15
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Mais pourquoi ce nombre très elevés d'assauts, vols, séquestrés et otolations?	3-4
	Parce que	parce qu'il faut aider ces gens et non simplement les arrêter	14
	car	Il y a d'autres qui pratiquent ce type de chose car ils ont des disturbs mentaux ou meme un caractère mauvais.	8-9
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação inreta com o tema	Un problème sérieux	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Depuis quelques années, la violence augmente de plus en plus, surtout dans les grandes Villes. La situation est encore pire dans les pays pauvres et pas développés.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos fundados na doxologia		1-7

## FLPM (B)5

La violence dans les grandes ville	
1	La violence dans les grandes villes est plus grand à chaque jour. Cette
2	violence est surtout pratiqué pour la population la plus pauvres.
3	Genralement la population migre de une petite ville pour les grandes villes,
4	causant une grande agglomeration de misère car ils n'encontrent pas travail. La
5	situation économique du pays ne c'est pas bonne, personne a d'argent pour employer
6	plus gens. Outre cause de la violence est las drogues. Les gens armes volent pour
7	acheter plus drogues.
8	Il y a beacoup d'outrés causes de la violence dans les grandes villes et est
9	impossible de trouver des solutions seulement quand tout le monde respecter le
10	prochain les problèmes terminairont.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>			
1.1 Modo de Saber	Constatação	La violence dans les grandes villes est plus grand à chaque jour	1
1.2 Avaliação	Opinião Apreciação	Cette violence est surtout pratiqué pour la population la plus pauvres. Il y a beacoup d'outrés causes de la violence dans les grandes villes et est impossible de trouver des solutions	1-2 8-9
1.3 Motivação	---	---	---
1.4 Aserções	Evidência	La violence dans les grandes villes est plus grand à chaque jour. Cette violence est surtout pratiqué pour la population la plus pauvres.	1-2
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>			
2.1 Constr. interrogativas	---	---	---
2.2 Constr. impessoais	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
2.3 Constr. pessoais	---	---	---
3. CONECTORES	car	Genralement la population migre de une petite ville pour les grandes villes, causant une grande agglomeration de misère car ils n'encontrent pas travail	3-4
<b>4. ORG. RETORICA</b>			
4.1 Título	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
4.2 Paragrafação e Progressão temática	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutra:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º parágrafo
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
4.3 Exposição da Tese	Explícita Estrutura do real = auditório universal	La violence dans les grandes villes est plus grand à chaque jour. Cette violence est surtout pratiqué pour la population la plus pauvres.	1-2
4.4 Tipos de argumentos	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia		1-10

## FLPM (B)6

	La violence dans les grandes ville
1	Aujourd'hui, la violence dans le grandes villes est très grand. Tout le jours
2	personnes mourent assassinées.
3	Les causes de la violences est le chômage. Avec le chômage des
4	personnes plus misérables, elles n'ont pas d'argent pour manger et elles
5	commencent à voler.
6	L'autre problème sont les policiers qui abusent de l'autorité. Ils font ça parce
7	qu'ils gagnent peu d'argent.
8	La solution pour ça c'est résoudre en premier le problème de le chômage et
9	disarmer la population et aussi augmenter le salaire des policiers.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha	
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Les causes de la violences est le chômage. Avec le chômage des personnes plus misérables, elles n'ont pas d'argent pour manger et elles commencent à voler.	3-5	
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	La solution pour ça c'est résoudre en premier le problème de le chômage et disarmer la population et aussi augmenter le salaire des policiers.	8-9	
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---	
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Aujourd'hui, la violence dans le grandes villes est très grand. Tout le jours personnes mourent assassinées.	1-2	
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---	
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---	
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---	
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que	Ils font ça parce qu'ils gagnent peu d'argent.	6-7	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----	
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução		1º parágrafo
		desenvolvimento		2º e 3º parágrafos
		conclusão		4º parágrafo
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Aujourd'hui, la violence dans le grandes villes est très grand.	1	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia		1-7	

## FLPM (B)7

Violence urbaine	
1	Il y a assez de violence dans les rues de São Paulo que même la police militaire
2	ne résoud pas, il y a beaucoup des assauts, homicides et autres choses.
3	La situation économique du Brésil aussi n'aide pas beaucoup. En São Paulo, par
4	exemple, il y a trop de personnes que viennent pour ici pour tenter la grande chance
5	mais dans la majorité du jours ils ont que habiter dans le rue et voler pour survenir.
6	Dans le Brésil il n'y a pas du controle des armes du feu, alors personne sache qui a des
7	armes. La police seul age quand quelque chose arrive de très mauvaises.
8	Même les grandes ville comme N.Y. ne sont pas libre de la violence. Là bas a
9	assez du racisme que est le principal motif de la violence. Mais maintenant il y a morts
10	dans les écoles parce que les parents gardent les armes dans la Maison, là les fils
11	trouvent et veulent montrer pour ses amis et sans vouloir l'arme disparet ou ils trouvent
12	et inspire dans un film ou jeu veulent faire la même chose.
13	Alors on ne peut pas garder une arme dans la Maison et la police devrait être
14	plus efficient.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Dans le Brésil il n'y a pas du controle des armes du feu	5-6
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Alors on ne peut pas garder une arme dans la Maison et la police devrait être plus efficient.	13-14
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	la police devrait être plus efficient.	13-14
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Il y a assez de violence dans les rues de São Paulo que même la police militaire ne résoud pas, il y a beaucoup des assauts, homicides et autres choses.	1-2
	Evidência	La situation économique du Brésil aussi n'aide pas beaucoup	3
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	même	Il y a assez de violence dans les rues de São Paulo que même la police militaire ne résoud pas, il y a beaucoup des assauts, homicides et autres choses.	1-2
	Mais	En São Paulo il y a trop de personnes que viennent pour ici pour tenter la grande chance mais dans la majorité du jours ils ont que habiter dans le rue et voler pour survenir Mais maintenant il y a morts dans les écoles parce que les parents gardent les armes dans la Maison, là les fils trouvent et veulent montrer pour ses amis	3-5
	Mais parce que	trouvent et veulent montrer pour ses amis	9-11
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Violence urbaine	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Il y a assez de violence dans les rues de São Paulo que même la police militaire ne résoud pas, il y a beaucoup des assauts, homicides et autres choses.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-12

FLPM (B)8

La violence en São Paulo	
1	Il y a plusieurs types de violence urbaine, comme les voles à banc, de
2	voiture, les assassinats, les accident proposital dans les rues et beaucoup d'autres.
3	Tout ça est cause de la situation économique du pays. Nous sommes
4	pendant une crise qui a prejudique beaucoup des personnes bresiliennes. Le
5	chômage fait les personnes plus misérables à chaque jour, et en consequence, cett
6	perrsonnes sont chaque fois plus violentes.
7	Il y a toujours les problèmes d'imigration. Cettes personnes n'ont pas
8	d'emploi, et la plupart préfère les voles. D'autres préfèrent les voles à banc. Il y a
9	aussi lesquelles qui sont appellé pour assassiner ses enemies. Toutes ces causes
10	sont conséquences d'un pays subdeveloppé que ne peut pas controller son
11	criminalité.
12	On a beaucoup des solutions. D'entre elles, la condensation à mort et la
13	prision perpetue. On peut les user pour faire les crimineuses avoir de mourir ou d'être
14	tout sa vie dans la prison.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Toutes ces causes sont conséquences d'un pays subdeveloppé que ne peut pas controller son criminalité.	9-11
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Le chômage fait les personnes plus misérables à chaque jour, et en consequence, cett	4-6
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	On peut les user pour faire les crimineuses avoir de mourir ou d'être tout sa vie dans la prison.	13-14
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Tout ça est cause de la situation économique du pays. Nous sommes pendant une crise qui a prejudique beaucoup des personnes bresiliennes. Le chômage fait les personnes plus misérables à chaque jour, et en consequence, cett	3-6
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous sommes Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Nous sommes pendant une crise qui a prejudique beaucoup des personnes bresiliennes	3-4
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	---	---	---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	La violence en São Paulo	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Il y a plusieurs types de violence urbaine, comme les voles à banc, de voiture, les assassinats, les accident proposital dans les rues et beaucoup d'autres. Tout ça est cause de la situation économique du pays	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia		1-11



## FLPM (B)9

	La violence dans les grandes ville
1	Dans le grande villes la violence est plus grande chaque jour. Il y a beaucoup
2	des types de violence comme, du vandalisme juvenil, du violence domestique, du
3	violence aux animaux.
4	Une des principaux causes du vandalisme juvenil est quand les parents
5	d'enfant se divorcie, ça provoque une disturbe dans la ment du jeunes qui irons checher
6	une chose pour décompter leur haine. Cette jeune probablement causeront de la
7	violence domestique qui peut être cause aussi pour le machisme.
8	La manque du bonne éducation est aussi une des causes pour le vandalisme
9	juvénile.
10	Pour solucioner cette problème là, les parents doivent preter attention aux ces
11	enfants pour éviter une possible violence dans le futur.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados		linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	La manque du bonne éducation est aussi une des causes pour le vandalisme juvénile.		8-9
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Pour solucioner cette problème là, les parents doivent preter attention aux ces enfants pour éviter une possible violence dans le futur.		10-11
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Cette jeune probablement causeront de la violence domestique qui peut être cause aussi pour le machisme.		6-7
	Obrigaçào	Pour solucioner cette problème là, les parents doivent preter attention aux ces enfants pour éviter une possible violence dans le futur.		10-11
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Dans le grande villes la violence est plus grande chaque jour. Il y a beaucoup des types de violence comme, du vandalisme juvenil, du violence domestique, du violence aux animaux.		1-2
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---		---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural			
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---		---
<b>3. CONECTORES</b>	---	---		---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----		-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos	
		conclusão	4º parágrafo	
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Dans le grande villes la violence est plus grande chaque jour. Il y a beaucoup des types de violence comme, du vandalisme juvenil, du violence domestique, du violence aux animaux.		1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos		1-9	

## FLPM (B)10

	La violence dans les grandes ville
1	Aujourd'hui la violence dans le grandes Villes est train de grandir chaque jour.
2	Cette violence peut être de un simple assaut, jusque violentes agressions qui
3	generalment tuont beaucoup de personnes.
4	La situation économique du pays peut être un des motifs de cette violence. La
5	diminution des emplois a augmenté beaucoup la population pauvre. Avec ça, ils
6	commençant a voler pour avoir d'argent nécessaire pour survivre.
7	Il existe aussi personne qui s'amusont en train de faire les autres souffrir.
8	Finalment, existe personne qui sont malade et qui ne savent pas ce qu'ils sont en train
9	de faire.
10	Les autorités devaient controler la situation et imposer respect sur cette type de
11	personne qui pense qui peut faire tout qu'il veux. Elles devaient aussi proposer d'autres
12	lois plus rigoureses, parce que c'est avec cette type de personne et de comportement
13	qui vont finir avec le monde.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	La diminution des emplois a augmenté beaucoup la population pauvre.	5-6
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião.	Les autorités devaient controler la situation et imposer respect sur cette type de personne qui pense qui peut faire tout qu'il veux. Elles devaient aussi proposer d'autres lois plus rigoureses,	10-12
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Cette violence peut être de un simple assaut, jusque violentes agressions qui generalment tuont beaucoup de personnes.	2-3
	Possibilidade	La situation économique du pays peut être un des motifs de cette violence	3-4
	Possibilidade	Les autorités devaient controler la situation et imposer respect sur cette type de personne qui pense qui peut faire tout qu'il veux. Elles devaient aussi proposer d'autres lois plus rigoureses, parce que c'est avec cette type de personne et de comportement qui vont finir avec le monde.	10-13
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Aujourd'hui la violence dans le grandes Villes est train de grandir chaque jour.	1-2
	Evidência	Il existe aussi personne qui s'amusont en train de faire les autres souffrir	7
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Jusque	Cette violence peut être de un simple assaut, jusque violentes agressions qui generalment tuont beaucoup de personnes.	2-3
	Finalment	Finalment, existe personne qui sont malade et qui ne savent pas ce qu'ils sont en train de faire.	8-9
	Parce que	Elles devaient aussi proposer d'autres lois plus rigoureses, parce que c'est avec cette type de personne et de comportement qui vont finir avec le monde.	13-14
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Aujourd'hui la violence dans le grandes Villes est train de grandir chaque jour.	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo		1-9

## FLPM (B)11

La violence dans les grandes ville	
1	La violence est chaque jour majeur et surtout dans les grandes Villes. Ce sont
2	des assauts, des assissanats et des autres choses. Elle est présente dans les rues,
3	dans les écoles et jusqu'à chez nous. Je crois qui est pour ça que les habitants de
4	grandes villes sont en train de déménager pour des Villes plus petites.
5	Divers choses influencent ça, comme, par exemple, ç'ambiance familial et les
6	amis. Il y a aussi la télévision qui passé des programmes et des films avec des
7	tragedies et morts. Elle est une fugue des les problèmes commes les drogues, la faute
8	d'emploi, la situation du pays, dessemblance social.
9	Il n'y a aucune lieu où elle n'est pas mais il y a de manières pour achever avec
10	elle. Il faut que le gouvernement donne education pour la population. Puis il faut
11	terminer avec les programmes que influencent les personnes. Ce sont des grandes pas
12	pour diminuer la violence.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados		linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>				
1.1 Modo de Saber	Constatação	La violence est chaque jour majeur et surtout dans les grandes Villes		1
1.2 Avaliação	Opinião	Je crois qui est pour ça que les habitants de grandes villes sont en train de déménager pour des Villes plus petites.		4-5
1.3 Motivação	Obrigaçao	Il faut que le gouvernement donne education pour la population. Puis il faut terminer avec les programmes que influencent les personnes		10-11
1.4 Asserções	Evidência	La violence est chaque jour majeur et surtout dans les grandes Villes. Ce sont des assauts, des assissanats et des autres choses. Elle est présente dans les rues, dans les écoles et jusqu'à chez nous. Je crois qui est pour ça que les habitants de grandes villes sont en train de déménager pour des Villes plus petites.		1-4
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>				
2.1 Constr. interrogativas	---	---		---
2.2 Constr. impessoais	Chez nous Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Elle est présente dans les rues, dans les écoles et jusqu'à chez nous		2-3
2.3 Constr. pessoais	Je crois	Je crois qui est pour ça que les habitants de grandes villes sont en train de déménager pour des Villes plus petites.		4-5
<b>3. CONECTORES</b>				
	Jusqu'à	Elle est présente dans les rues, dans les écoles et jusqu'à chez nous		2-3
	Mais	Il n'y a aucune lieu où elle n'est pas mais il y a de manières pour achever avec elle		9-10
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>				
4.1 Título	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville		
4.2 Paragrafação e Progressão temática	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período		
		introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	1º e 2º parágrafos	
	conclusão	3º parágrafo		
Progressão temática	presente			
4.3 Exposição da Tese	Explicita Estrutura do real = auditório universal	La violence est chaque jour majeur et surtout dans les grandes Villes. Ce sont des assauts, des assissanats et des autres choses. Elle est présente dans les rues, dans les écoles et jusqu'à chez nous		1-3
4.4 Tipos de argumentos	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-9	

## FLPM (B)12

	La question de la violence dans les grandes ville
1	La violence dans les grandes ville est montrée dans les assuts et les vols.
2	Les causes de ça sont la pauvreté et la mal situation économique du pays. La
3	première parce qu'une personne qui est pauvre necessite s'alimenter et, comme elle
4	n'a pas beaucoup d'argent, elle ne peut pas acheter nourriture; ça lui méne voler. Mais
5	ça ne survient pas seulement dans la partie de la nourriture. Ça arrive aussi quand un
6	enfant voit un jouet et sa famille ne peut pas payer. Cet enfant commence à voler.
7	Mais il y a des familles qui sont pauvres, mais elles sont honnêtes.
8	La seconde parce que si la situation économique du pays n'est pas bonne, la
9	pauvreté ira augmenter. La migration aussi est une cause. Si un criminel est cherché
10	dans son état, il peut aller à un autre lieu et voler ou tuer.
11	La solution pour ce problème est choisir un politique pour que la situation
12	économique du pays améliore et conséquetemen les vols et les assauts diminuent.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber-</b>	Constatação	Les causes de ça sont la pauvreté et la mal situation économique du pays	2
	Constatação	La migration aussi est une cause	9
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	La solution pour ce problème est choisir un politique pour que la situation économique du pays améliore et conséquetemen les vols et les assauts diminuent	11-12
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	comme elle n'a pas beaucoup d'argent, elle ne peut pas acheter nourriture	4
	Possibilidade	Ça arrive aussi quand un enfant voit un jouet et sa famille ne peut pas payer	6
	Possibilidade	Si un criminel est cherché dans son état, il peut aller à un autre lieu et voler ou tuer.	9-10
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	La violence dans les grandes ville est montrée dans les assuts et les vols.	1
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que, et	La première parce qu'une personne qui est pauvre necessite s'alimenter et, comme elle n'a pas beaucoup d'argent, elle ne peut pas acheter nourriture; Mais ça ne survient pas seulement dans la partie de la nourriture.	3-4
	Mais	Mais il y a des familles qui sont pauvres, mais elles sont honnêtes.	5
	Mais	La seconde parce que si la situation économique du pays n'est pas bonne	7
	Parce que		8
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	La question de la violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	La violence dans les grandes ville est montrée dans les assuts et les vols.	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-10

## FLPM (B)13

	La violence dans les grandes ville
1	De plus en plus la violence dans les grandes villes et dans les petites aussi est
2	en train de grandir. Ça arrive plus aux pays du tier monde, comme le Brésil par
3	exemple.
4	Dans ces pays moins riches et développés, le chômage, l'analphabétisme, la
5	mortalité infantin, les hopitales et les conditions de vie précaires sont plus accentués.
6	Alors, tristement, ces pauvres personnes restent agressives, de telle sorte , qu'ils
7	commencent à voler et à tuer pour survivre.
8	Malheureusement, ce situation tend à empirer si quelque chose n'être pas faite.
9	Une de l'unique solutions pourrait être changés les politiques les principaux auteurs de
10	ce faim et misère au monde. Et, le plus important: nous propre devons aussi changer
11	nos têtes et essayer d'aider ces gens.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	De plus en plus la violence dans les grandes villes et dans les petites aussi est en train de grandir	1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Une de l'unique solutions pourrait être changés les politiques les principaux auteurs de ce faim et misère au monde. Et, le plus important: nous propre devons aussi changer nos têtes et essayer d'aider ces gens.	9-11
	Apreciação	Alors, tristement, ces pauvres personnes restent agressives	7
	Apreciação	Malheureusement, ce situation tend à empirer si quelque chose n'être pas faite	8
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	ce situation tend à empirer si quelque chose n'être pas faite.	8
	Possibilidade	l'unique solutions pourrait être changés les politiques les principaux auteurs de ce faim et misère au monde.	9-10
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	De plus en plus la violence dans les grandes villes et dans les petites aussi est en train de grandir. Ça arrive plus aux pays du tier monde, comme le Brésil par exemple.	1-3
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous devons, nos Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	nous propre devons aussi changer nos têtes et essayer d'aider ces gens.	10-11
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Alors	Alors, tristement, ces pauvres personnes restent agressives, de telle sorte , qu'ils commencent à voler et à tuer pour survivre.	7-8
	et	Et, le plus important: nous propre devons aussi changer nos têtes et essayer d'aider ces gens.	10-11
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	1º e 2º parágrafos
		conclusão	2º e 3º parágrafos
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	De plus en plus la violence dans les grandes villes et dans les petites aussi est en train de grandir. Ça arrive plus aux pays du tier monde, comme le Brésil par exemple.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto		1-12

## FLPM (B)14

La violence dans les grandes ville	
1	La violence dans les grandes ville est en train d'augmenter jour à jour. Sont
2	plusieurs types de violence: violence dans la rue, violences dans le parc, stupre,
3	violence dans l'école, etc.
4	Sont-ils plusieurs les causes de la violence: le chômage est la cause de ne pas
5	avoir de l'argent et de ne pas avoir conditions de soutenir la famille et de commencer à
6	voler; la situation économique et aussi la migration.
7	Un type de violence actuelle est la violence dans l'école. Les écoles sont
8	dominés par le gangs surtout de trafiquants infiltrés; et frequent le porte des armes par
9	des élèves. Un autre types communs est la violence de la police, qu'est cella que par
10	fois peut enveloppé en cas de scandale où la propre police est coupable; cas comme
11	narcotiques, sequestation, etc.
12	Il y a quelques solution pour le problème mais sont deux les principales:
13	ameliorations du système publique d'enseignements; et augmentation des employs.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Il y a quelques solution pour le problème mais sont deux les principales: ameliorations du système publique d'enseignements; et augmentation des employs.	12-13
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Il y a quelques solution pour le problème mais sont deux les principales: ameliorations du système publique d'enseignements; et augmentation des employs	12-13
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	qu'est cella que par fois peut enveloppé en cas de scandale où la propre police est coupable	11
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	La violence dans les grandes ville est en train d'augmenter jour à jour. Sont plusieurs types de violence: violence dans la rue, violences dans le parc, stupre, violence dans l'école, etc.	1-3
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural		
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	mais	Il y a quelques solution pour le problème mais sont deux les principales	12-13
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditorio universal	La violence dans les grandes ville est en train d'augmenter jour à jour. Sont plusieurs types de violence: violence dans la rue, violences dans le parc, stupre, violence dans l'école, etc.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-11

## FLPM (B)15

	La violence dans les grandes ville
1	Aujourd'hui, la vie en les grandes villes est très difficile parce que la violence
2	en la rue est très grande et tu ne peut pas aller en la rue avec très d'argent.
3	Les principales causes sont la faute d'argent pour nourriture et drogues. Il y a
4	beaucoup des gens qui vont aux grandes villes pour melhorer la vie mais quand ils
5	arrivent, ils regardent qui la vie n'est pas facile et un emploi est très difficile de se
6	trouver.
7	La economie n'aide pas parce que le monnaie de notre pays était devaloué
8	pour le dollar.
9	En moi opinion, je pense que les personnes de devoit pas migre pour les
10	grandes villes parce qu'il n'y a pas d'emploie pour eux et les adolescents ne doivent pas
11	se junter à la drogue.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	La economie n'aide pas parce que le monnaie de notre pays était devaloué pour le dollar.	7
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião Apreciação	En moi opinion, je pense que les personnes de devoit pas migre pour les grandes villes parce que il n'y a pas d'emploie pour eux	9-11
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçào	et les adolescents ne doivent pas se junter à la drogue	10-11
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Aujourd'hui, la vie en les grandes villes est très difficile parce que la violence en la rue est très grande et tu ne peut pas aller en la rue avec très d'argent.	1-2
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Tu ne peut pás Notre pays Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	et tu ne peut pas aller en la rue avec très d'argent le monnaie de notre pays ---	2 7 ---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Em moi opinion, je pense	En moi opinion, je pense que les personnes de devoit pas migre pour les grandes villes	9-10
<b>3. CONECTORES</b>	Mais  Parce que	Il y a beaucoup des gens qui vont aux grandes villes pour melhorer la vie mais quand ils arrivent, ils regardent qui la vie n'est pas facile et un emploi est très difficile de se trouver. En moi opinion, je pense que les personnes de devoit pas migre pour les grandes villes parce qu'il n'y a pas d'emploie pour eux.	4-5  9-11
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Aujourd'hui, la vie en les grandes villes est très difficile parce que la violence en la rue est très grande et tu ne peut pas aller en la rue avec très d'argent.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia		1-9

## FLPM (B)16

La violence dans les grandes ville	
1	Aujourd'hui la violence est très present dans nos vies. Dans les grandes villes,
2	il y a beaucoup d'habitants qui n'ont pas d'argent pour payer ses comptes ou pour
3	acheter des aliments et sont cette personnes qui ont de voler d'autres gens pour avoir
4	de l'argent.
5	Ces personnes peuvent être victimes du chômage, de la migration ou de la
6	situation économique du pays. Le premier cas est très proche du troisième parce que il
7	y a de chômage à cause de la situation économique du pays. Le deuxième est aussi
8	proche de le premier parce que les gens qui viennent d'autres villes ont la difficulté
9	d'avoir travaillé alors de difficulté pour "gagner" d'argent.
10	La solution du problème pourrait être une politique plus fort, la prohibition de la
11	migration, la reeducation de les gens marginalisées et aussi plus de police.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Dans les grandes villes, il y a beaucoup d'habitants qui n'ont pas d'argent pour payer ses comptes ou pour acheter des aliments et sont cette personnes qui ont de voler d'autres gens pour avoir de l'argent.	2-4
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	La solution du problème pourrait être une politique plus fort, la prohibition de la migration, la reeducation de les gens marginalisées et aussi plus de police.	10-11
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçao	et sont cette personnes qui ont de voler d'autres gens pour avoir de l'argent.	3
	Possibilidade	Ces personnes peuvent être victimes du chômage, de la migration ou de la situation économique du pays	5-6
	Possibilidade	La solution du problème pourrait être une politique plus fort, la prohibition de la migration, la reeducation de les gens marginalisées et aussi plus de police.	10-11
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Aujourd'hui la violence est très present dans nos vies. Dans les grandes villes, il y a beaucoup d'habitants qui n'ont pas d'argent pour payer ses comptes ou pour acheter des aliments et sont cette personnes qui ont de voler d'autres gens pour avoir de l'argent.	1-4
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nos vies Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Aujourd'hui la violence est très present dans nos vies.	1
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que, alors	parce que les gens qui viennent d'autres villes ont la difficulté d'avoir travaillé alors de difficulté pour "gagner" d'argent.	8-9
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	1º e 2º parágrafos
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Aujourd'hui la violence est très present dans nos vies.	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos fundados na doxologia		1-9



## FLPM (B)17

La violence dans les grandes ville	
1	Actuellement la violence est un des principales problèmes dans les grandes
2	villes. Un lieu qui souffre plus avec ça sont les écoles publiques parce que là est un
3	point de trafic des toxiques et plusieurs des personnes sont mort innocement.
4	Il sont plusieurs des causes: le chômage est un de ces là. Quand quelqu'un
5	n'a pas d'argent ils "décident" voler pour pouvoir manger, mais il y a aussi celui qui
6	fait ça pour plaisir. Les personnes qui viennent chercher de travail et ne trouvent pas
7	ça ils n'ont plus d'argent. Donc ils vont habiter dans bidonvilles et en reglè général la
8	violence est present là et cettas personnes terminent en freyant avec ça et en
9	transformant en cabrioleur. Les prisons sont très crues et evidement que les
10	evasions sont plus facilles. Les prisonniers retournent à rue et volent de nouveau
11	pour survivre.
12	Une des solutions est augmenter le sécurité dans l'écoles publiques (non
13	seulement dans là, mais dans les rues aussi). Offrir plus employs, cosntruire plus
14	chaînes, donner des etudes sérieusement pour les enfants qui ne peuvent pas payer
15	ça... Il y a plusieurs des solutions, mais le principal est la conscience des
16	gouvernements sûr ces problèmes.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Actuellement la violence est un des principales problèmes dans les grandes villes. Un lieu qui souffre plus avec ça sont les écoles publiques parce que là est un point de trafic des toxiques et plusieurs des personnes sont mort innocement.	1-3
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Une des solutions est augmenter le sécurité dans l'écoles publiques (non seulement dans là, mais dans les rues aussi). Offrir plus employs, cosntruire plus chaînes, donner des etudes sérieusement pour les enfants qui ne peuvent pas payer ça... Il y a plusieurs des solutions, mais le principal est la conscience des gouvernements sûr ces problèmes.	12-16
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	Actuellement la violence est un des principales problèmes dans les grandes villes. Un lieu qui souffre plus avec ça sont les écoles publiques parce que là est un point de trafic des toxiques et plusieurs des personnes sont mort innocement.	1-4
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Quand quelqu'un n'a pas d'argent ils "décident" voler pour pouvoir manger, mais il y a aussi celui qui fait ça pour plaisir	4-6
	Donc	Donc ils vont habiter dans bidonvilles et en reglè général la violence est present là	7-8
	Mais, mais	Une des solutions est augmenter le sécurité dans l'écoles publiques (non seulement dans là, mais dans les rues aussi). Offrir plus employs, construire plus chaînes, donner des etudes sérieusement pour les enfants qui ne peuvent pas payer ça... Il y a plusieurs des solutions, mais le principal est la conscience des gouvernements sûr ces problèmes.	12-16
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	1º e 2º parágrafos
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Actuellement la violence est un des principales problèmes dans les grandes villes.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos	Argumentos fundados na doxologia	1-11

## FLPM (B)18

La violence dans les grandes ville	
1	Dans le grande villes, principalement à São Paulo, la violence est trop grande.
2	Tous les jours, il y a des dizaines d'assauts dans les rues de la ville. Outre d'assissants
3	et des raptés entre autres types de violence.
4	Il y a beaucoup des raisons pour que les personnes partent à la violence: le
5	pays est toujours en crise, le gouvernement n'accorde aucune avantage aux travailleurs
6	et aux ouvriers, il y a de la grève partout, d'importants industries sont paralysés.. Et ce
7	qui est plus grave, le chômage.
8	La migration est aussi une grave problème. Beaucoup des gens viennent pour
9	essayer de trouver un employ. Ce que se reste, c'est partager la petite quantité
10	d'emplois avec eux. Pour ça, quelques personnes n'a pas même ce que manger et sa
11	amène à la violence.
12	Malgré ça, je pense que la violence ne porte pas personne à aucun lieu, mais
13	je pense aussi que le gouvernement devait faire quelque chose pour aider ces
14	personnes que ne peuvent faire rien que voler.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Dans le grande villes, principalement à São Paulo, la violence est trop grande. Tous les jours, il y a des dizaines d'assauts dans les rues de la ville.	1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	je pense que la violence ne porte pas personne à aucun lieu, mais je pense aussi que le gouvernement devait faire quelque chose pour aider ces personnes	12-13
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	le gouvernement devait faire quelque chose pour aider ces personnes que ne peuvent faire rien que voler	13-14
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Dans le grande villes, principalement à São Paulo, la violence est trop grande. Tous les jours, il y a des dizaines d'assauts dans les rues de la ville. Outre d'assissants et des raptés entre autres types de violence.	1-3
	Evidência	La migration est aussi une grave problème. Beaucoup des gens viennent pour essayer de trouver un employ. Ce que se reste, c'est partager la petite quantité d'emplois avec eux.	8-11
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	----	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je pense, je pense	, je pense que la violence ne porte pas personne à aucun lieu, mais je pense aussi que le gouvernement devait faire quelque chose pour aider ces personnes que ne peuvent faire rien que voler	12-14
<b>3. CONECTORES</b>	Malgré ça , mais	Malgré ça, je pense que la violence ne porte pas personne à aucun lieu, mais je pense aussi que le gouvernement devait faire quelque chose pour aider ces personnes que ne peuvent faire rien que voler.	12-14
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Dans le grande villes, principalement à São Paulo, la violence est trop grande	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo		1-11

## FLPM (B)19

La violence dans les grandes ville	
1	Aujourd'hui la violence dans la ville São Paulo est très grande. La ville est très
2	violent. Nous ne pouvons pas sortir de notre Maison comme avant. Nous avons resté
3	inquietation avec les voleurs.
4	Nous pouvons, par exemple, citer la violence dans l'école. C'est un absurde!
5	Parce que, les parents pense que les fils vont étudié, mais non. Les fils vont pour fumer,
6	ils vont plaisenté avec les armes etc. Ce qui arrive avec les écoles publics.
7	Je trouve que la violence dans l'école, c'est un absurde, et ce peut ameliorer
8	comment? Je ne sais pas mais le gouvernement peut rencontrer une solution!

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Je trouve que la violence dans l'école, c'est un absurde, et ce peut ameliorer comment? Je ne sais pas mais le gouvernement peut rencontrer une solution!	7-8
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade Possibilidade/Obrigaçào	et ce peut ameliorer comment? le gouvernement peut renconrer une solution!	7-8 8
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Aujourd'hui la violence dans la ville São Paulo est très grande. La ville est très violent. Nous ne pouvons pas sortir de notre Maison comme avant. Nous avons resté inquietation avec les voleurs.	1-3
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Je trouve que la violence dans l'école, c'est un absurde, et ce peut ameliorer comment?	7
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous ne pouvons pas, notre, Nous avons Nous pouvons Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Nous ne pouvons pas sortir de notre Maison comme avant. Nous avons resté inquietation avec les voleurs.  Nous pouvons, par exemple, citer la violence dans l'école	2-3  4
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je trouve	Je trouve que la violence dans l'école, c'est un absurde,	7
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que, mais	Parce que, les parents pense que les fils vont étudié, mais non. Les fils vont pour fumer	5
	Mais	Mais le gouvernement peut rencotrner une solution!	8
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutra:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	1º e 2º parágrafos
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Aujourd'hui la violence dans la ville São Paulo est très grande. La ville est très violent.	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia		1-6

FLPM (B)20

La violence dans les grandes ville	
1	La violence est très grand dans les grands villes du monde, compris au Brésil où la
2	violence est de plus en plus grande, comme en Belo Horizonte, Rio de Janeiro et
3	principalement en São Paulo.
4	Le gouvernement du Rio laisse, maintenant, la population traverser quand il est en
5	rouge après vingt-deux heures, pour essayer de diminuer le nombre des assauts. Il a
6	augmenté le nombre de crimes que sont commu par les enfants qu'habitent les rues. En la
7	télévision se voit beaucoup des assauts, sequesters, assassinates, abattages et
8	rebellions.
9	Toute le monde vit avec beaucoup de peur. Une des principales causes de la
10	violence au pays est le chômage que laissant les personnes très désespérés.
11	Toute le monde attend que la loi change et reste tres rigoureuse en donnants
12	punitions sévères á les personnes de tous les âges.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Le gouvernement du Rio laisse, maintenant, la population traverser quand il est en rouge après vingt-deux heures, pour essayer de diminuer le nombre des assauts	4-5
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Toute le monde attend que la loi change et reste tres rigoureuse en donnants punitions sévères á les personnes de tous les âges.	11-12
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	La violence est très grand dans les grands villes du monde, compris au Brésil où la violence est de plus en plus grande, comme en Belo Horizonte, Rio de Janeiro et principalement en São Paulo.	1-3
	Evidência	Toute le monde vit avec beaucoup de peur	9
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	---	---	---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	La violence est très grand dans les grands villes du monde, compris au Brésil où la violence est de plus en plus grande, comme en Belo Horizonte, Rio de Janeiro et principalement en São Paulo.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto		1-12

FLPM (B)21

	La violence dans les grandes ville
1	Les grandes villes deviennent chaque fois plus dangereuses et violentes. Les
2	personnes déménagent pour les villages en cherchant l'air pur et meilleur contact avec
3	la nature, mais surtout paix. Ici, nous vivons comme de gangster, pris dans notre
4	propres maisons, nous avons peur de sortir et être volés, assassinés ou souffrir
5	quelque autre type de violence.
6	Les personnes viennent pour les métropoles parce que les moyens de
7	communication montrent-les comme des merveilleux lieux pour vivre: emploi pour tout
8	le monde, élevés salaires enfin une chance pour réussir. Par conséquent ici, il est
9	très peuplé alors il y a du chômage et la plupart de la population habite en terribles
10	conditions. Actuellement, la prison n'est pas la meilleure sortie pour les bandits. Là ils
11	sont maltraités et sortent plus revoltés. Les uns qui veulent vraiment refaire sa vie
12	n'arrivent pas parce que personne ne donne pas un emploi à quelqu'un qui vient de
13	sortir de la prison.
14	Le gouvernement pourrait donner des opportunités de travail, meilleurs
15	habitations, inciter l'agriculture et les petits commerçants mais ils sont corrompus et
16	veulent améliorer seulement sa vie. Nous, la société, pouvons aider il faut avoir une
17	conscientisation que violence ne vaut rien.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Les grandes villes deviennent chaque fois plus dangereuses et violentes. Les personnes déménagent pour les villages en cherchant l'air pur et meilleur contact avec la nature, mais surtout paix	1-3
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Nous, la société, pouvons aider il faut avoir une conscientisation que violence ne vaut rien.	16-17
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade Querer Obrigação	Le gouvernement pourrait donner des opportunités de travail, mais ils sont corrompus et veulent améliorer seulement sa vie il faut avoir une conscientisation que violence ne vaut rien.	14 15-16 16-17
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	Les grandes villes deviennent chaque fois plus dangereuses et violentes. Les personnes déménagent pour les villages en cherchant l'air pur et meilleur contact avec la nature, mais surtout paix.	1-3
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	nous vivons notre nous avons nous pouvons	nous vivons comme de gangster, pris dans notre propres maisons, nous avons peur de sortir et être volés, assassinés ou souffrir quelque autre type de violence. Nous, la société, pouvons aider	3-5 16
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que, par consequence  mais	Les personnes viennent pour les métropoles parce que les moyens de communication montrent-les comme des merveilleux lieux pour vivre: emploi pour tout le monde, élevés salaires enfin une chance pour réussir. Par consequence ici, il est très peuplé alors il y a du chômage et la plupart de la population habite en terribles conditions Le gouvernement pourrait donner des opportunités de travail, meilleurs habitations, inciter l'agriculture et les petits commerçants mais ils sont corrompus et veulent améliorer seulement sa vie	6-9 14-16
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	1º e 2º parágrafos
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Les grandes villes deviennent chaque fois plus dangereuses et violentes. Les personnes déménagent pour les villages en cherchant l'air pur et meilleur contact avec la nature, mais surtout paix	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo.		1-17

FLPM (B)22

	La violence dans les grandes ville
1	Actuellement dans les grandes villes, surtout São Paulo, la plus violante du
2	pays, les rues deviant beaucoup dangereux, il y a plusieurs assalts a quelque part et à
3	quelque heure. La pire est que une personne mort à chaque heure assassinat.
4	En grande part des fois, les personnes volent parce qu'ils n'ont pas ce que
5	manger. Il y a un million de chomeur, ce n'est pas la principal cause de la violence
6	urbaine. Sans emploi, les personnes n'ont pas d'argent pour acheter ses choses en
7	faisant la economie du pays arreter. Avec moins emploi et prix plus cher les personnes
8	volent assassiant e font tous le types de violence pour vivre.
9	Nous voulons une ville plus agreable pour vivre avec plus d'arbre et lieux pour
10	les enfants. Sourtout plus écoles parce que sans education la société va continuer à
11	choisir mal ses representants, les politques, qui sont responsables pour la condition de
12	la education. Les enfants d'aujourd'hui sont les adutles de demain.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Il y a un million de chomeur	5
<b>1.2 Avaliação</b>	Apreciação	La pire est que une personne mort à chaque heure assassinat	3
	Opinião	Nous voulons une ville plus agreable pour vivre avec plus d'arbre et lieux pour les enfants. Sourtout plus écoles parce que sans education la société va continuer à choisir mal ses representants, les politques, qui sont responsables pour la condition de la education. Les enfants d'aujourd'hui sont les adutles de demain.	9-12
<b>1.3 Motivação</b>	Querere	Nous voulons une ville plus agreable pour vivre avec plus d'arbre et lieux pour les enfants.	9-10
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	La pire est que une personne mort à chaque heure assassinat	3
	Evidência	Il y a un million de chomeur, ce n'est pas la principal cause de la violence urbaine.	5-6
<b>2.CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous voulons Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Nous voulons une ville plus agreable pour vivre avec plus d'arbre et lieux pour les enfants.	9-10
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Parce que	les personnes volent parce qu'ils n'ont pas ce que manger	4-5
	Parce que	Sourtout plus écoles parce que sans education la société va continuer à choisir mal ses representants, les politques, qui sont responsables pour la condition de la education	10-12
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	La violence dans les grandes ville	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	1º e 2º parágrafos
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Actuellement dans les grandes villes, surtout São Paulo, la plus violante du pays, les rues deviant beaucoup dangereux, il y a plusieurs assalts a quelque part et à quelque heure	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto		1-12

**ANEXO III**

***CORPUS***

**PORTUGUÊS LICEU PASTEUR VERGUEIRO**

**(PLPV)**

## 1ª Amostra

Proposta do professor: desigualdade social no Brasil
--

Data: 02/06/06
----------------



PLPV (A)1

	Redação sobre o tema da pobreza
1	
2	
3	
4	Hoje no mundo um dos casos mais discutidos e
5	argumentados é o caso da pobreza. A pobreza hoje em dia
6	não é novidade para ninguém, sempre vemos no noticiário,
7	na televisão, no jornal alguma coisa sobre os problemas dos
8	pobres. São considerados como pessoas “a parte” da
9	sociedade, ninguém realmente liga para os pobres ninguém
10	os ajuda.
11	
12	
13	Nota-se que ocorre uma revolta por parte deles por
14	serem “esquecidos” e meprizados. Um ser que não tem
15	dinheiro, nem casa, e usa farrapos como roupas não tem
16	como sobreviver se o Estado não lhe der emprego. Por isso
17	que essas pessoas roubam, não é porque são más, e sim
18	porque querem sobreviver. O grande problema é que a
19	pobreza acaba sendo relacionada à violência, mas nós é que
20	relacionamos esses dois fatos. Quando um mendigo nos
21	pede esmola e nós nem olhamos para a cara dele, imagine só
22	como ele se sente. Meprizado concerteza.
23	
24	
25	
	O único meio tido pelos pobres como sobrevivência é
	o tráfico de drogas que acaba por favorece-los tendo o
	cliente na mão. Muitas veses, acabam por assaltar pessoas,
	seqüestra-las e as veses até matá-las. Tudo isso por dinheiro.
	Depois as pessoas pobres acabam por tornarem-se
	marginais, começam a seguir pessoas que se vestem bem,
	invadir a casa do indivíduo e pegar os utensílios de valor.
	Percebe-se que grandes favelas como Paraisópolis comandam grandes
	pontos de drogas, crimes, assaltos, etc... Essas pessoas fazem a justiça por
	meios errados: fazem ações contra o governo matando ou prejudicando
	inocentes.
	Podemos concluir que por pequenas falhas nossas, transformamos
	simples moradores pobres em ladrões e marginais.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	A pobreza hoje em dia não é novidade para ninguém	3
	Constatação	Nota-se que ocorre uma revolta por parte deles por serem “esquecidos” e meprizados	6-7
	Constatação	Percebe-se que grandes favelas como Paraisópolis comandam grandes pontos de drogas, crimes, assaltos,	20-21
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	O grande problema é que a pobreza acaba sendo relacionada à violência, mas nós é que relacionamos esses dois fatos	10-11
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	A pobreza hoje em dia não é novidade para ninguém, sempre vemos no noticiário, na televisão, no jornal alguma coisa sobre os problemas dos pobres.	2-3
	Evidência	Percebe-se que grandes favelas como Paraisópolis comandam grandes pontos de drogas, crimes, assaltos,	20-21
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Vemos	A pobreza hoje em dia não é novidade para ninguém, sempre vemos no noticiário	3-4
	Ninguém	ninguém realmente liga para os pobres ninguém os ajuda.	5-6
	Nós relacionamos	O grande problema é que a pobreza acaba sendo relacionada à violência, mas nós é que relacionamos esses dois fatos. Quando um mendigo nos pede esmola e nós nem olhamos para a cara dele, imagine só como ele se sente	11-13
	Nos, Nós olhamos		

	Podemos concluir, Nossas, Transformamos Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Podemos concluir que por pequenas falhas nossas, transformamos simples moradores pobres em ladrões e marginais. ----	24-25  ---	
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---	
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	O grande problema é que a pobreza acaba sendo relacionada à violência, mas nós é que relacionamos esses dois fatos	11-12	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----	
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Redação sobre o tema da pobreza		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução		1º parágrafo
		desenvolvimento		2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão		5º parágrafo
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Hoje no mundo um dos casos mais discutidos e argumentados é o caso da pobreza.	1-2	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-23	

## PLPV (A)2

Os problemas sociais no Brasil	
1	O Brasil tem muitos problemas sociais. Cada pessoa sabe isso, mas só
2	poucos fazem alguma coisa para ajudar os pobres. O problema principal é a
3	desigualdade entre os pobres e os ricos.
4	Os "ricos" vivem em condomínios fechados, com segurança. Eles
5	trabalham para ganhar dinheiro. Os "pobres" vivem em favelas ou talvez em casa
6	pequenas sem segurança. As famílias são, a maioria do tempo, grandes ou bem
7	maior das famílias dos "ricos". Elas vivem num apartamento, ou numa casa,
8	pequeno, com 3 quartos ou assim. Essa categoria de "pobres" tem um trabalho
9	remunerado, dinheiro para alimentar a família. Mas tem também a categorias dos
10	"pobres", que vivem nas favelas. Esses pobres vem para a cidade para achar
11	trabalho. A maioria do tempo, eles não acham trabalho e acabem sem casa, sem
12	dinheiro, sem nada. Nessa situação, eles se comportam como bichos, para achar
13	comida. As vezes, pode-se ver as casas dos "ricos", e atrás as favelas.
14	Esses problemas não existem só no Brasil, também existem em Europa,
15	América do Norte, Ásia e África. Mas eles mostram que o Brasil é um país sub-
16	desenvolvido com muitos problemas.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação Constatação	O Brasil tem muitos problemas sociais. Esses problemas não existem só no Brasil	1 14
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Esses problemas não existem só no Brasil, também existem em Europa, América do Norte, Ásia e África. Mas eles mostram que o Brasil é um país sub-desenvolvido com muitos problemas.	14-16
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Os "pobres" vivem em favelas ou talvez em casa pequenas sem segurança	5-6
	Possibilidade	As vezes, pode-se ver as casas dos "ricos", e atrás as favelas.	13
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	O Brasil tem muitos problemas sociais. Cada pessoa sabe isso, mas só poucos fazem alguma coisa para ajudar os pobres	1-2
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	mas	Esses problemas não existem só no Brasil, também existem em Europa, América do Norte, Ásia e África. Mas eles mostram que o Brasil é um país sub-desenvolvido com muitos problemas.	14-16
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Os problemas sociais no Brasil	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º parágrafo
	Estrutura:	conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	O Brasil tem muitos problemas sociais. Cada pessoa sabe isso, mas só poucos fazem alguma coisa para ajudar os pobres. O problema principal é a desigualdade entre os pobres e os ricos.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos que visam fundar a estrutura do real: pelo caso particular: exemplo		1-13

## PLPV (A)3

	O problema da pobreza brasileiro e a exclusão das pessoas
1	Primeiramente, ao que diz respeito o problema social brasileiro, o que podemos
2	tirar como conclusão é que a desigualdade social e a exclusão das pessoas é um grave
3	problema.
4	No primeiro texto relata nitidamente a pobreza brasileira. O homem é
5	comparado a um bicho que vivem na cidade, rato, gato e cão para agravar a situação.
6	O homem era até pior, ele nem cheirava a sua própria comida o que o torna mais
7	selvagem. Olha a que ponto chegou a sociedade, um homem ter que comer restos do
8	lixo, em condições precária.
9	Já no segundo texto podemos ver as diferenças sociais, presente uma ao lado
10	da outra. Uma favela e bem ao lado na casa vêm a pobreza passar pela frente ou seja
11	aqui mostra que não tem nem ao menos água encanada sendo que as pessoas na
12	casa têm uma piscina. A pobreza no Brasil é algo muito presente e que normalmente
13	está lado a lado com a riqueza.
14	No que se refere a exclusão, nos dois casos vemos as pessoas pobres e não
15	fazemos absolutamente nada. Varemos o problema para baixo do tapete e culpamos o
16	governo. Talvez, é uma função essencial do governo, mas será que se a gente deixar
17	passar vai ajudar? Será que precisamos chegar a esse ponto, de continuar excluindo
18	as pessoas com um problema, ou no caso do pobres? O pior de tudo é que poucos são
19	solidários e os outros só reclamam.
20	Será que a sociedade vai progredir, se continuarmos a fugir da realidade e
21	viver assim, só porque para nós tudo está bem?

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	nos dois casos vemos as pessoas pobres e não fazemos absolutamente nada.	14-15
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	O pior de tudo é que poucos são solidários e os outros só reclamam.	18-19
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Talvez, é uma função essencial do governo	16
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A pobreza no Brasil é algo muito presente e que normalmente está lado a lado com a riqueza.	12-13
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	sera que se a gente deixar passar vai ajudar? Será que precisamos chegar a esse ponto, de continuar excluindo as pessoas com um problema, ou no caso dos pobres? Será que a sociedade vai progredir, se continuarmos a fugir da realidade e viver assim, só porque para nós tudo está bem?	15-17  19-20
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos ver Vemos, Fazemos, Varemos, culpamos Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	podemos ver as diferenças sociais nos dois casos vemos as pessoas pobres e não fazemos absolutamente nada. Varemos o problema para baixo do tapete e culpamos o governo.  ---	8 13-15  ---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Até mas	O homem era até pior mas será que se a gente deixar passar vai ajudar?	5 16-17
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	O problema da pobreza brasileiro e a exclusão das pessoas	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	a desigualdade social e a exclusão das pessoas é um grave problema.	2-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		4-19

## PLPV (A)4

As desigualdades sociais no Brasil	
1	O Brasil é um país qualificado como subdesenvolvido nos dias de hoje, mesmo
2	tendo uma economia dinâmica e variada.
3	Uma das principais características dos países desenvolvidos, e o Brasil não
4	foge dessa regra, são as enormes desigualdades sociais que afetam a população.
5	Essas desigualdades se traduzem tanto nas ruas (pela miséria, falta de moradia, de
6	comida, etc...) como na organização e eficácia dos serviços básicos da sociedade.
7	Enquanto as classes mais ricas têm acesso a médicos e escolas particulares de alto
8	nível, a situação da educação e dos hospitais públicos são deploráveis. Além de não
9	haver vagas suficientes, o Estado não destina verbas suficientes a essas organizações.
10	Todas essas desigualdades implicam problemas na vida cotidiana. Sem ter o
11	que comer, aonde morar, entre outras coisas, muitas pessoas decidem se envolver
12	com a violência, o crime. Com isso, se instala um clima de medo, insegurança, por
13	parte da população em geral. Todos esses fatores agravam ainda mais a situação
14	social de um país. Situação que já faz parte da realidade dos brasileiros há um bom
15	tempo.
16	Em conclusão, podemos afirmar que a realidade social do nosso país e os
17	problemas resultantes dos níveis sociais heterogêneos desagradam a imagem do
18	Brasil no exterior. Além disso, a cidadania da população (quem em sua maioria é
19	pobre) fica manchada.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação.	O Brasil é um país qualificado como subdesenvolvido nos dias de hoje, mesmo tendo uma economia dinâmica e variada.	1-2
	Constatação	Todas essas desigualdades implicam problemas na vida cotidiana	10
	Constatação	a cidadania da população (quem em sua maioria é pobre) fica manchada.	18-19
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Todos esses fatores agravam ainda mais a situação social de um país. Situação que já faz parte da realidade dos brasileiros há um bom tempo.	13-15
	Opinião	podemos afirmar que a realidade social do nosso país e os problemas resultantes dos níveis sociais heterogêneos desagradam a imagem do Brasil no exterior. Além disso, a cidadania da população (quem em sua maioria é pobre) fica manchada.	16-19
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	O Brasil é um país qualificado como subdesenvolvido nos dias de hoje, mesmo tendo uma economia dinâmica e variada.	1-2
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos afirmar Nosso país Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	podemos afirmar que a realidade social do nosso país e os problemas resultantes dos níveis sociais heterogêneos desagradam a imagem do Brasil no exterior.	16-18
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Além disso	Além disso, a cidadania da população (quem em sua maioria é pobre) fica manchada.	18
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	As desigualdades sociais no Brasil	18-19
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	O Brasil é um país qualificado como subdesenvolvido nos dias de hoje, mesmo tendo uma economia dinâmica e variada	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-15

PLPV (A)5

As desigualdades Sociais no Brasil	
1	Estes textos mostram histórias ou momentos das vidas das pessoas de
2	classes sociais diferentes. A classe social de nível mais elevado é representada
3	como é na realidade, ou seja, é representada por pessoas normais que moram em
4	uma casa e aproveitam o fim de semana. A classe social pobre é comparada à
5	animais devido ao modo de vida que possuem.
6	De fato estes textos retratam a dura realidade social do Brasil. A
7	desigualdade social é um problema muito sério que precisa ser tratado com mais
8	atenção. As pessoas mais pobres têm de buscar os próprios alimentos, elas têm de
9	achá-los no lixo, buscar a água em poços e piscinas. Achamos que nos dias de hoje
10	com tantas ONGs para ajudar os menos favorecidos, essa situação é deplorável.
11	Como seres humanos podem reviram latas de lixo como animais para achar o pão
12	de cada dia? Esta é a imagem que a população e o exterior têm do Brasil: grandes
13	desigualdades sociais.
14	Estes textos não retratam exageradamente a realidade social e sim mostram
15	que esse problema social implica medo da população rica de ser roubada pela
16	pobre e da pobre de ser maltratada pelos ricos. As necessidades dos menos
17	favorecidos estão aumentando e se a população não for mais solidária uns com os
18	outros, essa situação irá somente agravar-se ao longo dos anos.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha	
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	A desigualdade social é um problema muito sério	7	
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião.	Achamos que nos dias de hoje com tantas ONGs para ajudar os menos favorecidos, essa situação é deplorável.	8-9	
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçã	A desigualdade social é um problema muito sério que precisa ser tratado com mais atenção	7-8	
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A desigualdade social é um problema muito sério que precisa ser tratado com mais atenção.	7-8	
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----	
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Como seres humanos podem reviram latas de lixo como animais para achar o pão de cada dia?	10-11	
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Achamos Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	Achamos que nos dias de hoje com tantas ONGs para ajudar os menos favorecidos, essa situação é deplorável.	8-9	
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---	
<b>3. CONECTORES</b>	---	---	---	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----	
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	As desigualdades Sociais no Brasil		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução		1º parágrafo
		desenvolvimento		2º parágrafo
		conclusão		3º parágrafo
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A desigualdade social é um problema muito sério que precisa ser tratado com mais atenção	7-8	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-16	

PLPV (A)6

A Realidade Brasileira	
1	Estes dois textos podem, no começo, parecerem meio difíceis de serem
2	relacionados com o contexto social brasileiro, mas, analisado-os mais de perto há
3	uma pequena sutileza em relação a sociedade brasileira. A desigualdade social no
4	Brasil é uma questão complexa que está sendo realmente colocada em textos para
5	podermos observar a realidade que está à nossa volta.
6	Podemos ver que no texto 1, para o autor o bicho era um homem, ou seja,
7	podemos dizer que esse bicho devia ser um homem pobre, sem nada para comer e
8	que ninguém ajudaria pois se consideram muito superiores a esse tipo de pessoas,
9	essa pessoa de classe baixa que nada mais espera da vida. No texto 2 podemos ver
10	que há um contraste entre o mundo rico e o pobre, os casarões e as favelas.
11	Podemos também ver que há um imenso medo das pessoas ricas em relação aos
12	pobres que as vezes nada mais querem do que um copo d'água ou uma fruta
13	qualquer.
14	Podemos então ver que no Brasil o mundo dos ricos e dos pobres são irmãos
15	e inimigos, irmãos porque moram um do lado do outro; inimigos pois não há mais
16	confiança, não há mais respeito um pelo outro. Os preconceitos são enormes e
17	extremamente visíveis. Podemos quase dizer que os direitos humanos foram
18	esquecidos e que a abolição da escravidão já ignorada.
19	As pessoas agora são classificadas por classe, por cor, pela riqueza. O
20	mundo agora é um lugar repleto de ódio por outras pessoas que são diferentes e
21	medo dos ricos pelos pobres e dos pobres pelos ricos, ou seja, não existe mais
22	confiança e dificilmente irá voltar a existir um dia.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	não existe mais confiança e dificilmente irá voltar a existir um dia.	21-22
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Podemos ver que no texto 1, para o autor o bicho era um homem	6
	Possibilidade	esse bicho devia ser um homem pobre, sem nada para comer e que ninguém ajudaria pois se consideram muito superiores a esse tipo de pessoas, essa pessoa de classe baixa que nada mais espera da vida	7-9
	Possibilidade	No texto 2 podemos ver que há um contraste entre o mundo rico e o pobre,	9-10
	Possibilidade	Podemos também ver que há um imenso medo das pessoas ricas em relação aos pobres que as vezes nada mais querem do que um copo d'água ou uma fruta qualquer.	11-13
	Possibilidade	Podemos então ver que no Brasil o mundo dos ricos e dos pobres são irmãos	14
	Possibilidade	Podemos quase dizer que os direitos humanos foram esquecidos e que a abolição da escravidão já ignorada	17-18
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A desigualdade social no Brasil é uma questão complexa Os preconceitos são enormes e extremamente visíveis.	3-4 16-17
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos observar, nossa	para podermos observar a realidade que está à nossa volta.	4
	Podemos ver	Podemos ver que no texto 1, para o autor o bicho era um homem	6
	Podemos ver	Podemos também ver que há um imenso medo das pessoas ricas	11
	Podemos quase dizer	Podemos quase dizer que os direitos humanos foram esquecidos e que a abolição da escravidão já ignorada	17-18
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	mas	mas, analisado-os mais de perto há uma pequena sutileza em relação a sociedade brasileira	2-3
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	A Realidade Brasileira	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita	A desigualdade social no Brasil é uma questão complexa	3-5

	Estrutura do real = auditório universal	que está sendo realmente colocada em textos para podermos observar a realidade que está à nossa volta.	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de coexistência: Argumento de autoridade		3-18



## PLPV (A)7

	Brasil: um só mundo?
1	O Brasil é um país de desigualdades. O território gigante, já apresenta
2	enormes desigualdades sociais. Enquanto São Paulo parece ser alguma cidade dos
3	Estados Unidos (não da Europa, pois não tem centro histórico), o Nordeste pode ser
4	assimilado a alguma cidade da África. A diferença entre as aldeias África e o vilarejo
5	do Nordeste, é que na África tem gente faminta o que não tem no Brasil.
6	Mesmo em São Paulo ou em Rio, se encontram as favelas, quase inexistente
7	na Europa. As poucas pessoas mais ricas gastam dinheiro de modo ostentado (as
8	mulheres que tem 150 pares de sapato), e deixam os mais pobres viverem na miséria
9	(pesquisas mostram que 70% da população brasileira não têm casa decente e vive em
10	favelas). Quais são as razões dessas imensas desigualdades? Com a industrialização,
11	o Brasil se tornou um país urbano. Mas com a americanização do setor secundário,
12	muitas pessoas são deixadas sem empregos, e escolhem trabalhos muito mal
13	remunerados do setor terciário. Foi então por causa de escolhas políticas.
14	Mas também interveio a corrupção. Alguns pagam, outros roubam. A
15	corrupção explica muitas vezes as grandes fortunas. E ficam impunes. Exemplo de
16	Maluf: rouba milhões e não é preso. Além da fraqueza da lei existem o desrespeito, o
17	individualismo, o ricos desprezam ou ignoram os pobres. O capitalismo também causa
18	em parte as desigualdades, exatamente como o tamanho do território, que torna mais
19	difícil a administração.
20	Será que Brasil é realmente a "pátria amada" para todos? Para o garoto das
21	favelas que, os estomago tão vazio como o coração que nunca conheceu amor, vê
22	passar os helicópteros?

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	A diferença entre as aldeias África e o vilarejo do Nordeste, é que na África tem gente faminta o que não tem no Brasil	4-5
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Enquanto São Paulo parece ser alguma cidade dos Estados Unidos (não da Europa, pois não tem centro histórico), o Nordeste pode ser assimilado a alguma cidade da África.	2-4
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	O Brasil é um país de desigualdades. O território gigante, já apresenta enormes desigualdades sociais	1-2
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Brasil: um só mundo? Quais são as razões dessas imensas desigualdades? Será que Brasil é realmente a "pátria amada" para todos? Para o garoto das favelas que, o estomago tão vazio como o coração que nunca conheceu amor, vê passar os helicópteros?	Título 10 20-22
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas Mas também	Mas com a americanização do setor secundário Mas também interveio a corrupção	11 14
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Brasil: um só mundo?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	O Brasil é um país de desigualdades. O território gigante, já apresenta enormes desigualdades sociais. Enquanto São Paulo parece ser alguma cidade dos Estados Unidos (não da Europa, pois não tem centro histórico), o Nordeste pode ser assimilado a alguma cidade da África.	1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Probabilidade Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	2-18

PLPV (A)8

Problema sociais no Brasil	
1	Existe no Brasil grandes problemas sociais. Cada um é consciente disso, mas
2	são poucas as pessoas que trabalham e ajudam para resolver esses problemas que
3	na verdade é um espelho da sociedade brasileira e francesa. Pode-se analisar e
4	comparar a situação no Brasil e na França para tentar saber se isso existe tanto nos
5	países subdesenvolvidos e nos países desenvolvidos.
6	No Brasil, que é um país subdesenvolvido se pode ver o contraste rico-pobre
7	em qualquer cidade em qualquer lugar. Na rua se vê mendigos dormindo no chão e
8	por "sorte" as vezes não morrem durante a noite de frio. Existe alguma pessoa que
9	quando vê eles não sente piedade? Todo mundo que tem um pouco de bondade vai
10	ter, Mas nunca se viu alguém ir ver esses mendigos para propor uma noite numa
11	cama decente e um banho quente. Medo de ser roubado? De ele ser drogado? De ter
12	doenças? As pessoas não são mais solidárias e sempre vai existir um preconceito
13	muito grande com as pessoas consideradas "inferiores". Esse contraste também pode
14	se ver com as mansões e as favelas. Por exemplo, no bairro Morumbi se vê grande
15	casas que custam milhões e do lado uma enorme favela.
16	Mas, na França que é um país desenvolvido existe também problemas sociais,
17	portanto diferentes. OS mendigos são nesse estado de um lado um pouco por
18	vontade. Lá, o estado paga para as pessoas desempregadas e o salário mínimo é
19	bem mais elevado do que no Brasil. Na França, existia favelas mas foram quase todas
20	destruídas antes de 1970. Hoje, existe "cite" que regroupam pessoas da classe baixa.
21	Nesses edifícios são magrebianos que morrem lá.
22	Com certeza, existe desigualdades sociais em todos os países mas elas são
23	caracterizadas diferentemente.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião.	Com certeza, existe desigualdades sociais em todos os países mas elas são caracterizadas diferentemente.	22-23
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	No Brasil, que um país subdesenvolvido se pode ver o contraste rico-pobre em qualquer cidade em qualquer lugar	6-7
	Possibilidade	Esse contraste também pode se ver com as mansões e as favelas.	13-14
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	Existe no Brasil grandes problemas sociais. Cada um é consciente disso	1
	Evidência	Pode-se analisar e comparar a situação no Brasil e na França para tentar saber se isso existe tanto nos países subdesenvolvidos e nos países desenvolvidos.	3-5
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Existe alguma pessoa que quando vê eles não sente piedade? Medo de ser roubado? De ele ser drogado? De ter doenças?	8-9 11-12
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Existe no Brasil grandes problemas sociais. Cada um é consciente disso, mas são poucas as pessoas que trabalham e ajudam para resolver esses problemas que na verdade é um espelho da sociedade brasileira e francesa	1-3
	Mas	Na França, existia favelas mas foram quase todas destruídas antes de 1970	19-20
	mas	Com certeza, existe desigualdades sociais em todos os países mas elas são caracterizadas diferentemente.	22-23
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Problema sociais no Brasil	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita	Existe no Brasil grandes problemas sociais. Cada um é	1-3

	Estrutura do real = auditório universal	consciente disso, mas são poucas as pessoas que trabalham e ajudam para resolver esses problemas que na verdade é um espelho da sociedade brasileira e francesa	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação		1-21

PLPV (A)9

	Sem o ruim, não existe o bom
1	O mundo se encontra hoje em estado crítico quando se trata da pobreza, fome,
2	miséria. Há pessoas na rua passando fome e frio. Há pessoas em favelas no meio da
3	violência e do crime. Mas existem também, aqueles que passam menos por isso: os ricos
4	em grande parte.
5	No Brasil de hoje, a desigualdade social não está diretamente ligada à causas
6	atuais, mas sim as origens brasileiras; pobres existem porque nasceram pobres. Por isso
7	não devemos culpar os ricos de serem ricos, podemos culpá-los por sua ignorância e
8	preconceito.
9	Esse preconceito está ligado ao medo da violência que a população pobre tem a
10	“fama” de causar. Mas será que é mais importante a segurança ou o respeito?
11	Quando usamos a palavra “pobre”, temos a impressão de que se trata de
12	marginais, criminosos; é uma palavra pejorativa, por isso malvista pela sociedade rica.
13	Pobres geralmente não têm acesso à escola, o que os leva a ter outro estilo de vida,
14	considerados um ignorante, um animal.
15	Este tema, sendo um dos mais importantes, neste momento causa tristeza e angústia
16	nos bons corações que ainda restaram neste mundo miserável e injusto.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	O mundo se encontra hoje em estado crítico quando se trata da pobreza, fome, miséria	1-2
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião.	Esse preconceito está ligado ao medo da violência que a população pobre tem a “fama” de causar	9-10
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	O mundo se encontra hoje em estado crítico quando se trata da pobreza, fome, miséria. Há pessoas na rua passando fome e frio. Há pessoas em favelas no meio da violência e do crime. Mas existem também, aqueles que passam menos por isso: os ricos em grande parte.	1-4
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Mas será que é mais importante a segurança ou o respeito?	10
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Devemos, Podemos Usamos, Temos Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Por isso não devemos culpar os ricos de serem ricos, podemos culpá-los por sua ignorância e preconceito. Quando usamos a palavra “pobre”, temos a impressão de que se trata de marginais, criminosos	7-8  11-12
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas  Mas  mas	Mas existem também, aqueles que passam menos por isso: os ricos em grande parte.  No Brasil de hoje, a desigualdade social não está diretamente ligada à causas atuais, mas sim as origens brasileiras;  Mas será que é mais importante a segurança ou o respeito?	3-4  5-6  10
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Sem o ruim, não existe o bom	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução desenvolvimento conclusão	1º parágrafo 2º, 3º, 4º parágrafos 5º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	O mundo se encontra hoje em estado crítico quando se trata da pobreza, fome, miséria. Há pessoas na rua passando fome e frio. Há pessoas em favelas no meio da violência e do crime. Mas existem também, aqueles que passam menos por isso: os ricos em grande parte.	1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	Argumentos fundados na doxologia	5-14

## PLPV (A)10

A desigualdade social brasileira	
1	Quando pensamos no Brasil de hoje em dia as primeiras coisas que nos passam
2	pela cabeça são: praia, sol, mulher bonita e... favelas. Sim, infelizmente, as favelas
3	acabam fazendo parte do lado descritivo brasileiro. Como devemos reagir à esse aspecto?
4	O que faz com que as favelas, em vez de sumirem com o passar do tempo faz com que
5	elas aumentam?
6	A desigualdade social é uma das características mais presentes na sociedade
7	brasileira atualmente. Difícil seria achar a sua causa que hoje causa a separação da
8	população por ordem social. A classe mais alta, que vive em "seu próprio mundo" longe da
9	pobreza, violência, do sofrimento do dia à dia provavelmente não faz nem idéia do que se
10	passa com mais de 80% da população em volta dela. Ai está um problema: talvez todos
11	soubessem que o Brasil inteiro não vive nas mesmas condições que estas classes mais
12	altas. Um sofrimento mais solidário poderia existir dentro de cada um de nós. Até que isso
13	aconteça, vai continuar existindo essa segregação dos ricos e o esquecimento dos mais
14	pobres, estes primeiros são então ignorantes até mesmo às vezes arrogantes e
15	intolerantes.
16	A formação das favelas não é um assunto novo nos dias de hoje. Ela deu-se
17	quando nosso país começou a industrializar-se e as cidades (principalmente as
18	metrópoles) passaram à ser pólos atrativos de empregos. Porém essa vinda em grade
19	massa não possibilitou a construção de moradias desentes, formaram-se então as favela.
20	Hoje pode-se dizer que é culpa do governo que não providencia o básico de um cidadão: a
21	moradia não precária. As pessoas que acabam vivendo lá são porque não acabam sendo
22	acolhidas pela cidade grande.
23	A importância da igualdade é fundamental, deve-se então deixar de lado o
24	preconceito e a idéia de que o pobre é ladrão, pois estamos todos tentando viver,
25	batalhando. Porém, com tanta desigualdade que cria ignorância, podemos ainda nos
26	orgulhar do nosso país?

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	A formação das favelas não é um assunto novo nos dias de hoje	16
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Sim, infelizmente, as favelas acabam fazendo parte do lado descritivo brasileiro	2-3
	Opinião	A importância da igualdade é fundamental, deve-se então deixar de lado o preconceito e a idéia de que o pobre é ladrão, pois estamos todos tentando viver, batalhando.	23-25
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Um sofrimento mais solidário poderia existir dentro de cada um de nós	12
	Obrigaçao	A importância da igualdade é fundamental, deve-se então deixar de lado o preconceito e a idéia de que o pobre é ladrão, pois estamos todos tentando viver, batalhando.	23-25
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	A desigualdade social é uma das características mais presentes na sociedade brasileira atualmente.	6-7
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Como devemos reagir à esse aspecto? O que faz com que as favelas, em vez de sumirem com o passar do tempo faz com que elas aumentam? Porém, com tanta desigualdade que cria ignorância, podemos ainda nos orgulhar do nosso país?	3-5 25-26
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Pensamos, nos passam	Quando pensamos no Brasil de hoje em dia as primeiras coisas que nos passam pela cabeça são: praia, sol, mulher bonita e... favelas	1-2
	Devemos nós	Como devemos reagir à esse aspecto? Um sofrimento mais solidário poderia existir dentro de cada um de nós	3 12
	Nosso	Ela deu-se quando nosso país começou a industrializar-se	17-18
	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Porém	Porém essa vinda em grade massa não possibilitou a construção de moradias desentes, formaram-se então as favela	18-19
	porém	Porém, com tanta desigualdade que cria ignorância, podemos ainda nos orgulhar do nosso país?	25-26
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	A desigualdade social brasileira	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	

	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos	
		conclusão	5º parágrafo	
	Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A desigualdade social é uma das características mais presentes na sociedade brasileira atualmente		6-7
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo			6-22

PLPV (A)11

	Igualdade a tempos prometida, nunca utilizada
1	Os dois textos tratam das desigualdades sociais presentes no Brasil no começo do
2	século XX. A desigualdade social no Brasil é considerado de duas maneiras diferentes : de
3	forma visando a crueldade dessa condição de miséria, com Manuel Bandeira e de maneira
4	mais cruel a miséria como Fernando Sabino. Nós apoiamos a opinião de Manuel Bandeira.
5	O Brasil é um país emergente, sendo considerado uma das próximas potencias
6	mundiais, há a maior desigualdade de renda do mundo. É vergonhoso. Desde o começo
7	do nosso período democrático se considera que se deve aumentar a produção (PIB) para
8	depois dividi-la melhor. Agora somos a 13ª economia mundial e ainda temos milhões de
9	brasileiros vivendo ainda abaixo da linha da pobreza.
10	Essa situação é normal desde o começo da existência brasileira. No período
11	colonial a maioria da população era escrava enquanto havia uma pequena minoria que
12	concentrava a riqueza. Infelizmente a abolição da Escravatura não ajudou na condição dos
13	escravos pois ela só aboliu a escravidão não fornecia uma posição melhor para os
14	escravos.
15	Com essa situação não conseguiremos nos tornar países desenvolvidos.Temos a
16	primeira condição: economia forte mas possuímos também a primeira condição dos países
17	subdesenvolvidos: enormes desigualdades sociais. Ora só diminuindo elas poderemos
18	viver num país desenvolvido e assim esperar a igualdade que a tanto tempo nos
19	prometem.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião.	É vergonhoso.	7
	Opinião	Infelizmente a abolição da Escravatura não ajudou na condição dos escravos pois ela só aboliu a escravidão não fornecia uma posição melhor para os escravos.	13-14
	Opinião	Com essa situação não conseguiremos nos tornar países desenvolvidos	15
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigação	Desde o começo do nosso período democrático se considera que se deve aumentar a produção (PIB) para depois dividi-la melhor	6-8
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	O Brasil é um país emergente, sendo considerado uma das próximas potencias mundiais, há a maior desigualdade de renda do mundo	5-6
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nós apoiamos Nosso	Nós apoiamos a opinião de Manuel Bandeira Desde o começo do nosso período democrático se considera que se deve aumentar a produção (PIB) para depois dividi-la melhor. Agora somos a 13ª economia mundial e ainda temos milhões de brasileiros vivendo ainda abaixo da linha da pobreza.	4
	Somos, Temos	Com essa situação não conseguiremos nos tornar países desenvolvidos.Temos a primeira condição: economia forte mas possuímos também a primeira condição dos países subdesenvolvidos: enormes desigualdades sociais	7-9
	Consequiremos Temos, possuímos		15-17
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Temos a primeira condição: economia forte mas possuímos também a primeira condição dos países subdesenvolvidos: enormes desigualdades sociais	16-17
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Igualdade a tempos prometida, nunca utilizada	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo
	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A desigualdade social no Brasil é considerado de duas maneiras diferentes : de forma visando a crueldade dessa condição de miséria, com Manuel Bandeira e de maneira mais cruel a miséria como Fernando Sabino. Nós apoiamos a opinião de Manuel Bandeira.	2-4

<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de coexistência: Argumento de autoridade Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Probabilidade Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos	1-14
--------------------------------	--	------



PLPV (A)12

A maravilhosa democracia brasileira	
1	Os dois textos referem-se à questão da desigualdade brasileira, só que o primeiro
2	texto tem como primeiro e único plano a perspectiva a respeito do pobre e o segundo
3	texto, tem como primeiro plano a situação dos ricos e em segundo, as ações que a
4	pobreza pode levar alguém a fazer.
5	A desigualdade social que existe em nosso país é lamentável. Podemos dizer que
6	essa desigualdade do nosso país proveém de três fatores principais: Com a abolição da
7	escravidão no séc. XIX, os escravos recém-livres, se viram num país que não estava
8	pronto para receber brutalmente, rapidamente, tanta mão de obra salariada disponível.
9	Sendo assim, os patrões continuaram ricos e os ex-escravos, pobres. Mas a principal
10	causa aconteceu no século passado, quando o setor industrial ficou no primeiro plano da
11	nossa economia. Como esta é tardia, nessa época, os países desenvolvidos já
12	desenvolviam máquinas para substituir a força humana já que sofriam de falta de mão de
13	obra.
14	O Brasil, por sua vez, também comprava essas máquinas. Porém, ele, ao contrário
15	dos países ricos, sofre de excesso e não falta de mão de obra, o que agravou a questão
16	do desemprego e multiplicou o subemprego, o que conseqüentemente agravou as nossa
17	desigualdade social, característica (entre outras) do subdesenvolvimento brasileiro. Um
18	terceiro fato é a grande migração nordestina para as grandes metrópoles, que, por sua
19	mão de obra pouco qualificada encontra míseros emprego ou simplesmente não
20	encontrando, forçando às famílias recém chegadas de ir para os morros, destruindo a
21	natureza local, que uma vez já fora alvo de admiração, para construir suas construções
22	precárias de material de baixa qualidade reutilizados chamados "barracos". A maioria das
23	famílias, além de fazer parte de subemprego, costuma a entregar seus vários filhos de
24	presente para o sinal, onde tentam ganhar seu pão. Mas nós vivemos numa democracia! E
25	a maior parte do povo é o pobre!
26	Podemos deduzir que, além de serem eles os que decidem os candidatos eleitos
27	(populistas, considerados a maioria esmagados) são esses últimos, que agravam essa
28	desigualdade atendendo somente aos desejos da classe média pra cima, deixando que
29	todo o serviço público, incluindo escolas, continuem nesse estado lamentável privando os
30	filhos de ninguém á coisa mais fundamental à vida: cultura.
31	Mas afinal, vivemos numa democracia?

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	a maior parte do povo é o pobre!	25
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião.	A desigualdade social que existe em nosso país é lamentável	5
	Opinião	são esses últimos, que agravam essa desigualdade atendendo somente aos desejos da classe média pra cima, deixando que todo o serviço público, incluindo escolas, continuem nesse estado lamentável	27-29
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A desigualdade social que existe em nosso país é lamentável	5
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Mas afinal, vivemos numa democracia?	31
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nossa	Mas a principal causa aconteceu no século passado, quando o setor industrial ficou no primeiro plano da nossa economia	10-11
	Nossa	Porém, ele, ao contrário dos países ricos, sofre de excesso e não falta de mão de obra, o que agravou a questão do desemprego e multiplicou o subemprego, o que conseqüentemente agravou as nossa desigualdade social,	14-17
	Nós vivemos	Mas nós vivemos numa democracia	24
	Podemos deduzir vivemos	Podemos deduzir que, além de serem eles os que decidem os candidatos eleitos	26
		Mas afinal, vivemos numa democracia?	31
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Mas a principal causa aconteceu no século passado, quando o setor industrial ficou no primeiro plano da nossa economia	10-11
	Porém	Porém, ele, ao contrário dos países ricos, sofre de excesso e não falta de mão de obra, o que agravou a questão do desemprego e multiplicou o subemprego, o que conseqüentemente agravou as nossa desigualdade social,	14-17
	Mas	Mas nós vivemos numa democracia	24
	mas	Mas afinal, vivemos numa democracia?	31
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----

<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	A maravilhosa democracia brasileira		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos	
		conclusão	5º parágrafo	
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A desigualdade social que existe em nosso país é lamentável. Podemos dizer que essa desigualdade do nosso país proveém de três fatores principais		5-6
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos			5-25

## PLPV (A)13

Os excluídos da Sociedade	
1	Nos texto "O bicho" de Manuel Bandeira e "Piscina" de Fernando Sabino
2	discutem um tema interessante sobre a realidade social brasileira (ou francesa).Nos
3	dois textos mostram que o homem (ou mulher) que faz parte da baixa classe social são
4	"bichos".
5	O pobre (ou mendigo) é confundido com vários bichos, principalmente, um rato.
6	Nota-se que os atos do mendigo de acordo com a imediácia e a veracidade de engolir
7	os detritos fazem o homem se tornar regularmente um bicho, um rato.
8	A falta de dinheiro faz que as pessoas se tornem imagens repulsivas e
9	esfomeados, pode-se dizer que o nível de um homem se melhora cada vez mais com
10	a quantidade de dinheiro.
11	Essa sociedade prefere julgar e não dar atenção (e até maltratar) as pessoas
12	de classes baixas, pessoas que passam fome e que não tem mais esperanças para se
13	erguer.
14	No segundo texto, nota-se que a mulher que morava na esplendida residência
15	sentia pavor da mulher que morava na favela. Quando "o bicho" (a mulher) põe o pé na
16	residência e aproxima-se da mulher rica, a mulher rica sente um enorme pavor e terror
17	da mulher. Nota-se que a mulher se traumatiza tanto da cena, que ela acaba vendendo
18	a casa.
19	A sociedade em que vivemos, hoje não se importa com o conteúdo da pessoa
20	e sim com a aparência ou o dinheiro da pessoa. Os pobres são abandonados e
21	tratados como bichos. Podemos afirmar que a sociedade tem medo também dos
22	"bixos" e até se traumatizam com eles.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	nota-se que a mulher que morava na esplendida residência sentia pavor da mulher que morava na favela	14-15
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	A sociedade em que vivemos, hoje não se importa com o conteúdo da pessoa e sim com a aparência ou o dinheiro da pessoa	19-20
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	pode-se dizer que o nível de um homem se melhora cada vez mais com a quantidade de dinheiro	9-10
	Possibilidade	Podemos afirmar que a sociedade tem medo também	21-22
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A falta de dinheiro faz que as pessoas se tornem imagens repulsivas e esfomeados, pode-se dizer que o nível de um homem se melhora cada vez mais com a quantidade de dinheiro.	8-10
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Vivemos	A sociedade em que vivemos, hoje não se importa com o conteúdo da pessoa e sim com a aparência ou o dinheiro da pessoa	19-20
	Podemos afirmar	Podemos afirmar que a sociedade tem medo também	21-22
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	E (=mas)	A sociedade em que vivemos, hoje não se importa com o conteúdo da pessoa e sim com a aparência ou o dinheiro da pessoa	19-20
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Os excluídos da Sociedade	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Essa sociedade prefere julgar e não dar atenção (e até maltratar) as pessoas de classes baixas, pessoas que passam fome e que não tem mais esperanças para se erguer.	11-13
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência Argumento de autoridade Argumentos fundados na doxologia		1-18

PLPV (A)14

As diferenças sociais, das duas classes	
1	Podemos ver a realidade social no Brasil pois temos duas grandes classes
2	sociais muito distintas : a classe pobre e a classe rica. A única coisa que as diferencia é
3	o dinheiro e a educação pois todo homem é igual "só muda o endereço", esta frase
4	popular todo mundo usa, só que ninguém leva em conta o seu significado. O seu
5	significado significa que o homem que vive na favela não é diferente em nenhum
6	sentido do homem que vive na mansão, da Avenida Europa. Pois o pobre vive em uma
7	condição precária e o rico vive em uma condição favorável a do pobre pois este tem
8	muitos lucros com este estado social.
9	Nota-se em todas as ruas de qualquer lugar do mundo um mendigo ou uma
10	peessoa com dificuldades de moradia que estão desesperadas por água ou comida para
11	isso eles ou vendem coisas baratas nas ruas, ou até os mais necessitados, como as
12	mulheres se vendem por comida ou também nos casos mais absurdos aqui no Brasil
13	tem bêbes de aluguel que neste caso mulheres compram bêbes para ganhar dinheiro,
14	crianças no faróis... E os mais ricos não dão valor as coisas que eles tem, como água e
15	comida.
16	Podemos afirmar que os problemas resultantes dos níveis sociais heterogêneos
17	estão cada vez mais se expandindo pois cada vez mais os ricos não gostam de ficar do
18	lado dos pobres, ou também se eles nem sabem quem é quem, julgam pela aparência
19	ou pelas roupas, acredita-se que este comportamento é inadequado pois e se os ricos
20	do dia para a noite virassem pobres como seria, como eles viveriam?

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação Saber	Nota-se em todas as ruas de qualquer lugar do mundo um mendigo ou uma pessoa com dificuldades de moradia acredita-se que este comportamento é inadequado	9-10 19
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade Possibilidade	Podemos ver a realidade social no Brasil pois temos duas grandes classes sociais muito distintas : a classe pobre e a classe rica. Podemos afirmar que os problemas resultantes dos níveis sociais heterogêneos estão cada vez mais se expandindo	1-2 16-17
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Nota-se em todas as ruas de qualquer lugar do mundo um mendigo ou uma pessoa com dificuldades de moradia que estão desesperadas por água ou comida	9-10
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	se os ricos do dia para a noite virassem pobres como seria, como eles viveriam?	20
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos ver, temos Podemos afirmar Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Podemos ver a realidade social no Brasil pois temos duas grandes classes sociais muito distintas : a classe pobre e a classe rica. Podemos afirmar que os problemas resultantes dos níveis sociais heterogêneos estão cada vez mais se expandindo	1-2 16-17
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	---	---	---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	As diferenças sociais, das duas classes	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Podemos ver a realidade social no Brasil pois temos duas grandes classes sociais muito distintas : a classe pobre e a classe rica. A única coisa que as diferencia é o dinheiro e a educação pois todo homem é igual "só muda o endereço", esta frase popular todo mundo usa, só que ninguém leva em conta o seu significado	1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-15

PLPV (A)15

	O problema das desigualdades sociais
1	O problema das desigualdades sociais também afeta o Brasil. Esses textos
2	mostram que a pobreza é uma coisa que a sociedade teme, tem medo de, em vez de
3	ser solidários. Por exemplo, no texto 2, isso mostrou que as pessoas ricas temem as
4	pessoas pobres é por isso que, quando o marido visualizou que ele e sua mulher
5	estavam desprotegidos das pessoas pobres, eles venderam a casa e foram embora
6	provavelmente para um condomínio fechado onde pessoas pobres não podem entrar.
7	A parte triste, é que essa pessoa que entrou só quis pegar um pouquinho de
8	água da piscina talvez porque não tem água corrente no lugar onde essa pessoa vive, e
9	quer dar água para sua família para sobreviver.
10	No primeiro texto, o narrador diz que ele confundiu um homem... com um
11	animal! Isto é uma coisa impressionante, porque agora, nessa época, tem textos como
12	"a declaração dos direitos humanos" que protegem as pessoas de ser tratadas como
13	animais. Entretanto, tem pessoas "esquecidas" por esses textos, pessoas que não são
14	consideradas por causa da situação tão precária deles. Pode-se achar que é uma coisa
15	inadmissível, mas é um fato que o mundo inteiro vai ter que aceitar, porque isso só vai
16	ser acarretando com o tempo, quer dizer que as pessoas ricas vão receber ainda mais
17	dinheiro e as pessoas pobres, ainda menos.
18	Em conclusão, se as pessoas ricas estavam mais solidárias esse tipo de
19	situação não aconteceria, os jovens também deveriam fazer alguma coisa, mas o
20	mundo de hoje tem outras prioridades. Então é por isso que os ricos vão continuar a ter
21	medo dos pobres, e os pobres vão continuar a tirar dinheiro dos ricos com assaltos e
22	violências diversas...
23	O mundo seria tão lindo sem diferenças sociais...

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	O problema das desigualdades sociais também afeta o Brasil	1
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião Opinião Opinião	Isto é uma coisa impressionante é uma coisa inadmissível O mundo seria tão lindo sem diferenças sociais	11 14 23
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade  Possibilidade	Pode-se achar que é uma coisa inadmissível, mas é um fato que o mundo inteiro vai ter que aceitar, O mundo seria tão lindo sem diferenças sociais	14-15  23
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	O problema das desigualdades sociais também afeta o Brasil	1
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Entretanto  mas	Entretanto, tem pessoas "esquecidas" por esses textos Pode-se achar que é uma coisa inadmissível, mas é um fato que o mundo inteiro vai ter que aceitar,	13  14-15
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	O problema das desigualdades sociais	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º, 5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	O problema das desigualdades sociais também afeta o Brasil	1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência Argumento de autoridade		2-17

## PLPV (A)16

Conseqüências de uma sociedade hipócrita	
1	Analisando-se esses dois textos podemos destacar o principal tema, a
2	sociedade condena os homens pelos o que eles são e da onde que eles vêm
3	transformando-se em animais selvagens. De fato, podemos ver claramente que o autor
4	fica espantado de ver os homens se comportando como animais; no segundo podemos
5	notar como a sociedade culpabiliza essa maneira de agir ao passo que é essa mesma
6	sociedade e suas ilegalidades e preconceitos que os fizeram agir de tal maneira. Como
7	exemplo dessa realidade social podemos analisar várias sociedades como a francesa,
8	brasileira ou principalmente africana, mas infelizmente essa realidade é presente no
9	mundo inteiro.
10	Na França em certos lugares de maior pobreza podemos encarar esta realidade.
11	De fato, o governo e essa concepção de "igualdade" fizeram com que, as famílias
12	estrangeiras imigrantes que chegarem para achar trabalho em uma "terra prometida",
13	passaram a ser rejeitadas, sem dinheiro para viver, lutando cada dia; é como se esta
14	sociedade tinha enviado esses homens para a vida selvagem aonde eles têm de lutar
15	cada dia para sobreviver, é como se esses homens se tinham "tornado animais". Mas
16	não. Mas esse fato deles voltarem a uma vida qualificada "selvagem" não faz deles uns
17	animais, eles permanecem homens. Penso que é justamente a sociedade que vai os
18	considerar como bichos e não como homens, é esse preconceito que vai dividir a
19	sociedade e fazer entrar num ciclo vicioso. Para resumir, prejuízo e falta de
20	oportunidade implica de uma maneira que a sociedade não considera "adequada" ao
21	passo que foi ela mesma que os levou a agir de tal maneira, que leva de novo aos
22	prejuízos.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação.	a sociedade condena os homens pelos o que eles são e da onde que eles vêm transformando-se em animais selvagens	2-3
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião.	infelizmente essa realidade é presente no mundo inteiro.	9
	Opinião	Penso que é justamente a sociedade que vai os considerar como bichos e não como homens, é esse preconceito que vai dividir a sociedade e fazer entrar num ciclo vicioso.	17-19
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	De fato, podemos ver claramente que o autor fica espantado de ver os homens se comportando como animais; no segundo podemos notar como a sociedade culpabiliza essa maneira de agir	5-5
<b>1.4 Asserções</b>	---	---	---
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	----	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos destacar	podemos destacar o principal tema	1
	Podemos ver, Podemos notar	De fato, podemos ver claramente que o autor fica espantado de ver os homens se comportando como animais; no segundo podemos notar como a sociedade culpabiliza essa maneira de agir	3-5
	Podemos analisar	Como exemplo dessa realidade social podemos analisar várias sociedades como a francesa, brasileira ou principalmente africana, mas infelizmente essa realidade é presente no mundo inteiro.	6-9
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	penso	Penso que é justamente a sociedade que vai os considerar como bichos e não como homens, é esse preconceito que vai dividir a sociedade e fazer entrar num ciclo vicioso.	17
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	mas infelizmente essa realidade é presente no mundo inteiro.	9
	Mas... mas	Mas não. Mas esse fato deles voltarem a uma vida qualificada "selvagem" não faz deles uns animais,	16-17
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Conseqüências de uma sociedade hipócrita	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	1º e 2º parágrafos
		conclusão	2º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real =	a sociedade condena os homens pelos o que eles são e da onde que eles vêm transformando-se em animais	2-3

	auditório universal	selvagens	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		3-19

## 2ª Amostra

Tema: O poder da leitura
Data: 18/09/2006



PLPV (B)1

O poder de transformação da leitura	
1	A leitura é uma das grandes aquisições culturais da humanidade. Ela tem diversos
2	efeitos no ser humano. Segundo Inajá Martins de Almeida, a leitura leva o leitor a ver o
3	mundo de uma certa forma. Já Moacyr Scliar pensa que "todo escritor é. Antes de tudo, um
4	leitor". Os amigos do livro acham que a leitura permite que o ser humano entre em outros
5	universos, enriqueça seus conhecimentos. É interessante refletir sobre a leitura para ver se
6	realmente ela transforma o leitor.
7	A leitura é uma das maiores e mais utilizadas formas de informação no mundo. Essa
8	forma já é remota e bem antiga. Geralmente, são as mães que introduzem os filhos aos
9	livros. Esse é o caso de Moacyr Scliar, que explica também que foi graças à leitura que mais
10	tarde ele se tornou escritor. Me parece que com certeza quem não gosta de ler não vai poder
11	escrever e não vai saber dominar as técnicas da escritura. Todos os leitores, a partir do
12	momento que estão lendo, entram num outro mundo, o mundo das palavras, o mundo das
13	letras. O gosto pela escritura começa neste momento, com a leitura.
14	A leitura é também um meio de conhecimento, de enriquecimento cultural. Os amigos
15	do livro pensam que os livros nos permitem viajar através das civilizações e do tempo. Eu
16	acho que além desse enriquecimento, a leitura também é um excelente meio de
17	sociabilizarão pois quando aprendemos a ler podemos exercer um trabalho na sociedade, o
18	que não acontece com os analfabetos. Muitas pessoas também usam a leitura como lazer ou
19	divertimento. Os livros são diferentes universos que nos falam de experiências de vida,
20	aventuras, coisas em geral eles podem nos influenciar, dar idéias.
21	Inajá Martins de Almeida pensa que a leitura influencia a nossa visão de mundo.
22	Realmente, muitos escritores influenciaram pessoas, escritores que expunham suas idéias,
23	como Mikhail Bakhtin, por exemplo, filósofo anarquista, que escreveu livros. Os livros deixam
24	as pessoas que os lêem, mais cultas, e com mais riqueza em conhecimentos. Depois, cada
25	um atribuirá um significado diferente às leituras. Todos os leitores não interpretam a leitura
26	de um texto da mesma maneira, é para isso que os textos são feitos, para criar uma
27	diversidade de opiniões.
28	Acho que a leitura é um método que nos permite entender certos aspectos da vida,
29	certas questões da vida como refletir, buscar respostas, questionar as coisas, etc... A leitura
30	é praticamente a coisa mais importante para a sociedade humana, porque precisamos saber
31	ler para tudo, os cartazes na rua, as propagandas, os jornais, revistas, etc... Ela permite que
32	o ser humano se aprimore, enriqueça seus conhecimentos, entenda o mundo que o rodeia. A
33	leitura tem um grande poder de transformação.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	A leitura tem um grande poder de transformação.	33
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Inajá Martins de Almeida pensa que a leitura influencia a nossa visão de mundo.	21
	Opinião	Eu acho que além desse enriquecimento, a leitura também é um excelente meio de sociabilizarão pois quando aprendemos a ler podemos exercer um trabalho na sociedade, o que não acontece com os analfabetos	16-19
	Opinião	Acho que a leitura é um método que nos permite entender certos aspectos da vida, certas questões da vida como refletir, buscar respostas, questionar as coisas, etc...	28-29
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Muitas pessoas também usam a leitura como lazer ou divertimento.	18-19
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	A leitura é uma das grandes aquisições culturais da humanidade. Ela tem diversos efeitos no ser humano	1
	Evidência	É interessante refletir sobre a leitura para ver se realmente ela transforma o leitor.	5-6
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Aprendemos, podemos	quando aprendemos a ler podemos exercer um trabalho na sociedade, o que não acontece com os analfabetos	17-18
	Nos falam	Os livros são diferentes universos que nos falam de experiências de vida	19
	Todos os leitores	Todos os leitores não interpretam a leitura de um texto da mesma maneira, é para isso que os textos são feitos, para criar uma diversidade de opiniões.	25-27
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Me parece	Me parece que com certeza quem não gosta de ler não vai poder escrever e não vai saber dominar as técnicas da escritura	10-11
	Eu acho	Eu acho que além desse enriquecimento, a leitura também é um excelente meio de sociabilizarão pois quando aprendemos a ler podemos exercer um trabalho	16-19

	acho	na sociedade, o que não acontece com os analfabetos Acho que a leitura é um método que nos permite entender certos aspectos da vida	28	
<b>3. CONECTORES</b>	pois	a leitura também é um excelente meio de sociabilização pois quando aprendemos a ler podemos exercer um trabalho na sociedade, o que não acontece com os analfabetos.	17-19	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>				
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	---	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução		1º parágrafo
		desenvolvimento		2º, 3º, 4º, 5º parágrafos
		conclusão		6º parágrafo
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A leitura é uma das grandes aquisições culturais da humanidade. Ela tem diversos efeitos no ser humano	1-2	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-27	

## PLPV (B)2

	O poder de transformação da leitura
1	A gente passa muito tempo para ler livros, por que a gente tem que ler-os, como na
2	escola, ou porque a gente quer ler na casa, na praia, no avião... Mas nós não lemos livros,
3	nós também lemos pôsters, os sub-títulos nos filmes, os ingredientes numa receita, nomes, e
4	um monte de outras coisas na nossa vida. Mas o que a leitura nos oferta? É o quê a gente
5	vai ver em duas partes.
6	A leitura não é somente ler um livro, é uma coisa muito importante. Ela nos permite
7	por exemplo de entrar em outro mundo, de viajar, em mediação dos livros. Esse viagem nos
8	permite de ver os fatos, as ações, os lugares sem ter que se mexer. Nós também podemos
9	fazer nossa opinião, para apreender.
10	Graça à leitura, nós, os leitores, podemos modificar a nossa mentalidade, refletir
11	sobre os fatos descritos nos livros.
12	Os autores foram leitores antes de ser autores. Mas eles foram dominados pela
13	paixão de ler, que eles queriam transmitir seus sentimentos pelos leitores.
14	A leitura de um livro, de um pôster, de um texto et outros permitem de creer um
15	mundo de esquecer os nosso problemas.
16	Os autores transmitem os seus histórias, se liberem. Eles também chegam à fazer-
17	nós sentir os sentimentos dos personagens, à fazê-nós rir, chorar...
18	As pessoas que não amam ler, não gostam de mudar; elas vivem em seu mundo e
19	nada vai mudar.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Os autores foram leitores antes de ser autores	12
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	As pessoas que não amam ler, não gostam de mudar; elas vivem em seu mundo e nada vai mudar.	18-19
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigação Possibilidade	a gente tem que ler-os Graça à leitura, nós, os leitores, podemos modificar a nossa mentalidade	1 10
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A leitura não é somente ler um livro, é uma coisa muito importante	6
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Mas o que a leitura nos oferta?	4
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	A gente Nós, lemos, nossa  Nos permite  Nós podemos, nossa	A gente passa muito tempo para ler livros, por que a gente tem que ler-os, como na escola, ou porque a gente quer ler na casa, na praia, no avião... Mas nós não lemos livros, nós também lemos pôsters, os sub-títulos nos filmes, os ingredientes numa receita, nomes, e um monte de outras coisas na nossa vida. Ela nos permite por exemplo de entrar em outro mundo Graça à leitura, nós, os leitores, podemos modificar a nossa mentalidade	1-4  7-8 10
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	mas  mas	Mas o que a leitura nos oferta? Mas eles foram dominados pela paixão de ler, que eles queriam transmitir seus sentimentos pelos leitores.	4 10-11
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão curta Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º 6º parágrafos
		conclusão	7º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A leitura não é somente ler um livro, é uma coisa muito importante	6
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes	1-19

## PLPV (B)3

O poder de transformação da leitura	
1	Todos no mundo têm acesso à riqueza. Todos, pelo menos nasceram capazes
2	às riquezas. Os indivíduos são extremamente ricos ou extremamente pobres. Alguns,
3	por opção outros porque não foram privilegiados pela sociedade.
4	As pessoas viajam todos os dias para lugares diferentes, vivem situações
5	diferentes, enfrentam medos, descobrem mistérios, perdem entes queridos, sofrem
6	acidentes, conhecem um novo amor, choram, se divertem, se aventuram. Na maioria
7	das vezes, isso acontece sem ao menos o corpo sair do lugar. Podemos estar de pé,
8	sentados, deitados, ou na melhor posição para se enriquecer, se aventurar, entrar nesse
9	universo imensamente rico em informações, cultura, religião, povos, na diversidade do
10	mundo. A nossa mente nos leva além, nos faz descobrir esses novos mundos, ou seja,
11	um mundo dentro do nosso desconhecido pelo leitor. Esses mundos ou mundo novo
12	podem ser descobertos em uma simples virada de página, uma simples lida de linha,
13	uma simples leitura de um livro. Assim conhecemos culturas novas, aprendemos como
14	no mundo pode haver vários pontos de vista, várias ideologias, uma diversidade
15	inumerável de pensamentos, que o constrói.
16	Nós nos enriquecemos a cada palavra, que esta escrita ali por algum motivo,
17	por alguma função, alguma razão, o nosso conhecimento abrange altos níveis de
18	diversificação.
19	Uma pessoa, um ser humano, um indivíduo que vive no mundo que todos ou
20	outros vivem, pode ser diferenciado dos outros pela sua riqueza colhida nos livros, em
21	uma leitura. Se ele se entregar ao mundo dos livros a sua riqueza só tende a aumentar,
22	e com isso ele só se cultiva, só cresce. A riqueza não está no dinheiro, no ouro, em
23	valores materiais, que só trazem preocupações, não trazem felicidade, talvez
24	comodidade, já os livros, a leitura pode trazer tudo ao mesmo tempo.
25	Podemos interpretar a transformação da leitura de várias maneiras. Uma delas
26	seria a transformação que subimos na história do livro, nos transformamos no
27	personagem e podemos nos transformar com ele. Pois o personagem sofre uma
28	transformação no livro. Porém há outro tipo de transformação. A nossa. Podemos ler um
29	livro nos identificar com tal história, tirar conclusões e nos corrigir. Podemos mudar em
30	uma sociedade. Como já havia dito, podemos nos transformar de várias maneiras. Um
31	livro pode ser polemico ter um impacto na história, na sociedade e fazer com que ela
32	modifique, se transforme.
33	A transformação é uma consequência da leitura, após cada leitura nos
34	enriquecemos, ou seja, nos transformamos, mesmo que não percebemos. O poder da
35	leitura é enormemente importante, e poderoso, esse poder nos transforma. Na natureza
36	nada se perde nada se ganha tudo se transforma, e nós fazemos parte dela, até nós
37	podemos nos modificar.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Como já havia dito, podemos nos transformar de várias maneiras	30
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Na maioria das vezes, isso acontece sem ao menos o corpo sair do lugar. Podemos estar de pé, sentados, deitados, ou na melhor posição para se enriquecer, se aventurar, entrar nesse universo imensamente rico em informações, cultura, religião, povos, na diversidade do mundo	7-9
	Possibilidade	Uma pessoa, um ser humano, um indivíduo que vive no mundo que todos ou outros vivem, pode ser diferenciado dos outros pela sua riqueza colhida nos livros, em uma leitura.	19-21
	Possibilidade	A riqueza não está no dinheiro, no ouro, em valores materiais, que só trazem preocupações, não trazem felicidade, talvez comodidade, já os livros, a leitura pode trazer tudo ao mesmo tempo.	22-24
<b>1.4 Aserções</b>	Probabilidade	Se ele se entregar ao mundo dos livros a sua riqueza só tende a aumentar, e com isso ele só se cultiva, só cresce.	21
	Evidência	A transformação é uma consequência da leitura	33
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos	Podemos estar de pé,	7
	Nossa, nos faz, nosso	A nossa mente nos leva além, nos faz descobrir esses novos mundos, ou seja, um mundo dentro do nosso desconhecido pelo leitor	10-11
	Conhecemos, aprendemos	Assim conhecemos culturas novas, aprendemos como Podemos ler um livro nos identificar com tal história, tirar conclusões e nos corrigir. Podemos mudar em uma sociedade.	13
	podemos		29-30

<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---	
<b>3. CONECTORES</b>	Porque	Alguns, por opção outros porque não foram privilegiados pela sociedade.	3	
	Assim	Assim conhecemos culturas novas, aprendemos como no mundo pode haver vários pontos de vista, várias ideologias, uma diversidade inumerável de pensamentos, que o constrói.	13-15	
	Porém,	Porém há outro tipo de transformação	28	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----	
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução		1º parágrafo
		desenvolvimento		2º, 3º, 4º, 5º parágrafos
		conclusão		6º parágrafo
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	O poder da leitura é enormemente importante, e poderoso, esse poder nos transforma.	34-35	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-32	

## PLPV (B)4

O poder de transformação da leitura	
1	A leitura, para a maioria das pessoas, se trata de um hábito. Ela faz parte do
2	nosso cotidiano. Muita gente lê, por exemplo, jornais a cada manhã, no objetivo de se
3	informar sobre as principais notícias no país e no mundo.
4	Em primeiro lugar, o costume de ler contribui para o aumento de nosso
5	vocabulário, ou seja, do conhecimento das palavras (tanto da sua ortografia como do seu
6	significado). Assim, a leitura pode auxiliar na melhoria de nossa escrita, já que, graças a
7	ela, descobrimos novas palavras.
8	O fato de ler é determinante para que possamos expandir nossa cultura geral. Há
9	diversos gêneros de leitura: romances, jornais, revistas, entre outras, que tratam dos mais
10	variados assuntos (história, geografia, arte, medicina, física, química, esportes, viagens,
11	etc...)
12	Quanto mais lemos, mais aumentamos nosso conhecimento de mundo. A leitura
13	é, portanto, essencial para que possamos compreender melhor nossa sociedade.
14	O hábito de ler pode, em diversos casos, influenciar os pensamentos, as idéias
15	das pessoas. Estas últimas, quando se deixam influenciar, geralmente fazem parte das
16	classes mais simples da nossa sociedade. Elas não têm opinião formada sobre muitos
17	assuntos (por exemplo a política) e, após ler tal ou tal reportagem, passam a ser adeptas
18	de certa idéia, sem levar em conta que esses veículos informativos nem sempre são
19	neutros.
20	Em conclusão, pode-se dizer que a leitura possui um poder de transformação
21	sobre as pessoas. Ela não só expande nosso conhecimento das palavras, como também,
22	aumenta nossa cultura geral, além de ser formadora de opinião.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	A leitura é, portanto, essencial para que possamos compreender melhor nossa sociedade.	13
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	a leitura pode auxiliar na melhoria de nossa escrita, já que, graças a ela, descobrimos novas palavras.	6-7
	Possibilidade	O hábito de ler pode, em diversos casos, influenciar os pensamentos, as idéias das pessoas	14-15
<b>1.4 Aserções</b>	Probabilidade	A leitura, para a maioria das pessoas, se trata de um hábito	1
	Evidência	O fato de ler é determinante para que possamos expandir nossa cultura geral	8
	Probabilidade	Quanto mais lemos, mais aumentamos nosso conhecimento de mundo	12
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nossa, descobrimos	a leitura pode auxiliar na melhoria de nossa escrita, já que, graças a ela, descobrimos novas palavras.	6-7
	Possamos, nossa Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	O fato de ler é determinante para que possamos expandir nossa cultura	8
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Assim, Já que	Assim, a leitura pode auxiliar na melhoria de nossa escrita, já que, graças a ela, descobrimos novas palavras.	6-7
	portanto	A leitura é, portanto, essencial para que possamos compreender melhor nossa sociedade.	12-13
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	pode-se dizer que a leitura possui um poder de transformação sobre as pessoas. Ela não só expande nosso conhecimento das palavras, como também, aumenta nossa cultura geral, além de ser formadora de opinião.	20-22

<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-19
--------------------------------	---	------

PLPV (B)5

O poder de transformação da leitura	
1	Ler á antes de tudo juntar as letras do alfabeto, formar e falar as palavras em
2	voz alta. Porém a leitura, o ato de ler, pode dar sentidos diferentes às palavras, frases
3	ou aos textos dependendo da interpretação de cada leitor. Sendo assim, para uma boa
4	leitura não é preciso saber apenas o significado da palavra, mas também sua colocação
5	em cada texto. Um texto pode ter muitas maneiras de ser lido e entendido. Os leitores
6	interpretam o que lêem de uma maneira, pois os mesmos têm seus próprios pontos de
7	vista, idades diferentes, concepções diversas, suas culturas e religiões, etc., e por isso
8	cada um pensa do modo que achar melhor.
9	Podemos dizer que a leitura é o fato de decifrar sinais. A leitura não é realizada
10	somente por letras e palavras; podem ser lidos também símbolos ou sinais. Desde o
11	começo de sua existência, o ser humano decifrava os sinais que estavam a sua volta.
12	Mesmo não sabendo escrever, nossos ancestrais sabiam ler o que observavam. Eles
13	sabiam, por exemplo, que quando viam as nuvens mais escuras no céu, uma chuva si
14	aproximava de seu território.
15	Quando dizemos que as pessoas de hoje em dia não lêem mais como
16	antigamente, estamos fazendo uma falsa afirmação. Afinal, si a leitura não é somente
17	ler livros, textos, frases ou palavras; observar as imagens, as paisagens, os "outdoors",
18	tudo que está à nossa volta também é uma leitura pois decodificamos símbolos, sinais e
19	códigos.
20	Cada leitor tem sua maneira de interpretar um texto. Nesse caso muitos
21	aspectos devêm ser levados em consideração, por exemplo, um leitor de dezesseis
22	anos não terá o mesmo entendimento de um texto que um leitor de quarenta, pois os
23	mesmos possuem pontos de vistas distintos, devido às suas idades, cada um possui
24	uma concepção diferente do mundo e assim suas interpretações podem diferir uma da
25	outra.
26	Mais, afinal o que é o "poder de transformação da leitura"? A leitura tem o poder
27	de transformar os sentidos das palavras. Cada leitor transforma as palavras de um jeito,
28	dando-lhes significados diferentes, chegando até a mudar o sentido de uma frase,
29	parágrafo ou texto. Quando lemos criamos novas concepções, aprofundando nosso
30	conhecimento sobre o mundo que vivemos.
31	Podemos concluir que "o poder de transformação da leitura" é único para cada
32	leitor, pois assim cada um tem o "seu poder" de poder interpretar textos de maneiras
33	diversas dando-lhes várias conotações.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
1.1 Modo de Saber	---	---	---
1.2 Avaliação	---	---	---
1.3 Motivação	Possibilidade	Podemos dizer que a leitura é o fato de decifrar sinais. A leitura não é realizada somente por letras e palavras; podem ser lidos também símbolos ou sinais	9-10
1.4 Aserções	Evidência Evidência	Cada leitor tem sua maneira de interpretar um texto A leitura tem o poder de transformar os sentidos das palavras	20 27
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
2.1 Constr. interrogativas	X	Mais, afinal o que é o "poder de transformação da leitura"?	26
2.2 Constr. impessoais	Podemos  Dizemos, estamos	Podemos dizer que a leitura é o fato de decifrar sinais. Quando dizemos que as pessoas de hoje em dia não lêem mais como antigamente, estamos fazendo uma falsa afirmação	9  15-16
2.3 Constr. pessoais	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	porém	Porém a leitura, o ato de ler, pode dar sentidos diferentes às palavras, frases ou aos textos dependendo da interpretação de cada leitor	2-3
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
4.1 Título	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	
4.2 Paragrafação e Progressão temática	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º parágrafos
		conclusão	6º parágrafo
Progressão temática	presente		
4.3 Exposição da Tese	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A leitura tem o poder de transformar os sentidos das palavras. Cada leitor transforma as palavras de um jeito, dando-lhes significados diferentes, chegando até a mudar	27-30



		o sentido de uma frase, parágrafo ou texto. Quando lemos criamos novas concepções, aprofundando nosso conhecimento sobre o mundo que vivemos.	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-25

PLPV (B)6

	O poder de transformação da leitura
1	A leitura, isto é o ato de ler, existe desde a antiguidade, com a aparição da
2	escrita. Os homens sentiram a necessidade de comunicar com seus semelhantes, e de
3	deixa vestígios dessa comunicação. Os símbolos foram empregados em todas as
4	épocas para transmitir a linguagem de forma escrita. Hoje em dia, nós não devemos
5	esquecer a importância da leitura, o papel que ela jogou e que ela ainda joga em nosso
6	mundo. Ela deixa uma marca não insignificante tanto no indivíduo como na sociedade.
7	Em primeiro lugar, deve se destacar o fato de que a leitura transforma a
8	ignorância em sabedoria. Depende evidentemente de qual for essa leitura, mas todos os
9	textos são instrutores. Os livros descrevem costumes e regiões, fazem descobrir a
10	História, e permitem conhecer o estado de espírito de contemporâneos ou de homens
11	dos séculos passados. Nós saímos de uma leitura mais ricos que quando nós tínhamos
12	entrado; ricos em conhecimentos. A imaginação é também estimulada: disso resulta um
13	evolução do ser, que passa a não ser somente capaz de ler e de compreender uma
14	leitura, mas também de refletir e produzir textos, aliando seus conhecimentos e seus
15	próprios ideais. O indivíduo é então transformado pela leitura. Mas ele não está somente
16	sobre o plano do saber, pois também é mudado no dos sentimentos. As emoções
17	transmitidas por uma narração podem mudar o humor do leitor. Uma narração patética o
18	fará chorar, um texto feliz sorrir, e uma comédia rir. E o simples fato de ler pode
19	provocar emoções agradáveis: onde nós nos aborrecíamos, encontramos prazer,
20	porque a leitura nos arrasta dos nossos problemas cotidianos. Montesquieu, um filósofo
21	francês do período do iluminismo, afirmava: "Eu nunca estive com uma tristeza que uma
22	hora de leitura não dissipou". Pode-se afirmar que a abordagem do mundo pelo
23	indivíduo é modificada pela leitura. Nós teremos tendência a ver o mundo como nossas
24	leituras nos incitam a fazê-lo, e a nos focalizar em coisas diferentes nas quais os que
25	tiveram outras leituras se focalizam. Se um livro que nós lemos tem uma visão
26	pessimista da existência, corremos o risco de ver o mundo de outra maneira. Eventos
27	que só tínhamos considerado de um certo modo se esclarecem de um sentido diferente.
28	Muitos textos, principalmente, os textos argumentativos, visam a transformar a
29	opinião e as idéias. Eles incitam o leitor à reflexão, o levam a se interrogar sobre seu
30	modo de vida, a sociedade na qual vive. Eles munem-no de um espírito crítico. Isso
31	engendra algumas vezes uma vontade de mudança, porque o indivíduo toma
32	consciência de suas faltas e busca melhorar. Mas também pode ver as faltas da
33	sociedade, e buscar reagir para transformá-la. Por outro lado, a instrução, pela leitura,
34	permite melhorar uma sociedade; um povo instruído tenta edificar uma paz favorável
35	para todos, enquanto a ignorância dá origem a sociedade de superstição, às vezes
36	arbitrárias, injustas e violentas. Podemos citar por exemplo a Idade Média, período de
37	ignorância, marcada pelas guerras, baseada numa sociedade de classes sem igualdade
38	alguma, e com uma justiça favorável ao mais forte e o mais poderoso. A leitura origina
39	então transformações sociais. Nossas leituras, além da modificação da opinião do
40	indivíduo, trazem metamorfoses na opinião pública. O Livro tem uma repercussão sobre
41	a História e sobre os eventos. Assim, L. de Bonnard diz, falando da revolução francesa:
42	"São os livros que fizeram a Revolução". De fato, a adesão progressiva da população, e
43	de alguns "déspotas esclarecidos", às idéias do Iluminismo causou essa revolução.
44	Assim, a leitura tem um poder não desprezável de transformação. Toda história
45	é uma transformação do mundo, pois mesmo sendo um texto realista, apenas será um
46	reflexo da realidade. A leitura é capaz de mudar os homens, as opiniões e as
47	sociedades. As ditaduras compreenderam-no, elas cujos autos-de-fé eram vãs
48	tentativas de fazer desaparecer os livros que se opunham ao regime delas, e que
49	podiam convencer, modificar as opiniões, e incitar a agir para alterar o curso das coisas.
50	A leitura é uma arma eficaz de mudanças, que seja para o indivíduo ou no seio da
51	sociedade. Além disso, os livros estão em perpetua evolução, sempre se modificando,
52	seguindo o gosto dos leitores, seguindo ondas de pensamentos, cada movimento se
53	opondo a outro. A leitura é diferente entre um homem do século XXI e um do século
54	XVI. Nós não focalizamos as mesmas coisas nos textos, nossas leituras são
55	diferentes. Elas exercem uma transformação no mundo exterior, mas este mesmo
56	mundo as influencia. Eis o que poderíamos chamar duplo poder de transformação: se
57	transformar e ao mesmo tempo transformar o mundo ao seu redor.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Eis o que poderíamos chamar duplo poder de transformação: se transformar e ao mesmo tempo transformar o mundo ao seu redor.	56-57
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçao	Em primeiro lugar, deve se destacar o fato de que a leitura transforma a ignorância em sabedoria o simples fato de ler pode provocar emoções agradáveis: onde nós nos aborrecíamos, encontramos prazer, porque a leitura nos arrasta dos nossos problemas cotidianos.	6-7
	Possibilidade		18-20

<b>1.4 Aserções</b>	Evidência  probabilidade	a leitura transforma a ignorância em sabedoria. Depende evidentemente de qual for essa leitura, mas todos os textos são instrutores. Isso engendra algumas vezes uma vontade de mudança, porque o indivíduo toma consciência de suas faltas e busca melhorar.	8-9  30-31
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nós devemos, nosso  Nós saímos, nós tínhamos  Nós teremos, nossas nos Nós lemos tínhamos  Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	Hoje em dia, nós não devemos esquecer a importância da leitura, o papel que ela jogou e que ela ainda joga em nosso mundo  Nós saímos de uma leitura mais ricos que quando nós tínhamos entrado; ricos em conhecimentos Nós teremos tendência a ver o mundo como nossas leituras nos incitam a fazê-lo, e a nos focalizar em coisas diferentes nas quais os que tiveram outras leituras se focalizam. Se um livro que nós lemos tem uma visão pessimista da existência, corremos o risco de ver o mundo de outra maneira. Eventos que só tínhamos considerado de um certo modo se esclarecem de um sentido diferente.	4-6  11-12  24-27
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas  Mas, pois	a leitura transforma a ignorância em sabedoria. Depende evidentemente de qual for essa leitura, mas todos os textos são instrutores. Mas ele não está somente sobre o plano do saber, pois também é mudado no dos sentimentos.	8-9  15-16
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Assim, a leitura tem um poder não desprezável de transformação. Toda história é uma transformação do mundo, pois mesmo sendo um texto realista, apenas será um reflexo da realidade. A leitura é capaz de mudar os homens, as opiniões e as sociedades.	44-47
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento		1-44

## PLPV (B)7

O poder de transformação da leitura	
1	A escrita existe desde – 4000 e até hoje existe pessoas analfabetas. Com todos
2	esses anos foi transmitido historias e conhecimento. Podemos dizer que a leitura
3	transforme as pessoas e até as mentalidades. Poderemos ver que a leitura não é o ato
4	de somente ler um livro, mas ler um gesto, um olhar... A leitura permeer de viajar e de
5	ver mundos alem do nosso. Ela também transforme as pessoas.
6	Podemos ler outras coisas que um livro ou uma revista, mas também um
7	sorriso. O ato de ler é receber informações e aceitar-las quando recebemos um sorriso
8	agente o entende e as vezes o retornamos. Nós entendemos esse ato que nos rende
9	mais feliz. Quando uma pessoa faz um gesto esse mesmo acontecimento vai ocorrer.
10	Vamos ter decifrar o que nos é transmitido. Essa fato de leitura transforme as pessoas.
11	Quando nos lemos podemos viajar. Por exemplo quando vemos um livro turístico sobre
12	algum outro país sem sequer mudar de lugar vamos descobrir outras culturas. Além
13	disso quando lemos um livro de registro fantástico você conhece mundos paralelos da
14	imaginação do escritor. De um outro jeito, nos foi transmitido o passado pelos livros que
15	podemos aprender sem perceber. A leitura permite de criar um ponto de vista diferente
16	um outro. Quando lemos ficamos mais “inteligente” e como em todas as viagens
17	voltamos mais “ricos”.
18	A leitura permite outras coisas como escapar de um mundo hipócrita e ver a
19	realidade de um jeito diferente. Isso faz esquecer seus próprios problemas e atingir uma
20	certa liberdade. A leitura tem um poder muito interessante também com o mudar o
21	humor do leitor. Quando lemos um livro triste e que estamos no lugar dele as lagrimas
22	podem ate caíram, e igual para a alegria. A leitura é muito importante pelas razões
23	citadas acima. Quem não gosta de ler não quer mudar.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	A escrita existe desde – 4000 e até hoje existe pessoas analfabetas	1
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Quem não gosta de ler não quer mudar.	23
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Podemos dizer que a leitura transforme as pessoas e até as mentalidades. Poderemos ver que a leitura não é o ato de somente ler um livro, mas ler um gesto, um olhar....	2-5
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência probabilidade	O ato de ler é receber informações e aceitar-las quando recebemos um sorriso agente o entende e as vezes o retornamos	4-5 4-5
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos, Poderemos Nosso	Podemos dizer que a leitura transforme as pessoas e até as mentalidades. Poderemos ver que a leitura não é o ato de somente ler um livro, mas ler um gesto, um olhar... A leitura permitir de viajar e de ver mundos alem do nosso.	2-5
	Poderemos	Podemos ler outras coisas que um livro ou uma revista, mas também um sorriso.	6-7
	Nós entendemos	Nós entendemos esse ato que nos rende mais feliz.	9
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	Poderemos ver que a leitura não é o ato de somente ler um livro, mas ler um gesto, um olhar....	4-5
	Mas também	Podemos ler outras coisas que um livro ou uma revista, mas também um sorriso.	6-7
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média	
		Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º e 3º parágrafos
	conclusão	3º parágrafo	
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A leitura permite outras coisas como escapar de um mundo hipócrita e ver a realidade de um jeito diferente. Isso faz esquecer seus próprios problemas e atingir uma certa liberdade. A leitura tem um poder muito interessante também com o mudar o humor do leitor.	18- 21
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos pelo afeto Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-17

PLPV (B)8

O poder de transformação da leitura	
1	No mundo da literatura, existem textos narrativos, descritivos, e dissertativos.
2	Cada tipo de texto tem suas características e funções, mas todos são usados para
3	difundir idéias, opiniões, conceitos, etc. O autor sente vontade de expor suas idéias para
4	que todos possam ter acesso a mais informações, mais cultura e conhecimento; e ele
5	escreve em função do que quer que o leitor entenda, e para isso ele usa métodos
6	literários que tem função de influenciar não só idéias, mas também as sensações e
7	sentimentos deste.
8	São estas influencias que vão mexer com seu emocional e acabar por induzi-lo
9	a agir de tal maneira. Por exemplo, aquele que leu o livro "Germinal" de Zola vai adquirir
10	conhecimentos sobre o funcionamento do sistema e da sociedade, além de perceber a
11	importância da exposição do ponto de vista do autor. Ele vai conhecer, notar, pensar,
12	refletir, raciocinar, concluir, enfim, aprender e crescer com isto.
13	Quando vamos à uma palestra, ao dentista, à praia, ao campo ou a qualquer
14	outro lugar, conhecemos um novo lugar que mostra diversas características que podem
15	evocar vários tipos de sensações e sentimentos. Quando jogamos futebol, quando
16	andamos na rua, quando cozinhamos um novo prato de comida, ou até quando
17	assistimos a um filme, estamos na realidade adquirindo mais experiência e crescendo.
18	Ir a algum lugar ou fazer alguma coisa é o mesmo que ler um livro, pois lendo, viajamos
19	para qualquer lugar, conhecendo diferentes tipos de cultura ou sociedade; tudo isso
20	através de um livro. Por isso ler é, de certa maneira, vivenciar, então, se transformar.
21	Um ser humano, pelo fato de ter consciência e poder de visão crítica e lógica
22	com estes conhecimentos e aprendizado formará sua própria opinião e passará a viver
23	em função dela: a leitura, seja ela de um romance ou de um artigo de jornal; vai ser
24	alimento da formação de sua personalidade e identidade. Ela terá grande poder de
25	transformação sobre o homem; paralelamente o homem nunca é: ele está sendo.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
1.1 Modo de Saber	---	---	---
1.2 Avaliação	---	---	---
1.3 Motivação	Possibilidade	diversas características que podem evocar vários tipos de sensações e sentimentos	14-15
	Possibilidade	Por isso ler é, de certa maneira, vivenciar, então, se transformar	20
1.4 Asserções	Evidência	São estas influencias que vão mexer com seu emocional e acabar por induzi-lo a agir de tal maneira	8-9
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
2.1 Constr. interrogativas	---	---	---
2.2 Constr. impessoais	Vamos, Conhecemos Jogamos, andamos, cozinhamos, assistimos, estamos, viajamos	Quando vamos à uma palestra, ao dentista, à praia, ao campo ou a qualquer outro lugar, conhecemos um novo lugar que mostra diversas características que podem evocar vários tipos de sensações e sentimentos. Quando jogamos futebol, quando andamos na rua, quando cozinhamos um novo prato de comida, ou até quando assistimos a um filme, estamos na realidade adquirindo mais experiência e crescendo. Ir a algum lugar ou fazer alguma coisa é o mesmo que ler um livro, pois lendo, viajamos para qualquer lugar, conhecendo diferentes tipos de cultura ou sociedade; tudo isso através de um livro.	13-20
2.3 Constr. pessoais	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Não só.. mas também	ele usa métodos literários que tem função de influenciar não só idéias, mas também as sensações e sentimentos deste.	6-7
	Até	ou até quando assistimos a um filme, estamos na realidade adquirindo mais experiência e crescendo.	16-17
	Pois Através de	Ir a algum lugar ou fazer alguma coisa é o mesmo que ler um livro, pois lendo, viajamos para qualquer lugar, conhecendo diferentes tipos de cultura ou sociedade; tudo isso através de um livro.	18-20
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
4.1 Título	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	
4.2 Paragrafação e Progressão temática	Org. dos Parágrafos	Extensão média	
		Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
	conclusão	4º parágrafo	

	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	a leitura, seja ela de um romance ou de um artigo de jornal; vai ser alimento da formação de sua personalidade e identidade. Ela terá grande poder de transformação sobre o homem; paralelamente o homem nunca é: ele está sendo.	23-25
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-20

PLPV (B)9

O poder de transformação da leitura	
1	Desde sempre o ato de ler esteve relacionado à escrita. Como quando os
2	homens das cavernas quiseram gravar suas histórias nas paredes. Este ato quase
3	espontâneo, por puro instinto teria uma repercussão para o resto da história da
4	humanidade. Porém, o que estes não sabiam é que aquilo que estava sendo feito, que
5	hoje chamamos de leitura por imagens, tinha um poder sublime de transformação.
6	Qual é a importância da leitura? Por que o mundo preocupa-se tanto com
7	analfabetismo? Nos dias de hoje tudo está relacionado à leitura. Um homem que é
8	analfabeto acaba não tendo acesso à inúmeros direitos por não saber escrever nem
9	mesmo seu próprio nome ou ler avisos nas ruas. A vida exige cada vez mais de nós
10	mesmos, e a base esta na leitura. Que seja um jornal para as notícias, uma propaganda
11	pra um serviço, um livro para uma história. A leitura prevalece sendo o meio de
12	comunicação mais eficaz mesmo depois do desenvolvimento de outros meios de
13	comunicação. A necessidade de manter-se informado tornou-se essencial para ter um
14	conhecimento do mundo. O que é a leitura? A leitura é ato, arte ou hábito de ler. Por
15	meio dela acontece a transmissão de idéias, pensamentos, informações...
16	A leitura, por transmitir, tem um valor histórico muito grande que acaba virando
17	até mesmo social. Este fator permitiu aos escritores dos séculos anteriores de
18	desabafarem em um certo modo e de porem por escrito suas conclusões e idéias. Isso
19	permite-nos hoje entender como estes pensavam, e assim entender como funcionavam
20	as diferentes sociedades dos séculos anteriores. Certos costumes, hábitos têm
21	influencia até hoje na nossa sociedade e permitem as vezes de explicá-los. Ler obras
22	históricas tem conseqüências a longo termo e dão poder aos escritores de nascer,
23	morrer e deixar seu rastro.
24	A leitura fixa a identidade de cada povo mantendo a cultura lingüística de cada
25	um. O costume de ler um livro deveria ser hábito de todos, onde cada um pode
26	distanciar-se da realidade, entrar em outras dimensões e imaginar idéias. Ao mesmo
27	que ela impede fatos importantes de serem esquecidos na escala do tempo, como, por
28	exemplo, os testemunhos que immortalizam as sensações. Estas sensações que o leitor
29	sente como estando na mente do próprio autor e sentir por meio da leitura o que a
30	palavra não dita pode dizer. Assim, a leitura tem um poder a mais.
31	As informações que traz a leitura permite-nos de compartilhar opiniões, discutir
32	assuntos e debater idéias. Desenvolve a argumentação e torna possível o entendimento
33	entre oposições pela decisão apropriada após as discussões. Além do mais, o leitor
34	desenvolve a sintaxe e sua escrita como afirma Moacyr Scliar: "todo escritor é, antes de
35	tudo, um leitor".
36	É inimaginável o mundo de hoje sem a existência da leitura. Transmissão é sem
37	dúvida o primeiro sinônimo dela. É a comunicação que transmite informações, idéias,
38	pensamentos e sempre apresentam um objetivo otimista para nós. Este pode não ser
39	aparente mas está lá, e nos dá a oportunidade de entender nossa visão sobre o mundo.
40	Por meio de um livro se conhece o desconhecido. A leitura tem o poder de transformar
41	letras em palavras, palavras em frases, frases em idéias, idéias em memórias,
42	memórias em cultura e cultura em vida. Uma transformação moral que instrui o leitor.
43	Não é à toa que sem a leitura você não estaria à ler esta redação que defende e expõe
44	o que estas fazendo agora, nos seus pontos positivos.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	É inimaginável o mundo de hoje sem a existência da leitura.	36
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Certos costumes, hábitos têm influencia até hoje na nossa sociedade e permitem as vezes de explicá-los	20-21
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	. A necessidade de manter-se informado tornou-se essencial para ter um conhecimento do mundo	13-14
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Qual é a importância da leitura? Por que o mundo preocupa-se tanto com analfabetismo? O que é a leitura?	4-5 14
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	você Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	Não é à toa que sem a leitura você não estaria à ler esta redação que defende e expõe o que estas fazendo agora, nos seus pontos positivos.	43-44
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Porém	Porém, o que estes não sabiam é que aquilo que estava sendo feito, que hoje chamamos de leitura por imagens, tinha um poder sublime de transformação.	4-5
	Além do mais	Além do mais, o leitor desenvolve a sintaxe e sua escrita como afirma Moacyr Scliar	33-34
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	

<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º parágrafos	
		conclusão	6º parágrafo	
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A leitura tem o poder de transformar letras em palavras, palavras em frases, frases em idéias, idéias em memórias, memórias em cultura e cultura em vida. Uma transformação moral que instrui o leitor.		40-42
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo			1-35



## PLPV (B)10

O poder de transformação da leitura	
1	Nesse texto, se discutirá o poder de transformação da leitura. O seu poder de
2	convencer as pessoas assim que seu poder de transmitir informações. Essa habilidade
3	adquirida pelos livros é essencial para a compreensão de nossa cultura e de nossa
4	história. Esse assunto será estudado em pontos de vista: o primeiro sendo o livro numa
5	ótica de transmissão de idéias e o segundo sendo sobre o livro como transmissão de
6	experiências.
7	O livro que transmite idéias e opiniões tem cada vez mais importância na
8	sociedade contemporânea. Seu poder de estimular idéias ou modificar fatos é cada vez
9	mais utilizada. No século 20, caracterizado por várias crises políticas e quedas de
10	regimes, a literatura teve importância central na sustentação dos regimes ditatoriais. A
11	utilização de propagandas com textos pró-ditaduras para influenciar o povo. Ao mesmo
12	tempo seguido por uma forte censura de livros e até queima deles na casa do regime
13	hitleriano. Ora as ditaduras não impediram a leitura se não fosse algo possivelmente
14	perigoso para o povo. Ou seja, que pudesse modificar a opinião pública sobre tal tema.
15	Sabendo que sempre um texto tem uma opinião mesmo que pouco visível se pode
16	então dizer que se eu ler um texto comunista serei um deles. Não foi dito que é fácil
17	assim. Uma pessoa por exemplo que aprende que desde pequena aprender que para
18	ler e lê sempre uma mesma revista sem procurar outros pontos de vista, terá quase
19	certamente as mesmas idéias da revista. Assim é explicada também o uso da censura
20	pois assim a mesma idéia é vinculada.
21	Em relação à leitura sobre o aspecto de conhecer experiências a transformação
22	é menos visível. Nos casos desses livros a veracidade deles é praticamente sempre
23	confiável. Porém dois aspectos podem induzir o leitor ao erro e então crer em uma coisa
24	irreal. Esses aspectos são a repetição e a falta de diversidade de informação. Nesses
25	casos a leitura pode ocasionar erros pois depois de ler em vinte livros que o céu é
26	vermelho provavelmente se a pessoa tiver a mente aberta como a de uma criança
27	provavelmente acreditará nessa máxima.
28	Podemos então concluir que a leitura pode transformar suas idéias. Mas nessa
29	redação só foi utilizado exemplos negativos a essa habilidade da leitura. Porém a
30	transformação mais favorável a qual a leitura pode nos guiar é de nos fornecer
31	informações para que nós mesmos criemos nossas opiniões. Essa metamorfose
32	ocasionada pelo conhecimento de todos os pontos de vista de um assunto para assim
33	poder compreendê-lo e discutir de sua importância. Pois esse é o grande interesse da
34	literatura, é de transmitir idéias para a formação intelectual pública.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	esse é o grande interesse da literatura, é de transmitir idéias para a formação intelectual pública.	34
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Nesses casos a leitura pode ocasionar erros pois depois de ler em vinte livros que o céu é vermelho provavelmente se a pessoa tiver a mente aberta como a de uma criança provavelmente acreditará nessa máxima.	25-27
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Nos casos desses livros a veracidade deles é praticamente sempre confiável.	22-23
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	nossa	Essa habilidade adquirida pelos livros é essencial para a compreensão de nossa cultura e de nossa história.	3-4
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Assim, pois	Assim é explicada também o uso da censura pois assim a mesma idéia é vinculada.	20-21
	Porém,	Porém dois aspectos podem induzir o leitor ao erro e então crer em uma coisa irreal. Esses aspectos são a repetição e a falta de diversidade de informação. Nesses casos a leitura pode ocasionar erros pois depois de ler em vinte livros que o céu é vermelho provavelmente se a pessoa tiver a mente aberta como a de uma criança provavelmente acreditará nessa máxima.	23-27
	pois	Mas nessa redação só foi utilizado exemplos negativos a essa habilidade da leitura.	29
	mas		
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo
	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º parágrafos

		conclusão	4º parágrafo	
	Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Nesse texto, se discutirá o poder de transformação da leitura. O seu poder de convencer as pessoas assim que seu poder de transmitir informações. Essa habilidade adquirida pelos livros é essencial para a compreensão de nossa cultura e de nossa história.		1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes			4-34

PLPV (B)11

O poder de transformação da leitura	
1	O tema abordado neste trabalho é o poder de transformação da leitura. Como o
2	próprio tema diz, a leitura exerce um poder no leitor. Existem vários tipos de
3	transformação possíveis causados por essa. Mesmo concordando que a leitura tenha
4	um poder de transformação, discute-se a relevância desse tema.
5	Primeiro argumentarei sobre a relação entre a leitura e o desenvolvimento da
6	mente. Depois falarei sobre os livros de auto-ajuda e a questão de que os livros podem
7	mudar a personalidade e/ou a vida de alguém.
8	Apesar do mundo dos livros ser diferente do mundo “real”, pode-se tirar lições
9	deles e aplicá-las na nossa vida. Quando lemos, o número de neurônios aumenta junto
10	com suas capacidades. Conseqüentemente, alguém que tem o hábito de ler, tem sua
11	inteligência e raciocínio aumentando. Fora o aumento da capacidade cerebral, a leitura
12	também proporciona ao leitor mais cultura e um aumento do vocabulário, ou seja, a
13	pessoa fica mais culta e compreende mais do seu redor do mundo onde vive e da sua
14	própria vida.
15	Segundo muitos filósofos, a leitura é a chave da liberdade de cada indivíduo:
16	lendo, nós aprendemos coisas novas, novas idéias, raciocínios, pontos de vista
17	diferentes sobre tudo... Nós aprendemos inclusive a questionar nosso mundo e modo
18	de vida, nós aprendemos a pensar. Ora, isso é a coisa mais importante, pois são nossas
19	mentes que nos diferenciam uns dos outros. Como Descartes dizia, “penso, logo existo”.
20	Pra ele, se pensássemos igual, não teríamos individualidade e seríamos iguais, então
21	não existiríamos de verdade. Ele, como vários outros filósofos, acreditavam que os
22	livros, a escrita, a leitura, essa maneira de transferir pensamentos e conhecimentos para
23	terceiros, faz existir, nos fazendo pensar.
24	Esse tipo de pensamento que vê a razão acima de tudo começou na Grécia
25	antiga, foi “repego” durante o século XVIII, com o Iluminismo e existe até hoje de forma
26	predominante. Não foi só Descartes a deixar uma frase ou texto célebre na história.
27	Kant, outro filósofo francês iluminista, lançou o conceito-base desse movimento através
28	da frase “Ouse pensar (por si mesmo)”. Ai ele faz apelo ao espírito crítico de cada um e
29	nos incita a pensar por nós mesmos, sem depender das autoridades, a ter liberdade de
30	pensamento. Dentre outros, Voltaire escrevia folhetos para o povo francês defendendo
31	suas idéias iluministas. Um dos textos mais famosos é “O perigo da leitura”, onde
32	defende a liberdade através da leitura, num texto irônico.
33	Tudo isso mostra a importância de se cultivar. Contudo, além de ter interesse
34	didático, a leitura transmite experiências fictivas ou reais do narrador e/ou personagem
35	para que o leitor se identifique e possa se ajudar a partir destas. No segundo caso, esse
36	tipo de livro se chama livro de auto-ajuda.
37	Esses livros contam experiências, como lidar com elas, e as lições que podem
38	ser tiradas a partir dessas. Baseando-se nesses livros (que abordam todos os
39	problemas quotidianos principalmente, entre outros) a pessoa tenta mudar suas reações
40	e até mesmo pensamentos ou modo de ser, para evitar ou solucionar problemas. Porém
41	ninguém pode mudar assim. Para realmente mudar (por dentro, de personalidade), a
42	pessoa tem que querer muito e enfrentar muitos obstáculos, já que é muito difícil e
43	mesmo assim, há casos que nunca se mudarão. Mesmo que a leitura de cultura dê e
44	mude as idéias do leitor, ela não pode realmente mudar alguém totalmente. Ela pode
45	até mudar a maneira de pensar, mas não de ser da pessoa. A leitura é uma porta de
46	entrada e um guia para a transformação do leitor. Mas essa transformação não é total e
47	o realizador é a pessoa ela mesma.
48	A leitura aumenta nossa capacidade mental, nossa cultura, nossa maneira de
49	ver e viver a vida e nossas idéias. Embora isto seja uma transformação, é apenas uma
50	transformação parcial e que exige grande vontade da pessoa para que seja completa.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	a leitura é a chave da liberdade de cada indivíduo	15
<b>1.2 Avaliação</b>	---	---	---
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	os livros podem mudar a personalidade e/ou a vida de alguém.	7
	Possibilidade	Apesar do mundo dos livros ser diferente do mundo “real”, pode-se tirar lições deles e aplicá-las na nossa vida	8-9
	Possibilidade	se pensássemos igual, não teríamos individualidade e seríamos iguais, então não existiríamos de verdade	20-21
	Possibilidade	Ela pode até mudar a maneira de pensar, mas não de ser da pessoa.	45
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	A leitura aumenta nossa capacidade mental, nossa cultura, nossa maneira de ver e viver a vida e nossas idéias	48-49
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---

<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nós aprendemos, Nosso	lendo, nós aprendemos coisas novas, novas idéias, raciocínios, pontos de vista diferentes sobre tudo... Nós aprendemos inclusive a questionar nosso mundo e modo de vida, nós aprendemos a pensar	16-18
	Se pensássemos, teríamos, seríamos, existiriamos	se pensássemos igual, não teríamos individualidade e seríamos iguais, então não existiríamos de verdade	20-21
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Argumentarei falarei	Primeiro argumentarei sobre a relação entre a leitura e o desenvolvimento da mente. Depois falarei sobre os livros de auto-ajuda e a questão de que os livros podem mudar a personalidade e/ou a vida de alguém.	5-7
<b>3. CONECTORES</b>	Apesar de	Apesar do mundo dos livros ser diferente do mundo "real", pode-se tirar lições deles e aplicá-las na nossa vida	8-9
	E até mesmo	a pessoa tenta mudar suas reações e até mesmo pensamentos ou modo de ser, para evitar ou solucionar problemas	39-40
	Porém	Porém ninguém pode mudar assim.	40-41
	Contudo, além de	Contudo, além de ter interesse didático, a leitura transmite experiências fictivas ou reais do narrador e/ou personagem para que o leitor se identifique e possa se ajudar	33-34
	Até... mas	Ela pode até mudar a maneira de pensar, mas não de ser da pessoa.	45
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>			
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A leitura aumenta nossa capacidade mental, nossa cultura, nossa maneira de ver e viver a vida e nossas idéias. Embora isto seja uma transformação, é apenas uma transformação parcial e que exige grande vontade da pessoa para que seja completa.	48-50
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade		

## PLPV (B)12

O poder de transformação da leitura	
1	O tema abordado nessa dissertação é o poder de transformação da leitura. A
2	leitura tem diversas funções, tais como discutir, educar, etc... A leitura também pode
3	transformar uma pessoa de uma forma negativa ou positiva. Primeiramente,
4	argumentarei sobre a consequência que a leitura causa na mente, em seguida,
5	argumentarei sobre a transferência de conhecimento e experiência da leitura para o
6	leitor. A leitura, por menos que pareça, é um exercício fantástico para o cérebro, só o
7	fato de você estar lendo este texto já é um começo. A leitura é um grande "item" para
8	que seu cérebro funcione melhor como, provavelmente, fazem nascer mais neurônios.
9	Um cérebro exercitado ajuda a diminuir os riscos de derrames, pancadas e doenças
10	terríveis, como Parkinson. Por isso que a leitura pode transformar seu cérebro em um
11	cérebro mais exercitado e protegido, e transformar sua memória em uma memória mais
12	rápida.
13	A leitura é um dos atos que nos ajudam a ter maior conhecimento e experiência. O
14	ser humano tem a necessidade de descobrir o desconhecido, desvendar as
15	problemáticas da vida. A leitura, além de ser usada para obter mais conhecimento, ela é
16	usada para obter progresso, como no trabalho, na escola, na vida, etc.... A leitura pode
17	mudar seu ponto de vista e fazer com que você se transforme. Se uma pessoa está na
18	dúvida do destino que vai traçar, ela vai ler para obter informações, e fazer sua escolha.
19	Se uma pessoa está triste está prestes à morrer, ela pode ter um livro de auto-ajuda e
20	mudar seu destino, transformar sua vida. Com o conhecimento que obtemos com a
21	leitura, nós podemos transformar e mudar nosso destino e nossas vidas.
22	Eu estou a favor da propaganda que ajuda a influenciar as pessoas a lerem, se
23	houvesse mais propaganda e mais influencia para as pessoas lerem, as pessoas seriam
24	mais bem informadas e tomariam decisões menos desastrosas.
25	Conclusão: Além da leitura proteger e exercitar o cérebro, ela concede ao leitor
26	mais conhecimento e experiência, que faz com que a pessoa tenha informações para
27	transformar sua vida e seu destino. A leitura transforma seu cérebro positivamente e
28	pode transformar sua vida. Por isso que eu proponho um aumento da propaganda para
29	influenciar as pessoas a lerem.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
1.1 Modo de Saber	---	---	---
1.2 Avaliação	Opinião	A leitura transforma seu cérebro positivamente e pode transformar sua vida. Por isso que eu proponho um aumento da propaganda para influenciar as pessoas a lerem.	27-29
1.3 Motivação	Possibilidade	a leitura pode transformar seu cérebro em um cérebro mais exercitado e protegido, e transformar sua memória em uma memória mais rápida.	10-11
	Possibilidade	.... A leitura pode mudar seu ponto de vista e fazer com que você se transforme	16-17
	Possibilidade	se houvesse mais propaganda e mais influencia para as pessoas lerem, as pessoas seriam mais bem informadas e tomariam decisões menos desastrosas.	23-24
1.4 Aserções	Evidência	A leitura é um dos atos que nos ajudam a ter maior conhecimento e experiência	13
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
2.1 Constr. interrogativas	---	---	---
2.2 Constr. impessoais	Nos	A leitura é um dos atos que nos ajudam a ter maior conhecimento e experiência	13
	Obtemos, nós podemos nosso, nossas	Com o conhecimento que obtemos com a leitura, nós podemos transformar e mudar nosso destino e nossas vidas.	20-21
2.3 Constr. pessoais	Argumentarei	Primeiramente, argumentarei sobre a consequência que a leitura causa na mente, em seguida, argumentarei sobre a transferência de conhecimento e experiência da leitura para o leitor.	4-6
	Eu estou	Eu estou a favor da propaganda que ajuda a influenciar as pessoas a lerem	22
	Eu proponho	Por isso que eu proponho um aumento da propaganda para influenciar as pessoas a lerem.	28-29
<b>3. CONECTORES</b>	Além de	A leitura, além de ser usada para obter mais conhecimento, ela é usada para obter progresso, como no trabalho, na escola, na vida, etc	15-16
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
4.1 Título	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	
4.2 Paragrafação e Progressão temática	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	

	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos	
		conclusão	4º parágrafo	
	Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	O tema abordado nessa dissertação é o poder de transformação da leitura. A leitura tem diversas funções, tais como discutir, educar, etc... A leitura também pode transformar uma pessoa de uma forma negativa ou positiva.		1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo			4-24

PLPV (B)13

	Transformação no momento da leitura
1	
2	Ter conhecimento é ter poder; pois é a leitura o único veículo capaz de nos
3	conduzir ao conhecimento e ao universo da informação.
4	Ler. Prazer de muitos. Momento único, o qual se descobre algo sobre si ou sobre
5	o mundo. Por meio da leitura pode-se ir até onde não se imagina, reflete-se o nunca
6	pensado antes. Para muito longe, você é levado sem precisar nem mesmo de um
7	transporte. E assim, a viagem para um novo mundo se inicia cheia de surpresa, aventuras
8	e mistérios. Sem perceber, sua transformação está feita e você nunca será o mesmo.
9	Você mudou. Tudo isso sem sair do lugar. Podemos ir para os quatro cantos do mundo ou
10	para o universo. Com uma boa leitura podemos transformar a ignorância em sabedoria.
11	Nada pode enriquecer mais nossas vidas que um bom livro.
12	Assim, fica claro que o hábito de ler além de nos transportar para um outro
13	universo, é uma arte. Arte que se fez presente em nossas vidas, todos os momentos.
14	Então: será que a vida seria a mesma sem esta arte?

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Assim, fica claro que o hábito de ler além de nos transportar para um outro universo, é uma arte. Arte que se fez presente em nossas vidas, todos os momentos. Então: será que a vida seria a mesma sem esta arte?	12-14
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Por meio da leitura pode-se ir até onde não se imagina, reflete-se o nunca pensado antes	5-6
	Possibilidade	Podemos ir para os quatro cantos do mundo ou para o universo.	9-10
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Assim, fica claro que o hábito de ler além de nos transportar para um outro universo, é uma arte.	12-13
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Então: será que a vida seria a mesma sem esta arte?	14
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	você	Para muito longe, você é levado sem precisar nem mesmo de um transporte.	6-7
	você	Sem perceber, sua transformação está feita e você nunca será o mesmo. Você mudou.	8-9
	Podemos, nossas	Podemos ir para os quatro cantos do mundo ou para o universo. Com uma boa leitura podemos transformar a ignorância em sabedoria. Nada pode enriquecer mais nossas vidas que um bom livro.	9-11
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Pois	Ter conhecimento é ter poder; pois é a leitura o único veículo capaz de nos conduzir ao conhecimento e ao universo da informação.	1-2
	E assim	E assim, a viagem para um novo mundo se inicia cheia de surpresa, aventuras e mistérios.	7-8
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Transformação no momento da leitura	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Ter conhecimento é ter poder; pois é a leitura o único veículo capaz de nos conduzir ao conhecimento e ao universo da informação.	1-2
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos pelo afeto Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	3-14

PLPV (B)14

O poder de transformação da leitura	
1	Escrever é uma das coisas mais antigas que o homem faz, e a partir disso, a leitura
2	também é. Através da leitura há um aprendizado imortal, inalterável, e é por isso que ela
3	tem um grande poder de transformação. A partir de tudo isso vai se desenvolvendo um
4	pensamento no homem em relação a tudo que o cerca e que interage com ele.
5	A leitura tem no começo, sempre o mesmo objetivo, aquele de ensinar alguma coisa
6	ao leitor. Mas nem sempre os diferentes leitores que lêem o mesmo livro o interpretam da
7	mesma forma., nesse sentido podemos dar um exemplo: Um historia de amor como
8	Romeo e Julieta onde um se mata pois o outro está morto; Neste caso um leitor pode
9	pensar que o amor é uma coisa estúpida a ponto de fazerem as pessoas se matarem, ou
10	que é uma coisa magnífica onde as pessoas estão prestes a se suicidar por amor. Isso
11	pode acontecer com qualquer tipo de historia. Por isso creio que a interpretação de um
12	texto depende da natureza inicial do homem que difere de um para outro.
13	Essas interpretações diferentes resultam em discussões hostis ou não, em que as
14	peessoas mostram e comparam o que pensam do texto. As vezes isso resulta em situações
15	hostis quando se começa a falar de coisas consideradas intocáveis, como a religião ou a
16	política. Mas essas diferentes interpretações também podem trazer muitos benefícios
17	como a abertura a mente em questões como direito igual entre diferentes etnias, a
18	liberdade de expressão e religiosa. Por isso podemos dizer que essas interpretações,
19	essas discussões sobre um tema resultaram numa coisa muito importante hoje em dia, a
20	política. A política expõe diferentes opiniões de pessoas diferentes para tentar "conquistar"
21	a mente, os interesses das pessoas. Na minha opinião, a política somente concretiza o
22	que as pessoas pensam.
23	A leitura tem um poder de transformação muito maior do que qualquer outro tipo de
24	meio de comunicação, de expressão, não contestável, original, inalterável. Isso acontece
25	porque ao escrever você tem uma prova do que passa ao contrário de passar verbalmente
26	um ensinamento, que ao longo dos tempos vai sendo alterado. O que quero dizer com isso
27	é que como o que está escrito não pode ser modificado, e que permanece o mesmo ao
28	longo dos anos, das épocas. Ou seja, com isso a transformação da sociedade, da política
29	ou da economia pode ser realizada.
30	É claro que podemos pensar que a política, a economia ou as regras da sociedade
31	podem ser interpretadas, mas nesse caso não se pode, pois essas três convenções já são
32	coisas interpretadas e mais tardiamente concretizadas. Nesse caso pode se formar uma
33	opinião como por exemplo: essa política em relação aos imigrantes pode ser boa para o
34	país com pouco habitantes ao contrário de muitos.
35	Um caso a parte é a religião, a religião não é uma coisa concreta e não pode ser
36	concretizada ela pode ser interpretada, mas como é um tema muito vago e impreciso
37	dificulta a concretização. Esse problema resulta na existência de diferentes religião no
38	mundo e que por fim e em algumas vezes em confrontos hostis.
39	É por isso que podemos dizer que a leitura tem um grande poder de transformação.
40	Não é uma coisa que se modifica ao longo do tempo pelo menos não o que está escrito, é
41	claro que a interpretação depende da época em que vivemos. O jeito que pensamos é
42	conseqüência da interpretação das pessoas que viviam antes. Por que a leitura possui um
43	grande poder de transformação porque vai se prolongando a longo dos tempos e ocorre
44	uma transformação gradativa do pensamento.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Na minha opinião, a política somente concretiza o que as pessoas pensam.	21-22
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Mas essas diferentes interpretações também podem trazer muitos benefícios como a abertura a mente em questões como direito igual entre diferentes etnias, a liberdade de expressão e religiosa.	16-18
	Possibilidade	É claro que podemos pensar que a política, a economia ou as regras da sociedade podem ser interpretadas, mas nesse caso não se pode, pois essas três convenções já são coisas interpretadas e mais tardiamente concretizadas	30-32
	possibilidade	É por isso que podemos dizer que a leitura tem um grande poder de transformação	39
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Escrever é uma das coisas mais antigas que o homem faz	1
	Evidência	É claro que podemos pensar que a política, a economia ou as regras da sociedade podem ser interpretadas, mas nesse caso não se pode, pois essas três convenções já são coisas interpretadas e mais tardiamente concretizadas	30-32
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos	É claro que podemos pensar que a política, a economia ou as regras da sociedade podem ser interpretadas	30-31



	pensamos	O jeito que pensamos é consequência da interpretação das pessoas que viviam antes	41-42
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	minha	Na minha opinião, a política somente concretiza o que as pessoas pensam.	20-21
	quero	O que quero dizer com isso é que como o que está escrito não pode ser modificado, e que permanece o mesmo ao longo dos anos, das épocas	26-28
<b>3. CONECTORES</b>	Pois	Um historia de amor como Romeo e Julieta onde um se mata pois o outro está morto	8
	Mas	Mas essas diferentes interpretações também podem trazer muitos benefícios como a abertura a mente em questões como direito igual entre diferentes etnias, a liberdade de expressão e religiosa.	16-18
	Pois, mas	É claro que podemos pensar que a política, a economia ou as regras da sociedade podem ser interpretadas, mas nesse caso não se pode, pois essas três convenções já são coisas interpretadas e mais tardiamente concretizadas	30-32
<b>4. ORG. RETORICA</b>			
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	O Poder de transformação da leitura	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º, 6º parágrafos
		conclusão	7º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Escrever é uma das coisas mais antigas que o homem faz, e a partir disso, a leitura também é. Através da leitura há um aprendizado imortal, inalterável, e é por isso que ela tem um grande poder de transformação. A partir de tudo isso vai se desenvolvendo um pensamento no homem em relação a tudo que o cerca e que interage com ele.	1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	5-40

PLPV (B)15

O poder de transformação da leitura	
1	Desde os primeiros dias da nossa civilização o homem procura retranscrever seus
2	pensamentos, sentimentos, a cultura. O homem pré-histórico desenhava o que ele via no
3	seu dia-a-dia, de uma certa maneira ele foi o primeiro testemunha da nossa cultura; milhares
4	de anos depois outros escreveram a Declaração dos Direitos Humanos.
5	O poder das palavras sempre foi assustador e polêmico. De fato, cada linha
6	escrita, cada palavra sempre tentaram nos influenciar. Certas pessoas que entenderam
7	esse poder, conscientes dos efeitos desse poder, ainda tentam hoje guardar para eles
8	mesmos e proibir para os outros. Na Idade Média, em vários países, a leitura era proibida
9	só podia haver uma doutrina, lei, etc. E infelizmente ainda permanecem estados assim.
10	Mas o resultado, que seja bom ou mau, sempre é o mesmo : todo mundo finalmente acaba
11	com esse poder nas mãos por causa da acessibilidade, e é isso que fez avançar a
12	sociedade (os escritos dos iluminados por exemplo). Os escritos procuram nos
13	transformar, porém, foi dado para a humanidade o livre-arbítrio, a consciência do certo e
14	do errado. As palavras exploram uma idéia tentando nos convencer ou não se é certa ou
15	não; podemos recusar essa idéia, mas isso significa que a leitura não nos transformou? Ao
16	contrário, o fato de recusar a idéia proposta nos ajudou a ficar ainda mais a favor da idéia
17	oposta, saímos de uma leitura cada vez mais ricos.
18	Para concluir podemos dizer que o assustador poder das palavras transforma
19	qualquer um de uma maneira ou de uma outra, o importante é que cada palavra é
20	fundamental, ela faz avançar os conceitos até hoje. A leitura nos torna ricos cada vez
21	mais, é o bem mais precioso do homem, e ele é o mais acessível.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados		linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----		-----
1.1 Modo de Saber	constatação	O poder das palavras sempre foi assustador e polêmico		5
1.2 Avaliação	Opinião	E infelizmente ainda permanecem estados assim		9-10
1.3 Motivação	Possibilidade	Para concluir podemos dizer que o assustador poder das palavras transforma qualquer um de uma maneira ou de uma outra		17-19
1.4 Aserções	probabilidade	Ao contrário, o fato de recusar a idéia proposta nos ajudou a ficar ainda mais a favor da idéia oposta, saímos de uma leitura cada vez mais ricos.		16-17
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----		-----
2.1 Constr. interrogativas	X	As palavras exploram uma idéia tentando nos convencer ou não se é certa ou não; podemos recusar essa idéia, mas isso significa que a leitura não nos transformou?		14-15
2.2 Constr. impessoais	Todo mundo	todo mundo finalmente acaba com esse poder nas mãos por causa da acessibilidade, e é isso que fez avançar a sociedade (os escritos dos iluminados por exemplo). Para concluir podemos dizer que o assustador poder das palavras transforma qualquer um de uma maneira ou de uma outra		10-12
	Podemos	Ao contrário, o fato de recusar a idéia proposta nos ajudou a ficar ainda mais a favor da idéia oposta, saímos de uma leitura cada vez mais ricos.		17-19
	Saímos			16-17
2.3 Constr. pessoais	---	---		---
<b>3. CONECTORES</b>	Mas	As palavras exploram uma idéia tentando nos convencer ou não se é certa ou não; podemos recusar essa idéia, mas isso significa que a leitura não nos transformou?		14-15
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----		-----
4.1 Título	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura		
4.2 Paragrafação e Progressão temática	Org. dos Parágrafos	Extensão média		
		Compostos por mais de um período		
		introdução	1º parágrafo	
	desenvolvimento	2º, 3º parágrafos		
Estrutura:	conclusão	3º parágrafo		
Progressão temática	presente			
4.3 Exposição da Tese	Explícita Estrutura do real = auditório universal	A leitura nos torna ricos cada vez mais, é o bem mais precioso do homem, e ele é o mais acessível		20-21
4.4 Tipos de argumentos	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-18	

## PLPV (B)16

O poder de transformação da leitura	
1	Quando lemos algo estamos necessariamente sob o ponto de vista do escritor:
2	livros, críticas, contos. O escritor invariavelmente dá seu ponto de vista quando escreve
3	um texto; então, mesmo tendo um ponto de vista contrário ao do escritor, o leitor está
4	levando em conta seus argumentos. No final da leitura, o leitor está destinado a mudar
5	(ou não) seu conceito sobre o assunto tratado no texto. O texto serve então, para a
6	formação de opinião.
7	Quanto mais um indivíduo lê, além de enriquecer seu vocabulário a cada leitura,
8	adquire um nível crítico cada vez mais alto, e, em conseqüência, se torna alguém mais
9	culto.
10	Um contexto variado de leitura tem como resultado uma cultura mais vasta sobre
11	variados assuntos.
12	Além da leitura destinada unicamente à cultura, temos a leitura destinada ao
13	entendimento como gibis e livros infantis. Os temas abordados têm como objetivo
14	entreter ainda assim transmitindo cultura ao leitor, no caso, as crianças. O romance é
15	outro gênero de leitura distrativa, contudo, em comparação aos textos infantis contém um
16	vocabulário mais rico e em conseqüência, é transmissor de mais cultura.
17	Podemos concluir que a leitura tem um alto poder de transformação intelectual,
18	independentemente do tema tratado, o leitor está sempre adquirido conhecimento tanto
19	na escrita como na cultura. Seria (e no caso da sociedade de hoje em dia é) um crime
20	privar um indivíduo da educação: o direito de aprender a ler e a escrever; pois se ler é
21	cultura, estão privando tal indivíduo de formar seu caráter, sua opinião.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Seria (e no caso da sociedade de hoje em dia é) um crime privar um indivíduo da educação: o direito de aprender a ler e a escrever; pois se ler é cultura, estão privando tal indivíduo de formar seu caráter, sua opinião.	19-21
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Seria (e no caso da sociedade de hoje em dia é) um crime privar um indivíduo da educação: o direito de aprender a ler e a escrever; pois se ler é cultura, estão privando tal indivíduo de formar seu caráter, sua opinião.	19-21
<b>1.4 Asserções</b>	---	---	---
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Podemos temos	Podemos concluir que a leitura tem um alto poder de transformação intelectual Além da leitura destinada unicamente à cultura, temos a leitura destinada ao entendimento como gibis e livros infantis	17 12-13
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Além de pois	Além da leitura destinada unicamente à cultura, temos a leitura destinada ao entendimento como gibis e livros infantis Seria (e no caso da sociedade de hoje em dia é) um crime privar um indivíduo da educação: o direito de aprender a ler e a escrever; pois se ler é cultura, estão privando tal indivíduo de formar seu caráter, sua opinião.	12-13 20-21
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	O poder de transformação da leitura	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	a leitura tem um alto poder de transformação intelectual, independentemente do tema tratado, o leitor está sempre adquirido conhecimento tanto na escrita como na cultura.	17-19
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-17

**ANEXO IV**

***CORPUS***

**FRANCÊS LICEU PASTEUR VERGUEIRO**

**(FLPV)**

## 1<sup>a</sup> Amostra

Tema: À quoi sert-il lire la poèsie?
Data: 31/05/06

FLPV(A)1:

À quoi sert-il de lire la poésie ?	
1	Dès les temps anciens, la lecture est le moyen le plus courant et le plus utilisé pour s'instruire et s'informer sur
2	des sujets. Les plus grands philosophes qu'il y ai existé ont été passionnés par la lecture. La lecture est un monde
3	extrêmement diversifié, on peut lire divers choses: des romans, des articles de journaux, des magazines, du théâtre,
4	de la poésie, etc... Tout cela ne serait possible sans l'écriture.
5	Interressons nous à la poésie. La poésie est l'un des genres de lecture et d'écriture le plus utilisés. Il y a
6	plusieurs grands poètes. Les plus connus sont Victor Hugo, Musset, Baudelaire, entre autres. Les poèmes sont des
7	textes la plupart du temps rimés qui parle généralement d'amour, ou de passion pour quelque chose ou quqlqu'un. La
8	poésie serait une chose bonne pour tout le monde, si tout le monde lisait et écrivait fréquemment ou simplement de
9	temps en temps des poèmes ça rendrait la personne plus culte et meilleure en littérature de tous les jours. À mon
10	avis le fait d'écrire de la poésie nous permet de transmettre nos sentiments aux lecteurs; et le fait de lire de la poésie
11	nous permet d'être dans la peau de l'écrivain et de ressentir ses sentiments. Par exemple en lisant le poème "Demain
12	dès l'aube" de Victor Hugo nous ressentons une mélancolie et une tristesse terrible dans le coeur du poète, le poème
13	parle de la fille de Victor Hugo qui est morte. La poésie a souvent été écrite comme une déclaration d'amour d'un
14	homme à une femme; ou des fois seulement une reconnaissance de l'amour d'un homme pour une femme.
15	La poésie était souvent écrite avec un thème démontrant l'amour de l'écrivain pour une personne. Concluons
16	que le thème est généralement l'amour.
17	

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	constatação	Tout cela ne serait possible sans l'écriture	4
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	À mon avis le fait d'écrire de la poésie nous permet de transmettre nos sentiments aux lecteurs; et le fait de lire de la poésie nous permet d'être dans la peau de l'écrivain et de ressentir ses sentiments.	9-11
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	si tout le monde lisait et écrivait fréquemment ou simplement de temps en temps des poèmes ça rendrait la personne plus culte et meilleure en littérature de tous les jours	8-9
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	La poésie est l'un des genres de lecture et d'écriture le plus utilisés. Il y a plusieurs grands poètes.	4-5
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Interressons nous Nous, nos , nous  Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	Interressons nous à la poésie de la poésie nous permet de transmettre nos sentiments aux lecteurs; et le fait de lire de la poésie nous permet d'être dans la peau de l'écrivain et de ressentir ses sentiments.	5 9-11
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	À mon avis	À mon avis le fait d'écrire de la poésie nous permet de transmettre nos sentiments aux lecteurs; et le fait de lire de la poésie nous permet d'être dans la peau de l'écrivain et de ressentir ses sentiments.	9-11
<b>3. CONECTORES</b>	---	---	---
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	À quoi sert-il de lire la poésie ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	3º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	la lecture est le moyen le plus courant et le plus utilisé pour s'instruire et s'informer sur des sujets. Les plus grands philosophes qu'il y ai existé ont été passionnés par la lecture. La lecture est un monde extrêmement diversifié, on peut lire divers choses: des romans, des articles de journaux, des magazines, du théâtre, de la poésie, etc...	1-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		5-15

FLPV(A)2

À quoi sert-il de lire la poésie ?	
1	L'homme écrit des poésies depuis l'Antiquité. Elles peuvent être mélancoliques longues, courtes, rapide,
2	lentes, calmes. Quand on sait lire la poésie, on sait tout lire.
3	Mais à quoi sert lire de la poésie? Elle nous sert à apprendre, comprendre beaucoup de choses, les poésies du
4	Moyen-âge, du XVIII siècle, ou pendant la première Guerre Mondiale exposent la vie, les sentiments des hommes de
5	ces époques. Nous pouvons dire que l'on apprend de l'histoire, car les hommes du Moyen-âge criaient une façon de
6	vivre différente des hommes pendant la première Guerre Mondiale. Les poètes n'écrivaient pas de la même façon que
7	ceux il y a 100 ans.
8	Bien sûr que l'on n'apprend pas seulement de l'histoire mais aussi du français. Il y a un vocabulaire différent
9	du notre, un rythme, des strophes, des vers, des rimes... Une poésie est généralement plus facile à mémoriser avec
10	un rythme monosyllabique, des rimes. Mais il faut également pouvoir comprendre le vocabulaire, pour comprendre
11	la relations entre les différents vers.
12	Une bonne poésie, c'est une poésie qui raconte une histoire dans chaque vers...
13	Donc, lire une poésie ne fait pas mal. Au contraire, elle nous enseigne. Mais pourquoi les poètes écrivent-ils
14	des poésies ? Peut-être pour "libérer" leurs émotions, et ne trouvent pas d'autre XXXX de les dire. Ou bien, les
15	poètes sont éblouis par une beauté, la nature par exemple, ou aiment quelque chose ou quelqu'un. Il y a beaucoup de
16	raisons pour écrire des poésies. Elles ne doivent pas être longues, ou avoir un rythme monosyllabique, avoir même
17	pas des rimes.
18	Nous entendons tous les jours de la poésie, sans nous rendre compte: dans les chansons qu'on écoute à la
19	radio, par exemple. Écrire une chanson, c'est écrire une poésie.
20	La poésie a une très grande importance dans notre vie quotidienne, elle peut nous rendre joyeuse, triste....
21	Écrire de la poésie, c'est comme peindre avec des stylos.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	La poésie a une très grande importance dans notre vie quotidienne, elle peut nous rendre joyeuse, triste... Écrire de la poésie, c'est comme peindre avec des stylos.	21-22
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Nous pouvons dire que l'on apprend de l'histoire, car les hommes du Moyen-âge criaient une façon de vivre différente des hommes pendant la première Guerre Mondiale.	5-7
	Obrigação	Mais il faut également pouvoir comprendre le vocabulaire, pour comprendre la relations entre les différents vers.	10-11
	Possibilidade Possibilidade	Peut-être pour "libérer" leurs émotions elle peut nous rendre joyeuse,	14 21
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	Il y a un vocabulaire différent du notre, un rythme, des strophes, des vers, des rimes...	8-9
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	À quoi sert-il de lire la poésie ? Mais à quoi sert lire de la poésie? Mais pourquoi les poètes écrivent-ils des poésies ?	Título 3 13-14
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous	Elle nous sert à apprendre	3
	Nous pouvons	Nous pouvons dire que l'on apprend de l'histoire, car les hommes du Moyen-âge criaient une façon de vivre différente des hommes pendant la première Guerre Mondiale.	5-7
	Notre	Il y a un vocabulaire différent du notre, un rythme, des strophes, des vers, des rimes...	8-9
	Nous	Au contraire, elle nous enseigne.	13
	Nous entendons Nous nous Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	Nous entendons tous les jours de la poésie, sans nous rendre compte: dans les chansons qu'on écoute à la radio, par exemple. elle peut nous rendre joyeuse,	18-19 21
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	car	Nous pouvons dire que l'on apprend de l'histoire, car les hommes du Moyen-âge criaient une façon de vivre différente des hommes pendant la première Guerre Mondiale.	5-6
	Mais	Mais il faut également pouvoir comprendre le vocabulaire, pour comprendre la relations entre les différents vers.	10-11
	mais	Mais pourquoi les poètes écrivent-ils des poésies ?	13-14
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	À quoi sert-il de lire la poésie ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	

	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos	
		conclusão	5º parágrafo	
	Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	La poésie a une très grande importance dans notre vie quotidienne, elle peut nous rendre joyeuse, triste.... Écrire de la poésie, c'est comme peindre avec des stylos.		20-21
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo			1-19



FLPV(A)3

À quoi sert-il de lire la poésie ?	
1	La lecture c'est une chose qu'on apprend dès petit, on apprend de nouveaux vocabulaire, des nouvelles
2	histoires, on peut même éprouver de nouveaux sentiments.
3	La poésie, elle, c'est une lecture qu'on peut juger particulière, car dans une poésie on peut avoir de tout
4	dans peut de vers.
5	Lorsqu'on lit une poésie on éprouve des sentiments ou des impressions comme dans n'importe qu'elle
6	texte, mais la poésie a une singularité, dans un vers plusieurs chose sont sous-entendues. Cela rend la poésie très
7	intéressante, parce que chacun peut avoir une impression différente. Mais, si on entre dans les détails de la
8	poésie, on s'aperçoit à chaque fois qu'il y a plus de chose à pensé. Par exemple le rythme de la poésie, on définit
9	le nombre de syllabe de chaque vers, ce qui peut rendre plus ou moins important le vers. On peut aussi parler des
10	rimes, qui on plusieurs manière d'être disposé dans chaque strophe. Il faut aussi pensé au poète, pour chaque
11	poète le nombre de syllabe, le nombre de vers dans une strophe ou bien la disposition des rimes dans la strophe,
12	peut changer la vision du poème.
13	Dans un poème, normalment, enfin, la plupart du temps, le poète exprime des sentiment ou il décrit une
14	personne en expriment ses sentiments, ou il raconte une histoire, mais, même si celle-ci, pour une première
15	impression n'a pas de sentiments, ils sont sous-entendus.
16	La poésie met en place beaucoup de sensibilité, sentiment, rêverie ou même un doute.
17	Les poètes du romanstismo exprimaient ses sentiment par la nature, par exemple, comme Alfred de
18	Musset.
19	En ce qui concerne la lecture ou bien l'écriture, parce qu'on peut éprouver tout ces sentiments, sensations
20	et organisé nous-même en rime, nombre de syllabe etc... en écrivant, ce qui nous aide a voir comment la poésie
21	peut-être intéressante et utile, on peut voir à quel point on peut "voyager" dans une lecture ou écriture d'une poésie
22	en s'identifiant même avec les sentiments de l'auteur par exemple.
23	La poésie c'est une chose très belle, c'est un texte très chique, ça peut nous faire éprouver des sentiments
24	totalment contradictoire ce qui peut être utile pour a nous aide a ne pas confondre. En effet la poésie est très utile,
25	même pour faire quelqu'un sourire en lui écrivant une.
26	Donc je vous demande, pourquoi ne pas lire une poésie ?

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Cela rend la poésie très intéressante, parce que chacun peut avoir une impression différente.	6-7
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	La poésie c'est une chose très belle, c'est un texte très chique, ça peut nous faire éprouver des sentiments totalment contradictoire ce qui peut être utile pour a nous aide a ne pas confondre. En effet la poésie est très utile, même pour faire quelqu'un sourire en lui écrivant une.	23-25
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	La poésie, elle, c'est une lecture qu'on peut juger particulière, car dans une poésie on peut avoir de tout dans peut de vers.	3-4
	Obrigação	Il faut aussi pensé au poete	10
	possibilidade	Cela rend la poésie très intéressante, parce que chacun peut avoir une impression différente.	6-7
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	En effet la poésie est très utile	24
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	À quoi sert-il de lire la poésie ? Donc je vous demande, pourquoi ne pas lire une poésie ?	Título 26
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous, nous	La poésie c'est une chose très belle, c'est un texte très chique, ça peut nous faire éprouver des sentiments totalment contradictoire ce qui peut être utile pour a nous aide a ne pas confondre.	23-25
	Vous Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Donc je vous demande, pourquoi ne pas lire une poésie ?	26
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je vous demande	Donc je vous demande, pourquoi ne pas lire une poésie ?	26
<b>3. CONECTORES</b>	car	La poésie, elle, c'est une lecture qu'on peut juger particulière, car dans une poésie on peut avoir de tout dans peut de vers.	3-4
	mais	Mais, si on entre dans les détails de la poésie, on s'aperçoit à chaque fois qu'il y a plus de chose à pensé. Cela rend la poésie très intéressante, parce que chacun peut avoir une impression différente.	8-9
	parce que	peut avoir une impression différente.	6-7
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	À quoi sert-il de lire la poésie ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo
	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º, 6º parágrafos
		conclusão	7º e 8º parágrafos

	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	La poésie c'est une chose très belle, c'est un texte très chic, ça peut nous faire éprouver des sentiments totalement contradictoire ce qui peut être utile pour a nous aide a ne pas confondre. En effet la poésie est très utile, même pour faire quelqu'un sourire en lui écrivain une.	23-25
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-22

FLPV(A)4

La poésie : un genre particulier	
1	La poésie est un des genres les plus intéressants et courants de la littérature. Il est donc utile de savoir à
2	sert-il de lire des textes poétiques.
3	Premièrement, la poésie est à la fois un bon exercice de lecture et d'écriture. Un bon texte poétique doit être
4	surdéterminé, c'est à dire qu'un vers ou un ensemble de vers doit contenir plusieurs idées simultanément. L'auteur,
5	pour obéir à ce principe, est donc contraint de perfectionner ses vers et le lecteur, de faire attention aux moindres
6	détails du poème. Le genre poétique peut être également utile à comprendre la pensée et les idéaux des adeptes
7	d'un certain mouvement littéraire, dû au fait de son importance dans la littérature. De nombreux mouvements ce
8	sont beaucoup servi de la poésie (par exemple les romantiques, qui ont récupéré des poésies médiévales).
9	Les textes poétiques sont aussi un moyen au lecteur d'apprendre à identifier le rythme d'un vers
10	(ocotosyllabe, décasyllabe...) et des figures de style (métaphore, oxymore, personification, métonymie...). Ce sont des
11	éléments indispensables à la constitution d'un poème.
12	De plus, parmi les grands écrivains de l'histoire, il y a certains qui étaient soit de poètes (Baudelaire,
13	Apollinaire...), soit des romanciers, par exemple, qui ont aussi écrit des poésies (Musset, Hugo...). Il est donc possible
14	de connaître le style, les idéaux, etc... de personnes très célèbres dans la littérature en lisant des poèmes.
15	Finalment, la poésie présente plusieurs intérêts de la part de l'auteur : le lyrisme (expression des sentiments),
16	l'engagement (défendre une certaine idée, une certaine personne...), la narration, entre autres choses. Le lecteur,
17	grâce à la poésie, peut ainsi prendre connaissance des différents buts d'un texte.
18	En conclusion, on peut dire que la poésie est un genre complet : elle nous mène à comprendre le style de
19	l'auteur et son but, à identifier les différents recours de la langue (figures de style, rythme...), entre autres choses.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Il est donc utile de savoir à sert-il de lire des textes poétiques.	2
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Un bon texte poétique doit être surdéterminé, c'est à dire qu'un vers ou un ensemble de vers doit contenir plusieurs idées simultanément	4-5
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçào	Un bon texte poétique doit être surdéterminé, c'est à dire qu'un vers ou un ensemble de vers doit contenir plusieurs idées simultanément	4-5
	Possibilidade	Le genre poétique peut être également utile à comprendre la pensée et les idéaux des adeptes d'un certain mouvement littéraire, dû au fait de son importance dans la littérature	6-7
	Possibilidade	on peut dire que la poésie est un genre complet	18
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	De plus, parmi les grands écrivains de l'histoire, il y a certains qui étaient soit de poètes (Baudelaire, Apollinaire...), soit des romanciers, par exemple, qui ont aussi écrit des poésies (Musset, Hugo...). Il est donc possible de connaître le style, les idéaux, etc... de personnes très célèbres dans la littérature en lisant des poèmes.	12-14
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	nous	elle nous mène à comprendre le style de l'auteur et son but, à identifier les différents recours de la langue (figures de style, rythme...), entre autres choses	18-19
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	De plus	De plus, parmi les grands écrivains de l'histoire, il y a certains qui étaient soit de poètes (Baudelaire, Apollinaire...), soit des romanciers, par exemple, qui ont aussi écrit des poésies (Musset, Hugo...). Il est donc possible de connaître le style, les idéaux, etc... de personnes très célèbres dans la littérature en lisant des poèmes.	12-14
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	La poésie : un genre particulier	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º e 6º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	la poésie est un genre complet : elle nous mène à comprendre le style de l'auteur et son but, à identifier les différents recours de la langue (figures de style, rythme...), entre autres chose	18-19

<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-17
--------------------------------	--	------

FLPV(A)5

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13	<p>La poésie a-t-elle une signification ? À quoi sert-il de la lire ?</p> <p>Elle peut raconter la vie de quelqu'un ou une histoire, transmettre des sentiments, donner des ordres ou un avertissement, etc. Elle n'est pas divisée en paragraphe ni en phrases, elle est divisée en strophes et en vers. Elle peut avoir plusieurs formes, types de rymes et rythmes mais grâce à ses caractéristiques elle toujours agréable à lire. Au cours du temps, la poésie a gagnée des caractéristiques il est probable qu'elle est devenu de plus en plus belle. Je pense que c'est meilleur de lire une poésie que de lire un texte en prose.</p> <p>Le vocabulaire de la poésie fait que le message qu'elle doit passer ne soit pas, généralement, aperçut à la première lecture. Malgré le fait qu'elles soient plus agréables à lire, les poésies nécessitent, parallèlement à la lecture, une certaine réflexion pour leur compréhension. Chaque strophe a une idée et à la fin de la poésie un message est passé.</p> <p>Avec plusieurs sens, les vers sont très intéressants et peuvent être compris de plusieurs manières selon les lecteurs.</p> <p>En conclusion je pense que les poésies passent des messages importants et il est très important de les lire car elles demandent une réflexion à un sujet.</p>
---	---

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	elle est divisée en strophes et en vers	2
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Je pense que c'est meilleur de lire une poésie que de lire un texte en prose.	5
	Opinião	En conclusion je pense que les poésies passent des messages importants et il est très important de les lire car elles demandent une réflexion à un sujet.	12-13
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Elle peut raconter la vie de quelqu'un ou une histoire	1
	Obrigaçào	Le vocabulaire de la poésie fait que le message qu'elle doit passer ne soit pas, généralement, aperçut à la première lecture.	6-7
<b>1.4 Asserções</b>	probabilidade	Au cours du temps, la poésie a gagnée des caractéristiques et il est probable qu'elle est devenu de plus en plus belle.	4
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	La poésie a-t-elle une signification ? A quoi sert-il de la lire ?	título
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je pense	Je pense que c'est meilleur de lire une poésie que de lire un texte en prose.	5
	Je pense	En conclusion je pense que les poésies passent des messages importants et il est très important de les lire car elles demandent une réflexion à un sujet.	12-13
<b>3. CONECTORES</b>	Malgré	Malgré le fait qu'elles soient plus agréables à lire, les poésies nécessitent, parallèlement à la lecture, une certaine réflexion pour leur compréhension.	7-8
	car	En conclusion je pense que les poésies passent des messages importants et il est très important de les lire car elles demandent une réflexion à un sujet.	12-13
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	La poésie a-t-elle une signification ? A quoi sert-il de la lire ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita	les poésies passent des messages importants et il est très	12-13

	Estrutura do real = auditório universal	important de les lire car elles demandent une réflexion à un sujet.	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-11

FLPV(A)6

Pourquoi la poésie est-elle importante ?	
1	La poésie est une forme d'écrire, un art que tout le monde apprécie, et comme tout art, elle sert à transmettre
2	des idées. La seule différence de la poésie aux autres formes d'écritures, c'est qu'elle peut être interprétée de plusieurs
3	manières différentes.
4	La lecture de la poésie est importante puisqu'elle sert à transmettre des idées, mais aussi parce que la
5	poésie fait partie de la culture générale qu'une personne doit posséder, toute civilisation, toute religion, toute
6	personne a dans sa majorité, laissé un héritage culturel sous forme poétique. Les bases de la littérature sont fondées,
7	en partie, par la poésie que se soit l' <u>Iliade</u> ou l' <u>Odyssee</u> d'Homonère, au plus récemment, les poésies romantiques, qui
8	ont "révolutionné la manière de voir le monde sous un autre regard.
9	La poésie est un art, plus difficile à réaliser que quelques uns par sa complexité donc sa forme, le rythme, les
10	rimes ou encore les sens sousentendu du mots ou expression. La poésie ne se fait pas de la nuit au jour, mais le
11	poète ni consacre pas non plus des années, on pouvait presque dire que la poésie est un don avec lequel on est né, et
12	de don doit être utilisé. Ce serait une hérésie pour la littérature et les lecteurs qu'un don de cet importance soit laisser
13	à l'oubli dans notre cerveau. Le fait que ce soit un don ne veut pas dire que seulement une petite partie de la
14	population puisse écrire, au contraire, tout le monde peut écrire, mais ce n'aura pas le même charme qu'une poésie
15	d'Apollinaire ou de Musset. On peut donc dire que la poésie, peut être belle, doit venir d'un homme ou d'une femme,
16	qui comprennent le monde et ses petites jeux.
17	La poésie, quand li sous un oeil non attentionné, n'a pas de sens, mais si cette lecture est approfondi elle
18	pourra montrer ses plusieurs face cachées. La poésie peut occasionné un sentiments de patriotisme, comme dans
19	les himnes nationaux; de tristesse, comme une grande partie des poésies, écrivent par des poètes qui n'attendent plus
20	rien de la vie; ou encore beaucoup d'autres, de peine, de bonheur. Mais la poésie peut aussi servir au poète à se
21	libérer, à écrire ses sentiments, son désespoir, juste pour passé le temps, comme une manière d'enlever le jardeaus
22	que ces sentiments sont.
23	La poésie sert donc à bien de choses, que ce soit exprimer les sentiments d'une personne ou d'un peuple
24	entier, aider les civilisation à venir à comprendre l'histoire. La poésie est un art e peut être considéré comme la seule
25	forme d'écriture pouvant décrire parfaitement un tableau, qui vaut plus que mille mots. Elle peut servir à comprendre le
26	monde et ce qui tout les personnes pensant du monde. La poésie est pour l'humanité ce que l'origine est pour
27	l'homme, une indispensable source de vie.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	La poésie est un art, plus difficile à réaliser que quelques uns par sa complexité donc sa forme, le rythme, les rimes ou encore les sens sousentendu du mots ou expression	9-10
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	On peut donc dire que la poésie, peut être belle, doit venir d'un homme ou d'une femme, qui comprennent le monde et ses petites jeux.	15-16
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	La seule différence de la poésie aux autres formes d'écritures, c'est qu'elle peut être interprétée de plusieurs manières différentes.	2-3
	Obrigaçào	La lecture de la poésie est importante puisqu'elle sert à transmettre des idées, mais aussi parce que la poésie fait partie de la culture générale qu'une personne doit posséder	4-5
	Possibilidade	Ce serait une hérésie pour la littérature et les lecteurs qu'un don de cet importance soit laisser à l'oubli dans notre cerveau	12-13
	Possibilidade	La poésie, quand li sous un oeil non attentionné, n'a pas de sens, mais si cette lecture est approfondi elle pourra montrer ses plusieurs face cachées	17-18
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	La poésie est un art, plus difficile à réaliser que quelques uns par sa complexité donc sa forme, le rythme, les rimes ou encore les sens sousentendu du mots ou expression	9-10
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Pourquoi la poésie est-elle importante ?	título
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	La lecture de la poésie est importante puisqu'elle sert à transmettre des idées, mais aussi parce que la poésie fait partie de la culture générale qu'une personne doit posséder	4-5
	mais	La poésie ne se fait pas de la nuit au jour, mais le poète ni consacre pas non plus des années,	10-11
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Pourquoi la poésie est-elle importante ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa	
		Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo

	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º parágrafos	
		conclusão	6º parágrafo	
	Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	La lecture de la poésie est importante puisqu'elle sert à transmettre des idées, mais aussi parce que la poésie fait partie de la culture générale qu'une personne doit posséder, toute civilisation, toute religion, toute personne a dans sa majorité, laissé un héritage culturel sous forme poétique		4-6
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo			1-27



FLPV(A)7

De l'horrible danger de la poésie à quoi sert-il de lire de la poésie ?	
1	La poésie, tout comme la prose, appartient à la littérature. Mais quelles raisons peuvent être avancées pour
2	defendre la poésie ? Tout d'abord, la lecture de la poésie est un plaisir. Le poème présente sous forme de vers et de
3	strophe, qui ont un rythme spécifique. Les rimes, les allitérations ou les assonances confèrent une certaine musicalité
4	à la poésie, ce que la prose offre plus difficilement. La poésie réveille aussi des sentiments, quand elle est lyrique.
5	Les émotions peuvent être joyeuses, et la lecture devient agréable.
6	Mais la poésie n'est pas seulement plaisante, elle est aussi matière à réflexion. Elle fait appel aussi à la
7	pensée. Un autre recours de la poésie, qui n'apparaît pas dans la prose, est la surdétermination. Plusieurs sens sont
8	cachés dans le vers, et un travail intellectuel est nécessaire pour analyser en profondeur un texte. En incitant la
9	réflexion, la poésie entraîne à penser. Et une meilleure analyse des actes et des textes permet d'avoir un esprit
10	critique, et de ne pas être manipulé, mais d'être libre de ses actes et de ces pensées. Et qui n'aspire pas à la liberté ?
11	La poésie est également une arme de propagande. Elle crée des émotions et des sentiments, de révolte ou
12	d'horreur. Elle dénonce, elle accuse, elle encourage. Les résistants l'ont utilisés durant la deuxième Guerre Mondiale,
13	à titre de XXXX. Ainsi, la poésie mêle sensibilité et raisons. Les philosophes des Lumières, Voltaire, Diderot et bien
14	d'autres encore, prônaient la raison, et aimaient la sensibilité. Nous sommes les héritiers de ces penseurs. En toute
15	logique, nous devrions réviser cet héritage, que la poésie permet d'exprimer.
16	De plus, la lecture de la poésie offre un autre avantage : elle est une des clés du passé. Quoi de mieux que
17	les poésies romantiques pour découvrir le XVIII <sup>e</sup> siècle ? La "sensibilité nouvelle", le "mal du siècle" exorcisés
18	dans ces poésies montrent les états d'âme de tout un siècle. Et c'est en comprenant le passé que l'on comprend le
19	présent.
20	On peut encore reconnaître à la poésie un autre avantage : elle habite tout le patrimoine d'un pays, au même
21	titre que la prose, ou que les monuments, et objets anciens. Elle conserve la langue, trésor des civilisations et des
22	pays, elle l'explore, elle la redécouvre. Tout ce qui est symbolique dans les poèmes se rattache à notre histoire, et à
23	notre présent. C'est la langue qui permet la communication, et qui est à la base de toutes les sociétés. La poésie,
24	littérature, est la gardienne de nos civilisations.
25	Ainsi, la poésie joint l'agréable à l'utile, et selon Boileau (qui d'ailleurs enseigne par des poèmes didactiques,
26	ce qui démontre l'utilité de la poésie, qui permet la diffusion des connaissances) un texte qui réunit les deux est un
27	texte réussi.
28	Il faut lire la poésie, pour que les mots prisonniers du papier se réveillent, et expriment tout ça qu'ils
29	contiennent, fassent appel à l'imagination.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Mais la poésie n'est pas seulement plaisante, elle est aussi matière à réflexion	7
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Il faut lire la poésie, pour que les mots prisonniers du papier se réveillent, et expriment tout ça qu'ils contiennent, fassent appel à l'imagination.	28-29
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade Obrigação	On peut encore reconnaître à la poésie un autre avantage Il faut lire la poésie, pour que les mots prisonniers du papier se réveillent, et expriment tout ça qu'ils contiennent, fassent appel à l'imagination.	22 28-29
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	La poésie, tout comme la prose, appartient à la littérature	1
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	De l'horrible danger de la poésie à quoi sert-il de lire de la poésie ? Mais quelles raisons peuvent être avancées pour defendre la poésie ? Et qui n'aspire pas à la liberté ? Quoi de mieux que les poésies romantiques pour découvrir le XVIII <sup>e</sup> siècle ?	Título 1-2 11 18-19
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous sommes Nous devrions notre	Nous sommes les héritiers de ces penseurs. En toute logique, nous devrions réviser cet héritage, que la poésie permet d'exprimer. Tout ce qui est symbolique dans les poèmes se rattache à notre histoire, et à notre présent	16-17 24-25
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais De plus	Mais quelles raisons peuvent être avancées pour defendre la poésie ? De plus, la lecture de la poésie offre un autre avantage : elle est une des clés du passé	1-2 18
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	De l'horrible danger de la poésie à quoi sert-il de lire de la poésie ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
		introdução	1 <sup>o</sup> parágrafo

	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º parágrafos	
		conclusão	6º, 7º parágrafo	
	Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Il faut lire la poésie, pour que les mots prisonniers du papier se réveillent, et expriment tout ça qu'ils contiennent, fassent appel à l'imagination.		28-29
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade			1-27

FLPV(A)8

À quoi sert-il de lire la poésie ?	
1	L'écriture n'ayant pas toujours existé, il s'agit aujourd'hui de quelque chose d'existencielle pour la majorité
2	d'entre nous. La poésie a une écriture spécifique et de même manière nécessite d'une lecture particulière.
3	Nous ne devrions pas écrire, il s'agit d'un don avec lequel nous naissons. La poésie, comme dit au
4	paravant a une écriture spécifique. Elles ne nous parlent pas de faits mais oui d'émotions; c'est pour cela que c'est
5	celle qui touche le plus l'homme. Des procédés sont employés pour une meilleure mémorisation comme les rimes,
6	les énumérations, les figures de style, etc. Ainsi, comme une musique à la radio, elle nous touche, nous fait ressentir
7	des émotions, et nous avons une certaine facilité à la retenir. Une poésie peut être courte, longue, à une strophe, à
8	vingt strophes, cela n'a aucune importance car mieux vaut une poésie d'une strophe et d'un vers que soit belle qu'une
9	poésie très longue et ennuyante.
10	La lecture de la poésie est la plus dure mais sûrement la plus mystérieuse. Le poète peut essayer de nous
11	faire comprendre quelque chose qui à première vue nous paraît inimaginable. Par exemple dans "la nuit de Décembre" de
12	Musset nous ne pensons pas au premier abord que le garçon vêtu de noir est son double et lorsqu'il lit dans son livre il
13	voit l'avenir du poète. Dans la lecture il sera aussi nécessaire de reconnaître le symbole de la mort ou de l'amour.
14	C'est à cause de toutes ces particularités que nous pouvons affirmer que lorsque nous savons lire la poésie nous
15	savons tout lire et également la prose.
16	Poésie a une importance primordiale dans le monde de l'écriture et de la lecture. Mais elle a aussi une très
17	grande utilité. Par exemple, chaque pays a une poésie le représentant. Cela doit vous paraître tout au moins bizarre
18	mais nous apprenons dès notre enfance l'hymne de notre pays qui est une. La poésie peut aussi nous communiquer
19	des idées abstraites et ainsi par exemple ne pas attirer l'attention lorsque auparavant existait la censure.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	La lecture de la poésie est la plus dure mais sûrement la plus mystérieuse	10
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Poésie a une importance primordiale dans le monde de l'écriture et de la lecture.	16
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	nous pouvons affirmer que lorsque nous savons lire la poésie nous savons tout lire et également la prose.	14-15
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	il s'agit aujourd'hui de quelque chose d'existencielle pour la majorité d'entre nous. La poésie a une écriture spécifique et de même manière nécessite d'une lecture particulière.	1-2
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	À quoi sert-il de lire la poésie ?	título
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous ne devrions pas nous naissons	Nous ne devrions pas écrire, il s'agit d'un don avec lequel nous naissons	3
	nous, nous,	Elles ne nous parlent pas de faits mais oui d'émotions elle nous touche, nous fait ressentir des émotions, et nous avons une certaine facilité à la retenir.	4 6-7
	nous avons nous pouvons, nous savons	nous pouvons affirmer que lorsque nous savons lire la poésie nous savons tout lire et également la prose.	14-15
	vous, nous apprenons, notre	Cela doit vous paraître tout au moins bizarre mais nous apprenons dès notre enfance l'hymne de notre pays qui est une	17-18
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	mais	Mais elle a aussi une très grande utilité.	16-17
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	À quoi sert-il de lire la poésie ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Poésie a une importance primordiale dans le monde de l'écriture et de la lecture. Mais elle a aussi une très grande utilité.	16-17
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-16

FLPV(A)9

À quoi sert-il de lire la poésie ?	
1	Une poésie exprime généralement des idées ou sentiments que l'auteur veut transmettre à la société. C'est
2	lui qui va choisir la façon dont il le fera, et toutes les caractéristiques d'une poésie sont associés à la personnalité du
3	lecteur, à son esprit.
4	Lorsque l'on lit une poésie, on sent quelque chose (généralement ce que l'auteur veut qui on sente) et si ce
5	sentiment a une valeurs pour nous, nous allons nous identifier avec pensées et sentiments de cet auteur; c'est pour
6	cela que l'on lit de la poésie, parce qu'elle nous sert d'inspirations parce qu'elle vaut quelque chose pour nous. Mais
7	le contenu de chaque poésie est toujours différent, quelque soit le thème abordé; la façon dont l'idée va être exprimé
8	va changer la sensation éprouvé par le lecteur. On sait bien qui il existe vraiment beaucoup de poèmes écrits, et que
9	chaque poésie exprime quelque chose de différents.
10	Parmi cette imensité de poésie écrites, je suis sûr qui il y a en au moins une qui va vous plaire; même si elle
11	paraît inutile dans notre vie, elle va vous entraîne des sensations qui changeront votre état d'esprit et vos prochaines
12	actions seront faite en base de votre rationalité et de vos sentiments.
13	Généralement les lecteurs de poésie s'accedent de la poésie car elles sont une inspiration pour eux; et elle
14	peut être une inspiration pour vous aussi.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Saber/ignorancia	On sait bien qui il existe vraiment beaucoup de poèmes écrits	8
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	elle peut être une inspiration pour vous aussi.	14
<b>1.3 Motivação</b>	Querer	Une poésie exprime généralement des idées ou sentiments que l'auteur veut transmettre à la société	1
	Querer possibilidade	généralement ce que l'auteur veut qui on sente elle peut être une inspiration pour vous aussi.	4 14
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	On sait bien qui il existe vraiment beaucoup de poèmes écrits	8
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	À quoi sert-il de lire la poésie ?	título
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous, nous allons nous identifier	si ce sentiment a une valeurs pour nous, nous allons nous identifier avec pensées et sentiments de cet auteur;	4-5
	Vous Vous, vos, votre Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	il y a en au moins une qui va vous plaire elle va vous entraîne des sensations qui changeront votre état d'esprit et vos prochaines actions seront faite en base de votre rationalité et de vos sentiments	10 11-12
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je suis	je suis sûr qui il y a en au moins une qui va vous plaire	10
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Mais le contenu de chaque poésie est toujours différent, quelque soit le thème abordé	6-7
	car	les lecteurs de poésie s'accedent de la poésie car elles sont une inspiration pour eux	13
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	À quoi sert-il de lire la poésie ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo
	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Une poésie exprime généralement des idées ou sentiments que l'auteur veut transmettre à la société. C'est lui qui va choisir la façon dont il le fera, et toutes les caractéristiques d'une poésie sont associés à la personnalité du lecteur, à son esprit.	1-3
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		4-13

FLPV(A)10

À quoi sert-il de lire la poésie ?	
1	La poésie est un des moyens de s'exprimer artistiquement les plus anciens. Nous pouvons voir que l'un des
2	textes le plus important de la société occidentale est une poésie, l'Iliade et l'Odyssée. La poésie est une manière de
3	se rafraîchir, de se divertir. La poésie peut nous faire penser aussi, comme le poème de Victor Hugo, où il est dans
4	une forêt avec une femme que l'aime. Mais dans ce cas, nous devons penser peu, le maximum pour se divertir avec
5	ce poème. Mais avons des poèmes qui sont utilisés comme arme politique. Nous avons en plusieurs comme ça lors
6	de la Résistance.
7	Les poèmes peuvent nous convaincre sur des sujets beaucoup plus que des livres, car les poésies sont
8	moins lourdes que des livres ou des articles, elles sont plus agréables à lire. Ceci est pourquoi je défends la lecture.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados		linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---		---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Les poèmes peuvent nous convaincre sur des sujets beaucoup plus que des livres, car les poésies sont moins lourdes que des livres ou des articles, elles sont plus agréables à lire. Ceci est pourquoi je défends la lecture.		7-8
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Nous pouvons voir que l'un des textes le plus important de la société occidentale est une poésie, l'Iliade et l'Odyssée		2-3
	Possibilidade	La poésie peut nous faire penser aussi		3
	Obrigaçào	nous devons penser peu		4
	Possibilidade	Les poèmes peuvent nous convaincre sur des sujets beaucoup plus que des livres		4
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	La poésie est un des moyens de s'exprimer artistiquement les plus anciens		1
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	À quoi sert-il de lire la poésie ?		Titulo
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous pouvons voir	Nous pouvons voir que l'un des textes le plus important de la société occidentale est une poésie, l'Iliade et l'Odyssée		2-3
	Nous devons, avons	Mais dans ce cas, nous devons penser peu, le maximum pour se divertir avec ce poème. Mais avons des poèmes qui sont utilisés comme arme politique		4-5
	nous	Les poèmes peuvent nous convaincre sur des sujets beaucoup plus que des livres		4
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je défends	je défends la lecture		8
<b>3. CONECTORES</b>	Mais, Mais	Mais dans ce cas, nous devons penser peu, le maximum pour se divertir avec ce poème. Mais avons des poèmes qui sont utilisés comme arme politique		4-5
	car	Les poèmes peuvent nous convaincre sur des sujets beaucoup plus que des livres, car les poésies sont moins lourdes que des livres ou des articles, elles sont plus agréables à lire		7-8
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----		-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	À quoi sert-il de lire la poésie ?		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média		
		Compostos por mais de um período		
		introdução	1º parágrafo	
	desenvolvimento	1º e 2º parágrafo		
Estrutura:	conclusão	2º parágrafo		
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	La poésie est un des moyens de s'exprimer artistiquement les plus anciens		1
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-6	

FLPV(A)11

À quoi sert-il de lire la poésie ?	
1	Les élèves de la seconde 1 du lycée Pasteur de São Paulo ont cherché à répondre à la question suivante : à
2	quoi sert-il de lire la poésie ? Par cela, ils ont effectué un sondage parmi les lycéens : 31% ont avoué lire
3	spontanément de texte poétique. Voyons maintenant comment ces jeunes gens ont défendu la poésie.
4	Dés XXX, lorsque l'on est encore au primaire, il est très courant que nous apprenons une série de poèmes
5	sous le prétexte d'entraîner la mémoire. Ces poèmes sont souvent des Fables, illustrées par des animaux, où sont
6	comprises des morales, qui servent comme avertissement sous un ton comique. Ce style de poésie, contient donc,
7	une idée sous-entendue. L'idée du "sous-entendu" est une des caractéristique fondamentale de la poésie. C'est à
8	dire que la poésie a le pouvoir de condenser plusieurs idées souvent en une seule strophe. Les auteurs ont donc
9	recouru aux nombreuses figures de styles (comparaison, métaphore, etc...) qui ne cessent d'embellir le contenu. De
10	plus, l'écrivain poétique à l'obligation d'autour de son idée, construire un rythme qui rende son œuvre
11	particulièrement agréable à lire. Ce procédé peut avoir pour objet de fixer l'attention du lecteur ou de mettre en
12	valeur certains mots ou certaines idées.
13	Pourquoi a-t-on recouru à la poésie lorsque l'on est malheureux ? Aujourd'hui nous pouvons nous poser cette
14	question en constatant que, en générale, les œuvres écrites antérieurement ont été élaborées lorsque le poète exprime
15	un sentiment très fort. Par exemple lorsqu'il est très triste, lorsqu'il est amoureux, lorsqu'il ne se contente plus de joie.
16	Le poème est donc écrit par les yeux d'un malheureux, d'un amoureux, entre autre et présente donc les
17	caractéristiques de l'écrivain. On peut donc affirmer que le recouru à poésie est pratiquement un réflexe de l'homme
18	lorsqu'il éprouve un sentiment très intense. La poésie transmet donc toujours une idée ou même un sentiment.
19	La poésie est sans doute un moyen très efficace pour la compréhension moral de l'écrivain. Elle force le
20	lecteur à penser et à interpréter les vers pour comprendre l'idée qui est sous-entendue. La caractéristique de la
21	surdétermination est sans doute son aspect plus captivant. Rien dans la poésie n'est pas hasard. Lire des poésie
22	aide à identifier à certains sujets.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	constatação	Rien dans la poésie n'est pas hasard	21
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	La caractéristique de la surdétermination est sans doute son aspect plus captivant.	20-21
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Ce procédé peut avoir pour objet de fixer l'attention du lecteur ou de mettre en valeur certains mots ou certaines idées.	11-12
	Possibilidade	On peut donc affirmer que le recouru à poésie est pratiquement un réflexe de l'homme lorsqu'il éprouve un sentiment très intense	17-18
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	il est très courant que nous apprenons une série de poèmes	4
	Evidência	La poésie est sans doute un moyen très efficace pour la compréhension moral de l'écrivain	19
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	À quoi sert-il de lire la poésie ? À quoi sert-il de lire la poésie ? Pourquoi a-t-on recouru à la poésie lorsque l'on est malheureux ?	Título 2 13
	Voyons	Voyons maintenant comment ces jeunes gens ont défendu la poésie	3
	Nous pouvons Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Aujourd'hui nous pouvons nous poser cette question en constatant que, en générale, les œuvres écrites antérieurement ont été élaborées lorsque le poète exprime un sentiment très fort.	13-15
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	De plus	De plus, l'écrivain poétique à l'obligation d'autour de son idée, construire un rythme qui rende son œuvre particulièrement agréable à lire.	10-11
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	À quoi sert-il de lire la poésie ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos
		conclusão	4 parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditorio universal	La poésie est sans doute un moyen très efficace pour la compréhension moral de l'écrivain. Elle force le lecteur à penser et à interpréter les vers pour comprendre l'idée qui est sous-entendue. La caractéristique de la surdétermination est sans doute son aspect plus	19-20

		captivant. Rien dans la poésie n'est pas hasard. Lire des poésie aide à identifier à certains sujets.	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos pelo afeto gumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-18

FLPV(A)12

La poésie et ses mille et une utilités	
1	La poésie a plusieurs avantages comparés à la prose. Les mille et une avantages dont je vais vous citer
2	quelques unes ne sont pas seulement dans la forme différente de la prose mais dans le lyrisme, chose indispensable
3	dans n'importe qu'elle bonne poésie.
4	Le premier avantage de la poésie est surtout sa beauté. Non seulement la beauté de la forme car un texte écrit
5	en vers est bien plus beau qu'un paquet de lignes écrit en prose. La forme de la poésie est si maleable qu'on peut
6	même y créer des figures comme une poésie de Victor Hugo où son poème à la forme d'un losange. L'autre beauté
7	de la poésie est celle des vers. La poésie est plus subjective que n'importe qu'elle texte en prose. La prose n'est pas
8	aussi belle. La beauté de la poésie vient de la sonorité et les rymes. Donc cela permet une lecture beaucoup plus
9	souple et facile que dans la prose.
10	La deuxième avantage de la poésie est sa facilité à le mémoriser. Cette facilité de mémoriser vient justement
11	des rymes et des sons communs et d'un rythme homogène (même nombre de syllabes dans chaque vers. C'est par
12	cette raison que les musiques sont écrites en vers et non en prose.
13	Un autre aspect très important de la poésie est qu'il condense les idées plus facilement. Donc la poésie est
14	comme un arbre qui exprime les mêmes idées que la prose en une forêt. Mais la poésie est bien plus difficile d'écrire
15	qu'un texte en prose. Oui, seulement que lorsqu'on arrive à écrire la poésie nos textes seront bien plus inutiles en
16	nombre d'idées que nos poésies.
17	Dans ce aspect de condenser les idées vient le fait qu'une poésie exprime bien plus de sentiments qu'un
18	texte en prose. La pensée lorsque bien écrite chaque mot peut avoir un sens plus spécifique pour exprimer un
19	sentiment précis lorsque le texte en prose n'a pas cette caractéristique.
20	Cette facilité d'exprimer les sentiments entraîne la plus importante caractéristique de la poésie, sa facilité de
21	convaincre. Lorsque'on touche les sentiments d'une personne on peut la convaincre plus facilement. Par exemple
22	lorsqu'on veut qu'elle soit contraire à l'opinion de l'autre on suscite ses sentiments de colère envers cette personne.
23	Donc la poésie n'est pas seulement une forme différente d'écrire, c'est aussi une forme différente d'exprimer
24	ses sentiments, ses idées et aussi touche les sentiments et l'opinion de vos lecteurs. La lecture apporte plusieurs
25	benefices, car elle nous fait voyager et sentir des choses beaucoup plus belles et beaucoup plus facilement que la
26	prose.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	constatação	Lapoésie a plusieurs avantages comparés à la prose	1
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	elle nous fait voyager et sentir des choses beaucoup plus belles et beaucoup plus facilement que la prose.	25-26
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	lorsqu'on arrive à écrire la poésie nos textes seront bien plus inutiles en nombre d'idées que nos poésies.	15-16
	querer	lorsqu'on veut qu'elle soit contraire à l'opinion de l'autre on suscite ses sentiments de colère envers cette personne	22
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	la poésie est bien plus difficile d'écrire qu'un texte en prose.	14-15
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	nos	lorsqu'on arrive à écrire la poésie nos textes seront bien plus inutiles en nombre d'idées que nos poésies.	15-16
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je vais	je vais vous citer quelques unes ne sont pas seulement dans la forme différente de la prose mais dans le lyrisme	1-2
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	je vais vous citer quelques unes ne sont pas seulement dans la forme différente de la prose mais dans le lyrisme	1-2
	Car	Non seulement la beauté de la forme car un texte écrit en vers est bien plus beau qu'un paquet de lignes écrit en prose	4-5
	mais	Mais la poésie est bien plus difficile d'écrire qu'un texte en prose	14-15
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	La poésie et ses mille et une utilités	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º parágrafos
		conclusão	6º e 7º parágrafos
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	la poésie n'est pas seulement une forme différente d'écrire, c'est aussi une forme différente d'exprimer ses sentiments, ses idées et aussi touche les sentiments et l'opinion de vos lecteurs. La lecture apporte plusieurs benefices, car elle nous fait voyager et sentir des choses beaucoup plus belles et beaucoup plus facilement que la prose.	23-26



<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-22
--------------------------------	--	------

FLPV(A)13

L'horrible danger de la lecture	
1	L'écriture a été inventée depuis le VIII <sup>ème</sup> milénaire av. J.C. en Mésopotamie. Les hommes pré-historiques
2	utilisaient un type d'écriture en symboles qui les servaient généralement pour raconter ce qui s'est passé en ses
3	journées, selon les historiens. L'écriture a prit différentes formes et s'est diffusé en différents lieux jusqu'à être
4	diffusée en tout le monde. Aujourd'hui, ainsi que dès les grecs, il y a plusieurs types de formes d'écritures, dont les
5	artistiques. Entre elles, il y a la poésie. Ce genre littéraire a ses propre caractéristiques et est le symbole de plusieurs
6	mouvements littéraires. Par exemple, le trovadorisme (VIII <sup>ème</sup> s. au XV <sup>ème</sup> ) en Portugal ainsi qu' d'autres pays
7	européens, été basé sur une poésie lyrique. Plus tarde, la poésie a aussi pris premier plan dans l'humanisme et cette
8	fois, elle n'était plus chantée. Ces mouvements, de la même manière que cette prise de valeur de la poésie, sont
9	résultat de la Renaissance où on a fait renaître les arts antiques. Mais même au Moyen Âge la poésie était présente.
10	À cette époque, elle était dans la grande majorité des poésies religieuses, due à la grande influence catholique dans
11	cette période de l'histoire. Nous pouvons conclure donc, que la poésie a été présente dant toute notre histoire; dans
12	nos jours et ainsi de suite.
13	Maintenant, il y a questions possibles : "à quoi sert-il la poésie ?" et "pourquoi continuera-t-elle à exister ?"
14	Pour la première question, on peut tout simplement dire que la poésie est essentielle à l'homme et il a besoin d'elle.
15	Avec une poésie on transmet des sentiments. Ceux-ci sont éprouvés par les personnage qui être ou pas le narrateur
16	ou quelqu'un. Mais même en exprimant des sentiments (ou pas) le poète exprime des idées à travers son oeuvre. Et
17	cela, c'est l'esprit de l'écriture et de la lecture : diffuser des idées. Se sont avec de nouvelles idées qu'on renouvelle
18	l'esprit ainsi que les pensées. Car c'est pas de nouvelles idées diffusées qu'on en gagne de la culture, et c'est
19	seulement avec la culture qu'on peut atteindre notre liberté mentale, spirituel et parfois physique. C'est que en ayant
20	de la culture à travers des nouvelles idées qu'on peut faire avancée notre société, nos environnements et nous-
21	même.
22	Et quel est la meilleure manière de diffuser de nouvelles idées ? par la poésie. La poésie a un rythme, une
23	structure et est faite d'une sorte qu'elle estfaite exprès pour nous coder des émotions, soit elles bonnes ou
24	mauvaises. La poésie nous montrer une nouvelle idée en nous codant des émotions et sensations, c'est la meilleure
25	manière de diffuser des informations et de convaincre de leur veracité. Et c'est pour ça qu'elle va durer pour toujours :
26	parce qu'elle nous est essentielle.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Aujourd'hui, ainsi que dès les grecs, il y a plusieurs types de formes d'écritures, dont les artistiques	4-5
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Et c'est pour ça qu'elle va durer pour toujours : parce qu'elle nous est essentielle.	25-26
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	c'est seulement avec la culture qu'on peut atteindre notre liberté mentale, spirituel et parfois physique	18-19
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	on peut tout simplement dire que la poésie est essentielle à l'homme et il a besoin d'elle	14
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	"à quoi sert-il la poésie ?" et "pourquoi continuera-t-elle à exister ?" Et quel est la meilleure manière de diffuser de nouvelles idées ?	13 22
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Notre Nous, nous codant Nous Uso de 3 <sup>a</sup> pessoa do singular e/ou do plural	c'est seulement avec la culture qu'on peut atteindre notre liberté mentale, spirituel et parfois physique la poésie nous montrer une nouvelle idée en nous codant des émotions et sensations qu'elle nous est essentielle	18-19 24 26
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais Mais  car	Mais même au Moyen Âge la poésie était présente. Mais même en exprimant des sentiments (ou pas) les poète exprime des idées à travers son oeuvre Car c'est pas des nouvelles idées diffusées qu'on en gagne de la culture, et c'est seulement avec la culture qu'on peut atteindre notre liberté mentale, spirituel et parfois physique	16 18-19
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	L'horrible danger de la lecture	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1 <sup>o</sup> parágrafo
		desenvolvimento	2 <sup>o</sup> , 3 <sup>o</sup> parágrafos
		conclusão	3 <sup>o</sup> parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	la poésie nous montrer une nouvelle idée en nous codant des émotions et sensations, c'est la meilleure manière de diffuser des informations et de convaincre de leur veracité. Et c'est pour ça qu'elle va durer pour toujours : parce qu'elle nous est essentielle.	24-26

<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-23
--------------------------------	--	------

FLPV(A)14

	À quoi sert-il de lire la poésie ?
1	
2	L'être humain éprouve plusieurs sentiments par rapport à ses émotions. Chaque
3	action, chaque mot, chaque pensée peut éprouver cela. Un livre à les mêmes émotions
4	mais il ne sent pas, c'est l'homme que sent. L'écriture a révolutionné le monde, grâce
5	l'écriture on peut transmettre nos émotions d'entre autres par des livres, des poésies,
6	etc... La poésie sert à une chose : transmettre nos sentiments et émotions.
7	
8	Quand on veut s'exprimer, comprendre, transmettreaux autres nos sentiments, on
9	écrit une poésie. Si on veut sentir des sentiments, avoir des émotions, ou même
10	essayer de comprendre, on lit une poésie.
11	
12	Une manière extraordinaire qui dominait au XIII ème siècle c'estaitle
13	trovadorisme, la poésie était chanté par les trovadeur.
14	
15	Les poésies aussi ont des mystères ce qui fait qu'on éprouve un sentiments étrange
16	et confus. Une poésie c'est la meilleure d'éprouver nos sentiments. Une poésie c'est
17	une économique forme d'écrire qu'éprouve des sentiments.
18	
	Pour donner le style, la grâce et le rythme à une poésie, il y a les longueurs
	respectives de vers dans les poésies, les rythme, nombre de strophes, etc... L'utilité
	d'une poésie est énorme car c'est des manières plus efficaces d'exprimer des
	sentiments. La poésie fait les hommes sentir les émotions par des lettres.
	l'inexprimable et l'inexplicable sont exprimé et expliqué. Même la musique est inclus
	dans la poésie, une poésie, parfois, ont des rimes, ça donne le rythme à une musique.
	Donc, si vous voulez sentir, chanter et exprimer vos émotions, lisez ou écrivez
	une poésie car la poésie sert à cela, il sert à sentir.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	L'écriture a révolutionné le monde	2-3
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	si vous voulez sentir, chanter et exprimer vos émotions, lisez ou écrivez une poésie car la poésie sert à cela, il sert à sentir.	17-18
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	grâce l'écriture on peut transmettre nos émotions d'entre autres par des livres	3
	Querer	Quand on veut s'exprimer, comprendre, transmettre aux autres nos sentiments, on écrit une poésie. Si on veut sentir des sentiments, avoir des émotions, ou même essayer de comprendre, on lit une poésie	5-6
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	grâce l'écriture on peut transmettre nos émotions	3
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	À quoi sert-il de lire la poésie ?	título
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nos	grâce l'écriture on peut transmettre nos émotions d'entre autres par des livres	3
	Vous voulez, lisez, écrivez Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	si vous voulez sentir, chanter et exprimer vos émotions, lisez ou écrivez une poésie car la poésie sert à cela, il sert à sentir.	17-18
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Car	L'utilité d'une poésie est énorme car c'est des manières plus efficaces d'exprimer des sentiments	13-14
	Donc, car	Donc, si vous voulez sentir, chanter et exprimer vos émotions, lisez ou écrivez une poésie car la poésie sert à cela, il sert à sentir.	17-18
<b>4. ORG. RETORICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	À quoi sert-il de lire la poésie ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média	
		Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
	conclusão	5º, 6º parágrafos	

	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	La poésie sert à une chose : transmettre nos sentiments et émotions.	4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		5-18

FLPV(A)15

À quoi sert-il de lire la poésie ?	
1	Tout le monde sait de l'importance de la lecture, de l'écriture et voir même de la poésie. Aucune personne, ne
2	née, savant lire, écrire et même parler. Nous avons besoins d'apprendre ; à l'école, avec nos parents, nos grands-
3	parents...
4	Se qui nous fait bien écrire ou lire ou avoir un vocabulaire ample c'est la lecture. Il y a des milliers de moyens
5	et de forme d'écriture, mais j'irais parler de la poésie. Comme toutes les étudiants de ce lycée on déjà étudiés plus ou
6	moins une fois la poésie pendant toute la scolarité, ils ont déjà une idée de quoi sert lecture d'une poésie. J'ai fait une
7	enquête dans les classes, on dit qu'ils détestaient la poésie, de lire car ils ne comprenaient rien de ce que l'auteur
8	voulait transmettre au lecteur ; mais il y a une petite partie des élèves qui adore lire poésie de n'importe quel auteur,
9	ils comprenaient tout ce qu'il veut transmettre, ou une idée ou un pensée.
10	Ils n'ont dit que en lissant une poésie, il soussite une émotion ou de tristesse ou de joie en dépendant du
11	genre de poésie. Car une poésie est totalement différent d'une prose quand on lit un livre normau et une poésie de
12	Vitor Hugo c'est totalement différent.
13	Dans une poésie, l'auteur doit s'exprimer d'une façon plus rapide, et un peu plus difficile de comprendre ; il
14	utilise des figures de styles, des mots que difficilement compréhensible en lisant pour la première fois. Une poésie nos
15	devons lire plus de 2 fois sinon nous ne comprenons pas, ni le sens, ni l'idée qu'il veut nous transmettre.
16	Pour conclure la lecture d'une poésie, sert à nous faie penser, à reflechir car chaque poésie soucite une
17	émotions différente à chaque personne. Nous pouvons voir que les poésies ont censurés comme les livres, pendant
18	les guerres, la dictatures parce qu'elles contenaient des idées contradictoire à ceux des autres personnes. Elle est un
19	texte très riche en conteue. Et très important pour l'histoire de l'humanité.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Il y a des milliers de moyens et de forme d'écriture, mais j'irais parler de la poésie	4
	Saber/ignorância	Tout le monde sait de l'importance de la lecture	1
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Pour conclure la lecture d'une poésie, sert à nous faie penser, à reflechir car chaque poésie soucite une émotions différente à chaque personne. Nous pouvons voir que les poésies ont censurés comme les livres, pendant les guerres, la dictatures parce qu'elles contenaient des idées contradictoire à ceux des autres personnes. Elle est un texte très riche en conteue. Et très important pour l'histoire de l'humanité.	16-19
<b>1.3 Motivação</b>	Querer	l'idée qu'il veut nous transmettre	15
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	mais il y a une petite partie des élèves qui adore lire poésie de n'importe quel auteur	8-9
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	À quoi sert-il de lire la poésie ?	Titulo
<b>2.2 Constr. pessoais</b>	Tout le monde, aucune personnenous avons, nos	Tout le monde sait de l'importance de la lecture, de l'écriture et voir même de la poésie. Aucune personne, ne née, savant lire, écrire et même parler. Nous avons besoins d'apprendre ; à l'école, avec nos parents, nos grands-parents...	1-3
	nous	ni l'idée qu'il veut nous transmettre	15
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	J'ai fait	J'ai fait une enquête dans les classes	6-7
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	mais il y a une petite partie des élèves qui adore lire poésie de n'importe quel auteur, ils comprenaient tout ce qu'il veut transmettre, ou une idée ou un pensée.	8-9
	car	Car une poésie est totalement différent d'une prose	11
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	À quoi sert-il de lire la poésie ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explicita Estrutura do real = auditório universal	la lecture d'une poésie, sert à nous faie penser, à reflechir car chaque poésie soucite une émotions différente à chaque personne.	16-17
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	Argumentos fundados na doxologia	1-15

FLPV(A)16

Lire ou ne pas lire ?	
1	Bien souvent les élèves considèrent la lecture une corvée inutile et embêtante, la lecture est un moyen
2	d'apprendre des choses, beaucoup de choses. L'objectif de la lecture a beaucoup évolué au fil du temps, par exemple,
3	il y a 2000 ans, elle servait à apprendre, à assimiler des connaissances; ou bien encore, il y a en pendant des guerres,
4	des textes qui devait déclencher chez le lecteur un sentiment de patriotisme; aujourd'hui la lecture sert essentiellement
5	de divertissement, bien que toutes les autres utilisations de la lecture n'ai pas disparues...
6	Cependant le sujet d'aujourd'hui, c'est la poésie. La poésie est un type de texte très ancien qui nous vient de
7	l'antiquité. La plupart du temps, elle raconte une histoire dont il faut retenir la morale. Elle peut ainsi raconter une
8	histoire d'amour terminée... Une poésie a toujours plusieurs sens, sons expressions. La poésie transmet des
9	sentiments d'un côté du lecteur aussi. Donc, la poésie stimule la sensibilité du lecteur.
10	Les poètes sont en général des personnes cultivées, qui ont un très vaste vocabulaire, dont ils n'hésitent pas à
11	utiliser de manière abondante. C'est pourquoi lire de la poésie est un excellent exercice pour votre vocabulaire.
12	Souvent ainsi, les poésies ont un rythme, des figures de style, comme les rimes par exemple, et lire à
13	voix haute un texte rythmé exerce l'oreille et l'esprit musical du lecteur.
14	De plus, cet argument peut paraître inutile, mais la poésie a été perfectionnée et est l'œuvre de beaucoup de
15	vies, en conséquence ne pas lire de poésie serait une sorte d'insulte à la mémoire des grands poètes. La poésie fait
16	partie de la culture humaine, ne jamais en avoir lues ferait de vous, un dupe!
17	Certes, lire une poésie comportent un grand nombre de mots difficiles et de vieux français peut apparaître dur
18	et ennuyeux à une personne non-habituée, mais le plaisir de lire une poésie vient après, après que l'on soit habitué,
19	donc, patience! Patience!
20	Ceci étant dit, j'espère vous avoir convaincre que lire des poésies, c'est BIEN! et que plus on en lit, mieux
21	c'est! Car la poésie vous enseigne les valeurs de la vie par le biais des morales, éveille votre côté sensible, améliore
22	vos sens, entraîne l'oreille musicale à voix haute et fait partie du patrimoine culturel de l'histoire.
23	Ça serait dommage de rater tout ça non?

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Certes, lire une poésie comportent un grand nombre de mots difficiles et de vieux français peut apparaître dur et ennuyeux à une personne non-habituée, mais le plaisir de lire une poésie vient après, après que l'on soit habitué, donc, patience! Patience!	18-20
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Ceci étant dit, j'espère vous avoir convaincre que lire des poésies, c'est BIEN! et que plus on en lit, mieux c'est!	21
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigação Possibilidade Possibilidade	il faut retenir la morale ne pas lire de poésie serait une sorte d'insulte à la mémoire des grands poètes Certes, lire une poésie comportent un grand nombre de mots difficiles et de vieux français peut apparaître dur et ennuyeux à une personne non-habituée, mais le plaisir de lire une poésie vient après, après que l'on soit habitué, donc, patience! Patience!	8 16 18-20
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência Probabilidade Probabilidade	La poésie est un type de texte très ancien qui nous vient de l'antiquité. Les poètes sont en général des personnes cultivées Souvent ainsi, les poésies ont un rythme	7-8 11 13
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Lire ou ne pas lire ? Ça serait dommage de rater tout ça non?	Titulo 23
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	nous vous	La poésie est un type de texte très ancien qui nous vient de l'antiquité. j'espère vous avoir convaincre que lire des poésies	7-8 21
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	j'espère	j'espère vous avoir convaincre que lire des poésies	21
<b>3. CONECTORES</b>	cependant De plus, mais  Mais Mais, donc	Cependant le sujet d'aujourd'hui, c'est la poésie De plus, cet argument peut paraître inutile, mais la poésie a été perfectionnée et est l'œuvre de beaucoup de vies, en conséquence ne pas lire de poésie serait une sorte d'insulte à la mémoire des grands poètes mais le plaisir de lire une poésie vient après Certes, lire une poésie comportent un grand nombre de mots difficiles et de vieux français peut apparaître dur et ennuyeux à une personne non-habituée, mais le plaisir de lire une poésie vient après, après que l'on soit habitué, donc, patience! Patience!	7 15-16  16 18-20
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Lire ou ne pas lire ?	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período introdução	1º parágrafo

	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º parágrafos	
		conclusão	6º, 7º parágrafos	
	Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	la poésie vous enseigne les valeurs de la vie par le biais des morales, éveille votre côté sensible, améliore votre vocabulaire, entraîne l'oreille musicale à voix haute et fait partie du patrimoine culturel de l'histoire. Ça serait dommage de rater tout ça non?		22-23
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo			1-22



## 2<sup>a</sup> Amostra

Tema: Balzac et Zola peignent tous deux la société et les rapports des individus avec cette dernière. Dans un développement argumenté vous direz quelle peinture vous paraît la plus intéressante et pour quelles raisons.

Data: 02/09/2006

FLPV(B)1

## Dissertation: Balzac et Zola

1 Emile Zola et Honoré de Balzac présentent chacun la société de leur époque ainsi que les rapports des  
 2 individus avec cette dernière de façon particulière. Chacun d'entre eux donne une image personnelle de ce sujet.  
 3 Nous allons parler de ces visions différentes, puis nous dirons quelle nous semble la meilleure et pourquoi.

4 Entre Balzac et Zola, il y a une différence de cinquante ans. Les sociétés qu'ils décrivent dans leurs romans  
 5 sont un peu similaires, mais les aspects qu'ils présentent, les rapports des personnes que la société, sont différents.  
 6 En plus, il y a eu des grandes grèves entre les deux périodes.

7 Nous commencerons par parler de la société décrite par Balzac. Dans son oeuvre *La comédie Humaine*, et en  
 8 particulier dans *Le Père Goriot*, Balzac montre que la société de son époque est une société froide et sans  
 9 sentiments. Il nous fait comprendre que la société est gérée par des personnes avares, ambitieuses, sans morale,  
 10 pour lesquelles seul l'argent compte. Ces personnes veulent le pouvoir, elles veulent toujours commander. Et voilà  
 11 que le restant de la population, les personnes plus modestes, n'ont elles aussi généralement pas d'autres objectif que  
 12 de monter dans la société. Peu de gens sont généreux et honnêtes. Toute cette image de la société est mise en  
 13 place à travers le personnage Eugène de Rastignac qui passe par toute une évolutions. Il arrive de la campagne  
 14 pour faire ses études à Paris. Comme il a peu d'argent, il s'installe à la Maison Vauquer, où se trouve l'apétite  
 15 bourgeoisie. Il comprend que pour monter dans la société, il faut qu'il puisse pénétrer dans la société de la  
 16 Chaussée-d'Antin qui est celle de la grande bourgeoisie. Madame de Restaud appartient à cette société. Mais  
 17 Rastignac veut aussi être accepté dans la société du Faubourg Saint-Germain, qui comprend la noblesse. Pour cela,  
 18 il faut être introduit par sa cousine Madame Beauséant. Il devient l'ami de Madame de Nucigen (e til em tombe  
 19 amoureux). En même temps, Rastignac est encore un jeune homme honnête, qui hésite un peu à utiliser les gens  
 20 pour arriver à son objectif. Par exemple, il est horrifié par le comportement de Vautrin qui organise l'assassinat du  
 21 frère de Victoire Taillefer pour lui permettre de l'épouser et de devenir riche. Mais la mort de son ami le gentil Père  
 22 Goriot, qui s'est ruiné pour ses filles qui sont ingrates, et son horrible enterrement de pauvre, le fait finalement arriver à  
 23 une conclusion : il comprend que pour vivre dans la société il faut laisser de côté les sentiments et devenir une  
 24 personne froide et égoïste. À la fin du roman, après avoir essuyé ses dernières larmes de jeune homme sensible, il  
 25 décide d'aller à la conquête de la société parisienne. Son comportement nous fait comprendre qu'il n'y a plus  
 26 qu'une seule chose qui compte : l'argent, le pouvoir, une vie d'apparences... on comprend qu'il va se servir des  
 27 gens pour arriver à son but. Pour Balzac, la société est donc un monde où les gens feront n'importe quoi pour  
 28 l'argent. Les individus sont égoïstes.

29 Maintenant nous parlerons de la société décrite par Zola dans son histoire de la famille *Les Rougon-*  
 30 *Macquart*, et en particulier dans son romans *Germinal*. Entre Balzac et Zola il y a une différence de temps. Les deux  
 31 sociétés se composent de riches et de pauvres. Mais la façon dont les deux écrivains parlent de la société et les  
 32 aspects qu'ils voient, sont un peu différents.

33 Zola parle du monde ouvrier qui n'est pas du tout commenté par Balzac. Zola s'est informé sur des grèves  
 34 qu'il y a eu à son époque, il a visité des mines. Il présente tous les problèmes des ouvriers qui sont volés par leurs  
 35 patrons, qui s'enrichissent tandis que les pauvres travailleurs n'ont pas de quoi manger tout les jours. Toute la vision  
 36 de la société de l'écrivain est mise en place à travers le personnage d'Etienne Lantier qui au début de l'histoire est  
 37 un jeune homme de vingt ans qui est au chômage. Il est engagé pour travailler à la mine du Voreux bien qu'il n'a  
 38 aucune expérience dans son travail. Le personnage subit toute une évolution au cours du roman qui le transforme  
 39 en un homme à la fin libre. Peu à peu, il se rend compte que la vie de ses amis ouvriers est très difficile. Il s'installe  
 40 chez les Maheu, et voit comment la famille a de peine à se nourrir, s'habiller, payer les dettes... il voit comment les  
 41 filles se mettent ensemble avec les garçons presque par obligation, comme c'est le cas de Catherine Maheu avec  
 42 Chaval. Il voit aussi des exemples de solidarité et d'amitié entre les ouvriers. Lorsque les patrons de la mine décident  
 43 de baisser les salaires, ce qui signifie une vie encore plus difficile pour les ouvriers, Lantier les stimule à faire la  
 44 grève. Il a beaucoup d'illusions car il croit que les travailleurs vont réussir. Mais la grève échoue, des ouvriers sont  
 45 tués par la police, et il est renié par ses propres amis. Le nihiliste Souvarine commet un attentat dans la mine, ce  
 46 qui provoque la mort de plusieurs mineurs, en particulier de Catherine qui est descendue travailler avec Lantier.  
 47 Lantier va quitter la région et décide d'aller à Paris. On pense qu'il va continuer avec son action. On peut dire aussi  
 48 qu'en plus de tout l'aspect humain de la vie des ouvriers, il y a aussi la politique qui est placée dans le récit, en  
 49 particulier les idées socialistes, ce qui n'est pas le cas dans la société de Balzac.

50 Nous pouvons dire maintenant quelle peinture nous paraît la plus intéressante et pourquoi. Les sociétés de  
 51 Balzac et Zola sont distantes d'une cinquantaine d'années, elles ont toute les deux leurs différences. Mais c'est  
 52 surtout la manière de voir cette société et les personnages qui en font partie qui est différente. La peinture de  
 53 la société qui paraît la plus intéressante est celle de Zola. Balzac nous présente une société commandée par l'argent,  
 54 ou tout ce qui compte c'est l'ambition, c'est arriver à devenir riche et à commander. Les personnes les meilleures se  
 55 laissent pourrir par la société, ou alors elles meurent pauvres et tristes. On a l'impression qu'il n'y a pas d'espoir. On  
 56 peut dire que Balzac a une vision assez pessimiste de la société de son époque, car le Père Goriot, qui était un  
 57 exemple d'amour paternel, meurt triste, seul et pauvre, et Rastignac, qui était un jeune homme honnête, décide de  
 58 devenir une personne insensible et froide à la fin du roman. Pour Zola, la société est injuste, les ouvriers sont volés  
 59 par les patrons, la grève a l'air de ne servir à rien. On peut penser que la fin du livre est triste, mais en réalité Zola a  
 60 une vision optimiste, car il croit qu'un jour les efforts des ouvriers auront du succès, il pense qu'ils vont se révolter,  
 61 marcher contre les patrons, et que finalement un monde nouveau va naître, germer. C'est *Germinal*. Il y a un espoir.  
 62 On peut dire que la future société de Zola ressemble un peu à la nôtre, aujourd'hui les ouvriers sont mieux protégés  
 63 par rapport à leurs patrons.

64 Balzac et Zola nous présentent chacun la société et les rapports des personnes avec celle-ci. Les deux  
 65 peintures sont très intéressantes, chacune traite d'aspects différents. Pour Balzac, l'argent est très importante et peut  
 66 transformer la vie des gens. Les personnes les plus honnêtes finissent par décider de devenir froides et insensibles,  
 67 ou alors elles meurent pauvres. C'est une société très égoïste. Pour Zola, les travailleurs sont exploités par leurs  
 68 patrons, plusieurs meurent en faisant la grève qui échoue. Mais il pense que les ouvriers réussiront à s'unir pour  
 69 demander leurs droits. On peut dire que Zola pense que les êtres humains ont des qualités, et que s'ils s'unissent ils  
 70 réussiront. Il a une vision plus générale de la société, il présente des groupes de personnes qui ont un espoir.  
 71 Aujourd'hui, notre société ressemble un peu à celle que Zola imaginait un jour. C'est pour ces raisons que cette  
 72 peinture nous paraît plus intéressante.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>			
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Entre Balzac et Zola il y a une différence de temps. Les deux sociétés se composent de riches et de pauvres. Mais la façon dont les deux écrivains parlent de la société et les aspects qu'ils voient, sont un peu différents.	30-32
<b>1.2 Avaliação</b>	Apreciação	Les deux peintures sont très intéressantes, chacune traite d'aspects différents.	64-65
	Opinião	Aujourd'hui, notre société ressemble un peu à celle que Zola imaginait un jour. C'est pour ces raisons que cette peinture nous paraît plus intéressante.	71-72
<b>1.3 Motivação</b>	Querer	Ces personnes veulent le pouvoir, elles veulent toujours commander	10
	Possibilidade	On peut dire aussi qu'en plus de tout l'aspect humain de la vie des ouvriers, il y a aussi la politique qui est placée dans le récit, en particulier les idées socialistes, ce qui n'est pas le cas dans la société de Balzac.	47-49
	Possibilidade	On peut dire que Balzac a une vision assez pessimiste de la société de son époque, car le Père Goriot, qui était un exemple d'amour paternel, meurt triste, seul et pauvre	56-57
	Possibilidade	On peut penser que la fin du livre est triste, mais en réalité Zola a une vision optimiste, car il croit qu'un jour les efforts des ouvriers auront du succès	59-60
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência probabilidade	Il présente tous les problèmes des ouvriers il voit comment les filles se mettent ensemble avec les garçons presque par obligation,	34 41
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>			
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous allons, nous dirons, nous semble	Nous allons parler de ces visions différentes, puis nous dirons quelle nous semble la meilleure et pourquoi	3
	Nous commencerons	Nous commencerons par parler de la société décrite par Balzac	7
	Nous parlerons	Maintenant nous parlerons de la société décrite par Zola dans son histoire de la famille <i>Les Rougon-Macquart</i> , et en particulier dans son roman <i>Germinal</i>	29-30
	Nous pouvons, nous paraît	Nous pouvons dire maintenant quelle peinture nous paraît la plus intéressante	50
	Notre, nous paraît	Aujourd'hui, notre société ressemble un peu à celle que Zola imaginait un jour. C'est pour ces raisons que cette peinture nous paraît plus intéressante.	71-72
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Mais, en plus	Les sociétés qu'ils décrivent dans leurs romans sont un peu similaires, mais les aspects qu'ils présentent, les rapports des personnes avec la société, sont différents. En plus, il y a eu des grandes grèves entre les deux périodes.	4-6
	Mais	Les deux sociétés se composent de riches et de pauvres. Mais la façon dont les deux écrivains parlent de la société et les aspects qu'ils voient, sont un peu différents.	31-32
	Car, mais	Il a beaucoup d'illusions car il croit que les travailleurs vont réussir. Mais la grève échoue	44
	car	On peut dire que Balzac a une vision assez pessimiste de la société de son époque, car le Père Goriot, qui était un exemple d'amour paternel, meurt triste, seul et pauvre	56-57
	car	On peut penser que la fin du livre est triste, mais en réalité Zola a une vision optimiste, car il croit qu'un jour les efforts des ouvriers auront du succès	59-60
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>			
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Dissertation: Balzac et Zola	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º, 2º parágrafos
		desenvolvimento	,3º, 4º, 5º parágrafos
		conclusão	6º, 7º parágrafo
	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	On peut dire que Zola pense que les êtres humains ont des qualités, et que s'ils s'unissent ils réussiront. Il a une vision plus générale de la société, il présente des groupes de personnes qui ont un espoir. Aujourd'hui, notre société ressemble un peu à celle que Zola imaginait un jour. C'est pour ces raisons que cette peinture nous paraît plus intéressante	69-72

<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos fundados na doxologia Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	1-70
--------------------------------	---	------

FLPV(B)2

Dissertação	
<i>Germinal</i> (Emile Zola) et <i>Le père Goriot</i> (Honoré de Balzac)	
1	Emile Zola (1840-1902) et Honoré de Balzac (1799-1850) peignent tout deux la société et les rapports des
2	individus avec cette dernière dans leurs oeuvres <i>Germinal</i> (Zola, 1886) et <i>Le Père Goriot</i> , (Balzac, 1819). Dans trois
3	parties, nous allons démontrer pourquoi, selon nous, <i>Le Père Goriot</i> nous montre la société d'une manière plus
4	intéressante que Zola.
5	Contrairement à Balzac, Zola est naturaliste; il n'y a pas moyen d'échapper à son milieu social et héréditaire.
6	Cette conclusion est due à la philosophie "positive" d'Auguste Comte et les nouvelles théories des sciences naturelles
7	(Darwin), qui, par ailleurs, servaient de base du mouvement naturaliste.
8	L'affirmation de cette conclusion est montrée dans <i>Germinal</i> ; le lecteur est confronté avec le "travail à crever"
9	des mineurs et la lassitude des bourgeois. Etienne Lantier, le personnage principal, même les ouvriers, se sent
10	comme leur chef, lorsque la grève – qu'il a "prépare" pendant plusieurs mois – dure 2 mois, dans le but de changer
11	la société inégale, régnant à Montsou. Le capital n'a été touché de cette grève, ce qui dévoile l'échec des grévistes.
12	À côté de cette bande de mineurs se trouvent les Hennebeau, une famille bourgeoise qui vit du travail des autres,
13	en trouvant cela tout à fait normal ; lorsque Cécile donne deux bouts de brioches aux enfants de la Maheude, cela
14	est vu comme défi contre la bourgeoisie, car elle a aidé les Maheu. Zola nous montre avec son oeuvre la vie dure et
15	inégale des ouvriers au XIX <sup>ème</sup> siècle, avec l'intention de dévoiler la vérité, cachée jusqu'alors par la bourgeoisie,
16	surtout parisienne.
17	Honoré de Balzac est réaliste. Le réalisme montre une image idéale d'une autonomie subjective de l'homme,
18	don't la force motrice est celle de l'argent et du pouvoir. Contrairement au naturalisme, il décrit l'appartenance du
19	milieu de chaque homme et la percibilité du comportement humain. Le monde de Rastignac se déroule entre la
20	Maison Vauquer, où il a rencontré le Père Goriot, mort de passion pour ses deux filles, et le grand monde
21	matérialiste chez Mme de Nucingen, Mme Restaud et sa cousine Mme de Beauséant. Balzac décrit en détails
22	l'orientation idéale de la société vers la gloire, le pouvoir, la lueur du décor, mais surtout la pénétration de tous les
23	secteurs de la vie de plus en plus forte par l'argent, ce qui est visible lorsque Rastignac demande de l'argent à sa
24	famille, ou lorsque Mme de Nucingen lui demande d'aller jouer pour gagner de l'argent. Même pendant
25	l'enterrement du Père Goriot, cet aspect est visible; lorsque les fossoyeurs ont jeté quelques pelletées de terre sur le
26	cerceuil du vieux, ils demandent déjà pourboire. L'écrivain veut observer objectivement et décrire le monde pour le
27	rendre saisissable. Même si Balzac a une vue plus étroite que celle de Zola, le fait qu'il la montre avec une précision
28	exacte et dans son style d'artiste, récompense le fait de l'absence de grandeur.
29	Zola nous montre un peuple qui se soulève à la bourgeoisie, tandis que Balzac nous soumet un seul jeune
30	homme ambitieux, qui veut faire partie du monde matérialiste, sans changer cette société. Cette contradiction est
31	probablement due aux différentes époques dont lesquelles se déroulent les histoires; Balzac évoque les
32	conséquences de la Révolution de 1789, qui a été une révolution violente, et qui a trouvé son écho dans toute
33	l'Europe. Le Père Goriot a fait fortune pendant cette révolution, pour ensuite mourir de passion pour ses filles, qui ne
34	lui donnent pas assez d'amour. Ce fait-ci a été une des leçons que Rastignac a du apprendre. Zola se réfère plutôt à
35	la Révolution, on y trouve de nombreuses comparaisons. Lantier a l'intention de mener ses ouvriers jusqu'à leur but,
36	c'est-à-dire celui d'une société équilibrée. Mais à la fin, tout le peuple, même le coron, se tourne contre lui, à cause
37	du grand échec de la grève; la famine, le conflit entre les soldats et les mineurs ont causé beaucoup de morts, ce
38	qui est additionné au compte de Lantier. Zola ne nous montre pas tout le Coron, mais juste une famille, la Famille
39	Maheu. Maheu, le mari, a été tué par les soldats; Alzire, une petite fille de 8 ans est morte de faim pendant la
40	famine. Zacharie, asphyxié et brûlé dans la mine, voulait sauver sa soeur, qui, par suite de l'éboulement final, est
41	morte au fond de la mine de fatigue et de faim, où elle avait essayé de se sauver avec Etienne. Zola nous montre un
42	monde où l'homme ne peut pas changer son état social. Etienne Lantier, un jeune ouvrier ayant trouvé du travail
43	dans une mine au nord de la France connaît le succès de la popularité, mais ne sait pas comment parvenir à le
44	maintenir. Ceci provoque la perte du contrôle, et aussi la confiance des mineurs, qui ne pensent qu'à se venger chez
45	les bourgeois, de prendre le contrôle, le changer complètement la société dans laquelle ils se trouvent.
46	Cependant, nous ne trouvons pas exactement le même schéma que chez Zola. Balzac nous montre un
47	monde plein d'espérance; Rastignac a réussi à faire parti de ce monde matérialiste, en oubliant ses sentiments;
48	c'est une sorte de "naissance": avec la mort du Père Goriot, le jeune étudiant naïf est enterré en même temps.
49	Rastignac se dirige vers la grande société lorsqu'il dit "à nous deux maintenant"; elle marque la "naissance" d'un
50	homme jeune, ambitieux. La mort du Père Goriot a donc été la dernière leçon qu'Eugène devait acquérir.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação Constatação	Zola est naturaliste Honoré de Balzac est realiste	5 17
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	nous allons démontrer pourquoi, selon nous, <i>Le Père Goriot</i> nous montre la société d'une manière plus intéressante que Zola.	3-4
<b>1.3 Motivação</b>	Querere	L'écrivain veut observer objectivement et décrire le monde pour le rendre saisissable.	26-27
	Querere	Zola nous montre un peuple qui se soulève à la bourgeoisie, tandis que Balzac nous soumet un seul jeune homme ambitieux, qui veut faire partie du monde matérialiste, sans changer cette société	29-30
	Possibilidade	La mort du Père Goriot a donc été la dernière leçon qu'Eugène devait acquérir.	50
<b>1.4 Aserções</b>	Probabilidade	Cette contradiction est probablement due aux différentes époques dont lesquelles se déroulent les histoires;	30-31

<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	nous allons démontrer, nous, nous montre  Nous montre  Nous montre Nous soumet  Nous montre  Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	nous allons démontrer pourquoi, selon nous, <i>Le Père Goriot</i> nous montre la société d'une manière plus intéressante que Zola. Zola nous montre avec son oeuvre la vie dure et inégale des ouvriers au XIXème siècle Zola nous montre un peuple qui se soulève à la bourgeoisie, tandis que Balzac nous soumet un seul jeune homme ambitieux, que veut faire partie du monde matérialiste, sans changer cette société Zola ne nous montre pas tout le Coron, mais juste une famille, la Famille Maheu. Cependant, nous ne trouvons pas exactement le même schéma que chez Zola. Balzac nous montre un monde plein d'espérance	3-4  14-15  29-30  38-39  46-47
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Tandis que  Mais  Mais  cependant	Zola nous montre un peuple qui se soulève à la bourgeoisie, tandis que Balzac nous soumet un seul jeune homme ambitieux, que veut faire partie du monde matérialiste, sans changer cette société Mais à la fin, tout le peuple, même le coron, se tourne contre lui Zola ne nous montre pas tout le Coron se si pres, mais juste une famille, la Famille Maheu. Cependant, nous ne trouvons pas exactement le même schéma que chez Zola. Balzac nous montre un monde plein d'espérance	29-30  36  38-39  46-47
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Dissertação <i>Germinal</i> (Emile Zola) et <i>Le père Goriot</i> (Honoré de Balzac)	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º parágrafos
		conclusão	6º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	<i>Le Père Goriot</i> nous montre la société d'une manière plus intéressante que Zola.	3-4
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>		Argumentos fundados na doxologia Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo	5-47

FLPV(B)3

## Dissertation de français: Balzac et Zola

1	Balzac et Zola peignent tous deux la société de différentes manières, et de différents cadres de la société.
2	Balzac écrit <i>Le Père Goriot</i> , qui a été publié pour la première fois en 1834, en forme de feuilleton. Zola lui écrit
3	<i>Germinal</i> , publié en 1885.
4	Dans Balzac, l'iscript est long, il présente tout les personnages, les lieu sont tout bien détaillé, le nom de rues,
5	le physique des personnages, la pension de Madame Vaquer, Madame Vaquer. Tout est décrit. La critique de Balzac
6	est à la société la haute société, à toute la société. Chacun de ses personnages represente quelqu'un, un membre
7	de la société. Il montre le défaut de la société, par l'exposition des défaut de chaque personnages. L'histoire
8	commence par un bal chez Madame de Beauséant, c'est une partie de la société. La haute société est des le début
9	présenté. Balzac montre les différences aussi em chiffrant l'argent, tout est chiffré. Le narrateur intervient avec des
10	antecipations. Dans Balzac, la temporalité du roman est bien precise, la saison est symbolique parce que ça
11	accentue la misere, tout devient plus difficile et plus triste. Les antécipations que le narrateur fait servent à montrer
12	que Rastignac va réussir. C'est un ambitieux gagnat. Balzac critique la société égoïste, les individus sont poussé
13	par la passion. Tout les individus ont des intérêts. Pour cette société les femmes sont les clefs du succès, ce sont
14	elles qui font les succès des homes. La société est égoïste et en suivent le parcours de Rastignac, on voit que
15	l'hyprocrésie domine. La société est divisé en deux, ceux qui utilise et ce qui son utilise, soit les malins et les dupes.
16	On voit alors que Balzac peint cette société. C'est une critique assez importants pour l'époque.
17	Emile Zola, lui aussi critique la société, mais une autre partie de la société, cinquante ans plus tard. Il critique
18	les travaux de mineurs, les conditions de vie, du travail, et tout les conséquences que emène à ces causes. Pour
19	pouvoir suivre ce parcours, Zola utilise le personnage d'Etienne Lantier pour analyser la mine, le côté physique des
20	autres personnages. Pour Zola, les mineurs sontdes victimes de la mine. Les événements du roman de Zola sont
21	plus grande, Zola est "révolutionnaire" car il met em place une grève qui déplace les limites du personnage. C'est un
22	roman d'apprentissage, on voit que Lantier mûrit. C'est la naissance d'une nouvelle classe ouvrières. Donc on voit
23	que Zola est "révolutionnaire".
24	Ceux des auteurs utilisent deux jeune hommes, agés de 21 ans, ambitieux qui vont évoluer au cours du
25	roman. Les deux sontintelligent et de détache des autres personnages. Dans le cas de Rastignac sont parcour est
26	différents de celui de Lantier. Rastignac, on voit des le début qu'il veut faire partie de la haute société. Cette société
27	qui est critique. Lantier arrive dans un lieu, où il y a une personne et il a envie de se XXXX ce qui se passe, une fois qu'il
28	est déjà confronter avec le problème que va critique l'auteur. Donc les deux personnages sont face à les critique.
29	Rastignac em fait est la critique et montre dans son parcours que la société qu'il veut n'est pas la bonne, puis que la
30	critique, donc c'est une autre vision, pourtant Lantier est, vers la fin du roman, lui aussi critiquer. Il perd le contrôle
31	de ce qu'il voulait faire, on le met em place de chef, il se transforme en chef, mais l'ambition lui monte à la tête.
32	Alors on voit les parcours des deux personnages comme possibilités des auteurs de nous montrer ce qu'ils
33	veulent, la critique. La critique de Balzac consiste de critique la société de l'époque qu'il vivait, soit celle de la
34	Restauration. Il critique l'hypocrésie de la société, que la société est basée sur l'argent et poussé pour la passion. Il
35	critique aussi le manque de solidarité existant à Paris, à cette haute société. Les sentiments sont exclus et ne font
36	pas parti de la société. Et Zola critique la condition de vie et de travail des mineurs em mettant em évidence le
37	physique (malaise, peur, les manifestation contre la baisse de salaire, etc) il les compare souvent à des animaux et
38	ses description se gradue, deviennent de plus em plus exagérer hyperbolique pour frappé le lecteur et le mettre
39	dans la peau des personnages.
40	Les deux auteurs mettent em place des problèmes d'argent, cependant seulement Balzac chiffre les nombres,
41	et argent, donc on a l'impression d'être plus proche du problème. Mais la misère des Maheu est plus dégradante
42	que celle du père Goriot. Parce que dans le cas des Maheus, c'est une famille entière et le père Goriot est un seul
43	individu, donc Zola agrave la misère. Un autre facteur qui peu distinguer ces deux oeuvre sont l'époque que le livre
44	est écrit ou bien publié. Balzac écrit ce livre pendant la Restauration, une époque de bouleversement, mais Zola
45	écrit son texte em 1895 pendant la deuxième révolution industriel, il fait évocation à la révolution de 1789. Il y a une
46	noblesse (bourgeois) et tiers-état (ouvriers). Donc l'époque qu'écrit Zola est beaucoup plus beaucoup plus
47	boulversé.
48	La critique la plus "pointu" et plus importante est celle de Zola. Car dans tout le livre Zola fait une grande
49	grève qui dure beaucoup de temps, soit deux moins. Il y a toute une société qui change. Zola exagère, alors le
50	lecteur est plus attiré, en entrer plus dans l'histoire, on vit avec les personnages. Zola pense que s'il y a eu une
51	revolution avec des changements pour l'égalité, sa révolution peut débaucher sur l'égalité. Donc je pense que cette
52	critique est plus importante, son but de réussite est révolutionnaire, et le parcours de son personnage principal suit le
53	titre de son roman, les étapes de la germination et son personnage même perdant tout ce qu'il a fait, passé des
54	humiliations, parce que les mineurs lui reproche qu'il est la cause de ses souffrances, il est un assassin et même
55	comme ça il mûrit et part pour devenir politique. Donc la critique de Zola est plus forte que celle de Balzac. La
56	critique de la société, de l'individu est gradative et hyperbolique et Zola agrave ces critique. Donc Zola fait une
57	critique plus importante.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Tout est décrit	5
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	La critique la plus "pointu" et plus importante est celle de Zola. Car dans tout le livre Zola fait une grande grève qui dure beaucoup de temps, soit deux moins	48-49
	Opinião	Donc je pense que cette critique est plus importante,	52-53
	Apreciação	Donc la critique de Zola est plus forte que celle de Balzac	55
	Opinião	Zola fait une critique plus importante.	56-57
<b>1.3 Motivação</b>	Querere	Alors on voit les parcours des deux personnages comme possibilités des auteurs de nous montrer ce qu'ils veulent, la critique.	34-35
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	C'est une critique assez importante pour l'époque.	18

<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous montrer Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Alors on voit les parcours des deux personnages comme possibilités des auteurs de nous montrer ce qu'ils veulent, la critique.	34-35
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je pense	Donc je pense que cette critique est plus importante,	55-56
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Emile Zola, lui aussi critique la société, mais une autre partie de la société, cinquante ans plus tard.	19
	Cependant, donc	Les deux auteurs mettent en place des problèmes d'argent, cependant seulement Balzac chiffre les nombres, et argent, donc on a l'impression d'être plus proche du problème. Mais la misère des Maheu est plus dégradante que celle du père Goriot. Parce que dans le cas des Maheus, c'est une famille entière et le père Goriot est un seul individu, donc Zola aggrave la misère mais Zola écrit son texte en 1895	44-47
	Mais, Parce que Donc	La critique la plus "pointu" et plus importante est celle de Zola. Car dans tout le livre Zola fait une grande grève qui dure beaucoup de temps, soit deux mois	49
	Mais	Donc je pense que cette critique est plus importante,	52-53
	Car Donc donc	Donc la critique de Zola est plus forte que celle de Balzac	51-52 57
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Dissertation de français: : Balzac et Zola	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º parágrafos
		conclusão	6º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	La critique la plus "pointu" et plus importante est celle de Zola. Car dans tout le livre Zola fait une grande grève qui dure beaucoup de temps, soit deux mois	48-49
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-47



FLPV(B)4

Dissertation sur Balzac et Zola	
1	Balzac et Zola peignent tous deux la société et les rapports des individus avec cette dernière. La peinture de
2	Balzac me paraît la plus intéressante pour diverses raisons.
3	D'une part le projet littéraire de Balzac, la "Comédie humaine", est composé de plus de 3000 personnages.
4	Le projet de Zola, nommé les "Rougon-Macquart", consiste en une famille, à partir laquelle l'auteur va décrire la
5	société. Je pense qu'il est plus rigoureux de dresser un portrait d'une société avec 3000 personnages qu'avec une
6	seule famille. D'autre part, le monde décrit par Balzac est celui des nobles : dans "Le Père Goriot", par exemple,
7	Rastignac cherche à s'insérer dans la haute noblesse parisienne. Il maintient des rapports avec Mme de Beauséant
8	(qui est sa cousine), Mme de Restaud, entre autres. Zola, dans plusieurs de ses romans, s'intéresse au peuple, aux
9	moins privilégiés. Dans "Germinal", il décrit une société ouvrière, dont les conditions de travail et de vie sont dures.
10	La société de l'époque de ces deux auteurs, même si elle était commandée par ceux qui auraient de l'argent, c'est-à-
11	dire les nobles, qui représentaient une minorité. Il est donc plus intéressant de comprendre la société à partir de qui
12	la contrôlaient qu'à partir de ceux qui, en quelque sorte, étaient contrôlés.
13	Dans les ouvrages de Zola, on constate que les personnages maintiennent des relations sentimentales entre
14	eux. Deux exemples dans "Germinal" illustrent cette idée : la haine réciproque de Chava et d'Étienne, et l'amour de
15	ce dernier par Catherine, aussi réciproque. Balzac peint une société d'intérêts où il n'existe pas des relations
16	véridiques. Ce sont les plus calculateurs et ceux qui se fient le moins à leurs paroles qui triomphent. Ceci est
17	d'ailleurs un des sujets principaux du livre "Le Père Goriot", où Rastignac, le personnage principal, doit renoncer à
18	ces sentiments pour pouvoir grimper dans le monde des nobles.
19	De plus, on remarque que, dans "Germinal", la société que revêt Étienne (et qui pourrait être construite en
20	ayant la grève comme point de départ) est beaucoup plus utopique que celle représentée au cours du livre "Le Père
21	Goriot". Zola se sert des progrès de la science pour écrire ces œuvres. Le personnage d'Étienne Lantier est atteint
22	par des problèmes d'alcoolisme, résultat de ce qui s'est passé avec ses ancêtres. C'est ce qu'on appelle l'hérédité.
23	Au contraire, Balzac s'intéresse surtout aux mœurs de la société de son époque. On remarque dans "Le Père Goriot"
24	des descriptions précises de bals, de scéances de théâtre, entre autres choses. On peut donc dire que l'œuvre de
25	Zola est scientifique tandis que celle de Balzac est sociologique. Et, pour dresser le portrait d'une société, il me
26	paraît plus cohérent de faire appel à la sociologie qu'à la science.
27	Balzac consacre une grande partie de ses livres à une description très précise de la société, ce qui n'est pas
28	le cas dans les ouvrages de Zola, où celle-ci est décrite de manière plus superficielle. Ainsi, "Germinal" présente
29	quelques épisodes d'action (les combats de l'armée avec les mineurs, le sabotage de la mine par Souveraine, la
30	grève). Cependant, dans "Le Père Goriot", il y a moins d'action. On pourrait même comparer cet ouvrage à une
31	analyse sociologique.
32	On peut donc conclure que la peinture de la société par Balzac est plus intéressante que celle de Zola car
33	elle contient des éléments essentiels à la compréhension d'une société : ses mœurs, la présence constante des
34	intérêts, entre autres choses; ces éléments sont moins cités dans les œuvres de Zola. C'est d'ailleurs la raison
	pour laquelle on considère Balzac un écrivain réaliste.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	n constate que les personnages maintiennent des relations sentimentales entre eux.	13-14
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Et, pour dresser le portrait d'une société, il me paraît plus cohérent de faire appel à la sociologie qu'à la science.	26-27
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçào	Rastignac, le personnage principal, doit renoncer à ces sentiments pour pouvoir grimper dans le monde des nobles.	17-18
	Possibilidade	On peut donc dire que l'œuvre de Zola est scientifique tandis que celle de Balzac est sociologique.	24-25
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	Il est donc plus intéressant de comprendre la société à partir de qui la contrôlaient qu'à partir de ceux qui, en quelque sorte, étaient contrôlés.	11-12
		On remarque dans "Le Père Goriot" des descriptions précises de bals, de scéances de théâtre, entre autres choses	23-24
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Me paraît	La peinture de Balzac me paraît la plus intéressante pour diverses raisons.	1-2
	Je pense	Je pense qu'il est plus rigoureux de dresser un portrait d'une société avec 3000 personnages qu'avec une seule famille.	5-6
	Il me paraît	Et, pour dresser le portrait d'une société, il me paraît plus cohérent de faire appel à la sociologie qu'à la science.	26-27
<b>3. CONECTORES</b>	Donc	On peut donc dire que l'œuvre de Zola est scientifique tandis que celle de Balzac est sociologique.	24-25
	Tandis que	Ainsi, "Germinal" présente quelques épisodes d'action (les combats de l'armée avec les mineurs, le sabotage de la mine par Souveraine, la grève). Cependant, dans "le	28-30

	cependant	père Goriot", il y a moins d'action.		
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----	
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Dissertation sur Balzac et Zola		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução		1º parágrafo
		desenvolvimento		2º, 3º, 4º, 5º parágrafos
		conclusão		6º parágrafo
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	On peut donc conclure que la peinture de la société par Balzac est plus interessante que celle de Zola car elle contient des éléments essentiels à la compréhension d'une société : ses moeurs, la présence constante des intérêts, entre autres choses; ces éléments sont moins cités dans les oeuvres de Zola. C'est d'ailleurs la raison pour laquelle on considère Balzac un écrivain réaliste.	32-35	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-34	

FLPV(B)5

Dissertation: Balzac et Zola	
1	
2	Dans les deux romans, <i>Le Père Goriot</i> (de Balzac) et <i>Germinal</i> (d'Émile Zola), les auteurs cherchent à montrer
3	la société de deux manières différentes. D'une côté Balzac montre le portrait d'une société à travers un individu.
4	D'autre côté Émile Zola montre le portrait d'un individu à travers la société.
5	Dans <i>Le Père Goriot</i> tous les personnages se battent pour l'argent qui est un plaisir pour eux. Rastignac
6	montre bien l'ambition de l'homme, à l'époque, pour obtenir de l'argent. À propos du personnage d'Eugène de
7	Rastignac, dans Balzac, on peut dire qu'il subit une transformation pendant le déroulement de la histoire. Au début
8	du roman il est une jeune adolescent normal avec des passions et des objectif dans la vie. Sa principale ambition est
9	de rentrer dans la haute société de Paris. Conseillé par le père Goriot, Rastignac apprend à penser comme les
10	personnes de cette société aristocratique. Il apprend que pour donner le premier pas pour rentrer dans ce monde,
11	deux choses sont essentielles : se marier avec une femme de la haute société et ne pas avoir des sentiments. Ses
12	grandes ambitions de richesse et de gloire sont un très fort désir qu'il veut atteindre. Rastignac sait que son
13	honnêteté, sa franchise, sa sincérité d'adolescent qu'avant étaient pour lui des qualités maintenant sont des pièges à
14	sa réussite. Par exemple, quand il dit à la fille du père goriot qui le connaissait, les portes de sa maison se sont
15	fermées pour lui. Il ne pouvait plus y rentrer chez la fille du père Goriot. Cela montre que son honnêteté et sincérité
16	d'adolescent était un obstacle pour lui car elle lui faisait des ennemis. Malgré cela il arrive à mûrir et devenir un
17	homme adulte à la fin du roman grace à sa forte ambition.
18	On peut conclure que dans <i>Le Père Goriot</i> , de Balzac, le portrait de la haute société parisienne est montrer à
19	travers Eugène de Rastignac qui abandonne ses sentiments et se transforme en une autre personne pour rentrer
20	dans l'aristocratie.
21	Dans <i>Germinal</i> , l'union de tous les mineurs pour faire face à leurs problèmes montre dès le début que l'auteur
22	décrit une société injuste où les plus pauvres souffrent de famine, travail dans les mines, etc. Etienne Lantier arrive
23	dans la histoire en cherchant du travail qu'il réussit à trouver à la mine au puits du Voreux. En étant un mécanicien,
24	il doit apprendre à travailler à la mine . à cause des conditions précaires de travail et, même de vie les mineurs
25	s'unient et se révoltent contre les patrons. Le courage, la bravure, et l'intelligence d'Etienne Lantier fait que les
26	autres mineurs suivent ses idées et le considère comme un chef pour eux. Il est leur représentant. Il se préoccupe
27	avec la situation sociale misérable des mineurs et veut changer. Avec l'échec de la première grève qui a duré un
28	peu plus de deux mois, Etienne refait la grève avec le reste des mineurs qui ont résistés à l'échec. Il pense que cette
29	grève peut changer la situation sociale des mineurs su futur et c'est pour cela qu'il ne l'abandonne pas, même après
30	un échec avec plusieurs morts il la continue. On voit que Etienne Lantier est aussi un personnage ambitieux comme
31	Eugène de Rastignac. Son portrait est montré à travers la société décrite dans le roman.
32	Les deux romans retraitent la situation de personnages pauvres dans la société aristocratique à l'époque.
33	Dans <i>Le Père Goriot</i> , l'intérêt personnel d'Eugène, son histoire et son portrait montrent comment était la haute
34	société parisienne. Mais, la société qui m'intéresse le plus est celle de Zola où on peut voir l'union d'une classe
35	sociale pour défendre ses idéals. Représentée par Étienne, la classe sociale des mineurs veut changer leur
36	situations précaires dans lesquelles ils sont obligés des vivres. On voit que dans les deux romans nous sommes
37	dans des sociétés injustes et mal réparties avec la majorité de la population est pauvres. Malgré cette similarité, on
38	se trouve avec deux cas différents : le premier, dans Balzac, l'individu se transforme en une autre personne pour
39	rentrer dans le monde aristocratique ; l'autre, l'union de toute une classe sociale contre les riches peut changer
	l'avenir des prochains mineurs, en leur donnant une plus agréable et moins précaire.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Saber/ignorância	Rastignac sait que son honnêteté, sa franchise, sa sincérité d'adolescent qu'avant étaient pour lui des qualités maintenant sont des pièges à sa réussite.	12-13
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	la société qui m'intéresse le plus est celle de Zola où on peut voir l'union d'une classe sociale pour défendre ses idéals.	33-34
<b>1.3 Motivação</b>	possibilidade	Mais, la société qui m'intéresse le plus est celle de Zola où on peut voir l'union d'une classe sociale pour défendre ses idéals.	33-34
	Possibilidade	Représentée par Étienne, la classe sociale des mineurs veut changer leur situations précaires dans lesquelles ils sont obligés des vivres.	34-35
	Possibilidade	l'union de toute une classe sociale contre les riches peut changer l'avenir des prochains mineur	38-39
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	On peut conclure que dans <i>Le Père Goriot</i> , de Balzac, le portrait de la haute société parisienne est montrer à travers Eugène de Rastignac qui abandonne ses sentiments et se transforme en une autre personne pour rentrer dans l'aristocratie.	17-19
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous sommes Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	On voit que dans les deux romans nous sommes dans des sociétés injustes et mal réparties avec la majorité de la population est pauvres.	35-36
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	m'intéresse	Mais, la société qui m'intéresse le plus est celle de Zola où on peut voir l'union d'une classe sociale pour défendre ses idéals.	33-34
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Mais, la société qui m'intéresse le plus est celle de Zola	33-34

	malgré	où on peut voir l'union d'une classe sociale pour défendre ses idéaux. Malgré cette similarité, on se trouve avec deux cas différents	36-37
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>			
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Dissertação: Balzac et Zola	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Les deux romans retrahent la situation de personnages pauvres dans la société aristocratique à l'époque. Dans <i>Le Père Goriot</i> , l'intérêt personnel d'Eugène, son histoire et son portrait montrent comment était la haute société parisienne. Mais, la société qui m'intéresse le plus est celle de Zola où on peut voir l'union d'une classe sociale pour défendre ses idéaux. Représentée par Étienne, la classe sociale des mineurs veut changer leur situations précaires dans lesquelles ils sont obligés des vivres.	31-35
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Divisão do todo em partes Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-30

FLPV(B)6

## Balzac et Zola

1 Honoré de Balzac et Émile Zola font tous les deux une critique de la société, mais n'étudient pas la même  
 2 classe. Les deux utilisent le parcours de plusieurs personnes pour peindre à leur façon. Tandis que Balzac le fait  
 3 avec La comédie Humaine, où il dresse le profil de presque toutes les personnes, types de la société; Zola, lui, le  
 4 fait à travers une famille Les Rougon-Macquart, où l'on voit la chute des uns et l'ascension des autres. Alors que  
 5 Zola propose des solutions d'amélioration, Balzac n'en dresse qu'un portrait.

6 Balzac à une vision de la société très fataliste, il ne l'a présente pas négativement, mais comme quelque  
 7 chose d'établie et qui peut-être changée. Il est contre cette société, mais ne cherche pas à le révolutionner et,  
 8 comme on le voit dans "Le Père Goriot", il donne même les précisions sur comment elle fonctionne et comment  
 9 procéder pour être accepté par cette société d'apparence. Dans ce roman on voit l'arrivée d'un jeune homme,  
 10 Eugène de Rastignac, à Paris, ayant pour ambition de la conquérir. Au fil de l'histoire, il reçoit des enseignements de  
 11 ses deux tuteurs, Vautrin et Mme Beauséant. On voit Vautrin par exemple enseigner le moyen de parvenir à avoir  
 12 une "rapide fortune" quand "cinquante mille jeunes gens" ont le même objectif; dans ce cas là, Vautrin montre à  
 13 Eugène les étapes qu'il doit suivre, il l'oriente, il ne survole pas simplement les faits, mais lui enseigne une manière  
 14 de vivre que beaucoup de gens ont et qui est la lutte sans merci contre tous les aspirants à la fortune. D'autres  
 15 exemples que l'on peut citer et qui montrent l'état d'âme d'une personne en quête de gloire sont: "(...) c'est de ne  
 16 plus tenir à vos opinions qu'à vos paroles" et "il n'y a pas de principe, il n'y a pas que des événements; il n'y a pas  
 17 des lois, il n'y a pas que des circonstances". Ces exemples montrent que les personnes oublient tout principe, ils  
 18 n'ont plus aucune moral, ils montrent qu'ils se transforment complètement seulement pour être acceptés, ils n'ont  
 19 plus d'honneur.

20 La lutte sans merci et la manqué de principe illustrent le fonctionnement et le type de société qui est  
 21 décrite, dans ce cas, parisienne. On assiste à une description de la société où la fin justifie les moyens, la réussite ne  
 22 s'explique pas de la même manière qu'aujourd'hui : d'une manière honnête et méritante, mais comme une manière  
 23 où tout est permis. On aperçoit ça à l'aide de la question de Vautrin: "Savez-vous comment on fait son chemin ici ?  
 24 Par l'éclat du génie ou par l'adresse de la corruption". Cette réussite est purement personnelle et égoïste . On voit  
 25 qu'Eugène n'a aucune envie d'aider les autres et qu'il essaye de réussir complètement Seul. Eugène n'est pas  
 26 sympathique dans la mesure où il se laisse manipuler par les circonstances.

27 On peut dire que Balzac à une vision fataliste de la société car il ne suggère aucune solution à  
 28 l'amélioration pendant toute l'histoire. On voit Eugène suivre le courant des événements sans essayer de le modifier.  
 29 À la fin de l'histoire il a complètement changé de comportement, il s'est endurci et adapté aux demandes de la  
 30 société, ce qui montre qu'il n'a à aucun moment essayé de dévier de ce chemin et essayer d'entraîner d'autres  
 31 personnes. Vautrin et Mme Beauséant, représentant la classe pauvre et la classe riche, ne démontrent aucune  
 32 volonté de changement, ceci s'impliquant aussi pour tous les autres représentants de ces classes. Cette société  
 33 décrite par Balzac ne me touche pas puisque les personnes concernées choisissent cette vie. Au contraire des  
 34 personnages de Zola qui eux ce font exploiter dans le but de survivre.

35 Zola de son côté a une vision plus optimiste de la société. Il montre un certain espoir de changement. Dans  
 36 le cas de "Germinal", on voit cette volonté à travers une grève et à travers ces différentes idées politiques exposées  
 37 durant tout le livre. Dans "Germinal", comme dans "Le Père Goriot", on voit l'arrivée d'un jeune homme, Étienne  
 38 Lantier, à la mine du Voreux, n'ayant au départ aucune ambition à part celle de trouver un travail. Comme Eugène,  
 39 il reçoit des enseignements, dans ce cas politiques, de trois personnages, Plochard, Rasseneur et Souvarine. On voit  
 40 par exemple Souvarine exposé ses idées nihilistes quand il dit: "Allumez le feu aux quatre coins de villes, fauchez  
 41 les peuples, rases tout, et quand il ne restera plus rien de ce monde pourri, peut-être on repoussera-t-il un meilleur".  
 42 Du côté de Rasseneur c'est un peu différent, il dit "la politique, le gouvernement, tout ça je m'en fous. Ce que je  
 43 désire, c'est que le mineur soit mieux traité". Plochard , lui, rejoint, un peu les idées de Rasseneur, il est pour les  
 44 mineurs, les droits de travail. Il crée la première Internationale, instaurant ce qui sera appelé plus tard le  
 45 syndicalisme. À l'aide de ces trois hommes, Étienne se forge des idées politiques rejetant le nihilisme de Souvarine,  
 46 il rassemble les idées de Rasseneur et Plochard et crée une caisse de prévoyance pour supporter la grève qu'il  
 47 décide de déclencher. Cela montre la volonté des personnes d'aider les autres, en s'informant sur les manières de  
 48 lutter contre l'oppression que subissent les personnes.

49 Au contraire de Balzac, les personnages principaux de Zola sont honorables. Pour moi, le meilleur exemple  
 50 est la Maheude qui bien que réticente au début de la grève, est prête à tous les sacrifices pour la continuer et ne  
 51 pas capituler. Elle représente le courage de toutes les petites gens prêtes à tout pour améliorer leurs sort  
 52 misérables. Bien qu'ayant perdu presque toute sa famille lors des affrontements, elle accepte de justifier cette forme  
 53 de combat sachant que ce sera la seule façon d'améliorer l'avenir des plus jeunes: "Non, non ce n'est pas ta faute,  
 54 c'est la faute de tout le monde".

55 On peut dire que Zola a une vision optimiste de la société puisqu'il expose la volonté de changement des  
 56 travailleurs. Au début, on voit Étienne comme un jeune homme au chômage sans aucune idée politique, inconnu  
 57 aux conditions de vie des travailleurs, mais devient, plus tard, le plus fervent gréviste de tout le caron. Montrant un  
 58 comportement oublié par Balzac, la solidarité. On aperçoit ici un autre comportement des personnes, un  
 59 comportement de révolte face à la société, en opposition à Balzac. Par contre ce comportement ne s'applique qu'aux  
 60 ouvriers, les bourgeois, propriétaires des compagnies, ne veulent aucun changement et n'ont aucune notion des  
 61 événements. Montrant une classe moyenne-riche beaucoup plus ignorante que dans Balzac. On voit aussi une autre  
 62 opposition à Balzac, quand à l'objectif des personnes, tandis que l'objectif d'Eugène est personnel, celui d'Étienne est  
 63 collectif, pour tous les travailleurs.

64 La vision de Zola me paraît plus intéressante parce qu'elle est optimiste et prouve que la société peut et doit  
 65 être modifiée. La vision de Zola est révolutionnaire pour l'époque, puisqu'elle s'occupe du monde ouvrier apparu  
 66 après la Révolution Industrielle. Même si, à la base, elle suit une idée de la Révolution française, elle est nouvelle à  
 67 cause de la classe pour laquelle elle se préoccupe. On voit aussi que même si la grève a échoué, les ouvriers ont un  
 68 espoir qu'un jour elle réussira: "(...) il retrouvait celles des camarades, une étreinte langoureuse muette, qui lui donnait  
 69 rendez-vous pour le jour où l'on recommencerait" et qui cette fois sera plus importante: "Des hommes poussaient  
 70 une armée noire, vengeresse, qui germait lentement dans les sillons, grandissant pour les récoltes du siècle futur, et  
 71 dont la germination allait faire éclater la Terre". Cette vision de la société a été extrêmement importante puisque ces  
 72 idées ce sont vraiment appliquées car maintenant la grève est une des principales armes des personnes pour  
 73 protester. Les travailleurs n'ont plus peur d'exprimer leur volonté, il ne reste plus aussi passif qu'avant. L'importance

74	de Zola est telle que lors de sa mort, l'on criait le mot "Germinal" en allusion au livre écrit par cet homme et qui a
75	marqué la société pour son contenu fortement accusateur des compagnies de mines et de toutes les compagnies qui
76	obligent les hommes à travailler comme des bêtes sans avoir le droit de lever la voix pour protester. Ces idées
77	persistent jusqu'à aujourd'hui avec par exemple l'existence de droit du travail ou des syndicaux déjà existant à
78	l'époque auxquels Zola a donné de l'importance. Toutes ces raisons font que je préfère la vision de la société d'Émile
79	Zola.
80	Tandis que Balzac décrit une société qui n'existe plus, Zola, lui, accuse délibérément cette société et
81	introduit aux comportements qu'un grande partie des travailleurs de notre époque. On ne peut pas négliger le fait
82	que la vision et la description de Balzac du monde est intéressante, mais celle de Zola, qui décrit un autre monde,
83	est beaucoup plus réaliste de hier à la société d'aujourd'hui.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Cette société décrite par Balzac ne me touche pas puisque les personnes concernées choisissent cette vie.	32-33
	Opinião	Pour moi, le meilleur exemple est la Maheude qui bien que réticente au début de la grève, est prête à tous les sacrifices pour la continuer et ne pas capituler.	49-51
		La vision de Zola me paraît plus intéressante parce qu'elle est optimiste et prouve que la société peut et doit être modifiée.	64-65
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	On peut dire que Zola a une vision optimiste de la société puisqu'il exposé la volonté de changement des travailleurs.	55-56
	Possibilidade	La vision de Zola me paraît plus intéressante parce qu'elle est optimiste et prouve que la société peut et doit être modifiée.	64-65
	Obrigação	La vision de Zola me paraît plus intéressante parce qu'elle est optimiste et prouve que la société peut et doit être modifiée.	64-65
<b>1.4 Aserções</b>	Evidência	On assiste à une description de la société où la fin justifie les moyens	21
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	---	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Ne touche pas	Cette société décrite par Balzac ne me touche pas puisque les personnes concernées choisissent cette vie.	32-33
	Pour moi	Pour moi, le meilleur exemple est la Maheude qui bien que réticente au début de la grève, est prête à tous les sacrifices pour la continuer et ne pas capituler.	49-51
	me paraît	La vision de Zola me paraît plus intéressante parce qu'elle est optimiste et prouve que la société peut et doit être modifiée.	64-65
		Toutes ces raisons font que je préfère la vision de la société d'Émile Zola.	78-79
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Honoré de Balzac et Émile Zola font tous les deux une critique de la société, mais n'étudient pas la même classe. Les deux utilisent le parcours de plusieurs personnes pour peindre à leur façon. Tandis que Balzac le fait avec La comédie Humaine, où il dresse le profil de presque toutes les personnes, types de la société; Zola, lui, le fait à travers une famille Les Rougon-Macquart, où l'on voit la chute des uns et l'ascension des autres. Alors que Zola propose des solutions d'amélioration, Balzac n'en dresse qu'un portrait.	1-5
	Tandis que	On voit aussi une autre opposition à Balzac, quand à l'objectif des personnes, tandis que l'objectif d'Eugène est personnel, celui d'Étienne est collectif, pour tous les travailleurs.	62-63
	Puisque car	Cette vision de la société a été extrêmement importante puisque ces idées se sont vraiment appliquées car maintenant la grève est une des principales armes des personnes pour protester.	71-73
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Balzac et Zola	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
		introdução	1º parágrafo
	Estrutura:	desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º, 6º 7º parágrafos
		conclusão	8º, 9º parágrafos

	Progressão temática	Presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Toutes ces raisons font que je préfère la vision de la société d'Émile Zola. Tandis que Balzac décrit une société qui n'existe plus, Zola, lui, accuse délibérément cette société et introduit aux comportements qu'un grande partie des travailleurs de notre époque. On ne peut pas négliger le fait que la vision et la description de Balzac du monde est intéressante, mais celle de Zola, qui décrit un autre monde, est beaucoup plus réaliste de hier à la société d'aujourd'hui.	78-84
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-77

FLPV(B)7

## Dissertation: Balzac et Zola

1 Zola comme Balzac réalisent à travers leur roman une fresque de la société du début (dans Le Père Goriot) e  
2 de la fin (dans Germinal) du XIX<sup>ème</sup> siècle.

3 Germinal me semble plus intéressant du point de vue de la société et des relations qu'étreignent les  
4 individus avec elle. L'entendu de la vision de la société, le regard vers l'avenir ou l'intérêt historique d'une peinture  
5 sociale, et la conception positive ou négative des rapports entre l'individu et la collectivité seront les trois axes  
6 abordés. Tout d'abord, les deux auteurs, Zola naturaliste et Balzac réaliste, décrivent avec fidélité la société où se  
7 placent les personnages. Mais cette société, ou plutôt le monde sur lequel ils se focalisent dans cette société, n'est  
8 pas le même.

9 Zola décrit la mine et le monde de la mine, ses injustices. Pour la réalisation de son roman, Zola avait au  
10 préalable effectué une recherche journalistique sur le monde de la mine, et ceci se reflète dans la précision de la  
11 peinture de ce monde, de cette partie de la société qu'il vise à nous faire découvrir. Ce monde comprend des  
12 membres qui vont du haut (Les Hennebeau) au bas (les mineurs) de l'échelle sociale. La constitution de la fortune  
13 des Grégoire est expliquée et les sommes d'argent évaluées qu'elles concernent les bourgeois ou les mineurs.  
14 Les repas sont rapportés, leur contenu énuméré : oeufs brouillés aux truffes, truites de rivière, perdreaux rôtis,  
15 chambertin, salade russe, écrevisses, Charlotte aux pommes, fruits, puis café, tel est le repas des bourgeois de  
16 Germinal contre le briquet ou la soupe des mineurs. Ceci permet de mieux visualiser le fossé qui existe entre le  
17 monde des Hennebeau ou de Grégoire, et celui des mineurs. Le monde décrit ici, c'est le monde des oubliés, qui  
18 s'oppose à celui du pouvoir retracé par Balzac. Chez Balzac, on ne peut pas parler de véritables pauvres. Nous  
19 découvrons différents mondes de société, la province (la petite noblesse), le monde financiers de la Chaussée  
20 d'Antin (donc la grande bourgeoisie), celui de la grande aristocratie (Faubourg Saint-Germain), et enfin celui de la  
21 petite bourgeoisie (pensons Vauquer).

22 Dans l'histoire de Balzac, les personnages sont caricatures, tous motivés par l'intérêt, la seule distinction  
23 entre eux est l'apparence (les riches sans sentiments soignent les apparences, les "pauvres" sont tout aussi  
24 dépourvus de sentiments, mais ne soignent pas l'apparence, n'en ayant pas les moyens). Chez Zola, les  
25 personnages ne sont pas critiqués, ils semblent plus difficile à juger. Ainsi, les mineurs, qui apparaissent parfois  
26 brutaux, sont aussi caractérisés par exemple par leur camaraderie. M. Hennebeau, s'il exploite les mineurs et vit  
27 dans le luxe alors qu'eux sont condamnés à la misère, n'est malgré tout pas heureux, car il n'est pas aimé par sa  
28 femme. Nous ne pouvons donc vraiment le critiquer. Les Grégoire sont plus naïfs que méchants. Le regard de Zola  
29 sur les individus est donc plus partagé.

30 Balzac nous fait découvrir un monde : celui du pouvoir. Au contraire, Zola nous fait apercevoir celui des  
31 oubliés, des ouvriers. On peut parler de visions antagonistes. Balzac était réaliste, et Zola naturaliste. Le réalisme,  
32 selon Maupassant, c'est "Donner l'illusion de réalité" (Préface de Pierre et Jean). Le naturalisme, c'est dépeindre le  
33 monde tel qu'il est. On peut donc s'attendre à plus de fidélité de Zola en rapport à la société. On peut donc dire que  
34 Balzac a eu une vision moins large de la société que Zola. Au demeurant, on peut aussi s'intéresser au public visé.  
35 Balzac, dans les premiers pages de son roman, s'adresse à un individu aux mains blanches. Il vise donc un public  
36 probablement féminin, et surtout qui ne s'adonne pas au travail : un bourgeois ou un noble, en somme. Il décrit  
37 donc une société qui est celle du lecteur. Même si cela peut permettre d'éclairer le lecteur sur la société qui est la  
38 sienne, ce n'est pas aussi attrayant que le roman de Zola. Lui décrit un monde oublié, qui émerge, celui que  
39 personne connaît. En cela, Zola suscite davantage notre curiosité sur une société différente de celle que connaît le  
40 lecteur.

41 La société présente est le thème dépeint par Balzac et Zola. Mais quelle est leur vision vers l'avenir? Balzac  
42 emploie souvent ses personnages non pas seulement comme les représentants d'une société amoralisée, donnée,  
43 mais comme des types caricaturés. Ainsi Mme Vauquer est le produit de la vie dans sa pension crasseuse. Elle est  
44 le reflet de sa pension. Ainsi dans Le Père Goriot, bien qu'il décrive une société donnée, celle du début du XIX<sup>ème</sup>  
45 siècle, soit la Restauration, avec les arrivistes comme Rastignac, l'importance de l'argent et du pouvoir, ou encore  
46 le mépris des nobles envers les classes montantes (la bourgeoisie notamment, par l'exemple du père Goriot rejeté  
47 par ses gens) sert aussi de leçon universelle. Il blâme en les caricaturant les vices qui se retrouvent à toute  
48 époques : avarices, mensonge (par l'apparence)...Aujourd'hui, les vices de la société sont les mêmes, bien qu'ils  
49 s'expriment différemment. La forme n'est pas la même, mais le fond l'est. On a donc en quelque sorte une vision  
50 qui, bien qu'intéressante par le fait que la réalité de la société qu'elle nous montre peut s'appliquer à diverses  
51 époques dont la nôtre et donc nous concerner, ne nous éclaire pas vraiment sur les mœurs d'une société donnée.

52 Au contraire, Germinal donne une vision très détaillée d'une société qui nous est totalement inconnue. On  
53 découvre la condition ouvrière au XIX<sup>ème</sup> siècle. On a un aperçu historique de notre société et une anticipation :  
54 cette première grève peut symboliser la prise de conscience de la classe ouvrière, et les changements dans les  
55 siècles qui suivent celui dans lequel se déroule l'histoire. Tous les droits ouvriers conquis depuis se placent dans la  
56 continuité de Germinal.

57 De plus, encore un point distingue Germinal du Père Goriot : la volonté de changement. Dans le roman de  
58 Balzac, le dénouement expose la volonté de Rastignac de réussir, en écartant ses sentiments. Il sait que la société  
59 est amoralisée et d'une certaine forme injuste (ce n'est pas forcément le mérite qui définit la réussite). Mais il n'a pas  
60 du tout l'intention de changer quoique ce soit : il compte profiter de la société, il veut "em pomper le miel". Tous les  
61 individus, dans leurs rapports avec la société, sont motivés uniquement par l'intérêt et les passions. C'est un  
62 rapport force; c'est le combat qui caractérise ce monde du pouvoir. Il faut dévorer ou être dévoré; c'est la loi du plus  
63 fort. Cette vision est négative.

64 Dans Germinal, en revanche, il existe une volonté de changement. La société est là aussi injuste: les ouvriers  
65 travaillent dix heures par jours, d'une besogne harassante, pour un salaire de misère, qui leur permet tout juste de  
66 survivre, alors que les Grégoire, qui sont rentiers, vivent dans la propriété de la Piolaine en bourgeois aisés. On voit  
67 ainsi que le Travail est exploité au profit du Capital. Mais les mineurs ne veulent pas cette société où la justice est  
68 absente. Ils font tout d'abord preuve de leur résignation séculaire, puis la révolte gronde à cause des boissages,  
69 que Negrel trouve mal exécutés, et enfin la grève éclate quand la Compagnie réalise une réduction des salaires  
70 déguisée. Cette grève échoue, à cause du manque d'organisation, et de l'absence de véritable projet de la part de  
71 mineurs, qui imaginent un renversement des classes utopiques. Mais ils ont voulu quelque chose, et ils ont semé les  
72 germes d'un monde meilleur et plus juste. L'échec est un apprentissage; par l'erreur on comprend ce qui n'a pas  
73 fonctionné et on ne répète plus les mêmes bévues. Le titre même dénote de cet aspect. Germinal entend la



74	naissance (germination) d'une intention d'exister aux yeux de la société.
75	Ainsi, dans <u>Germinal</u> , les individus tentent-ils d'améliorer la société tandis que ce projet n'existe pas dans <u>Le Père Goriot</u> . C'est pourquoi le rapport gouverné seulement par l'intérêt mais aussi par un désir de l'améliorer. Pour conclure, <u>Le Père Goriot</u> décrit des relations conflictuelles entre individus, le tout motivé par l'intérêt. <u>Germinal</u> , qui montre lui aussi un combat face à une société injuste, invite à l'améliorer, et voit l'avenir qui s'ouvre ser la montée de la classe ouvrière. Ainsi <u>Germinal</u> m'a semblé mieux peindre la société et ses rapports avec les individus. Mais les deux peintures peuvent être intéressantes suivant l'angle envisagé.
76	
77	
78	
79	
80	

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	constatação	<u>Le Père Goriot</u> décrit des relations conflictuelles entre individus	78
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Germinal me semble plus intéressant du point de vue de la société et des relations qu'etretiennent les individus avec elle	3-4
	Opinião	Ainsi <u>Germinal</u> m'a semblé mieux peindre la société et ses rapports avec les individus. Mais les deux peintures peuvent être intéressantes suivant l'angle envisagé.	80-81
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	On peut parler de visions antagonistes.	31
	Possibilidade	On peut donc dire que Balzac a eu une vision moins large de la société que Zola. Au demeurant, on peut aussi s'intéresser au public vise	33-34
	Possibilidade	cette première grève peut symboliser la prise de conscience de la classe ouvrière, et les changements dans les siècles qui suivent celui dans lequel se déroule l'histoire	55-56
	Querer	Mais il n'a pas du tout l'intention de changer quoique ce soit: il compte profiter de la société, il veut "en pomper le miel".	60-61
	Obrigação	Il faut dévorer ou être dévoré;	63
	Possibilidade	Mais les deux peintures peuvent être intéressantes suivant l'angle envisagé.	81
<b>1.4 Asserções</b>	---	---	---
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Mais quelle est leur vision vers l'avenir?	41
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous faire découvrir	ceci se reflète dans la précision de la peinture de ce monde, de cette partie de la société qu'il vise à nous faire découvrir	10-11
	Nous découvrons	Nous découvrons différents mondes de société différents mondes de société	19
	Nous fait découvrir nous fait apercevoir notre	Balzac nous fait découvrir un monde : celui du pouvoir. Au contraire, Zola nous fait apercevoir celui des oubliés , des ouvriers.	30-31
	notre	Zola suscite davantage notre curiosité sur une société différente de celle que connaît le lecteur. On a un aperçu historique de notre société et une anticipation : cette première grève peut symboliser la prise de conscience de la classe ouvrière, et les changements dans les siècles qui suivent celui dans lequel se déroule l'histoire	39-40
			54-56
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	me semble	Germinal me semble plus intéressant du point de vue de la société et des relations qu'etretiennent les individus avec elle	3-4
	m'a semblé	Ainsi <u>Germinal</u> m'a semblé mieux peindre la société et ses rapports avec les individus. Mais les deux peintures peuvent être intéressantes suivant l'angle envisagé.	80-81
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Mais cette société, ou plutôt le monde sur lequel ils se focalisent dans cette société, n'est pas le même.	7
	Mais	les "pauvres" sont tout aussi dépourvi de sentiments, mais ne soignent pas l'apparence, n'en ayant pas les moyens	23-24
	Donc, Au demeurant	On peut donc dire que Balzac a eu une vision moins large de la société que Zola. Au demeurant, on peut aussi s'intéresser au public vise	33-34
	Bien que	Aujourd'hui, les vices de la société sont les mêmes, bien qu'ils s'expriment différemment.	49
	De plus	De plus, encore un point distingue <u>Germinal</u> du <u>Père Goriot</u> : la volonté de chagement	58
	Mais	Mais il n'a pas du tout l'intention de changer quoique ce soit: il compte profiter de la société, il veut "en pomper le miel".	60-61
	Mais	Mais le mineurs ne veulent pas cette société où la justice est absente.	68-69

	Ainsi mais	Ainsi <u>Germinal</u> m'a semblé mieux peindre la société et ses rapports avec les individus. Mais les deux peintures peuvent être intéressantes suivant l'angle envisagé.	80-81
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Dissertation: Balzac et Zola	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º, 2º parágrafos
		desenvolvimento	3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º parágrafos
		conclusão	9º, 10 parágrafos
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	<u>Le Père Goriot</u> décrit des relations conflictuelles entre individus, le tout motivé par l'intérêt. <u>Germinal</u> , qui montre lui aussi un combat face à une société injuste, invite à l'améliorer, et voit l'avenir qui s'ouvre ser la montée de la classe ouvrière. Ainsi <u>Germinal</u> m'a semblé mieux peindre la société et ses rapports avec les individus. Mais les deux peintures peuvent être intéressantes suivant l'angle envisagé.	78-81
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos fundados na doxologia Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-77

FLPV(B)8

Dissertation: Balzac et Zola	
1	Balzac (1799-1850) dans <u>Le Père Goriot</u> peint la société sans objectif de changement et la regarde par
2	l'intermédiaire de Rastignac, personnage principal. Alors que dans <u>Germinal</u> de Émile Zola (1840-1902), Etienne
3	Lantier veut changer la société et nous le montre grâce aux mineurs et à leurs conditions de vie.
4	Rastignac vient de la province et est un homme simple et modeste qui veut s'intégrer dans la société. Ainsi, il
5	ne cherche pas à la chan ger mais il va employé certains moyens pour em faire partie. Durant le roman nous
6	assistons à la "Naissance" de ce jeune homme ambitieux. Le personnage éponyme, le Père Goriot, est un vieil
7	homme quin e donne plus aucune valeur à l avie endehors de l'ammour pous ses filles. Son trajet le menerat à as
8	mort à la fin de l'histoire. C'est ainsi que le destin de chacun de ces hommes se croisent, et Rastignactirera leçon de l
9	avie de Goriot, son mentor. Balzac a donc fait un roman a intérêt sociologique mais nous pouvons voir que pourtant il
10	ne cherche pas à changer quoi que ce soit. À l'explicit, Rastignac après l'enterrement du Père Goriot exclame: "À
11	nous deux maintenant !" Il est désormais près à affronter cette société d'intérêt.
12	Dans <u>Germinal</u> , Etienne Lantier est un jeune homme d'une vingtaine d'années au chômage et qui va dans le
13	nord de la France pour trouver un travail. Il se rend à une mine, Le Voreux, pendant une nuit et par la suite y trouve
14	un emplye. Accablé par les conditions de vie de ces ouvriers, il decide que cela ne peut plus durer et grace à son
15	charisme et as determination, il va entrainer as nouvelle "famille" dans un longue et douloureuse lute. Ansi entament
16	les grèves et la situation devient incontournable. Les jeunes sont appelés pour briser la grève et cela crée
17	énoement d'importantes pertes. Tout le monde lui enveut et il est obligé de subir l'hostilité de ses compagnons.
18	Beaucoup reprennent le travail après cette horrible grève où les mineurs y ont beaucoup perdu mais rien gagné. À
19	cause d'un sabotage fait para un anarchiste, la fosse est perdue créant de nouvelles morts. Etienne Lantier part avec
20	l'ambition de devenir homme plitique à fin de montrer au grand jour la souffrance des mineurs.
21	Nous pouvons voir dans ce roman que Zola essaye de donner une réponse à la société grâce à Lantier. Cet
22	homme n'est pas considere comme un surhomme mais comme quelqu'un d'ambitieux voulant changer la société "la
23	germination allait faire bientôt éclater la terre".
24	La peinture de la société par Émile Zola dans <u>Germinal</u> me paraît plus intéressante que celle de Balzac car il
25	ne se contente pas de décrire cette dernière mais il veut aussi faire avancer les choses à fin d'avoir une "vie
26	meilleure". Pour faire ce roman, Émile Zola a dû beaucoup se renseigner sur les mineurs et cela fait de l'histoire un
27	témoignage dure et choquant. C'est une vision des ténèbres tandis que <u>Le Père Goriot</u> nous montre l'hypocrisie de
28	ce monde. <u>Germinal</u> a donc été une grande avancée pour l'humanité.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	La peinture de la société par Émile Zola dans <u>Germinal</u> me paraît plus inéressante que celle de Balzac	24
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Nous pouvons voir dans ce roman que Zola essaye de donner une réponse à la société grâce à Lantier	21
<b>1.4 Asserções</b>	---	---	---
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous	Balzac (1799-1850) dans <u>Le Père Goriot</u> peint la société sans objectif de changement et la regarde par l'intermédiaire de Rastignac, personnage principal. Alors que dans <u>Germinal</u> de Émile Zola (1840-1902), Etienne Lantier veut changer la société et nous le montre grâce aux mineurs et à leurs conditions de vie.	1-3
	Nous pouvons	Balzac a donc fait un roman a intérêt sociologique mais nous pouvons voir que pour autant il ne cherche pas à changer quoi que ce soit.	10-11
	Nous pouvons	Nous pouvons voir dans ce roman que Zola essaye de donner une réponse à la société grâce à Lantier	20-21
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	me paraît	La peinture de la société par Émile Zola dans <u>Germinal</u> me paraît plus inéressante que celle de Balzac	24
<b>3. CONECTORES</b>	Alors que	Balzac (1799-1850) dans <u>Le Père Goriot</u> peint la société sans objectif de changement et la regarde par l'intermédiaire de Rastignac, personnage principal. Alors que dans <u>Germinal</u> de Émile Zola (1840-1902), Etienne Lantier veut changer la société et nous le montre grâce aux mineurs et à leurs conditions de vie.	1-3
	Donc mais pourtant	Balzac a donc fait un roman a intérêt sociologique mais nous pouvons voir que pourtant il ne cherche pas à changer quoi que ce soit.	10-11
	mais tandis que donc	Beaucoup reprennent le travail après cette horrible grève où les mineurs y ont beaucoup perdu mais rien gagné C'est une vision des ténèbres tandis que <u>Le Père Goriot</u> nous montre l'hypocrisie de ce monde. <u>Germinal</u> a donc été une grande avancée pour l'humanité.	18 27-28
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Dissertation: Balzac et Zola	

<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa		
	Estrutura:	Compostos por mais de um período		
		introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos	
	conclusão	5º parágrafo		
	Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	La peinture de la société par Émile Zola dans <u>Germinal</u> me paraît plus inéressante que celle de Balzac car il ne se contente pas de décrire cette dernière mais il veut aussi faire avancer les choses à fin d'avoir une "vie meilleure". Pour faire ce roman, Émile Zola a dû beaucoup se renseigner sur les mineurs et cela fait de l'histoire un témoignage dure et choquant. C'est une vision des ténèbres tandis que <u>Le Père Goriot</u> nous montre l'hypocrisie de ce monde. <u>Germinal</u> a donc été une grande avancée pour l'humanité.		24-28
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-23	

FLPV(B)9

Dissertation: Balzac et Zola	
1	En nous basant sur <u>Le Père Goriot</u> de Honoré de Balzac et sur <u>Germinal</u> de Zola, nous allons comparer les
2	rappports des individus avec la société du XIX <sup>ème</sup> siècle, pour dire lequel est le plus intéressant. Premièrement, nous
3	allons dire comment celle-ci est représentée par les auteurs et puis nous allons comparer les deux oeuvres tout en
4	disant laquelle est la plus intéressante.
5	Lorsque Zola a écrit <u>Germinal</u> , la société française a subi une quinzaine d'années auparavant, l'un de ses
6	plus grands traumatismes: la comene de Paris. Pendant cette événement, des "barbares" ont prit le pouvoir de la
7	ville et ont incendié des monuments cuilturels comme les Tuileries. On a eu aussi la II Révolution Industrielle qui est
8	le sujet le plus important et le plus souvent traité par les auteurs réaliste (Zola, Balzac) puisqu'ils veulent représenter
9	la classe ouvrière et ses difficultés à l'époque (Zola – <u>Germinal</u> , Zola – <u>La bête humaine</u> ). Le roman se propose
10	d'être comme le miroir du XIX <sup>ème</sup> siècle.
11	Balzac, "prince du réalisme", percuteur de ce mouvement littéraire, à son temps, avait proposé au roman de
12	nouvelles idées avec ses proposé au roman de nouvelles idées avec ses différentes classifications d'écriture
13	séparées en livres, (dans ce cas on parlera de la Comédie Humaine 0- 18842), s'intéressait aux moeurs de toutes
14	les couches sociales de la population. Dans <u>Le Père Goriot</u> , il s'intéresse spécifiquement à une certaine couche
15	social: l'aristocratie. Tout en s'intéressant aux descriptions des lieux et des choses, forte caractéristique de Balzac.
16	Au contraire Zola, tout en étant naturaliste (ainsi que Maupassant – une partie de campagne) était aussi considère
17	realiste em part à cause de ses descriptions. Il considérait le roman une enquête sur la nature et sur l'homme; il
18	voulait peindre tout un age social pendant le second empire. Dans <u>Germinal</u> , l'auteur s'intéresse a une autre couche
19	de la société: le tiers-monde, le monde ouvrier.
20	Pour prendre compte du peuple, les auteurs prennent compte des aspects pittoresques du peuple, c'est-à-
21	dire, du peuple marginalisé. Les auteurs ont donc une vision de la population dégradée pour décrire la société de
22	l'époque. Cela change un peu avec Zola qui parle maintenant de la partie ouvrière. Zola critique donc la société em
23	opposant le Capital et le monde du travail ouvrier où l'on "crève de faim".
24	Dans <u>Germinal</u> de Zola, le personnage principal, Etienne Lantier, arrive à Montsou et commence à travailler
25	dans une mine de charbon comme mineur. L'histoire se déroule autour de l'injustice commise contre les minneurs
26	qui entraînera une grève. Lantier, qui a hérité une folie discernable dans son regard, quipeuttourner à la violence
27	meurtrière sous l'effet de la boisson ou de la colère est le chef du mouvement qui finira par échouer. Revoltes contre
28	l'injustice commise contre eux, les minneurs qui ont fait confiance en Lantier et ses connaissances em politique
29	entraîneront son départ du Coron. Le roman transmet une note d'espoir à la fin em disant que la revolte des mineurs
30	possait em des choses plus vastes que cette première grève échouée, qui changeront le monde : "Des hommes
31	poussaient, une armée noire, vengeresse qui germair lentement dans les sillons, grandissant pour les récoltes du
32	siècle futur, et dont la germination allait faire bientôt éclater la terre".
33	Par ailleurs, dans le livre <u>Le Père Goriot</u> , on a Rastignac un jeune étudiant qui veut parvenir à l'aristocratie.
34	L'auteur s'intéresse au "monde des apparences". Il y a toute une mâtamorphoses du personnage principl qui au
35	début ne fait preuve qu'a ses sentiments; mais à la fin finit par découvrir qu'il fallait plutôt raisonner que sentir. Il
36	laisse donc de côté ses sentiments a fin de pouvoir faire partie de cette haute société. On a une opposition entre le
37	pesonnage principal, Rastignac, et le père Goriot qui se laisse aller par sa passion pour ses filles et finit pour vivre de
38	manière très simples pour soutenir le luxe de ses dernières. À la fin l'opposition se fait présente par la chute du père
39	Goriot qui meurt pauvre et Rastignac qui laisse de côté ses sentiments et finit par pénétrer dans le "monde des
40	apparences". Balzac reprend dans <u>Le Père Goriot</u> une vision realiste et satirisée de la société et de ses
41	conventions.
42	Il s'agit de deux peintures qui sont différentes tout en ayant la même base. Toutefois la plus interessante
43	serait celle d'Émile Zola qui peint vraiment dans tous ses livres, les caractères et les vices des personnes de
44	l'époque suite à la révolution indistruielle, le travail dans le mine demande une maind d'oeuvre très chargée et
45	lourde, que les pénibles taches tendent à corrompre leur santé. Il s'agit de présenter un monde inconnu au lecteur
46	qui, à l'époque n'était que les femmes riches. Il est plus intéressant de présenter un monde inconnu ao lecteur qui lui
47	montrer ce qu'il connaît (toutefois pas si à fond comme il est présenté dans le livre de Balzac).
48	La critique de Zola semble être plus réelle: "Le travail écrasant qui rapproche l'homme de la brute, le salaire
49	insuffisant qui decourage et fait chercher l'oubli, achève d'emplier les cabarets et les Maison de tolérance. Oui, le
50	peuple est ainsi, mais parce que la société le veut bien" (Zola).

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	La critique de Zola semble être plus réelle	48
<b>1.3 Motivação</b>	Querer	il voulait peindre tout un age social pendant le second empire.	18
	Possibilidade	la plus interessante serait celle d'Émile Zola qui peint vraiment dans tous ses livres,	41-42
<b>1.4 Asserções</b>	Possibilidade	La critique de Zola semble être plus réelle	48
	Evidência	Il s'agit de deux peintures qui sont différentes tout en ayant la même base	42
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Em nous basant Nous allons comparer Nous allons dire	En nous basant sur <u>Le Père Goriot</u> de Honoré de Balzac et sur <u>Germinal</u> de Zola, nous allons comparer les rappports des individus avec la société du XIX <sup>ème</sup> siècle, pour dire lequel est le plus intéressant. Premièrement, nous allons dire comment celle-ci est représentée par les auteurs et puis nous allons comparer les deux oeuvres	1-4

	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	tout en disant laquelle est la plus intéressante	
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Donc	Les auteurs ont donc une vision de la population dégradée pour décrire la société de l'époque. Cela change un peu avec Zola qui parle maintenant de la partie ouvrière. Zola critique donc la société en opposant le Capital et le monde du travail ouvrier où l'on "crève de faim".	21-23
	Donc		
	toutefois	Il s'agit de deux peintures qui sont différentes tout en ayant la même base. Toutefois la plus intéressante serait celle d'Émile Zola qui peint vraiment dans tous ses livres, les caractères et les vices des personnes de l'époque suite à la révolution industrielle, le travail dans le mine demande une main d'œuvre très chargée et lourde, que les pénibles tâches tendent à corrompre leur santé.	42-45
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Dissertation: Balzac et Zola	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º, 6º parágrafos
		conclusão	7º, 8º parágrafos
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Il s'agit de deux peintures qui sont différentes tout en ayant la même base. Toutefois la plus intéressante serait celle d'Émile Zola qui peint vraiment dans tous ses livres, les caractères et les vices des personnes de l'époque suite à la révolution industrielle, le travail dans le mine demande une main d'œuvre très chargée et lourde, que les pénibles tâches tendent à corrompre leur santé.	42-45
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos baseados na estrutura do real: Ligações de coexistência: Argumento de autoridade Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-41

FLPV(B)10

	Deux auteurs, deux oeuvres, deux peintures
1	Parmi les deux peintures de la société, faites par Zola dans "Germinal" et par Balzac dans Le Père Goriot",
2	celle de Zola me semble plus interessante.
3	Zola a donné un sprit socialiste et révolutionnaire à son oeuvre. Il critique la haute société en montrant la vie
4	quotidienne des personnes misérables, ouvriers, qui sont exploités par les bourgeois. C'est la justice et l'égalité qu'il
5	valorise dans son oeuvre, et Balzac dévalorise as critique de la société car l'héro Rastignac se lance dans cette
6	société pour réussir dans l'avie; cette réussite, me parrait avoir été fondée par de principes égoïstes et matérialistes;
7	ces principes sont em effet critiquées pas l'auteur.
8	Les deux oeuvres montrent comment l'argent détruit la famille, les sentiments... C'est l'envie de l'argent qui
9	caractérise un individu égoïste et cela se montre dans les deux romans. Dans Germinal, il s'agit d'un portrait d'un
10	des côtés le plus touché par l'hiprocrisi humaine : les mineurs. On voit de façon realiste comment les mineurs
11	essayent de lutter contre la misère et la souffrance, et ils finissent par faire une révolution sociale où le peuple prend
12	le pouvoir par la manière forte car l'injustice et la résignation des gens exploités durent depuis longtemps. Balzac, à
13	son tour fait un portrait de la société par l'intermédiaire de la progression de l'apprentissage de la vie de l'héros,
14	Rastignac.
15	On voit donc après tout que Zola peint la société d'un point de vue socialiste et révolutionnaire, beaucoup plus
16	intéressant que le capitalisme et matérialisme présents dans tout les moments de l'histoire de l'oeuvre de Balzac.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados		linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	constatação	Les deux oeuvres montrent comment l'argent détruit la famille, les sentiments		8
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Parmi les deux peintures de la société, faites par Zola dans "Germinal" et par Balzac dans Le Père Goriot", celle de Zola me semble plus interessante.		1-2
<b>1.3 Motivação</b>	---	---		---
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	il s'agit d'un portrait d'un des côtés le plus touché par l'hiprocrisi humaine : les mineurs		9-10
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----		-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---		---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---		---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Me semble	Parmi les deux peintures de la société, faites par Zola dans "Germinal" et par Balzac dans Le Père Goriot", celle de Zola me semble plus interessante.		1-2
<b>3. CONECTORES</b>	car	On voit de façon realiste comment les mineurs essayent de lutter contre la misère et la souffrance, et ils finissent par faire une révolution sociale où le peuple prend le pouvoir par la manière forte car l'injustice et la résignation des gens exploités durent depuis longtemps		10-12
	donc	On voit donc après tout que Zola peint la société d'un point de vue socialiste et révolutionnaire		16
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----		-----
<b>4.1 Título</b>	Relação indireta com o tema	Deux auteurs, deux oeuvres, deux peintures		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo	
		desenvolvimento	2º, 3º parágrafos	
		conclusão	4º parágrafo	
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	On voit donc après tout que Zola peint la société d'un point de vue socialiste et révolutionnaire, beaucoup plus intéressant que le capitalisme et matérialisme présents dans tout les moments de l'histoire de l'oeuvre de Balzac		15-16
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-14	

FLPV(B)11

## Dissertation: Balzac et Zola

1 D'après moi, la meilleure peinture sociale est celle de Zola dans "Germinal". Elle est plus complète après  
 2 l'analyse de deux points de chacune des oeuvres. Le premier point étudié sera les personnages dans chaque  
 3 des oeuvres. Le second point sera la différence de mouvement littéraire qui modifie les caractéristiques de la  
 4 description sociale à l'époque. On a "Le Père Goriot" de Balzac appartenant au Romantisme et "Germinal" de Zola  
 5 appartenant au Naturalisme.

6 La première partie sera donc les personnages de chaque œuvre. Le premier aspect important à  
 7 mettre en évidence c'est le nombre plus grand de personnages dans le livre de Zola que ce de Balzac. L'œuvre de  
 8 Zola compte environ une trentaine de personnages principaux ou secondaires pendant que le Père Goriot en compte  
 9 environ 15 personnages. Or avec plus de personnages on arrive plus facilement à peindre une société. Le nombre  
 10 n'est point le seul indice indiquant la société mieux décrite par Zola. On a aussi l'amplitude des personnages qui  
 11 donnent une réalité plus forte au texte. Dans l'œuvre de Balzac, on a une petite diversité de personnages. La  
 12 plupart d'eux appartient à la bourgeoisie et à la noblesse. Dans le cas de la petite bourgeoisie de la pension pendant  
 13 qu'il y a la grande bourgeoisie qui est Mme de Nucingen. Dans Germinal, cependant on a une variété plus grande  
 14 des personnages. On a les ouvriers qui vivent dans le coran et qui représentent la grande majorité des  
 15 personnages. Mais on a aussi les petits bourgeois comme Maigrat, on a la grande bourgeoisie comme la famille  
 16 Hennebeau et une petite participation du clergé dans les prêtres pour la grève.

17 Suivant cette idée de diversité on a le fait des diversités des idées dans les livres. Dans Balzac, les  
 18 personnages sont divisés en deux principaux groupes: les honnêtes, donc ce qui sont contrôlés par ses passions  
 19 comme Mme Beauséant et le père Goriot et ceux qui font semblant d'être quelque chose et donc cachent ses  
 20 sentiments. Dans les deux principales idées sont être honnête ou être hypocrite. Or dans Zola il y a une variété  
 21 d'idées sur le thème de la grève. Les bourgeois pensent qu'il faut la supprimer, les prêtres sont à l'avantage de la grève  
 22 mais sans l'utilisation de la violence et on a les idées de Rasseneur, Souvarine et Ploucharde ou Lantier. Dans l'idée  
 23 de Rasseneur, il faut gagner la grève et améliorer les conditions de vie des ouvriers en gagnant des élections et mettre  
 24 ses représentants au pouvoir. L'idée de Souvarine est l'égalité mais en détruisant tout. Et celle de Ploucharde est  
 25 négocier avec les patrons une amélioration des conditions de vie de ouvriers, donc le syndicalisme. Cette variété  
 26 d'idées est plus réelle car dans une société réelle les personnes même se joignant des opinions pareilles n'ont pas la même  
 27 idée comme la mettre en pratique.

28 Le dernier point sur les personnages est le fait que dans Balzac on a chaque catégorie de personne dans un  
 29 seul personnage comme par exemple Vautrin qui représente les bagnards et les criminels. Or dans Germinal on a  
 30 plusieurs personnages pour un même type de personne comme par exemple on a toute la famille Maheu et Cahval  
 31 qui représentent les ouvriers. Or tout ces personnages ont des caractéristiques particulières qui peuvent différencier  
 32 les uns des autres. Or dans une société réelle deux personnes même ayant un même emploi n'auront pas forcément  
 33 les mêmes caractéristiques.

34 Donc le nombre plus importants de personnages aussi que des diversités d'idées, d'aptitudes et de  
 35 caractéristiques font beaucoup mieux une société qu'une description ayant des personnages avec les mêmes  
 36 idées.

37 Dans la deuxième partie on va s'intéresser plus entre les différences provoquées par le Naturalisme de Zola et le  
 38 Romantisme de Balzac et ses conséquences directes sur les œuvres étudiées.

39 Le romantisme s'intéresse plus aux sentiments humains qu'à ses nécessités physiques, ce qui sera mis en  
 40 valeur dans le Naturalisme. Or cette manque de précision sur les besoins physiques sera une des causes du manque  
 41 de description dans l'œuvre de Balzac. Cette idée des besoins physiques du corps fait qu'on ait des scènes où des  
 42 personnes mangent ou se changent ce qu'on trouve nul point dans une œuvre romantique. Cela entraîne quelques  
 43 choses un peu réelles dans l'œuvre romantique car il n'aurait point de description de la faim ressentie par un  
 44 personnage lorsqu'il est en enfermé pendant 2 semaines dans une cave. Cette manque de besoins physiques du corps  
 45 entraîne donc à des personnages hyperboliques comme ceux du Père Goriot près pour n'avoir rien à manger pour  
 46 donner une robe à sa fille. Il ne réfléchit point qui met en doute la véracité de ce fait.

47 Autre le fait de l'irréel cause quelque fait par le Romantisme on a aussi la description beaucoup plus concrète  
 48 dans le Naturalisme que celle du Romantisme. En prenant l'exemple du quotidien décrit dans les deux œuvres on  
 49 aperçoit des différences. Dans Le Père Goriot seuls les fragments des jours les plus importants sont racontés.  
 50 Pendant qu'en Germinal on a ce même période. Seulement que dans Germinal les deux premières parties du livre  
 51 soir environ 135 pages pour décrire une journée toute entière qui serait donc la principale partie de la description de  
 52 la société.

53 Donc l'œuvre de Zola peint mieux les personnages, elle a choisi mieux les personnages avec une  
 54 amplitude plus grande et avec une description des besoins de l'homme et de sa routine qui élargit et améliore les  
 55 frontières de sa société beaucoup plus complète que celle de Balzac.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	constatação	En prenant l'exemple du quotidien décrit dans les deux œuvres on aperçoit des différences	48-49
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	D'après moi, la meilleure peinture sociale est celle de Zola dans "Germinal"	1
<b>1.3 Motivação</b>	Possibilidade	Or tout ces personnages ont des caractéristiques particulières qui peuvent différencier les uns des autres. Or dans une société réelle deux personnes même ayant un même emploi n'auront pas forcément les mêmes caractéristiques	31-33
	Possibilidade	Cela entraîne quelques choses un peu réelles dans l'œuvre romantique car il n'aurait point de description de la faim ressentie par un personnage lorsqu'il est en enfermé pendant 2 semaines dans une cave.	42-44



	Possibilidade	Seulement que dans <u>Germinal</u> les deux premières parties du livre soont environ 135 pages pour décrire une journée toute entière qui serait donc la principale partie de la description de la société.	49-52
<b>1.4 Asserções</b>	Probabilidade	L'oeuvre de Zola compte environ une trentaine de personnages principaux ou secondaire pendant que le Père Goriot em compte environ 15 personnages.	7-9
	Probabilidade	La plupart d'eux appartient à la bourgeoisie et à la noblesse	12
	Evidência	dans Zola il y a une variété d'idées sur le thème de la grève	20-21
	probabilidade	Seulement que dans <u>Germinal</u> les deux premières parties du livre sont environ 135 pages pour décrire une journée toute entière qui serait donc la principale partie de la description de la société.	49-52
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	D'après moi	D'après moi, la meilleure peinture sociale est celle de Zola dans "Germinal"	1
<b>3. CONECTORES</b>	Mais	Mais on a aussi les petits bourgeois	15
	Car	Cela entraîne quelques chose un peu reels dans l'oeuvre romantique car il n'aurait point de description de la faim ressentit par un personnage lorsqu'il est enferme pendat 2 semaines dans une cave.	42-44
	Donc	Cette manque de besoin physiques du corps entraîne donc a des personnages hyperboliques comme ceux du Père Goriot	44-45
	Donc	Seulement que dans <u>Germinal</u> les deux premières parties du livre soir environ 135 pages pour décrire une journée toute entière qui serait donc la principale partie de la description de la société.	49-52
	donc	Donc l'oeuvre de Zola peint meilleur les personnages, elle a chosit mieux les personnages avec une amplitude plus grande et avec un description des besoins de l'homme et de sa rotine qui elargit et ameliore les frontières de sa société beaucoup plus complete que celle de Balzac.	53-55
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Dissertation: Balzac et Zola	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º parágrafos
		conclusão	8º, 9º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explicita Estrutura do real = auditório universal	Donc l'oeuvre de Zola peint meilleur les personnages, elle a chosit mieux les personnages avec une amplitude plus grande et avec un description des besoins de l'homme et de sa rotine qui elargit et ameliore les frontières de sa société beaucoup plus complete que celle de Balzac.	52-55
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-51

FLPV(B)12

Balzac et Zola	
1	Une vision de monde, aussi vraie soit-elle, dépend souvent de celui qui le contemple, ce sont différentes
2	manières de penser qui s'opposent alors. C'est ce que que l'on remarque lorsque l'on compare le portrait de la
3	société que dressent Zola et Balzac dans "Germinal" et "Le Père Goriot". Maintenant laquelle paraît la plus
4	intéressante? Pour cela il faudra se pencher sur le thème traité dans chaque oeuvre ainsi que la démarche des
5	auteurs et les comparer pour pouvoir enfin exprimer un jugement.
6	Dans Germinal, Zola nous fait un premier abord en tableau fataliste de sa société : la misère et les conditions
7	de vie précaires des mineurs reviennent le plus souvent dans les descriptions. Puis vient la grève, une grève inutile
8	puisqu'elle avortera dans même changer la condition des mineurs, victime de leur utopie. Cependant, peut-on
9	qualifier cette grève comme un échec à part entière? Non. Certes, Lantier et les autres ont perdu la bataille.... Mais
10	pas la guerre. Loin de là, le simple fait de ne pas s'être livré à la résignation est un symbole de la lutte ouvrière et
11	un pas en avant vers une nouvelle société plus juste. La fatalisme n'a donc pas sa place dans ce roman, il est au
12	contraire porteur d'espoir. Voilà le thème du texte : la germination d'une couche sociale qui va finalement sortir
13	de terre peu à peu et se montrer au grand jour. Et c'est là tout l'intérêt du roman.
14	C'est ce message que Zola veut faire passer, il faut avant tout que Zola est un journaliste, il voit donc la
15	société d'un oeil de "naturaliste", il analyse et cherche des solutions à ses problèmes. C'est d'ailleurs ce qu'il fait
16	dans le roman en faisant "l'inventaire" des différentes idées politiques de l'époque. Souvarine "l'anarche-nihiliste",
17	Rasseneur aux idées socialistes et Lantier aux idées marxistes. Chacun va tenter de régler le problème de la mine à
18	sa manière. On peut donc dire que, la démarche de Zola est celle d'un naturaliste, tournée vers l'avenir, le roman
19	offre une leçon pour les générations à venir.
20	Après la souffrance et la misère on passe au monde bourgeois et aristocrate de Balzac. Il s'agit
21	essentiellement d'un monde où l'apparence et le pouvoir sont les maîtres mots. Rastignac en est la "victime", la
22	société va le transformer en un roc dur, ne traduisant aucun sentiment durant son ascension sociale. Or, il n'est pas
23	question ici de changer la société, aussi voire soit-elle, en effet, il faut l'accepter et jouer selon les "règles" pour
24	arriver au sommet, pas de révolution, pas de soulèvement, juste une résignation à un fatalisme cette fois bel et bien
25	présent. Les deux meilleurs exemples sont Vautrin et Madame Beauséant. L'un explique la nature de la société :
26	elle est corrompue et les hommes ne sont que des bêtes avides de pouvoir; l'autre lui explique comment en venir à
27	bout: par les femmes et sans jamais laisser paraître le moindre sentiment. On a bien un portrait fataliste de la
28	société, cependant la résignation est bien flagrante dans les deux cas: personne ne cherche de solutions
29	alternatives à ce monde-ci. C'est là que l'on retrouve le thème du roman: L'ascension sociale par tous les moyens et
30	tout prix, même si il faut laisser ses propres sentements.
31	L'intérêt du roman réside dans la démarche de l'auteur, en effet, il crée un microcosme, un monde qui
32	regroupe un type d'individus (La comédie humaine); et aussi, sa "leçon", le thème de son livre peut se vérifier
33	encore aujourd'hui. Cependant sa "leçon" est une "leçon" de morale, il a donc une démarche de moraliste, il
34	condamne la manière de penser de cette société sans chercher pour autant à faire avancer les choses, il n'a donc
35	pas comme Zola une idée d'avenir.
36	On a donc, d'un côté un roman tourné vers l'avenir qui offre des perspectives nouvelles pour l'époque.
37	D'autre côté, microcosme et une "leçon" qui fait office de "mode d'emploi" pour arriver au sommet de la société, le
38	tout étant "intemporel" puisqu'il peut être vérifié à n'importe quelle époque. Quelle vision est la plus intéressante? Il
39	est difficile de répondre, chacun à un intérêt majeur; certains préfèrent cependant la vision de Zola qui à débouché
40	sur les réformes, pour les droits de travailleurs notamment, qui durent jusqu'à aujourd'hui. D'autres préfèrent la
41	vision de Balzac et son "mode d'emploi" de la réussite. Ces deux visions de la société, aussi intéressantes soit-elles
42	dependent du lecteur.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	Constatação	Ces deux visions de la société, aussi intéressantes soit-elles dependent du lecteur.	41-42
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	certaines préfèrent cependant la vision de Zola qui à débouché sur les réformes, pour les droits de travailleurs notamment, qui durent jusqu'à aujourd'hui. D'autres préfèrent la vision de Balzac et son "mode d'emploi" de la réussite. Ces deux visions de la société, aussi intéressantes soit-elles dependent du lecteur.	39-42
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçào	Pour cela il faudra se pencher sur le thème traité dans chaque oeuvre ainsi que la démarche des auteurs et les comparer pour pouvoir enfin exprimer un jugement.	4-5
	Querer Possibilidade	C'est ce message que Zola veut faire passer, On peut donc dire que, la démarche de Zola est celle d'un naturaliste, tournée vers l'avenir, le roman offre une leçon pour les générations à venir.	14 18-19
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Après la souffrance et la misère on passe au monde bourgeois et aristocrate de Balzac. Il s'agit essentiellement d'un monde où l'apparence et le pouvoir sont les maîtres mots	20-21
	probabilidade	D'autre côté, microcosme et une "leçon" qui fait office de "mode d'emploi" pour arriver au sommet de la société, le tout étant "intemporel" puisqu'il peut être vérifié à n'importe quelle époque	36-37
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----

<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Maintenant laquelle parait la plus intéressante? Cependant, peut-on qualifier cette grève comme un échec à part entière? Quelle vision est la plus intéressante?	3-4 8-9 38	
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous fait Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	Dans Germail, Zola nous fait un premier abord en tableau fataliste de sa société	6	
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---	
<b>3. CONECTORES</b>	Cependant Mais Donc En effet Cependant, donc	Cependant, peut-on qualifier cette grève comme un échec à part entière? Non. Certes, Lantier et les autres ont perdu la bataille.... Mais pas la guerre. On peut donc dire que, la démarche de Zola est celle d'un naturaliste, tournée vers l'avenir, le roman offre une leçon pour les générations à venir. L'intérêt du roman reside dans la démarche de l'auteur, en effet, il crée un microcosme, un monde qui regroupe un type d'individus (La comédie humaine Cependant sa "leçon" est une "leçon" de morale, il a donc une démarche de moraliste	8-9 18-19 31-32 33	
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----	
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Balzac et Zola		
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período		
	Estrutura:	introdução		1º parágrafo
		desenvolvimento		2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão		5º, 6º parágrafo
Progressão temática	presente			
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Quelle vision est la plus intéressante? Il est difficile de répondre, chacun à un intérêt majeur; certains préféreront cependant la vision de Zola qui a débouché sur les réformes, pour les droits de travailleurs notamment, qui durent jusqu'à aujourd'hui. D'autres préféreront la vision de Balzac et son "mode d'emploi" de la réussite. Ces deux visions de la société, aussi intéressantes soit-elles dépendent du lecteur.	38-42	
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-37	

FLPV(B)13

Balzac et Zola	
1	Les oeuvres <u>Le Père Goriot</u> et <u>Germinal</u> dressent un portrait de la société mais chacun selon un différent point
2	de vue. Laquelle de ces oeuvres est la plus intéressante? On cherchera ici à montrer que <u>Germinal</u> est l'oeuvre qui
3	nous a parut la plus intéressante. On comparera les personnages et l'histoire et la manière dont elle est écrite selon
4	l'auteur qui construit un explicit contenant une morale essentielle.
5	Le roman <u>Germinal</u> suit une évolution tout au long de son développement. L'incipit nous montre le pénible
6	début d'un jeune homme au chômage qui souffre du froid et de la faim. Tourmenté par les injustices qui prônent les
7	misérables vies des mineurs de la région de Monstsou, Étienne Lantier parvient à convaincre ses compagnons qu'une
8	revolte est nécessaire. L'individu est écrasé par le poids d'une société injuste et inégale. On accompagne l'évolution
9	d'un garçon sortant du même niveau que ses camarades, Mais secoué par le principe de justice, harangue une foule
10	par la force de la parole devient un líder. D'autre part, l'héros de <u>Le Père Goriot</u> , lui, est mouvementé par la passion,
11	qui déborde d'ambition pour s'intégrer dans le monde aristocratique parisien. Il est victime d'une société cormpue, où
12	ne compte plus que l'apparence, il faut oublier ses sentiments pour y parvenir: L'homme en proie de ses débats
13	internes et psychologiques. Tandis que a première oeuvre montre la montée morale d'un individu pour des raisons de
14	biens humanitaires, la deuxième montre l'effondrement des valeurs de l'homme pour la fixation d'un idéal: se faire
15	remarque. C'est le triomphe Seul de l'individu.
16	La référence au "peuple", dans le roman de Zola, une des classes sociales don til a "divise" sa société. Ce
17	"peuple", même represente la majorité des citoyens français, pendant le Second Empire et celui-ci était mis à part et
18	occulté. Ainsi <u>Germinal</u> , expose et dénonce les préoccupations sociales des mineurs comme la famine, les maladies,
19	conditions précaires de travail, l'exploitation de l'homme par l'homme, causes méconnues par la haute société de
20	l'époque. Zola apparaît donc comme un sauveur.
21	L'explicit de <u>Le Père Goriot</u> prend une position moraliste donnat une leçon. Or Balzac dénonçant ainsi cette
22	société ne propose pas une solution, il signale cette "société d'apparences" comme un cercle vicieux n'ayan pas de
23	sortie à part delle de la perte. Il n'y a donc d'avenir pour le progrès d'un parti plus idéaliste. Tandis que l'explicit de
24	<u>Germinal</u> montre l'échouement de la grève qui entraîna de nombreuses morts et qui aboutirent au retour quotidien
25	des mineurs dans les fosses. L'avortement de ce remuement en fin de comptes, n'est pas la fin de la révolution et oui
26	son début.
27	Dans <u>Le Père Goriot</u> , Balzac fait passé sa vision par un individu qui concerne et atteint toute la société, c'est
28	le portrait d'une société au travers d'un unique individu. Soit l'ambition parisienne se reflète dans le portrait d'Eugène
29	de Rastignac. Ceci mele à la fin pessimiste rend la vue du dénouement plus restreinte et refermée. Contrairement à
30	cela, Zola, peint un portrait interessant de l'individu au travers de la société, faisant du personnage héroïque d'Étienne
31	le représentant de toute la société des minerus. Il raconte le soulèvemnt d'un peuple écrasé par le poids d'une société
32	injuste et inégale pour une fin universelle qui val pour tous. Le dénouement est nettement plus ouvert et permet aux
33	lecteur de faire aux pensées des injustices et les évolutions jusqu'à leur mise en place.

Objetos de análise	Descrição	Fragments analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Zola, peint un portrait interessant de l'individu au travers de la société	30
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	Evidência	Le dénouement est nettement plus ouvert et permet aux lecteur de faire aux pensées des injustices et les évolutions jusqu'à leur mise en place.	32-33
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	X	Laquelle de ces oeuvres est la plus intéressante?	2
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Nous a parut	On cherchera ici à montrer que <u>Germinal</u> est l'oeuvre qui nous a parut la plus intéressante.	2-3
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	---	---	---
<b>3. CONECTORES</b>	Ainsi	Ainsi <u>Germinal</u> , expose et dénonce les préoccupations sociales des mineurs comme la famine, les maladies, conditions précaires de travail, l'exploitation de l'homme par l'homme, causes méconnues par la haute société de l'époque. Zola apparaît donc comme un sauveur.	18-20
	Donc	Or Balzac dénonçant ainsi cette société ne propose pas une solution, il signale cette "société d'apparences" comme un cercle vicieux n'ayan pas de sortie à part delle de la perte. Il n'y a donc d'avenir pour le progrès d'un parti plus idéaliste. Tandis que l'explicit de <u>Germinal</u> montre l'échouement de la grève qui entraîna de nombreuses morts	22-24
	Tandis que		
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Balzac et Zola	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo

	Progressão temática	presente	
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Zola, peint un portrait interessant de l'individu au travers de la société, faisant du personnage héroïque d'Étienne le représentant de toute la société des mineros. Il raconte le soulèvemnt d'un peuple écrasé par le poids d'une société injuste et inégale pour une fin universelle qui val pour tous. Le dénouement est nettement plus ouvert et permet aux lecteur de faire aux pensées des injustices et leus évolution jusqu'à leur mise en place.	30-33
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-29

FLPV(B)14

Dissertation: Balzac et Zola	
1	Honoré Balzac (1799-1850) et Emile Zola (1840-1902) présentent chacun un portrait de la société avec de
2	similarités. Pourtant, ce sont deux portraits distincts. Je comparerais les deux et je dirais lequel je préfère et
3	pourquoi.
4	<u>Le Père Goriot</u> , ainsi que <u>Germinal</u> parlent et décrivent la société du XIX <sup>ème</sup> siècle et son évolution historique,
5	sociale (révolutions, vision de famille) économique (capitalisme) et politique (socialisme) au cours de ce siècle. Les
6	deux auteurs ont en commun leur point de vue sur l'argent destructeur, qui fait les personnes exploiter les unes aux
7	autres, que les fait se rébel, oublier la famille, les sentiments (morale du Père Goriot).
8	Pendant que Balzac s'intéresse surtout sur l'individu, l'unité de la société ses motivations et l'influence du
9	groupe et du milieu social sur lui et ses actions, Zola fait l'inverse. Celui-ci se centre plus sur le groupe, la force de
10	l'union du groupe et l'influence de l'individu sur son milieu social. Les deux mots clés de Balzac et les deux autres de
11	Zola se complètent et, il paraît, expliquent parfaitement les bases de la société du XIX <sup>ème</sup> siècle et son évolution.
12	Balzac aime bien les champs et les contextes pathétiques ou tristes et porte un regard négatif envers la société et
13	l'être humain. Zola a une vision plutôt positive, tout en reconnaissant les défauts de notre espèce. Les deux écrivains
14	sont contre la montée du pouvoir de l'argent et le fait d'exister une classe sociale dominante (la bourgeoisie).
15	Moi, je préfère le point de vue de Balzac, car j'ai aussi un regard pessimiste de la société. Comme lui, je crois
16	qu'on se motive et qu'on vit en fonction de nos intérêts personnels. L'unique chose que je ne suis pas d'accord avec
17	lui c'est que je crois vraiment à un amour pur, une vraie amitié. Je pense qu'on doit porter un masque pour ceux
18	qu'on ne connaît pas ou qu'on n'aime pas, mais qu'on doit montrer qui on est réellement à ceux qui ont notre
19	confiance et qu'on doit faire tout notre possible pour maintenir une forte liaison avec nos parents les plus proches,
20	notre première famille (parents, frères, sœurs) parce qu'avec eux on sait qu'on peut compter.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Moi, je préfère le point de vue de Balzac, car j'ai aussi un regard pessimiste de la société. Comme lui, je crois qu'on se motive et qu'on vit en fonction de nos intérêts personnels. L'unique chose que je ne suis pas d'accord avec lui c'est que je crois vraiment à un amour pur, une vraie amitié. Je pense qu'on doit porter un masque pour ceux qu'on ne connaît pas ou qu'on n'aime pas, mais qu'on doit montrer qui on est réellement à ceux qui ont notre confiance et qu'on doit faire tout notre possible pour maintenir une forte liaison avec nos parents les plus proches, notre première famille (parents, frères, sœurs) parce qu'avec eux on sait qu'on peut compter.	15-20
<b>1.3 Motivação</b>	Obrigaçào	Je pense qu'on doit porter un masque pour ceux qu'on ne connaît pas ou qu'on n'aime pas, mais qu'on doit montrer qui on est réellement à ceux qui ont notre confiance et qu'on doit faire tout notre possible pour maintenir une forte liaison avec nos parents les plus proches, notre première famille (parents, frères, sœurs) parce qu'avec eux on sait qu'on peut compter.	17-20
<b>1.4 Asserções</b>	---	---	---
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>		---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Notre  Nos Notre notre  Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural	tout en reconnaissant les défauts de notre espèce qu'on vit en fonction de nos intérêts personnels. Je pense qu'on doit porter un masque pour ceux qu'on ne connaît pas ou qu'on n'aime pas, mais qu'on doit montrer qui on est réellement à ceux qui ont notre confiance et qu'on doit faire tout notre possible pour maintenir une forte liaison avec nos parents les plus proches, notre première famille (parents, frères, sœurs) parce qu'avec eux on sait qu'on peut compter.	13 16  17-20
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Je comparerais je dirais je préfère  Moi, je préfère j'ai aussi  je ne suis pas  que je crois Je pense	Honoré Balzac (1799-1850) et Emile Zola (1840-1902) présentent chacun un portrait de la société avec de similarités. Pourtant, ce sont deux portraits distincts. Je comparerais les deux et je dirais lequel je préfère et pourquoi.  Moi, je préfère le point de vue de Balzac, car j'ai aussi un regard pessimiste de la société. Comme lui, je crois qu'on se motive et qu'on vit en fonction de nos intérêts personnels. L'unique chose que je ne suis pas d'accord avec lui c'est que je crois vraiment à un amour pur, une vraie amitié. Je pense qu'on doit porter un masque pour ceux qu'on ne connaît pas ou qu'on n'aime pas, mais qu'on doit montrer qui on est réellement à ceux qui ont notre confiance et qu'on doit faire tout notre possible pour maintenir une forte liaison avec nos parents les plus proches, notre première famille (parents, frères, sœurs)	1-3  15-20

		parce qu'avec eux on sait qu'on peut compte.	
<b>3. CONECTORES</b>	Pourtant	Honoré Balzac (1799-1850) et Emile Zola (1840-1902) présentent chacun un portrait de la société avec de similarités. Pourtant, ce sont deux portraits distincts. Je comparerais les deux et je dirais lequel je préfère et pourquoi.	1-3
	mais	Je pense qu'on doit porter un masque pour ceux qu'on ne connaît pas ou qu'on n'aime pas, mais qu'on doit montrer qui on est réellement à ceux qui ont notre confiance	17-19
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>			
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	dissertation	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Moi, je préfère le point de vue de Balzac, car j'ai aussi un regard pessimiste de la société. Comme lui, je crois qu'on se motive et qu'on vit en fonctions de nos intérêts personnels. L'unique chose que je ne suis pas d'accord avec lui c'est que je crois vraiment à un amour pur, une vraie amitié. Je pense qu'on doit porter un masque pour ceux qu'on ne connaît pas ou qu'on n'aime pas, mais qu'on doit montrer qui on est réellement à ceux qui ont notre confiance et qu'on doit faire tout notre possible pour maintenir une forte liaison avec nos parents les plus proches, notre première famille (parents, frères, sœurs) parce qu'avec eux on sait qu'on peut compte.	15-20
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos baseados na estrutura do real: ligações de sucessão: argumentos pragmáticos Argumentos fundados na doxologia Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-20

FLPV(B)15

Dissertation: Balzac et Zola	
1	Balzac et Zola ont écrit deux livres classiques qui tout deux décrivent la société chaqu'un a sa manière. Ces
2	livres nous racontent l'histoire de deux jeune hommes de plus ou moins 21 ans en train de s'introduire à la société.
3	Le premier, écrit par Balzac, <u>Le Père Goriot</u> , publié premièrement en feuilleton en 1834 et ensuite en volume
4	en 1835. Où il relate l'histoire de Rastignac. Rastignac est un beau, jeune et ambitieux homme qui vient d'une famille
5	noble. Il arrive à Paris, à l'automne de 1819 pour faire ses études de droit et trouver fortune. Ce jeune homme veut
6	s'intégrer dans la haute société parisienne et nous lecteurs l'accompagnons fût et à mesure du roman. À la fin de
7	cette histoire, Rastignac perd tous ses sentiments à cause des derniers événements où il apprend une leçon : pour
8	devenir un homme importante t s'intégrer à la haute société il doit se livrer des ses sentiment. Rastignac après avoir
9	appliquer cette leçon, il deviet un homme ploique et s'intégrefinalment à la société.
10	À mon avis, ce livre est très individualiste, Balzac nous montre un individu et une société les deux em
11	parallèle sans aucun changement de décision; nous savons plus ou moins au début comment le roman ce
12	terminera.
13	Contrairement à Balzac, le deuxième livre écrit par Zola qui s'intitule <u>Germinal</u> , publié sous le nom de la
14	collection "Les Rougon-Macquart": c'est l'histoire naturelle et sociale d'une des grandes grèves du XIX <sup>ème</sup> siècle,
15	démontrant la lutte des classes et la misère ouvrière. L'histoire se découle en 1866 et dura une année environ. Où
16	Etienne Lantier, héros de l'histoire, change l'espoir des opuvriers. Le jeune Lantier est fils de Gervaise Macquart et
17	de son amant Lantier; s'est fait renvoyer de son travail pour avoir giffé son maître. Chômeur, il part vers le Nord de
18	la France à la recherche d'un nouveau emploi. Il se fait embaucher aux mines de Montsou où se déroule l'histoire. À
19	la fin du roman, Etienne rentre à Paris pour y devenir syndicaliste. Lui aussi a eu un grand choc émotionnel en
20	sortant de la mine. Etienne en sortant de Montsou apprend à organiser ces révoltes, à programmer ces prochains
21	pas.
22	Ce livre est très intéressant, contrairement, à celui de Balzac, Zola raconte l'histoire d'un individu en train de
23	changer une société. Ce livre parle de la collectivité, parle du travail en groupe, de l'organisation, d'un leader. Il met
24	en aspect le social, le réaliste.
25	Même avec tous les différences ces deux romans ont des points en communs. Ils peignent un individu et une
26	société mais de manière très différente; ils peignent des personnages pauvres que durant son parcours ils arrivent à
27	s'enrichir, sont très ambitieux, très déterminé; sont très jeunes; ils sortent de leur adolescence, tout les deux ont une
28	morts symboliques et à la fin ont tirés une leçon de cet apprentissage pour plus tard pouvoir y profiter.
29	Pour conclure, la peinture qui me paraît la plus intéressnte est celle de Zola, <u>Germinal</u> , car <u>Germinal</u> en
30	donne une des images les plus puissante. Peinture précise et épique à la fois de la vie quotidienne et des
31	souffrances des mineurs, Zola organise une perspective de la cité future.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
1.1 Modo de Saber	---	---	---
1.2 Avaliação	Opinião	A mon avis, ce livre est très individualiste, Balzac nous montre un individu et une société les deux em parallèle sans aucun changement de décision; nous savons plus ou moins au début comment le roman ce terminera. la peinture qui me paraît la plus intéressante est celle de Zola	10-12  29
1.3 Motivação	---	---	---
1.4 Asserções	---	---	---
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
2.1 Constr. interrogativas	---	---	---
2.2 Constr. impessoais	Nous racontent  Nous montre  Nous savons	Ces livres nous racontent l'histoire de deux jeune hommes de plus ou moins 21 ans en train de s'introduire à la société. À mon avis, ce livre est très individualiste, Balzac nous montre un individu et une société les deux em parallèle sans aucun changement de décision; nous savons plus ou moins au début comment le roman ce terminera.	2  10-12
2.3 Constr. pessoais	À mon avis Me paraît	À mon avis, ce livre est très individualiste la peinture qui me paraît la plus intéressante est celle de Zola	10 29
<b>3. CONECTORES</b>	mais	Ils peignent un individu et une société mais de manière très différent	25-26
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>	-----	-----	-----
4.1 Título	Relação direta com o tema	Dissertation: Balzac et Zola	
4.2 Paragrafação e Progressão temática	Org. dos Parágrafos	Extensão longa Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º, 5º parágrafos
		conclusão	6º, 7º parágrafos
Progressão temática	presente		



<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	la peinture qui me paraît la plus intéressante est celle de Zola, <u>Germinal</u> , car <u>Germinal</u> en donne une des images les plus puissante. Peinture précise et épique à la fois de la vie quotidienne et des souffrances des mineurs, Zola organise une perspective de la cité future.	29-31
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-28

FLPV(B)16

Balzac et Zola	
1	Zola et Balzac sont tous deux des maîtres reconnus en matière de peinture social. Ces deux auteurs étaient
2	aussi et surtout des maîtres de la description. Cependant, ma préférence se dirige vers Zola, non seulement pour
3	des raisons liées au contenu de ses livres, mais aussi pour le style qu'il emploie pour marquer les spirits.
4	En ce qui concerne le contenu, dans le roman de Zola <u>Germinal</u> , j'ai apprécié d'une part la peinture d'un
5	milieu social, les mineurs du Nord de la France. Durant la fin du XIX <sup>ème</sup> siècle et d'autre part, la description minutieuse
6	d'un individu en particulier: Etienne Lantier. Pour pouvoir décrire ce milieu et ses protagonistes avec autant
7	d'originalité, Zola a effectué un véritable travail d'enquêteur sur les conditions de travail des mineurs, ainsi bien à
8	l'intérieur, qu'à l'extérieur des mines, ainsi que les problèmes pour manger par exemple. C'est notamment grâce à
9	ces observations que l'on peut lire des passages comme celui chapitre premier, première partie, où Zola décrit la
10	région noire des cendres et froide de la mine... Mais Zola ne décrit pas seulement un milieu avec minutie, il
11	s'intéresse aussi à la psychologie du héros, Etienne Lantier. Ainsi, c'est en suivant les péripéties et les émotions de ce
12	personnage que le lecteur va assister à la naissance d'un leader, puis sa déchéance...
13	Mais ce qui m'a marqué dans <u>Germinal</u> ce n'est pas seulement le contenu mais aussi le style que Zola met
14	en service de son intrigue. Les couleurs et les formes sont différentes selon qu'il parle de la classe sociale aisée ou
15	celle des pauvres. Les riches sont gras, bien nourris, blancs et parlent bien., tandis que les pauvres sont simplement
16	décrites de façon contraire, c'est-à-dire, maigres, noires, enfin terrifiantes. De même, Zola met en parallèle l'habitat
17	des deux familles bourgeoise, les Gregoires et les Hennebeau, avec le logement misérable des mineurs dans le
18	Coron. Les pauvres vivent comme des animaux, entourées de la pire promiscuité qui génère un comportement
19	violent et l'alcoolisme cause de l'hérédité pour Zola.
20	De plus, Zola utilise d'autres procédés pour faire passer son message social. On remarque, par exemple, une
21	grande utilisation d'argot, non seulement chez les hommes, mais aussi chez les femmes. Ceci montre le réalisme du
22	roman. Zola a un objectif qui va au-delà de l'objectif de l'histoire, il dénonce une situation intolérable et veut que le lecteur
23	soit révolté avec lui, c'est pour cela qu'il insiste sur le réalisme de son roman pour que le lecteur y croie lui aussi.
24	Pour moi donc la peinture sociale de <u>Germinal</u> est plus intéressante que celle du <u>Père Goriot</u> car elle possède
25	une dimension sociologique et historique ainsi qu'un réalisme que l'on ne trouve pas dans <u>Père Goriot</u> de Balzac.

Objetos de análise	Descrição	Fragmentos analisados	linha
<b>1. MODALIZAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>1.1 Modo de Saber</b>	---	---	---
<b>1.2 Avaliação</b>	Opinião	Ces deux auteurs étaient aussi et surtout des maîtres de la description. Cependant, ma préférence se dirige vers Zola, non seulement pour des raisons liées au contenu de ses livres, mais aussi pour le style qu'il emploie pour marquer les spirits.	2-3
	Apreciação	En ce qui concerne le contenu, dans le roman de Zola <u>Germinal</u> , j'ai apprécié d'une part la peinture d'un milieu social, les mineurs du Nord de la France	4-5
	Apreciação	Mais ce qui m'a marqué dans <u>Germinal</u> ce n'est pas seulement le contenu mais aussi le style que Zola met en service de son intrigue.	13-14
	Opinião	Pour moi donc la peinture sociale de <u>Germinal</u> est plus intéressante que celle du <u>Père Goriot</u> car elle possède une dimension sociologique et historique ainsi qu'un réalisme que l'on ne trouve pas dans <u>Père Goriot</u> de Balzac.	24-25
<b>1.3 Motivação</b>	---	---	---
<b>1.4 Asserções</b>	---	---	---
<b>2. CONSTR. DA ARGUMENTAÇÃO</b>	-----	-----	-----
<b>2.1 Constr. interrogativas</b>	---	---	---
<b>2.2 Constr. impessoais</b>	Uso de 3ª pessoa do singular e/ou do plural.	---	---
<b>2.3 Constr. pessoais</b>	Ma préférence	Ces deux auteurs étaient aussi et surtout des maîtres de la description. Cependant, ma préférence se dirige vers Zola, non seulement pour des raisons liées au contenu de ses livres, mais aussi pour le style qu'il emploie pour marquer les spirits.	2-3
	J'ai apprécié	En ce qui concerne le contenu, dans le roman de Zola <u>Germinal</u> , j'ai apprécié d'une part la peinture d'un milieu social, les mineurs du Nord de la France	4-5
	m'a marqué	Mais ce qui m'a marqué dans <u>Germinal</u> ce n'est pas seulement le contenu mais aussi le style que Zola met en service de son intrigue.	13-14
	pour moi	Pour moi donc la peinture sociale de <u>Germinal</u> est plus intéressante que celle du <u>Père Goriot</u> car elle possède une dimension sociologique et historique ainsi qu'un réalisme que l'on ne trouve pas dans <u>Père Goriot</u> de Balzac.	24-25
<b>3. CONECTORES</b>	Cependant Non seulement, mais aussi	Ces deux auteurs étaient aussi et surtout des maîtres de la description. Cependant, ma préférence se dirige vers Zola, non seulement pour des raisons liées au contenu de	2-3

	Mais Mais pas seulement, mais aussi  De plus  Donc, car	ses livres, mais aussi pour le style qu'il emploie pour marquer les spirites. Mais Zola ne décrit pas seulement un milieu avec minutie Mais ce qui m'a marqué dans <u>Germinal</u> ce n'est pas seulement le contenu mais aussi le style que Zola met en service de son intrigue. . Les riches sont gras, bien nouris, blancs et parlent bien., tandis que les pauvres sont simplement décrites de façon contraire De plus, Zola utilise d'autres procédés pour faire passer son message social. Pour moi donc la peinture sociale de <u>Germinal</u> est plus interessante que celle du <u>Père Goriot</u> car elle possède une dimension sociologique et historique ainsi qu'un réalisme que l'on ne trouve pas dans <u>Père Goriot</u> de Balzac.	10 13-14 15-16 20 24-25
<b>4. ORG. RETÓRICA</b>			
<b>4.1 Título</b>	Relação direta com o tema	Balzac et Zola	
<b>4.2 Paragrafação e Progressão temática</b>	Org. dos Parágrafos	Extensão média Compostos por mais de um período	
	Estrutura:	introdução	1º parágrafo
		desenvolvimento	2º, 3º, 4º parágrafos
		conclusão	5º parágrafo
Progressão temática	presente		
<b>4.3 Exposição da Tese</b>	Explícita Estrutura do real = auditório universal	Pour moi donc la peinture sociale de <u>Germinal</u> est plus interessante que celle du <u>Père Goriot</u> car elle possède une dimension sociologique et historique ainsi qu'un réalisme que l'on ne trouve pas dans <u>Père Goriot</u> de Balzac.	24-25
<b>4.4 Tipos de argumentos</b>	Argumentos quase lógicos: Estruturas matemáticas: Comparação Argumentos fundados na doxologia Argumentos que visam fundar a estrutura do real: Pelo caso particular: exemplo		1-23

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)